DEFEZA DE PORTUGAL

SEMANARIO

PERIODICO POLITICO E MORAL

CEM NUMEROS EM DOUS VOLUMES

O PRIMEIRO ATE CINCOENTA E HUM INCLUSIVE: O SEGUNDO ATE O FINAL COM HUM SERMÃO POR APPENDICE.

POR ALVITO BUELA PEREIRA DE MIRANDA.

LISBOA,

NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1833.

Com Licença.

ADVERTENCIA.

O Auctor quiz tambem formar hum Indice dos Escriptores, de Imperadores, Reis, Principes, e Princezas; de Personagens e de Pessoas que fôrão nomeadas nesta Publicação, huns com louvor, outros com reprehensão, sobre o que ha varios emblemas, enigmas, allegorias, ironias, invectivas e metaforas, que em huma boa parte demandão explicação; porem que, não sendo possivel, segundo as Leis, dar-se-lhe toda a clareza; por isso se omitte totalmente. Quiz tambem formar outro Indice das cousas mais notaveis; mas sendo tantas as dignas d'attenção pela amenidade e variedade dos pensamentos, que abrangem idéas de quasi tudo o cognoscivel, esse Indice sahiria sobre maneira extenso. Tambem quiz o Auctor formar hum Epilogo d'esta Obra, resumindo principalmente as importantes Maximas, Regras, ou Linhas Politicas, Religiosas e Militares lançadas em todos os Numeros; mas estes tres Indices, interessantes que elles sejão, serião summamente penosos, ou dispendiosos para o Livreiro, e conseguintemente para os Leitores. Contentou-se pois o Auctor por todas estas considerações de formar somente o Indice dos Titulos dos Numeros e dos principaes objectos que teve em vista em aquelles Numeros, que não tem Titulo, ainda que esses objectos estão tocados em outros muitos Numeros. Os Leitores, recorrendo outra vez toda a Publicação, acharáõ certamente materia immensa, com que entretenhão a sua attenção sobre a posição de Portugal e da Europa toda neste Seculo de agitações.

INDICE

Dos principaes objectos de cada hum dos cem Numeros da Defeza de Portugal, á que vai por Appendice hum Sermão prégado no Porto no anno de 1831.

N. B. Para se conhecer a certeza d'este Indice he indispensavel lêr toda a Publicação e a Advertencia acima, e vêr-se-ha então que sómente o Espirito póde conhecer o que he seu, porque a Natureza entregue a si mesma, e aos seus desejos e paixões, como julga sem reflexão, não percebe o que he bom.

O Auctor.

Lisboa 24 de Março de 1833.

DEFEZA DE PORTUGAL

SEMANARIO PERIODICO,

POLITICO, E MORAL.

N.° 1.°

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Mal podia eu pensar, que depois de me haverem fixado a minha residencia em huma pobre Aldêa cercada de bravos pinheiros, de rudes carvalhos, e de amargosas giestas podesse haver alguma noticia do que passa no malfadado Mundo, não tendo eu a penosa curiosidade de lêr esses papeis, que chamão Gazetas, Correios, e outras nomeadas semelhantes, com que seus Authores os baptisão, contentando-me somente com saber, duas vezes na semana, que o meu Rei, e Senhor D. Miguel vive, que he todo o alivio da minha saudade, e toda a consolação dos meus cuidados pela Patria, que me sustenta, pois que a Mão de Deos está com Elle para o salvar, e salvar a Portugal; senão quando hum dos muitos Almocreves, que ha por estas Aldèas, Almocreves da sardinha salgada, e tambem das

petas malhadas, que huma, e outra cousa trazem elles do Porto, Cidade classica pelas baixezas, e pelas mentiras da relé do seu Povo, me diz = que Portugal estava atacado pelos Francezes! Não pode ser, ó tolo! lhe repliquei eu: Portugal traja á Franceza, come, e bebe á Franceza, lê, e escreve á Franceza, falla, e pratíca á Franceza, e já hoje todos parecemos Francezes, ou ao menos queremos parecer-nos com elles; elles pois não podem deixar de ser nossos amigos, porque até as feras amão os seus semelhantes. Muitas mais cousas lhe disse, para o despersuadir d'aquella noticia, ou ao menos para que a não divulgasse; porém o que o Almocreve ouve na Estallagem, entre copos de vinho aguado, ou na Loja de hum Bacalhoeiro, e de hum Caixeiro de Fazendas chamadas do Norte, he para elle hum Evangelho; assim vierão huns, e outros Almocreves, feitos Continuos d'esta noticia, como vinhão as suas jumentas continuadas pela conjuncção corda, que era a que devia prender os pescoços de tantos, que inventão semelhantes noticias, e dos muitos mais, que folgão com ellas. Eu não pude resolver-me a acreditar estas novellas; porque depois que conheci a relé do Porto, tive por principio certo, que a voz dos Almocreves do Porto era a voz do mesmo Diabo, tão mentirosa como quando elles dizem que vendem vinho maduro, e elle he hum máo vinagre; ou sardinha fresca, e ella he podre de tres ou quatro annos. Porém eis que esta noticia se fez a voz do Povo; e como esta costuma ser a voz da verdade, quando elle não falla pela bôca do Diabo, digo, dos Pedreiros Livres, tractei de saber a certeza por Lisboa, Povo na sua totalidade fiel, leal, nobre, e virtuoso, e soube então que humas Embarcações Francezas effectivamente infestavão aquelle Porto. Dormi e durmo todavia tranquillo, porque entendo que isto não he guerra, he hum estratagema Pedreiral, ou Diabolico, para o fim que direi, e o tempo dirá comigo. Guerra! E os Inglezes consentirão que os nossos Portos, as nossas Cidades, e o seu Commercio, sejão infestados, nem mesmo Constitucionalmente pelos Francezes? N'esse caso, digo eu, ou os Inglezes derão o ultimo adeos á sua existencia Commercial e Politica, ou elles já são impotentes contra a França: nenhuma das duas cousas he

acreditavel ; logo nem a guerra temivel. Porém supponho o peor; que a Inglaterra não pode, ou que ella muito voluntariamente consente na sua ruina: ainda assim mesmo não temo a guerra, porque soa aos meus ouvidos aquella musica, que antigamente cantavão os Espartanos nas suas publicas Solemnidades; de tres coros era ella composta, e no primeiro cantavão os anciãos — *Nos fuimus fortes* — Nós fomos valorosos: no segundo cantavão os moços — *Et nos modò sumus* — E nós o somos agora: no terceiro cantavão os meninos — *Et nos erimus aliquando* — E nós o seremos no nosso tempo. Assim ouço cantar a estes aldeões, que tendo quanto lhes he bastante para a sua frugal sustentação, tem seus braços tão promptos para dirigir o arado, como para manejar a espingarda: pão, calçado, e armas querem tão somente os Portuguezes para defenderem seu Rei, e Pai; e do dinheiro não fazem outra estima, que para comprarem a polvora, que lhes for necessaria.

Eis o em que consiste a defeza de Portugal, digo, do Portugal velho, d'aquelles Portuguezes, que partem para o campo depois de terem invocado o auxilio do Deos de seus Pais, e Avós, e que appellidando a voz d'ElRei põe *de parte as suas discordias, fraternisão-se, e marchão em* massa cerrada a prostrar por terra os inimigos do seu Soberano, e da sua Patria. Porém como não posso acabar de resolver-me a acreditar que tenhamos inimigos, que nos acommettão; pois que a nenhum Paiz temos provocado a guerra; e por outra parte estou certo que as apparatosas exterioridades, que nos ameação, são meros ardís, e estratagemas do Maçonismo, com que pertende dividir-nos, enfraquecer-nos, e revoltar-nos entre nós mesmos, tenho decidido, ao menos em quanto o Governo de Sua Magestade se não explicar sobre este enigma Francez, a desenganar os meus Patricios, de que não poderemos jamais ser vencidos, nem pelo ferro, nem por outra alguma força,

» .... *non viribus ullis*,
» *Vincere, nec duro poteris convellere ferro.* »

(Virgil. Aeneid. L. 6. ℣℣. 147. 148.)

em quanto formos Portuguezes. Vou por tanto a mostrar ao Povo, e especialmente aos Almocreves das petas, quero dizer, a esses, que inventão noticias aterradoras, ou

que as pintão com agigantadas cores, ou que folgão com os males da Patria, que nós nada temos a temer das aggressões estrangeiras; temos sim tudo a temer de nós mesmos, dos inimigos domesticos, dos Pedreiros Livres, das suas doutrinas, maximas, e idéas espalhadas entre nós, e por muitos de nós adoptadas; mostrarei que estes principios falsos, funestos, e erroneos são seguidos por muitos dos que se chamão Portuguezes, e que de Portuguezes nada tem senão o local, em que nascerão, ou o sangue, que herdarão, mas não as virtudes Paternaes, a que renunciarão. Assim, defendendo a Portugal, combaterei os principios da revolução, mostrarei os meios de se livrar d'este pernicioso flagello, e ensinarei os caminhos da paz, da união, da virtude, e da força, para por nós mesmos nos sacudirmos dos inimigos internos, e externos. Tarde parece, que levanto a minha debil voz; mas vivo em huma Aldêa, onde tarde chegão as noticias dos nossos males politicos; assim, não fallo aos Cidadãos mais adiantados em conhecimentos, e em malicia; fallo somente aos aldeões que abundão em ignorancia, mas tambem em simplicidade; a massa rude do Povo carece de outras lições, de outro methodo, e d'outros Mestres; tem-se-lhes fallado agora em Francezes, em Brasis, em guerra, e em outras cousas d'esta natureza, que principião a inquieta-los; elles não conhecem outra linguagem que a de pão, e páo: pão deo-lho Deos, e o páo o manejão elles habilmente: resta somente que ElRei mande, e veremos estes Povos levar a páo os seus inimigos, ou sejão Francezes, ou Cavouqueiros, ou Diabos, ou Pedreiros. Deos, e Miguel, dizem elles; e com elles digo eu que os revolucionarios não querem Deos, nem Miguel; não querem Deos, porque está com Miguel; não querem Miguel, porque está por Deos. Os Portuguezes são grandes em tudo, o que he bom, e só os tem feito pequenos o Maçonismo: cortemos a cabeça a este gigante, que tão profundas raizes tem lançado em toda a terra, e nós veremos que os Portuguezes voltão a ser a admiração do Mundo em todas as suas quatro Partes. Este he o unico fim d'este Semanario Politico na defeza de Portugal. — Portugal defendido por Deos, e por ElRei. Quanto elle seja necessario aos Povos, os Povos mesmos o dirão com o fructo, que

tirarem da sua lição. Não vou pois augmentar o numero dos Escriptores, nem este lugar me pertence entre os Sabios; vou sim reunir-me á força moral, que combate em defeza do seu Deos, e do seu Rei: este lugar alguem não pode disputar-mo; porque jámais d'huma vez o occupei entre os bons Portuguezes, he a dizer, entre os que amão a Deos, e o Rei.

Maçonismo.

O Maçonismo he hum systema de impiedade geral; ou hum colossal aggregado de todas as maldades, que reune em si todas as depravações, todos os erros, todas as discordias dos seculos passados; elle se parece áquella arvore que vio Plinio, na qual estavão enxertados os fructos de todas as arvores; ou aquella Estatua de Baccho, como diz Ausonio, que tinha huma parte de todos os Deoses, a qual por isso chamárão Pantheon. Mas não se contentou o Maçonismo em reunir todas as maldades, assim como quer; elle as reunio em gráo heroico, tomando as de maior quilate, e peso, e despresando aquellas, que são de mediocre vulto, *despresando aquellas, direi mais claramente, que* menos offendem a Sociedade: não quer o Maçonismo, o que he meramente máo; elle ama, o que he altamente pessimo. As durezas do Judaismo, as grosserias do Mahometismo, as discordias do Hereticismo, as porcarias do Epicurismo, as barbaridades do Atheismo, os absurdos, e delirios do Filosofismo, tudo o Maçonismo chamou a si, e de tudo formou hum monstruoso corpo, com o qual quer metter debaixo de si tudo o que Deos creou, tudo o que a Religião aperfeiçoou, tudo o que a Sociedade conserva. Elle no seu maior gráo envergonha-se de ser Judeo, peja-se de ser Mahometista, aborrece-se de ser Herege; somente lhe agrada ser porco com os Epicureos, ser barbaro com os Atheos, ser louco com os Filosofos: para elle he o crer, seja no que for, huma baixeza da razão; ser pacifico huma humiliação da dignidade do homem: todavia elle affecta ser virtuoso, e olha para a virtude como para hum crime; finge ser Religioso, e na Religião vê hum monstro; parece aborrecer a guerra, e somente odea a paz: tolerante de

todos os erros, só a verdade não tolera; indulgente com todos os crimes, só á virtude não perdoa: elle se fez hum systema de aquietar-se com todos os Cultos, e a todos elles tem hum odio figadal. Esta definição, ou descripção do Maçonismo parecerá a alguns, que nasce só da minha imaginação; pois que os mais experientes, e versados n'este systema das traficancias da incredulidade sabem que elle aggrega a si, alista, e adopta pessoas, não só de todos os Paizes, mas de todos os Cultos; e por isso se o Atheismo fosse o seu elemento, esta Sociedade aggregada de profissões, e de doutrinas tão diversas não poderia ter tanta permanencia, e universalidade, nem se haveria ramificado tão longa, e largamente. Por isso mesmo, digo eu, esse systema atura tanto tempo, e se tem extendido tão infinitamente: da mistura de pessoas, e da diversidade de Cultos nasce a confusão, e da confusão o engano, enganando-se huns a outros, e todos a si mesmos, sem que saibão onde vão, ou por onde caminhão, mas querendo cada hum a sua cousa, que he a liberdade absoluta, e completa de todas as paixões; e promettendo-lha assim, os que os dirigem, ou os que estão em alto grão, sem que esses mesmos tenhão animo de lho cumprirem, nem possão; dahi, d'essa falta de cumprimento das promessas nasce entre elles tanta divergencia, e discordia, pelejando muitas vezes entre si, dividindo-se, e dando lugar ao seu desbarato, e ruina, o que mais de huma vez tem succedido, e eu farei vèr mais adiante.

Porém agora insta que, guardando alguma ordem n'estas idéas avulsas, diga o modo, por que o Maçonismo se formou, quaes forão as suas vistas, ou tenções, se bem que elle cambiou de face successivamente; que instrumentos elle escolheo, quaes os meios, que aproveitou, que he o que elle quer, e por que vias se encaminha ao seu fim. Eu fallo aos Povos, e duvido muito que me acreditem sobre a minha palavra, porque os sabios bebendo as suas idéas da sua fantasia, e não das mesmas cousas, se tem persuadido que o Maçonismo he o mesmo Judaismo, sendo assim que ha muitos Judeos alistados no Maçonismo, mas tambem ha muitos mais Mações, que não são Judeos, sendo muito peores que elles: Porém os Mações de alto grão, digo, os Mes-

tres, Chefes, ou Directores do Maçonismo, sabem que eu não minto, dizendo que elles não dão hum real por hum Judeo, ainda que se aproveitão dos seus reaes; dizendo outro sim que elles nada querem do Turco, do Apostata, e do Herege, senão os seus serviços; que elles nada pertendem dos Christãos de nome, senão que elles não pelejem pela Religião; que elles dos Povos só desejão empobrece-los, e anniquila-los, para que lhes não possão ser contrarios. Se me perguntarem, por onde sei o que os mais não sabem? Não responderei, como o Abbade Barruel = *porque sou apostata do Maçonismo* = respondo sim, que quizerão, quando ainda não contava quatro lustros, perverter-me, o que não conseguirão, Graças a Deos, e á educação, que me davão entre os Monges Bentos, onde me alistei por minha livre vontade; e foi então que estudei a sua linguagem, sem aprender as suas idéas; e com a sua linguagem soube muitas vezes o que elles querem, o que elles projectão, e o porque pelejão, que he — Nada de Deos, Nada de Rei. Mas então me dirá alguem: Que he o que elles querem? Respondo que este seculo o vai dizendo, e dirá, e eu tambem o direi; mas, para não deixar os Povos em jejum, digo em principio que os Maçães de alto gráo não *querem Culto algum, nem Soberano, ou Governo, ou Sociedade*, seja qual for a sua forma, ainda mesmo que Republicana seja, que proteja o Culto. E querem agora os Povos saber o porque os Maçães não querem Culto? Eu lho digo; porque os Povos, que tem Culto, pois sem elle não podem existir os Povos, dão cabo dos Maçães, logo que os povos os conheção. Assim que, se o Turco, se o Judeo, se o Herege, se o máo Christão se persuadissem d'esta verdade, a saber que os perfeitos Maçães não querem algum Culto, elles mesmos se reunirião com todos os que o queremos, e já hum Maçon não existiria. Mas entre os Maçães ha alguns que querem o Culto, replicar-me-ha alguem: eu o confesso, entre os Maçães de baixo gráo, quero dizer entre os de 1.° 2.° 3.° e 4.°, porque os do 5.° duvidão de todos os Cultos; os do 6.° tolerão algum Culto por necessidade, e os do 7.°, que são os Mestraços do Maçonismo, soffrem, os que assim pensão, com raiva, e desespero: e esta discordancia, divergencia, e desunião entre elles he,

o que me induz a persuadir-me, que elles a não levão avante, se he que não chegou o fim do mundo. Prova d'esta minha persuasão he que elles mil vezes, e por mil formas a tem tentado; e no melhor da festa a sua alegria se voltou em lagrimas; o decurso d'este Semanario offerecerá os factos passados á recordação dos presentes, para que os vindouros tomem a lição, de que o passado he a regra do presente, e que o que huma vez aconteceo ha de acontecer mais; a saber, a impotencia do Maçonismo contra Deos, e contra o Rei. Isto acontecerá sempre em Portugal, em quanto adorarmos o Deos dos nossos Pais, e Avós, e em quanto amarmos, como devemos, o Rei, que peleja por Deos, e por nós; he a dizer, em quanto formos Portuguezes: nisto está toda a defeza de Portugal contra as aggressões estranhas, e domesticas; em invocarmos o auxilio de Deos, que nunca faltou aos Portuguezes, e em apellidarmos a Voz d'ElRei, que entre Portuguezes Christãos só he, e pode ser O Muito Alto, o Muito Magnifico, o Muito Poderoso Senhor D. MIGUEL I. a Quem Deos enviou a estes Reinos, para Senhor, e Pai d'elles, Protector da Religião, Columna da Igreja, terror dos inimigos, e admiração do Mundo.

N.B. O numero 2.° continua relatando os principios, e fundamentos do Maçonismo.

Robordosa 16 de Julho de 1831.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1831.

Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL

N.° 2.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Origem, Formação, e Progressos do Maçonismo.

Eu havia promettido no primeiro Numero d'esta Defeza de Portugal, ou no ensaio, e projecto d'este Periodico, tractar da origem do Maçonismo, da sua formação, e progressos; e devia agora desempenhar minha palavra, se antes não fosse necessario tractar dos maiores esforços, e do ultimo desespero do Maçonismo, que indica, ou o seu fim, ou a sua consummação. Havia eu visto a Revolução Franceza de 1830, ponderara bem as suas proselytas na Polonia, na Italia, nos Estados Pontificios, e na Belgica, as suas tentativas na Hespanha, e por fim as suas erupções na Irlanda, na Escocia, e no Brasil: o raio não incendeia tão rapidamente hum armazem de polvora, como o Maçonismo abrazou as duas partes mais notaveis do Mundo, que são a Europa pela sua civilisação, e a America pela sua população: não estranharei que as outras duas, a Africa, e a Asia sirvão logo de combustiveis a este fogo da mais impia, e mais sanguinaria Revolução. Mas tendo visto, e ponderado este voraz andamento do Maçonismo, nem pela imaginação me passava, que elle viesse de novo atear-se em Portugal, acabar de consumir esta Nação meio extincta da memoria dos homens pelas suas immensas desgraças, e dar-lhe o ultimo golpe na sua existencia. Digo que nem me lembrava este novo ataque da Maçonaria, não só porque a rebellião havia deitado todo o resto em este Paiz, e arrojado sobre elle todo o seu veneno, com que o extinguira, e levara ao ultimo gráo da sua ruina, não podendo faze-lo mais miseravel do que o havia feito, como porque, assim como as outras Potencias se esquecem de observar com esta o Direito Publico, que bem pode chamar-se o Direito das Gentes, no Reconhecimento d'hum Soberano posto no Throno pelo voto unanime dos seus Povos, tambem pensava eu, tem Portugal esquecido aos Maçães, e já não tem ás suas

costas os Portuguezes. Porém enganei-me: não he de se me estranhar, quando os mesmos Soberanos, os seus Ministros, e os homens mais sabios, e mais experientes de todos os Paizes se tem enganado com elles. O certo he que os Pedreiros não perdem de vista hum Paiz qualquer, que tenha o seu Soberano, nem Cidade, Villa, ou Aldêa onde haja huma Igreja, ou hum Altar, ou huma Cruz. Soberano havia na França, e com a sua Carta Constitucional; pois nem assim mesmo deixarão de mortificar a Luiz 18, e de desterrar a Carlos 10; nem os mesmos Pedreiros deixarão reinar tranquillo a Luiz Filippe, a quem enthronizarão, para illudir as outras Monarchias; logo que d'ellas não precisem, elles se desfarão d'elle. Soberano tem a Inglarerra, e Constitucional; pois nem assim mesmo o poupão a inquietações, e a turbulencias, ora na Irlanda, ora na Escocia, já na mesma Bretanha, e não se sabe quando ahi parará o impulso da Revolução, a qual jámais foi suscitada atégora para de novo se unir á Igreja Catholica, da qual, depois que se separou, ainda não gozou huma decada pacifica. Soberano tinha o Brasil, e tão Constitucional como elles quizerão; pois não lhe valeo; pozerão-no fora e com ignominia, até arrancando-lhe os proprios filhos! Barbaridade nunca vista senão desde que ha Pedreiros. Reinarão pois tranquillos os Soberanos, alistando-se Pedreiros? Não falta quem assim os aconselhe, e a isso os exhorte, ora com promessas, ora com ameaços. Mas eu desafio a todos os Imperantes, a que me digão, se viverão tranquillos hum anno? nem Napoleão na França, nem Frederico na Prussia, nem .... Nenhum: Esses mesmos Veneraveis do Maçonismo constituidos em Chefes de Republica elles são assassinados por outros Veneraveis.

Devo dizer outro tanto das Igrejas, Altares, e Cruzes: ou ahi presida Clero Constitucional, e Maçon, ou Heterodoxo, ou Catholico, o odio que os Pedreiros lhes tem parece igual nos seus effeitos; tudo se arraza, tudo se queima, tudo se prostra por terra: nada de Soberania, qualquer que seja a sua forma; nada de Culto, qualquer que seja: Esta he a duplice divisa dos Pedreiros.

Mas eu devo já entrar no exame do ataque Maçonico feito a Portugal: não esperem porém os meus leitores que eu lhes falle d'essa satisfação, que o Governo Francez exigio do Governo de Portugal, satisfação exigida com armas, e com armas recusada; e a final concedida só para poupar o sangue Portuguez, reservado para melhor occasião. Os Portuguezes são generosos quando se lhes demandão sacrificios de dinheiro; de tudo se desprendem elles, menos da

sua honra, e do seu nome, que realção sempre, ou vencendo, ou morrendo. Não sou eu tão audaz que me atreva a examinar as operações do nosso Governo, nem tão impolitico que ouze reprehender a marcha do Governo d'outra qualquer Nação. Hum Portuguez sensato escrevendo para o Publico não se intromette no systema de Governança de qualquer Paiz, para não provocar o seu odio, e até a discordia entre Governo e Governo: submisso por dever, por honra, e por consciencia ao Governo do seu Paiz, não move a sua penna contra outro Governo, senão quando he mandado, ou quando o seu Governo se declara: do contrario seria alarmar as Nações, mette-las em guerra, por-lhes as armas nas mãos, quando ambas poderião viver em paz, não obstante a differença do systema das suas Governanças. Mas tal he a vertigem do seculo, que tem acommettido as partes mais sãs do Corpo do Estado! Algumas vezes os mesmos que clamão pela reforma dos abusos, elles tambem abusão. Direi com este motivo huma palavra sobre a faculdade de publicar por escripto os pensamentos: esta faculdade não he huma liberdade licenciosa de dizer tudo o que vem á cabeça, sejá sobre o que for: os Escriptores d'hum Paiz devem ter por limites o mesmo Paiz, em que escrevem, sem offenderem jámais as Instituições d'outro. Cada Estado, *bem, ou mal, segue a sua direcção, e se governa como lhe apraz*, ou como pode; se os Regnicolas não devem reprovar a sua marcha por força da obediencia, e da sujeição, os estranhos muito menos a devem increpar por amor da paz. Este he o meu parecer; mas como elle tem as suas limitações, voltarei a elle em outro Numero. Direi sómente de passo que os estouvados Constitucionaes da Hespanha, de Portugal, e da Italia vomitarão a sua raiva contra as outras Potencias; e o que hão conseguido com este desaforo, foi o seu exterminio. Deixemos pois viver a quem nos não offende; e se hum particular julga que o Governo do seu Paiz he offendido pelo d'outro, calle-se, até que o mesmo Governo se declare, e então levante a sua voz em seu auxilio, tanto quanto for conveniente ao mesmo Governo: Não he outra a razão do meu silencio depois da Revolução Franceza de Julho de 1830: o Governo não me havia authorisado para que fallasse, nem ainda authorisou, que conste, a alguem; pois que a Gazeta Ministerial não se explicou a este respeito. Eu observei que todas as Nações reconhecerão o Governo actual da França: ellas saberão, se obrarão bem, ou mal: quando o Governo de Portugal levantar a sua voz, direi quaes são os meus sentimentos. A minha penna por tanto não se leva contra o Governo Francez, com quem

o Governo de Portugal não está actualmente em guerra, nem contra outro qualquer Governo bem, ou mal constituido. Serei n'esta parte mais politico que os Contitucionaes, que apoião todo e qualquer Governo, que não seja Absoluto, insultando do mesmo passo a todos aquelles Estados, em que o Povo não he o Soberano. Nem se julgue d'estes meus sentimentos, que eu reconheço todo, e qualquer Governo de facto, como tem sido, e presentemente he o systema da Politica, não obstante de que o Governo de Portugal ainda não recebeo de todos esta consideração: a mim nem a outro Escriptor qualquer não he dado o reconhecimento, ou não reconhecimento dos Governos huma vez installados; elles se passão bem sem estes ductos da pena, e não se importão muito da guerra de tinteiro. Eis huma das mais fortes linhas da Defeza de Portugal: olhar por si, não se embaraçar com os outros.

Ataco porem o Maçonismo: mas dir-me-hão, que segundo os meus principios eu reconheceria hum qualquer Governo, que fizesse profissão aberta d'esta Seita da impiedade; ao que respondo que he impossivel que hum Governo, que tivesse por base fazer a guerra a todo o Culto, e a toda a Soberania, fosse reconhecido por outro algum Governo: mas se por impossivel esse Governo fosse reconhecido, eu seria na Sociedade hum ente meramente passivo, e preparar-me-hia para o martyrio, não pela aggressão, que eu lhe fizesse, mas porque jámais annuiria ao Atheismo, nem á rebellião. Vou por tanto debaixo d'esta salva-guarda seguir o meu intento. O Maçonismo acaba de atacar a Portugal com o pretexto da satisfação, que do Governo de Portugal exigio o Governo Francez, sem que as vistas do Governo Francez fossem abertamente outras, que a dita satisfação, como tem patenteado as transacções entre Governo, e Governo: ponho de parte as razões d'esta satisfação: julgou-se offendido o Governo Francez de o Governo de Portugal haver julgado pelas suas Leis a individuos nascidos na França: entendeo o Governo de Portugal que devia julgar pelas suas Leis a quaesquer, que o offendessem, fosse qual fosse o Paiz do seu nascimento; esta foi a questão: os Francezes forão os auctores; Portugal foi o demandado: o Tribunal forão as armas: aggredirão as Tropas Francezas, e vio-se que ellas são destras na guerra: defenderão-se as Tropas de Portugal, e achou-se o que sempre se achará, que são valorosas, e fieis: entre a dexteridade, e a fidelidade, para não perecer a quella, nem sacrificar inutilmente esta, metteo-se de permeio hum Parlamentario Francez, e a questão acabou por dous actos: Primeiro, annuindo o Governo de Portugal ás instancias

do Governo Francez: Segundo, reconhecendo as Tropas Francezas que as Portuguezas, longe de terem perdido o valor, e a fidelidade, com que pelejarão na Guerra Peninsular, ellas o augmentarão á presença do seu Chefe, e seu Soberano o Senhor D. Miguel. No ensaio, e prova d'este valor, e fidelidade do Exercito, e do Povo Portuguez consiste a aggressão, que o Maçonismo acaba de fazer a Portugal. Eu me explico em breves termos.

Ha na França, e tem havido sem interrupção, mais, ou menos, huma furiosa agitação, que atormenta os homens chamados livres, quero dizer, aquelles, que não sujeitão as suas idéas senão aos seus desejos, e os ociosos, ou os que não tem que perder nas concussões do Estado, antes sempre tem a ganhar. Esta agitação scintillou no Reinado de Luiz 14, com a nimia effervescencia dos estudos, e das artes; cresceo no Reinado de Luiz 15 do mesmo passo que decrescerão as Sciencias; e appareceo formada em grande corpo no Reinado de Luiz 16. De todos os Paizes, e em todas estas idades se reunirão a estes espiritos fortes, (assim se chamavão a si mesmos esses, que não reconhecião outros limites ás suas idéas que os da sua razão, nem outra baliza aos seus desejos que a da força) outros espiritos audazes, e novelleiros, e bem assim essa chusma de ociosos, em que *sempre abundárão todos os Paizes, e todas as idades, especialmente em tempo, em que a profissão superficial das Sciencias* se permitte a todos, e a artificiosa industria se exerce livremente com desprezo da necessaria Agricultura. O Centro d'esta agitação estava, e ainda está na França segundado por todos os Paizes da Europa, e da America; sem que todavia deixe de dizer que a Prussia, a Suecia, a Inglaterra, e a Austria davão as mãos ao turbilhão Francez. Mas eu não tracto hoje abertamente da origem, formação, e progressos do Maçonismo. Esta agitação da França, depois que levou ao Cadafalso o Monarcha mais condescendente, e moderado, (lição, que não deve sahir da memoria de todos os Soberanos) ainda não tem parado, por mais diques, que lhe tenhão opposto os differentes Chefes de Governo, que tem tido aquelle Paiz, á maneira d'hum rio caudaloso, e precipitado, que por mais que o reprezem, foge impetuosamente, ora por hum lado, ora por outro, causando sempre estragos, por onde quer que rompa. Succede a Revolução de Julho de 1830, e a agitação move em turbilhão todos os individuos Francezes; cada qual segue a sua direcção, e o seu impulso, sem que o Governo possa encaminha-los a seu salvo pela vereda Constitucional, e Monarchica, que se adoptarão a seu aprazimento. O numero dos

espiritos fortes, direi mais claramente, o numero dos inquietos, e dos ociosos augmentou-se infinitamente, e por consequencia o numero dos pobres, e dos indigentes, e por isso mesmo o dos descontentes he excessivo. Em este estado o Governo de França não pode fazer a fortuna de todos esses milhares de milhares de inquietos, ociosos, pobres, e descontentes: Precisa pois o Governo desfazer-se d'elles, ou lhe sejão adherentes, ou não. Porém como? *hoc opus, hic labor.* A guerra he o meio mais summario, e menos conhecido dos que devem ser sacrificados: mas a guerra, ao menos a offensiva, ou invasiva, não convem actualmente ao Governo da França na concussão furiosa, que de todos os lados o abala. Pereceráõ pois os Francezes inquietos, pobres, e descontentes ás mãos huns dos outros? Então chegaria a fatal época da dissolução da França, e nenhum Francez dormiria tranquillo huma só hora da noite. O Governo Francez tracta por ora cuidadosamente de evitar a guerra de invasão, e mais que tudo a sua dissolução. Porém a não aquietar-se a actual agitação Franceza, seus Exercitos, e seu Povo devem inundar os outros Paizes da Europa, para poderem subsistir, e fazer as suas fortunas.

Eis o que ha mais d'hum anno forma o objecto das discussões Maçonicas de França nos seus ajuntamentos públicos, e occultos. Os Maçôes Francezes precisão desfazer-se do Povo, que o ajudou nas suas emprezas, e a quem elles levarão ao summo gráo de inquietação, de furor, de raiva, e de desespero; temem os Maçôes, e com razão, que esse mesmo Povo em mãos de quem metterão as armas, as não volte contra elles, como as tem voltado contra as Igrejas, e contra as Cruzes sem authorisação do Governo. Por isso o voto geral do Maçonismo Francez he a guerra; e o Povo Francez inspirado por elle, e mesmo por necessidade de subsistir, e de augmentar as suas fortunas, tem esses mesmos desejos de guerra, e guerra de conquista, ou de invasão. Repito que quando fallo do Maçonismo, e do Povo Francez, não fallo do Governo da França, nem dos Francezes, que respeitão a authoridade constituida; fallo sim do Maçonismo, que não quer Soberano, e d'esse Povo inquieto, que pertende sempre dar as Leis ao Chefe, que elle mesmo s'escolheo, e a quem os mesmos Chefes tem muitas vezes de submetter-se bem a seu pezar, não sendo impossivel que o Governo da França, como tem succedido a outros muitos Governos, se veja constrangido a seguir violentamente os impulsos, e a direcção d'esse numeroso Povo posto em continua agitação, e d'esse Maçonismo inquieto, que ambiciona arrogar-se a Dictadura do Orbe inteiro. Eu disse que o

Maçonismo, e o Povo Francez desejão a guerra, ambos por necessidade; disse-o assim, porque assim o sei por noticias imparciaes, e fidedignas; e as mesmas razões de necessidade, que expendi, mostrão a veracidade d'esta proposição. Mas esta guerra, que os Mações da França desejão para conservarem as suas vidas, e outro sim para generalisar o Maçonismo, e que o Povo Francez appetece para subsistir, e fazer a sua fortuna, se dirige especialmente á Peninsula, quero dizer, á Hespanha, e a Portugal. Valoroso he o Povo Francez, eu não o nego, ou seja na offensa, ou na defeza; porém o Povo Hespanhol, e o Povo Portuguez na defeza da sua Religião, dos seus Soberanos, das suas fortunas, das suas casas, familias, bens, e propriedades, são leões, são inexpugnaveis, invenciveis, inconquistaveis; são superiores a tudo, o que se póde dizer. Que o digão senão os Romanos, os Sarracenos, e os mesmos Francezes commandados pelo maior Conquistador, que jámais o Universo conhecêo. O Maçonismo Francez, como o de todos os Paizes, he mui velhaco, mas mui tolo; só habil para as traições; engenhoso para toda a maldade, astuto para toda a qualidade de crimes, elle não conhece o que he fidelidade, brio, honra, virtude, finalmente Realeza. Assim o tem mostrado a experiencia em todos os tempos, e em todos os successos: *jámais os Pedreiros conseguírão alguma* empreza, que não fossem auxiliados pelo Povo, e pela Tropa illudidos, fascinados, e corrompidos; porque na Arte de enganar são verdadeiramente os Pedreiros sagazes; mas logo que o Povo, e a Tropa perdêrão a illusão, elles fogem, desapparecem, mirrão-se. O symbolo da cobardia, o geroglifico da pusillanimidade, o emblema do medo he hum Pedreiro Livre.

Persuadidos estavão os Mações da França, porque assim lho havia embutido a desesperada cafila dos miseraveis, e estupidos Pedreiros de Portugal, que logo que apparecessem duas vélas estrangeiras á vista de Lisboa, lá ia por terra o imperio da Realeza, e da Religião: ElRei ficava só, as Tropas entregavão as armas, e o Povo escondia-se nos abysmos da terra. Apparece com effeito no Téjo huma Esquadra do Governo Francez em demandá d'huma satisfação; pois, como já disse, o Governo da França não quer por ora a guerra de occupação, despresando circumspectamente o voto do Maçonismo: eis que duas embarcações de guerra velejão para aqui, e para alli; outras duas navegão para cá, e para acolá; mais duas se fazem á véla para o Algarve; nenhumas para os Portos do Norte; e por fim toda a Esquadra se apresenta em Lisboa. E para que todo este appa-

rato hostil? Para occupar Portugal? *risum teneatis amici!* Assim estava a Inglaterra mão sobre mão, como se o negocio fosse lá para o Mar Caspio! Assim se dormíra o Governo de Portugal, sem augmentar o seu Exercito, sem fortificar as suas Praças, e mesmo sem ao menos montar a artilheria dos Castellos! Pedia o Governo Francez huma satisfação, e dêo-lha o Governo de Portugal, depois de fazer hum ligeiro ensaio do valor, e fidelidade de huma minima parte do seu Exercito. E que pedião, ou desejavão os Mações da França com pretexto da satisfação exigida pelo seu Governo? Huma Revolução. Huma revolução em Portugal, vivendo o seu Rei, e Senhor Dom Miguel Primeiro??? Fóra tolos, fóra Pedreiros. E em que fundavão os Mações de França as suas esperanças d'huma Revolução em Portugal? Nos Pedreiros de Portugal. Coitadinhos! nem hum só dèo palavra! He verdade que elles querião gritar, pois que outra cousa não sabem; conhecêo-se isto; pega o Povo d'huma destas vergastas, com que os Almocreves sacodem o pó das albardas dos seus jumentos, quando descarregados os mettem na cavallariça; assim o Povo Portuguez tange os Pedreiros, e ao grito de — arre para lá—desapparecêrão, fugirão, mirrarão-se, e metterão a lingua no... Assim o Povo Portuguez dá cabo desta raça de Porcos, sem que tenha precisão das capadeiras Francezas, aliàs bem necessarias para extinguir o Maçonismo da França, porque lá passa esse systema de impiedade de maridos a mulheres, de pais a filhos, e de avós a netos! Ora pois, Senhores Pedreiros da França, e de Portugal, desenganem-se as vossas tolidades, que a Tropa, e o Povo de Portugal se não revoltão em quanto vive o Senhor Rei Dom Miguel Primeiro, que ha de viver, em que vos peze, porque Deos o guarda para vossa confusão, e para salvação dos Portuguezes, que não são Pedreiros. Mas como ainda não dissesse qual era a Revolução, que os Pedreiros de Portugal pertendião em Portugal, pois que aos da França toda, e qualquer Revolução lhes convinha, eu o direi em o Número seguinte, para aclarar mais a Defeza de Portugal.

Rebordosa 14 de Agosto de 1831.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: Na Impressão Regia. Anno 1831.
Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL

N.° 3.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Qual era a Revolução, que os Pedreiros de Portugal querião em Portugal com occasião da chegada da Esquadra Franceza ao Tejo?

PARECERA' a todos desnecessaria esta pergunta, e que sobre ella se forme hum Artigo em separado; pois que se entende commummente que os Pedreiros querem sempre Constituição, e depois Republica. Mas eu não posso conformar-me a esta opinião geral; tanto assim, que me parece impossivel saber, o que os Pedreiros querem, pois que nem elles mesmos o sabem. Todas as Revoluções tem hum termo, no qual, logo que a elle chegão, parão, descansão, e mais não andão; porém das Revoluções Pedreiraes, ou infernaes ainda alguem não vio o termo, cessação, ou descanso; ellas abrangem na sua maldade o infinito intensiva, e extensivamente. Quem póde dizer, o que quer hum bebado, hum doudo, hum frenetico, hum furioso? Ninguem: pergunte-se ao mesmo bebado, ao mesmo doudo, frenetico, e furioso o que elle quer? Elle não sabe responder; mas supponha-se que responde; conceda-se-lhe isso que elle quer: pois logo quer outra cousa, e assim se vai enfurecendo, e crescendo na sua bebedice, ou frenesí, querendo sempre, e não se contentando jámais. Eis o que he hum Pedreiro: hum bebado, hum doudo, hum frenetico, hum furioso; insaciavel sempre em ambição, e em maldade, nunca farto de riquezas, e de prazeres, sedento sempre de sangue, de discordias, e de guerra, elle se anniquillasse o Universo inteiro, parecer-lhe-hia hum pequeno almoço á sua voracidade; se mesmo podesse engulir o Ceo, ainda não ficaria satisfeito. Não se pense que avanço muito. Venhamos ás provas. Que desejavão os Pedreiros da França no Reinado de Luiz 16? Constituição; tiverão-na; pois não se contentárão; degollárão o Monarcha mais indulgente. Que pertenderão ao depois da sua morte? Enthronizar o Duque d'Orleans: matarão-no elles mesmos quando o querião exaltar. E depois? Qui-

zerão Republica: tiverão-na, e entregarão-na depois a hum Soldado, para a governar, com o titulo de Imperador. E contentarão-se elles com o seu Socio e irmão Napoleão? Tambem não: toda a Europa presenceou que os mesmos Pedreiros concorrerão tambem para o seu exterminio. Fiquem-se porém os Pedreiros Francezes abysmados no cáos das suas infinitas, medonhas, e espantosas Revoluções, em quanto o Supremo Conservador dos Imperios, e dos Povos não manda parar essa perpetua roda do Atheismo, e das desgraças, onde se acha o moto continuo da perversidade, e da destruição. Nem se pense que esta inconstancia, e insaciabilidade de desejos he filha da volubilidade, e d'aquelle fogo de fantasia, em que abundárão sempre os Francezes. Os Hespanhoes que passárão sempre por sobrios, sensatos, e pausados, aquelles que adoptarão o Maçonismo, ou o Communerismo, mostrárão ser tão voluveis, precipitados, inconstantes, e furiosos como os Pedreiros da França. Eu não fallarei agora d'essa Constituição de Cadiz do anno de 1812, em que os Pedreiros da Hespanha fizerão huma figura mais triste, e mais ridiculá, que Dom Quichote de la Mancha; elles se parecêrão a esses dançarinos de corda, que, sendo os homens mais despresiveis da Hespanha, excitão por toda a parte pelos seus brincos, pulos, e saltos mais risadas, que os macacos com as suas macaquices, e assobios: a mesma linguagem, a mesma cara, o mesmo corpo, os mesmos tregeitos apparecião n'esses Hespanhoes loucos, e espiritados. Fallo sim desses Constitucionaes de 1820, feitos, apurados, escolhidos, e recrutados da multiforme massa de 1812. Que pertendião elles? Que o Rei da Hespanha jurasse observar, e observasse as leis, que elles lhe dessem: assim o jurou, e observou á vontade d'elles, como elles quizerão, determinárão, mandárão, e forçárão. Fallárão pois os Pedreiros da Hespanha, que por fallar estavão elles mortos, galrárão, palavreárão, papagueárão, escrevêrão, copiárão, fizerão finalmente tudo o que quizerão: cevarão-se nas rendas Ecclesiasticas, e nas do Estado, secularisárão as Corporações Monasticas, fizerão das suas casas covís de ladrões, quarteis de Soldados civicos, e casas de prostituição para as meretrizes; pozerão os Monges, e os Sacerdotes a pedir esmollas de porta em porta, e a muitos até lhes tirárão os saccos para não reservarem para o dia seguinte, e a outros matarão nos montes quando pela sua decrepitude não podião caminhar! E depois de tudo isto, que tudo isto assim escripto he infinitamente menos do que elles praticarão, como se tudo fosse nada, depois que vinhão de fuzilar hum Bispo, ou de degrada-los a todos; ou de queimar huma Cidade, ou de arrazar alguns centenares de Povoações, (já se entende) com as suas Igrejas, voltavão em triunfo, e em triunfo entravão nas Villas, e Cidades. Ahi os Riegos, os Queirogas, os Minas, e outros d'esta libré erão esperados pelas Muchachas com as suas grinaldas, e

capellas; escolhia-se d'entre ellas em cada Povo a mais formosa, e mais bem ataviada; conduzião-na aos Paços Constitucionaes acompanhada de outras do seu sexo; e ahi depois de dar a Muchacha o — Viva la Diosa de la Constitucion — pegava d'ella o General exterminador, e os seus Officiaes, e Civicos rapinantes, e no publico acto da prostituição se lhes dizia — Esta es niñas la Libertad, y la Religion — Causão horror estas scenas, e não parece possivel as praticassem Hespanhoes; porém as cousas assim passavão: erão Pedreiros os seus Auctores, e são os mesmos por toda a parte. Não parece acreditavel que hum Titular Hespanhol, ainda que Pedreiro, descesse á baixeza de acompanhar publicamente a huma carniceira, dar-lhe o seu braço, leva-la comsigo na carroagem, dar-lhe os ditos Vivas da Deosa da Constituição, e gritar — Pueblos! esta es la Igualdad — Passou isto na Thioxa em huma Povoação chamada — Casa la Reina. Mas eu largo d'estas baboseiras, porquices, e vilezas, que enjoão, canção, e mortificão, por serem summamente repetidas com vilipendio da Sociedade: (Estas já não são Quichotadas, são Pansadas, que devião confundir de vergonha os seus auctores, se hum Pedreiro he capaz de envergonhar-se) e pergunto: Contentarão-se com isto os Pedreiros da Hespanha? Não. Elles pertenderão matar o seu Rei, decretarão o exterminio de todos os Bourbons, provocarão a guerra a todas as Potencias da Europa; e os que affectavão de mais Christãos fanfarroneavão dizendo — Hasta el mismo Dios habemos de hacer Constitucional — Pobres farrapões! *Elles andão agora com huma manta rota ás* costas comendo o pão da mendiguez, da escravidão, e da ignominia, mas sempre teimosos em arrotar liberdade, e igualdade. Porém o certo he que ainda se não sabe o que pertendem esses reformadores do mundo, a não ser acabar com o mundo. Mas em quanto os Soberanos da Europa não desalojão dos seus Paizes essa raça vil do bicho homem, e a não encerrão na casa dos Orates, delire embora, que os seus delirios servirião de entretimento se não empestassem aos que os escutão..

Se não pode saber-se, o que pertendem os Pedreiros da França, e da Hespanha, pois que nem elles mesmos o sabem, nem jámais o souberão, nem saberão, com muita mais razão devo dizer que he impossivel saber-se, o que pertendião em Portugal os Pedreiros de Portugal, que são a escoria, e a relé de todos os Pedreiros do mundo, com occasião da chegada da Esquadra Franceza ao Tejo. Acabo de dizer que os Pedreiros de Portugal são a escoria, e a relé dos Pedreiros de todo o mundo, e disse pouco: elles são os mais sordidos, os mais petulantes, os mais abjectos, os mais vis, os mais inconsequentes, os mais ignorantes, os mais estupidos, os mais loucos, os mais despreziveis, os mais infames, os mais ridiculos, (seria nunca acabar) os mais bestas, porém os mais perfidos,

os mais brejeiros, e os mais atrevidos. Chamar-lhes mariolas de páo e corda, jumentos de carga, animaes immundos, latrinas publicas, isto he pouco: eu não sei expressar-me: elles são o summo do desprezo. Elles me derão as provas, e as derão a todo o Portugal, de que não podem ser tratados com outra consideração, que a com que he tratado hum burro velho, podre, e chagado — enterra-lo vivo onde não cheire mal. Estas mesmas provas concluem tambem a impossibilidade de se saber o que elles pertendem. Eu vou examina-las com mais ou menos detença, segundo entender que convem á Defeza de Portugal; pois que a sua melhor, e acaso inteira Defeza consiste em que o Povo Portuguez conheça os Pedreiros; porque, logo que os conheça, não fica hum Pedreiro para huma mezinha. Vou pois a isto, ainda que este exame deve occupar longas paginas; mas contem os meus leitores que lhes não falto com o que lhes prometti a respeito da origem, formação, e progressos do Maçonismo, impugnando successivamente todas as suas doutrinas.

Todos sabem, ou dizem que sabem o que querião os Revolucionarios, ou Pedreiros de Portugal no anno de 1817. Mas eu não o sei; o que sei he que os justiçados o forão justamente por tramarem contra o Throno, e contra o Estado. Mas como querião elles dispôr do Throno, e de Portugal? A quem querião elles cometter, e comettião a sombra da Soberania? Não sei; perguntei, indaguei, e lí o que se imprimio, e o que se deixou de imprimir a este respeito; e só dêo grande luz a estas minhas idéas aquella celebre resposta do Marechal Beresford ao Secretario do Governo de Portugal de que — não respondia pela tranquillidade do Exercito para prender Maçóes, porque entre elles se achavão os mais distinctos Officiaes, que havião combatido com a maior coragem pela salvação de Portugal na Guerra Peninsular — Em estas palavras pouco mais, ou menos foi concebida aquella resposta, que se imprimio em hum d'esses Folhetos do dia, que eu leio quando não tenho de que me entreter, e depois de lidos lhes dou o destino, que no meu conceito se merecem a maior parte desses Opusculos, em que a verdade apparece suffocada pelas paixões, e pelo rebuço. Todavia incerto me deixa esta resposta de se o Marechal fez aquella imputação á Officialidade do Exercito Portuguez para salvar huns poucos de conscriptos nas Lojas Maçonicas Inglezas, ou se na verdade erão muitos os Officiaes Maçons. Se attendo ao que o Exercito praticou no anno de 1820, esta segunda explicação parece mais certa; se olho ao movimento de conversão, que fez no anno de 1823, e a todos os que pratica debaixo do Commando do Augusto Soberano, que felizmente Rege, a primeira interpretação he mais suave. Para entender porem que era o que pertendião os Pedreiros em Portugal no anno de 1817, poderá servir a explicação, que os mesmos Pedreiros derão a esse movimento sub-

versivo, tumultuoso, revolucionario, e desorganizador de 1820, se elles seguirão o mesmo plano de 1817. Ao menos huma grande parte d'elles applaudio por Martyres da Patria os justiçados conspiradores do anno de 1817, e assim mesmo forão apregoados desde hum Pulpito por hum Orador, que devera ser Christão; mas a Cadeira do Evangelho tem sido muitas vezes occupada por Pedreiros, e assim he como a impiedade tem sido sanctificada na presença dos Fieis, que d'antes não estavão costumados a ouvir senão — adoração a Deos — obediencia ao Rei — submissão ás Authoridades, que administrão em nome do Rei. Mas os meus leitores não gostarão de tantas digressões: querem vêr tudo d'hum só golpe de vista, não sendo possivel na verdade abranger todas as maliciosas manobras do Maçonismo, sem que sejão seguidas de perto gradualmente, vendo-as na sua complicada, e embrulhada ramificação: porém eu lhes faço a vontade, e passo em silencio, ou como gato por brasa na noticia, que acaba de dar-me hum jornaliero da minha Aldêa, de que a Inglaterra, e a França fizerão entre si alliança offensiva, e defensiva contra a Russia. Homem, lhe disse eu, quem lhe dêo essa noticia? Foi, me respondêo elle, hum caixeiro do Porto, vendendo-me hum pouco de linho, que eu lhe comprei para a minha Maria fiar. Então lhe repliquei eu: Pois fie a sua Maria, e trabalhe vossa mercê com a sua enchada, e não lhe lembre a Inglaterra, nem a França, nem a Russia, que esses homens de lá não se lembrão dos de cá senão para tirar-lhes o dinheiro, ou trocar o seu linho, as suas chitas, e os seus pannos pelos vintens, que ganha a sua Maria fiando, e vossa mercê trabalhando: a Inglaterra, e a França tão depressa se fazem amigas, como inimigas: logo que á Inglaterra lhe não fizer conta essa amizade, troca-a immediatamente por polvora, e bala. Mas vejão os meus leitores a mania dos caixeiros do Porto em procurar saber essas noticias, e em passa-las para os Campos, tendo por este meio em inquietação a lavoura, e os lavradores. Na applicação de cada hum ás suas occupações, e aos mesteres da sua vida, deixando os negocios politicos ao cuidado do Governo, consiste huma parte da Defeza de Portugal. Basta.

Pois os Pedreiros de Portugal no anno de 1820, que esta era a materia que eu tinha entre mãos, disserão no seu alarmante, e encantador grito de 24 de Agosto dado no Campo de Santo Ovidio no Porto, e repetido successivamente por todo o Portugal, que pertendião que o Senhor Rei D. João 6.º regressasse do Brasil, e se fixasse em Lisboa, Metropole de todos os Dominios Portuguezes, e que ahi jurasse guardar, e guardasse aos Povos as suas regalias, fóros, e privilegios, para elle tambem ser jurado, e reconhecido Rei de Portugal; e por quanto ainda o não havia feito, para remediar tão grandes ma-

da maioria do Povo Portuguez, ou a amizade he huma quimera.

Como quer que isto seja, os Pedreiros de Portugal no anno de 1820, e 1821, fizerão o que quizerão, ou o que poderão: insultárão o Rei, zombárão da Nação, e dispuzerão dos seus cabedaes, como se fossem só d'elles. Disserão então que havião mandado hum milhão de cruzados aos Pedreiros da França para sublevarem os Povos daquelle Reino contra Luiz 18. — Este boato não carecèo de fundamento, porque lá se vio o General Briton insurgir-se contra o Governo de Luiz 18; e na verdade não sei com que pretexto, porque Tolerancia Civil, e Religiosa, e Constituição lá havia, e bem liberal; devia ser para acabar com Luiz 18, assim como acabárão com Luiz 16, e agora com Carlos 10. O certo he que em França começou o exterminio dos Bourbons; e na Italia, Hespanha, e Portugal devia consumar-se esta inaudita, cruel, e horrorosa empreza do Maçonismo. Mas eu não lancei mão da pena senão para a Defeza de Portugal, e esta consiste na firmissima adhesão aos Bourbons, sem intrometter-se, no que vai nos outros Paizes, onde as cousas vão, e vem, e andão em perpetuo movimento, em quanto Deos não dá descanço e paz ao mundo.

Devo pois dizer o como os Pedreiros de Portugal desempenhárão a sua palavra de convocar Côrtes; mas elles não guardão palavra; e assim mostrarei que elles não querião Rei, nem Côrtes, que he huma premissa para della tirar a consequencia de que não he possivel saber-se o que os Pedreiros pertendem; não pelas suas palavras, porque as não guardão, não pelas suas obras, porque se desmentem: repito, sempre estupidos, sempre velhacos, elles carecem de páo para serem ensinados, e para serem corregidos. Eu entrego o páo aos Povos para defenderem a Portugal de Pedreiros, e aparo a penna para a Defeza dos Povos, instruindo-os, e convencendo-os de que os Pedreiros só tratão de se enriquecer á custa dos mesmos Povos, o que hei de demonstrar no Numero seguinte.

Rebordosa 21 de Agosto de 1831.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1831.
Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL

N.º 4.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Que pertendião os Pedreiros de Portugal com a occasião da entrada da Esquadra Franceza no Tejo?

COMEÇO a escrever estas linhas ao romper do dia 24 de Agosto, dia em que a Santa Igreja Catholica de Roma, a unica verdadeira, celebra a festividade do glorioso Apostolo São Bartholomeu, e dia no qual, diz o adagio Portuguez, andão os diabos á solta. A outros pertence examinar a origem, principio, causa, e fundamento d'este adagio; mas para mim tenho, que elle se introduzio entre os Portuguezes depois das suas descobertas na India, onde padecêo o glorioso Apostolo morte tão cruel, que foi escoriado, ou esfollado vivo; ou já porque se diria que n'esse dia, em que o Santo foi martyrisado, andárão os diabos á solta; ou pelo inaudito, e original genero de castigo, que os Gentios inspirados do diabo fizerão no Santo, ou porque desde esse dia, morto o Santo, tornarão os diabos a dominar livremente aquelle Paiz, abandonando logo os seus habitantes a fé de Jesus Christo. Digo que será esta a origem do dito adagio, porque eu não me recordo haver lido que os Portuguezes tenhão tido no dia 24 de Agosto desgraça, ou infortunio tamanho, que os persuadisse a que nesse dia andavão os diabos á solta. Creio que isto he assim como digo, com respeito a todos os dias vigesimos quartos do mez de Agosto antes de vir ao mundo o dia 24 de Agosto do anno de 1820, porque n'este dia, e desde esse dia até outro tal, em que isto escrevo, tão á solta andarão, e andão os diabos, que nunca mais alguem os vio presos, e encadeados, não cessando de escoriar, ou de esfollar viva a Monarchia Portugueza, arrojando sobre ella todos os males, de que o Diabo he capaz, males de discordia, de pobreza, de rebellião, de incredulidade, e de morte, que outros males maiores não tem feito, nem podem fazer ao mundo todos os diabos do inferno juntos. Já sabem os meus leitores que, em fallando-se de diabos em Portugal, falla-se dos Pedreiros, que n'este seculo são synonimos na maldade, no engano, na traição, no embuste, no artificio, e na impostura; de maneira que já por estas Aldêas as mulheres quando se agastão, em vez de dizerem como d'an-

tes — arrenego-te diabo, — dizem — arrenego-te Pedreiro, — e dizem bem. Dizem os Pedreiros que ainda alguem não vio o diabo: mentem como sempre: toda a gente tem visto os diabos, porque toda a gente tem visto Pedreiros. E se não digão-me elles: como se pinta o diabo? Com cornos na cabeça, cara de cão, barbas de bode, orelhas de burro, barriga de lobo, e pernas de porco. Pois tal, e qual he hum Pedreiro; elle tem na cabeça a sua mitra triangular, ou tricorne: a sua cara, he verdade que humas vezes parece de cão, outras de gato, outras de macaco; mas tudo vem a ser a mesma cousa; nariz rombo, ou chato, se bem he verdade tenho visto muitos Pedreiros sem nariz, outros com nariz de papagaio, e outros com nariz de aguia; mas essa differença he pequena: tambem os tenho visto com focinho de porco, com focinho de sapo, e com focinho de lagarto: a respeito de orelhas, vi-os mui orelhudos, e tambem os vi desorelhados; tambem os vi com barriga de lobo esfaimado, e de loba inchada: em huma só cousa os vi uniformes, e he nas barbas de bode, e em terem todos unha nas palmas das mãos, e dos pés. Esta he a caricatura d'hum Pedreiro, e a pezar de todas estas differenças he a mesma caricatura do diabo; por maneira que se hum pintor, ou estatuario os não tiver observado, como eu que tenho visto, e conheço muito Pedreiro, se for rogado para delinear, esculpir, ou pintar hum Pedreiro, não tem mais que fazer senão vir á minha Aldêa, e n'ella achará o diabo debaixo dos pés do Archanjo São Miguel: pois ahi tem o modélo d'hum Pedreiro; e por mais differenças, e visagens que lhe ponha, elle sempre se parecerá com o mesmo diabo. Mas eu largo da mão este Retrato, que enfastiará os meus leitores, se bem eu não pude menos de tocar este quadro por incidencia considerando o dia, em que escrevo, no qual se completão onze annos que estes diabos principiárão andar á solta; e mesmo recordando-me, que hoje celebrão elles o anniversario de sua soltura, e do seu desenfreio, e desaforo por Estatuto recebido em todas as lojas de Portugal, e parece-me estar ouvindo as salvas de artilheria, que se fazem n'este dia na desgraçada Ilha Terceira, e os gritos de applauso, que retumbão por todas as cavernas Maçonicas d'este Reino.

Não me póde sahir da lembrança este malfadado dia 24 de Agosto de 1820, para n'elle derramar lagrimas de compaixão sobre a desgraça de Portugal, e sobre o engano, em que se deixárão cahir então os Portuguezes, promettendo-lhes aquelles malvados embusteiros a convocação dos tres Estados do Reino, ou das antigas Côrtes. E houve quem acreditasse a estes velhacos? Sim, houve; porque os Portuguezes amavão muito o seu Rei, e se lhes disse que os Tres Estados se ião a reunir, para determinar a ElRei ao seu regresso a Lisboa. Tanto pode em peitos verdadeiramente Portuguezes o desejo de verem o seu Rei, que facilmente acreditão, a quem lhes promette o veremno. Mas quem dêo a huns poucos de Coroneis á frente da Força armada a authoridade de convocar os tres Estados do Reino? Donde lhes veio, este poder, e missão a huns poucos de paisanos alucinados,

sem titulo, sem jerarquia, sem distincção para se constituirem em Governo da Nação, e convocarem-na, unirem-na, e representarem-na? Onde estava o alto Clero? Em hum Frade Lente do Pateo de Coimbra, e em hum Deão, a quem não havia authorisado nem o seu Bispo, nem o seu Cabido? E hum Frade e hum Clerigo podem representar o Clero de Portugal? Onde estava a Nobreza? Em dous, ou tres Lavradores do Douro, e em dous, ou tres Proprietarios do Porto, que devião a sua riqueza, e a sua tal qual distincção publica a huma duzia, ou duas de pipas de vinho que tiverão a fortuna de vender caro aos Inglezes? Onde estava o Povo Portuguez? Em tres, ou quatro caixeiros do Porto? Onde estava a Magistratura? Em hum filho d'hum pobre barqueiro, em outro d'hum tanoeiro, e em outro d'hum miseravel boticario? E era este o Governo de Portugal, a quem se acreditou, a quem se obedeceo, a quem se defendeo com o pretexto de convocar as antigas Côrtes!!! Em verdade que não houve no mundo Nação alguma mais vilipendiada, insultada, escarnecida, enxovalhada, e trahida do que o foi a Nação Portugueza no dia 24 de Agosto do anno de 1820. Eu direi por honra dos Portuguezes, que agora existem, que em esse dia, ou não havia Portuguezes, ou elles dormião na illusão, na credulidade, e na mais fatal cegueira. Porém o certo he que os Portuguezes não conhecião os Pedreiros, e só elles se conhecião huns aos outros; nem mesmo houve quem os advertisse, e prevenisse sobre as suas manobras, porque os que devião advertir, e prevenir o legitimo Governo de Portugal, ou erão complices da nefanda conspiração, ou erão ineptos para o Emprego, que exercião: de qualquer maneira que isto fosse, *elles* são réos de crime de alta maldade, porque huma Policia bem organizada, activa, e vigilante, animada de zelo pelo Rei, e pela Patria não pode escusar-se de não saber, ou de não estar ao facto das Revoluções, que se forjão contra o Rei, e contra a Patria. Eu não ando por este objecto como gato por brazas, porque não tenho medo dos Crocodillos, que já estão fóra do Tejo; sempre os conheci, ou nas Veigas, ou nas Mattas, e adverti em tempo a quem os evitou, quando julgou opportuno. Digo somente que no verão passado de 1830 viajei desde Lisboa até esta Aldêa, gastando tres semanas no caminho, e descanso, e alguem me não perguntou pelo passaporte; e assim como eu caminhei sem embaraço poderá caminhar o Revolucionario Saldanha, e caminhavão então livremente seus proselytos, e recrutadores da Revolução.

Todavia abandono o projecto de examinar a fatalidade, porque todos os Portuguezes passárão no anno de 1820, deixando-se illudir, e engrossando pelo seu silencio a Revolução, a favor d'huma duzia de abjectos, e sordidos Pedreiros, que com a sua promessa de convocação dos Tres Estados do Reino insubordinárão, indisciplinárão, e revoltárão a Força armada, para dar a Lei a Povos tranquillos, e pacificos. Largo o exame d'estas cousas, porque com aguas passadas não moem os moinhos. Todavia á vista d'este engano, com que foi

ludibriada toda huma Nação, arrastado todo o seu Exercito, e sevandijado o Nome Portuguez, d'antes respeitado nas quatro partes do Mundo, promettendo-se-lhe convocar os Tres Braços do Reino, para remediar as suas desgraças, melhorar a sua sorte, e trazer-lho o seu Rei; e ao depois convocando os que devião andar aos pés do Reino, pela maior parte Advogados, Medicos, e Boticarios, que jámais quizerão Rei, nem outra cousa, que augmentar as suas fortunas á custa das desgraças dos Povos; á vista d'este engano que fizerão a Portugal os Pedreiros convocantes, e os Pedreiros convocados, (eu não fallo dos Sabios, e Virtuosos Bispos, que não quizerão tomar assento em aquellas Côrtes, ou por baixas, ou por communs, ou porque não erão reunidas em nome do Rei, nem comprehendo no rol dos Pedreiros a todos os que se assentarão na Casa das Necessidades, pois que muitos o não erão então, nem o são agora, e até obtiverão o nome de sensatos pelo seu silencio, mas para mim tem o nome de ambiciosos, e de egoistas, porque não houve algum que não aceitasse de boa vontade a Excellencia, nem ainda algum restituio aquella moeda quotidiana, que roubou ao Estado) ávista d'este engano, repito, tendo observado que os Portuguezes, digo, huma boa parte dos Portuguezes, e do seu Exercito tem sido muitas mais vezes illudidos depois daquelle fatal dia 24 d'Agosto de 1820, e illudidos se perderão a si, e á Nação, como succedêo na Martinhada do mesmo anno, em que seus Auctores pertendião as duas Camaras, na Julhada de 1826, em que foi jurada huma vergonhosa Carta, e o nome do que a havia assignado, (fallo desse dia 31 de Julho bem parecido a outro tal dia do mesmo mez do anno de 1830, em que os Pedreiros de França, verificada a expulsão de Carlos X., depositarão a Soberania popular nas mãos de Luiz Filippe) e na Maiada de 1828, em que huma boa parte do Exercito arrastou por sua cegueira as ignominiosas Bandeiras da mais barbara rebellião, tenho, depois de todas estas observações, meditado longos dias, e compridas noites o como os Pedreiros poderão enganar novamente o Povo, e o Exercito Portuguez, para cometter mais outro perjurio, outra rebellião, e outra infamia. A muitos parece impossivel que os Portuguezes, depois de tantos enganos, e desenganos, tornem a ser enganados; e isto mesmo me quer parecer a mim. Mas tornando a considerar melhor: como ainda não tenho visto, nem espero vêr dos homens remedio algum ás nossas calamidades, e estas só possão ter o seu termo quando a Justiça Divina for satisfeita, a qual entendo que ainda o não está, pois não me parece natural tanta cegueira a despeito de tantos avisos, penso para mim que he possivel que os Portuguezes tornem a ser enganados, e conseguintemente desgraçados: se o não forem, como peço a Deos, então alguma cousa tenho adiantado na Defeza de Portugal.

Eu vou dizer como os Portuguezes podem outra vez ser enganados, e por esta maneira vou desempenhando brevemente o muito que prometti, e resolvendo o Problema proposto. Que pertendião os

Pedreiros de Portugal com occasião da chegada da Esquadra Franceza ao Tejo? Apenas em estas Aldêas se communicou a Ordem para se reunirem alguns Milicianos, e caminharem para o Porto na occasião de entrar a Esquadra Franceza no Tejo, perguntavão-se mutuamente estes Aldeãos huns aos outros: Para que irão as Milicias ao Porto? E respondêo hum delles, que entre elles passa como Doutor, homem que em outro tempo fora Furriel das mesmas Milicias, e que agora pela sua devassidão, e frequencia de tavernas anda descalço de pé, e perna, não tendo em que se caia morto, que d'esta libré são a maior parte dos Constitucionaes das Aldêas. — Vão para dar os Vivas ao Senhor Dom Pedro, que acaba de chegar do Brasil, porque os Francezes já levarão de Lisboa o Senhor Dom Miguel. — Ora eu não invento esta resposta: ella foi effectivamente dada por este toleirão, e malvado homem. Vejão os meus leitores que effeito podia produzir este ditinho nos animos dos Milicianos d'estas Aldêas, que são do districto de Pennafiel, se o Destacamento, que n'essa ocasião foi para o Porto, não fosse commandado immediatamente pelo Tenente Coronel José Maria de Vasconcellos, Fidalgo, e Proprietario decidido a sacrificar toda a sua fortuna pelo Throno nas Augustas Mãos do Senhor Dom Miguel. Este paisano pobre, calloteiro, e bebado tem no Porto hum irmão moço de huma estalagem, e tem huns sobrinhos aprendizes de caixeiros de bacalhão na mesma Cidade; lá o ouvio; assim o acreditou, e assim o pronunciou d'hum tom magistral no meio d'estes Povos. Eu vivo entre elles, que são do Concelho de Aguiar de Souza, e sem animo de injuriar a estes habitantes, a quem só devo beneficios, denuncio por este ás Authoridades Superiores, que apenas ha n'isto que chamão Minho, outro Concelho tão malhado como este, sendo todavia pacificos, tranquillos, e inimigos de turbulencias a maior parte dos Lavradores, e decididos Realistas as Authoridades, que commandão as Ordenanças, os Parochos, e as pessoas de lenço ao pescoço: mas ha hum, ou outro Clerigo de Larraga, huma boa porção de Almocreves, sardinheiros, taverneiros, e muitos farrapões, que já tiverão terras, que lavrar; e estes pelas suas frequentes caminhatas ao Porto, parentescos, e relações, que lá tem, demandas, e pendencias, que lá tractão, não communicando com pessoas distinctas d'aquella Cidade, senão com essa relé de caixeiros, ou de negociantes fallidos, que ha pouco tempo que vestem casaca, e que ha muito não tem outro dinheiro que o que devem; huns, e outros amigos de turbulencias para ganharem nas aguas envoltas, espalhão estas noticias, com as quaes, já que não intimidem aos verdadeiros conhecedores, aos outros, que são a maior parte, os desanimão, e os trazem inquietos, e vacillantes sobre a sua sorte e fortuna. Eu conheço que isto, que succede n'este Concelho, succede tambem em quasi todos os districtos rusticos de Portugal, como tenho observado nos muitos que decorri, onde os Constitucionaes, ou Revolucionarios são homens, que não valem hum caracol, e huma duzia de mulheres que por hum caracol dão o que

tem, e não he a honra que nunca tiverão; homens que não são de antiga linhagem, nem de boa raça, caloteiros, ociosos, trapalhões, acompanhando-os alguns Sacerdotes, que lerão o Larraga, e duas folhas da Borboleta, e nunca o Breviario, acrescendo mais alguns Frades, que depois que professárão, nunca mais virão o Convento, e prégão por ahi os Sermões, que lá furtárão, ou que por aqui lhes compõe alguns d'esses Letrados, que não tem Partes. Pois toda esta gentalha he a que deseja Revoluções, he a que n'ellas grita, porque he a que n'ellas ganha: porém assim mesmo despresivel como he esta corja, he o instrumento, de que se servem os Pedreiros para espalharem noticias aterradoras, para trazerem o Povo sempre inquieto, e para introduzirem o amor ás variações, e novidades. He esta canalha, a que faz sempre desordens, e desordens, que jámais se castigão, porque elles são os auctores, e as testemunhas, não tendo outras, de que se possão valer os Magistrados, para averiguar os crimes tanto sociaes, como politicos, porque os Lavradores são intimidados de assassinio por estes malvados; e as pessoas de casaca, ou as que se chamão pessoas nobres, tem por despreso jurar em causa crime, culpar a alguem, e indispor-se com os seus visinhos, e só se aprompão para tomar juramento, quando se trata de justificar a algum criminoso, dizendo que he proprio do homem de bem fazer bem a todos, sendo que não póde haver maior mal na Sociedade, que o não castigar os crimes; nem ha maior infamia para hum homem de bem, que ser alcoviteiro dos criminosos. Desenganem-se os Estrangeiros, que os Pedreiros de Portugal não tem cá outros sequazes nas pequenas Povoações, que esta canalha tal qual a pintei, e se pilhão algum homem de lenço ao pescoço para o seu partido he d'aquelles, a quem o Çapateiro, e o Alfaiate dão o tratamento de Senhoria na presença; e na ausencia dizem — O Pai daquelle foi o meu mestre, e a sua Mãi era a que me lavava as camizas. —

Eu fiz esta digressão, para a qual apenas chega o papel, e menos chegará a paciencia dos meus leitores, e ainda a não conclui. Há pouco mais d'hum anno, que moro n'este Concelho, e d'ahi a poucos mezes concebi os desejos, de que elle se unisse ao Julgado, e Comarca de Pennafiel, não só porque esta Cidade inspira aos seus rusticos os mais solidos sentimentos de Realeza, senão porque o Concelho lhe está mais proximo, do que para elle está a Cidade do Porto na distancia de quatro legoas, evitando-se assim o frequente trato destes Povos com a relé d'aquella Cidade, para onde tem de caminhar diariamente em razão das suas pendencias, e acções judiciarias, e por isso mesmo fazerem alli o seu Commercio, que com mais vantagem civil, e moral poderião fazer em Pennafiel. Se este pensamento fosse levado á presença do Augusto Rei, que nos rege, Elle o approvaria, em conhecendo a sua utilidade, porque este bom Rei nenhuma cousa deseja tanto como a felicidade dos seus vassallos. Pensar-se-ha que a canalha, de que acabo de fallar, não merecia tão longa digressão; mas eu pelo contrario entendo que a Policia não devia

perder de vista estes despresiveis instrumentos do Maçonismo, porque por elles se colhe o que elle premedita, e forja; pois que estes rusticos não sabem levantar de sua cabeça estas noticias, e ellas tem algum fim. Dir-se-me-ha que em Lisboa se sabe tudo; mas eu digo que nem tudo a tempo: a relé mais infame da Côrte sabe as noticias malhadas, antes que a Policia, que as poderia saber ao mesmo tempo, se lançasse mão dos meios, que despreza, e são de desprezar menos n'esta parte. Lá ha hum bom numero de casas da prostituição, onde entrão pela meia noite, pouco mais, ou menos os proselytos do Maçonismo, que andão á caça de novidades; ahi as publicão, ahi as festejão, e dahi as espalhão: lá se lêm as Folhas Inglezas, e Francezas, lá se vêm, e cantão os Hymnos Constitucionaes novamente compostos na Ilha Terceira, lá se traslada a Correspondencia, e mais papelada do ex-Conde de Villa Flôr, lá se soube, antes que o Governo o soubesse, do infeliz successo das Tropas Reaes no anno de 1829; lá finalmente entrão Pedreiros de alto lote, e de altos titulos. Já que essas Casas se tolerão para perdição da mocidade, e apodrecimento da senectude, saiba tirar-se d'ellas ao menos o partido de saber, o que tramão os Pedreiros; que a canalha rustica pode tornar-se util, dando-lhe que fazer; ahi estão essas estradas publicas, que he huma vergonha, e huma ruina; e como elles dizem que o Senhor Dom Pedro trouxe do Brazil milhões, e milhões, com que vem enriquecer os Povos de Portugal, vão-lhe aplainando as estradas, por onde elle ha de fazer a sua entrada, e trabalhem até que elle venha, que assim trabalharáõ toda a sua vida, não estarão ociosos, não fallaráõ tanto, e não inquietaráõ os Povos. Eis como na mesma digressão, sem querer, formei hum ponto de Defeza de Portugal: dar que fazer a esta cafila de rotos Constitucionaes, salteadores de estrada, roubadores de Igrejas, e amotinadores do Povo, que são os principaes instrumentos, de que nos Povos tem lançado mão para desmoralizar tudo, e para arruinar tudo essa vil Seita de Pedreiros Livres.

Havia eu meditado, como disse, muitas vezes, com que enganos poderião os Portuguezes ser novamente arrastados a huma Revolução, e jámais podia atinar o como. Regresso d'ElRei? Nós temos Rei, não carecemos de outro, nem queremos outro. Córtes? As baixas, as commuas, as das Necessidades, as de 1820, essas deixárão-nos sem ter que comer, porque o pouco, que antes d'ellas havia, foi pouco para elles. Camaras? Como forão d'alto, e baixo, á maneira de vôlvo, cheirão mal, enjoão, e até nos fazem seccar a pelle pelas pelles, que humas trouxerão, e pelas que as outras esfollárão. Commercio? He cousa que não ha em parte alguma, senão de petas, de traficancias, de maldades, e de roubos. Liberdade? Nós vivemos como queremos, estamos contentes, e nunca fomos tão livres como agora, que temos hum Rei á nossa vontade, que nos governa suavemente pelas Leis, com que viverão nossos Pais, e Avós. Senhora Dona Maria da Gloria? He mui menina; pode ser enganada, mas não enganar-nos; Nós nunca fomos governados por creanças, nem por

mulheres quando temos varão; ella carece de tutor, e nós temos Rei de maior idade, Nosso Tutor, Pai, e Amigo. Regencia? Quantas tivemos em nome de mulher, ainda que fosse de maior idade, sempre nos fizerão desejar Rei: por outra parte, Regencia de mariollas, quero dizer, d'esses bregeiros, que estão na Ilha Terceira, e d'outros que taes que desejão lá estar, e sem os que podiamos bem passar, só serve para governar pretos fôrros; e nós nunca fomos escravos. Eu não podia pois, de qualquer lado que me virasse, saber a maneira, porque os Portuguezes podem ser novamente enganados; pois que isso de guerra da parte dos Francezes, guerra da parte dos Inglezes, ataque dos da Ilha Terceira, (que tudo isto, e mais dizem, e não cessão de dizer os tolos) pareceo-me sempre historia da carochinha, porque os Portuguezes nunca forão conquistados á força, senão por traição. Digo que não podia saber a maneira, por que os Portuguezes podem ser novamente enganados, se o Senhor Dom Pedro não acabasse de chegar do Brasil, e os Pedreiros se não aproveitassem d'este successo, e d'esta noticia para tentar outra Revolução em Portugal. Direi pois o partido, que estes malvados pertendem tirar da chegada do Senhor D. Pedro á Europa, porque a isso me abrio caminho a resposta do farrapão d'estas Aldêas dizendo que os Milicianos ião ao Porto para dar Vivas ao Senhor D. Pedro; mas não pense alguem que eu fallé com menos delicadeza, e modestia do Augusto ex Imperador do Brasil: he hum Soberano; ainda que não he Portuguez, he irmão do Nosso Rei, filho d'hum Rei que teve as honras de Imperador do Brasil, e isto basta, e sobeja para que eu não deva, nem possa, nem queira faltar-lhe ao respeito: a Causa dos Pedreiros não he a do Senhor Dom Pedro, porque se o fosse não o arrojarião do Brasil: mas como os Pedreiros se servem d'este Nome para revolucionar Portugal, o que não podem conseguir senão enganando os Portuguezes, eu vou no seguinte Número desfazer-lhes esta meada, pôr-lhe a calva ao sol, e deitar-lhes por terra esse edificio de embustes, e de trapaças, que andão fabricando, para acabar de perder a Portugal.

Rebordosa 21 de Agosto de 1831.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1831.
Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL

N.° 5.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Que pertendião os Pedreiros de Portugal com occasião da chegada da Esquadra Franceza ao Tejo?

ESTA pergunta repetidas vezes posta na frente d'este Periodico já devia estar resolvida, dizem muitos; mas elles não reflectem, que eu tenho caminhado para ella sem descançar, e mais rapidamente do que eu mesmo me imaginara: acaso em este Numero a levará quasi ao seu fim, mas sem esquecer o principio estabelecido, de que os Pedreiros nem sabem o que dizem, nem sabem o que querem; e isto se demonstra com evidencia pelos seus ditos, e feitos: eu tenho insinuado alguns, que todos seria quasi impossivel, e esses mesmos com summa velocidade, porque o tempo me leva a outros pontos de mais urgencia, sem embargo de que espero recalcitrar sobre elles mais detidamente para segurar a Defeza de Portugal no seu principal baluarte, que he o conhecimento dos Pedreiros Livres. Mas que he o que elles querem fazer de Portugal pela chegada do Senhor Dom Pedro á Europa? Acaso o acclamaráõ Rei? E então a Senhora Dona Maria da Gloria? Ou pode ser Rei o Pai, e Rainha a Filha ao mesmo tempo? Dividirão elles a Magestade? Ou farão do Pai o Rei Honorario, e da Filha a Rainha Proprietaria? Daráõ talvez o Portugal ao Senhor Dom Pedro, e as Ilhas dos Açores, e Possessões da Asia, e da Africa á Senhora Dona Maria da Gloria; ou acaso estas áquelle em troco do Imperio do Brasil de donde elles mesmos, digo os Pedreiros, porque os de cá, e de lá são huma só e a mesma cousa, o arrojárão, expulsárão, e desadoptárão? Eu não sei, e aposto que nem elles o sabem. Em 1826, e 1827 ouvião-se no fim do Hymno Constitucional, já se sabe, de tarde, e depois de assoprados pelo abundantissimo espirito Bacchanal, os gritos de — Viva Dom Pedro 4.° — Viva Dona Maria Segunda — Ora entendão-se lá com homens tomados de vinho, e do diabo: Então he Pedro, ou Maria? Pedro he, respondião elles, Maria ha de ser. Eu tomo a primeira resposta: o Senhor Dom Pedro he: o que? Imperador do Brasil, e Rei de Portugal: He possivel? Nunca tal aconteceo na Monarchia Portugueza ser Rei de cá, e Imperador de lá. Mas lá será Imperador Proprietario, e cá será Rei Honorario: a isso respondião elles: he Proprietario em ambos os dous hemisferios: Não pode ser, lhes dizia eu; porque seu Pai foi Rei Proprietario de cá, e Imperador Honorario de lá, e o filho não he mais que o Pai — *non est filius supra patrem* — nem elle consentio a seu Pai ser Imperador Proprietario, e o mesmo Brasil assim o quiz; pois tambem Portugal não ha de consentir que o Filho seja de Portugal ma[is]

que Rei Honórario. Portugal não obra assim em Direito, continuavão argumentando-me os Pedreiros, porque o Senhor Dom Pedro he Proprietario dos dous Mundos. Apre ! Como ? — Proprietario de Portugal por herança, e Proprietario do Brasil por adopção — Com que o Senhor Dom Pedro, lhes dizia eu, não he Proprietario do Brasil por herança ? Pois quando elle perdeo, o que seu Pai havia por herança de seus Pais, e Avós ? Eu mesmo respondo, porque elles aqui emmudecião, e emmudecem : Quando elle tomou o Brasil a seu Pai ; pois então perdeo elle tambem a heranca de Portugal ; porque a Monarchia Portugueza he indivisivel, e huma so, não admitte partilhas, nem sortes, nem divisão alguma : eu provo esta Proposição pelos mesmos principios Constitucionaes ; pois combater os Pedreiros por outras doutrinas, que não sejão as suas, he tempo perdido : eu não sou tão fraco, que não possa desbarata-los com as suas proprias armas. Vejão os meus leitores esse ridiculo Folheto que chamão — Constituição Politica da Monarchia Portugueza decretada em 1822 — Mas ninguem pense que esse Folheto he Constituição ; he hum Livrinho, ou Promptuario de Definições copiadas, e mal copiadas pelos chamados sabios Representantes da Nação Portugueza, do Digesto Romano, de Puffendorfio, de Vinnio, e de outros Jurisperitos mais ou menos classicos, e não todos Catholicos, que eu li em Latim na idade de quatorze annos, e que punha em linguagem melhor que esses tolleirões das Necessidades, dos quaes a maior parte não sabião, ou mui mal a lingua Latina ; e poucos a Portugueza : Vejão pois lá esse monumento das ignorancias do Seculo 19 : e ahi no Titulo 2.° Cap. unico acharão essa Proposição, que levou hum mez para ser redigida, trabalhando n'isso com pés e mãos o assombro das Sciencias Pedreiraes ; já sabem que fallo no filho do Boticario, ou Compositor de emplastros, que sabia o mesmo que seu Pai — *o quid pro quo* em todas as materias, no Secretario da Commissão da Constituição — Leião lá : A Nação Portugueza he a união de todos os Portuguezes de ambos os hemisferios : o seu territorio comprehende na Europa .... na America .... na Africa .... na Asia. Agora a consequencia : logo a Nação Portugueza he indivisivel na Europa, na America, na Africa, e na Asia : esta consequencia forma a seguinte Proposição : o Senhor Dom Pedro tomou para si huma parte da Nação Portugueza ; logo perdeo o direito, ou a herança da outra, que não tomou ; ou mais formalmente perdeo o direito ás duas, porque dividio a Nação Portugueza. Mas, replicão os Pedreiros, não se pode negar que o Senhor Dom Pedro he Proprietario do Brasil por adopção, pois que o mesmo Soberano, seu Pai, da Nação Portugueza, reconheceo esta adopção, ou a escolha, que do Senhor Dom Pedro fez o Brasil para seu Imperador : digo que o Senhor Dom João Sexto, segundo os mesmos principios Constitucionaes, (vejão os meus leitores o Titulo 4.° artigo 124, paragrafo 5.° d'essa bregeira Constituição) não podia alinear porção alguma do territorio Portuguez. Ora bem sei que aquelle saudoso, e amavel Monarcha não alienou o Brasil, senão que o Brasil foi roubado á Nação Portugueza. Instarão ainda os Pedreiros — O Senhor Dom João 6.° não a alienou, abdicou o Brasil, e por isso tomou delle o titulo de Imperador Honorario : ora agora leião os Pedreiros o que elles mesmos escrevêrão — O Rei não pode abdicar a Corôa — Dirão outros : nem alienou, nem abdicou ; reconheceo a independencia Brasileira, ou a Soberania do Brasil : ora a Proposição he a mesma ; mas esta he feita pela voz passiva. Direi pois : o Senhor Dom João 6.° foi [illegible]mente coacto a reconhecer a Soberania popular, que he o principio destructor de todas as Sociedades, e de todas as Mo-

narchias, e principio banido pelas Nações, que formão a Santa Alliança. Repliquem-me ainda os Pedreiros: o Senhor Dom João 6.° não reconheceo a Soberania popular, reconheceo sim a seu Filho Imperador do Brasil: agora attendão os meus Leitores: esta vil canalha de Pedreiros, ou Constitucionaes não tem cinco réis de Logica, nem de instrução alguma: tudo he hum jogo de palavras, e de trocadilhos, em quanto o pensamento he hum mesmo, e a idéa huma só, e vem a ser, fazer descer do Throno a todos os Soberanos. Ou o Brasil escolhesse ao Senhor Dom Pedro para seu Soberano, ou escolhesse a outro qualquer, a Soberania he popular, porque nenhum Paiz póde eleger-se Rei, tendo-o: ora o Brasil tinha Soberano, que era o Senhor Dom João Sexto; logo não podia eleger-se outro. Mas antes porfiar com hum jumento, que disputar com Pedreiros, que tem menos juizo, e menos discurso que hum burro. Elles insistem em que o Senhor Dom Pedro he Imperador Proprietario do Brasil por adopção! Adopção de Pedreiros, de escravos, de Brasileiros, que são mais perfidos que os Judeos! Fóra. Brava adopção! Pois agora já o Povo do Brasil adoptou outro Soberano: E o Senhor Dom Pedro? Fóra! Está desadoptado. Cedo verão os meus Leitores hum terceiro Soberano adoptivo no Brasil; e se o for o probo Cidadão Andrade, não se admirem, porque aos macacos tudo serve. Fiem-se lá em adopções populares! Exemplos havia dado de sobejo a Grecia na antiguidade; mas o mundo não aprende: foi necessario que o Brasil desse mais esta lição, e praza a Deos que ella aproveite a todos os Soberanos. Eu fui muito longe com este argumento da Soberania do Senhor Dom Pedro no Brasil, que foi a que lhe perdeo a Soberania em Portugal, assim Proprietaria, como Honoraria, que huma, e outra sim lhe concederão cá, e lá os Pedreiros, até o verem arrojado totalmente, e privado de toda a Dignidade, não por outra razão que por ser Filho de hum Soberano: pareceo-me porém esta extensão necessaria para aclarar ainda certas duvidas, com que se pertende allucinar huma pequenissima parte do Povo Portuguez, e para continuar melhor o argumento principal do partido, que os Pedreiros pertendem tirar da sua chegada á Europa. Eu não quero por ora forçar muito o argumento, de que o Senhor Dom Pedro não pode ser Rei de Portugal pelo facto de estar fóra de Portugal, não só depois do fallecimento de seu Augusto Pai, como antes d'elle fallecer, contravindo á disposição segunda do Artigo 125, do Titulo 4.° Capitulo 1.° da dita Constituição feita pelos Pedreiros no anno de 1822, pela qual contravenção » *se entenderá que renuncia o direito de suceder na mesma Corôa* » palavras que elles escrevêrão, já com o fim de d'esde esse mesmo tempo excluir de reinar em Portugal o mesmo que agora acclamão Rei; nem me aproveito do disposto no Artigo 126 do mesmo Capitulo, e Titulo, por o Senhor Dom Pedro não haver prestado o juramento, que alli se Decreta, nem da disposição do Capitulo 3.° Artigo 133, e 135 por o mesmo Senhor haver abandonado o Titulo de Principe Real, sendo ainda vivo seu Pai, o por não ter sido reconhecido, na vida d'elle, herdeiro presumptivo da Corôa, nem haver prestado aquelle juramento alli determinado. Mas de que eu não posso deixar de utilizar-me, he dos Artigos 143, e 144 do Capitulo 4.° prescrevendo-se no primeiro, que — » Nenhum estrangeiro poderá succeder na Corôa do Reino Unido » — e no segundo, que — » Se o herdeiro da Corôa Portugueza succeder em Corôa estrangeira, ou se o herdeiro d'esta suceder naquella .... preferirá qual quizer; e optando a estrangeira, se entenderá que renuncia a Portugueza. » — To- [illegible], que tomárão a seu cargo demonstrar, como com effeito ev-

dentemente demonstrarão, que o Throno de Portugal pertence ao Senhor Dom Miguel, ou elles sejão estrangeiros, ou naturaes do Reino, tomarão os seus argumentos das Côrtes de Lamego, das de Coimbra, das de Lisboa; da Historia Portugueza, e dos factos praticados, e das letras escriptas pelo Senhor Dom Pedro; e por todos elles deduzirão que o Senhor Dom Pedro he estrangeiro, e que por estrangeiro perdeo os Direitos da Primogenitura. Esta demonstração tem tanta evidencia como huma demonstração Mathematica, e eu a fiz em Escriptos particulares, que não poderão vêr a luz publica, no anno de 1826, e apresentei mais por extenso no anno de 1827: os fundamentos, e principios d'esta demonstração servirão para abrir os olhos ao Povo Portuguez, que estava illudido com o titulo apparatoso da Primogenitura; e para fazer conhecer ás Nações, que derão hum passo inconsiderado, e precipitado no Reconhecimento do Senhor Dom Pedro em Rei de Portugal, e dos Algarves: mas os Pedreiros expenderão á sua vez os seus argumentos, e os retorquirão de tal maneira que embrulharão a Questão, e difficultarão o seu desenlace ás Nações Estrangeiras. Donde vem este enrredo, que traz inquietos os Gabinetes da Europa, e que os não pode persuadir de que o Senhor Dom Pedro nascido em Portugal, e de Pais Portuguezes não seja Portuguez? Ha para isto as suas causas. 1.ª A cabala dos Pedreiros, e a influencia dos principios liberaes: 2.ª Porque a Diplomacia estrangeira não reconhece os principios Portuguezes, he a dizer, o Direito Publico de Portugal proveniente das antigas Côrtes do Reino. E he por estas razões que eu não lanço mão d'estes principios, por não serem reconhecidos pelos Gabinetes, e faço toda a força nas disposições da Constituição de 1822, não porque ella esteja reconhecida Diplomaticamente, mas porque as idéas liberaes vogão por toda a parte, e he necessario mostrar por ellas mesmas, que o Senhor Dom Pedro não pode ser Rei de Portugal: assim com as mesmas armas dos Pedreiros debellarei os Pedreiros, e farei ver a todo o mundo, que os Pedreiros de Portugal são a escoria de todos os Pedreiros do mundo pelas suas ignorancias, e pelas suas inconsequencias.

Argumento pois a todos os Liberaes do mundo, e os desafio a que respondão a estas perguntas: Quem he o herdeiro da Coroa Portugueza? Respondem elles: o Senhor Dom Pedro. Conceda-se-lhes, para assentar em principios. Qual he a Corôa Portugueza? He o Reino de Portugal, e Algarve, dizem todos os Gabinetes. Bem: E o Brasil he Corôa Portugueza? Não: he Corôa Brasileira, e huma não he outra, dizem a maior parte dos Gabinetes. Seja assim, já que assim se reconhecêo este principio destructor de Portugal, e do Brasil. E o herdeiro da Corôa Portugueza he herdeiro da Corôa Brasileira? Não, respondem todos. Como pois o Senhor Dom Pedro chegou a succeder na Corôa Brasileira? Por adopção, que delle fez a Nação Brasileira, confessão os Gabinetes, e diz o mesmo Senhor Dom Pedro. Eu não expendo agora factos particulares, nem quero retorquir argumentos, razões, motivos, e principios: desenvolvo somente principios Diplomaticos do Seculo 19.°: bons ou máos elles assim passão nos Gabinetes actuaes. São compossiveis, ou podem accumular-se a Corôa Brasileira com a Coroa Portugueza? Não, responde tambem a maior parte dos Gabinetes. Equando o herdeiro de huma Corôa succede em outra, não por herança, mas por adopção, em que elle consente, preferindo a Corôa adoptada á herdada, por não poder accumular-se huma com outra, tem, ou conserva algum direito á Corôa, de que he herdeiro? Queirão, ou não queirão os Liberaes, hão de responder, mesmo emmudecendo; Não; porque não pode accumular huma

com outra, porque preferio qual quiz, e porque »optando a estrangeira, diz o citado artigo 144, e estrangeira he a Corôa Brasileira na Diplomacia adoptada, se entenderá que renuncia a Portugueza.» Esta disposição fizerão os Liberaes visivelmente para excluir o Senhor Dom Pedro da Corôa Portugueza; pois já a esse tempo, quando ella se decretou, que foi em Setembro de 1822, estallara a independencia Brasileira: elles accrescentárão o Artigo com estas palavras » Esta disposição se entende tambem com o Rei, que succeder em Corôa estrangeira» para excluirem o Senhor Dom João 6.° do Throno de Portugal, se o Brasil o adoptasse, e elle o preferisse a viver em este Reino coroado de insultos, de afflições, e de improperios. Mas eu volto ao argumento, e note-se que fallo do Senhor Dom Pedro não como Rei de Portugal, que não era quando succedeo na Corôa Brasileira, mas como herdeiro, que era da Corôa Portugueza quando succedeo no Brasil por adopção, em que elle consentio, preferindo qual quiz, com a obrigação de não accumular huma com outra. Logo por todos os principios liberaes, e pelos principios Diplomaticos, o Senhor Dom Pedro renunciou a Corôa Portugueza no momento, em que succedeo na Corôa Brasileira, e desde esse momento perdeo todo o direito, que havia como herdeiro da Corôa Portugueza: digo que perdeo todo o direito á Corôa de Portugal, porque não pode huma Corôa accumular-se com outra, e porque preferio por sua livre vontade o Brasil a Portugal. Estes principios são communs, são recebidos por todos, são finalmente Diplomaticos, porque as Nações reconhecerão o Senhor Dom Pedro Imperador do Brasil, e não o reconhecerão por herança, senão por adopção; foi pois reconhecido successor na Corôa Brasileira; foi reconhecida a preferencia, que elle lhe deo; foi reconhecida a incompatibilidade de accumular huma Corôa com outra; foi conseguintemente reconhecido que o Senhor Dom Pedro renunciou a Corôa Portugueza no acto de succeder na Corôa Brasileira. Estes não são principios do Direito Publico de Portugal: são principios do Direito Publico Europeo, estabelecidos, adoptados, e sanccionados pela Diplomacia do Seculo: a mesma Diplomacia pois deve reconhecer, estando pelos seus principios, que o Senhor Dom Pedro não pode ser Rei de Portugal, porque quando era herdeiro da Corôa Portugueza succedeo em outra Corôa estrangeira, que acceitou porque quiz, preferindo esta á herdada, e não podendo accumular-se huma com outra. He pois Portaguez o Senhor Dom Pedro, porque nasceo em Portugal: foi herdeiro presumptivo da Corôa Portugueza, porque ficou sendo o primogenito de Reis Portuguezes por morte d'outro Irmão mais velho; não seja pois estrangeiro, como querem os liberaes; seja Primogenito, porque he o varão mais velho que sobreviveo a seu Pai: mas não póde ser Rei de Portugal, porque ao tempo, em que falleceo seu Pai, já succedera em Corôa estrangeira, que nunca pode accumular-se com a Corôa de Portugal; e escolhendo, e optando aquella por sua livre vontade, a preferio a reinar em Portugal, e fazendo esta preferencia renunciou a Corôa Portugueza, ou em termos mais claros perdeo todo o direito, que tinha como herdeiro da Corôa de Portugal, he a dizer, como Portuguez, e como Primogenito de Reis Portuguezes. Eu creio que os Pedreiros nada tenhão a replicar a esta consequencia clara, e immediatamente deduzida dos principios por elles mesmos estabelecidos, e adoptados na Diplomacia: assim o quizerão, assim o tenhão. Mas eu lhes ouço ainda dizer que o Senhor Dom Pedro não accumula huma Monarchia com outra, porque elle abdicou a Corôa Portugueza em sua filha a Senhora Dona Maria da Gloria, e por isso

A Senhora Dona Maria ha de ser: O que? lhes perguntava eu. Futura Rainha de Portugal, ou Rainha Reinante. Ora não póde haver expressão mais grosseira que a de Rainha Reinante, nem ella se póde entender, sem que os Pedreiros a expliquem nos dous encontrados Vivas, hum ao Senhor Dom Pedro Quarto, Rei não reinante, outro á Senhora Dona Maria, Rainha Reinante. Por isso em Portugal esta canalha de estupidos, e malvados formárão Batalhões de Voluntarios d'ElRei Dom Pedro, e Voluntarios da Rainha Dona Maria, porque ainda não sabião os Pedreiros se sería Rei Dom Pedro, se Rainha Dona Maria, em quanto as Leis, Alvarás, Provisões, Cartas, Moedas, Titulos, Embaixadores, Conselheiros, Empregados, tudo, tudo se despachava em nome d'ElRei Dom Pedro, e nada, nada era feito em nome da Rainha Dona Maria, e Rainha Reinante, até que o Senhor Dom Pedro pôz a Menina nas mãos d'estes abjectos homens, porque desde então principiárão elles a despachar, ou a exterminar tudo em nome da Rainha Reinante, fazendo a sua Côrte, e a Métropole de Portugal na Cidade d'Angra, estando a Menina em terras não Portuguezas. Advirto de passagem que, quando fallo de Batalhões de Voluntarios de Dom Pedro, e de Dona Maria, não se persuadão os Estrangeiros que estes Batalhões tinhão a força de 100, ou de 200 Soldados: dez Officiaes, cinco Sargentos, hum Furriel, hum Anspeçada, hum Cabo, hum Tambor, e hum Corneta, formavão hum Batalhão: Soldados nenhuns: todos erão empregados, e não tinhão emprego algum: hum era tanoeiro, e não podia viver da tanoagem; outro era estalajadeiro, e não tinha que, nem a quem dar de comer; outro era caixeiro, e não havia que vender na loja; outro era alfaiate, outro çapateiro, outro era ensamblador, e já havião vendido as tisouras, as agulhas, as sovelas, as ferramentas, e todos os mais aproches da sua Alta Dignidade: lá havia entre elles algum Boticario mais esfomeado que todos elles, porque não pagava ao Droguista as muitas arrobas de azougue que vendêra fiado a essa cohorte de lazarentos: pois todos esses numerosissimos Batalhões devoravão mais pão, e carne que Heliogabalo; arrombavão as Igrejas, e roubavão as casas; huns em nome do Rei não Reinante, outros em nome da Rainha Reinante. Esta he huma verdade, mas não ha tempo que chegue para dizer todas as verdades: bom será que o haja para descobrir as mais principaes, e fazer vêr ao Povo Portuguez que os Constitucionaes são o symbolo da maldade, da ignorancia, e da estupidez. Vou pois a examinar os Direitos da Rainha Reinante pelos mesmos principios Constitucionaes, que são os unicos admittidos por esses fabricantes de Reis pequeninos, pois Grande, ou Reinante não querem elles algum.

A Senhora Dona Maria da Gloria não póde ser Rainha de Portugal. Esta proposição he facil de expender, tendo-se demonstrado que seu Pai, herdeiro da Corôa Portugueza, perdeo todo o Direito, que o seu Nascimento, e Primogenitura lhe déra a ser Rei de Portugal, por ter succedido em Corôa estrangeira, e a ter preferido á Corôa Portugueza, sendo ainda vivo seu Pai, o Rei de Portugal. Porém eis que, ao tempo de traçar estas linhas em demonstração, de que a Senhora Dona Maria da Gloria não póde ser Rainha de Portugal, ainda mesmo que seu Pai tivesse alguns Direitos á Corôa Portugueza, entra hum Almocreve pelas portas da casa, em que habito, e me diz — Fuja, homem de Deos, porque o Regimento 4.° de Infanteria levantou o grito em Lisboa, e acclamou o Senhor Dom Pedro: Oh! homem dos diabos, ou Almocreve das pêtas, lhe disse eu: não tem outra cousa, em que negociar senão em estas noticias, que trazem este Povo inquieto, e alvoro-

çado? — Assim o acabo de ouvir em huma Estalagem no Porto. — Pois as noticias do Senhor Dom Pedro são noticias de estalagem? — Os Soldados, Sargentos, e varios Officiaes de Infanteria 4.°, quando estiverão no Porto, entravão frequentemente em estas casas, comião, e bebião até se embriagarem, e tinhão sempre dinheiro para isto, e para outras cousas mais, que bem se entendem. — O Regimento 4.° acclamou, jurou, e reconheceo livre, e espontaneamente o Nosso Adorabilissimo Rei, e Senhor Dom Miguel Primeiro. — Havia nas suas fileiras Officiaes malhados, e malhadissimos. — Mas tambem havia muitos Officiaes de caracter. — Descuidárão-se, e o Regimento fez o levante de noite: matou alguns d'esses Officiaes honrados, e dêo os Vivas ao Senhor Dom Pedro. — Foi obra do vinho! E o Nosso Rei vive? — O Regimento foi esfrangalhado pelos outros Regimentos, e dizem que temos muitas mortes, porque aos Soldados mortos, feridos, e presos se lhes achárão varias moedas, e depois dizem que não ha dinheiro. — Pois ahi tem vossa mercê hum vintem para hum quartilho, pela esperança que me dá de que agora se hão de descobrir os que tem, e dão dinheiro para embebedar o Soldado, e para o revoltar, e mais cousas se viráõ a saber, que são necessarias cheguem ao conhecimento do Nosso Rei, se o dinheiro, ou a maldade lhas não occultar, porque he tempo de separar dos seus Cargos, e Empregos a alguns, de quem não ha muita confiança, porque nunca a merecêrão: já ha muito que se rosnava mal d'alguns individuos do dito Regimento, rosna-se ainda d'alguns d'outros Regimentos, e tambem se rosna, e muito de muitos Empregados Civís de toda a classe.

Com effeito, eu não sei que tem o muito vinho, que logo dá para cantar o Hymno Constitucional, e para berrar, ou pelo Senhor Dom Pedro, ou pela Senhora Dona Maria da Gloria; e tenho observado que só se canta de noite, e só se berra de noite. Eis para onde se encaminhão as furias de Baccho! Todo o Portuguez, ou Soldado, ou Paisano, ou Secular, ou Ecclesiastico, ou Nobre, ou Plebêo, ou da classe maior, ou da menor, que tem huma vida sobria, e bem morigerada, que evita os excessos em tudo, que foge da devassidão, e do crime, que ama a paz, e a honra, não se lembra huma só vez do Senhor Dom Pedro, e da Senhora Dona Maria da Gloria, senão como d'huns Principes, que forão Portuguezes, e agora são estrangeiros por sua livre escolha, e opção, Principes por quem a razão de serem parentes dos Nossos Reis faz derramar lagrimas sobre as desgraças a que os reduzírão os Pedreiros, e move os desejos de os vêr muito felizes lá n'essa Corôa, e Imperio, que o Pai adoptou para si, para seus filhos, e para os filhos de seus filhos. Mas lembrar-se hum só instante de que esses mesmos Principes venhão a reinar em hum Paiz, que rejeitárão, que desmembrárão, e que separárão de si para nunca poder ser accumulado hum com outro, esta lembrança não entra jámais na cabeça d'hum Portuguez, que présa o nome de Portuguez, e de Portuguez sério, sobrio, sensato, honrado, constante, comedido, e bem educado.

Tenho observado que aos Soldados depois de terem resado o Terço, presididos pelos Officiaes inferiores, e algumas vezes pelos Superiores, naturalmente se lhes move a lingua para se encommendarem ao Anjo da sua Guarda, e ao Gloriosissimo Archanjo São Miguel, Chefe dos Exercitos de Deos, Defensor da Sancta Igreja, Amparo, e Protector de Portugal: assim elles, no fim da sua reza, feita com pausa, e com devoção, dizem com huma voz firme, e forte, que nasce do coração, e d'hum coração Christão, e Portuguez — Viva o Nosso Rei o Senhor Dom Miguel Primeiro. Depois d'esta

voz, como se fosse a voz do descanço, da paz, e da alegria, se recolhem mui contentes, satisfeitos, e alegres como humas *Paschoas*. Por outra parte tenho observado que aos outros Soldados, máos Christãos, relaxados, e de huma vida perdida, e estragada, de quem seus Officiaes fazem alcoviteiros das suas mancebas, ou moços de recado para lhes trazerem o vinho, ou o liquôr, embriagados huma, e mais vezes á custa do que furtão, ou do que se lhes dá, se lhes move a lingua balbuciente, e tumulenta para cantarem o Hymno Constitucional, e para dizerem em arrotos furiosos, nojentos, e provocativos — Viva o Senhor Dom Pedro, ou a Senhora Dona Maria. Vejão os meus leitores para onde dá a devassidão, a embriaguez, e a maldade, para berrarem pela Constituição, e pelo Senhor Dom Pedro, de maneira que a embriaguez, e a Constituição estão identificadas, ou amassada, e accumulada huma com outra. Não haja no Exercito hum Soldado bebado por officio, nem hum Official deboxado por systema, e não haverá mais no Exercito hum, que alevante as cristas pela Constituição, ou pelo Senhor Dom Pedro. Christianisar as Tropas, e o Povo, eis hum ponto forte da Defeza de Portugal. Bella occasião era esta para descobrir, o que os Pedreiros pertendem fazer de Portugal com o pretexto da chegada do Senhor Dom Pedro á Europa: não pense alguem que elles o queirão fazer Rei de Portugal; não: elles, hum anno passado, o porião fóra da ultima linha do actual territorio Portuguez, assim como o arrojárão os de lá da ultima linha do territorio Brasileiro. Mas eu, e o tempo descobriremos esta nova pertenção Pedreiral. Maldito Almocreve que com a sua noticia da rebellião, ou da embriaguez dos Soldados do Regimento 4.º me obrigou a largar da mão o fio da Senhora Dona Maria da Gloria: mas eu o tomo no immediato Número, e vou apertar pouco, porque he mui podre o fio dos seus Direitos, depois que lhos torcêo seu Pai lá no Brasil.

Rebordosa 1.º de Setembro de 1831.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: Na Impressão Regia. Anno 1831.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 6.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

A Senhora D. Maria da Gloria, Filha do Senhor D. Pedro, Imperador do Brasil, não póde ser Rainha de Portugal.

Se o Senhor D. Pedro, pelo facto de ter succedido em Corôa Estrangeira, renunciou a Corôa Portugueza, e perdeo todos os direitos, que a ella havia como seu herdeiro, por ter preferido aquella, e não poder accumular huma com outra, o que tenho demonstrado até á evidencia pelos mesmos principios liberaes, e pelo actual Direito Publico da Europa, pois pelo Direito Publico de Portugal está sobejamente provado que a Corôa Portugueza pertence ao Senhor D. Miguel; tambem por esses mesmos principios liberaes, e por esse actual Direito Publico da Europa resulta que nenhum dos Filhos, ou Descendentes do Senhor D. Pedro póde reinar em Portugal; porque não póde alguem traspassar a outro direitos, que perdeo, ou a que renunciou em tempo, em que não podia dispôr delles. Quando o Senhor D. Pedro succedeo na Corôa Brasileira, momento em que deixou de ser herdeiro da Corôa Portugueza, ainda não podia dispôr desta, porque era ainda vivo seu Augusto Pai, o Senhor D. João VI, Rei de Portugal; e os Filhos não podem dispôr da herança, que hão de haver de seus Pais, sendo seus Pais vivos, salvo se os Pais lha tem traspassado em vida, ou em vida lhes tem dado essa faculdade, e poder: mas he certo que o Senhor D. João VI não traspassou em sua vida ao Senhor D. Pedro a Corôa Portugueza, nem em vida lhe dêo faculdade, e poder de dispor della. Este argumento parece invencivel para sustentar a Proposição estabelecida; pois que se o Senhor D. João VI sobrevivesse ao Senhor D. Pedro, ou em termos mais claros, se o Filho Imperador do Brasil morresse antes que o Pai Rei de Portugal, este não sería herdeiro daquelle; pois que o Filho, pelo Artigo 2.º do Tractado de Paz, e Alliança entre Portugal, e o Brasil, apenas, em reconhecimento de respeito, e amor a seu Augusto Pai, o Senhor D. João VI, annue a que Sua Magestade Fidelissima tome para a sua Pessoa o Titulo de Imperador; foi este Tractado feito aos 29 dias do mez de Agosto do anno de 1825, entre o Pai Rei de Portugal, e o Filho Imperador do Brasil, para segurar, diz a letra, a existencia politica, e os destinos futuros de Portugal, assim como os do Brasil: logo a existencia politica, e os destinos futuros das duas Corôas se segurarão, em que o Pai não fosse já-

mais Imperador do Brasil, e em que o Filho não fosse jámais Rei de Portugal; tanto assim, que o Pai pelo Artigo 1.° do dito Tractado reconhece a seu Filho por Imperador do Brasil na cathegoria de Imperio independente, e separado dos Reinos de Portugal, e Algarves, o que deve convencer a todos, a não terem perdido o senso commum, que o Filho, e seus Legitimos Successores forão separados dos Reinos de Portugal, e dos Algarves por seu mesmo Pai, o Senhor D. João VI, no acto de ceder-lhes, e transferir-lhes a Soberania do Brasil, do qual Imperio o dito Pai tomou o Titulo sómente para a sua Pessoa, no que o Filho consentio por si, e por seus Legitimos Successores.

Mas eu devo reforçar-me com este Tractado, que forma hoje o Direito Publico da Europa, pois que a Diplomacia reconheceo ao Senhor D. Pedro Imperador, separado dos Reinos de Portugal, e Algarves, e ao Senhor D. João VI Rei de Portugal, e Algarves, separado do Imperio do Brasil; e assim forão reconhecidos os Legitimos Successores do Filho, e conseguintemente os do Pai. Que o Senhor D. Pedro, e seus Legitimos Successores, Soberanos do Brasil, forão separados dos Reinos de Portugal, e Algarves, he tão claro, como o Brasil haver sido separado dos mesmos Reinos de Portugal, e Algarves; assim como separarem-se do Brasil os Reinos de Portugal, e Algarves foi o mesmo que ficar separado do Brasil o Senhor D. João VI, e seus Legitimos Successores; e se esta verdade não he clara, tambem não he clara a luz do meio dia. Pois como póde separar-se, por exemplo, da Inglaterra a Irlanda, sem que o Soberano da Inglaterra seja separado de ser Rei da Irlanda? Bem sei que os Liberaes não concebem a Nação personificada no seu Soberano; mas a idea de Soberano, e a de Soberania não se podem desligar; as duas são necessariamente connexas, e inseparaveis; apenas huma abstracção chimerica as póde conceber em separado, e esta abstracção não tem por fundamento senão a distincção, que se faz da Pessoa do Soberano ao mesmo Soberano; porém o certo he que fallando-se, por exemplo, no Rei Portuguez, falla-se da Nação Portugueza; e fallando-se do Imperador Brasileiro, falla-se da Nação Brasileira. Se o Senhor D. João VI ficou separado de ser Imperador do Brasil, e isto confessão os Liberaes, e não só o Senhor D. João VI, mas tambem todos os seus Successores Reis de Portugal, e Algarves; como o Senhor D. Pedro não ficou separado de ser Rei de Portugal, e Algarves, e não só o Senhor D. Pedro, mas tambem os seus Legitimos Successores, aos que o Senhor D. João VI cedeo, e transferio a Soberania do Brasil? Ou foi aquelle Tractado, pelo qual se segurárão os futuros destinos de Portugal, e os do Brasil, o Tractado, que privou a Portugal de ter Reis Portuguezes! O Tractado, que ligou os destinos de Portugal á Familia Brasileira! O Tractado, que escravisou Portugal ao Brasil! O Tractado, que desherdou de Portugal, e do Brasil a todos os outros Filhos do Senhor D. João VI, e aos Filhos de seus Filhos, salvo o Senhor D. Pedro, e seus Filhos, e Netos! O Tractado, que obrigou a Nação Portugueza a ir buscar hum Rei á Nação Brasileira! E he assim como Portugal ficou independente, e separado do Brasil, não podendo ter hum Rei, que não seja do

Brasil! Que novo genero he este de escravidão, de usurpação, e de tyrannia? Quiz Napoleão exercer sobre a Nação Portugueza maior arbitrariedade, e despotismo? Que he dos Portuguezes, que então não quizerão hum Soberano Francez, e agora querem hum Soberano Brasileiro? Pois Portugal não póde ter hum Soberano, sem que lho empreste a Nação Brasileira! Barbara degradação Portugueza! Horrenda abjecção, e vileza! Eu não pensei jámais que houvesse hum homem, nascido em Portugal, que fosse ao Brasil pedir, já não digo hum menino para Rei, mas huma menina para Rainha, e huma menina, que ainda não tem uso da razão! Grosseiras baixezas, em que o Maçonismo abysmou a dignidade, o caracter, a honra, e o brio dos Portuguezes! Assim he como os Pedreiros desherdárão toda a Familia Real de Portugal!

Eu vou fazer patente esta desherdação, feita pelos Constitucionaes, em prejuizo do Senhor D. MIGUEL, e de todas as suas Augustas Irmãs, para que todos os que prezão o nome de Portuguezes se encolerisem cada vez mais, e mais contra esses malvados, que não cessão de perturbar a tranquillidade pública, e de conspirar contra a prosperidade de Portugal. He evidente por todos os principios do Direito Publico, assim antigo, como moderno, e mesmo pelos principios Constitucionaes, que a Successão á Corôa Portugueza pertence aos Legitimos Descendentes do Senhor D. João VI, preferindo sempre a linha anterior ás posteriores; na mesma linha, o gráo mais proximo ao mais remoto; no mesmo gráo, o sexo masculino ao feminino; no mesmo sexo, a pessoa mais velha á mais moça. He tambem evidente, pelos mesmos principios, que huma vez radicada a Successão em huma linha, em quanto esta durar não entra a immediata. Ora a Successão na Corôa Brasileira está radicada no Senhor D. Pedro, e tão sómente nelle, e nos seus Filhos, e Filhas, e nos que destes descenderem: logo os outros Filhos, e Filhas do Senhor D. João VI estão desherdados do Brasil, pois que nelle não podem succeder, não só em quanto durar a linha do Senhor D. Pedro, mas mesmo depois de extincta; porque o Brasil, separado dos Reinos de Portugal, e Algarves, não adoptou da Dynastia de Bragança senão ao Senhor D. Pedro, e aos seus Filhos, e aos Filhos dos seus Filhos. Ora a Successão na Corôa Portugueza tambem está radicada, na hypothese dos Pedreiros, na linha do Senhor D. Pedro, e em seus Filhos, que, segundo os mesmos Pedreiros, são os herdeiros presumptivos desta Corôa; tanto assim que, fallecendo elles antes de haverem nella succedido, os Filhos destes preferem por direito de representação aos Tios, com quem concorrerem: logo os outros Filhos do Senhor D. João VI estão, pelos principios dos Pedreiros, desherdados da Corôa Portugueza, na qual não podem jámais succeder, até se extinguirem todas as linhas dos Descendentes do Senhor D. Pedro, e ainda assim mesmo se fossem chamados, entendendo os Pedreiros que o seu chamamento convinha ao seu bem. Ora eu não sei como possa haver Portuguez, que, ponderando isto bem, se não enfureça de desespero contra os Constitucionaes, que por esta forma quizerão, e querem privar de reinar em Portugal ao Senhor D. MIGUEL, e

ás suas virtuosas Irmãs, Filhos que ficárão do Senhor D. João VI!! Quem haverá que tal soffra, que, se fallecesse sem legitima Successão a Senhora D. Maria da Gloria, Rainha de Portugal na hypothese dos Pedreiros, tivesse de fazer-se huma jornada ao Brasil, e dizer-se ao Senhor D. Pedro: = Senhor, faça favor de pôr outra Rainha em Portugal, que a outra já morreo; = e se morresse a segunda: = Senhor, ponha cá outra!!! = Pois tudo isto nestes casos devia assim acontecer, segundo os principios Constitucionaes, e segundo o Direito Publico da Europa destes annos, huma vez que o Senhor D. Pedro he reconhecido Rei de Portugal, e reconhecido nelle o Direito de abdicar em quem bem lhe parecer; pois que por hum Pai ter abdicado huma vez em hum Filho, não se segue que, morto este, não possa abdicar em outro, antes bem reassume o Direito de abdicar novamente; e quando não tivesse em quem abdicar, toma outra vez para si a herança, que havia abdicado. Eis as monstruosidades, que se seguem dos principios Constitucionaes, e que adoptão todos aquelles, que reconhecem ao Senhor D. Pedro Rei de Portugal, e Algarves.

Mas, dizem os Pedreiros, o Senhor D. Pedro abdicou. Bem: se abdicou, no momento antes de abdicar, e no momento da abdicação, accumulou huma com outra Corôa, e tornou a unir, e a fazer dependente huma da outra a duas Nações, que ficárão para sempre separadas, e independentes: he isto mesmo o que elle não póde fazer por virtude dos principios, que hoje formão o Direito Publico da Europa, a respeito de Portugal, e do Brasil; logo a Senhora D. Maria da Gloria não póde ser Rainha de Portugal pela nullidade da abdicação. Eu quero suppor momentaneamente com os Pedreiros que o Senhor D. Pedro seja Rei de Portugal, e ao mesmo tempo Imperador do Brasil: digo pois que nem nessa mesma hypothese póde abdicar; e o provo: Primeiramente, porque hum Soberano qualquer não póde abdicar sem consentimento da Nação, em que reina, ou dos Grandes Conselhos, e Corporações, que representão a Nação, e esta foi sempre, e he a praxe de todos os Soberanos: ora a Nação Portugueza, nem seus legitimos Representantes, não pedírão ao Senhor D. Pedro que abdicasse, nem consentírão na sua abdicação. Segundo, porque ou o Senhor D. Pedro abdicou por sua incapacidade perpetua de reinar em Portugal, ou tinha capacidade para reinar: se o primeiro, elle devia abdicar em pessoa capaz de reinar a contentamento da Nação; e porque o não fez assim, não só a abdicação he nulla, mas perdeo o direito de abdicar: se o segundo, a Nação póde dizer que não consente na abdicação, porque o Rei foi feito para os Povos. Terceiro, porque o Senhor D. Pedro alterou a ordem regular da successão á Corôa Portugueza, abdicando-a em huma Filha, quando, a poder abdicar, era obrigado a preferir entre os seus Legitimos Descendentes o sexo masculino ao feminino. Quarto, porque o Senhor D. Pedro, se he Rei de Portugal, ou herdeiro da Corôa Portugueza, o he como Primogenito; e então, ou o seu Primogenito he tambem herdeiro presumptivo da mesma Corôa, ou he por seu Pai despojado desta herança; e em qualquer dos casos vem a restabelecer-se a guerra, e discordia entre Portu-

com outra, porque preferio qual quiz, e porque »optando a estrangeira, diz o citado artigo 144, e estrangeira he a Corôa Brasileira na Diplomacia adoptada, se entenderá que renuncia a Portugueza.» Esta disposição fizerão os Liberaes visivelmente para excluir o Senhor Dom Pedro da Corôa Portugueza; pois já a esse tempo, quando ella se decretou, que foi em Setembro de 1822, estallara a independencia Brasileira: elles accrescentárão o Artigo com estas palavras »Esta disposição se entende tambem com o Rei, que succeder em Corôa estrangeira» para excluirem o Senhor Dom João 6.° do Throno de Portugal, se o Brasil o adoptasse, e elle o preferisse a viver em este Reino coroado de insultos, de afflições, e de improperios. Mas eu volto ao argumento, e note-se que fallo do Senhor Dom Pedro não como Rei de Portugal, que não era quando succedeo na Corôa Brasileira, mas como herdeiro, que era da Corôa Portugueza quando succedeo no Brasil por adopção, em que elle consentio, preferindo qual quiz, com a obrigação de não accumular huma com outra. Logo por todos os principios liberaes, e pelos principios Diplomaticos, o Senhor Dom Pedro renunciou a Corôa Portugueza no momento, em que succedeo na Corôa Brasileira, e desde esse momento perdeo todo o direito, que havia como herdeiro da Corôa Portugueza: digo que perdeo todo o direito á Corôa de Portugal, porque não pode huma Corôa accumular-se com outra, e porque preferio por sua livre vontade o Brasil a Portugal. Estes principios são communs, são recebidos por todos, são finalmente Diplomaticos, porque as Nações reconhecerão o Senhor Dom Pedro Imperador do Brasil, e não o reconhecerão por herança, senão por adopção; foi pois reconhecido successor na Corôa Brasileira; foi reconhecida a preferencia, que elle lhe deo; foi reconhecida a incompatibilidade de accumular huma Corôa com outra; foi conseguintemente reconhecido que o Senhor Dom Pedro renunciou a Corôa Portugueza no acto de succeder na Corôa Brasileira. Estes não são principios do Direito Publico de Portugal: são principios do Direito Publico Europeo, estabelecidos, adoptados, e sanccionados pela Diplomacia do Seculo: a mesma Diplomacia pois deve reconhecer, estando pelos seus principios, que o Senhor Dom Pedro não pode ser Rei de Portugal, porque quando era herdeiro da Corôa Portugueza succedeo em outra Corôa estrangeira, que acceitou porque quiz, preferindo esta á herdada, e não podendo accumular-se huma com outra. He pois Portuguez o Senhor Dom Pedro, porque nasceo em Portugal: foi herdeiro presumptivo da Corôa Portugueza, porque ficou sendo o primogenito de Reis Portuguezes por morte d'outro Irmão mais velho; não seja pois estrangeiro, como querem os liberaes; seja Primogenito, porque he o varão mais velho que sobreviveo a seu Pai: mas não póde ser Rei de Portugal, porque ao tempo, em que falleceo seu Pai, já succedera em Corôa estrangeira, que nunca pode accumular-se com a Corôa de Portugal; e escolhendo, e optando aquella por sua livre vontade, a preferio a reinar em Portugal, e fazendo esta preferencia renunciou a Corôa Portugueza, ou em termos mais claros perdeo todo o direito, que tinha como herd[illegible] da Corôa de Portugal, he a dizer, como Portuguez, e como Prim[illegible] [illegible]is Portuguezes. Eu creio que os Pedreiros nada tenhão a replic[illegible] quencia clara, e immediatamente deduzida dos principios [illegible] estabelecidos, e adoptados na Diplomacia: assim o quizer[illegible] nhão. Mas eu lhes ouço ainda dizer que o Senhor Dom Ped[illegible] la huma Monarchia com outra, porque elle abdicou a Coro[illegible] em sua filha a Senhora Dona Maria da Gloria, e por isso [illegible]

A Senhora Dona Maria ha de ser: O que? lhes perguntava eu. Futura Rainha de Portugal, ou Rainha Reinante. Ora não póde haver expressão mais grosseira que a de Rainha Reinante, nem ella se póde entender, sem que os Pedreiros a expliquem nos dous encontrados Vivas, hum ao Senhor Dom Pedro Quarto, Rei não reinante, outro á Senhora Dona Maria, Rainha Reinante. Por isso em Portugal esta canalha de estupidos, e malvados formárão Batalhões de Voluntarios d'ElRei Dom Pedro, e Voluntarios da Rainha Dona Maria, porque ainda não sabião os Pedreiros se sería Rei Dom Pedro, se Rainha Dona Maria, em quanto as Leis, Alvarás, Provisões, Cartas, Moedas, Titulos, Embaixadores, Conselheiros, Empregados, tudo, tudo se despachava em nome d'ElRei Dom Pedro, e nada, nada era feito em nome da Rainha Dona Maria, e Rainha Reinante, até que o Senhor Dom Pedro pôz a Menina nas mãos d'estes abjectos homens, porque desde então principiárão elles a despachar, ou a exterminar tudo em nome da Rainha Reinante, fazendo a sua Côrte, e a Métropole de Portugal na Cidade d'Angra, estando a Menina em terras não Portuguezas. Advirto de passagem que, quando fallo de Batalhões de Voluntarios de Dom Pedro, e de Dona Maria, não se persuadão os Estrangeiros que estes Batalhões tinhão a força de 100, ou de 200 Soldados: dez Officiaes, cinco Sargentos, hum Furriel, hum Anspeçada, hum Cabo, hum Tambor, e hum Corneta, formavão hum Batalhão: Soldados nenhuns: todos erão empregados, e não tinhão emprego algum: hum era tanoeiro, e não podia viver da tanoagem; outro era estalajadeiro, e não tinha que, nem a quem dar de comer; outro era caixeiro, e não havia que vender na loja; outro era alfaiate, outro çapateiro, outro era ensamblador, e já havião vendido as tisouras, as agulhas, as sovelas, as ferramentas, e todos os mais aproches da sua Alta Dignidade: lá havia entre elles algum Boticario mais esfomeado que todos elles, porque não pagava ao Droguista as muitas arrobas de azougue que vendêra fiado a essa cohorte de lazarentos: pois todos esses numerosissimos Batalhões devoravão mais pão, e carne que Heliogabalo; arrombavão as Igrejas e roubavão as casas; huns em nome do Rei não Reinante, outros em nome da Rainha Reinante. Esta he huma verdade, mas não ha tempo que chegue para dizer todas as verdades: bom será que o haja para descobrir as mais principaes, e fazer vêr ao Povo Portuguez que os Constitucionaes são o symbolo da maldade, da ignorancia e da estupidez. Vou pois a examinar os Direitos da Rainha Reinante pelos mesmos principios Constitucionaes, que são os unicos admittidos por esses fabricantes de Reis pequeninos, pois Grande ou Reinante não querem elles algum.

A Senhora Dona Maria da Gloria não póde ser Rainha de Portugal. Esta proposição he facil de expender, tendo-se demonstrado que seu Pai, herdeiro da Corôa Portugueza, perdeo todo o Direito, que o seu Nascimento, e Primogenitura lhe déra a ser Rei de Portugal, por ter succedido em Corôa estrangeira, e a ter preferido á Corôa Portugueza, sendo ainda vivo seu Pai, o Rei de Portugal. Porém eis que, ao tempo de traçar estas linhas em demonstração, de que a Senhora Dona Maria da Gloria não póde ser Rainha de Portugal, [illegible] mesmo que seu Pai tivesse alguns Direitos á Corôa Portugueza, [illegible] mocreve pelas portas da casa, em que habito, e me diz — [illegible] Deos, porque o Regimento 4.° de Infanteria levantou o [illegible] acclamou o Senhor Dom Pedro: Oh! homem dos diabos [illegible], lhe disse eu: não tem outra cousa, em que negoc[illegible] noticias, que trazem este Povo inquieto, e alvero-

ado? — Assim o acabo de ouvir em huma Estalagem no Porto. — Pois as oticias do Senhor Dom Pedro são noticias de estalagem? — Os Soldados, argentos, e varios Officiaes de Infanteria 4.°, quando estiverão no Porto, ntravão frequentemente em estas casas, comião, e bebião até se embriagaem, e tinhão sempre dinheiro para isto, e para outras cousas mais, que bem entendem. — O Regimento 4.° acclamou, jurou, e reconheceo livre, e espontaneamente o Nosso Adorabilissimo Rei, e Senhor Dom Miguel Primeio. — Havia nas suas fileiras Officiaes malhados, e malhadissimos. — Mas ambem havia muitos Officiaes de caracter. — Descuidárão-se, e o Regimeno fez o levante de noite: matou alguns d'esses Officiaes honrados, e dêo os Vivas ao Senhor Dom Pedro. — Foi obra do vinho! E o Nosso Rei vive? — O Regimento foi esfrangalhado pelos outros Regimentos, e dizem que temos muitas mortes, porque aos Soldados mortos, feridos, e presos se lhes acháão varias moedas, e depois dizem que não ha dinheiro. — Pois ahi tem vosa mercê hum vintem para hum quartilho, pela esperança que me dá de que gora se hão de descobrir os que tem, e dão dinheiro para embebedar o Soldado, e para o revoltar, e mais cousas se viráõ a saber, que são necessarias cheguem ao conhecimento do Nosso Rei, se o dinheiro, ou a maldade lhas não occultar, porque he tempo de separar dos seus Cargos, e Empregos a lguns, de quem não ha muita confiança, porque nunca a merecêrão: já ha muito que se rosnava mal d'alguns individuos do dito Regimento, rosna-se ainda d'alguns d'outros Regimentos, e tambem se rosna, e muito de muitos Empregados Civís de toda a classe.

Com effeito, eu não sei que tem o muito vinho, que logo dá para cantar o Hymno Constitucional, e para berrar, ou pelo Senhor Dom Pedro, ou pela Senhora Dona Maria da Gloria; e tenho observado que só se canta de noite, e só se berra de noite. Eis para onde se encaminhão as furias de Baccho! Todo o Portuguez, ou Soldado, ou Paisano, ou Secular, ou Ecclesiastico, ou Nobre, ou Plebêo, ou da classe maior, ou da menor, que tem huma vida sobria, e bem morigerada, que evita os excessos em tudo, que foge da devassidão, e do crime, que ama a paz, e a honra, não se lembra huma só vez do Senhor Dom Pedro, e da Senhora Dona Maria da Gloria, senão como d'huns Principes, que forão Portuguezes, e agora são estrangeiros por sua livre escolha, e opção, Principes por quem a razão de serem parentes dos Nossos Reis faz derramar lagrimas sobre as desgraças a que os reduzírão os Pedreiros, e move os desejos de os vêr muito felizes lá n'essa Corôa, e Imperio, que o Pai adoptou para si, para seus filhos, e para os filhos de seus filhos. Mas lembrar-se hum só instante de que esses mesmos Principes venhão a reinar em hum Paiz, que rejeitárão, que desmembrárão, e que separárão de si para nunca poder ser accumulado hum com outro, esta lembrança não entra jámais na cabeça d'hum Portuguez, que présa o nome de Portuguez, e de Portuguez sério, sobrio, sensato, honrado, constante, comedido, e bem educado.

Tenho observado que aos Soldados depois de terem resado o Terço, presididos pelos Officiaes inferiores, e algumas vezes pelos Superi[illegible] mente se lhes move a lingua para se encommendarem ao Anj[illegible] da, e ao Gloriosissimo Archanjo São Miguel, Chefe dos Ex[illegible] Defensor da Sancta Igreja, Amparo, e Protector de Portuga[illegible] no fim da sua reza, feita com pausa, e com devoção, dizem [illegible] firme, e forte, que nasce do coração, e d'hum coração Christ[illegible] guez — Viva o Nosso Rei o Senhor Dom Miguel Primeiro. De[illegible]

voz, como se fosse a voz do descanço, da paz, e da alegria, se recolhem mui contentes, satisfeitos, e alegres como humas *Paschoas*. Por outra parte tenho observado que aos outros Soldados, máos Christãos, relaxados, e de huma vida perdida, e estragada, de quem seus Officiaes fazem alcoviteiros das suas mancebas, ou moços de recado para lhes trazerem o vinho, ou o liquôr, embriagados huma, e mais vezes á custa do que furtão, ou do que se lhes dá, se lhes move a lingua balbuciente, e tumulenta para cantarem o Hymno Constitucional, e para dizerem em arrotos furiosos, nojentos, e provocativos — Viva o Senhor Dom Pedro, ou a Senhora Dona Maria. Vejão os meus leitores para onde dá a devassidão, a embriaguez, e a maldade, para berrarem pela Constituição, e pelo Senhor Dom Pedro, de maneira que a embriaguez, e a Constituição estão identificadas, ou amassada, e accumulada huma com outra. Não haja no Exercito hum Soldado bebado por officio, nem hum Official deboxado por systema, e não haverá mais no Exercito hum, que alevante as cristas pela Constituição, ou pelo Senhor Dom Pedro. Christianisar as Tropas, e o Povo, eis hum ponto forte da Defeza de Portugal. Bella occasião era esta para descobrir, o que os Pedreiros pertendem fazer de Portugal com o pretexto da chegada do Senhor Dom Pedro á Europa: não pense alguem que elles o queirão fazer Rei de Portugal; não: elles, hum anno passado, o porião fóra da ultima linha do actual territorio Portuguez, assim como o arrojárão os de lá da ultima linha do territorio Brasileiro. Mas eu, e o tempo descobriremos esta nova pertenção Pedreiral. Maldito Almocreve que com a sua noticia da rebellião, ou da embriaguez dos Soldados do Regimento 4.º me obrigou a largar da mão o fio da Senhora Dona Maria da Gloria: mas eu o tomo no immediato Número, e vou apertar pouco, porque he mui podre o fio dos seus Direitos, depois que lhos torcêo seu Pai lá no Brasil.

Rebordosa 1.º de Setembro de 1831.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1831.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.° 6.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

A Senhora D. Maria da Gloria, Filha do Senhor D. Pedro, Imperador do Brasil, não póde ser Rainha de Portugal.

SE o Senhor D. Pedro, pelo facto de ter succedido em Corôa Estrangeira, renunciou a Corôa Portugueza, e perdeo todos os direitos, que a ella havia como seu herdeiro, por ter preferido aquella, e não poder accumular huma com outra, o que tenho demonstrado até á evidencia pelos mesmos principios liberaes, e pelo actual Direito Publico da Europa, pois pelo Direito Publico de Portugal está sobejamente provado que a Corôa Portugueza pertence ao Senhor D. MIGUEL; tambem por esses mesmos principios liberaes, e por esse actual Direito Publico da Europa resulta que nenhum dos Filhos, ou Descendentes do Senhor D. Pedro póde reinar em Portugal; porque não póde alguem traspassar a outro direitos, que perdeo, ou a que renunciou em tempo, em que não podia dispôr delles. Quando o Senhor D. Pedro succedeo na Corôa Brasileira, momento em que deixou de ser herdeiro da Corôa Portugueza, ainda não podia dispôr desta, porque era ainda vivo seu Augusto Pai, o Senhor D. João VI, Rei de Portugal; e os Filhos não podem dispôr da herança, que hão de haver de seus Pais, sendo seus Pais vivos, salvo se os Pais lha tem traspassado em vida, ou em vida lhes tem dado essa faculdade, e poder: mas he certo que o Senhor D. João VI não traspassou em sua vida ao Senhor D. Pedro a Corôa Portugueza, nem em vida lhe dêo faculdade, e poder de dispor della. Este argumento parece invencivel para sustentar a Proposição estabelecida; pois que se o Senhor D. João VI sobrevivesse ao Senhor D. Pedro, ou em termos mais claros, se o Filho Imperador do Brasil morresse antes que o Pai Rei de Portugal, este não sería herdeiro daquelle; pois que o Filho, pelo Artigo 2.° do Tractado de Paz, e Alliança entre Portugal, e o Brasil, apenas, em reconhecimento de respeito, e amor a seu Augusto Pai, o Senhor D. João VI, annue a que Sua Magestade Fidelissima tome para a sua Pessoa o Titulo de Imperador; foi este Tractado feito aos 29 dias do mez de Agosto do anno de 18[illegible] entre o Pai Rei de Portugal, e o Filho Imperador do Brasil, [illegible] gurar, diz a letra, a existencia politica, e os destinos futuro[illegible] tugal, assim como os do Brasil: logo a existencia politica, e [illegible] nos futuros das duas Corôas se segurarão, em que o Pai não

mais Imperador do Brasil, e em que o Filho não fosse jamais Rei de Portugal; tanto assim, que o Pai pelo Artigo 1.º do dito Tractado reconhece a seu Filho por Imperador do Brasil na cathegoria de Imperio independente, e separado dos Reinos de Portugal, e Algarves, o que deve convencer a todos, a não terem perdido o senso commum, que o Filho, e seus Legitimos Successores forão separados dos Reinos de Portugal, e dos Algarves por seu mesmo Pai, o Senhor D. João VI, no acto de ceder-lhes, e transferir-lhes a Soberania do Brasil, do qual Imperio o dito Pai tomou o Titulo sómente para a sua Pessoa, no que o Filho consentio por si, e por seus Legitimos Successores.

Mas eu devo reforçar-me com este Tractado, que forma hoje o Direito Publico da Europa, pois que a Diplomacia reconheceo ao Senhor D. Pedro Imperador, separado dos Reinos de Portugal, e Algarves, e ao Senhor D. João VI Rei de Portugal, e Algarves, separado do Imperio do Brasil; e assim forão reconhecidos os Legitimos Successores do Filho, e conseguintemente os do Pai. Que o Senhor D. Pedro, e seus Legitimos Successores, Soberanos do Brasil, forão separados dos Reinos de Portugal, e Algarves, he tão claro, como o Brasil haver sido separado dos mesmos Reinos de Portugal, e Algarves; assim como separarem-se do Brasil os Reinos de Portugal, e Algarves foi o mesmo que ficar separado do Brasil o Senhor D. João VI, e seus Legitimos Successores; e se esta verdade não he clara, tambem não he clara a luz do meio dia. Pois como póde separar-se, por exemplo, da Inglaterra a Irlanda, sem que o Soberano da Inglaterra seja separado de ser Rei da Irlanda? Bem sei que os Liberaes não concebem a Nação personificada no seu Soberano; mas a idea de Soberano, e a de Soberania não se podem desligar; as duas são necessariamente connexas, e inseparaveis; apenas huma abstracção chimerica as póde conceber em separado, e esta abstracção não tem por fundamento senão a distincção, que se faz da Pessoa do Soberano ao mesmo Soberano; porém o certo he que fallando-se, por exemplo, no Rei Portuguez, falla-se da Nação Portugueza; e fallando-se do Imperador Brasileiro, falla-se da Nação Brasileira. Se o Senhor D. João VI ficou separado de ser Imperador do Brasil, e isto confessão os Liberaes, e não só o Senhor D. João VI, mas tambem todos os seus Successores Reis de Portugal, e Algarves; como o Senhor D. Pedro não ficou separado de ser Rei de Portugal, e Algarves, e não só o Senhor D. Pedro, mas tambem os seus Legitimos Successores, aos que o Senhor D. João VI cedeo, e transferio a Soberania do Brasil? Ou foi aquelle Tractado, pelo qual se segurárão os futuros destinos de Portugal, e os do Brasil, o Tractado, que privou a Portugal de ter Reis Portuguezes! O Tractado, que ligou os destinos de Portugal á Familia Brasileira! O Tractado, que escravisou Portugal ao Brasil! O Tractado, que desherdou de Portugal, e do Brasil a todos os outros Filhos do Senhor D. João VI, e aos [illegible] seus Filhos, salvo o Senhor D. Pedro, e seus Filhos, e Ne[illegible]ctado, que obrigou a Nação Portugueza a ir buscar hum [illegible] Brasileira! E he assim como Portugal ficou independen[illegible] do Brasil, não podendo ter hum Rei, que não seja de

gal, e o Brasil, ficando sempre mal seguros os destinos futuros d'huma, e d'outra Nação, que he o que se quiz evitar no celebre Tractado de Paz, e Alliança entre o Rei de Portugal, e o Imperador do Brasil. Quinto, porque a Senhora D. Maria da Gloria, sendo coacta por seu Pai a acceitar a transferencia, e cessão da Corôa Portugueza, ficava por isso mesmo despojada da Corôa Brasileira, de que he Herdeira, e Legitima Successora; e como seu Pai, Imperador do Brasil, a não póde desherdar daquella Corôa, ella, digo, a Menina, no caso de morrer o Menino seu Irmão sem Successão, reassumiria seus Direitos á Corôa Brasileira, que em Direito se lhe não podem negar; e sendo, na hypothese dos Constitucionaes, Rainha de Portugal, viria accumular huma com outra Nação, e conseguintemente a renovar a guerra, e discordia entre Nação, e Nação, a perturbar a prosperidade das duas, e a fazer perigosos seus destinos futuros. Sexto, e no sexto fazem pé os Constitucionaes, porque a Senhora D. Maria da Gloria não póde ser Rainha Reinante de Portugal em quanto não cumprir certa idade, e se não preencherem certas condições; e por isso mesmo vem o Senhor D. Pedro a ser o Rei Reinante Perpetuo de Portugal, accumulando huma com outra Corôa, fazendo huma dependente da outra, amalgamando os destinos das duas, e servindo-se de cada huma para escravisar a outra. E depois de tudo isto ainda ha Portuguezes, que possão persuadir-se de que a Senhora D. Maria da Gloria póde ser Rainha de Portugal? Eu não acredito que possa haver nascido em Portugal, e que pertença a Portugal alguem, que não olhe com mofa, zombaria, e escarneo para hum Rei, que diz que o não quer ser, e reina, e para huma Rainha, que diz que o he, e não reina. Outro mais modesto, ou moderado dirá que o Rei Abdicante, e Reinante, e a Rainha Abdicada, e não Reinante, devem ser olhados com olhos de compaixão, e de misericordia, porque os Pedreiros os mettêrão nestas desgraças, e nestas poucas vergonhas. Mas eu olho para Portugal, e as lagrimas correm, considerando que a toda a Familia Real de Portugal foi roubado o Brasil, e agora lhe querem roubar Portugal. Respeito muito ao Senhor D. Pedro, e a toda a sua Legitima, e Augusta Familia, porque descende dos Reis de Portugal, e porque he Soberano d'huma Nação; mas na qualidade, ou cathegoria de Rei de Portugal eu o não amo, eu lhe não obedeço; nem amo, nem obedeço á Senhora D. Maria da Gloria, porque elle abdicando, e ella acceitando, mesmo pueril, e innocentemente, a Abdicação, renovão a guerra, a discordia, e o odio entre Povos irmãos, fazem a ruina geral, a desgraça, a pobreza, a miseria, a consumpção de Portugal, e do Brasil.

Escrevendo estas linhas, com tal enthusiasmo de coração, e de cabeça me achava eu, que pensando, ou esquecendo-me de que alguem poderia presentir-me, gritei, como fóra de mim, por estas palavras: = D. Pedro Rei de Portugal! Fóra Brasileiros! D. Maria da Gloria Rainha de Portugal! Fóra Pedreiros! = E eis que ouço huma voz medonha, e espantosa, que diz: = Este homem está doudo: ha de elle ser Rei, e ella ha de ser Rainha, ou por geito, ou por força. = Corro em seguimento de quem fallava, mas não vejo alguem: acho sómente, in-

do para aquella parte, onde parecia soar a voz, hum papel em letra desfigurada, no qual pude vêr certos emblemas maçonicos, como erão hum triangulo, hum compasso, hum punhal, hum bosque, e nelle hum homem, e junto delle huma menina; já se entende, tudo isto pintado, e a tudo isto seguia a seguinte legenda: = Convém ter a Portugal sempre inquieto até o cançar, e desesperar. Serão os Povos inspirados de sentimentos de compaixão pela desgraça do Senhor D. Pedro, e da Menina, arrojados do Brasil: dir-se-lhes-ha que, quando elles estavão no Brasil, não fizerão mal em acclamar Rei o Segundo Filho do Senhor D. João VI; mas que agora, estando o primeiro desimpedido, deve outra vez tomar o lugar, que lhe pertence, e conseguintemente reinar; mostrar-se-lhes-ha que isto lhes convem, porque he o meio de fazer prosperar o Commercio entre Portugal, e o Brasil. Assegurar-se-ha a todos a conservação dos seus Empregos, e o melhoramento nelles, em nome do Senhor D. Pedro: prometter-se-ha baixa aos Soldados de todas as Linhas, que a pertenderem, e reforma a todos os Officiaes, que não quizerem servir: dar-se-ha hum Posto de accesso a todos os que prestarem maiores serviços ao Senhor D. Pedro; serão para isto convidados os Officiaes de maior confiança, e os Sargentos de todos os Corpos: os Soldados serão alliciados com dinheiro; mas haja toda a cautela com os Militares, que tem estado na Hespanha: os Agentes desta Causa serão todos os que amão a liberdade; e lançar-se-ha mão desses, que acabão de ser expulsos do Brasil, porque merecem a estima dos homens de bem: chegado o momento, e ao toque do Grande Hymno, dar-se-ha o grito de = Viva o Senhor D. Pedro: = serão immediatamente presos, e embarcados os Fidalgos mais amigos de D. Miguel, e postos em liberdade todos os presos. Por todos os amigos da liberdade será lavrado hum Protesto, em nome da Nação, da coacção, em que a poz a força armada a favor de D. Miguel, cassando a sua Acclamação, e reclamando o Senhor D. Pedro: dado este passo, o Exercito fiel das Ilhas dos Açores estará prestes a segurar este esforço dos verdadeiros Liberaes, e a presença do Senhor D. Pedro coroará os desejos dos seus amigos. Valôr, segredo, velocidade, e confiança nos Gabinetes de França, e Inglaterra. = Nada mais continha o que vi escripto no tal papel, salva huma cifra, que não pude entender: fiquei, não desmaiado, mas admirado de tal perfidia, e trahição: vacillei no que devia fazer, se o remetteria á Policia; mas lembrei-me que lá d'antes não corrião papeis, que não fossem assignados, e tambem que ao Correio do Porto esqueceria de metter na Mala de Lisboa esta Correspondencia, como se esqueceo de dar, e enviar outras. Então decidi-me a denunciar ao Publico este aborto do Maçonismo; e, copiado, o entrego ao fogo, como devião ser entregues todos os auctores destas maldades, ou, em termos claros, todos os que se lembrão de chamar o Senhor D. Pedro a Portugal, e todos os que acreditão em promessas feitas a Portugal em seu nome; porque o nome do Senhor D. Pedro em Portugal não he pronunciado senão para acabar de destruir Portugal, e para os Portuguezes se matarem huns a outros, e os que vivos ficarem serem escravos de tyrannos, e de malvados.

Entenderá algum dos meus Leitores que esse papel, que eu disse haver visto, he fingido, pois que no local, em que eu vivo, não haverá lá desses Malhadões capazes de inventar, e ainda de executar estes planos. Mas não he isto assim: aqui nestas montanhas se acoutão Malhados de bom lote, como Officiaes da 1.ª, e 2.ª Linha, Civicos, e outros desta raça; por aqui vivem, por aqui vegetão estes bichos do matto, e respirão livremente; não ha quem os prenda; se os prendem, não ha quém jure de vista contra elles, ou porque os que jurão são outros taes como elles, ou porque os que podem, e devem jurar, se temem, dizendo para si: ninguem sabe em que isto ha de vir a parar: assim os taes Malhados, se são presos, são logo soltos, e absolvidos como innocentes, com quatro Attestações passadas graciosamente, ou venalmente, por pessoas capazes de attestar que o Diabo he hum Sancto, e com tres testemunhas abonatorias, que nunca os Malhados estão sem fiadores; e assim os taes Malhados sahem sempre livres, *secundum allegata, et probata*, e ao depois insultão as testemunhas, que jurárão parte do que sabião, e aos que os prendêrão. Ora se aos taes attestantes, e ás taes testemunhas abonatorias se impozesse a obrigação de ficarem por principaes pagadores, dizendo-lhes: = Ora este homem está innocente porque Vossas mercês, ou Senhorias o dizem; pois tomem sentido; se elle fizer alguma, são Vossas mercês, ou Senhorias os que pagão a pena por elle, = não seria então absolvido hum só dos que tem sido prezos por Malhados. Eu estou esquecido do que estudei na Jurisprudencia; mas como em casos insolitos só devem reger Leis insolitas, se eu fosse Juiz, que houvesse de sentenciar algum Malhado, que se houvesse justificado, lhe diria: Vossa mercê não tem dado provas positivas de ser hum bom Portuguez, ainda que as testemunhas, e attestantes o justificão de que não he notoriamente Malhado; pois por essa razão fica Vossa mercê preso mais doze annos, não por Malhado, mas para que o não venha a ser. Eu aposto qualquer cousa, se de mil Malhados presos por isso, e justificados por aquillo, ha dous, que não desejem de todo o seu coração o imperio da malhadice, e que se não aprompтem para ao primeiro rufo cantar o Hymno Constitucional, e berrar pelo Senhor D. Pedro, ou pela Senhora D. Maria da Gloria.

Ora pois, ou o papel, que acabo de trasladar, seja real, ou imaginado, quero dizer, forjado pelos Pedreiros para atterrar, o certo he que he este, e não outro o partido, que elles pertendem tirar da chegada do Senhor D. Pedro á Europa: fazer em seu nome outra Revolução, alagar de sangue o territorio Portuguez, e abysmar Portugal em discordias, em vinganças, em pobreza, e em crimes. E haverá ainda em Portugal almas tão vís, que emprendão, ou acceitem qualquer tentativa em nome do Senhor D. Pedro? Que he o que podem esperar os Portuguezes do Senhor D. Pedro, depois que com o seu nome foi o Brasil roubado a Portugal, e por fim empobrecido, e desgraçado? A liberdade? Pois não agradou aos Brasileiros, que d'antes vivião opprimidos, a que lhes foi concedida em seu nome, e agradará aos Portuguezes, que sempre fôrão livres, e agora mais que nunca, huma liberdade comprada por sangue, e por dinheiro; huma liberdade, que au-

thorisa o crime, a desordem, e a anarchia; huma liberdade, que só serve para ladrões, para facinorosos, e para malvados? E que póde esperar o Senhor D. Pedro dos Pedreiros de Portugal, se elle se não pôde haver, nem concertar com os do Brasil, que se são mais tôlos que os de cá, são todavia menos velhacos, menos orgulhosos, e menos soberbos? Reinar!!! E por quantos mezes? Poderia elle soffrer a ambição, a petulancia, a loucura, o descoco, e a mania dos Palmellas, dos Saldanhas, e de toda essa corja de Mandatarios da immoralidade, do desaforo, e da rebellião? Desgraçado Principe! Elle seria arrojado, desthronisado, e posto fóra de Portugal pelos mesmos, que agora berrão por elle. Porém esbravejem quanto poderem os Pedreiros, berrem até lhes rebentarem os bofes os desaforados Constitucionaes; o Senhor D. Pedro não ha de reinar em Portugal, nem por geito, nem por força: não por geito, porque os Portuguezes já conhecem os Constitucionaes pelo direito, e pelo avesso, e não acreditão em quantas promessas lhes fizerem em nome do Senhor D. Pedro; não por força, porque todos os bons Portuguezes, e são quasi tres milhões, estão intimamente persuadidos, e convencidos de que o Senhor D. Pedro, e seus Filhos, e Filhas não tem algum Direito á Corôa Portugueza, depois que elle tomou para si, e para seus Filhos, e Filhas a Corôa Brasileira. Esta he a Lei de Portugal, que o Senhor D. Miguel Reine: e se esta não he a Lei!!! he a expressão da vontade geral dos Portuguezes que o Senhor D. Miguel seja o seu Rei. Os Portuguezes não querem outro; e se Este lhes faltar sem Successão, (affaste Deos de Portugal tão horroroso castigo) na Familia Real de Portugal, não na do Brasil, tem os Portuguezes quem Reine. Este he o Juramento dos Portuguezes; elles o farão valer com as armas na mão. Embora os Pedreiros forjem planos; cogitem elles novas trahições; comprem Sargentos, e Soldados das duzias; fação finalmente quantos esforços quizerem, ameacem com este mez, ou com o de *Outubro:* os trahidores serão decapitados, e o Senhor D. Miguel ha de ser Rei de Portugal todos os dias da sua vida. Na conservação destes sentimentos de Justiça, e de Lealdade está o principal baluarte da Defeza de Portugal, e sobre tudo na Misericordia Divina, porque Deos está, e ha de estar em favor do Senhor D. Miguel, e de todos os Portuguezes, que o jurárão Rei, e que forem fieis a este Juramento, o mais sancto de todos os Juramentos, que prestárão os Portuguezes em todos os seculos; porque o Juramento de Miguel Rei he o Juramento da Religião, como farei vêr, discursando pelos Numeros seguintes.

Rebordosa 7 de Setembro de 1831.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1831.

Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 7.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Que he o que pertendem os Pedreiros na Chegada do Senhor D. Pedro á Europa?

PERTENDEM fazer em Portugal outra Revolução, em que o Nosso Augusto Rei, o Senhor D. MIGUEL, seja desthronado, privado da sua natural liberdade, e castigado; depostos dos seus Empregos, presos, e mortos todos os que O reconhecêrão Rei; depostos, presos, e mortos os Procuradores dos Tres Braços do Estado, que disserão, e assentárão que o Throno de Portugal pertencia em Direito ao Senhor D. MIGUEL; confiscados os bens de todos, os que tomárão parte, cooperárão, ou derão conselho, e favor para este legal, justo, santo, e necessario Reconhecimento; como igualmente os de todos, que posteriormente fizerão algum acto demonstrativo de adhesão a estes principios de Legitimidade; perseguidos finalmente, e reduzidos á mais miseravel oppressão todos os que não derão positivas mostras de adherencia á Rebellião. Pertendem por tanto, assim os Malhados soltos, como os Malhados presos; os Rebeldes, que estão na Ilha Terceira, como os Trahidores, que se achão alapardados em varios Paizes da Europa; todos estes Pedreiros, Malhados, Constitucionaes, e Revolucionarios pertendem tomar para si, e occupar todos os Cargos, e Empregos da Nação Portugueza; appropriar-se os bens, fazendas, e riquezas de todos os que adherírão ás antigas Leis da Monarchia; cevar em fim livremente a sua vingança em todos os que concorrêrão para o seu exterminio, castigo, prisão, e perseguição, ou escrevendo, ou fallando, ou denunciando, ou testemunhando, ou autuando, ou julgando, ou de qualquer maneira cooperando contra elles. Tem estes malvados decretado tres mezes de anarchia para assassinarem por todo o Reino a seu bel-querer! Tremo de o dizer, e a penna difficultosamente se move para publicar neste papel os Decretos, Planos, e Projectos formados nas Lojas Maçonicas, e nas Cadeias. Eu não improviso, nem invento: se não posso apresentar as cópias fieis destes Decretos de vingança, e de morte, os Pedreiros sabem que eu não minto. Desengano pois a todos os Portuguezes: podem dar o ultimo adeos ás suas fortunas, ás suas familias, aos objectos mais caros do seu coração, e por fim á sua existencia, se chegar a estabelecer-se em Portugal o Imperio da Malhadice, ou seja com o nome do Senhor D. Pedro, ou com o nome da Senhora D. Maria da Gloria:

nesta espantosa, e horrenda hypothese não ha em Portugal quem ponha hum termo ás paixões dos Malhados; não ha quem suavise, e mitigue o seu furor, e sêde de vingança, de sangue, e de morte: não reservou Deos para este seculo das discordias, e das desgraças a huma Sancta Isabel, Anjo da Paz, que no seu seculo fez embainhar a espada dos que ardião por destruir-se: então ainda não havia Pedreiros em Portugal: ás discordias fomentadas por Pedreiros não dêo Deos outro calmante, outro termo, outro fim, que o acabamento, a extincção, a morte dos mesmos Pedreiros. Este seculo produz sómente as Semiramis, as Herodias, as Helenas, as Annas Bolenas, as...: essas mesmas Senhoras Malhadas, unicas, que tem cabimento com os Pedreiros, e que poderião mediar com elles a favor da indulgencia, do esquecimento, e da humanidade, são as mesmas, que lhes inspirarião maior crueldade, mais vasta carnagem, e matança. Saibão pois os Portuguezes, e mastiguem bem este aviso, que os Malhados, que estão na Ilha Terceira, os que estão dispersos por varias Nações, e os que estão presos, tem votado á morte a todos os Camaristas, Conselheiros, Ministros, e Criados do Nosso Rei, o Senhor D. Miguel I; a todos os Excellentissimos Duques, Marquezes, Condes, Viscondes, e Barões, que tem feito serviços ao Nosso Legitimo Rei; a todos os Senhores Generaes, Brigadeiros, Coroneis, e mais Senhores Officiaes, que positivamente batêrão, e desbaratárão os Rebeldes do Porto; a todas as Tropas, e a todas as Classes, que estiverão emigradas na Hespanha no começo da grande empreza de collocar no Throno ao Nosso Augusto Rei; a todos os Desembargadores, Juizes, e Magistrados, que julgárão de morte a algum trahidor; a todos os Procuradores dos Tres Braços do Estado, que pela sua propria letra assignárão o mais glorioso Assento, que se lavrou em Côrtes Portuguezas, qual foi restituir o Throno, a quem em Direito pertencia, e a quem fôra delle esbulhado por huma facção usurpadora de toda a Legitimidade; a todas as Testemunhas, Accusadores, Denunciantes, ou que de algum modo concorrêrão para morte, degredo, confiscação, ou padecimento de algum Rebelde; finalmente a todos os Empregados Militares, Civís, e Ecclesiasticos, que mais se distinguírão pela sua adhesão á Legitimidade. Eu sei que, além desta immensa, e horrorosa matança, realmente decretada, e até nominalmente votada pela chamada Regencia da Ilha Terceira no anno de 1830, communicada no mez de Abril do mesmo anno a todos os Malhados presos nas cadeias deste Reino, e por elles muito applaudida, tambem está decretado hum dia de carnagem, e massacre sobre todos os Soldados da Guarda Real da Policia de Lisboa, e do Porto, e sobre huma multidão de Regimentos de Cavallaria, Infanteria, e Caçadores, dos quaes agora me não lembra o número, se bem que estou certo de que são quasi todos, entrando nesta conta muitos Corpos de Milicias, separando antes dos Corpos, dizia o Decreto, que eu vi com huma Rubrica do ex-Conde de Villa Flôr, os seus Officiaes, e fazendo conduzir aos Soldados sem armas, como para huma revista de fardamento. Na Ilha Terceira tem-se feito o Mappa nominal de todos os votados á morte, e qual Mappa se accrescenta quasi todos os dias com as noticias, que para ahi lhes mandão de Lisboa, e do Porto; eu pude vêr, e vi por horas, em Lisboa este immenso livro dos mortos, e os ditos Decretos, que havião passado a mãos d'hum Malhadão; e tive a casualidade de fazer esta achada entrando

em sua casa a vêr hum seu hospede, em occasião que os dous estavão ausentes, estando ahi sómente huma moça de todo o serviço, que não suspeitou de mim, pelo costume em que eu estava de vêr, e examinar livros, e papeis em ar de curiosidade. Soube então como tambem estava decretado o roubo, e o incendio de todos os Mosteiros, e Conventos de Portugal; o roubo de todas as Igrejas, e Capellas, com a proscripção de todos os Religiosos, e Religiosas, e com o exterminio, e perseguição de quasi todos os Parochos, (notei a relação dos privilegiados, e erão muito poucos) por se ter cantádo, solemnisado, e prégado nesses Mosteiros, Conventos, Igrejas, e Capellas o desbarato da Facção Rebelde do Porto. São estes os destinos dos Portuguezes nas mãos dos Pedreiros, escudados com os nomes do Senhor D. Pedro, e da Senhora D. Maria da Gloria!!! Reunão-se pois os Portuguezes, que amão ao seu Rei, e que nelle amão a sua honra, as suas fortunas, a sua segurança, e as suas vidas; e já que não ha classe, estado, sexo, e idade, que não esteja votado á morte, á prisão, á desgraça, á pobreza, e á indigencia, reunão-se todos, grandes, e pequenos; Nobres, e Plebeos; Officiaes, e Soldados; Empregados Civis, e Militares; Seculares, e Ecclesiasticos; reunão-se todos, porque estão proscriptos todos os que dêrão algum signal de adhesão ao seu Rei, o Senhor D. Miguel I; e, salva sempre a sua Preciosissima Pessoa, se os Pedreiros ousarem apparecer em campo, ou venha com elles o Senhor D. Pedro, ou a Senhora D. Maria da Gloria, ou ambos dous, respeitando sómente estas duas vidas, caião sobre todos os Pedreiros, de qualquer classe, estado, sexo, e idade que elles sejão; e não se ouça jámais outra voz senão união, firmeza, valôr, e vamos a elles com unhas, e dentes. Desfação-se por huma vez os Portuguezes dessa cáfila de inimigos do genero humano: espatifem-se esses infames Revolucionarios, se não querem depois perecer ás suas mãos, mãos que sómente manejão barbaridades, horrores, traições, crueldades, e sacrilegios: hum só não escape vivo: não descancem a artilheria, e a fuzilaria de atirar, nem as espadas de cortar, nem o cacete de malhar, em quanto houver hum só Malhado vivo; não se lhes perdôe, ainda que o peção, porque os Malhados não pedem perdão senão para fazerem outra Revolução. Vejão bem os Portuguezes que a cousa não he só com ElRei, o Senhor D. Miguel, he com todos os que o jurárão, os que o servírão, com os que lhe obedecêrão, com os que fizerão donativos, ou emprestimos para as suas Tropas, ou para as urgencias do seu Governo; he com todos: a Causa não he entre Irmão, e Irmão; he entre Realistas, e Constitucionaes; he entre Portuguezes não Pedreiros, e Portuguezes Pedreiros. Se estes irreconciliaveis inimigos fizerem hum desembarque em Portugal, como tentão, e ameação de fazer, vejão bem os Portuguezes o que fazem: escolhão, ou matar, ou morrer; ou salvar-se, ou perecer; ou a liberdade, ou a escravidão, e escravidão com morte, com deshonra, com ignominia, com pobreza, com miseria, e finalmente com fome. Não ha que acreditar em amnistias, em conservação de Empregos, de Honras, de Titulos, e de Propriedades; em paz, em perdões, e em esquecimento do passado: eu sei que tudo isto se promette em nome do Senhor D. Pedro, e da Senhora D. Maria da Gloria; mas tambem sei com toda a certeza que os Malhados tem feito juramento nas Lojas, e nas Cadêas de exercerem a vingança, a carnagem, o massacre, a morte, e o rou-

bo; de desempregar a todos, de perseguir a todos, não ficando isentos desta devastação, desempregação, e perseguição senão os Malhados; e todas estas barbaridades tem elles jurado de fazer em nome do Senhor D. Pedro, e da Senhora D. Maria da Gloria. A'lerta pois, Portuguezes! Eu sei que para illudir os Povos, os quaes se armão espontaneamente ao primeiro grito de Constituição, e ao primeiro toque do Hymno Constitucional, para degolar a todos os Constitucionaes, se os Chefes lhes não fossem á mão, querem os Pedreiros proclamar absoluto o Governo do Senhor D. Pedro, e da Senhora D. Maria da Gloria: e effectivamente, se esse Governo podesse estabelecer-se, elle sería nos primeiros mezes não só absoluto, como tyrannico, e despotico: debaixo desse nobre titulo de = Absoluto = querem os Constitucionaes, e Pedreiros exercer o roubo, a vingança, e a carnagem; mas passado esse espaço do absoluto imperio da matança, a Constituição sería outra vez dada, e sería mais liberal, digo, mais impia, e desorganisadora, que a de 1820, e a de 1826; mais, hei de dizer a verdade toda, porque a sei, mais subversiva da Sociedade que todas quantas Constituições, e Projectos de Constituições se tem forjado, depois que os Pedreiros começárão a allevantar as cristas; e tudo sería feito em nome do Senhor D. Pedro, e da Senhora D. Maria da Gloria, (desgraçada, e innocente Princeza do grandemente infeliz Pará!!!) para o Senhor D. Pedro apparecer nos dous mundos o Principe mais inimigo dos Soberanos, mais adversario á Realeza, mais seduzido, e trahido pelos Pedreiros. Eu sei que nesta Constituição, que podesse apparecer, depois da devastação dos Realistas, e Christãos Portuguezes, a Religião de Jesus Christo Senhor Nosso sería proscripta por inimiga do Senhor D. Pedro, ou dos Pedreiros, que se acobertão com o seu nome; que a Igreja de Roma, Santa Catholica Apostolica, unica verdadeira, sería tolerada sómente por huma geração; e que o Papa, Presidente da mesma Santa Igreja Catholica, Vigario, e Delegado de Jesus Christo, sería despresado, e não admittido em Portugal, não valendo a Sua Santidade a sua curial acquiescencia aos conselhos dos influentes nos Gabinetes Europeos. Eis, Portuguezes, onde pertendem chegar em Portugal os Pedreiros de Portugal, em nome do Senhor D. Pedro, para dar começo em Portugal á destruição das Monarchias, á extincção da Igreja, e ao imperio dos Atheos. Eu sei que o Senhor D. Pedro, ou em seu nome, se tracta de exercer a carnagem sobre os Portuguezes, não pelo crime de serem Realistas, porque ainda na Europa se não forma crime á massa da Realeza, mas pelo facto de haverem adherido aos sagrados principios da mais certa Legitimidade, da mais notoria Justiça, e da mais evidente, e urgente necessidade na Legal Acclamação, e Reconhecimento do Senhor D. Miguel em Rei de Portugal. Eu sei que o Senhor D. Pedro, desesperado, e com razão, de ser arrojado do Brasil, e assanhado por outra parte pelos Pedreiros de Portugal, tem determinado não perdoar a hum só Portuguez, que houvesse seguido a voz de = Miguel Rei. = Se assim he, dirão muitos, Portugal fica despovoado: não póde pois ser tanta a matança; a alguns se ha de perdoar. Fortes crédeiros! Eu sei que se tem decretado povoar Portugal déssa immensa chusma de Emigrados, Transfugas, Rebeldes, Trahidores, e Descontentes da Europa, para, depois de soltos, como queria Lord Canning, darem elles cabo de todos os Soberanos da Europa, ou elles

sejão, ou não *Legitimos*; e tudo isto quer fazer-se em nome do Senhor D. Pedro.

Ai de ti, Jerusalem! Ai de ti! Ai de ti! gritava em Jerusalem hum homem havido por doudo, alguns mezes antes desta famosa Cidade ser subvertida, e incendiada, e a maior parte dos seus habitantes ser entregue á morte pelos Romanos seus inimigos; castigo, que fôra antes profetizado pelo Divino Salvador, pela cruel morte, que aquella Cidade havia dado a todos os Profetas, e Enviados de Deos. Eu bem sei que Portugal, defendido pelas Cinco Sacratissimas Chagas de Jesus Christo Nosso Deos, e Senhor, não tem ainda incorrido na execração de hum Deos, em quem crê, em quem espera, e a quem ama; de hum Deos, a quem tem offendido por fragilidade humana, não por maldade systematica, mas a quem invoca com fé viva, e verdadeira; eu sei que a totalidade da Nação Portugueza se não rebellou jámais contra o seu Legitimo Soberano, crime, que impelle a Deos a entornar o calis das desgraças sobre os Povos rebeldes; todavia, á vista dessa numerosa horda de impios Pedreiros, e de malvados trahidores, que não tem cessado de conspirar contra Deos, e contra o seu Ungido, que o he em Portugal o Augusto, o Virtuoso, o Catholico Senhor D. Miguel, a Quem Deos trouxe a Portugal, por mar, e por terra, salvo de tantas armadilhas, como a Facção Maçonica lhe preparou por mar, e por terra, eu temo que a ira Divina tenha lançado mão do seu flagello para castigar justos, e peccadores, a estes por impios, e áquelles por não terem a estes aquelle odio figadal, que deve sempre ser conservado, nutrido, e augmentado contra os que não querem Deos, nem Miguel: por isso eu não posso deixar de gritar com todas as minhas forças, e praza a Deos que este grito se ouça em todo Portugal:

Ai de ti! Ai de ti! Ai de ti, Portugal, se segues o nome do Senhor D. Pedro! Ai de vós! Ai de vós! Ai de vós, Portuguezes, se acreditais nas promessas, e palavras dadas em nome do Senhor D. Pedro! Se faltais ao voluntario, legal, e Santo Juramento de fidelidade, de obediencia, de lealdade, e de adhesão ao Enviado de Deos, ao Ungido do Senhor, ao Senhor D. Miguel, vosso Rei, vosso Pai, vosso Irmão, vosso Amigo, vosso Bemfeitor, o Anjo da paz, e da salvação, o Protector da Virtude, e da Religião! Portuguezes! Vós não tendes quem vos salve, senão Deos, e Miguel! Eia pois, juntai-vos a Deos, e a Miguel, e defendei-vos valorosamente, se fordes atacados dos inimigos de Deos, e de Miguel! O nome de Pedro se proclama sómente para exterminar a Religião, a Soberania, e a Nação Portugueza: não existão pois todos os que appellidarem a Pedro Rei, porque deste nome abusão para estabelecer o Reinado da tyrannia, do despotismo, da vingança, da anarchia, da morte, da impiedade, da irreligião, do Atheismo, finalmente o Reinado do Anti-Christo. Portuguezes! Viva Deos! e Viva Miguel Rei!

Aqui chegava eu com estas linhas precipitadamente formadas, sem concerto, nem erudição, porque nem esta he precisa, quando falla o coração cheio de sentimentos affectuosos á Religião, e ao Rei; e reflectindo sobre os gritos de lamentação, que acabava de dar sobre os Portuguezes, se seguissem a voz do Senhor D. Pedro, me pergunto a mim mesmo: Estarei eu doudo, como aquelle, que gritava sobre Jerusalem? Soltar-se-ha contra mim

alguma pedra, que me tire a vida, como a elle? Não importa, me respondi a mim mesmo; eu sei que se este Escripto se publicar pelo prelo, sou assassinado; estou porém preparado para a morte: se algum Malhado me assassinar, o ultimo fôlego da minha inutil existencia acabará nestas vozes: = Viva Deos, e Viva Miguel Rei; = e sei que Deos me ha de premiar com a immortalidade mais gloriosa. Eu não brinco; sou Catholico, e quero morrer como Catholico em defeza da Religião, e de Miguel Rei: não têmo pois o assassinato: neste momento volto os olhos para hum dos lados da banca, ou mesa, em que estas cousas escrevo, e vejo alli o grande Cacete, o flagello dos Malhados; volto os olhos para outro lado, e ahi vejo bom número de espingardas para mim, e para os que vivem comigo, e logo digo: Eu não morrerei sem me defender vigorosamente, a força o decidirá; e depois morro contente. Havia neste instante largado das mãos a tosca penna, e ía a pegar do vencedor Cacete, e malhar em todos os que appellidassem a D. Pedro Rei, quando volto sobre os meus passos, e digo: = Alto! Que he isto! Ninguem apparece armado por ora! O Senhor D. Miguel vive felizmente, e Reina pela Graça de Deos! Elle he o Rei! Elle o General! Elle Manda! Obedeçamos pois; não perturbemos a paz pública; conservemos-nos firmes, e seguros: ao Realista convem estar immovel, em quanto ElRei não manda que se mova, estando ElRei fóra de perigo. Socegão-me pois estes imperiosos deveres da obediencia; e tranquillo como devo estar, em quanto as Authoridades me não mandarem, ou em quanto os Malhados se não apresentarem com armas, torno a fazer-me outra pergunta: Haverei eu faltado ao respeito devido a hum Irmão do meu Rei, e Filho de quem foi Rei? Longe de mim tão horrendo crime, não só por medo, porque o não deve ter alguem quando defende o seu Rei, mas por consciencia, porque todo o que preza a profissão do Christianismo deve respeitar os Principes, ainda que sejão discolos, e tyrannos, em qualquer Paiz, em que elles reinem: assim o ouvi varias vezes ao Parocho da Freguezia, em que vivo; e eu sou mui submisso á voz dos Parochos, se elles não fallão em Constituição, nem em Pedro Rei. Eu persuado-me haver tractado com muito respeito o Senhor D. Pedro, e assim o havia promettido, e não sei faltar ao que prometto, imitando nesta parte aos Portuguezes, que guardão palavra de defender o seu Rei, e Senhor D. Miguel I: eis que, quando eu menos o pensava, chega ás minhas mãos o Desengano, Periodico Politico, e Moral do Padre José Agostinho de Macedo, N.° 25, que he o unico Impresso, que vejo, e pago, pois eu não tenho, nem posso manter outra Correspondencia de Lisboa, que a de hum Amigo, que por caridade me diz todos os Correios = Vive o Senhor D. Miguel, = que he quanto me basta para eu viver, o qual Desengano pedi eu ao Parocho desta Freguezia lêsse aos Freguezes á Estação da Missa Conventual, e elle me disse que o leria, se o seu Auctor, podendo amainar as vélas da sua vastissima erudição, fizesse mais populares, ou aldeões os seus bellissimos Escriptos; e, como digo, lendo o dito N.° 25 do grande Desengano, acho que eu tractei com muito respeito o Senhor D. Pedro, e que na effervescencia da minha fidelidade pelo Senhor D. Miguel Rei; da minha adhesão aos Portuguezes, que o jurárão, e reconhecêrão Rei; e do meu odio (ainda he pouco) justo, legal, religioso, obrigatorio, christão, sanctissimo, e necessarissimo odio aos

impios Pedreiros Livres, e aos rebeldes Malhados, só a estes tractei de penna, como elles merecem, e não de Cacete, porque me não apparecem, nem convém á boa ordem.

Porém agora, ó Portuguezes! agora que he certo que o Senhor D. Pedro, obrando de acordo, e concerto com os Pedreiros, procura fazer a guerra a Portugal, já sabeis quem, e qual he o vosso inimigo: he o ambicioso Absalão, que se revoltou contra seu Pai, e Rei David, e accendêo nos seus Dominios o facho cruel da guerra civil: he o cobiçoso Roboão, que impondo aos seus Povos gravames, que elles não podião, nem devião sopportar, deixou de reinar sobre elles: he o dementado Esau, que por huns poucos legumes traspassou os direitos da primogenitura ao virtuoso Jacob: he o que arrastado, ou seduzido por huma matilha de estupidos, e malvados, abrio sobre o Portugal, e sobre o Brasil o abysmo de huma bancarrota universal, que tragou todas as fortunas, e assolou, e arruinou todas as familias: he o que em nome da Liberdade deixou organisar todas as tyrannias, todas as trahições, e toda a immoralidade: he o que com o nome da Constituição tem permittido a mais execranda anarchia, e fez mais pesados os duros destinos dos dous Hemisferios: he o que usurpou a seu Pai o Patrimonio, que lhe ficára de seus Pais, e Avós: he o que fez a desgraça de Portugal, e do Brasil: he o que introduzio o odio, e a discordia entre Povos irmãos, e amigos: he o que fez guerra a seu Pai, e aos Portuguezes: he o que governando no Brasil, servindo-se dos Brasileiros revolucionarios, tractou ahi os Portuguezes como se fossem escravos, ou seus inimigos: he o que, depois da morte de seu Pai, tomou o titulo de Rei dos Portuguezes, para acabar com os Portuguezes: he o que assignou a Carta Constitucional, ou esse Passaporte, e salvo-conducto universal da impiedade, e da trahição, para introduzir entre os Portuguezes huma anarchia, que parece não ter fim: he o que arrojado do Brasil por insopportavel aos mesmos Constitucionaes, que não podião levar a preço seu genio sempre voluvel, e sempre duro, não contente de haver feito a desgraça dos pobres Brasileiros, ambiciona levar ao ultimo extremo as calamidades dos Portuguezes. Este he, Portuguezes, o vosso inimigo, que reunido a huma horda de trahidores, pertende, e forceja por semear entre vós a vingança, a carnagem, o massacre, a matança, o roubo, os sacrilegios, os crimes, a infamia, e a fome. Os Revolucionarios, que ainda se acoutão nas cadeias do Reino, pertendem faze-lo vosso Rei, ou, antes, vosso Tyranno! Os malvados, que se achão na Ilha Terceira, querem que elle venha escravisar-vos, não com o titulo de Rei, mas na qualidade de Tutor da sua Filha, e de Generalissimo, nomeado por ella, dos Exercitos rebeldes, e foragidos! Eu hei de ainda discutir estes Direitos da Tutoria; mas agora he necessario parar sobre o ataque, que a Portugal quer fazer o Senhor D. Pedro na qualidade de Generalissimo de sua Filha, para que os Portuguezes acabem de convencer-se que o Senhor D. Pedro, reunido aos Pedreiros, e aos Revolucionarios, he o seu figadal, e irreconciliavel inimigo, pois que desta geral convicção depende a Defeza de Portugal.

Conheção sim os Portuguezes que o Senhor D. Pedro não tem Direitos alguns a reinar, não só por Estrangeiro, e naturalisado em outro Paiz; não só por haver succedido em outra Corôa, que elle não podia jámais ac-

cumular com a Corôa Portugueza; não só por haver roubado o Brasil á Nação Portugueza; não só por haver feito guerra aos Portuguezes; não só por haver dado, ou assignado huma Carta Constitucional, que está em opposição directa com as Leis Fundamentaes da Monarchia; não só por haver abdicado a Corôa, alterando a impreterivel ordem da Successão; elle não tem Direitcs alguns a reinar por todas estas razões, (huma só era mais que sufficiente) e agora novissimamente porque vem atacar a Nação Portugueza; porque vem fazer a guerra aos Portuguezes. Portuguezes, ha sete seculos que sois Nação, e ninguem reinou sobre vós, que vos tivesse feito a guerra: ha mais de sete annos que o Senhor D. Pedro faz a guerra aos Portuguezes, ora directa, ora indirectamente, já por trahições, já por armas: reinará pois este inimigo eterno dos Portuguezes? Não. O Senhor D. Pedro não pôde, não teve arte, nem força para subjugár humas poucas duzias de Brasileiros revolucionarios, que ha quatro dias que são gente; e conquistará elle tres milhões de Portuguezes, que sempre fôrão gente, e gente firme, leal, briosa, guerreira, e constante, que antes perde a vida, que a honra; que antes morre, que faltar á palavra, muito mais sendo esta palavra firmada por hum Juramento justo, necessario, legal, e sagrado? Não. O Senhor D. Pedro não conquistará os Portuguezes, nem por arte, nem por força: não por arte, porque os Portuguezes o conhecem bem, e não se acreditão nelle; não por força, porque os Portuguezes são inexpugnaveis, quando defendem o seu Rei, e agora duplica-se a sua força, porque se defendem a si mesmos. Conte o Senhor D. Pedro, se pozer o pé em territorio, em que Reine o Senhor D. Miguel, com achar hum Portuguez, que lhe diga: = Principe, (com este respeito vos tracto, porque ficastes Flho do meu Rei) retirai-vos: Vós não podeis reinar, porque assim o quizestes, pelo que fizestes, pelo que escrevestes, pelo que assignastes, e pelo que dissestes; se não podestes permanecer no Brasil, porque lá vos aborrecem, cá não podeis estar, porque vos não querem. Ou tem-vos escolhido Deos como a instrumento da sua ira, assim como escolhêo a Nero? Se assim he, perecereis como elle. O Senhor D. Miguel he o Rei de Portugal pela Lei, e pela Graça de Deos; Vós estais desherdado do Brasil, e de Portugal pela Lei, e pela ira de Deos. Retirai-vos pois de vosso bom grado, se não, sereis tractado como hum inimigo, como hum rebelde, e como hum usurpador. = Portuguezes, estão decifradas as pertenções dos Pedreiros de Portugal, assim na chegada do Senhor D. Pedro á Europa, como na entrada da Esquadra Franceza no Tejo: ha porém ainda algumas cousas mais, que manifestarei aos que lerem para diante.

Rebordosa 12 de Setembro de 1831.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1831.

Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.° 8.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Que pertendem os Pedreiros de Portugal com a occasião da Chegada do Senhor D. Pedro á Europa?

QUERERÃO elles dar o Reino a esse desgraçado Filho do Senhor D. João VI, a esse Principe digno de melhor sorte, a esse ex-Imperador do Brasil, que cingio aquella Corôa desmembrada, e desunida de Portugal, seduzido por enganosos cálculos, e por discursos cheios de loucura, e de insolencia, e que acaba de a perder por máos conselhos, e por vís estratagemas do Maçonismo? Quem ha que acredite que a Hircania, em vez da sua natural producção de carnivoros Tigres, seja agora fecunda em mansos Cordeiros? Quem ha que experimentasse caridade no Leão, benignidade no Lobo, mansidão no Urso, bondade na Raposa, ou simplicidade na Serpente? Pois he mais factivel que a Hircania abunde em Cordeiros, que o Leão seja soffredor, benigno o Lobo, compassivo o Urso, indulgente a Raposa, e sincera a Serpente, do que os Pedreiros compadecerem-se do Filho de hum Rei, de hum Principe infeliz, de hum Soberano desthronado. Para esses monstros hum Rei he o alvo da sua vingança; hum Principe o objecto do seu rancôr; qualquer Filho, ou Parente de Rei o incentivo da sua desesperada raiva; hum Rei, hum Principe, ou hum seu Filho desgraçado o idolo das suas complacencias, para mais o deprimirem, e insultarem. Mas de quem recebêrão esses mentecaptos os poderes para fazerem Rei o Senhor D. Pedro? Não dos Portuguezes, porque esses disserão em bem altas vozes que o não querem Rei, e isto repetem todos os dias, e repetirão em quanto elles viverem, e viver o Senhor D. Pedro; nem a elle, nem a seus filhos, nem os filhos dos seus filhos, nem os netos dos seus netos. Contente-se o Senhor D. Pedro com o que lá tem, e com o que tomou a Portugal; e se o não soube conservar, chamásse para o seu lado o sapientissimo Palmella, ou o Partidor dos Thronos, e dos Imperios, que esse lhe faria de cada Cidade do Brasil hum Impe-

rio, de cada Villa hum Reino, de cada Aldêa hum Principado, e pôr essa fórma conservaria ao menos o titulo de Imperador, de Rei, e de Principe, sem perder jámais o de Defensor: e se o Senhor D. Pedro o não pôde conservar, ahi tem esse grosso Exercito reunido nas Ilhas dos Açores, com o qual não só póde reconquistar o Brasil, mas avançar as suas Conquistas além das terras, em que domina o Tauro, e o Geminis. O Saldanha, esse Scipião do nosso Seculo, basta apparecer para vencer; he embarca-lo no Vapôr com o seu Secretario Pisarro, e com os seus Ajudantes Taipa, e Villa Flôr, e tudo está feito. O Senhor D. Pedro disse muitas vezes que nada queria dos Portuguezes; pois os Portuguezes, depois que elle assim o disse, tambem dizem que nada querem do Senhor D. Pedro, senão que passe muito bem lá pelo seu Brasil; lá se avenha com os seus Brasileiros; e huma vez que se constituio Defensor Perpetuo delles, quando se rebellárão contra Portugal, tracte agora, já que se lhe revolucionárão, de ser o Vingador Perpetuo da sua ingratidão. Peça auxilios á Inglaterra, reclame o *casus fœderis*, e leve para lá hum Exercito Inglez, que lhe restitua o Throno; mas leve tambem vinho cá do Porto, porque Soldado Inglez, sem beber, não faz fogo. A' França por ora não tem que pedir, porque as suas Tropas actualmente não se occupão em dar, senão em tirar Thronos; além de que, tem de acudir á Belgica, que lhe fica visinha, e vai empregar-se em hum grande cordão sanitario para prevenir a entrada no seu Paiz da *cólera morbus*, de que se teme muito pela approximação dos Exercitos da Russia com a occupação de Varsovia: he molestia terrivel; faz arrojar pela bôca os bofes em postas; e se o doente está atacado de mal Francez, peior que peior: na Primavera he quando faz mais estragos.

Mas eu deixo-me agora d'esses empestados para vir outra vez ao Senhor D. Pedro. Elle não achará em Nação alguma hum Soldado, hum real, nem hum soccôrro para reconquistar o Brasil: eu não sou Diplomatico, nem Politico, porque nunca andei na companhia do Palmella; mas tenho os meus barruntos de que assim lhe ha de succeder, porque assim succedêo a Carlos X, e a outros muitos: isto de auxiliar a hum Soberano desthronado foi moda, que acabou, antigualhas de outros Seculos, usanças Gothicas; agora a moda he auxiliar as Revoluções, dar favôr aos Povos contra os Soberanos; em frase Hespanhola, *comer a dos carrilhos*. As razões, e as semrazões, que ha para não ajudar ao Senhor D. Pedro a reconquistar a Corôa, eu as direi algum dia, se me lembrar. Mas quer-me parecer que se o Senhor D. Pedro, logo que teve a noticia do fallecimento de seu Pai, houvesse declarado que elle não podia reinar em Portugal, e que esta Corôa pertencia ao Senhor D. MIGUEL, de certo o Senhor D. MIGUEL havia de soccorrê-lo com todas as suas forças, que são bastantes pa-

ra reconquistar o Brasil, não digo eu. do poder dos Revolucionarios, mas de todos os Brasileiros. Esta não he huma fanfarronada. Podera mesmo o Senhor D. Pedro, no acto, em que foi obrigado a abdicar a Corôa do Brasil, haver dito aos Brasileiros: = Não querendo vós que eu reine, porque dizeis que o não mereço, e Deos sabe a verdade, havendo vós renunciado á adopção temporaria de mim, que fizestes em vosso Defensor, e não podendo meu Filho, nem algum Membro da minha Familia defender-vos, nomeio, e abdico todos os meus titulos na Pessoa de meu Irmão o Senhor D. MIGUEL, Rei de Portugal, para que governe sobre vós como a Elle, e a vós melhor convier, = e veria então o Senhor D. Pedro como o Senhor D. MIGUEL se fazia Senhor dos Brasileiros, e não Senhor adoptivo, ainda que no Brasil ha muita gente, que O quer, mas Senhor natural: mas tudo isto com a bem entendida condição de lá não apparecer nenhum desses toleirões, que fugírão vergonhosamente de Portugal no anno de 1828. Bastaria que fossem sómente as suas cabeças. Eu compadeço profundamente, assim Deos me ajude, a desgraçada sorte, e situação do Senhor D. Pedro; he Filho de hum bom Rei, he Irmão de hum grande Rei, e he Parente de muitos Reis: por todas estas considerações, e pelas mais da humanidade, e da Religião, eu o respeito; e se a penna se desliza, como zombando, ou gracejando com o seu nome, não he com elle, he por elles, por esses Revolucionarios, que aproveitárão o seu nome para fazer a sua desgraça, e a desgraça de Portugal, e do Brasil; he por hum movimento de indignação, que arrebata, vendo a hum Principe da Respeitavel Casa de Bragança ligar-se aos Revolucionarios, identificar a sua Causa com a Causa delles, dar-lhes favôr, e pedir-lhes favor, defende-los, e procurar que elles o defendão, conferir-lhes Postos, e Titulos, e acceitar delles Titulos, e Postos! Revolta-se a razão, perde-se o juizo, e todas as potencias intellectuaes se transtornão, quando ouço dizer que o Senhor D. Pedro tomou o titulo de Tutor de sua Filha, e o Posto de Generalissimo dos Exercitos da dita Filha. Tal não acreditaria eu, ainda que mil bôcas o dissessem, se o não lesse em letra redonda, posto que eu não sou daquelles, que tem huma fé tão viva nas letras de molde, como no Evangelho. Mas assim o escrevêo esse grande homem de Portugal, o Escriptor mais copioso do seu Seculo, o mais abundante em conhecimentos, e em noticias, o segundo Camões em Poesia, o... Eu não teço agora o seu Elogio, mas digo sómente huma verdade; a honra de todas as Letras Portuguezas, o Padre José Agostinho de Macedo, *requiescat in pace*. Morrêo; e he justo chorar por elle, ou antes por nós. Sabia fazer a guerra aos Revolucionarios, e lha fez por huma maneira, que não será facil imita-lo: a sua morte foi hum verdadeiro triunfo para todos os Revolucionarios do Mundo, e para todos os seus Escriptores: havia muito

tempo que se lhe desejava, e a Natureza fez a vontade a todos os seus inimigos. Morrêo quem desenganava os Soberanos, e os Povos: elle possuia a arte de desenganar, e os seus Desenganos erão ouvidos com respeito. Não se lhe permittio porém dizer tudo o que desejava. Seus Escriptos inéditos tem hum bom Tutor, porque o Direito o dá aos filhos menores, quando o pai, e mãi lhes morrem, ou quando por morte de hum o outro não ficou por aquelle nomeado. Fallando dos Escriptos inéditos, que reputo filhos do Auctor, vim de proposito a recahir nessa Tutoria, que o Senhor D. Pedro diz exercer sobre a sua Filha.

Eu não tenho a liberdade de perguntar ao Senhor D. Pedro por que titulo exerce essa Tutoria, porque me responderia que me não importe lá com os negocios delle, nem da sua familia; mas como esta Tutoria offende os Portuguezes, vou examina-la. Quero consultar Letrado sobre este negocio, e não os acho que estejão de vagar para me responder. Tão poucos são os que tem letras, havendo tantos que tem este titulo! Fôrão-se para fóra do Reino algumas duzias dos das duzias, que poderião responder-me, pelas muitas letras, que levárão de cá para lá, e pelas que ainda lhes vão para lá, sem embargo de dizerem por ahi que seus bens rendem para o Estado; pois bem se entende que eu fallo de letras de valer, que são as que valem, e não das letras de saber, que não prestão para cousa alguma; porque esses Letrados, que abalárão do Reino, nunca tiverão letras, senão tretas, que são as com que trapaceião por toda a parte; de Livros basta-lhes a Carta Constitucional de 1826, que he huma Encyclopedia de todas as Sciencias, e o seu Autógrafo de 1822, que he o armazem de todas as idéas: para esses Sabios o Digesto he mais indigesto que o ferro em bôca de mosca; se ouvem fallar em Pandectas, julgão ser algumas pançadas de comida; e erão esses Letrados Juizes de Fóra, Corregedores de dentro, Desembargadores de baixo, e Deputados de cima: assim foi; a ignorancia algum tempo administrou justiça. Cahio-me em graça o dito de hum Clerigo em Lisboa, queixando-se de huma Sentença, que lhe dera hum Tribunal sobre huma pendencia bem clara: = O Direito destes Doutores he torto, e duro como ponta de Bode. = Ora pois, na falta de Letrados, que me explicassem a dita Tutoria, deito abaixo toda a minha Livraria, que toda ella he hum Larraga velho, e roto: mas este Livro foi composto por hum Frade, lá perto do campo de batalha dos doze Pares de França, e ahi mesmo o compoz de proposito para castigar os Clerigos, que não sabem Latim: esse Livro pois não serve para consultar o caso, porque Tutorias de Frades são mui pesadas aos Constitucionaes. Ora eu bem conheço que perdi o serio, que os meus Leitores desejão; mas hum pouco de desprezo castiga mais os Revolucionarios do que hum rabo de bacalháo. Torno pois ao exame, e seja elle feito sobre o estudo comparativo dos dous grandes Codigos, que os

Revolucionarios prezão mais que tudo. = Constituição Politica da Monarchia Portugueza do anno de 1822, Capitulo 5.º Artigo 155: = Durante a menoridade do Successor da Corôa (o Artigo 147 declara que he menor antes de ter dezoito annos completos) será seu Tutor quem o Pai lhe tiver nomeado em Testamento... e deverá ser natural do Reino. = Carta Constitucional da Monarchia Portugueza do anno de 1826, Capitulo 5.º Artigo 100, = copiou a mesma disposição; só não diz d'onde o Tutor deve ser natural. = Ora agora argumento segundo a Lei, porque argumentando aos Revolucionarios, hei de argumentar-lhes pelas suas Leis, e pelos seus Livros, porque elles nem querem, nem sabem mais. Todos sabemos que a Senhora D. Maria da Gloria he Filha do Senhor D. Pedro, e acreditamos que o Senhor D. Pedro he seu Pai: nem eu tenho guelas de Pato, por onde caibão aquellas calumniosas, e sordidas expressões, com que elle com os seus Patinhos denegrio huma alta, e virtuosa Maternidade, com o fim de excluir do Throno a todos os seus Filhos, e derrubar a Dynastia mais digna de Reinar em huma vasta Monarchia. Mas o Senhor D. Pedro ainda vive, ainda não fez Testamento; e se o fez, não lhe vale, em quanto não morre; e mesmo elle não póde nomear-se a si mesmo Tutor de seus Filhos. Este he hum embrulho o mais ridiculo de todos os embrulhos Liberaes. Bem sei que hum Pai he Tutor, Curador, Defensor, Advogado, Educador, Mediador, Intercessor, Protector, e não sei que mais de seus filhos, ainda mesmo que legitimos não sejão: tudo isto quer dizer o nome de Pai, e todos estes deveres estão ligados a este nome: todavia em Direito, e em propriedade de expressão, o Nome, e o Officio de Tutor he contradictorio com o nome de Pai em razão de Pai; nem até agora em rigor de Direito houve jámais Pai, que ao mesmo passo fosse Tutor de seus filhos. Sei o que a isto se póde responder; mas sei as respostas, que tem todos estes argumentos, e precisões ideaes, que não devem vigorecer na Sociedade. Eu vejo que o Senhor D. Pedro se esquece do nome de Pai, para com elle promover as injustas pertenções de sua Filha, ou antes as suas, e toma o nome de Tutor para louvar, e proteger a todos os Revolucionarios, que buscão o nome da innocente Menina para introduzirem em Portugal outra Menina criminosa. E como isto vejo, e não percebo, faço hum esforço para pôr esta obra das trévas em toda a sua luz. O Senhor D. Pedro fez o seu Testamento, dispondo a favôr de sua Filha da herança Portugueza, que não era sua, nem como sua a podia tomar, addir, gozar, manter, e defender, pois se sua fosse, ou a podesse usurpar, e conservar, de certo não disporia della pelo seu Testamento, ou Abdicação de 29 de Abril do anno de 1826: feito este Testamento, como nenhum póde ser confirmado senão pela morte do Testador, dá-se o Senhor D. Pedro por morto para Portugal, vivendo lá no outro Mundo, que de certo não nascêo para este; e

morto ficou elle para Portugal, desde que não quiz mais viver para elle; dá porém a sua volta o Mundo de lá, e elle arroja para o Mundo de cá esse desgraçado Principe, que tambem para lá não nascêra: esta volta he huma especie de resurreição, que faz do Senhor D. Pedro morto o Senhor D. Pedro vivo; e como o dito seu Testamento ficasse confirmado pela dita sua morte, apparecendo vivo na Europa, e não podendo tomar o nome de Pai, que perdêra, depois de haver entregue a sua Filha á disposição, protecção, e defensão do ex-Conde de Villa Flôr, e mais Sucia, toma o de Tutor por huma dessas tenebrosas ficções da nova Philosophia, que nem a antiga, nem o Direito conhecêrão. Este he o mais intricado labyrintho, em que se mettêo jámais Revolucionario algum. Morre o Senhor D. João VI, e os Revolucionarios gritão: = Viva o Senhor D. Pedro IV. = Abdica, ou testa o Senhor D. Pedro, e alguns mezes depois suppondo-se morto por huma ficção descalabrada dos Revolucionarios, que jámais sabem o em que hão de parar, em quanto não sobem á forca, elles gritão: = Viva a Senhora D. Maria II. = Manda a Regeneração do Brasil ao Senhor D. Pedro á Europa, e agora: Rei não póde ser, porque abdicou; Pai tambem não, porque se suppoz morto para sua Filha, depois que a poz fóra do Brasil, do seu poder, e da sua educação: pois seja Tutor; e com este nome prosigão os Revolucionarios a sua empreza de acabar com todos os Reis do Mundo. He verdade que cá gritárão huns poucos de Soldados, e Officiaes do Regimento 4.º de Infanteria: = Viva o Senhor D. Pedro IV, = porém desses não ha que fazer caso: não erão elles os que fallavão, era o quarto de vinho, com que cada hum delles fôra embriagado; mas os incognitos, que os dirigírão, sabião o que devião dizer, que era: = Viva o Tutor. = Todavia era palavra, que os mesmos incognitos directores não sabião naquella hora pronunciar: tambem elles estavão bebados; porque posto que a terra delles não produza vinho; depois que vierão a Portugal, e commerceião em Portugal, não largão o vinho de tarde, nem a agua-ardente de manhã: a linguagem dos bebados he toda huma Ingresia.

Supposto pois que o Senhor D. Pedro não he propriamente Tutor de sua Filha senão por huma lastimosa ficção constitucional, eu mostro aos Revolucionarios que elle nem mesmo constitucionalmente póde ser Tutor de sua Filha, apregoada para Rainha de Portugal. — Nunca poderá ser Tutor do Rei menor o seu immediato Successor, diz o citado Artigo da Constituição: e o tambem citado Artigo da Carta amplia mais esta restricção, dizendo: — Que nunca poderá ser Tutor do Rei menor aquelle, a quem possa tocar a successão da Corôa na sua falta. — Certo por tanto, e manisfesto se faz, pelos mesmos principios constitucionaes, que o Senhor D. Pedro não póde jámais ser Tutor da Senhora D. Ma-

ria da Gloria, pois que se esta fosse Rainha de Portugal poderia seu Pai ser seu Successor. Eu bem sei que muitos dos Revolucionarios se hão de mofar do dicto Testamento, e morte ficticia do Senhor D. Pedro, que eu estabeleci por hypothese para examinar se elle póde ser Tutor de sua Filha; se bem que outros muitos Revolucionarios aproveitão esta ficção para lhe fazer legal o novo titulo de Tutor, com que o honrárão os de cá, depois que os de lá o arrojárão do Brasil. Dir-me-hão todavia os mesmos Revolucionarios que se o Senhor D. Pedro não póde ser Tutor de sua Filha pelos principios, que venho de produzir, o póde ser por nomeação das Côrtes Geraes, como faculta a disposição dos dictos Artigos acima citados. Seja assim: convenho com elles. Mas onde estão essas Côrtes Geraes? Na Ilha Terceira não ha outras Côrtes, que as que ha aqui por esta Aldêa, em que vivo, a saber: Côrtes dos bois, Côrtes das bestas, Côrtes dos porcos, e Côrtes das Cabras; e na verdade isso he o que ha onde estão os Pedreiros, que elles mesmos são os bois na cabeça, bestas em tudo, porcos, e cabras no que a decencia não diz: a não ser que os Pedreiros de cá, e os de lá constituão essas Côrtes Geraes nas Sessões Maçonicas, que por lá fazem em público, e por cá ás escondidas, as quaes sejão transmittidas d'huma para outra parte, e approvadas alta, e baixamente pelos procuradores de si mesmos, sanccionadas ao depois por Palmella, que tem Direito geral para authorisar quantas maroteiras se fizerem no Maçonismo Portuguez. Será certamente o Senhor D. Pedro investido do novo titulo de Tutor de sua Filha pelas dictas Côrtes públicas, e occultas; e se não fôrão estas, que o nomeárão, certamente haverá sido a Regencia, ou a Demencia organisada na Ilha Terceira, que tem poderes plenos para crear quantos Titulos, Dignidades, Postos, e Cargos convierem á Revolução do genero humano, e á exaltação, e conservação do Maçonismo. E a dotação do Tutor? Foi cousa que esquecêo aos organisadores da Constituição, porque se persuadírão que depois do Senhor D. João VI não haveria outro Rei em Portugal, nem maior, nem menor: e aos que sobre a Constituição trasladárão a Carta, porque julgárão que a Senhora D. Maria da Gloria não havia de Reinar senão no papel, e que depois della não haveria Rei nem de papel; porque sendo esta Senhora menor, não lhe foi nomeado Tutor; que isso de o Pai ser Tutor he hum impossivel, pelas razões allegadas, ás quaes accresce a de haver perdido a naturalidade em Portugal, por se haver naturalisado em outro Reino. He verdade que não ha Tutor pobre, quando o tutorado he rico; pois por muito pobre que aquelle seja tem que farte dos bens do menor para se enriquecer, e subsistir; e esta he a praxe dos Tutores, quaesquer que elles sejão, ficando ricos os que dantes erão pobres, e pobres os orfãos, que dantes erão ricos. Em nome, e á custa dos menores se pedem dinheiros, se fazem transacções,

e celebrão-se contractos, que todos costumão ceder em interesse dos que os tutorão: assim succede á desgraçada Senhora D. Maria da Gloria, em nome de quem subsistem, e se alimentão essas hordas de bandidos açoutados na Ilha Terceira.

Em verdade que não tem havido, nem he possivel torne a haver, Principe algum, a quem os Revolucionarios tenhão feito tão desgraçado, e envilecido tanto, como o Senhor D. Pedro. Elles o fizerão Regente do Brasil, Defensor Perpetuo dos Brasileiros, Imperador Constitucional do Brasil, Rei de Portugal, e d'aqui não disserão se era Rei Constitucional, se Rei livre; porque não foi, nem he, nem será de modo algum; Rei abdicante, Imperador abdicante, Tutor da não Rainha de Portugal, e agora Generalissimo dos Exercitos invisiveis da mesma. Grande lição para todos os Soberanos, que ligarem a sua Causa, e os seus interesses á Causa, e interesses dos Revolucionarios! Elles serão o gato çapato das Seitas! Assim está o Senhor D. Pedro, d'antes Portuguez, depois Brasileiro, agora nem Portuguez, nem Brasileiro; agora nem Regente, nem Imperador, nem Rei; apenas Tutor d'huma Filha, que não tem cousa alguma no Brasil, porque a pozerão fóra de lá; nem em Portugal, porque os Revolucionarios a não souberão introduzir cá! Desgraçado Pai! Infeliz Menina! E ficará impune o Brasil, que assim se descartou d'huma Real Familia, que adoptou, e elevou, para agora a repudiar, e humilhar? E não serão punidos com o despreso todos os influentes na separação do Brasil? Agora não se póde voltar atráz, responde a Diplomacia: seja assim; mas não progrida mais a Revolução; seja obrigado o Brasil a respeitar, sustentar, e conservar toda a Real Familia, que tomou para si; e extincto o Imperador, que adoptou, volte o Brasil aos seus antigos eixos, e seja huma só toda a Real Familia Portugueza, sendo a sua Cabeça, e Chefe o muito Alto, e muito Poderoso Rei, e Senhor D. Miguel I: he este o unico meio de restituir á Europa o equilibrio, e ao mundo a paz, e a prosperidade. Que honra poderão dar as Historias á liga Europea deste seculo, vendo que assim deixárão ao abandono huma grande Dynastia, que foi sempre a gloria do Diadema? Porque o Senhor D. Pedro tenha andado sempre mal aconselhado, elle he hum Principe, he filho d'hum Soberano; elle pois deve ser protegido por todos os Soberanos: he certo que elle não deve, nem póde Reinar em a Monarchia Portugueza, porque a desgraçou, porque a perdêo, porque em fim não ha hum só Portuguez em ambos os Hemisferios, em Portugal, e no Brasil, que deva, ou queira obedecer-lhe. Sustente-se porém este Principe com dignidade, e com hum Titulo, que mostre que he Filho d'hum Rei Poderoso, a quem não succedêo pelas intrigas, e conselhos dos Revolucionarios. Se a Liga Europea der este passo, que he de justiça, Portugal tornará a ser, como deve, o que foi antes da Revolução; e as desgraças

da Grande Familia Portugueza acabarão. Eis hum ponto da Defeza de Portugal, onde se dirigem estas linhas escriptas com tanta velocidade, como se pronuncião, quando se pronuncia de vagar: — *Moribus antiquis res stat Romana virisque* — em Tito Livio.

Se he despresivel o titulo de Tutor, que os Revolucionarios derão ao Senhor D. Pedro, o Posto de Generalissimo he o mais ridiculo, que se póde conceber na cabeça d'hum Pedreiro, para aviltar o nome d'hum Principe desgraçado, que perdêo tudo. E por quem lhe haverá sido dada esta nomeação? Como ninguem se nomêa a si mesmo, sendo subdito, o Senhor D. Pedro, que não tem vassallos em parte alguma, não póde por si mesmo tomar-se hum Titulo, que não tem em que se funde, e subsista. Foi nomeado por sua Filha! Mas como huma Filha menor póde fazer huma nomeação, que as Leis, e os mesmos principios constitucionaes lhe defendem, por falta de conhecimentos, de juizo, de discrição, e de prudencia? Onde estão os vassallos, os Exercitos, as terras dessa Rainha, não Reinante, nem de Direito, nem de posse, que tivesse, ou que tenha? Foi nomeado pela Regencia installada na Ilha Terceira. Mas como póde fazer essa nomeação huma aggregação de Portuguezes fugitivos, sem credito, sem honra, sem opinião, sem bens, banidos, despresados, e revolucionados? Isto não se soffre! He huma vergonha, he hum escandalo, he huma patifaria, de que não ha exemplo em todos os seculos do mundo. Mas de todos os modos he manifesto que o Senhor D. Pedro acceita Cargos, Postos, e Titulos dos Revolucionarios, ou, seja assim mesmo, dos esfarrapados vassallos de sua Filha. Para acreditar tantas monstruosidades parece que he necessario estar dementado: mas, pois que isto existe, digo eu para os meus botões, tambem existem bruxas, e feiticeiras; pois que aquellas cousas só por embruxamento, e feitiçaria podem ser feitas.

Mas que partido, ou vantagens imagina tirar o Senhor D. Pedro desse titulo de Tutor, e desse Posto de Generalissimo? Ou que he o que lhe aconselhárão, ou o que lhe promettêrão os Revolucionarios, para que elle os admittisse, e acceitasse? Ora agora ahi vai decifrado o que pertendem os Pedreiros de Portugal com a occasião da chegada do Senhor D. Pedro á Europa, que de certo não he em tudo o mesmo, que pertendião na entrada da Esquadra Franceza no Tejo. Era já tempo de chegar a isto, e com effeito cheguei, ficando-me a dizer, o que em muitas folhas não cabe. Peço aos Povos que meditem bem no que vou dizer-lhes, porque este conhecimento he muito do seu interesse. Persuadem-se os Revolucionarios de que o Senhor D. Pedro se decide a authorisar pessoalmente a sua empreza, mettendo-lhe na cabeça que, depois de metter a sua Filha de posse de Portugal, póde ir reconquistar o Brasil, e vingar-se de seus inimigos, que o são todos, levando hum Exercito de Portuguezes forte de muitos milha-

res de homens, que, elles dizem, sobejão em Portugal. Eu creio que o Senhor D. Pedro cahio no laço, como cahio no que lhe armárão os do Brasil, quando o nomeárão seu Defensor Perpetuo, e seu Imperador; porque, a não cahir, não acceitaria ser Tutor, e Generalissimo dessa horda de facinorosos, e ladrões degradados na Ilha Terceira. Portuguezes, existe em todos os Revolucionarios de Portugal o systema de empobrecer, e despovoar a Portugal, e depois de empobrecido, e despovoado abandona-lo a huma Republica, pois só pobre, e despovoado póde ser Republica; ou á disposição d'huma Nação mais forte, deixando assim na Europa a semente d'huma eterna discordia. Este systema tem profundas, e antigas raizes em varias Nações, por interesse do commercio das mesmas; e essas raizes prendem hoje no Maçonismo, e sempre na ambição: elle data quasi do principio deste seculo, e por elle se trabalha ha muitos annos; mas ás claras desde 1820: a este fim conspirárão todas as Revoluções de Portugal. A Junta Directora do Maçonismo Portuguez não desiste deste projecto: — empobrecer, e despovoar Portugal; — os auctores deste infernal plano não estão contentes da pobreza, em que nos pozerão seus roubos, e dilapidações; querem acabar com tudo, e deixar a Portugal sem habitantes, se fosse possivel. Esta he a causa motora de quantos movimentos se derão á Monarchia Portugueza, depois de 1820 até hoje; eu fallo dos movimentos revolucionarios. O Senhor D. Pedro não quer dos Portuguezes senão com os Portuguezes fazer do Brasil o maior Imperio do mundo, ainda que Portugal pereça! Elle sabe que não he possivel reinar em Portugal habitado pelos Portuguezes; sejais pois vós seus escravos, e os Brasileiros seus amigos! Os Marquezes Revolucionarios querem ser Duques no Brasil, depois de roubarem o que resta em Portugal! Palmella imagina ser Principe do Grão Pará! Os Pedreiros sabem que eu não invento. O que pertendem pois os Pedreiros de Portugal com a occasião da chegada do Senhor D. Pedro á Europa he acabarem de roubar, e despovoar Portugal, para se intitularem, investirem, e encabeçarem no Brasil. Este plano he delles, e dellas, porque ellas tem lá mais liberdade para darem hum regabofes á sua insaciavel instabilidade. Ao Senhor D. Pedro lhe embutírão na cabeça estas esperanças do engrandecimento do Brasil, que forão as idéas, que teve na elevação do Brasil a Imperio separado de Portugal; mas o diabo coxo desfaz o que faz. Não promovêrão outras pertenções os Pedreiros de Portugal na entrada da Esquadra Franceza no Tejo; mas fazião-no com outro titulo, e com outra côr, que direi no seguinte Numero! Os Francezes, que pensão comer nos Pedreiros de Portugal por tôlos, forão, e estão enganados: os Pedreiros de Portugal são igualmente tôlos, e velhacos ao infinito. Seus projectos, he verdade, elles são quixotescos, mas são mais vastos que os dos Francezes. Os Portuguezes,

até na revolução, e na loucura, são mais grandiosos que todas as Nações do mundo. Eu faço justiça: em Portugal tanto a virtude, como o crime são excessivos. Mas como a maioria Portugueza he virtuosa, sejão certos todos os Pedreiros que elles não levarão a sua ávante, ainda que alluviões de Revolucionarios venhão invadir-nos. Póde Portugal ser roubado, e o foi muitas vezes; mas conquistado nunca, nunca, nunca: ellè se submette quando quer, não quando o obrigão. Céssem pois os Revolucionarios nos seus projectos em nome do Senhor D. Pedro, porque este nome serve sómente para acabar com elles. Os Portuguezes estão preparados! Elles não desejão mais que vêr os seus inimigos, para se descartarem delles por huma vez.

Rebordosa 22 de Outubro de 1831.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1831.

Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 9.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Que pertendião os Pedreiros de Portugal com o pretexto de se aproximar a Esquadra Franceza ao Tejo?

Eu devo suppôr, antes de resolver esta pergunta, que os Revolucionarios de Portugal, que desejárão, instárão, forcejárão, e conseguírão que o Governo estabelecido na França enviasse ao Tejo huma Esquadra para desenvolver entre os Portuguezes o germen da traição ainda não extincto, não sabião a esse tempo que seus companheiros do Brasil pozessem de lá fóra o seu Imperador, e Defensor Perpetuo, se bem não ignoravão que elle havia de ser-desadoptado de lá pelos mesmos, que o havião adoptado; pois que o Throno, ou Soberania, que erguem os Revolucionarios, he semelhante aos mastros, ou elevados pinheiros, que os paizanos alevantão por estas Aldêas lá nos dias das suas Festas, ou Romarias: páos empinados, pintados, ornados de flôres, e arrematados com folhas de loureiro, ou enramalhetados de vides com os seus semimaduros cachos: são elegancias camponezas: á roda dos ditos mastros, e em sua guarda, e defeza estão os Manoeis, e as Marias ricamente enfeitados, aquelles com as suas calças azues, niza, ou rabona da mesma côr, cothurno engraxado, camizas com farfalhos, chapéo entrefino, e lenços meio lavados; o panno he Inglez, a obra, ou feitio he da terra; ellas com as suas saias de chita, e tudo o mais assim he, porque até a camisa dizem que he de chita, menos os grossos cordões de ouro, que esses vierão a boas horas do ex-nosso Brasil; de resto he tudo Inglez: pois acabada a festa fica o pobre mastro nú, como da matta sahíra, desacompanhado da sua duplice guarda; e oito dias passados, vem hum desses mesmos Manoeis, já com calças de tomentos, em mangas de camisa, ou com camisa sem mangas, calçados os pés dos grosseiros, e immundos sócos, e as mãos armadas do ferrugento machado, e eis que dá seis medonhos golpes na raiz do dito mastro, e este Gigante, ou Imperador das Festas, o proclamado dos Manoeis, e das Marias, cahe por terra, sem que por elles, nem por ellas seja chorado, nem compadecido, antes por elles mesmos he decepado, posto fóra, e por fim queimado. Mais de huma vez tenho presenciado isto, que vou dizendo, ainda que he muito mais feio o caso do que eu o conto; e huma occasião,

conversando com estes arvoradores, e desarvoradores de mastros, lhes perguntei: Como não deixão Vossas mercês estar o seu mastro como o puzerão, pois que assim adornava a sua Aldêa? Elles me respondêrão: Senhor, o mastro trouxemo-lo nós dos nossos montes; nós fomos os que aqui o pozemos: os adornos, e atavios, que elle tinha, nossos erão; nós pois podemos tira-lo, deita-lo abaixo, e fazer delle o que bem quizermos. — Tal he, nem mais, nem menos, hum Throno, huma Soberania, hum Imperador, hum Rei posto pelos Constitucionaes; he hum mastro, he hum páo, ou he hum Rei de páos. Aquella he tambem a linguagem dos Constitucionaes, e foi a que usárão os Brasileiros, deitando abaixo o Imperador, que havião feito: elles o pozerão, elles o tirárão. Os Aldeões, acabada a festa, acabão com o mastro, porque já delle não precisão; se tem outra festa, logo apparece outro mastro. Os Brasileiros acabárão com o seu Imperador, e Defensor, porque delle já não precisavão: agora lá tem outro Imperador pequenino, porque a festa vai sendo de rapazes: se houver festa maior, elles escolherão hum, que lhes sirva. Verdadeiramente he triste a sorte, he desgraçada a vida de Soberanos feitos pelos Constitucionaes. O Senhor D. Pedro póde servir de exemplo; elle será vivamente seguido por todas as Personagens, que acceitarem a Soberania offerecida por essa Seita, que se nutre de arbitrariedades. Deixemo-los porém; lá lhes virá o seu S. Martinho, ou, como dizem nestas Aldêas, todos terão o seu S. Miguel. Mas o certo he que os Revolucionarios de Portugal, quando pedírão, e pagárão a Esquadra Franceza para vir turbar o Tejo, não sabião que o Senhor D. Pedro estivesse posto fóra do Brasil, ainda que não ignoravão que havia de vir a succeder assim, pois que a regra, que elles se tem proposto, he não consentir no Throno a Soberano algum, com quem os Povos já se vão acostumando. Assim sabem os Pedreiros de todas as Revoluções, que hão de haver, porque elles sós são os que as hão de fazer; mas o dia? Quasi sempre lhes falha, quasi sempre se lhes adianta, e por isso elles atrazão: sabião elles da Revolução do anno de 1820, porque elles a havião de fazer; mas adiantou-se-lhes o dia, que foi no 24 de Agosto, porque elles a tinhão premeditado para o seguinte mez de Setembro, em recordação da Setembrisada do anno de 1817. Elles sabião tambem da Revolução do anno de 1828, mas ignoravão o dia, que foi a 16 de Maio, porque elles esperavão o dia, em que aportaria a Inglaterra a Senhora D. Maria da Gloria, para d'alli a conduzirem em Vapôr a estes Reinos, e á sombra da Menina, e com a presença da Menina electrizarem mais os adoradores da outra Menina, quero dizer, da Carta Constitucional. Mas deixemos tambem a maneira, e o tempo do andamento, e do atrazo das Revoluções: tempo virá, em que eu faça vêr aos Constitucionaes que os tenho estudado por dentro, e por fóra. Como pois elles não sabião que o Senhor D. Pedro tivesse sido arrojado do Brasil, quando trouxerão ao Tejo a Esquadra Franceza, outro era então o seu projecto, e plano, que agora não he, porque o apparecimento do Senhor D. Pedro na Europa cambiou, ainda que não melhorou, a face dos negocios dos Revolucionarios: agora querem elles que

o dito Senhor venha a Portugal na qualidade de Tutor, e de Generalissimo da sua Filha, promettendo-lhe que, depois de entrar em Portugal, lhe arranjarão o Throno desta Nação, e successivamente o reporão no Brasil. Miseravel cegueira! Diabolica perfidia! Entrar em Portugal será possivel; reinar em Portugal he impossivel, em quanto Portuguezes o habitarem. Lembra-me ainda aquella Letra composta na Hespanha no anno de 1826:

» Miguel he dos Lusos
» O Anjo, e o Rei,
» E aos Lusos só Elle
» Póde dar a Lei. »

Ora esta Questão entre Portuguezes he de Lei; e se os Revolucionarios não admittem que seja de Lei, saibão os Pedreiros de todo o Mundo que ella he de brio, e que em brio não ha huma só Nação que iguale á Portugueza. Mas se o Ceo nos arrebatar o seu Ungido, a quem elle enviou para nos salvar, ou se os Revolucionarios consummarem o resto da sua maldade? Tremão os Pedreiros! A mão de quem os ha de perder não está dormente: então he certo que elles nascêrão para morrerem ás mãos dos verdadeiros Portuguezes.

Porém quando a Esquadra Franceza foi pedida, e enviada para o Tejo, o plano dos Pedreiros de Portugal era outro, ou caminhavão elles por outro rumo, ainda que o fim he o mesmo. Eu o digo de huma vez, para não apurar mais o soffrimento dos meus Leitores: A mão da Senhora D. Maria da Glória está offerecida em casamento a huma Personagem Estrangeira. Ora eu não digo que seu Augusto Pai tivesse d'antes, ou tenha agora entrado em esta maldita conjuração de pôr no Throno de seu Augusto Pai o Senhor D. João VI a hum Estrangeiro, inimigo declarado dos Portuguezes, e que por mais altos Titulos, que tenha, póde por hum golpe de mão vir a decahir de todos elles em recompensa das suas feitorias, e das feitorias de seu Pai, e de seu Avô. Porém eu sei que o primeiro Tutor de sua Augusta Filha; o segundo José Bonifacio de Andrade; o jogador das Cartas; o que ha tres gerações era desconhecido entre os Grandes de Portugal; o que foi Conde, sem que merecesse ser lacaio dos Condes, e que por ultimo foi Marquez, sem merecer mais que huma duzia de duzias de palmatoadas de todos os Marquezes; o embrulhador, o achincalho, o desprezo dos antigos Fidalgos Portuguezes; esse bicho, que titulárão = de Palmella, = tem andado por esses Mundos de Christo offerecendo, e casando a Senhora D. Maria da Gloria, como pondo a leilão o Throno Portuguez. = Quem quer ser Rei de Portugal ha de casar com a Senhora D. Maria, e ha de jurar a Carta Constitucional. = Barbaro Palmella! Não posso persuadir-me a que elle seja filho de Portuguezes, pois que Portugal nunca produzio jámais tanta traição. Se o Senhor D. Miguel deixasse de existir, e conseguintemente de Reinar, (pois em quanto existir, Rei ha de Elle ser, ainda que peze ao Inferno) não ficou mais Familia ao Senhor

D. João VI, que possa, e deva Reinar? Se Deos entornar sobre os Portuguezes este calis da ultima prova, os Realistas Portuguezes sabem quem he o que deve governa-los, segundo as Leis Fundamentaes da Monarchia. Mesmo extinctas todas as Linhas dos Descendentes, e Legitimos Successores do Senhor D. João VI, ainda restão Descendentes da Casa de Bragança, a quem nem a Lei, nem seus crimes tem inhabilitado de Succeder, e de Reinar. Porém em que abysmo me não vai mettendo a desmarcada ousadia do monstro de Palmella! Deos está por MIGUEL, e pelos Portuguezes, que o invocão: o Throno Portuguez não caducou, nem ha de caducar, porque he Throno, que o mesmo Deos estabelecêo para si. Offertada pois em casamento a hum Estrangeiro a innocente Menina, a Senhora D. Maria da Gloria, a Sobrinha de Reis, e Neta de Reis, querião os Pedreiros de Portugal collocar no Throno de Affonso Henriques huma nova Dynastia, Dynastia Estrangeira, Dynastia, que os Exercitos aguerridos do maior Conquistador do Mundo, de Napoleão, quizerão, mas não poderão introduzir, porque houverão então Portuguezes dignos deste nome. Para abolir pois a Dynastia Reinante em Portugal, e alevantar outra, que não reina de Direito em parte alguma, para tudo isto, e para o mais que disto se havia de seguir, foi desejada, requisitada, e peitada a Esquadra Franceza, suppondo os malvados, e cégos sequazes do barbaro Palmella que a conjuração, o suborno, e o terror faria aos Portuguezes levantar os Vivas á Senhora D. Maria da Gloria, ao seu Noivo, e aos Francezes. Vergonhosa fatalidade! Que em hum Seculo, em que se tem decretado o exterminio de todos os Reis, haja tantos aspirantes a Reis! Que em Portugal houvesse quem d'antemão victoriasse com foguetes a noticia da irrupção de huma Esquadra, que vinha impôr a Portugal hum jugo, que jámais conhecêra, e que sempre odiou, e repellio! Eu não posso conter a minha indignação, nem ha Portuguez merecedor deste nome, que a possa conter, á vista do terrivel volcão, em que os Pedreiros tem posto esta infeliz Patria, que merece ser amada até de seus mesmos inimigos; todas as paixões se atropellão, e gravitão sobre o meu coração quando considero as baixezas, as ignominias, e a degradação, por que o malvado Palmella tem querido fazer passar a innocente Neta do Senhor D. João VI. Offerecer sua mão a Estrangeiros?!! Jámais Princeza, ou Infanta de Portugal foi offerecida, ou se convidou em casamento, mesmo a Principes, ou Reis que fossem: Principes, e Reis ambicionárão em todos os Seculos a mão das Princezas, ou Infantas de Portugal, e nem sempre elles fôrão felizes: elles as pertendião, por ellas ardião, por amor dellas disputavão huns com os outros, e nunca para reinar em Portugal; sim, e sómente para isto, para se ennobrecerem com o sangue, e com o parentesco dos Affonsos, dos Dinizes, dos Joões, desses grandes Reis, que assombrárão o Mundo pelo seu poder, pela sua grandeza, pelos seus talentos, e pelas suas virtudes. Grande he sem dúvida o Throno de S. Luiz; ainda mais grande o Throno de S. Fernando; mas muito maior o do Veneravel D. Affonso Henriques, pelos seus serviços á Igreja, á Christandade, ás Letras, e aos

Povos; porém eu não teço agora o elogio comparativo dos incomparavelmente grandes Reis de Portugal. Clotildes teve a França, Isabeis a Hespanha; mas Portugal conta o número das suas Heroinas quasi pelo número das suas Rainhas, Princezas, e Infantas.

Porém malfadado Seculo XIX! Apparecêo nelle o mestre Palmella, o mestre dos crimes e das ignorancias; e elle pertende enxovalhar, humilhar e envilecer a ingenita virtude das Filhas, e Netas dos maiores Reis do mundo. Eu bem sei o que digo, e não me desdigo: se os meus Leitores me entenderem, elles conhecerão bem que o barbaro Palmella he o despreso das Gerações Portuguezas. Offerecer a innocente Menina, a Senhora D. Maria da Gloria, a hum Estrangeiro, que tem iguaes direitos a hum Throno, que a hum Patibulo!!! E para que e porque? Só por se vingar d'hum Principe que o colmou de honras e de beneficios! Só para introduzir em Portugal huma Carta, que elle mesmo redigio debaixo das vistas d'hum Ministro Estrangeiro, que não conhecia outra Politica que a de deprimir a Soberania! Eis onde o Maçonismo conduzio e elevou a hum Portuguez que, se não fosse Maçon, não sería Marquez, não sería Conde, não sería Ministro, não sería Embaixador, não sería senão o homem dos queijos de Palmella!

E que adiantarião os Pedreiros de Portugal em que a Esquadra Franceza, vencendo por hum impossivel a inabalavel fidelidade Portugueza, arvorasse em Portugal huma nova Dynastia encostada á Senhora D. Maria da Gloria? Acabaria a grande Questão da Successão Portugueza? Não se renovarião com espantosa multiplicidade pertenções semelhantes ás dos Filippes de Castella? Quando, e qual sería o termo desta exterminadora guerra? Mas eu não quero abrir hum claro a este novo, e aterrador labyrintho, em que os Pedreiros pertendem submergir a Nação Portugueza, pois que pela Misericordia Divina não se dá vacuo na Monarchia. Conheção porém os Portuguezes, do modo que me he possivel dar-lho a conhecer, quaes erão os projectos dos Revolucionarios de Portugal, quando a Esquadra Franceza se aproximou ao Tejo. Eu não tenho a penna, nem o espirito desse grande Sabio Portuguez, do Padre José Agostinho de Macedo, que Deos levou para si, para saber dizer o que sei: sobejão-me os desejos de servir a huma Nação, e a hum Rei, a quem amo quanto posso; mas falta-me a capacidade, ou o talento, ou ainda o descanço para dizer, e escrever como era necessario: consolo-me porém de que esta insufficiencia me releva de passar pelos desgostos, por que passou aquelle grande homem, quando ía a sua casa hum Ministro d'Estado a pedir-lhe que não escrevesse sobre tal objecto; ou quando hum Intendente de Policia, que já lá vai, lhe supplicava que exhortasse os Povos á moderação com os Revolucionarios. Mas deixemos isto em silencio, e voltemos á Questão da Successão á Corôa Portugueza, pois que este he o grande ponto, sobre que os Pedreiros fazem tanto ruido, e alarme em esses Gabinetes compostos de Ministros, que sabem o que pertence á Legislação dos seus Paizes, mas a respeito da Legislação Portugueza, com o devido respeito, sabem muito menos do que os antigos sabião ácerca dos antipodas. Po-

rém antes deste exame he justo que eu diga aos meus Leitores alguma cousa de mim, para se não surprenderem da força do meu dizer em esta Defeza. Ha muitos annos que escrevo, ou bem, ou mal, mas he como posso, e entendo: todavia jámais quiz metter-me a Escriptor, assignando meu nome, pois me conheço; meus Escriptos ficárão sempre ineditos, a maior parte queimados, e alguns virão a luz pública, mas sem nome, ou em nome alheio. Succede-me porém agora a fatalidade de annuir ás instancias de meus amigos, todos homens de bons desejos; elles me pedem que escreva, obedeço; mas tambem lhes peço que meu nome não appareça: faltárão-me á palavra, e he a primeira vez que os Portuguezes, que me estimão, faltão ao que me promettem. Apparece pois meu nome em letra redonda = Alvito Buela Pereira de Miranda, = he por tanto necessario que eu diga quem sou, pois ninguem melhor que eu o sabe: Nasci na Galliza, de Pais, que não tem riquezas, porque as não furtárão, nem herdárão, mas que não mendigão pão, nem honra. Fui educado na Universidade de S. Thiago, onde me conferírão o grão de Bacharel em Filosofia *per meritum:* d'ahi por minha livre eleição me alistei na Congregação Benedictina, no Real Mosteiro de Samos, Seminario de Sciencias, e de Virtudes, onde foi tambem Monge o Santo Bispo de Leão, de quem tomei o nome: ao depois passei por minha cabeça a este Reino de Portugal, onde fui canonicamente secularisado, protegendo-me o primeiro Conde de Amarante, de quem fui Capellão, e servo fiel nos acontecimentos do anno de 1820. Passou huma serie de successos, em que fui envolvido, humas vezes pela força, outras de meu grado; e hoje me acho em esta Aldêa de Rebordosa servindo o Cargo de seu Parocho pela pensão de pouco mais de duzentos mil réis: devo esta subsistencia a hum Rei, que tem por timbre ser Pai dos Pobres: o Ministro, que assignou o Despacho, obedecêo, porque não póde resistir, ou palliar mais tempo. Apezar de tudo eu não escrevo para comer, nem para ganhar nome: estou contente da minha sorte, se o meu Rei Bemfeitor vive: lá ha em Lisboa quem cuide da direcção, e da despeza, e receita destes papeis; a mim sómente me pertence o trabalho, e estas são as minhas delicias; nada mais exijo que ser util quanto me he possivel. Tenho dito de mim: julguei dever dar esta satisfação ao Publico, já que meu nome foi estampado; de mim não faço a Defeza; faço-a de Portugal, porque o pede a razão, a Lei, a justiça, e a gratidão. O interesse me não move, porque eu subsisti melhor que agora com este pesado Cargo: tenho por mim milhares de Realistas honrados, a quem acompanhei nas suas alternativas; elles não erão capazes de me deixar perecer ao desamparo, proporcionando-me o exercicio do Sacerdocio, do Pulpito, e do Ensino da Mocidade. Callem-se pois os Pedreiros, e não ousem invectivar-me com personalidades; porque eu castigarei a sua audacia, descobrindo-lhes, e alambicando-lhes até ás ultimas fezes das suas gerações, e dos seus torpissimos defeitos. Elles bem sabem que os conheço, ou em Lisboa, ou no Porto, ou nas Provincias, ou mesmo nessa desgraçada Ilha Terceira; púde apanhar-lhes a chave mestra das suas manobras. Tão tolos

são elles, que não forão capazes de me conhecer; pois para alistar-me as suas forças são muito debeis contra hum Catholico por fé Divina, e por convicção humana: o terror, os ameaços para mim são signaes, que mais os arguem da sua fraqueza. A verdadeira arte de vencer os Pedreiros he conhecê-los; conhecidos, não ha que temê-los: huma vergontea he mais que sufficiente para os fazer arrear de bandeira.

Dada esta satisfacão por amor desses monstros da Sociedade, eu devo já voltar ao principio do 1.° Numero desta Defeza, e á materia deste, em que vou continuando. Havia eu dito naquelle que o Governo Francez não atacava a Nação Portugueza, pois que esta o não offendêra em cousa alguma; e os Francezes bem entendem que precisão muito de juizo para não serem perdidos na sua empreza de collocar no Throno a huma Personagem, que ainda não estava habilitada para elle pelas suas Leis de Successão; mas em essa questão lá elles se entendem: a prisão de tres, ou quatro homens, que nascêrão na França, e que hospedando-se em Portugal lhe pagárão a sua hospitalidade com huma trahição digna de morte, se a Lei se executasse em todo o rigor, não era motivo sufficiente para que o Governo da França entrasse em huma lucta, em que podera comprometter-se a sua segurança, se as outras Nações julgassem opportuno esse momento para desenvolver a sua força. He verdade que os Francezes estavão certos de que o Ministerio Inglez se esquecia nesta occasião da antiga alliança, que a sua Nação contrahíra com a Portugueza; mas poderia Inglaterra tomar outra consideração dictada pelo seu proprio interesse, ou pela sua necessidade, ou mesmo pela sua honra, e brio; porque os Inglezes nem sempre dormem. Porém dado o caso que tudo sahisse á medida da imaginação Franceza, a sua lucta com Portugal poderia prolongar-se; porque os Portuguezes, ainda mesmo depois de opprimidos, reagem, e a sua reação não pára em quanto a oppressão não céssa; e prolongando-se a lucta, a França teria de pedir dinheiro para a soster, e sahir-se della com hum ar de dignidade. Todas estas considerações devêrão pesar muito sobre o Governo Francez, antes de se decidir a armar huma Esquadra, e de envia-la ao Tejo. Elle que a armou, e enviou, contou de certo com o dinheiro, que d'antes havia recebido para o seu esquipamento, com o que havia de receber, qualquer que fosse o resultado, e com a cooperação dos Revolucionarios de Portugal para acclamar a Senhora D. Maria, o Noivo Estrangeiro, e a Carta. Que? Pois assim se compra, assim se conquista, assim se occupa o Throno Portuguez? Bem digo eu que os Pedreiros de Portugal são os mais estupidos de todos os Pedreiros do mundo: a historia do passado deverá servir-lhes de lição para o presente. Portugal foi subjugado algum tempo pela trahição, pela força nunca: conhece-se a trahição, e os trahidores, e logo a dominação deixa de existir; appello para as Historias Portuguezas: e se estas por antigas não servem, he bem clara, e livre de toda a suspeita a uniformidade Portugueza em repellir, e desbaratar essa espantosa irrupção dos Francezes, debaixo do commando do mais temivel conquistador do Universo, de Napoleão, quando esse

monstro pertendêo mudar a Dynastia de Portugal. Bastou hum = Não queremos = de todos os Portuguezes, e nunca mais se lembrou Napoleão de poder dominar em Portugal. Porém mais claro testemunho he o dos nossos dias, o que os Portuguezes derão neste mesmo anno na occasião, em que os Francezes entrárão no Tejo. Lisboa perdêo então o amor a si mesma; e se o perdesse a ElRei, se podesse faltar-lhe ao respeito, e obediencia, que livremente lhe juràra, e promettêra, hum só Francez não restaria vivo, que podesse voltar ao seu Paiz a contar, e dizer ao seu Governo como Portugal nascêo para si mesmo, e não para os outros. Este acontecimento, que por si só he capaz de marcar huma Epoca na Historia Portugueza, faz mais veridica, e acreditavel a Historia dos primeiros tempos da Monarchia, apesar das contraposições dos Pseudocriticos, quando diz com a tradição dos moradores da Villa de Castroverde, que a Ermida dedicada ao Principe dos Apostolos, com o titulo de S. Pedro das Cabeças, fundada na eminencia d'hum monte, meia legoa distante daquella Villa, he o mesmo sitio, em que Christo Senhor Nosso apparecêo ao Veneravel Rei D. Affonso Henriques, promettendo-lhe, com a Victoria dos cinco Reis Mouros, a permanencia do Imperio, que em Portugal fundava, e reservava para si. Convenção-se pois os Francezes, que Deos não fundou o Reino de Portugal senão para Principes Portuguezes. Persuadão-se d'huma vez os Pedreiros, que Jesus Christo não estabelecêo este Reino para elles, mas para os Catholicos. Desenganem-se finalmente todos os Revolucionarios, que a Providencia Divina reservou este Reino para o Senhor D. Miguel, e para seus Legitimos Successores. Se os Portuguezes arraigarem no seu animo esta persuasão, e convicção, Portugal estará defendido, e os Revolucionarios não prevalecerão jámais. Mas eu prometto tocar a Questão da Successão Real á Monarchia Portugueza; e para o fazer com acerto hei de voltar ao principio, de que emanão os Direitos da Familia Real não emancipada de Portugal. Este principio data na morte do Senhor D. João VI: aquellas circumstancias não são as dos dias, em que escrevo; mas ellas darão luz ao que então se fez, e ao que hoje se faz: assim abrirei hum clarão necessario ao conhecimento dos Estrangeiros, e mesmo ao d'alguns Nacionaes, para que d'huma vez a verdade appareça em toda a sua força, sem as sombras da calumnia, da intriga, e da maledicencia. Estou ancioso de afugentar as trévas do Maçonismo em qualquer parte, em que me ache, e mesmo nesta rude Aldêa.

Rebordosa 6 de Novembro de 1831.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1831.

Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.° 10.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

A grande Questão Portugueza sobre a Successão ao Throno.

TEM-SE duvidado no Publico do dia, e hora, em que falleceô o Senhor D. João VI, porque ainda que os Boletins annunciárão o dia 10 de Março, como dia de seu fallecimento, todavia elles merecêrão o mesmo credito, que tinhão os Boletins do maior Impostor da Europa, Napoleão; e isto pela pouca, ou nenhuma fé, que merecião os seus Redactores. Tambem se tem duvidado da authenticidade do Decreto da nomeação da Regencia, que devia reger estes Reinos por morte do Senhor D. João VI, até ulterior determinação do Successor; dizendo-se que não apparece o seu Autographo, nem houve Assignatura Regia; e que o Ministro, que o publicou, não merecia credito algum por seu comportamento, que a todos foi notorio. Eu não pertendo investigar estes segredos; mas he certo que se o Ministro forjasse o dito Decreto da Regencia; se houvesse toda a certeza desta falsificação, não deveria reunir-se, nem instalar-se, a que reassumio o Governo destes Reinos nas circumstancias mais difficultosas de o governar; pertencendo a Regencia delle por Direito, praxe, e costume, que jámais podem ser contrariados senão por expressa vontade Real do Soberano, á Serenissima Senhora D. Carlota Joaquina de Bourbon, Rainha Mãi: ao qual Direito, praxe, e costume se não atreveo a resistir a mesma Constituição do anno de 1822, como se vê do seu Titulo 4.° Cap. 5 Art. 149; e mesmo parece não resistir-lhe muito a Carta Constitucional do anno de 1826, Cap. 5 Art. 94. Aproveito estes principios constitucionaes, não por amor de mim, que os não reconhe-

ci, nem reconheço, mas para confusão dos que os lançárão, para que o mundo conheça que os Revolucionarios não são jámais coherentes comsigo mesmos. Porém o Decreto apparecêo, e ou fosse, ou não legal, ou verdadeiro, ou falso, não havendo outro meio para sahir da dúvida, que huma colluctação entre os Grandes Funccionarios do Estado, a qual poderia produzir, e naturalmente produziria, a ruina do Corpo Social, devêo procurar-se hum principio conservador, e este não podia ser outro que a acquiescencia ao dito Decreto, para a Nação poder ser representada, e dirigida d'huma maneira qualquer; porque he melhor para hum Estado ter hum Governo, qualquer que elle seja, do que não ter algum. Assim justamente se reunio, e instalou a Regencia daquelle tempo; e se para isso não havia Direito, havia necessidade, porque não d'outra forma se poderia evitar a anarchia, mal o mais funesto, que póde acontecer a hum Estado.

Parto pois do dito Decreto, e eu o tomo por base, ou Direito, já que elle foi de facto o regulador da Monarchia em aquelle tempo, e o principio reconhecido por todas as Nações, que estavão em contacto com a Portugueza. Não diz o citado Decreto qual seja o Successor do Senhor D. João VI; se elle houvesse dito, até ulterior determinação de meu primeiro Filho, estava a Questão definida pelo Decreto, se a Nação quizesse aquietar-se a elle: se a Monarchia estivesse integra, como estava no tempo, em que começou a Reinar o Senhor D. João VI, tambem a letra do Decreto não offerecia motivos racionaveis de dúvida. Mas a indesignação do Successor na fracção da Monarchia, na desmembração da sua maior parte, na alienação, e divisão dos seus Dominios, na elevação d'huma parte delles a huma Corôa separada, e independente da Corôa Portugueza, mostra que o Decretante duvidava qual de seus Filhos devia succeder-lhe nos Estados, que possuia; que elle mesmo se não atrevia a declara-lo, que finalmente não pertencia a elle a nomeação de quem devia representa-lo por seu fallecimento. Os motivos de dúvida erão patentes. O Senhor D. João VI recebêra de seus Pais, e Avós a Corôa de Portugal, comprehensiva dos Estados do Brasil: ligado aos seus Povos por pactos reciprocos, e indissoluveis, elle era obrigado a manter a favor delles integras, e unidas todas as partes componentes da Monarchia Portugueza; e a não consentir jámais por sua livre vontade a alienação, divisão, e desmembração d'alguma parte consideravel dos seus Estados: elle era consequentemente obrigado a transmittir ao seu Successor a mesma Corôa, assim integra, e unida, não

desmembrada, ou dividida, por ser hum patrimonio indissoluvel da sua Familia; e bem assim patrimonio da Nação Portugueza por hum ligame reciproco, mutuo, e intransivel. Mas o Senhor D. João VI, sem que força alguma fisica o constrangesse, estando os seus Povos prestes a acudir-lhe com todo o preciso para repellir qualquer violencia fisica, ou moral, qualquer aggressão Estrangeira, ou Nacional, ou mesmo da Familia que fosse, para finalmente conservar unidas todas as partes componentes da Monarchia, deixára desmembrar os seus Estados; consentíra em que seu primeiro Filho lhe usurpasse a maior parte delles, e dessa maior parte se formasse huma Corôa separada, e independente della: não podia pois o dito Senhor designar o Successor nos Estados, que possuia, entendendo, e bem, que o Direito de o nomear estava devoluto á Nação, a qual conservava, nem póde jámais perder, a liberdade de unir a si todas as partes componentes do Estado, ou deixa-las assim desmembradas, e divididas como ficavão; e, no caso de as unir, entregar o Governo de todas ellas áquelle Filho, que assim as mantenha, e conserve para si, e para seus Successores a prol dos seus Povos, e Vassallos. Este principio, que eu aqui ponho, de a Nação ter o Direito de declarar qual he o Successor do Senhor D. João VI, e a liberdade de unir todos os Estados, e Dominios da Corôa Portugueza, não he o perverso principio da Soberania Popular; he hum principio de Direito Publico, que sahe daquellas Leis, e Pactos, por que se fundou, e conservou a Monarchia Portugueza: elle tambem parte da indesignação do Successor, pois que o Decretante nas circumstancias, em que deixava a Corôa, devêra nomear Successor, se podesse; elle pois, não o nomeando, conhecêo que não podia nomea-lo; conhecêo que a Nação, depois da sua morte, devia chamar a exame os Direitos da Successão, e regular os seus destinos como podesse, ou unindo novamente as partes componentes da Monarchia, ou estando passivamente pela desunião, e desmembração já feitas. Notem pois os meus Leitores que eu não disse, que a Nação tivesse liberdade de nomear Successor; disse que na morte do Senhor D. João VI, não tendo elle podido nomear expressamente o seu Successor, se devolvia á Nação o Direito de declarar qual dos Filhos do Rei devia ser seu Rei. Este Direito existia no anno de 1826, e a Nação o exercêo no de 1828; diversas cousas são Direito, e liberdade. Mas eu digo que a Nação tem a liberdade de unir outra vez as partes componentes da Monarchia: assim o digo, e repito; porque o Senhor D. João VI não era Senhor, sem consentimento da

Nação, de desmembrar, dividir, separar, ou alienar a maior parte dos seus Estados. He sim o Rei Absoluto, ou Independente nas suas attribuições; mas as attribuições da Magestade não são alienar porção alguma do territorio Portuguez, diz o Art. 124 do Cap. 1 Titulo 4.° da Constituição do anno de 1822; e se este principio, por ser constitucional, ou copiado pelos Constitucionaes, tem menos credito entre os meus bons Leitores, direi com os principios de eterna justiça: = O Rei não póde dissolver os Pactos, por que Reina, ou os Pactos da Monarchia; elle não póde quebrar a palavra, que dêo, e jurou, quando tomou a Corôa. = Huma Nação, depois que usou do seu Direito, nomeando-se o Chefe, ou Soberano, que por Direito, e em Direito deve governa-la, não póde dar hum passo atráz, sem que o dê para a sua dissolução, e acabamento. A Nação Portugueza declarou quem por Direito, e em Direito deve Reinar: já pois não he possivel voltar atráz, sem que a Nação acabe: he este hum Direito que, huma vez exercido, não póde mais exercer-se, durante a vida, e governo do designado Rei. Mas a liberdade conserva-se ainda depois de posto em praxe o Direito. Eu escrevo muito depressa, porque nem vagar tenho para mais: acaso os meus Leitores me não entendão; eu pois escrevendo depressa me explico de mais vagar. A Nação declarou, como devia, que o Senhor D. Miguel he o Successor do Senhor D. João VI. Este Direito acabou no seu uso; elle não póde voltar atráz. Mas a Nação não perdêo, porque não demittio de si a liberdade, que tem, de unir a si todas as partes componentes da Monarchia. Esta liberdade pois está em todo o seu ser, e vigôr. Não existe já o Direito, mas existe a liberdade. Ora como a liberdade se funda no Direito, se a Nação, logo depois da morte do Senhor D. João VI, convidasse ao Senhor D. Pedro por esta, ou semelhante forma: = Principe, vós haveis ficado, por morte do Primogenito, sendo o primeiro Filho do Senhor D. João VI: a vós pois pertence a Corôa, segundo as Leis Fundamentaes da Monarchia: Reinai pois segundo ellas, como Reinárão vossos Avós; reuni em vós todos os Estados, e Dominios de Portugal; vivei comnosco, e para nós; lembrai-vos que o Brasil foi povoado, e civilisado, não para si, nem para alguma Nação estranha, senão para Portugal: se assim quereis, Reinareis; e se não, Não, Não, Não: = a Nação por este modo usaria do seu Direito, e exerceria a sua liberdade. Embora convenha á Inglaterra que o Brasil seja separado e independente de Portugal: a Portugal convem que o Brasil lhe seja unido e dependente. Portugal pois póde

reclámar que lhe sejão restituidos seus Direitos, que lhe forão usurpados pela mediação Estrangeira. Como porém por essa intervenção Estrangeira o Brasil continuasse, por morte do Senhor D. João VI, a ser huma Nação diversa, separada, e iudependente da Portugueza; e o Senhor D. Pedro insistisse no titulo de seu Imperador, e Defensor Perpetuo, e Portugal não podesse reunir a si todas as suas partes componentes, elle então usou do seu Direito em declarar qual dos Filhos do ultimo Rei devia ser seu Rei, sem que o exercicio deste Direito lhe tolhesse a liberdade de poder em todo o tempo vingar para si o Brasil, que lhe foi usurpado contra todos os principios reconhecidos, e adoptados na Diplomacia; sendo hum dos que mais andão em voga, e na bôca dos Diplomaticos, o principio da não intervenção, por virtude do qual a Inglaterra jámais pôde intervir em que o Brasil fosse separadó de Portugal. Parece-me haver lançado em esta grande circumducção de palavras os fundamentos, por onde as Nações estranhas devem encarar a grande Questão Portugueza sobre a Successão ao Throno: eu os contraio já em hum par de syllogismos logicos, que são huma verdadeira demonstração, que a todos deve convencer, se bem que neste seculo só syllogismos de bronze, ou de ouro domão a razão dos Homens d'Estado.

As Leis da Successão da Monarchia Portugueza estão strictissimamente ligadas ás Leis, por que a Monarchia se erigio, se conservou, e se augmentou. Ora as Leis da conservação, estabilidade, e augmento da Monarchia Portugueza forão variadas essencialmente. Logo tambem variárão as Leis da Successão. Segundo syllogismo: He Lei Fundamental da Monarchia Portugueza que se conservem unidos todos os seus Estados, Dominios, e Conquistas, com dependencia perpetua da Metropole, que para si os adquirio; e que o primeiro Filho do Rei succeda nelles por morte de seu Pai, e assim os mantenha, conserve, e defenda unidos, e subordinados á Metropole, transmittindo-os tambem por esta forma aos seus Successores; pois que esta he a condição, pela qual em Portugal os Reis Reinão, e se não, Não; o que até se colhe daquelle juramento explicito, que a Carta Constitucional Titulo 5.° Cap. 2 Art. 76 exige do Rei, antes de ser acclamado: = Juro manter a integridade do Reino; = juramento que virtualmente prestárão sempre todos os Senhores Reis de Portugal. Ora esta Lei caducou em prejuizo da Nação Portugueza, pela desmembração, desunião, e independencia perpetua do Brasil. Logo tambem caducou a Lei da Successão para o primeiro

Filho do Rei, por isso que elle não mantem unidos e subordinados á Metropole todos os Estados, Dominios e Conquistas que a Metropole adquiríra para si. Vá o terceiro syllogismo, porque a força triplicada difficilmente póde ser vencida: Na dúvida da Successão á Corôa de qualquer Estado, só o ultimo Soberano ou o mesmo Estado póde declarar qual he o Successor, pois que ninguem se póde fazer Rei a si mesmo. Ora o Senhor D. João VI não declarou qual fosse seu Successor, como consta do citado Decreto. Logo este Direito de declaração devolvêo-se todo á Nação Portugueza.

Eu sei que alguns dos meus Leitores hão de achar superfluas estas demonstrações; porque todo Portugal está convencido de que á Nação pertencia declarar qual dos dous Filhos do ultimo Rei devia ser seu Rei; mas eu não escrevo para os que entendem, senão para os que não entendem, ou que não querem entender. Os Tres Braços do Estado, que representárão a Nação no anno de 1828, na linguagem dos Revolucionarios forão Revolucionarios; e na linguagem dos Diplomaticos forão convocados e reunidos sem Direito, pois que não tinhão, vociféra a cabala de certos Ministros, Direito a declarar qual fosse o Herdeiro, e Successor do Senhor D. João VI; e isto fundão elles em duas razões: 1.ª Porque as Leis da successão Portugueza estavão já dantes prefixadas, e não podem variar-se: 2.ª Porque já o Senhor D. Pedro fôra declarado Successor na Corôa Portugueza pela Regencia destes Reinos, e toda a Nação se aquietou. Ora eu tenho demonstrado que as Leis da Successão havião sido transtornadas essencialmente pela variação essencial das Leis Fundamentaes da Monarchia, na desmembração e independencia do Brasil: poderá outra penna mais vagarosa discorrer com mais agudeza e elegancia; com melhores, e mais fortes razões, não. Tem suado os Prelos em Portugal, na França e na Inglaterra com as discussões dos Direitos da Successão Portugueza: acredita-se que a materia está esgotada. Mas não sei que se tenhão abonado ou legalisado os principios por onde se póde resolver esta Questão; e esses principios são os que estão impugnados em Diplomacia, quero dizer, que se nega aos Tres Braços do Estado o Direito de declarar quem he o Rei de Portugal. Pois esse principio he o que eu agora legalizei, e ainda legaliso d'huma só vez. = Duvída-se qual dos dous Filhos do Senhor D. João VI deve reinar em Portugal: não ha quem possa resolver esta dúvida, senão a Nação Portugueza; nem a outra Nação pertence, porque todas ellas adoptárão o principio da não intervenção nos negocios internos e

proprios de outra Nação. A Nação declarou que o Successor do Senhor D. João VI na Corôa Portugueza he o Senhor D. Miguel: as armas sustentarão esta declaração contra o Senhor D. Pedro, e a farão valer contra elle, porque as Nações, estando pelos seus principios, não podem intervir a seu favôr. = Responda agora toda a Diplomacia Europea: resussite Canning, ou reviva o mesmo Montesquieu, e venhão comigo a argumento, mas venhão de boa fé; elles confessarão que a Nação Portugueza usou do seu Direito, declarando a dúvida, que havia sobre a Successão ao Throno, pois que só a Nação Portugueza podia resolver este Problema todo do seu interesse, e que não offende Nação alguma.

Mas os Revolucionarios do Porto, e com elles huns certos Diplomaticos da Europa dizem que os Tres Estados não tinhão Direito a declarar Rei ao Senhor D. Miguel, porque já o Senhor D. Pedro fôra declarado em 1826 pela Regencia destes Reinos, e a Nação se aquietou em quanto o Senhor D. Pedro não dêo a Carta Constitucional. Esta he a segunda razão dos Revolucionarios, e dos Gabinetes, que os protegem: está a sua primeira razão desvanecida; vou desvanecer-lhes a segunda, e assim tirarei á Diplomacia os pretextos, com que recusa, ou delonga o Reconhecimento do Senhor D. Miguel em Rei de Portugal. Para os Revolucionarios, digo, para esses que no anno de 1828 pegárão em armas para se oppôr á reunião dos Tres Braços do Estado, direi huma só palavra: A grande Questão Portngueza só por duas maneiras se podia decidir, pelas Leis, e pelas armas: a Lei foi-vos dada, o Senhor D. Miguel foi declarado Rei; as armas tambem decidírão contra vós, dai-vos pois por vencidos, submettei-vos ao Rei, e á Nação, e as vossas desgraças terão ainda algum alivio. Mas como esta linguagem não agrada, e a persuasão não sirva senão para almas bem dispostas, eu tomarei a linguagem da convicção para confundir a cegueira dos Revolucionarios, e para tirar da sua indecisão aos Diplomaticos.

Conhecêo-se em Portugal desde o anno de 1822, e o conhecêrão todos, assim os Constitucionaes, como os Realistas, que o Senhor D. Pedro não podia já subir ao Throno de seu Pai, que o Direito lhe dava, por ser seu primeiro Filho, em razão de se haver constituido Imperador, e Defensor Perpetuo do Brasil, desunindo-o, separando-o, e fazendo-o independente da Corôa Portugueza: os Deputados então o sobrecarregárão dos mais injuriosos nomes, chamárão-lhe Filho rebelde, declarárão-no inimigo de Portugal, e houverão-no por

desherdado do Throno Portuguez. Entre esses Deputados houverão alguns, que julgárão, com os Pedreiros todos, estarem extinctas, ou haverem caducado no Senhor D. Pedro, pela sua rebellião á Nação Portugueza, as Linhas dos Descendentes do Senhor D. João VI, e haver chegado a época, em que as Côrtes podião chamar ao Throno a pessoa, que entendessem convir melhor ao bem da Nação, segundo a disposição do Artigo 142 do Cap. 4.° Tit. 4.° da Constituição por elles feita nesse mesmo anno. E quem sería essa pessoa, a quem chamassem ao Throno? Seria da familia de Napoleão, ou dessa, a quem Palmella offerecêo a mão da Filha do Senhor D. Pedro? Perguntem lá por isso os meus Leitores ao Pato Moniz! Estouvado Pato! Conhecêo pois a maioria Portugueza que o Throno, na defeição do Senhor D. Pedro, ía passar ao Senhor D. Miguel por morte de seu Augusto Pai. Succede o anno de 1823, e aquella heroica resolução do Senhor D. Miguel, pela qual segurára a seu Pai a vida, e o Throno; a sua Augusta Mãi a liberdade, e o triunfo; a suas Augustas Irmãs a dignidade, e o decoro; aos Povos a paz, e a prosperidade; fez conhecer a quasi todos os Portuguezes que não só a Lei o destinava para Rei, na falta de seu Irmão, como a Providencia o creára para salvar a Monarchia. Mas os Revolucionarios não tinhão em Portugal onde volvessem as suas esperanças; elles pois se ligão ao Revolucionarios do Brasil, e vão ancorar no Senhor D. Pedro a sua Causa por então perdida: elles publicamente dizião no anno de 1824: = O Senhor D. Pedro he a nossa esperança; elle he quem nos ha de salvar. = Cuida o Senhor D. João VI em reconquistar o Brasil, e metter aquelles Povos no caminho da obediencia; mas seus rogos, suas persuasões, seus convites de amizade ao Senhor D. Pedro são baldados. Este Filho mal aconselhado queria o Brasil para si, e pelo ter, e possuir dizia que nada queria de Portugal: recorrêo-se então, ou quiz o Governo Portuguez recorrer ás armas: o Senhor D. Miguel era quem mais forcejava por manter para seu Pai a integridade do Reino; mas seus desejos erão contrariados pelos Ministros que cercavão a ElRei: tenta pois separar-lhos; e eis que estes esforços de hum verdadeiro Filho, de hum magnanimo Principe, lhe custão o degredo. Desmintão-me os Pedreiros, mas elles não podem: o Senhor D. Miguel foi separado de Portugal para os Revolucionarios impedirem, como effectivamente impedírão, a reunião das partes componentes da Monarchia Portugueza; e o Senhor D. Pedro se congraçou com seu Pai, reconhecendo este a seu Filho em Imperador do Bra-

sil, Independente de Portugal, como se reconhece a hum Soberano Estrangeiro. Não houve Portuguez algum que se lembrasse de disputar a hum Pai a authoridade de se congraçar com seu Filho, ou a hum Rei o poder de perdoar a hum seu Vassallo, por muito criminoso e rebelde que elle fosse, porque tambem David quiz que se perdoasse a seu Filho, e parricida Absalão, se bem hum General não esteve pelos autos de piedade e fez nelle bem merecida justiça: mas muitos Portuguezes se persuadírão então, e ainda hoje vivem persuadidos, a que o Senhor D. João VI não podia consentir na perda do Brasil e que a Nação conserva a liberdade de o vingar: como quer que isto fosse, ou seja, ahi houve intervenção ou mediação Ingleza, e ElRei se vio moralmente coacto a consentir no que não queria, nem devia querer. E quando cessará em Portugal esta intervenção Ingleza, ou quando os Portuguezes deixarão de andar aos pontapés de quatro Ministros radicaes da Inglaterra? Queirão de veras os Portuguezes ser livres, e elles o serão: elles já o fôrão, e a Inglaterra respeitou-os, temêo-os e dêo-lhes quantas satisfações lhe fôrão pedidas. Mas então nesse Reconhecimento da Soberania e da independencia do Brasil na pessoa do Senhor D. Pedro não houve hum só Portuguez, que não conhecesse que a Corôa Portugueza era por elle mesmo renunciada, por seu mesmo Pai separada para a Familia, que lhe restava; que finalmente a Corôa Portugueza mais não podia pertencer-lhe, passando, já não pela sua rebellião, mas pela Lei da separação das duas Corôas, ao segundo Filho do Senhor D. João VI, por morte deste.

Todas estas cousas, que fôrão notorias, e públicas em Portugal, e fóra delle, trago eu aqui para fazer vêr a esses Ministros Estrangeiros que a lembrança de Miguel Rei era geral entre os Portuguezes desde o anno de 1822, que se fortificou no anno de 1823, e acabou de se consolidar no anno de 1825; que elles o não acclamárão, só por o Senhor D. Pedro ter dado a Carta Constitucional, a qual os Portuguezes detestão, e hão de detestar sempre, ainda que pêze ás luzes das Nações Estrangeiras, com as que sempre ellas andão ás escuras, mas porque a razão, a Lei, e a independencia de Portugal assim o demandavão desde o dito anno de 1822, e especialissimamente desde o anno de 1825. Succede a este o de 1826, o anno fatal, que dêo cabo dos melhores Soberanos da Europa; o anno, em que os Pedreiros desenvolvêrão todas as suas forças da intriga, da mentira, da impostura, e da trahição: no começo desse anno faz hum dos Ministros, que cerca-

vão o Senhor D. João VI, espalhar o boato da sua morte, para conhecer os animos dos Portuguezes; de maneira que quando ElRei estava vivo fizerão-no morto, e quando estava morto fizerão-no vivo!!! Immediatamente que se espalhou aquelle boato apparecêrão Proclamações, em que se manifestava á Nação a necessidade de se reunir, e de acclamar o Senhor D. Miguel, fazendo vèr a impossibilidade de o Senhor D. Pedro reinar. A Praça de Chaves foi a primeira que dêo este testemunho de adhesão ao seu Rei: em Villa Real de Tras os-Montes, sendo ainda vivo o Senhor D. João VI, depois de se lhe darem os Vivas, que a obediencia, e o amor entoavão, se dizia: = Viva o Senhor D. Miguel, futuro Successor á Corôa. = Seus Auctores fôrão mil vezes denunciados, perseguidos, dispersados, e alguns delles presos. O corpo de delicto, ou, antes, este testemunho dos Direitos do Senhor D. Miguel, sendo ainda seu Pai vivo, deve estar nas Secretarias d'Estado, ou na da Intendencia Geral da Policia. Esses Ministros Estrangeiros, que vierão affrontar a Portugal no anno de 1826, depois da morte do Senhor D. João VI, e que ambicionárão intervir na grande Questão Portugueza sobre a Successão ao Throno, sem outro interesse para as suas Nações que o de proteger o Maçonismo e de levar para os seus cofres alguns centos de milhares de cruzados; esses Ministros, que tudo escabulhavão, que de tudo querião saber, como não pedírão ao Barradas, ou ao Lacerda, ou ao basbaque de Renduffe estes Documentos da opinião Portugueza ácerca da Successão ao Throno? Elles então dirião, ou devião dizer aos Soberanos, dos que se dizião Enviados: = Em Portugal se duvida qual he, ou deve ser o Successor do Senhor D. João VI: só a Nação Portugueza póde resolver esta dúvida, que he toda do seu privativo interesse: nós não podemos intervir em este grande negocio; devemos sómente estar pela sua resolução, porque qualquer que ella seja não póde ser offensiva aos interesses da Nação, que representamos. = Esta declaração dada com esta franqueza faria honra ao Corpo Diplomatico Estrangeiro existente em Portugal. Porém seus Empregados obravão, ou por ignorancia, ou por má fé! Elles ou não sabião senão o que as Lojas Maçonicas lhes transmittião, ou occultavão ás suas Côrtes o que por outra via sabião!

Mas, dizem estes, tudo isso assim foi, e assim he; porém a Regencia installada pelo Decreto, que se mostrou depois da morte do Senhor D. João VI, declarou seu Successor o Senhor D. Pedro; e a Nação Portugueza se aquietou em quanto o Senhor D. Pedro não enviou a Carta. Ora eis-aqui

o grande argumento Diplomatico, do qual deduzem que a Acclamação do Senhor D. Miguel he huma verdadeira revolução, ou huma formal desobediencia ao Senhor D. Pedro. He necessario que eu me detenha sobre este argumento exagerado ao infinito, mas na verdade frívolo, e insubsistente: creio dever dar-me a este trabalho, como minha propria tarefa, pois que o célebre Conde de Villa Real no seu Discurso; bem que seus mesmos apaixonados me disserão que não fôra composto por elle, porque nem disso he capaz, não sendo necessario para hum Diplomatico destes tempos saber lêr, nem escrever, só sim ser muito tôlo, e muito velhaco, no dito Discurso pronunciado na Camara dos Pares na Sessão de 4 de Dezembro de 1826 disse que *por informações certas, que tivera do que se passára em Lugo, onde havia hum Deposito de Transfugas Portuguezes*, (fugírão porque não querião que o Senhor D. Miguel fosse esbulhado de seus Direitos ao Throno) *soubera que se tinha cantado huma Missa solemne* (fui eu o Missa-cantante) *no Convento das Freiras Dominicas daquella Cidade, em que se dêo a Collecta pelo Senhor Infante D. Miguel como Rei de Portugal*, (essa Collecta dêo-se logo depois da morte do Senhor D. João VI por todos aquelles Sacerdotes animosos, que sabem distinguir nos Bispos a sua authoridade ácerca das Leis da Igreja, e ácerca das Leis do Reino) *não tendo julgado o Padre Alvito Buela Pereira de Miranda*, (eu sou esse mesmo homem, que conheço pessoalmente o incoherente Conde de Villa Real) *que prégou o Sermão nessa occasião*, (pois nunca préguei em favôr da Constituição, nem a bem do Senhor D. Pedro, porque em aquelle lugar não se póde dizer bem do que he mal) *poder propôr aos Transfugas o prestar o Juramento segundo a formula, que lhe tinha remettido o Visconde de Canellas*, (mente, ou ignora o tôlo: o Visconde de Canellas não podia confiar esse negocio de mim, depois de com a sua Assignatura, como Presidente do despresivel Governo do Porto do anno de 1820, me haver mandado prender por sequaz do fidelissimo Conde de Amarante) *por se fazer nella menção do Senhor Infante D. Sebastião.*

Como pois eu sou na opinião do Conde de Villa Real hum dos Auctores daquelle Plano, e daquelle Juramento, apezar de que eu não sou do número dos que em algum tempo jurárão obediencia, e vassallagem ao Senhor D. Pedro IV, e depois a negárão, porque eu nunca jurei tal obediencia, nem vassallagem, nem hei de jurar, nem hei de lhe obedecer, salvo se fôr como o Réo, que indo para o patibulo se

sujeita ao Carrasco, ou Algoz, eu devo profundar de proposito esta grande Questão Portugueza ácerca da Successão ao Throno, não por amor do Senhor D. MIGUEL, que não precisa de mim, nem por amor dos Portuguezes, que sabem defender seu Rei, e defender-se a si, mas por amor dos Revolucionarios, e dos Diplomaticos, para que saibão que hum Gallego basta para suster esta Questão, e confundi-los, como outros Gallegos abysmárão com Letras, e Armas outras Questões de maior momento na Europa, outros Revolucionarios, e Diplomaticos mais poderosos que os deste Seculo. Hum Gallego aprisionou o grande Francisco I de França! Eu sou Clerigo, mas tenho mãos para prender a qualquer inimigo do meu Rei, e Senhor D. MIGUEL I. As minhas letras são o Larraga; minhas armas hum grosso Cacete, e ás vezes huma espingarda; para os Diplomaticos, que defendem o Senhor D. Pedro basta hum Gallego; para os Pedreiros eu acompanho os honradissimos Portuguezes, porque pensando todos como eu penso, e obrando todos como eu desejo, Portugal está defendido de todos os Pedreiros, que o ameação.

Rebordosa 7 de Novembro de 1831.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1831.

Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 11.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

A grande Questão Portugueza sobre a Successão ao Throno.

DIZEM os Diplomaticos, e antes delles, e com elles todos os Revolucionarios, que a Regencia de Portugal organisada por virtude do Decreto, que apparecêo depois da morte do Senhor D. João VI, declarou seu Successor o Senhor D. Pedro, e que a Nação se aquietou, em quanto não apparecêo a Carta; e que os Portuguezes, he esta a linguagem do Conde de Villa Real, tendo jurado obediencia, e vassallagem ao Senhor D. Pedro IV, a negárão depois á face da Europa toda, que o havia reconhecido como Rei Legitimo de Portugal, a sua Authoridade, e o seu Direito á Corôa. Ora ahi vão humas tantas perguntas; e se a ellas me responderem em Direito os Diplomaticos da Europa toda, eu me dou por vencido, e desde já me confesso por mais ignorante que todos elles, que he a maior altura, a que póde subir a minha ignorancia. Em que Direito, ou razão cabe que o reconhecimento das Nações constitua, e faça valiosa huma usurpação conhecida na sua origem, principios, meios, e fim? Não reconhecêo a Europa toda a Napoleão como Imperador dos Francezes, e ella mesma não o desthronou ao depois? Ah! que esse foi, dirão elles, o estado da oppressão; e este he, ou foi, digo eu, o estado da trahição, do Maçonismo, da intriga, e da ignorancia. Não tinha a Europa toda reconhecido a Carlos X como Rei da França, a sua Authoridade, e o seu Direito á Corôa; e não o *desreconhecéo*, permitta-se-me esta expressão, ao depois, reconhecendo a Luiz Filippe de Orleans? Vá mais huma pergunta sobre Portugal, que he o Paiz da Questão:

Não tinha a Europa toda reconhecido a Filippe IV da Hespanha como Rei Legitimo de Portugal, e ao depois não o *desreconhecéo*, reconhecendo, como era de justiça, ao Senhor D. João IV, a sua Authoridade, e o seu Direito á Corôa? Logo taes reconhecimentos não fazem, nem desfazem a Legitimidade: elles erão em outro tempo contemporisações politicas por interesse das Nações reconhecentes: hoje estes reconhecimentos não tem pela maior parte outro fim, que proteger os Revolucionarios. Se o ex-Marquez de Palmella fosse o Ministro d'Estado do Senhor D. Miguel, o Senhor D. Miguel já estaria reconhecido, e já estaria perdido, ou morto. Acquiescêo a Nação Portugueza á declaração, que a Regencia fez do Senhor D. Pedro em Successor do Senhor D. João VI: supponhamos este facto, que he totalmente falso, porque alguns Portuguezes logo mostrárão a sua renitencia por escripto, de palavra, e até no seu semblante carrancudo, e feroz, quando se lhe fallava no Senhor D. Pedro. Mas que prova esse supposto facto a favor da Legitimidade do Senhor D. Pedro? O mesmo que prova a acquiescencia dos Portuguezes ao Governo de Junot; o mesmo que provou a acquiescencia dos mesmos Portuguezes á Constituição do anno de 1822; o mesmo que provou a sua acquiescencia ao Governo dos Filippes de Castella: logo que os Portuguezes podérão, Junot mandado á fava, os Constitucionaes á cadeia, e os Filippes ao Escurial. Em que Direito está, que hum, ou outro facto, não livre, nem diuturno, mas coacto, momentaneo, e precario, constitua posse, prescripção, ou Direito? A acquiescencia dos Portuguezes á dominação dos Filippes de Castella não dêo a estes prescripção sobre aquelles, não obstante o haver decorrido o espaço de sessenta annos; e o nome do Senhor D. Pedro, gravitando por menos de cem dias sobre huma Nação comprimida, prescreveria contra ella? Quando he que prescreve o tempo contra alguma Nação? Respondão-me todos os Politicos da Europa: Huma Nação, por não usar do seu Direito, não o perde jámais. Huma Nação, por não exercer a sua liberdade em hum seculo, não amitte o jus, que tem a exerce-la. Estes principios de Direito são admittidos por todos os Politicos, assim antigos, como os mesmos modernos: os Revolucionarios, elles mesmos se servem delles para cohonestar, e legitimar as suas Revoluções. Que fez o Brasil? Que he o que acaba de fazer a França? Que fizerão os Portuguezes Revolucionarios no anno de 1820? E que esses perversos se atrevão a dizer que os Portuguezes, por não haverem opposto huma resistencia pública, e ruidosa á voz do Senhor D. Pedro no es-

paço de menos de cem dias, não podião jámais usar do seu Direito, e exercer a sua liberdade, chamando ao Throno, a quem as Leis marcavão, e a quem só a intriga repellia!!!

Mas os Portuguezes jurárão obediencia, e vassallagem ao Senhor D. Pedro, e depois lha negárão: são pois refractarios, e perjuros. Eis ainda hum argumento, que os Revolucionarios fazem aos Portuguezes fieis, atacando-os com o mais forte, e mais sancto, que a Religião tem. Estes diabolicos Protheos, que tem declarado a guerra a toda a Religião, e a todas as virtudes, invocão a Religião, e as virtudes para perpetrar os mais horrendos crimes, ou para obter a protecção, o apadrinhamento, e perdão delles, ou para insultarem com honesta côr aos que presão a Religião, e a virtude. Elles não jurão huma só vez, que não perjurem, e depois disto atassalhão aos que jurão christã, e sanctamente. O juramento he sempre entre elles o vinculo da iniquidade; peiores que hum seu chefe, Priscilliano, o qual observava, e fazia observar a seus discipulos o impio preceito: = *jura, perjura, secretum noli prodere;* = elles tomão o juramento, não só para não revelar os impudendos segredos dos seus conventiculos, mas para revelarem, o que jámais devêra ser público. Elles aproveitão todas as doutrinas dos Theologos Probabilistas, e dos Heterodoxos, para jurarem, e perjurarem com a maior facilidade. Ora dito juramento de obediencia, e de vassallagem ao Senhor D. Pedro não prestárão jámais os Portuguezes, nem delles foi exigido, em quanto não veio a Carta Constitucional; porque os Revolucionarios não constituírão Rei ao Senhor D. Pedro senão com a condição d'elle assignar a Carta, que lhe enviárão, como se lhe dissessem: se assignais, assignâmos; se prometteis ser nosso amigo, nós promettemos sê-lo vosso; se fazeis que nós governemos em vosso nome, nós faremos que o vosso nome governe; senão, não. Veio com effeito assignada a Carta, e então se prestou por alguns Portuguezes o juramento ao Senhor D. Pedro, e á Carta, que são synonymos, ou huma mesma entidade, tanto assim que, desapparecendo a Carta, desapparece o Senhor D. Pedro, apparecendo ella, apparece elle, e assim reciprocamente, podendo dizer-se com inteira verdade que o Senhor D. Pedro foi jogado em huma Carta, ou que a Carta foi jogada no Senhor D. Pedro. Prestou-se pois então o dito, ou chamado juramento, mas ao mesmo passo, e simultaneamente se dêo o grito de = Viva o Senhor D. MIGUEL I, Rei Absoluto: = e eis-aqui como o juramento ao Senhor D. Pedro foi resisti-

do, e contraditado por outro juramento ao Senhor D. Miguel, soando ao mesmo tempo, mas por diversas bôcas, o juramento da trahição, e o da Legitimidade: aquelle, ou o que se fez em favor do Senhor D. Pedro, extorquido, constrangido, injusto, illegal, impio, sacrilego, e nullo: este, ou o que se prestou ao Senhor D. Miguel, voluntario, espontaneo, livre, justo, legal, sancto, necessario, firme, e valioso; juramento de Lei, de Religião, de Consciencia, e de Honra.

Mas esse, que chamão juramento de obediencia ao Senhor D. Pedro, foi elle hum verdadeiro juramento? Porque se o foi, alguma obrigação induz, ao menos a de o não quebrantar sem causas justas, e necessarias, e de pedir relaxação á Authoridade Suprema da Igreja, que he o Papa, Vigario de Jesus Christo na Terra, em quem reside o pleno poder de atar, e desatar, ou de ensinar aos Christãos tudo o que toca á fé, á consciencia, e aos costumes; a quem Deos entregou o dom da infallibilidade em todas as doutrinas da salvação, para que os Fieis não carecessem de Mestre, que os affastasse do erro, e que os guiasse pelo caminho da verdade com toda a segurança. Eu bem sei que a muitos dos meus Leitores não agradarão estas idéas, por antigas, ou rançosas; mas ellas são as mesmas, em que forão nutridos nossos Pais, e Avós; e nós pelas despresarmos somos indignos de nos charmarmos seus filhos. Recorrer ao Papa? me dirão alguns, isso he o que o Papa queria, para embolsar alguns contos de réis. Assim discorrem os tôlos, ou velhacos, calumniando a Sancta Sé Romana, que expede gratuitamente todas as Graças, que dizem respeito á salvação, e á consciencia dos Fieis: eu sou boa testemunha a este respeito; mas fique-se para melhor occasião a discussão da honra da Sancta Igreja de Roma, entendendo sempre os Portuguezes que a Defeza de Portugal será tanto mais forte, quanto elles mais adherentes forem á Authoridade do Papa. Eu disse que se o chamado juramento de obediencia ao Senhor D. Pedro foi hum verdadeiro juramento, tendo havido causas justissimas para o quebrantar, podem pedir relaxação delle esses Sanctinhos do diabo, permitta-se-me esta frase para os confundir, esses escrupulosos do dia, e criminosos de noite; essas Beatinhas da moda, que escrupulisão de escarrar no adro da Igreja, e não reparão em çujar a Capella Mór; esses Christãos no exterior, e Pedreiros nos figados, que tem o Rozario na esquerda, e o punhal na direita; (era esta frase, com que os apontava o primeiro Conde de Amarante) elles são semelhantes a esses refinados alcoviteiros, e alcoviteiras do Porto, que tem as ca-

mandulas em huma mão para enganar, e em outra huma carta para entregar. Ignorantes são os Constitucionaes, hypocritas mais que o diabo feito sancto, malvados mais que Judas o Iscariótes: elles não escrupulisão em quebrar o juramento prestado ao Senhor D. Pedro, porque para elles tanto lhes importa Pedro, como Saulo; no que escrupulisão he no juramento da Carta. Pois a Divinal, a Sancta, a Liberal, a que descêo dos Ceos, a Constituição ha de ser quebrantada? dizem elles, antes morrer que tal fazer. Sim, Senhores: a Carta não ha de ser quebrantada; ha de parmenecer inteira, e toda inteira se lhes ha de metter a vossês pela bôca abaixo, toda, Bases, Constituição, e Carta Constitucional, para que vossès sejão nutridos, affogados, e arrebentados com a Divinal. Na verdade, não he possivel conservar sempre o serio, quando se tracta com estes juramenteiros do Senhor D. Pedro, e da Carta: são como huma boa parte das testemunhas do Paiz, em que habito; ellas não tomão juramento, sem tomarem antes huma canada do enforcado; assim chamão aqui ao vinho, que estas terras produzem, e bem; porque enforcado devia ser elle de máo que he: nem mais, nem menos os Constitucionaes; elles não jurárão obediencia ao Senhor D. Pedro, e á Carta, sem que antes embocassem as suas duas garrafas do Porto: tanto elles berravão, tanto inchavão as suas porcinas bochechas, quando pronunciavão as palavras do juramento. Eu vi nesse dia aos Ministros Territoriaes, que davão o juramento; elles me parecião os Cortesãos desse pobre Francez, que Napoleão fez Rei das Hespanhas por dous dias, ou pouco mais: chamava-se elle José Botelhas, ou Garrafas: todos aquelles, e todos aquelloutros érão huns pingas. Só por esta forma podia ser dado, e tomado aquelle juramento, e depois delle = venha o vinho = gritavão elles, errando o nome do Hymno.

Mas eu tomo já seriamente o negocio do juramento, porque acaso haverião alguns, que o tomassem seriamente. Devo porém assentar primeiramente algumas proposições ácerca do juramento com a doutrina corrente da Igreja: 1.ª Não obriga o juramento, que se presta, de fazer alguma cousa injusta, iniqua, ou illicita, ou que seja offensiva, e injuriosa a alguem. 2.ª Não obriga o juramento, que se toma contra as Leis da Igreja, ou do Estado. 3.ª Não obriga o juramento contra o Papa, como Soberano Espiritual, ou contra o Rei, como Soberano Temporal. 4.ª Não obriga o juramento de guardar fé, e lealdade áquelle, que primeiramente a quebrantou, quando a fé, e lealdade são reciprocas. 5.ª Não obriga

o juramento feito sobre huma cousa duvidosa, em quanto ella permanece duvidosa. 6.ª Não obriga o juramento a cumprir aquillo que, quando se jurou, não havia animo de cumprir, ou quando o juramento se fez sem animo de jurar. 7.ª Dizer =juro, = ou assignar huma acta de juramento, não he jurar. 8.ª O juramento he hum acto personalissimo, no qual se invoca o testemunho Divino sobre materias, que as Leis Divinas, e humanas, a consciencia, ou a razão não prohibem; e sobre cousas, que de algum modo estão ao alcance do que jura. Lançadas estas proposições, que são extrahidas da doutrina dos Concilios, e dos Theologos da Igreja, deduso outras tantas consequencias sobre o juramento de obediencia ao Senhor D. Pedro, e á Carta: 1.ª Os Portuguezes não podião jurar huma obediencia, que as Leis Divinas prohibem, pois que a tolerancia de todos os cultos, e de todas as opiniões, tal qual a Carta Constitucional prescrevia, he reprovada pela Sancta Escriptura, pela Tradição, e por todos os principios da Igreja; huma obediencia, que as Leis humanas prohibem, pois que he Lei do Reino que se não obedeça a hum Principe Estrangeiro, ou mesmo que não seja Estrangeiro, que despedace a Monarchia, ou as Leis da sua conservação; huma obediencia, que a consciencia defende, pois que o mesmo coração portuguez dicta não sujeitar-se a hum Principe, que faz a guerra á sua Patria; huma obediencia, que a razão não consente, pois que todos os Portuguezes entendem que lhes he injurioso submetter-se a hum Principe que, sublevando huma Colonia do Reino, quer, permanecendo nella, dar Leis á Metropole, que a adquirira: nem ao alcance de todos os Portuguezes estava saber em tanta distancia, como ha de Portugal ao Brasil, se era o Senhor D. Pedro quem mandava, se em seu nome algum de seus Ministros, vassallos estranhos, e rebeldes á Nação Portugueza. 2.ª Os juramentos tomados em Portugal desde o anno de 1820 até o de 1828, em que o Senhor D. Miguel foi jurado, commummente forão humas meras formulas, redigidas por algum Escrivão, ou Secretario, por elle lidas em alta voz aos circumstantes, e por estes, sem dizerem palavra, sómente assignadas; e todos os Canonistas, e Juristas sabem, ou devem saber que, assignar huma forma Tabellioa de juramento, não he tomar juramento, nem contrahir obrigação alguma, que ligue a consciencia, ou a razão: dita assignatura não prova outra cousa, que haver estado presente ao acto, ou de bom, ou de máo grado, o que a fez. 3.ª A maioria dos Portuguezes, que assignou, ou desse modo jurou obe-

decer ao Senhor D. Pedro, e á Carta, não tiverão outro animo, que o de se haverem passivamente, em quanto não tivessem meios, occasião, e forças de sacudirem o seu gravoso, detestado, despotico, e cruel jugo: assim deverão jurar, ou obedecer os Portuguezes a Filippe II de Castella; e assim obedecêrão elles a Filippe III, e a Filippe IV: logo que poderão sacudir-se delles, Castelhanos fóra. Esse não he juramento, he antes hum termo de ceder á força, ou hum virtual protesto de lhe resistir, logo que possivel seja. Eu sei que muitos Portuguezes obedecêrão, e promettêrão obedecer ao Governo do Porto do anno de 1820 com as ditas boas disposições. 4.ª A maior parte dos Portuguezes estava em dúvida sobre os Direitos da Successão ao Throno: eu digo a maior parte dos Portuguezes, com referencia ás Classes vulgares, porque as illustradas estavão certas de que o Senhor D. MIGUEL devia ser em Portugal o Successor do Senhor D. João VI, pois esses Portuguezes, em quanto a dúvida permanecêo, não podião jurar de obedecer a hum Principe, ácerca do qual duvidavão se podia, ou devia Reinar em Portugal; e assim só tiverão animo de lhe obedecer, na ausencia do Senhor D. MIGUEL, em quanto a dúvida não fosse resolvida, ou, mais claramente, em quanto a força não fosse debellada, porque o Povo Portuguez ha muito tempo, que detesta o nome do Senhor D. Pedro, especialmente o Povo das Provincias, lembrado do tractamento, que lhes fez, ou mandou, ou consentio, ou não impedio se lhe fizesse lá no Brasil. 5.ª Não podião os Portuguezes guardar fé, e lealdade a hum Principe, que a não guardou a seu Pai, e que lha quebrantou a elles, fazendo-lhes a guerra, tractando-os como a inimigos, hostilisando-os, perseguindo-os, deportando-os, punindo-os, finalmente pondo-os fóra do Brasil com ignominia, com injuria, com ultraje, e com desgraça. 6.ª Tambem não podião os Portuguezes, nem querião obedecer a hum Principe, que com a Carta Constitucional na mão deprimia entre elles o poder do Papa, e a dignidade da Soberania. 7.ª e 8.ª Conseguintemente não se obrigárão os Portuguezes, nem deverão, nem quizerão obrigar-se a hum Juramento, que se oppunha ás Leis da Igreja, e ás Leis Fundamentaes da Monarchia, por ser hum tal Juramento injusto, iniquo, ímpio, illicito, sacrilego, e nullo, além de offensivo, e injurioso ao Senhor D. MIGUEL, a Quem os Portuguezes amavão a par do seu coração, requintado então o seu amor no crisol da mais viva saudade por elle; e hoje, elevado sobrenaturalmente o mesmo amor na sua Augusta Presença, sendo

mais facil aos Portuguezes dar-se voluntariamente á morte, que soffrer a menor injuria, ou o mais leve desacato á Sua Real Pessoa, e á Sua Legitima Soberania.

Mas a Regencia declarou ao Senhor D. Pedro Successor do Senhor D. João VI: logo a Nação Portugueza devêo obedecer-lhe, e conseguintemente a sua desobediencia foi huma parcialidade, ou huma facção. He este o ultimo baluarte em que se entrincheirão os Revolucionarios, e alguns Diplomaticos para não *desreconhecerem* o Senhor D. Pedro Rei de Portugal. Ora desfeitas, desbaratadas e reduzidas a pó as outras trincheiras do Maçonismo, subjugado a passo de ataqne o reconhecimento da Europa toda, a supposta acquiescencia da Nação Portugueza, e o simulado, e fantastico juramento a favor do Senhor D. Pedro, este baluarte da Regencia organisada, como Deos sabe, por hum Decreto, que escrevêo o Lacerda, que não deixaria de se pagar bem do trabalho, hei de leva-lo de assalto, por certas respeitosás considerações, que os Leitores devem observar. Salva pois sempre a cabeça, respeitados os respeitaveis Membros, illesos os Conselheiros d'Estado, não personalisando a alguem, o que eu cumpro sempre, quando a Lei os não vulnerou, ou quando a sua deserção, e apostasia deste Reino os não descobrio, eu lhes direi com o acatamento, que respectivamente lhes he devido: = Vós errastes o rumo da salvação da Patria, que regieis: certamente não fostes enganados, mas fostes coactos pela influencia de Diplomaticos Estrangeiros e pelas alterosas instancias de privados trahidores, pois que quando respirais livres, e obrais desafogados, com liberdade, e com desafogo vos submetteis ao verdadeiro, e Legitimo Successor do Senhor D. João VI: temestes então onde não havia que temer, pois se conhecesseis bem os Povos, que vos obedecião, acharieis que elles erão capazes de suster o vosso Governo, e nunca os Constitucionaes, que mesmo auxiliados por Forças Estrangeiras fazem tremer, e estallar os mais poderosos ligames do Corpo Social: o passo, que acabais de dar, reconhecendo o Senhor D. Pedro em Successor do Senhor D. João VI, o releva a incontestavel necessidade, em que estais, de manter a união dos Povos, que vos fôrão entregues: sem esse passo vós não serieis Regencia, ou Governo, e sem Governo a Nação desapparecia. Mas vós excedestes as vossas attribuições. Não he a vós, a quem pertence declarar qual seja o Successor do Senhor D. João VI: tomais certamente á Nação Portugueza o Direito, que só a força lhe póde disputar. Portugal pois vai tomar a sua Defeza,

sem offensa vossa, pois conhece bem que huma força moral mas poderosa vos domina.

Eu escrevo com liberdade; e, não a tendo, arrumo a penna. O Governo estava estabelecido; e fosse, ou de Direito, ou de facto, elle devia conservar-se para se manter este apparato de Nação, ou de Sociedade. Repito que he melhor haver algum Governo, seja como fôr, que não haver algum: a Nação Portugueza não podia passar sem que tivesse alguem, que a regesse, e que lhe conservasse os laços da sua Sociedade, pela fórma, e maneira, que fosse possivel. Se esse Governo faltasse, a anarchia era inevitavel, e infinita, porque não havia em Portugal quem tivesse respeito, consideração, e forças bastantes para dar algum calmante ás discordias, algum descanço ás paixões populares. Eu escrevo assim, e assim pensei sempre, não obstante de que tive a honra de acompanhar a milhares de Portuguezes, que muito voluntariamente nos separámos da obediencia ao Governo, que então regia em Portugal, e alevantámos outro, segundo as Leis Fundamentaes da Monarchia: mas o plano, que então concebemos em Defeza de Portugal, será examinado depois de haver ultimado a materia, que tenho entre mãos. O Governo pois foi moralmente coacto para declarar Successor do Senhor D. João VI ao Senhor D. Pedro; foi intimidado, foi illudido, foi trahido: elle não podia deixar de obrar como obrou, a querer conservar-se, a querer valer de alguma maneira aos Povos, que lhe obedecião, e que não podião abandonar a Patria, a querer finalmente não ser esmagado em todos, e em cada hum de seus Membros por huma horda de assassinos, e de furiosos desesperados. Eu não faço a Defeza da Regencia dos annos de 1826, e de 1827 por lisonja, ou por circumstancias, mas por dever, e por convicção. Lembrem-se senão os meus Leitores das archotadas de 1827. Que perigos não correo a liberdade, e a vida de Sua Alteza Real a Serenissima Senhora D. Isabel Maria? Cada archotista era hum Catilina; elles erão a relé, ou o primôr dos Republicanos. Recordem senão os meus Leitores a Revolução, que fez a maior parte do Exercito no anno de 1828, mesmo na presença, na poderosa, na vencedora presença do Anjo da victoria. Pois se elles, se esses desalmados ousárão pela segunda vez tentar o invencivel poder do Gedeão Portuguez, como não ousarião elles pela primeira ensanguentar-se na Augusta Pessoa da Irmã do Nosso Rei? Verdadeiramente que he muito facil ser governado, mas governar he a cousa mais difficil, que ha no Mundo, e governar em tempos, em que

ninguem obedece, em huma Nação, em que todos querião desobedecer, em que cada hum queria dar as Leis, em que se não sabia o que cada hum queria, em que não era possivel satisfazer ás paixões de todos, em que finalmente servir a huns era expôr-se a ser victima dos outros. Quererião talvez alguns Estoicos que o Governo se expozesse pelos seus Povos; mas elles não conhecem em que, sacrificado o Governo, a Nação commummente he sacrificada. Que seria dos Portuguezes agora, se lhes faltasse o Senhor D. Miguel? Meditem elles bem nisto, e acharão que, quando Elle estava ausente, a falta da Serenissima Senhora D. Isabel Maria deveria produzir a maior desgraça da Nação Portugueza. Era pois necessario que em 1826, e 1827 se conservasse em Portugal o Governo, que de alguma maneira conservava os Povos, os Estados, e Dominios de Portugal. Ora este Governo, ou de facto, ou de Direito, não podia existir sem se arrojar ao excesso de reconhecer ao Senhor D. Pedro por Successor do Senhor D. João VI. Logo houve necessidade, não legal, mas cruel, de o reconhecer em Rei de Portugal. Assim fôrão entregues á Providencia de Deos os destinos de hum Povo, a quem Deos proteje, para que os Portuguezes conheção de huma vez que não fôrão elles os que se salvárão a si mesmos, mas Deos, que os salvou, pelo Rei, que lhes enviou. Este sentimento de gratidão, e de humildade á Misericordia Divina fará que ella não desampare o Povo, e a Monarchia, que para si fundou. Creio que os meus Leitores se persuadirão a que eu reprovo de coração as invectivas, que algumas pennas tem vomitado contra a Regencia dos annos de 1826, e 1827, e contra os seus Membros, como se estes se tivessem conjurado na ruina de Portugal. Ralhar, calumniar, censurar, e maldizer he facil, mas he facilidade de tôlo, ou de velhaco, ou de malvado; he huma facilidade verdadeiramente revolucionaria. Estou persuadido de que os Portuguezes segurarão bem a Defeza de Portugal, se mais prudentes, e previdentes que huns certos Escriptores, que arrastárão o genio dos Povos ao azedume, evitarem cautelosamente a sátyra, o ridiculo, e o mordente, com que mais de huma vez tem sido insultadas as primeiras Personagens do Estado, seus mais interessantes, e principaes Funccionarios, as mais distinctas Classes, e os mais conspicuos Representantes da Nobreza. Eu só não respeito aos que a Lei não respeita: não provoco as paixões, e a anarchia, porque não dou a alguem motivo de queixa: se se dão por aggravados dos meus Escriptos, queixem-se da Lei; elles devião observa-la. Estas ao menos são

as minhas disposições, porque sigo os sentimentos do meu coração, e estes são, haver-me com todos como he justo que elles se hajão comigo. Mas eu largo da mão esta digressão, que parece enigmatica; ella se explicará, com admiração dos que me não conhecem, sobre certos chamados Classicos da Nação Portugueza, que ora manejão o thuribulo para lisonjear o crime, ora para darem com elle na cara á virtude não desmentida. Volto pois já sobre os meus passos, ou sobre os forçados, coactos, e violentos passos da Regencia de Portugal no anno de 1826, no Reconhecimento do Senhor D. Pedro, Imperador do Brasil, em Rei de Portugal, ou em Successor do Senhor D. João VI.

Dito Reconhecimento excedêo as attribuições da Regencia; conseguintemente desobedecer-lhe não foi huma parcialidade, ou huma facção, foi huma virtude, foi hum dever, foi hum Direito proprio, e peculiar da Nação Portugueza. Se eu provar isto, estou desembaraçado de todos os argumentos dos Revolucionarios, e de todos os enredos da Diplomacia da Europa toda, pois que elles já não tem mais a dizer, nem mais a allegar para susterem as arguciás da sua cabala. Eu devo fazer a prova pelos principios Constitucionaes, porque os Revolucionarios não reconhecem outros, e os Diplomaticos estão enfartados destas doutrinas Liberaes, ou que chamão da Liberdade, até aos cotovelos. Como fallo para Revolucionarios Portuguezes, e para Diplomaticos, que querem entender na grande Questão Portugueza ácerca da Successão ao Throno, vou á minha Livraria, e ahi ao lado do meu grande Larraga acho os dous grandes Codigos Constitucionaes Portuguezes, a Constituição do anno de 1822, e a Carta Constitucional do anno de 1826: abro, começo a lêr no primeiro in-Digesto Tit.... Mas eis que a este tempo hum meu Parochiano chega, tira-me a penna dos dedos, e me diz: = Venha, Senhor Abbade, ao alto da Freguezia, venha depressa, e verá huma cousa, que tem assustado a todo o meu Povo. = Parto, pego do meu familiar Cacete, subo ao ponto collocado na maior altura desta Freguezia; delle se divisa a elevada Villa de Vallongo, que lhe fica parallela; e dirigindo meus olhos pelo seu negrejante cume, observo no encrespado mar, que banha a lobrega Cidade do Porto, humas pequenas Embarcações, que velejavão em direcção á Foz. = Veja, Senhor Abbade, me dizia o homem; aquellas Embarcações, disse huma velha, que hoje por aqui passou, conduzem o Senhor D. Pedro, que vem estabelecer no Porto a Côrte do Reino de Portugal; que essa foi a razão, por que ha poucos

dias mandárão, e fizerão sahir das Cadeias daquella Cidade a huma porção de Malhados, que ahi estavão por favor, devendo estar na forca por justiça direita. = Ora ouvindo este desproposito, e sentindo o haver-me arrancado da occupação, em que estava pegado, alevantei o Cacete, por hum destes *motus primò primus*, que hum bom Realista póde difficultosamente reprimir, e por pouco não mato o homem; lembro-me porém que não he Malhado, ainda que tem adiantado muito para isso, porque he muito tôlo, e o Cacete então não trabalhou. As ditas Embarcações erão huns pequenos Barcos de Pescador, que devião vir carregados de má sardinha, ou, quando mais, de alguma solha, peixe assáz proprio do Porto; porém os toleirões daquella Cidade, velhacarrões de conta, apenas vêm velejar alguma Náo, ou Falua, acreditão que he o Senhor D. Pedro, que vem nella, mais credulos ainda que os Sebastianistas, que apenas vêm hum dia de nevoeiro, ou de cerração, imaginão ser o dia, em que apparece resuscitado o fallecido D. Sebastião. Desenganem-se os malvados: o Senhor D. Pedro não vem jámais a Portugal, porque não tem quem para isso o auxilie, e porque sabe que os Portuguezes são inexpugnaveis no seu amor pelo seu Legitimo Rei, e Senhor D. MIGUEL I. Recolho-me pois a casa; e como o papel se acabou, disponho outro para nelle mostrar que a Regencia de Portugal no anno de 1826 excedêo as suas attribuições, declarando ao Senhor D. Pedro por Successor do Senhor D. João VI.

Rebordosa 9 de Novembro de 1831.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1831.

Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.° 12.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

A grande Questão Portugueza sobre a Successão ao Throno.

Estou no dia 11 de Novembro, quando vou lançar mão do Codigo mais amado dos Portuguezes Revolucionarios, e eis me lembro que este dia he hum dos aziagos, ou fatidicos da Nação Portugueza: he o dia anniversario da célebre Martinhada do anno de 1820, quando reunidos os dous Governos Revolucionarios, do Porto, e de Lisboa, supprimida a Legitima Regencia do Reino, que fôra creada pelo Senhor D. João VI, e que em seu nome fizera victoriosas as Armas Portuguezas contra os Exercitos numerosos do — chamado — invencivel Imperador dos Francezes, seus componentes, ou Membros, se he que podião chamar-se Membros, onde não havia Cabeça, se dividem, altercão, e vem á bulha, e aos repellões, como as regateiras, sobre se havião de dar a Lei os do Porto, se os de Lisboa; se a Constituição havia de ser Aristocratica, ou Democratica; se a Nobreza havia de ter tambem as suas Camaras, ou não; e prevalecêrão os chamados Regeneradores do Porto, pelo auxilio dos seus Consocios Sepulveda, e Cabreira, em que só elles em Portugal havião de andar de Camaras, porque finalmente a Revolução era de tripas, e ellas razão tinhão para ellas sós cumprirem o officio, que lhes he proprio: he verdade que a essa bulha porca, a que se dêo com justiça o nome de Martinhada, não assistio então, por ausente do Reino, o insigne Palmella, e seu Cunhado o Conde de Villa Real, porque, a estarem presentes, havião tambem elles de ter as suas Cama-

ras; que esta porquissima, e mal cheirosa doença não só inficionou os farrapões do Porto, mas tambem alguns dos Fidalgos de Lisboa. Fujo pois de tantas Camaras, que na Martinhada querião, e que só conseguirão lhes viessem despachadas do Brasil, porque nem eu tenho nariz, que possa soffrer o máo cheiro, que de si as duas exhalão, se bem tendo lido os melhores Mestres de Medicina, sei qual he o especifico remedio desta molestia, a saber, a sangria em grande quantidade, ou o chumbo em grandes dóses, applicado, ou pelas espadas da valente Cavallaria Portugueza, ou pelas espingardas da forte Infantaria do Exercito Realista. Abro todavia, e examino o aborto da primeira Revolução, a obra de huma só Camara, ou a soltura Constitucional do Porto, á qual posso bem chamar, sem offensa dos meus Leitores, = *Diarrhéa estercoral*, = que este nome dá o célebre Medico Mr. Riviere á Revolução das tripas; finalmente he a Constituição da Monarchia Portugueza do anno de 1822, a que abro, e examino comparativamente em todos os Capitulos, e Artigos, em que ella tracta da Nação, e da Regencia, e por elles vou demonstrar que a Regencia de Portugal ultrapassou as suas attribuições, declarando ao Senhor D. Pedro Successor do Senhor D. João VI, ou, o que he mais claro, e terminante, que não pertencia á Regencia do Reino de Portugal declarar, por morte do ultimo Rei, qual dos Filhos devia succeder-lhe na Corôa, e conseguintemente que os Portuguezes não estavão obrigados em Direito a estar por huma declaração, que não podia fazer-se em Direito, por falta de authoridade, e poder em quem a fez.

A Soberania reside essencialmente em a Nação, diz o Artigo 26 do Titulo 2.° Capitulo unico na citada Constituição. Eu não convenho, nem convirei jámais em este falsissimo principio, do qual parte a Soberania popular, origem de todas as desgraças da Europa, e da America, depois que elle se embutio na cabeça de huma grande parte dos seus Funccionarios Publicos; mas concordo em que a Soberania reside radicalmente em a Nação, como huma grande arvore reside toda em huma pequena semente da sua especie: a Nação porém, transmittindo a sua Liberdade, e Direitos Sociaes a hum Individuo, ou Chefe, que lhos mantenha, assegure, e represente, deixa de exercer a Soberania, por haver confiado, e melhorado o seu exercicio a hum Soberano, bem como huma semente qualquer deixa de ser semente, depois que entregou todas as suas forças, e propriedades á arvore, que

de si mesma sahio. Eu hei de tomar mais com descanço o exame, e a analyse da Soberania da Nação; mas por ora baste dizer que a Nação não exerce por si mesma a Soberania, quando ha hum Soberano, em quem a mesma Nação está personificada, ou em quem a Soberania da Nação está concentrada, representada, e exercida. Eis o que he hum Soberano, e o que he huma Nação. Quando o Soberano morre, e não ha quem pelos Pactos, por que a Nação o instituio, e reconhecêo, deva succeder-lhe, ou se duvída quem seja em Direito o seu Successor, ou mesmo quando o Soberano cahio em poder de inimigos, ou que elle he esbulhado do exercicio livre, absoluto, e independente do seu Poder por huma Facção, que deprime do mesmo passo a Liberdade, e os Direitos dos seus Povos, então em qualquer desses casos a Soberania reverte á sua raiz, he a dizer, á Nação: em esse caso a Nação, para manter a sua Liberdade, e Direitos, os reassume, ou para se provêr de Soberano, se lhe falta, ou para declarar em Direito quem deve succeder-lhe, se ha controversia na Successão, ou para vingar seu Soberano opprimido no uso da Soberania. He isto o que quer dizer o muito verdadeiro principio de que a Soberania reside radicalmente em a Nação, pois que essencialmente a Soberania reside só, e exclusivamente em o Soberano, que em Direito, e com Liberdade a exerce. Assim a Soberania da Nação Portugueza revertêo para a mesma Nação, quando opprimida pelos Filippes, e despojada de Reis naturaes, se provêo justamente de Soberano na pessoa do Senhor D. João IV; quando hostilisada, e dominada pelos Francezes se poz em armas para os repellir, como fortemente repellio, e para manter para o Senhor D. João VI a Metropole dos seus Reinos, e Dominios: advirto que a Metropole dos Estados Portuguezes he Portugal; Lisboa he sómente a Côrte dos seus Reis; revertêo a Soberania para a Nação, quando vendo o seu Soberano, Rei, e Senhor D. João VI opprimido pelos Pedreiros, e por elles esbulhado do livre exercicio da Soberania, o remio, libertou, e vingou pelo poderoso Braço de hum seu Filho, o Serenissimo Infante D. Miguel, hoje Soberano, e Rei da Nação Portugueza por boa ventura dos seus Povos; revertêo finalmente a Soberania para a Nação Portugueza, quando ella, vendo-se senhoreada por hum Principe, a quem não amava, porque elle a aborrecêra, e perseguíra; por hum Principe, em quem os Direitos da Successão a seu bom Pai estavão enfraquecidos, vacillantes, e caducos, pela espantosa

alteração, que elle havia feito das Leis, pelas que em Portugal todos os Reis reinão, recorre a si mesma, e de si mesma tira forças para collocar no Throno o Grande Principe, a quem amava, porque elle a salvára, o Amabilissimo Infante, em quem os Direitos da Successão a seu chorado Pai estavão fortalecidos, fixos, immoveis, e permanentes por virtude daquellas Leis, que em Portugal ligão os Povos aos Reis. Desta maneira, e fórma, se os meus Leitores buscão exemplos estranhos, revertêo a Soberania Hespanhola aos Povos das Hespanhas, quando vendo seu Rei tomado fraudulentamente pelos seus inimigos, se arma para o vingar, como o vingou, e para ensinar, como ensinou, á França que os Pirineos são limites, que Deos, a Natureza, a Justiça, e a Razão marcou ás emprezas audaciosas dos seus Povos, sempre nellas infelizes todas as vezes, que ousão, abaixado o seu Throno, alevantar outros em Paizes, em que a Soberania, e a Legitimidade vencem de hum só, e o mesmo passo. Por esta maneira, e fórma revertêo a Soberania para a Nação Franceza, quando, sentindo-se cançada, e oppressa pelo espantoso, e insopportavel peso da sua nunca terminada inconstancia, por si mesma reage para se livrar das Falanges de hum Soldado Imperador, e chamar para o seu governo, e estabilidade a legitima, a grande, a perseguida, mas nunca vencida Dynastia dos Bourbons.

Eu continúo com o texto do citado Artigo 26 da dita Constituição Portugueza do anno de 1822, copiada da Hespanhola, e augmentada para mais liberal, ou peior por esses miseraveis Deputados, e Representantes da Facção tripeiral do Porto, que vencião cada hum por cada dia 4$800 reis, só por traduzir a Constituição Hespanhola, e mal traduzida, e alguns só por se callar, e fazer ahi o officio de tripeça, que não serve senão para aterrar as erupções çapateiraes. Eu não achincalho: elles mesmos, tanto os galradores como os mudos, se achincalhárão a si mesmos, huns por fallarem o que não entendião, outros por callarem o que devião saber: desgraçados delles, se a mim se me permitte hum dia escrever-lhes a sua Biografia, e Genealogia; eu os desenroscaria da impostura, e maldade, em que estão enroscados, e os poria nús, como suas mãis os parírão, o que seria deixa-los em bruto, como o ferro, que sahe nas terras negras: não me provoquem, que eu conheço-os bem a todos, e não os temo; se elles não sabem quem he minha mãi, tambem a mãi delles talvez não saiba quem he seu pai: callem-se pois, emen-

dem-se, se são capazes da virtude, e saibão que eu de hum só golpe posso cortar, retalhar, e fazer em postas a rosca, com que elles pertendem cohonestar a sua accommodação, ou convivencia com os Revolucionarios do Porto. Os titulos de Doutor, de Lente, ou de Dignidade *in partibus*, quando elles offendêrão o Rei, e a Patria, que devião defender, eu os respeito como titulos de estupido, de velhaco, e de trahidor *in omnibus*. Diz pois (e soffrão os meus Leitores estes parenthesis, que não póde negar o meu odio aos inimigos do Throno, sejão elles quem forem) o citado Artigo, em continuação da primeira proposição delle, de que a Soberania reside essencialmente em a Nação, que a dita Soberania não póde ser exercitada senão pelos seus Representantes legalmente eleitos. He! bem está. Como os Representantes devem ser legalmente eleitos, claro está que essa Lei, por onde hão de ser eleitos, para o serem legalmente, deve estar feita antes que o sejão; e como só a Nação póde fazer, e dar Leis, segundo os principios dos Constitucionaes, e mesmo segundo os principios de Direito justo, quando a Soberania reverte para a Nação, por se haver extincto nella a Dymnastia, que a governava, certo he que os ditos Representantes hão de ser eleitos pelas Leis, que a Nação antes se tinha feito para ser representada, quando carecer do Representante, que se tem escolhido, adoptado, e instituido, porque só na falta do Soberano póde a Nação reassumir a sua representação. Ora a Lei da Nação Portugueza, observada em todos os Seculos da Monarchia, he que ella seja representada pelos Tres Braços do Estado, e não de outra fórma, ou maneira: assim exercitou sempre a Nação os seus Direitos, ou nas Côrtes de Lamego, ou nas de Coimbra, ou nas de Lisboa, ou em outras quaesquer. Esta Lei não póde ser derogada senão por outra, que estabeleção os mesmos Tres Braços do Estado. O mesmo Soberano a não póde relaxar, ou alterar sem o seu consentimento, porque he Lei, que respeita á honra, dignidade, e interesses da Nação Portugueza: he Lei reciproca, que liga o Rei aos Povos, e os Povos aos Reis: com esta Lei se fundou a Monarchia Portugueza, com ella se conservou; sem ella não póde subsistir. As Côrtes pois de 1821, e seguintes, as Camaras de 1826, e seguintes não representárão a Nação Portugueza; representárão sim huma Facção manejada pelo despotismo, e pela arbitrariedade; ellas representárão tanto a Nação Portugueza, como a representárão esses, que fôrão enviados á França a pedir a Napoleão hum Soberano para

Portugal: na verdade todas aquellas Assembléas não tiverão outro fim, que destruir a Soberania do verdadeiro Rei de Portugal, e a Liberdade, e os Direitos da Nação. Diz o Artigo 27 do citado Capitulo, e Titulo: = a Nação he livre, e independente: = o Artigo diz bem, ainda que o seu sentido diz muito mal, porque nunca os seus Redactores disserão huma verdade, que não fosse para cometter huma trahição: a Nação he livre, e independente das outras Nações, de Soberanos Estrangeiros, e de Facções estranhas, e domesticas; mas não he livre, e independente do seu Legitimo Soberano, do Soberano, que a governa por justos Titulos, e Direitos reconhecidos pela mesma Nação. Mas quando a Nação não tem Soberano, ou quando duvída qual he, ella he então livre, e independente para se buscar hum Rei, ou para declarar quem o deve ser: disputar nestes casos á Nação a sua liberdade, e independencia, he opprimi-la, he tyrannisa-la, he ser seu inimigo, seu aggressor. Nenhum individuo, Corporação, Tribunal, ou Conselho, por alta que seja a sua Jerarchia, póde arrogar-se, sem tyrannia, a representação de huma Nação livre, e independente, sem que a mesma Nação livremente, e sem dependencia da Força Armada, ou externa, ou interna, lhe tenha confiado a sua Representação, como a Nação Portugueza a confiou ao seu primeiro Rei D. Affonso Henriques, e aos seus Legitimos Successores, e ao depois ao Senhor D. João IV, e aos seus Descendentes conhecidamente derivados da Serenissima Casa de Bragança.

Agora direi quaes são os casos, em que a Nação reasume a sua radical Soberania; mas diga-os a citada Constituição Titulo 3.° Cap. 6 Art. 119: 1.° Se vagar a Corôa: 2.° Se o Rei quizer abdicar: 3.° Se se impossibilitar para governar: 4.° Se occorrer algum negocio arduo, e urgente, ou circumstancias perigosas ao Estado. Ora eis-aqui o que os Senhores Deputados legislárão para elles, quando fallecesse o Senhor D. João VI, a quem elles pensavão acabar logo com a vida, ou quando abdicasse, ao qual extremo destinavão reduzi-lo logo; ou quando se impossibilitasse para governar, da qual impossibilidade informarião logo huma comparsa de Doutores formados em Galeno, e em *Hipocrás*, ou antes no Maçonismo; ou quando occorresse algum negocio arduo, e urgente, ou circumstancias perigosas ao Estado, que elles antevião, porque os criminosos tem olhos até no coração, na empreza do Marquez de Chaves, e da Divisão Transmontana, e na Heroica resolução do Senhor D. Mi-

GUEL, e do fidelissimo Exercito Portuguez, que será sempre fiel, em quanto fôr por elle Commandado. Ora virárão-se os feitiços contra os feiticeiros, ou cahirão os Constitucionaes no laço e cadeias que armárão aos Realistas, que he por essa razão que eu aproveito os principios liberaes, para fazer mais gloriosa a nossa victoria. Primeiramente a Corôa vagou na morte do Senhor D. João VI, e tanto foi assim, que passárão algumas semanas sem que a Nação visse que se declarasse qual era o seu Successor; mas não só por esta razão; tambem porque despedaçada violenta, e rebeldemente a unidade da Soberania Portugueza, justa e legalmente duvidava a Nação qual fosse o que devia exercê-la. 2.° Porque o chamado para Successor do Senhor D. João VI, chamado por hum Inglez, e por hum Portuguez, que hum e outro tinhão Procuração do Maçonismo das suas Nações, não podia, menos de abdicar; porque 3.° estava impossibilitado a governar, depois que elevou o Brasil á cathegoria de Corôa separada de Portugal. 4.° Porque occorrião negocios arduos e urgentes, e circumstancias perigosas ao Estado, na discordia civil dos Portuguezes entre o seu Exercito, e os seus Povos; discordia que só a Nação, representada pelos Tres Braços do Estado, podia terminar. Eis-aqui os quatro casos em que, segundo os principios Constitucionaes, lançados por elles para fins perversos, e segundo os principios, por que se fundou, conservou e ha de conservar-se a Nação Portugueza, póde e deve a Nação exercer a sua radical Soberania. Respondão agora os Revolucionarios, e certos Diplomaticos; e, se me vencerem, repito que sou mais ignorante que todos elles, que he a confissão mais custosa que tenho feito em toda a minha vida. Eu sei que estes apressados escriptos chegão apressadamente ao Brasil, e mais depressa á essa malfadada Ilha Terceira, onde, em huma e outra parte, ha gente que me tem visto e ouvido, e especialmente na ultima, que he a ultima terra que ha de ter a ventura de subjugar-se, como o seu Povo ardentemente deseja, ao Senhor D. MIGUEL e aos votos da Nação Portugueza, onde, digo na Ilha Terceira, ha varios Officiaes, dos que já fiz Realistas, digo, Portuguezes, hum bom espaço de tempo; respondão-me pois todos elles, cada hum por si, ou hum por todos, mesmo dirigindo-os o Sabicharrão, ou Toleirão Palmella, ou assignando a sua resposta o que por si não sabe escrever, o Conde de Villa Real; respondão-me, deixem-me ver aos suas respostas, que eu prometto, debaixo

de toda a responsabilidade, fazer ver a todas as Nações do mundo, que os Pedreiros de Portugal são, no Maçonismo, os maiores, mais vís, e mais grosseiros estupidos do mundo; porém, em acclamar ao Senhor D. Pedro, os mais velhacos, os mais expertos, (como os cães, que ladrão á Lua) os mais inconsequentes, os maiores malvados, porque abusão da natural bondade da Nação Portugueza, que respeita os Filhos do seu Rei, ainda mesmo que sejão seus inimigos. Grande Nação! em amor á Familia Real nenhuma Nação a iguala. Accresce ainda a estes incontestaveis argumentos a disposição do Art. 146 do Cap. 4 Titulo 4.° da citada Constituição, o qual diz: = Se o Successor da Corôa tiver incapacidade notoria, e perpetua para governar, as Côrtes o declararão incapaz. = Esta letra lançada pelos seus redactores, com o fim de não deixarem subir ao Throno a nenhum dos Filhos do Senhor D. João VI, verifica-se muito expressamente no Senhor D. Pedro, em quem a incapacidade para governar he tão notoria, e perpetua, como he notoria, e perpetua a sua separação de Portugal, depois que fixou a sua residencia no Brasil, e que o elevou á dignidade de Imperio para sempre jámais. Logo á Nação Portugueza pertencia, e só á Nação, declarar que o Senhor D. Pedro, posto que ficára sendo o primeiro Filho do Senhor D. João VI, era incapaz, com incapacidade notoria, e perpetua, para governar a Portugal.

Ora havendo demonstrado pelos principios liberaes, de mistura com os principios Realistas, ou de eterna justiça, e evidencia, que só a Nação Portugueza podia, na morte do Senhor D. João VI, declarar qual era o Successor da Corôa, ou quem devia ser seu Rei, colhe-se dos mesmos principios que a Regencia ultrapassou as suas atribuições, declarando Rei de Portugal ao Senhor D. Pedro; e para que vejão os Constitucionaes, e os Politicos que eu fallo com franqueza, e com imparcialidade, o mesmo excesso de poder, e de authoridade commetteria a mesma Regencia, se declarasse Successor do Senhor D. João VI ao Senhor D. Miguel, como se declarasse Successor á Serenissima Senhora Presidente da Regencia. Eu não tracto dos Direitos de cada hum dos Filhos do Senhor D. João VI, digo sómente que a Regencia não teve poder, nem para fazer, nem para dar, nem para declarar Direitos do Successor ao Throno. E porque? 1.° Porque o Successor da Corôa he superior á Regencia: 2.° Porque a Regencia não governa em seu nome, mas em nome do

Successor da Corôa, já declarado, se o está por quem póde declara-lo, ou por huma disposição clara, e notoria d'huma Lei evidente, e incontestavel, ou governa por delegação da Nação, em quanto ella se não póde representar legalmente, e em quanto não ha Soberano: 3.º Porque a Regencia não he a Nação, e só a Nação he Juiz competente para fixar os Direitos á Corôa, quando a Successão he duvidosa, ou quando a Successão caducou. Pois que cousa he Regencia? He huma delegação do poder executivo, que a Nação exercendo a sua radical Soberania, ou o Soberano usando do seu essencial, absoluto, omnimodo, e pleno Direito, confiou, e comettêo a hum, ou a mais individuos, para executar as Leis existentes, e para prover aos mesteres dos Povos em aquelles negocios, que não podem esperar pela representação da Nação, ou pelas determinações do Successor da Corôa, se o ha: a Regencia pois rege a Nação, mas não a representa; governa, ou em nome da Nação, ou em nome do Soberano, mas não exerce a Soberania, a qual reside radicalmente em a Nação, e essencialmente no Soberano, se elle existe. Assim a Regencia não apresenta para os Bispados, não faz Tractados politicos, ou commerciaes com os Estrangeiros, não nomêa os Embaixadores, não faz, nem desfaz Allianças com as Nações estranhas; ella mantem sómente as cousas no estado, em que estavão, quando o poder lhe foi delegado, ou comettido. De quem veio o poder, e a authoridade de reger, e governar os Povos de Portugal á Regencia do anno de 1826? Não foi do Successor da Corôa, que ainda não estava declarado: não foi do Senhor D. Pedro, pois que antes de que a Regencia o declarasse arbitrariamente Rei de Portugal, muitos dias antes a Regencia exercêo as suas attribuições, e poder: não foi da Nação Portugueza, porque ella se não reunio para essa nomeação. Foi do Senhor D. João VI, na hypothese de que o Decreto fosse por elle dado, de quem a Regencia recebêo o poder de reger os Povos de Portugal, em quanto outra cousa não determinasse o Successor da Corôa. O Successor porém ainda não estava designado, porque o Decreto o não designou, e a Lei da Primogenitura era, ao menos, duvidosa, pelo transtorno, e desbarato que o Primogenito havia feito da Monarchia Portugueza, e das suas Leis Fundamentaes; logo a Regencia não governou em nome do Successor, mas em nome do Senhor D. João VI, e foi esta huma das rarissimas vezes, em que se vê huma Regencia reger em nome d'hum Rei morto. Tão grande he o

poder dos Reis, e tão imperiosa he a necessidade de salvar os Povos da anarchia, que até os Reis depois de mortos ainda governão: parece que levão comsigo á sepultura a Soberania, em quanto outro Soberano lhe não succede. Como pois a Regencia não tenha authoridade igual, e muito menos superior á do Soberano, ou á da Nação, em nome de quem governa; como, em huma palavra, a Regencia não exerça a Soberania, mas sómente huma pequena parte da mesma, ou simplesmente o poder executivo, he bem claro de vêr, e conhecer que não pertence á Regencia declarar quem he, ou deve ser o Soberano dos Povos, que rege; porque a authoridade de declarar quem he o Successor da Corôa he sómente propria de quem á Corôa póde dar Successor, como he privativa attribuição de quem dá a Lei declarar a mesma Lei. Assim póde hum Rei declarar qual he o seu Successor, segundo as Leis Fundamentaes da Monarchia, que tambem a elle o ligão com os seus Povos, porque póde dar esse mesmo Successor; pela razão de que a Soberania reside plena, absoluta, omnimoda, e essencialmente no Rei, ou, em palavras mais simples, porque toda a Soberania está no Soberano. Por estes principios Carlos II das Hespanhas declarou que devia succeder-lhe em aquelles Dominios, por falta de propria Successão, a Familia de Anjou, como com effeito lhe succedêo na pessoa de Filippe V, de quem descende rectamente o actual Rei das Hespanhas, o Magnanimo Rei D. Fernando VII. Póde tambem a Nação, representada legalmente, declarar quem he, ou deve ser o seu Soberano, observando sempre as Leis primordiaes da sua instituição, quando o Soberano lhe falta, e se duvida quem deve succeder-lhe, porque a Nação póde dar-se a si mesma Chefe, não o tendo, pela razão de que a Soberania reside radicalmente em a Nação. Não de outra maneira foi formada a Soberania em a Nação Portugueza, e em todas aquellas Nações, em que a Conquista não formou o Direito, porque nellas reinarão os seus primeiros Reis.

Parece-me por tanto estar sobejamente provado, que a Regencia de Portugal do anno de 1826 excedêo as suas attribuições, o seu poder, e authoridade, declarando quem era o Successor do Senhor D. João VI, pois que esta declaração só podia pertencer ao ultimo Soberano, ou á Nação legalmente representada, á qual se devolvêrão todos aquelles Direitos, que o ultimo Soberano não exercêo, em razão de não haver havido immediatamente depois da sua morte outro

Soberano, verificando-se pela segunda vez em Portugal, o que os Francezes dizem não se haver verificado jámais entre elles, a saber: que ElRei não morre; pois que em Portugal morrêo o Senhor D. João VI, e na sua morte morrêo ElRei, tendo-se passado muitos dias, sem que os Portuguezes tivessem Rei, até que a Regencia, levada a este excesso pela influencia estrangeira, pelos ameaços, pela trahição, e pela necessidade de existir, declarou contra Direito, e sem Direito, nem Authoridade, que o Senhor D. Pedro era o Rei de Portugal, sendo que este Senhor tinha, e tem notoria, e perpetua incapacidade de governar a Portugal; incapacidade por todos reconhecida, e até por elles mesmos declarada no acto de se fazer Imperador, e Defensor Perpetuo do Brasil, lançando o principio, *para elle* eterno, de que o Rei de Portugal não póde jámais governar os Estados do Brasil. Como o declarar o Successor seja o mesmo que dar Successor, assim como declarar a Lei não seja na realidade outra cousa que dar a Lei naquella parte, em que ella he declarada, segue-se que, se a Regencia podesse declarar o Successor da Corôa, poderia dar o mesmo Successor, e por tanto poderia declarar-se, e dar-se a si mesma. Caso estranho, absurdo, e perigoso á paz, e á prosperidade dos Povos! Eu não sei que houvesse alguma Regencia em as Nações estranhas, que impozesse ás mesmas hum Rei; mas seja o que fôr dos Despotismos, e Arbitrariedades, por que tenhão passado as outras Nações, eu sei que a Nação Portugueza só por duas vezes soffrêo esta prepotencia do seu Governo, ou Regencia, por medo, e d'ambas duas a Nação dèo comsigo nos ferros da mais dura oppressão, ou no abysmo das mais horrendas desgraças. A 1.ª foi quando o Governo Portuguez declarou que o Senhor D. Filippe era Rei de Portugal, Segundo entre os Hespanhoes, Primeiro entre os Portuguezes. A 2.ª foi quando a Regencia Portugueza declarou que o Senhor Imperador D. Pedro era Rei de Portugal, Primeiro no Brasil, Quarto em este Reino. D'ambas duas oppressões se sahio gloriosamente a Nação Portugueza depois das mais medonhas concussões; a 1.ª quando a Nação declarou que seu Rei era, e devia ser o Senhor D. João Duque de Bragança; a 2.ª quando a Nação, representada segundo as Leis Fundamentaes da Monarchia, livre, e independente de forças estranhas, e domesticas, declarou que seu Rei he, e deve ser o Senhor D. Miguel Infante de Portugal.

Não forão pois os Portuguezes refractarios d'hum jura-

mento, que não prestárão 'a favor do Senhor D. Pedro, e que, se o prestassem, era injusto, illegal, extorquido violentamente, e a todas as luzes nullo: não forão elles desobedientes á Regencia, creada pelo fatidico Decreto do Senhor D. João VI; porque a Regencia excedêo as suas attribuições, poder, e authoridade, como ainda elucidarei mais pelo exame da Carta Constitucional do anno de 1826. Assim serão confundidos d'huma vez os Revolucionarios, e os Diplomaticos, que os protegem. A'lerta porém, Portuguezes! Se algum dia vagar o Corôa, sem que o ultimo Soberano declare quem he o seu Successor, aprendei a fazer o que deveis pelo que acaba de passar entre vós, sem que devesse passar: sabei já que a Regencia não he a Nação: conhecei que vós sois huma Nação livre, e independente, e que não podeis ser representados legalmente, senão pelos Tres Braços do Estado, livres de toda a força, ou fisica, ou moral. Por esta fórma Portugal será sempre defendido de todos os projectos, que tem concebido, ou vierem a conceber os Revolucionarios.

Rebordosa, no mesmo dia, em que principiei, que foi, e he aos 11 de Novembro de 1831.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1831.

Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 13.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

A grande Questão Portugueza sobre a Successão ao Throno.

HAVENDO-SE levado até ao ultimo gráo da evidencia legal, segundo os principios de Direito Publico, e de Direito Portuguez, e outro sim pelos principios admittidos pelos Diplomaticos do dia, e pelo que tanto forcejão os Revolucionarios, que a Nação Portugueza, reconhecendo ao Senhor Dom MIGUEL por Successor do Senhor Dom João VI na Corôa de Portugal, não foi refractaria d'hum juramento, que nunca prestára a favor do Senhor Dom Pedro na sua totalidade, sendo muito poucos os que o jurárão, e esses mesmos levados por perfidia, ou coactos pela força, e pela ignorancia, porque tambem a ignorancia produz violencia algumas vezes; nem a mesma Nação fôra desobediente á Regencia creada pelo Decreto do Senhor Dom João VI, pois que a dita Regencia não tinha alguma Authoridade para regular a Successão da Corôa; feita esta demonstração pela Constituição do anno de 1822, que he o authografo da do anno de 1826, e o será sempre de quantas Constituições forjarem os Revolucionarios, parece não haver a dizer mais alguma cousa, nem outras provas a allegar, por sobejas, e desnecessarias em huma materia tão sériamente illustrada. Mas eu me atenho em materia de provas legaes áquelle axioma,

ou proverbio de Direito — *Quod abundat, non nocet.* — Esta Questão he grande, e por outra parte he a mais interessante entre Portuguezes, e Estrangeiros. Tracta-se de indagar, se os Portuguezes, resistindo á Soberania do Senhor Dom Pedro, depois que elle appareceo investido de Rei, forão, ou não Revolucionarios; se os Portuguezes tiverão Direito de se oppôr a huma Regencia, que apoiava a intrusão do Senhor Dom Pedro. Portuguezes emigrados na Hespanha, Portuguezes prezos, perseguidos, e deportados pela vossa resistencia ás Authoridades, que governárão em nome do Senhor Dom Pedro, estou comvosco desde o principio, e hei d'estar até ao fim, seguindo a vossa sorte, que he a mais gloriosa de todas as Nações do Mundo: vós pelejastes, e soffrestes pela conservação das Leis Fundamentaes da Monarchia: vós combatestes, e padecestes, por suster, e fazer valer os mais evidentes Direitos do Legitimo Successor do Senhor Dom João VI: vós defendestes a Portugal, levando as armas contra as Authoridades, que pertendião arraigar, e metter de posse os infundados Direitos do Senhor Dom Pedro: conservai, e manejai sempre as mesmas armas em Defeza da Augusta Pessoa, e do Throno do Senhor Dom MIGUEL: a minha penna, rude que ella seja, vos não faltou nos vossos trabalhos; ella vos não faltará nunca n'elles, nem na gloria, que segue sempre os vossos passos. Authoridades quaesquer que sejais, que exercestes os vossos Cargos em nome do Senhor Dom Pedro, ou coactos, ou seduzidos, ou accommodados ás circumstancias do Estado; Togados, Desembargadores, Magistrados, ou Funccionarios Publicos de qualquer Classe, e Jerarchia que sejais, eu não vos faço huma imputação; a vossa consciencia vos accusa, ou vos defende; prescindo de personalidades: supponho que hoje todos estais adheridos ao Legitimo Soberano, que mantem, e conserva as vossas fortunas; quero suppôr tambem, que vós no tempo, em que o Senhor Dom Pedro se intrusou na Corôa Portugueza, fostes violentados a conservar, e exercer os vossos Cargos em seu nome; ou que entendestes que vós concorrieis para a conservação da Patria na vossa conservação: eu não provoco a alguem que esteja de posse da sua honra, e liberdade; mas eu os provoco a todos a hum desafio Juridico, e Literario, ácerca de se poderão, e deverão os Portuguezes resistir na face a hum Governo, que só os cobertava com o nome do Senhor Dom Pedro, Principe de muito máo nome para a maior parte dos Portuguezes. Esta he a

grande Questão Portugueza sobre a Successão ao Throno, que vai neste Número ser tractada com toda a força, e posta em toda a sua luz. Conheço bem, que estas linhas lançadas por esta maneira não hão de agradar, aos que atéqui campárão de lidos em Direito Romano, e d'haverem queimado as pestanas sobre o Digesto, Pandectas, e Extravagantes; ou sobre os Vinnios, Heinecios, Puffendorfios, ou mesmo sobre a Ordenação Portugueza, (que esta he bem pouco lida por esses Gallos das Sciencias, e muito menos observada) ou sobre o Repertorio Alfabetico dado á luz pelo Patriarcha das trevas Fernandes Thomaz, bem inferior em conhecimentos Juridicos ao Padre Bento Pereira, que na composição da sua Prosodia Latina, da sua Theologia Moral, e do seu Promptuario do Direito Portuguez, foi mais conspicuo, e mais interessante á Literatura Portugueza que o outro Padre Antonio Pereira com a sua tentadora Tentativa Theologica, e com a sua atrevida Analyse, em que estão infartados por desgraça da Igreja alguns Theologos de mão furada, como varios Canonistas de má conta estão imbuidos das audaciosas liberdades de Wan-Espen, ou das Regras desregradas de Gmeiner!!! Mas onde me arrebatou a tumulenta presumpção d'alguns homens chamado de Lei, ou de Direito, que, ignorando quaes são as Leis, e o Direito do seu Paiz, ainda mettem em tortura a Legalidade Portugueza sobre a sua opposição a hum Governo, que não deixava pedra sobre pedra no edificio Social para inscrever no seu frontispicio o nome do Senhor Dom Pedro? Vou já sobre elles: minha arma he a Carta Constitucional do anno de 1826: esta he tambem a arma d'elles: armas iguaes; a victoria dever-se-ha á força do manejo, e da arte; mas se a arte me faltasse, que me não falta, a natureza em mim he mui superior em este combate, porque he natureza de Portuguez por paixão, e de Catholico por educação. Hum só Cacete fez nas robustas mãos d'huns poucos de Realistas dispersar dez mil Malhados, que por encanto se havião de reunir á belligerante Esquadra Gallica, (eu tambem fallo tatem) para de mão commum derrubarem do Throno a hum Principe, a quem a Omnipotente Mão protege, e defende: tambem a Carta nas minhas mãos dará as cartas a esses numerosos Esquadrões de homens chamados de Direito, que devem nomear-se de Porto, que ainda hoje pelejão por exaltar o Fantasma da Lei, o Máscara da Soberania. A's armas pois, á Carta: o Hymno virá depois do triumfo. Ora ahi

vai o primeiro golpe da arma, ou da Carta — *Dom Pedro por Graça de Deos, Rei de Portugal, dos Algarves, etc.* —

Era d'huma vez hum Sargento, Hespanhol de Nação, e aspirava a ser Alferes; e como o não conseguisse, endoudeceo, que tanto póde a ambição: este homem doudo, e frenetico (porque na Hespanha são poucos os doudos, que sejão pacificos) dêo na mania de insultar, descompôr, e dar a voz de prezo a todo bicho careta, e a todo fiel Christão, fosse elle quem fosse, branco, preto, e malhado, ou mulato. Passei eu em huma occasião por este homem; elle me dá a voz de prezo: prezo sou eu de Jesus Christo, lhe respondi, pois já a esse tempo era eu Monge Benedictino: prezo d'ElRei, me replicou o doudo, e eu lhe digo: Quando ElRei, a quem sempre servi, e bem, dêo a vossa mercê essa Ordem? ElRei sou eu, me responde o desalmado demente: já então conheci que este homem havia perdido o juizo, mesmo pela muita gente, que do Povo acudio, (era no principio d'huma Aldêa) o qual me disse — Padre Mestre, vá para diante; esse homem está doudo; agarrárão d'elle, e me contárão a sua historia: elle fôra Pedreiro, sabia lêr, e escrever, e metteo-se-lhe na cabeça ser Official; (porque na Hespanha, e na França tambem ha Sargentos Pedreiros, e em Portugal tambem os houverão em Lisboa no Regimento 4.°, e no Porto nos Regimentos 6.° e 18.°, porque n'esta Cidade os Pedreiros são mais baratos) mas, como ía dizendo, já impedido o dito ex-Sargento de me fazer mal, eu lhe pergunto: Quem o fez Rei a vossa mercê? Eu, me respondeo elle, sou livre, e posso fazer de mim o que quizer. Fui-me, ou parti então d'alli com esta resposta, mas sempre dizendo para aquelles Povos: Eis-aqui o que são os Constitucionaes, ou Pedreiros: já então os havia conhecidos, porque era isto depois da promulgação da Constituição Gaditana, ou *Gitana* do anno de 1812. Meus leitores podem applicar *el cuénto.* O Senhor Dom Pedro fez-se a si mesmo Cidadão Brasileiro, sendo Principe Portuguez; depois fez-se Regente do Brasil, tendo o Brasil hum Rei; constituio-se Defensor Perpetuo do mesmo Brasil, sem que o Brasil precisasse d'elle, senão para fazer huma Revolução; nomeou-se a si mesmo Imperador dos Brasileiros, quando os Brasileiros não querião Soberano algum; e logo depois declarou-se a si mesmo Rei de Portugal, dos Algarves, e do *et cœtera*, sem que soubesse antes, se Portugal o quereria, nem para reinar na Ilha Terceira. Eis-aqui a mania, ou o frenesi da Revolu-

ção tomando posse da caheça, e perdendo o juizo d'hum Principe, que nascêra Portuguez, Primogenito, e Principe, e fôra destinado pelo nascimento, mas não pela Graça de Deos, para ser Rei de Portugal, e dos Algarves, e de todos os Estados, e Dominios, Conquistas, e Colonias, que pertencião, e ainda podem pertencer a Portugal. Declarou-se Brasileiro, sendo Portuguez; fez-se Regente, havendo Rei; nomeou-se Defensor Perpetuo do Brasil, quando era Principe Real de Portugal; constituio-se Imperador do Brasil, quando podia ser Rei do Reino Unido de Portugal, Brasil, e Algarves; tomou o titulo de Rei de Portugal, quando não podia Reinar em Portugal: tudo quiz ser, e tudo deixou de ser. *Dom Pedro por Graça de Deos* — diz a Carta, e ahi faz virgula, e continúa — *Rei de Portugal, dos Algarves, etc.* Ora a virgula marca não só diversa palavra, como diverso sentido, ou pensamento desligado: Será Pedro por Graça de Deos, porque a Religião lhe dêo este nome quando n'ella se alistou pelo Sancto Baptismo; mas ahi fez virgula: Rei de Portugal por Graça de Deos não póde ser, depois que se alistou no Brasil pelo titulo de seu Defensor Perpetuo, e Imperador, sem que n'isso andasse a Graça de Deos, mas sim a graça do diabo, que faz, e desfaz. *Viva D. Pedro Imperador Constitucional das Hespanhas*, gritárão em Portugal alguns miseraveis Hespanhoes desertados da Hespanha, depois que o Senhor Dom Pedro dêo a Carta Constitucional a Portugal; e este grito não era pela Graça de Deos; era elle huma das graças da Rebellião, e esta graça não a communicou o Embaixador Inglez ao seu Governo, porque finalmente era huma graça; e ainda que ella era pesada, os transportes devem ser perdoados aos amigos da liberdade. Era pois, ou se intitulava o Senhor Dom Pedro Rei de Portugul, não por Graça de Deos, porque aqui não andava Deos para o favorecer, mas para o castigar, senão por huma d'aquellas graças, ou furias da Revolução manejadas por hum Estrangeiro, Caixeiro, Claviculario, e Thesoureiro do Maçonismo, que apresentou ao Senhor Dom Pedro a Carta Constitucional, quando o dito Senhor não sonhava em ser Rei dos Portuguezes, dos que se despedíra á Franceza, levando-lhes, (bem se entende, porque os Francezes não se despedem senão pregando huma desfeita) não só o seu Brasil, mas a maior parte da sua Esquadra, e o mais que Deos sabe, tendo-se decidido estas reclamações a aprazimento do Representante do Soberano Mediador, hum

Estrangeiro, Louvado, e Fazendeiro do Maçonismo do Brasil, e de Portugal, a quem, eu não sei quanto dérão por essa louvação, se bem que o porte da Carta a Portugal lhe foi pago á Portugueza, he a dizer, com aquella grandeza, e generosidade, que todos os Portuguezes costumão exercer com quem os serve, mesmo sendo Pedreiros, e estes com maior profusão, porque sempre gastão do que não he seu. Eu devo suppôr que este Estrangeiro apresentando a Carta ao Senhor Dom Pedro, para que a assignasse, mas não para que a lesse, lhe disse — Senhor, fazei-vos Rei de Portugal, como vos fizestes Imperador do Brasil: cá vos consentírão como adoptivo, lá vos conheceráõ como natural. —

E foi assim: o Senhor Dom Pedro se fez a si mesmo Rei, como se fizera Imperador, persuadido de que a Revolução aturaria tanto em Portugal como no Brasil, esquecendo-se de que Portugal he na sua totalidade huma Nação livre, e independente, em vez de que o Brasil era huma Colonia, á qual a Revolução podia pôr-lhe o jugo, que se lhe antolhasse. Ao tempo, em que o Senhor Dom Pedro se fez Rei, não podia elle saber que já fôra declarado pela Regencia de Lisboa, se bem que a Revolução lhe teria feito saber que seria declarado antes que elle o fizesse. E eis aqui espantosas contradicções politicas, que somente o Maçonismo he capaz de admittir. A Regencia de Portugal governando muitos dias, e declarando depois de varios dias que o Senhor Dom Pedro era o Rei de Portugal, e governando em seu nome, sem que podésse saber se o Senhor D. Pedro acceitaria huma Corôa, que era incompativel com a do Brasil, e no caso de a acceitar, se lhe seria agradavel que a Regencia continuasse a governar em seu nome! O Senhor Dom Pedro fazendo-se Rei de Portugal, sem saber se Portugal o consentiria governando lá do Brasil! Varias Nações da Europa declarando Rei de Portugal ao Senhor Dom Pedro, seis dias depois de o ser pela Regencia deste Reino, sem que na distancia de setecentas, e mais legoas podéssem saber da dita declaração da Regencia, sem a qual o não podião fazer, sem abandonar o principio da não intervenção, nunca mais justo que no presente caso! Diplomatas Estrangeiros declararem qual he o Rei d'huma Nação livre e independente! Caso espantoso, original e subversivo da liberdade e independencia das Nações! Assim o Maçonismo quiz impôr hum jugo de ferro a huma Nação, que pelo ferro alcançou sempre, e

sempre ha de manter a sua liberdade e independencia! Que a Diplomacia reconheça Rei a quem huma Nação livre e independente acclamou e jurou, he isto bem conforme, as mais das vezes, a Direito, e sempre ao uso e costume da mesma Diplomacia. Assim reconhecêo a Diplomacia ao Senhor Dom João IV em Portugal, sem embargo dos protestos de Filippe IV da Hespanha. Assim reconhecêo a Diplomacia a Filippe V na Hespanha, não obstantes as reclamações da Imperante Casa da Austria. Assim acaba de ser reconhecido em os nossos dias o Governo de França na pessoa de Luiz Filippe, despresando-se as reclamações de Carlos X, pela pessoa de Henrique V. Mas reconhecer Rei a quem a Nação não jurou, não acclamou, he violentar a mesma Nação a que o acclame, a que o jure! He, repito, he este caso novo na Diplomacia, e por novo he anti-politico, he arbitrario, he tyrannico; e insistir sobre elle, he mostrar ao mundo que os Diplomaticos Estrangeiros se conspirárão para arruinar e perder a Nação Portugueza. Reconhecêo a Diplomacia Estrangeira ao Senhor Dom João IV em Rei de Portugal, protestando pela posse de sessenta annos Filippe IV de Hespanha, que reinára em Portugal depois de seu Pai e Avô; e não reconhece a mesma Diplomacia Estrangeira ao Senhor Dom MIGUEL I em Rei de Portugal, só porque contra Elle protesta o Senhor Dom Pedro em favor d'huma Filha, que nunca teve posse de Portugal, que nem ao menos nascêo em Portugal?!! Reconhece a Diplomacia Estrangeira a Luiz Filippe d'Orleans em Rei de França, (eu busco exemplos de Direito Diplomatico nos mesmos factos Diplomaticos, sejão elles ou não conformes a Direito) só porque huma parte da França assim o quer, por mais que outra parte, e com ella Carlos X, que tem estado de posse do Throno da França depois de seus Irmãos, Pais, Avós, Bisavós, Terceiros, Quartos, Quintos, e Sextos Avós, protestem pelos mesmos Direitos ao Throno para Henrique V; e não reconhece a mesma Diplomacia Estrangeira ao Senhor Dom MIGUEL I em Rei de Portugal, a quem toda a Nação livre e independente mettêo de posse do Throno por legal representação de seus Pais, Avôs, e de todos os Senhores Reis de Portugal, só porque contra Elle protesta huma pequena porção de Portuguezes teimosamente dissidentes, não só da Patria como de seus mesmos Pais, Irmãos e Parentes?!! Quaes serão os elementos d'essa Diplomacia em operações tão contradictorias?

Será o Direito? Não, como está demonstrado, e como hei de ainda demonstrar por mais principios. Será o interesse? Não: pois que interesse pode vir ás Nações Estrangeiras de hum Principe como o Senhor Dom Pedro, que não foi capaz de conservar no mesmo Imperio do Brasil, que elle formára, seus interesses, nem os interesses da sua Familia, nem dos seus Ministros, e Empregados? Será o respeito? Que respeito pode ter a Diplomacia a quem perdêo tudo o que havia, e o que podia haver? Ora diga quaes são os principios destas contradicções Diplomaticas hum Diplomatico Estrangeiro, que, junto da Regencia de Portugal do anno de 1826, servia de Representante do Soberano Mediador entre Portugal, e o Brasil, ou, em fraze Portugueza, entre Realistas, e Constitucionaes, pois que os bons Portuguezes de cá, e de lá não carecem, nem careceräo jámais de mediador algum, vivendo sempre em paz, amisade, e boa harmonia debaixo do Governo d'hum Rei, que fazia felizes os destinos de Portugal, e do Brasil em huma só Corôa. A resposta do dito Diplomatico, dada a hum bom Portuguez no anno de 1826 foi esta = *Sei que a Corôa de Portugal pertence ao Senhor Dom Miguel; mas convem por honra de Dom Pedro seja elle quem desfaça o que fez.* = Bem sabia o dito Diplomatico que o Senhor Dom Pedro nunca teria a honra de se desfazer dos principios, que adoptára, e dos Revolucionarios, a quem se ligára; bem sabia elle que toda a Diplomacia não obteria jámais do Senhor Dom Pedro que elle abdicasse a Corôa de Portugal em seu Irmão o Senhor Dom Miguel: mas ignorava o ardiloso Ministro que a Nação Portugueza não queria hum Rei por abdicação, mas por Successão; não queria hum Rei por favor do Senhor Dom Pedro, mas por Graça de Deos, por Justiça de Direito: e este Rei por Successão, por Direitos, por Justiça legal, e por Graça Divina he o Senhor Dom Miguel. He bem verdade que, se o Senhor Dom Pedro abdicasse, logo que recebêo a noticia da morte de seu Augusto Pai, em o Senhor Dom Miguel, poupar-nos-hia o sangue, a guerra civil, e todos os males, por que temos passado; mas tambem nos roubava a gloria de havermos vencido aos inimigos da Monarchia. Porem agora que ninguem nos pode disputar a honra, que adquirimos á custa do nosso sangue, qual he a razão, por que a Diplomacia não obriga ao Senhor Dom Pedro a que desista de suas pertenções a hum Throno, que nunca pode occupar? Agora que elle perdêo o que tinha, como

não he persuadido a que não forceje por ter, o que nunca teve, nem jámais ha de ter? Porem elle não desiste: nem os Portuguezes desistem. A Diplomacia permanece neutral na luta; mas Cambistas de Nações Estrangeiras lhe emprestão dinheiros para a guerra sobre o Patrimonio do Clero Portuguez: embora lho emprestem: o Clero Portuguez, alto e baixo, vai offerecer todo o seu Patrimonio á disposição do seu Protector, e Rei o Senhor Dom MIGUEL, para resistir ao inimigo de Portugal: o mesmo Clero em pessoa resistirá ao Senhor Dom Pedro; as Armas Portuguezas sempre se dérão bem com a Cruz de Jesus Christo. Eia pois, mande ElRei, a Cruz será alçada, a Espada desembainhada, ou Espingarda carregada, os Revolucionarios, que pelejarem pelo Senhor Dom Pedro, perecerão ás mãos do Clero, a quem elles perseguem. Já Braga, Evora, Castello Branco, e ... tem Arcebispos, e Bispos, que levem os seus Sacerdotes ao campo da honra; a guerra he de Successão, e de Religião: por esta, e por aquella hão de combater do mesmo passo, e com a mesma força todos os Portuguezes, que amão a Deos e ao Senhor Dom MIGUEL mais que a si mesmos. Estou portanto desenganado de que a dita resposta do Diplomatico tem outro sentido, que o que as palavras designavão, sendo já por mim outras muitas vezes observado a respeito das Notas Diplomaticas deste Seculo, *aliud valent*, *aliud sonant*, que ellas, ou seus Redactores, dizem muitas vezes o contrario do que sentem, do que querem, e do que fazem. Queria pois dizer o dito Diplomatico que convinha por honra do Maçonismo que o mesmo Maçonismo desfizesse o que elle havia feito em nome do Senhor Dom Pedro; quer dizer que convinha ao Maçonismo que o Senhor Dom MIGUEL se deixasse cercar e servir dos mesmos que em nome do Senhor Dom Pedro fizerão a desgraça de Portugal; em huma palavra — huma omnimoda, e uuiversal amnistia — e assim, salvo o Maçonismo, o Senhor Dom MIGUEL sería reconhecido Rei de Portugal por tanto quanto tempo conviesse ao Maçonismo a sua conservação; e a Nação Portugueza teria de novo dependentes da Diplomacia Estrangeira os seus destinos, os destinos da sua Fazenda, do seu Commercio, do seu Exercito, da sua Magistratura, do seu Clero e até da sua mesma Diplomacia. Eis aqui todo o plano d'huns certos Diplomaticos Estrangeiros: escravisar a Nação Portugueza e o seu Rei; salvar o Maçonismo Portuguez e os seus Directores; porem os Portuguezes não sabírão

hontem das entranhas da terra, como os homens de Cadmo: ha muitos Seculos que elles formão huma Nação livre, e independente, e querem que o seu Rei seja tambem com elles livre, e independente: Deos ouvio as suas súpplicas, e a mão da sua misericordia protege a liberdade, e a independencia do seu Rei.

Claro está pois que o Senhor Dom Pedro se fez a si mesmo Rei de Portugal, como se fizera Imperador do Brasil, consentindo em huma, e outra cousa os Diplomaticos Estrangeiros, mas nunca em nenhuma d'ellas, e muito menos na primeira, a Nação Portugueza: do Brasil para o separar de Portugal; e de Portugal, para lhe dar huma Carta, que Portugal nunca amou, huma Carta verdadeiramente de despedida, e com ella de *motu proprio* huma Filha, de que a Nação Portugueza não precisava, tendo a esse tempo quatro, que erão as delicias do seu coração. Eu não examino agora a Carta senão tanto quanto he conveniente para mostrar pelos seus mesmos principios que a Regencia de Portugal estava despida de toda a Authoridade para nomear á Nação Portugueza o Soberano que succedêra ao Senhor Dom João VI. Digo porém de passo qne a Carta foi de despedida; porque a despedir foi ella requerida em Lisboa do dia quatro até o dia dez de Março do anno de 1826, assignando a súpplica os que ião cumprimentar o Senhor Dom João VI, suppondo elles que escrevião em hum papel de comprimentos, se bem que nas Provincias do Norte a dita súpplica foi assignada com sciencia plena pelas requisições do malvado Pinto Pisarro, e d'outro seu irmão já fallecido; a despedir foi enviada esta súpplica ao Brasil por morte do Senhor Dom João VI, acompanhada da Carta, que fôra redigida pelo máo Copista, peor Plagiario, e pessimo Escriptor Palmella, e vista, e approvada pelos cinco gráos, ou ordens da Maçonaria, com a plena Sancção do Veneravel, com infernal veneração, Can...: a despedir foi posta a súpplica na presença do Senhor Dom Pedro, que n'ella vio escarrapachados os nomes de muitos, a quem protege, e d'outros, que o não querem Rei, nem quizerão jámais a Carta; e a despedir-se lhe entregou a Carta, que não lêo senão no Capitulo IV, que tracta da Successão do Reino, e no Artigo V do Titulo I, que não tem Capitulo, os quaes radicão a Monarchia, ou Soberania Portugueza na Senhora Dona Maria por cessão de seu Augusto Pai, Imperador do Brasil, sem que a Carta o nomeie Rei de Portugal

senão no frontispicio, como ramo na entrada d'huma Venda; a qual Carta, sem vêr, elle assignou, sendo testemunha de vista, ou, como diz o vulgo do Minho, de bista, trocando o B em V: a despedir foi remettida esta Carta para Portugal, sendo o seu Correio, ou Conductor o Correio das más novas, hum Inglez, o qual, por haver sido em algum tempo o Representante do Soberano Mediador, sem que o Soberano o soubesse, ou por ser Inglez, teve a honra de não levar na sua cara a generosa paga, que os Portuguezes honrados, e valentes costumão dar aos que lhes vem com embaixadas desta qualidade; se bem hoje, abandonando racionavelmente aquelle antigo costume, introduzido quando quasi toda a gente era honrada, por não çujarem as suas mãos na cara, empregão no seu corpo o honrador, pacificador, e mediador Cacete, sem que Governo algum peça satisfações a Portugal das suas cacetadas, ou paoladas, este ultimo nome, certamente derivado da arma, de que usava São Paulo, quando defendia a Igreja de Deos, em lugar das pedras, de que usava, quando a perseguia; digo, e repito que nenhum Governo ha de pedir satisfações a Portugal do uso do seu Cacete, porque só o Senhor Dom Miguel pode tirar o páo das mãos aos Portuguezes, e se elle o não tirar, em apparecendo Francez, Inglez, ou quem quer que seja, que os insulte, dando-lhes o nome do Senhor Dom Pedro, a mão de todos os Portuguezes antes se apega ao páo, que ao pão. Finalmente, pois que eu tambem quero despedir este Numero, com tanto despedir da Carta, o Senhor Dom Pedro dêo na Carta a sua ultima despedida á Nação Portugueza, porque na Carta conhecêrão os Portuguezes, que ainda estavão de boa fé com o Senhor Dom Pedro, persuadidos de que elle francamente responderia aos que lhe offerecião a Corôa de Portugal por morte de seu Augusto Pai — Eu sou Imperador do Brasil; não posso ser Rei de Portugal; só meu Irmão o Senhor Dom Miguel pode possuir huma Corôa, que eu troquei pela do Brasil. — Conhecêrão então os Portuguezes que o Senhor D. Pedro era seu inimigo, e que lhes conservava o mesmo odio, e lhes faria a mesma perseguição, que lhes fizera quando elles, obedecendo como devião ao Senhor Dom João VI, forcejavão por impedir-lhe que roubasse a seu Pai, e a Portugal o Brasil, que junto com Portugal lhe não podia pertencer senão depois da morte do seu Rei. E então vendo os Portuguezes que o Senhor Dom Pedro se despedia d'elles em huma Carta, em que os desfei-

teava, e descompunha, elles, sem o desfeitearem, nem descomporem, tambem se despedírão do Senhor Dom Pedro, para nunca mais o quererem vêr senão na eternidade, a qual mesmo assim lha desejão feliz, e eu tambem, para que Portugal possa descançar no seio de paz, unido em todas as suas partes, e a todas as Nações, que d'antes procuravão unir-se a elle. Mas elle vive, e continúa offendendo a Portugal, e eu continúo, e hei de continuar a defendê-lo em Robordosa 15 de Novembro de 1831, ou onde quer que o Ceo me conservar a vida, e a penna.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1831.

Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 14.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

A grande Questão Portugueza sobre a Successão ao Throno.

Faço saber a todos os meus Subditos Portuguezes que sou Servido Decretar, Dar, e Mandar jurar immediatamente pelas Tres Ordens do Estado a Carta Constitucional abaixo... Assim proclama, ou falla o Senhor Dom Pedro, Imperador que foi, e mais não será do Brasil, accrescentando-se Rei de Portugal em Titulo, sem embargo de que elle mesmo dissera que os dous Titulos de Imperador, e Rei jámais serião accumulados em huma só pessoa; e pela primeira, e ultima vez que falla aos Portuguezes, o faz em frase de creança, tomando huma linguagem, que os Portuguezes Velhos nunca ouvírão, nem querem aprender. O Diccionario, de que se servírão sempre os Senhores Reis de Portugal quando fallavão aos Portuguezes, e o mesmo Diccionario, de que usão os bons Portuguezes quando fallão ao seu Rei, não traz a palavra — Subditos —, mas a de — Vassallos —. Vassallos d'ElRei de Portugal são, e se assignão todos os Portuguezes, Arcebispos, Bispos, Grandes, Ricos Homens, Infanções, e todos os que jurão, ou tomão juramento de preito, e homenagem, acudindo em defeza do seu Rei com as suas fazendas, e pessoas, por mar, e por terra, em Portugal, e fóra de Portugal, contra os inimigos estranhos, e contra os domesticos, que tudo isto quer dizer, e todas estas obrigações impõe a palavra — Vassallos —

que o são todos os Portuguezes, não por sua escolha, mas pela sua natureza, ou naturalidade em o Reino de Portugal, e em todos os seus Dominios, Estados, Conquistas, ou Colonias. Em Portugal ElRei Manda, e os Portuguezes obedecem: em Portugal he hum só a mandar, e todos os Portuguezes a obedecer, e obedecer sem replica. A palavra — Vassallos — nascêo na Monarchia Portugueza com a mesma Monarchia. A palavra — Subditos — introduzio-se em a Nação Portugueza, quando se principiou a querer dar cabo da mesma Nação na Pessoa do Seu Soberano. Subdito he aquelle que, sendo livre em algum tempo, ou não tendo a quem fosse obrigado a obedecer, livremente se fez a Lei, ou se impoz o onus de obedecer a outrem sem perda, senão d'huma parte da sua dita liberdade. Em este sentido são Subditos os Frades aos seus Prelados, os Sacerdotes, e Parochos aos seus Bispos, e em huma Republica os Povos ao seu Governo. Os Constitucionaes não querem ser Subditos como os Frades, nem como os Clerigos; querem ser Subditos como os Republicanos, sem perderem nem huma só parte da sua liberdade, que chamão essencial: querem obedecer quando não quizerem desobedecer; não querem desobedecer, quando quizerem obedecer. Eu explico esta algaravía, ou *liberdade Constitucional:* entre elles todos são a mandar, porque a Soberania reside n'elles essencialmente, e nenhum ha a obedecer, senão tanto quanto querem, porque a obediencia reside n'elles accidentalmente; ou, o que val o mesmo, são Soberanos essencialmente, e são Subditos accidentalmente. Assim forão Soberanos essencialmente, e accidentalmente Subditos os Francezes, quando lhes não fez conta obedecer a Carlos X, e lhe disserão — Vá-se embora da França, e viva onde quizer; porque nós por *ora* queremos a Luiz Filippe. — Imitárão aos Soberanos, e Subditos Francezes os tambem Soberanos, e Subditos Brasileiros, quando disserão ao Senhor Dom Pedro — Ponha-se já d'aqui fóra: *agora* só nos faz conta Pedro o Chiquito: mas — *Nota bene* — Vá-se para onde quizer, menos para Portugal. Ora obrigado, digo eu, sôs Brasileiros, ás vossas Soberanias: nós não precisavamos de que pozessem ao Senhor Dom Pedro a prohibição de vir para Portugal; porque os Portuguezes lhe tem posto essa Excommunhão *latæ sententiæ, ipso facto* que elle se fez Rei de Portugal, e que nos declarou seus Subditos, julgando, e bem, que nós não podiamos ser seus Vassallos, nem elle podia ser nosso Rei, salvo se perdendo o juizo, que nunca perderemos, quizessemos submetter-

nos, que nem mesmo accidentalmente havemos de querer, nem consentir jámais, a que elle Reinasse sobre nós, nem sobre as nossas gerações. Com razão pois, segundo os principios Constitucionaes, e segundo o exemplo, que vem de dar a França, e o Brasil, poderão os Portuguezes desfazer-se do que segundo os Principios Fundamentaes da Monarchia nunca foi, nem ha de ser seu Rei, visto que elle mesmo, chamando-lhes seus Subditos, lhes communicou no sentido da palavra a liberdade de se desfazerem d'elle, se lhes não conviesse, como verdadeiramente lhes não conveio, nem jámais convirá, porque em o nome de Rei os vinha, e pertende vir a fazer desgraçados escravos da mais horrorosa anarchia, e rebellião. Vejão porém, meus leitores, se tenho razão de dizer que o Senhor Dom Pedro pela primeira, e ultima vez que fallou aos Portuguezes, o fez em frase de creança, sem saber o que dizia, ou, se o sabia, pertendendo que os Portuguezes velhos aprendessem huma lingua nova, que não lhes convém aos seus usos, e costumes, pois que, como Vassallos acudindo promptamente á imperiosa voz do seu Rei, forão sempre venturosos, e grandes na salvação do seu Rei, e de si mesmos. Eis o que he sempre a linguagem Constitucional, que tomando humas palavras por outras, como se fossem synonymas, não havendo em Dialecto algum verdadeiros, e omnimodos synonymos, faz huma perfeita revolução nas idéas, e nos costumes dos Povos, sem que os Povos d'isso se apercebão, nem ainda mesmo certos Bachareis das Universidades, que persuadidos de ter tantas idéas quantos vocabulos conservão nas suas ôcas cabeças, não conhecem a força das mesmas palavras, que dizem, ou que ouvem, ou que lêm. Assim acontecêo em Villa Real de Tras-os-Montes no dia 23 de Fevereiro do anno de 1823, quando o nunca assaz bem louvado Marquez de Chaves dando o grito de — Viva ElRei Absoluto — á testa d'hum Povo brioso, e bem animado, pedio se reunisse a Camara da mesma Villa, para tambem, se quizesse, livremente seguir, e coadjuvar a sua voz, e a voz dos seus Povos, como de facto livremente se unio, e seguio a voz da Justiça, da Razão, do Valor, e da Honra: tractou-se então de redigir o Auto, chamárão-se os homens de Letras, havendo alli muitos com genio para ellas, e de todos se escolhêo hum Bacharel ancião, que já fôra por diversas vezes Magistrado, e Vereador, homem verdadeiramente de muita noticia, mas tambem de não pouca malicia: elle pois redige o Auto, mas n'elle ião assignar-se os Vereadores, os Povos, e o mesmo Marquez de Chaves na

qualidade de *Subditos* do Senhor Dom João VI, ao que eu acudi dirigindo a minha palavra ao Excellentissimo Marquez de Chaves, então ainda Conde de Amarante: — Senhor Conde — Vossa Excellencia não póde commandar com honra a empreza, que com tanto valor acaba de começar, sem que o faça como Vassallo d'ElRei Absoluto; pois Vassallo foi sempre Vossa Excellencia, Vassallo foi seu Pai, e Vassallos forão seus Avós, e o forão todos os Portuguezes, até que apparecêo essa infernal Constituição, que eu odeio de morte desde que ella substituio a palavra — Vassallos d'ElRei — pela de — Subditos —; pois que os Subditos podem alguma vez igualar-se ao seu Superior, ou ainda ser Superiores a elle, e os Vassallos não. — Annuio a esta reflexão o Conde de Amarante, no coração de quem tinhão logo cabimento todas as reflexões da honra, e adherírão tambem aquelles valentes Povos, accrescentando-se mais duas linhas ao Auto, que acabou — E como Vassallos nos assignamos. Mas eu notei então carrancuda a Minerva de certos homens de Letras; e tanto que vi que a Deosa das Sciencias me olhava com máos olhos, apeguei-me d'ahi em diante ao Cacete, que he o que preserva do terrivel mal do olhado: soube que me taxárão de monstro, de barbaro, e de ignorante, e desde então disse, e digo para esses Sábios, que eu não sou senão hum Clerigo de Larraga; mas ateimei sempre na palavra—Vassallos —, porque a ignorancia he sempre teimosa. O caso está, que alguns dos que se unírão á Divisão Transmontana o fizerão de máo grado por causa de duas palavras — Absoluto, e Vassallos —, entendendo lhes ficava mal ás suas altas Dignidades na Maçonaria o tomarem sobre si o pezo da Vassallagem ao seu Rei, entre os quaes rabugentos se notou sempre o Conde de Villa Real, que outros não nomeio eu por lhes não avivar maculas, que parece terem dissipado com outros factos mais honrados: forão todos elles vencidos, mas não convencidos, da sua opposição pelo Visconde de Villa Garcia, que por Discursos sólidos, e nervosos os distrahio de projectos, que por então não podérão executar. Essa mesma opposição ás palavras — Absoluto, e Vassallos — se notou n'esses miseraveis protestos, que certos Officiaes do Exercito fizerão perante o Conciliabulo das Necessidades da sua firme adherencia aos principios Constitucionaes. Eu não suscito discordias antigas, mas lembrem-se os Revolucionarios, ou os Pedreiros, que o Povo Portuguez os não perde de vista, se outra vez tentarem opprimi-lo, ainda que agora se tenhão emmascarado com a Realeza.

He certo que a Angelical, e Poderosa Voz do Heróe Salvador dos Portuguezes, hoje seu Rei por Graça de Deos, acabou toda aquella pedreiral opposição pela Sua Heroica Resolução de 27 de Maio do mesmo anno de 1823; mas na Sua sempre chorada, e fatal ausencia d'estes Reinos, os oppositores ás palavras — Absoluto, e Vassallos — tornárão a apparecer; e não podendo conseguir do Senhor Dom João VI que as abolisse por Decreto, pedírão ao Senhor Dom Pedro que o fizesse, dando-lhe por este Revolucionario Despacho o Titulo de Rei; e o Senhor Dom Pedro assim o fez, declarando-os seus Subditos, em vez de Vassallos, que elles não querião. Pois que elles não quizerão ser Vassallos do Senhor Dom Pedro, os bons Portuguezes nem seus Subditos quizerão, nem querem ser, querendo antes ir, huns para as Castellas, e outros para os Castellos, do que obedecer a hum Principe, que fazendo a bôca dôce aos inimigos da Realeza, vinha a dissolver a Nação Portugueza, introduzindo n'ella hum Diccionario, ou, chamem-lhe assim, Vocabulario, que não havia nos ditosos tempos do Senhor Dom Affonso Henriques, nem de todos os Senhores Reis, que souberão fazer-se amar, obedecer, e respeitar dos seus Povos, tractando-os com o glorioso nome de — Vassallos —, o qual, como venho de dizer no principio, designa os Povos, que sem replica, por dever, e por consciencia, acodem com as suas fazendas, e pessoas a sustentar o Throno dos seus Monarchas, logo que elles o mandão, sabendo bem os ditos Povos, segundo a educação de seus Pais, e Avós, que a Soberania não tem partilhas com alguem, que ella he indivisivel, inalienavel, intransmissivel, e incommunicavel. Se pois a linguagem, que o Senhor Dom Pedro, chamando seus Subditos aos Portuguezes, toma ao mesmo tempo que toma o Titulo de Rei, he bastante para os Portuguezes o estranharem de seu Rei, por lhes não fallar em Portuguez, he ainda mais forte a razão, que lhes assiste para o não reconhecerem, e para se lhe oppôrem, em aquelle pezado, duro, e insopportavel Juramento, que elle exige se preste immediatamente pelas Tres Ordens do Estado á Carta Constitucional. Eu vou examinar muito sériamente este nunca visto, nem ouvido, nem escutado Decreto na Monarchia Portugueza, para conhecer-se por elle, que o Senhor Dom Pedro, tomando o Titulo de Rei, perdêo mesmo aquelles fantasticos Titulos, ou sombra de Direito que, no sentir d'algumas cabeças descalabradas, parecia favorecerem-lhe para usurpar a Corôa Portugueza, como usurpára os Estados do Brasil.

Mandava o Senhor Dom Pedro que a Carta Constitucional fosse jurada immediatamente pelas Tres Ordens do Estado; e este Decreto he o mais arbitrario, e despotico, que jámais foi recebido por Nação alguma civilisada: he o Juramento acto voluntario, não violentado, he acção do que jura, não do que manda. Se elle he voluntario, deve ser acto da intelligencia, porque ninguem pode, ou deve jurar, o que não entende; logo he acto, a que deve preceder o exame, o estudo, a reflexão, a consulta, o conhecimento, e a approvação de quem jura, sem deferir somente sobre a palavra do que manda, para que não succeda aquelle absurdo despotismo filosofico tantas vezes reprehendido nos discipulos de Pithagoras = *Jurare in verba Magistri*, ou *ipse dixit*; = sendo que Pithagoras era hum homem sabio. Digo isto, lembrando-me de que posso discorrer como Filosofo, pois que fallando como Christão, mais alto, e mais forte deve ser o meu grito sobre a violencia, que hum Principe, filho de Pais Christãos, e que presa de professar o Christianismo, comette aos Povos Christãos, ousando exigir delles, e immediatamente, sem que deliberem sobre o que, como, quando, e por que modo hão de prestar o dito Juramento sobre huma Carta, que encerra huma alluvião de principios, e doutrinas politicas, e religiosas. Henrique VIII de Inglaterra, Auctor d'hum terrivel Scisma Religioso, não comettêo maior tyrannia sobre os seus Povos, que a que comette o Senhor Dom Pedro sobre os, não seus, Portuguezes, mandando que jurem immediatamente huma Carta, de que elle se assignou por Auctor, a qual he em todas suas partes hum horrendissimo Scisma, em parte Politico, em parte Religioso. Ah! Que o Senhor Dom Pedro pela sua longa permanencia no Brasil devêo esquecer-se que os Portuguezes não são como os Revolucionarios, ou como os Pedreiros, que jurão a menos de real; e que elles são Catholicos, e Christãos velhos, que não tomão Juramento, sem antes examinarem o peso da obrigação, com que vão ligar-se perante Deos: esses Juramentos tomados immediatamente, ou precipitadamente sem conhecimento do que se jura, e sem advertencia á obrigação, que se contrahe, não são Juramentos, são perjurios das tavernas, das Revoluções, e do Maçonismo, ou são Juramentos dos escravos, ou dos que não tem liberdade, como erão os Brasileiros, os quaes são comprados ou pelas promessas, ou pelos ameaços; são Juramentos proprios dos Cariocas, ou d'homens de duas caras. Portugal he huma Nação Grande, Livre, Reflexôra, e Christã: o Se-

nhor Dom Pedro devia-o assim saber, e que ella não estava ainda maçonisada senão em huma pequena parte dos seus Empregados Ecclesiasticos, Civís, e Militares, com o mais pequeno accrescimo d'humas certas Senhoras mal educadas, sem caracter nas suas palavras, sem honra nos seus costumes, que fazem profissão de sempre faltarem ao que jurão. Esta he sem dúvida a maior tyrannia, por que passou a briosa Nação Portugueza: Napoleão não ousou cometter-lha igual, porque, mais Politico que o Senhor Dom Pedro, sabia que os Portuguezes podem ser levados a más acções momentaneamente pelo engano, ou pela força, mas a ultrajarem o Santo Nome de Deos, a tomarem hum Juramento precipitadamente, não, não, porque a Religião he o vinculo da Sociedade Portugueza, e este vinculo he mais forte que todas as algemas, e grilhões dos Pedreiros! *Jurar immediatamente!!!* Pois os Portuguezes não hão de saber o que jurão? Não hão de elles examinar a certeza, e a verdade dos principios das doutrinas, e das asserções lançadas na Carta? E he assim que o Senhor Dom Pedro foi aconselhado a dar a Carta aos, não seus, Portuguezes? Vio o Senhor Dom Pedro, examinou elle a justiça do que mandou jurar? Ou sobre o conselho de quem fez elle este exame? Quaes são os Portuguezes Sabios, e de Conselho, zelosos do serviço de Deos, e da Nação Portugueza, a quem elle consultou para fazer esta novidade entre Portuguezes velhos? Quaes fôrão por outra parte os Ministros Portuguezes, que referendárão, e registárão a dita, ou maldita Carta? Eis hum Principe titulando-se Rei sem Cortezãos, sem Conselheiros, e sem Ministros, assignando huma Magna Carta, ou hum Novo Codigo para hum Reino, em que não habitava, nem podia habitar!!! He caso original, e por original não podia ser approvado por huma Nação antiga. Como podião os Portuguezes Christãos jurar huma Carta Constitucional recheada de principios controvertidos, e postos em dúvida de se, ou não são certos, e muitos delles convictos de falsidade pelos mesmos, que os são mandados jurar? Ou he o espirito da Carta que se jure o que se ignora, o que he incerto, o que he falso? Quereria o Senhor Dom Pedro obrigar aos Portuguezes a jurarem a mentira? Quer pois mais que o que Deos quer; e eis-ahi como o Senhor Dom Pedro não pode ser Rei por Graça de Deos. Tão despotico foi o Decreto da dita Carta, que o Senhor Dom Pedro, mandando-a jurar immediatamente, prohibio á Nação Portugueza o representar-lhe o que tivesse por conveniente sobre a mesma Carta. E não

he este hum Governo Despotico? E são estes os Portuguezes, a quem adoça a bôca com o novo tractamento de subditos? Este he hum novo genero de escravidão d'antes nunca visto, nem entre os mesmos Cafres e Hotentotes: elle estava reservado para os Seculos chamados liberaes, ou livres: o apoio a este despotismo só poderá ser dado por hum Ministro Inglez, Lord Canning, que avaliava a corruptibilidade dos Portuguezes pela adulteração do vinho do Douro. Poderão os Estrangeiros dar esta, ou aquella direcção ao Commercio Portuguez; poderáõ dar esta, ou aquella forma ao seu Exercito; mas dirigir, mudar, destruir, corromper, ou adulterar a opinião dos Portuguezes, tirá-los dos seus usos, e costumes, extraviá-los da sua Religião, perder-lhes o amôr, e a adhesão ao seu Rei, não he isso para os Cannings, nem para os Lambs, nem para os Stuarts, nem para os Acourts, nem para o mesmo célebre Pitt. Seja assim que o Ministerio Inglez não reconheça, (e o demore ás outras Potencias) ao Senhor Dom Miguel em Rei de Portugal; a constancia dos Portuguezes ha de vencer a pertinacia de certos Diplomaticos; e o Ministerio Inglez cederá á necessidade, confessando que os Portuguezes não soffrem que outra Nação lhes dê Rei, nem lhes mude a Religião, e a Lei. Eu sei que nas Memorias occultas que Lord Pitt, Chefe da Politica Ingleza, deixou sobre a Peninsula dizia que hum Hespanhol ou Portuguez que morresse era hum inimigo de menos que tinha a Inglaterra: parece que a indecisão do Ministerio Inglez a renovar as suas Relações Diplomaticas com Portugal, tende a fomentar este horroroso plano de acabar com a Nação Portugueza. Mas errão os radicaes o rumo da sua prosperidade: os Portuguezes não acabão, e a Nação subsistirá sempre nelles pela observancia das suas Leis, e pelo amôr ao seu Rei, porque Deos estabelecêo para si, e para sempre este Imperio da Religião, da Justiça, do Valôr, e da Honra. Muito menos pois, e por muitas, e mais fortes razões ha de prevalecer o Senhor Dom Pedro sobre os Portuguezes, de quem ousou demandar hum Juramento precipitado a favor d'huma Carta, que embebe, e contém em si os elementos da impiedede, e da desordem!

Mas eu noto que esse não Rei mandasse jurar a Carta pelas Tres Ordens do Estado, ácerca do que alguns Portuguezes de bom senso fazem á Regencia de Portugal a imputação de assim o não cumprir, fazendo-a jurar immediatamente, que isso não esquecêo ao imberbe, ignorante, e estouvado Barão de Renduffe, e com violencia por huma multidão de Por-

tuguezes sem ordem. Eu já disse, e foi assim, que a maior parte dos Portuguezes não jurárão a dita Carta; muitos somente assignárão seus nomes porbaixo da Formula Tabellioa, ou atabalhoada; alguns a jurárão sem animo de jurar, e todos, assim de boa, como de má fé, sem desejos de a cumprir; sendo esse chamado Juramento semelhante áquelle, que impiamente fazem certas mulheres Francezas de serem leaes aos que as cortejão, e bem se entende que he em quanto não apparecerem outros, porque nesse caso, dizem ellas com Theologia de Venus, muda-se a materia, e cessa o Juramento. Eu não sei em que grão de força, e coacção, assim estranha, como domestica, jazia a dita Regencia, ou que instrucções secretas receberia do Senhor Mandante do Brasil, porque não he obvio a todos o sentido, e a intelligencia das palavras, de que se serve o Vocabulario Liberal. Porem como alguns miseraveis Apologistas do Senhor Dom Pedro defendêrão, e defendem que o Juramento foi tomado pelas Tres Ordens do Estado pelo facto de haverem assignado a dita Formula os Portuguezes, que pertencião ás Tres Ordens do Estado, eu devo, para mostrar até por esta parte a nullidade do Juramento, fazer vêr que elle não foi tomado pelas Tres Ordens do Estado na forma das Leis Fundamentaes do mesmo Estado, na supposição de que o Senhor Dom Pedro entendesse, como devia entender, que o novo Edificio Social, ou o Novo Estado, que alevantava em Portugal, dependia da ratificação, approvação, e Juramento do antigo Estado, pois que elle não tirava a Portugal do nada, ou não creava huma Nação, que não existia, como se imaginou ser o Brasil, mas mudava os Portuguezes do que erão para o que não erão, o que não podia ser senão pelo consentimento dos mesmos Portuguezes; porque, alem de que he principio reconhecido por alguns Theologos, Canonistas, e Juristas, de que a Lei para obrigar ha de ser acceita pela Sociedade, sem a qual acceitação a Lei não tem força alguma, (Principio, que eu reputo falso, e subversivo do Poder Supremo assim Civil, como Ecclesiastico) he hoje Principio universal da Diplomacia, e muito cacareado pelos Protectores das Revolucões, que nem o Rei, nem a Lei tem authoridade alguma sobre as Nações, quando a sua totalidade os rejeita, sem embargo de que a esta regra universal do presente Seculo tem posto a Diplomacia huma excepção em a Nação Portugueza, querendo que sobre ella tenha algum direito o Senhor Dom Pedro, sendo que os Portuguezes altamente dizem que o não querem, nem a elle, nem a seus fi-

lhos, nem aos descendentes dos seus filhos. Ora pois ultime-se esta Questão.

Os Corpos Moraes, ou Sociaes, não se considerão Corpos distributivamente, senão collectivamente: não são Corpos numeraes, senão ordinaes: hum milhão de Portuguezes he hum milhão de unidades; cada hum considerado por si mesmo, só a si mesmo se representa; todos elles assim successivamente considerados constituem outras tantas unidades, mas não constituem hum todo: para que elles pois constituão hum todo he necessario que elles sejão considerados collectivamente: ora esta consideração collectiva se fórma por Leis, Pactos, ou Vinculos, que os ligão, que os unem, que finalmente os formão: estas Leis, Pactos, ou Vinculos constituem o Estado, e o Estado se constitue por Ordens, ou Classes, que representão as unidades respectivas. Em Portugal as Ordens, ou Classes do Estado são tres, Clero, Nobreza, e Povo, que representão a todos os individuos das ditas Classes, sem que huma Classe represente a outra Classe, nem a individuo que não seja da mesma Classe: assim o Clero não representa a Nobreza, nem a Nobreza ao Clero; nem o Povo ao Clero, ou á Nobreza, nem estes áquelle: assim tambem como o Estado se não constitue senão pela reunião das suas Tres Ordens, estas mesmas Ordens se não constituem cada huma a si mesma senão collectivamente, e todas tres reunidas constituem o Estado: quero dizer que, por exemplo, cada hum dos Bispos considerado por si só, cada hum Duque, Marquez, ou Conde, representa sómente huma unidade, assim como hum Portuguez isolado só a si se representa. He necessario por tanto que cada huma das Ordens se constitua collectivamente, para que todas tres formem, o que chamão os Portuguezes Estado, ou Nação. Sempre assim, e nunca de outra fórma, os Portuguezes forão representados Nação, nunca distributivamente, sempre collectivamente: por esta maneira foi a Nação Portugueza representada em todas as suas Côrtes, nunca pela unidade dos Portuguezes, mas pela união dos Portuguezes; jámais pelas unidades dos individuos das Classes, mas pela reunião das mesmas Classes. Esta he a Lei Fundamental da Monarchia Portugueza, este o seu uso, e costume: os Portuguezes não querem outra Lei, nem outra pratica; e para saber se a querem, ou não, he necessario que a Nação seja assim representada collectivamente, porque a Nação Portugueza assim foi formada, e não pode receber nova forma senão pelos mesmos principios, por que recebêra a primeira. Como pois

a Carta Constitucional, que o Senhor Dom Pedro decretava para Portugal, fosse huma nova forma, que dava ao Estado, era necessario que ella fosse consentida, acceita, e jurada pelas Tres Ordens do Estado, não distributivamente, como se pertendêo que fosse feito, mas collectivamente, como se não fez; não pelas Tres Ordens desordenadas, ou dispersas, mas pelas Tres Ordens ordenadas, ou reunidas segundo as Leis do mesmo Estado. Esta Lei não a podia revogar o Senhor Dom Pedro, e muito menos a Regencia, sem que o mesmo Estado reunido, e representado, como dito fica, consentisse livremente na sua revogação, ou alteração, porque he huma daquellas Leis, que reciprocamente ligão aos Reis, e aos Povos. Podéra o Senhor Dom Pedro, se fosse Rei, impedir que se reunissem as Tres Ordens do Estado, mas consentindo na sua reunião, não podia impedir que ella fosse segundo os antigos usos, e costumes da Nação. Podéra o Senhor Dom Pedro, se fosse Rei, crear mais Membros do Clero, e da Nobreza, que tivessem voto nas Tres Ordens do Estado, mas privar do seu voto aos Membros do Clero, e da Nobreza, que o tem, sem haverem sido julgados réos de Estado, he o que não podia fazer jámais, ainda que Rei fosse. Podéra o Senhor Dom Pedro, se fosse Rei, conceder a algumas Terras do Reino voto, que d'antes não tivessem, ou accrescentar-lho, ás que o tem, mas despojar as Terras, que o tem, sem haverem commettido rebellião formal contra o Estado, he o que não podia fazer, ainda que Rei fosse. Muito menos pois pode o Senhor Dom Pedro, e ainda infinitamente menos a Regencia, que governava em seu nome, mandar, e fazer jurar a sua Carta pelas Tres Ordens do Estado, sem que ellas fossem reunidas segundo as Fundamentaes Leis do mesmo Estado. E porque não pode, me dirão, se ElRei he absoluto, e independente? Porque ElRei forma hum Corpo com o mesmo Estado, do qual he Cabeça, devendo conservar a vitalidade dos membros pelos mesmos principios, por que o Estado se formou; em huma palavra, porque ElRei deve guardar seus respectivos Foros ao Clero, Nobreza, e Povo; e quebrando-lhos, quebra os ligames, que prendem os Povos ao Rei. Esta he huma Lei Fundamental da Monarchia Portugueza; que o seu Estado seja representado pelas suas Tres Ordens reunidas, e não dispersas; e que o Clero, a Nobreza, e as Camaras dos Tres Estados do Reino tenhão voto todas as vezes, que ElRei mandar ouvir o seu Estado. Respeitavel Clero Portuguez, que tanta attenção merecestes aos vossos Legitimos Soberanos,

Excellente, Illustre Nobreza do Reino, que tantas vezes haveis salvado o Throno, e a Patria, Leaes Cidades, e Villas de Portugal, que sempre acudistes com as vossas pessoas, e fazendas em defeza do Throno dos vossos Legitimos Reis; o Senhor Dom Pedro quebrou os vossos foros, desprezou-vos, envilecêo-vos: só por esta razão, se outras mil não fossem em favor da vossa heroica empreza, elle não merece ser vosso Rei: não ouçais pois mais as palavras d'hum Principe, que, pertendendo ser vosso Rei, quebrou a fé, e a palavra de todos os vossos Reis: justamente lhe haveis resistido, e lhe resistís; a vossa constancia em conservar no Throno o Justo Rei, e Senhor Dom Miguel, que vos ama, e que vos honra, vai logo ter em premio o seu Reconhecimento por toda a Europa. Mas não julguem meus Leitores por este final, que desespera aos Revolucionarios, que eu tenha descarregado sobre elles todo o primeiro golpe da arma, ou da Carta: não: em o seguinte Numero o primeiro golpe ha de ferí-los até ao proprio coração.

Rebordosa 21 de Novembro de 1831.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1831.

Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.° 15.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

A grande Questão Portugueza sobre a Successão ao Throno.

VAI em este Numero a ultima estocada do primeiro golpe da arma, ou da Carta, e elle vai ferir até o coração dos Apologistas do Throno na Pessoa do Senhor Dom Pedro. Elle toma o titulo de Rei, para dar a Carta: dá pois a Carta como Rei; e dada, ou assignada, desapparecêo de Rei. Que nova casta de Carta Constitucional he esta, que devendo reciprocamente obrigar os Subditos, e o Rei, este se isenta da obrigação, e até nunca mais se chama Rei? Que genero de pacto, vinculo, e alliança he este, que, devendo ser reciproco entre o Rei, e o Povo, desliga a ElRei dos seus Vassallos? Que nova especie de Sociedade he esta, em que o Soberano não pertence para os seus Povos, senão como hum Estrangeiro, que nem quer, nem pode viver com elles, que não pode governá-los, nem toma interesse na sua sorte? Esta monstruosa federação he incomparavelmente mais insopportavel que a que hum Senhor tem com escravos deportados da sua presença por huma insuperavel distancia. Este dominio he como o que exerce hum Juiz arbitrario, que não quer, nem pode fallar, vêr, e ouvir as suas Partes. Não he o Senhor Dom Pedro como hum Nero, que manda pôr fogo á Cidade de Roma, e foge de Roma? Não he elle como hum Attila,

ou como hum Genserico, ou como todos esses Principes Vandalos, que se chamavão Soberanos dos Povos, que havião devastado, e em que não querião viver; peior que os Neros, que os Attilas, que os Gensericos, e que todos esses Principes, que tem deixado de si huma memoria eternamente execravel, elle entrega as armas aos Revolucionarios em essa abominavel Carta, em que põe seu nome á frente, para impôr a Povos, que lhe não podião pertencer, e a quem elle mesmo não queria ligar-se, hum jugo de ferro na discordia civil, na anarchia, na pilhagem, e em todas as calamidades, que devião seguir a promulgação d'hum Codigo, em que elle se não assigna senão para acabrunhar com o seu nome a huma Nação, que nunca odiou o nome dos Membros da Familia Real, senão depois que apparecêo este desorientado vastago da Serenissima Casa de Bragança. E he assim que se tracta a huma Nação Livre, e Independente, a huma Nação, que por sua espantosa tolerancia não se oppoz a ser esbulhada da maior parte dos seus Estados, para delles se formar hum Imperio a favor d'hum Principe, que não nascêo para reinar sobre os Portuguezes, senão para escravisar a todos os que tiverão a baixeza de se submetterem ao seu Governo?!! Como he que os Revolucionarios Portuguezes, esses monstros da perfidia, pertendem que o Senhor Dom Pedro fosse Rei de Portugal, tendo elle fixado para sempre a sua residencia no Brasil, se esses mesmos malvados pertendêrão cohonestar a sua Revolução do anno de 1820 com a momentanea residencia do Senhor Dom João VI no mesmo Brasil? E ainda ha quem proteja a esses Protheos da Legitimidade? Sim, que o Maçonismo está no ultimo desespero, e se tem reunido todo para dar o ultimo golpe sobre os Thronos!

A Historia não tem offerecido ainda, nem de certo ha de jámais offerecer o exemplo d'hum Principe inimigo da Realeza como o Senhor Dom Pedro originalmente, e sem segundo offerece em si mesmo; ligado sempre aos Revolucionarios, e sempre delles perseguido, elle faz renascer a idéa d'hum Faraó endurecido, e obcecado por Deos para perder os Egypcios, e a si mesmo: á sua sombra, e com o seu nome se tem desenvolvido com a maior força as esperanças de os Republicanos levarem ávante os seus projectos de extincção de todos os Thronos, e de todas as Familias, sem que desta proscripção seja isento o mesmo Dom Pedro, nem a Familia, que delle descende. Ligárão-se varios Principes em outros tempos aos Hu-

gonotes, aos Calvinistas, aos Lutheranos, e aos Scismaticos; todos estes dissidentes amárão, e respeitárão os Principes, que os protegêrão: ainda hoje os seus descendentes cingem o Diadema; mas o Senhor Dom Pedro, ligando-se sempre aos Revolucionarios, emprestando-lhes sempre o seu nome, e a sua protecção, longe de por elles ser amado, respeitado, e conservado, he pelo contrario perseguido, banido, e odeado. E que elle mesmo não seja sensivel a estes ultrajes! Que o Senhor Dom Pedro não conserve hum só sentimento digno d'hum Principe nascido de Sangue Real, hum só sentimento dos que lhe inspirárão seus Augustos Pais! Virtuosissimo Rei, e Senhor Dom João VI, Heroina das virtudes, Serenissima Senhora Dona Carlota Joaquina de Bourbon, lá dos altos Ceos, onde a piedade Portugueza vos suppõe elevados, inspirai ao vosso primeiro Filho as vossas virtudes, ou apagai seu nome da Livro dos vossos Descendentes. Verdadeiramente se os outros Augustos Descendentes dos Serenissimos Bourbons, e Braganças não fizessem esquecer o nome do Senhor Dom Pedro, se o Senhor Dom Miguel, este Astro Solar das mais brilhantes virtudes, não dissipasse as densas trévas, que o Senhor Dom Pedro tem espalhado sobre a Grande, e Gloriosa Dynastia de Bragança, e Bourbon, o Senhor Dom Pedro, pela sua ligação aos inimigos do Throno, não desperta no coração de todos os que amão a Religião, e o Throno, senão sentimentos de horror, de indignação, e de odio. Mas o amor, que de tudo triunfa, o amor, em que estão inflammados os generosos peitos Portuguezes pelo seu Legitimo Rei, e Senhor Dom Miguel, amortece os justos sentimentos de aversão ao Senhor Dom Pedro; e só resurgem, crescem, e se exaltão na consideração de que o Senhor Dom Pedro não desiste do seu encarniçado odio ao Senhor Dom Miguel, e aos mesmos Portuguezes.

Eu não sei que he o que possa fazer acordar da sua cegueira a este Principe sempre deslumbrado pelas idéas da liberdade, e sempre apparecendo em todas as Revoluções, em que a liberdade desapparece, se não fôr a leitura do Diario de Pernambuco de Sabbado 20 de Agosto do corrente anno de 1831. Eu o transcrevo com pequenas observações, para que meus Leitores formem alguma idéa do estado politico do ex-Imperio do Brasil, e do máo nome, que nelle deixou o seu ex-Imperador, e Defensor Perpetuo, que pela sua insurreição contra seu Pai, e contra Portugal deixou lançadas no

mundo de lá as sementes do Republicanismo, vindo agora a reunir no mundo de cá as dispersas alluviões da mais infame Rebellião: a penna certamente não quer largar a tinta para transcrever as torpezas do Maçonismo Brasileiro; mas ceda esta vez da sua renuncia por utilidade dos que lêm seus rápidos rasgos. «Que lisongeiras, e plausiveis são as idéas, diz o sordido Diarista Pernambucano, que concebemos do nosso amado Brasil! *Acaso seja seu Redactor algum dos traidores nascidos em Portugal, que abandonárão a sua Patria, para não pagar nella a Rebellião, que aqui fizerão.* Que felizes os futuros, que o aguardão! *Os de voltar á obediencia do Legitimo Rei de Portugal, logo que a Europa, livre dos Revolucionarios, reconheça, como deve, ao Senhor Dom* MIGUEL *por Successor Universal do Senhor Dom João VI, Rei de Portugal, e dos Algaaves, e de todas as suas Conquistas.* Federação, Federação, diz o sentimento, que deve dominar todo o Brasileiro verdadeiro, e realmente amante da sua Patria! *Miseraveis Crioullos, grosseiros Cariocas! Que quer dizer Patria? E Federação que outra cousa he senão Rebellião á Patria, que deve ser integra para todo que a ama?* Este principio tão conveniente despertado no tempo do célebre Pedro, *(assim honrão os Revolucionarios ao seu Defensor Perpetuo!!)* e que já tinha sido lembrado no sempre memoravel, e infausto anno de 1824, *[infausto foi elle para Portugal, que vio perder a reconquista do Brasil pela deportação do unico Principe o Senhor Dom* MIGUEL, *que podia, e pode salvar o Brasil, e a Portugal dos horrores d'huma interminavel anarchia]* ía de certo modo esfriando, mas de novo vai accender-se, e talvez com mais rapidez se mostre no terreno comprehendido no respeitavel Triumvirato das Lagoas. *Eis onde se encaminhão todas as Revoluções deste Seculo, mesmo acobertadas que sejão com o nome d'hum Principe! A Triumviros aspirão em Portugal os legitimeiros Palmella, Villa-Flor, e Saldanha!* Sim, o anno de 24 he memoravel, por ser huma época feliz da Historia Brasileira, *[em que o Senhor Dom Pedro foi enxertado em primeiro Cidadão Brasileiro!]* e em que o verdadeiro Brasileirismo devia apparecer; *[temos pois que os verdadeiros Brasileiros, na linguagem dos Revolucionarios, são Republicanos, assim como erão Republicanos em Portugal os que no mesmo anno de 1824, depois da deportação do Senhor Dom* MIGUEL, *se chamavão a si mesmos verdadeiros Realistas, que são os mesmos, que agora querem*

para si o nome de verdadeiros Portuguezes, *por chamarem Rei ao Senhor Dom Pedro*, *sendo que elles nada querem do célebre Pedro senão o seu nome para acabarem com Portugal!* e infausto por malograr-se huma tal empreza; e por isso pela perda de tantas victimas illustres [*se o fossem todos os emprezarios*, *a tragedia não tornava a apparecer*], que honrando o Brasil [*tem razão o homem; o Brasil se honra mais com os mortos que com os vivos*] hoje vos podião prestar grandes serviços. *Ora não chore ao Sabbado*, *Senhor Brasileiro*, *ainda ficárão bastantes Judeos para celebrarem a sua Paschoa; e se lá não ha bastantes*, *Portugal lhe faz presente dos Campiões da Ilha Terceira*, *que estão prestes a servir em quantas Revoluções houverem no mundo.* Já os Brasileiros não se persuadem que a ventura do Brasil depende de Testas Coroadas. *A'lerta*, *Augustos Soberanos*, *e Principes da Europa! Esta he a linguagem de todos os Revolucionarios! Rei*, *e Soberano da Inglaterra! entre os vossos Vassallos ha muitos*, *que se persuadem de que a ventura dos vossos Dominios não depende da Corôa; se os quereis conhecer*, *sabei quaes são os que dão auxilios aos Revolucionarios estacionados nas Ilhas dos Açôres; pois esses são os que estão imbuidos dessa persuasão; acabai com elles*, *senão elles acabarão comvosco. E vós tambem Luiz Filippe*, *em nome de quem se governa a França*, *sabei que entre os vossos governados são muitos os que se persuadem que a ventura da França não depende de Testas Coroadas. Olhai pois que os mesmos*, *que vos elevárão*, *querem derrubar-vos.* Já os Brasileiros vão conhecendo que são Americanos. *Quer dizer o balbuciante Redactor que os Brasileiros não devem respeitar alguma Authoridade Real. Estas são as mesmas idéas de todos os Constitucioneiros*, *Carteiros*, *e Pedreiros dos dous mundos.* De certo que a felicidade de nenhum Povo depende de Reis. *Eis-aqui como todos os Revolucionarios são inimigos de todos os Reis.* Antes pelo contrario elles são sempre a causa da ruina, e atrazo de todas as Nações. *Mente filho da... Todos os Povos devem o seu engrandecimento*, *a sua civilisação*, *e prosperidade*, *e o progresso das suas Artes*, *Sciencias*, *Commercio*, *e Navegação aos seus Reis*, *e Principes: só o Brasil deve a sua ruina*, *e atrazo ao Senhor Dom Pedro*, *por se haver deixado governar pelos Conselhos dos Republicanos.* Todos os Reis com pouca differença são semelhantes aos Migueis, [*o Senhor Dom* MIGUEL *he hum Rei*, *que em constancia*, *em valor*, *em brio*,

em coragem, em intrepidez, e em todo o genero de virtudes não tem primeiro em todos os Reis do Mundo] aos Fernandos, *[o Senhor Dom Fernando VII he o grande Rei, de quem só seu nome faz tremer todos os Constitucionaes, e Carteiros do meio dia da Europa]* aos Bourbons, *[os Bourbons fizerão sempre as delicias, e as felicidades dos seus Povos]* e aos Pedros. *[Todos os Pedros forão grandes Reis, e Imperadores, ou em Portugal, ou nas Hespanhas, ou na Russia, em quanto não appareceo o Senhor Dom Pedro I no Brasil, que foi o ultimo de todos os Pedros, que o mundo deo á luz, e he, e ha de ser sempre nada no mundo, e em Portugal hum mero nome de infeliz memoria, e de máo agouro, em quanto os Portuguezes se lembrarem dos males, que lhes fez, e dos que pertende fazer-lhes.* E por isso todo o homem livre deve-lhes consagrar hum odio, e rancor eterno. »

Eu não posso mais continuar a transcrever tanta audacia, e impiedade, que he huma viva repetição do horrendo grito dos matadores de Luiz XVI, dos Constitucionaes da Hespanha, da Italia, e de Portugal, e dos actuaes defensores do Senhor Dom Pedro, e da Senhora Dona Maria da Gloria. Mas que motivos terá para o seu odio, e rancor a todos os Reis esse louco, sacrilego, furioso, e damnado Brasileiro, que não vivêo senão sete annos debaixo do immediato Governo d'huma Testa por elles mesmos indevidamente coroada? De quem se queixão esses malvados Constitucioneiros do Brasil, se elles mesmos fôrão a causa dos seus males, elegendo-se tumultuariamente para seu Imperador hum Principe ambicioso, e tambem tumultuario? Que ruinas, e atrazos hão causado ao Brasil os Migueis, os Fernandos, e os Bourbons, porque o Sr. Dom Pedro o não soubesse governar? Porem eis o odio, e o rancor, que eternamente jurárão ao Sr. Dom Pedro os seus amados Brasileiros. Tanto he certo que este Principe fez a desgraça dos Povos, que governava, ou desgovernava! Elle teve a habilidade de fazer Constitucionaes Povos, que d'antes erão Monarchicos; desobedientes, e revolucionarios Povos, que d'antes erão humildes, e pacificos Vassallos; Republicanos Povos, que sempre havião amado, temido, e respeitado os Senhores Reis de Portugal seus legitimos, e naturaes Senhores.

Teve o Senhor Dom Pedro a arte, que o mesmo Demonio não tem, a saber; a de descontentar a todos; aos Brasileiros, fazendo-se seu Imperador; a todos os Portuguezes, chamando-se seu Rei, e dando-lhes com este nome huma Carta,

que he a ultima Carta, ou Constituição, que ha de apparecer em Portugal; porque os Portuguezes sempre tiverão Leis, pelas quaes se enlaçárão com os seus Reis por vinculos reciprocos de amor, ou antes respectivamente por huma Paternidade, e Filiação, que fez nascer sempre em os seus Reis a consideração de Pais dos seus Vassallos, e em os seus Povos a agradavel idéa de filhos dos seus Reis. Estas forão sempre as Leis de Portugal, Leis que ligão os Povos aos Reis, e os Reis aos Povos; Leis de união, de amor, e de fraternidade reciprocos, mutuos, e indissoluveis: d'ellas nasce que os Reis de Portugal amárão sempre aos seus Vassallos, e os Vassallos sempre amárão, temêrão, e respeitárão aos seus Reis: d'ellas nasce esta invencibilidade Portugueza, que os fez sempre fortes, e poderosos contra todos os seus inimigos, assim estranhos como domesticos. Porque? Porque nas Leis Fundamentaes da Monarchia Portugueza existe hum indissoluvel principio de identificação entre os Reis, e os Povos, defendendo-se, e protegendo-se huns a outros mutuamente, participando todos reciprocamente dos mesmos perigos, e da mesma gloria; dos mesmos trabalhos, e do mesmo triumfo, da mesma adversidade, e da mesma prosperidade, sendo huma mesma a sorte, e a fortuna dos Reis, e dos Povos. Assim estão hoje identificados os Portuguezes com o seu Legitimo Rei, e Senhor Dom MIGUEL PRIMEIRO. Assim este Grande Rei está identificado com os Portuguezes. Offender ao Senhor Dom MIGUEL he offender aos Portuguezes; offender aos Portuguezes he offender ao Senhor Dom MIGUEL. Este grande principio de identificação da Monarchia Portugueza foi quebrado pelo Senhor Dom Pedro no acto de dar a Carta: a Carta pois acabou de separar para sempre ao Senhor Dom Pedro de todo o dominio sobre os Portuguezes: degollou-se a cabeça pelas suas proprias mãos, assignando na Carta o acto mais formal da sua separação de todos os Portuguezes: chamando-se Rei dos Portuguezes mostrou que o não podia ser, que era estranho a elles, que não era mais que hum aggressor, hum inimigo, hum algoz de Portugal. Provocou finalmente as paixões populares rompendo os laços, que união os Povos; consignou a arte de aborrecer áquelles, que nunca havião conhecido senão a de amar.

Mas alguns Portuguezes ainda o querem para Rei: mentem os velhacos: tem-lhe tanto amor como os Brasileiros; como estes, elles lhe consagrão hum odio, e rancor eterno: pre-

cisão porém de seu nome; elle lho empresta; elles o aproveitão para estabelecer huma Republica, para perseguir o Altar, e o Throno, para satisfazer a sua vingança, para se enraivecer sobre o Clero, para roubar os Povos. Pois he possivel que hum Principe odiado, perseguido, banido, proscripto, despresado, e ridiculisado pelos Revolucionarios ponha seu nome á testa d'essa horda de Cannibaes desesperados? Visto, apenas he acreditado: mas a Revolução se fórma de impossiveis: ella não produz senão monstros. O Senhor Dom Pedro está á testa dos malvados, ou como Rei, ou como Tutor! Elle pertende desthronar seu Irmão o Senhor Dom MIGUEL, que he o Rei, o Pai, o Irmão, o Amigo, o Amor dos Portuguezes! Pertende acabar com os Portuguezes! Quer derrubar do Solio a Gloriosa Dynastia de Bragança! Deseja plantar em Portugal huma arvore estranha, e embaçala com huma Brasileira! Ambiciona ainda reconquistar o Imperio do Brasil á custa das fazendas, e das pessoas Portuguezas. = Principe, que loucos intentos são esses vossos! Onde vos conduz o genio da Revolução! Quaes são as forças, em que confiais! Que pertendeis mais dos Portuguezes, depois que os desgraçastes, tomando-lhes, e perdendo-lhes o Brasil, dando-lhes, ou vendendo-lhes pelo Titulo de Rei huma Carta de dissolução, e de anarchia? Apraz-vos a guerra? Pois tereis guerra, e guerra que não tem de acabar em quanto não acabar o primeiro, e o ultimo Revolucionario do vosso partido. Ainda não estais farto de odio? O que os Brasileiros vos consagrão chegou á desesperação: o que os Portuguezes vos tem, não tem outros limites que os que a Justiça, e a Religião marcárão. Quereis sangue? Ora pois, sangue tereis: elle vai derramar-se: vêde qual corre mais.

Espantoso fenómeno em Diplomacia! Que as Nações antigamente alliadas da Portugueza consintão aos Revolucionarios renovarem a guerra da Farsalia! Que os campos de Portugal sejão os campos Filippicos! Que vantagens resultão ás Nações de consentirem huma guerra desastrosa, huma guerra civil, que vai escandalisar os Povos do Universo! Despovoar Portugal! Empobrecer a Nação que a tantas enriqueceo! Morrerem Portuguezes! Eu não chamo o Gabinete Inglez para que attenda aos seus deveres, mas para que olhe pelos seus interesses! Não chamo as outras Nações para que ponhão hum termo aos Revolucionarios Portuguezes, mas para que se preparem contra os seus Revolucionarios; porque se elles

não fossem, não haveria já hum só Portuguez, que abrigasse seus ímpios projectos com o nome do Senhor Dom Pedro! Tremão as Testas coroadas da Europa, sejão ellas quaes forem, se a Revolução estabelecesse o seu Imperio em Portugal. O Senhor Dom Pedro tambem empresta seu nome aos Revolucionarios da Hespanha, e da Italia! A liga da Revolução existe! O furioso plano de Canning espera ter agora a sua existencia! Soltar a todos os descontentes da Europa! O nome do Senhor Dom Pedro he o nome da sua reunião! Quanto he vasto, quanto he voraz o incendio, que vai atear-se. Porém desenganem-se os Revolucionarios, e desengane-se o mesmo Senhor Dom Pedro, que

Em quanto hum Portuguez
Vivo respirar
Não ha de Dom Pedro
Em Lysia Reinar.
A's armas, ás armas
Os Lusos correndo,
Seu Rei Dom Miguel
Hão de ir defendendo.

Este máo verso com o seu estribilho acaba de sahir-me da bôca, dando hum a Deos que vos salve a huns Voluntarios Realistas de Pennafiel, que por aqui vierão despedir-se de mim, dizendo-me — Agora sim, agora nos chama ElRei ás armas; vamos mostrar aos que nos não querião armados, que nós não desejavamos as armas, para satisfazermos justos despiques dos que outr'ora nos perseguírão, despiques, que nós tiramos com os Cacetes, e não com as espingardas; desejavamos as armas para defendermos o Nosso Rei, e Senhor Dom Miguel Primeiro, e para acabarmos com os nossos inimigos: nós sabemos quaes elles são, e que á sua testa vem o Senhor Dom Pedro: Embora venha, que em muito má hora vem; porque á voz de — Fogo — nós o faremos sem distincção, e quem não quer ser lobo, não lhe vista a pelle: cada hum de nós he melhor General, que o Sancho Pansa do Saldanha, que o Gil Braz do Villa Flôr, e que o Desfazedor de Decretos, o novo Quixote do Palmella, o qual tambem, nos dizem, vem commandando huma partida de rocinantes roubados nas Ilhas dos Açôres. Sim, meus briosos Camaradas, lhes digo eu, Viriatos sempre teve Portugal, que aterrárão as

mais espantosas Cohortes inimigas, mas livrai-vos da traição, que he a unica arma, em que são fortes os Revolucionarios, que vem encapotados com o nome do Senhor Dom Pedro. Tomaria eu que agora me ouvisse todo o Exercito Portuguez, e que elle me acreditasse. Eu sei que n'essa Esquadra inimiga vem huma Falua carregada de Cartas Constitucionaes impressas em papel imperial, para repartir pelas fileiras Portuguezas, acompanhadas de outras tantas Proclamações, ou Manifestos, assignados pelo Senhor Dom Pedro, em que se promette paz, segurança, e liberdade a todos os Portuguezes; e outro sim vem mais hum Patacho com Patentes, e Diplomas de Generaes, Titulos, e Commendas concedidas a todos os que se passarem para o partido do Senhor Dom Pedro: São estas as riquezas, que elle nos traz, papeis, promessas, imposturas, e enganos; dinheiros não: vem os Revolucionarios busca-los. E ainda haverá algum Portuguez que acredite no Senhor Dom Pedro, tendo elle enganado aos Brasileiros, e sempre aos Portuguezes? Portuguezes, o Senhor Dom Pedro, e os Revolucionarios vem lançar-vos os ferros! Elle, e elles não respirão senão morte, sangue, vingança, e perseguição. Se alguem, seja elle quem fôr, de qualquer Classe, Ordem, ou Jerarchia, vos alliciar, para que passeis para o Serviço do Senhor Dom Pedro, não useis de ceremonias, prendei-o, levai-o ás Authoridades para soffrer a pena, que merece. Sim, me respondem os ditos Voluntarios, nós o faremos; nós não daremos quartel aos nossos inimigos, porque sabemos que elles tem decretado não perdoar-nos, nem nós lhe acceitavamos o perdão. Ide, lhes digo eu, a vossa primeira descarga vos dará a victoria. A Deos Padre. A Deos Camaradas, logo sou comvosco.

Bravos Portuguezes! Não ha Nação, que tanto ame ao seu Rei! Mas tambem não houve hum Rei em Portugal como o Senhor Dom Miguel, em quem o amor, e o coração esteja mais bem empregado. Nem outra cousa era de esperar das Tropas Portuguezas! Eu vejo que o mesmo Povo, todo elle está arrebatado d'hum igual enthusiasmo pelo Senhor Dom Miguel: Bemdito, e louvado, diz elle, seja DEOS que nos dêo hum Rei tão bom. Em estas linhas estava eu querendo passar a não sei que pensamentos, que por isso ficarão para outra vez, quando o Correio me apresenta huma letra anonyma, marcada, já se sabe, no Porto, a qual dizia — Senhor Gallego, Portugal não precisa de Gallegos, que o defendão;

he em mingua do seu D. Miguel que Vossa mercê combata por elle. D. Pedro não teme os Gallegos. —

Ora eu me desaffronto em poucas palavras. Gallegos ajudárão ao Conde Dom Henrique na fundação da Monarchia Portugueza. Gallegos, e bons Gallegos se estabelecêrão em Portugal em todos os tempos, e em todos os tempos o servírão; os Fidalgos Portuguezes de antiga linhagem tem, e présão em suas vêas o sangue Gallego; e os Fidalgos d'estes ultimos Seculos buscão misturar seu sangue com o sangue Gallego. Gallega foi a Senhora Rainha Dona Ignez de Castro, e Gallegos ajudárão ao Senhor Dom Pedro Primeiro, o Justiceiro, a vingar o cruel assassinato da dita Senhora, sua Amabilissima Esposa. De Gallegos descende o maior Poeta dos Portuguezes, e talvez da Europa, o grande Camões. Rabulas Constitucionaes! tres vezes prezo por elles, e perseguido sempre, dizião que eu era Portuguez por domicilio, e naturalisação, ao que eu não repliquei, porque não sou Francez; pois se o fosse, faria vir huma Esquadra para me soltar, porque na verdade sou bem melhor homem, que esses titirifeiros Francezes, por amor dos quaes veio huma Esquadra fazer-nos o que todos sabem: e agora dizem os Malhados qne he em mingoa do Senhor Dom Miguel querer combater por Elle! E não tiverão os malvados vergonha de me alliciarem para combater em 1826 em favor do Célebre Pedro? Não precisa o Senhor Dom Miguel dos Gallegos; mas Portuguezes me pedírão que escrevesse, e não lhes acceito outra paga que a honra do convite; eu os acompanhei em todos os seus trabalhos em favor da Realeza, e elles sabem que sou Portuguez *toto corde*, *tota mente*, *totis viribus*. Mas, se o Senhor Dom Miguel precisasse dos Gallegos para repellir esses Estrangeiros comprados, que vem de mistura com os Revolucionarios do partido do Senhor Dom Pedro, saiba este desgraçado Principe, que os Gallegos estão prestes a pegar em armas contra elle, e a prol do Senhor Dom Miguel. Mas seja eu Gallego, como os Revolucionarios dizem por escarneo, pois que Galliza me dêo á luz, mas dêo-me para Portugal, e os Revolucionarios nascêrão em Portugal, mas não para Portugal: todavia como Gallego faço a Defeza de Portugal contra o Senhor Dom Pedro, porque este Senhor, e os seus partidarios ardem por se metterem em Portugal para revolucionar a Galliza, e a Hespanha toda. Este foi seu plano no anno de 1826; foi o mesmo no anno de 1828, e he o mesmo

no presente anno de 1831, e seguinte. Sei isto com evidencia, e tanto os Revolucionarios Portuguezes como os Hespanhoes sabem que o sei. Tenho respondido, e mais hei de responder, seja quando fôr. Mas vi o *post scriptum* = Ah! Se o Bacharel formado em barro! Se as cadêas o não guardassem, experimentaria outra vez o meu Cacete em resposta á sua anonyma = Portuguezes, Viva o Senhor Dom Miguel Rei: nada de Pedro, nem como Tutor, nem como Rei. Odio eterno aos que nos fazem a guerra em nome do Senhor Dom Pedro, ou em nome da Brasileira.

Rebordosa 22 de Novembro de 1831.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1831.

Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 16.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

A grande Questão Portugueza sobre a Successão ao Throno.

Vá o segundo golpe, que a mesma Carta Constitucional atira sobre os seus Defensores, e Defensores tambem do Nome, que está por baixo da Carta. Deste golpe resultará a mais evidente prova, não só de que o Senhor Dom Pedro perdêo todos os Direitos, que a sua Primogenitura lhe dava á Successão na Corôa Portugueza, não só de que a Regencia, que se installou por morte do Senhor Dom João VI, carecia de Authoridade para declarar, quem devia succeder-lhe nos seus Reinos, e Dominios, como tambem de que a todos, e a cada hum dos Portuguezes cabia o Direito de repellir com as armas hum Governo, que com armas pertendia fazer valer a sua declaração, e a intrusão d'hum Principe, que recebendo a Carta d'hum aggregado faccioso de traidores, torna a dar-lhes a mesma Carta, para com ella alevantarem em Portugal o facho da discordia civil, que devia atear-se em todo o meio dia da Europa. Este segundo golpe sobre o Senhor Dom Pedro, sobre os chamados seus Defensores, e sobre a Regencia, que foi obrigada a estar pelos autos, que havia formado o Collegio dos Ministros, e Advogados do Maçonismo, sahe de quasi todas as linhas da mesma Carta, que o Senhor Dom

Pedro assignou a rogo dos Mações. Eu não pertendo, agora fazer hum commentario a essa Carta da Anarchia, se não oproveitar-me d'ella tanto, quanto he mister para illustrar a grande Questão Portugueza sobre a Successão ao Throno, não por amor do Povo Portuguez, que quasi todo elle está, como deve estar persuadido, de que logo que o Brasil se constituio de facto em Imperio livre, e independente a favor do Senhor Dom Pedro, tambem immediatamente logo recahio no Senhor Dom MIGUEL o Direito da Successão na Corôa de Portugal, mas para confusão dos Pedristas, que hão cahido na cova, que fizerão para os Miguelistas. Eu não digo em vão que o Povo Portuguez está certo nestes principios, e principios, que são confórmes com a Lei Fundamental da Monarchia, e muito melhor explicados nas Côrtes de 1641; pois que hum destes dias veio a ter comigo hum Lavrador destas terras, que dêo hum filho Voluntario para a 1.ª Linha do Exercito, e me disse. — Para que virá este Senhor Dom Pedro a inquietar-nos, que em tão boa paz viviamos? Que tem elle que vêr com Portugal? Não se podia contentar com o que a seu Pai tomou? Tambem quer, o que mui voluntariamente renunciou, e agora já pertence ao Senhor Dom MIGUEL? Parece-me, meu Abbade, continuava este Licurgo da minha Freguezia, parece-me este caso, com o que succedêo na minha Aldêa: Era d'huma vez hum Pai, que havia herdado de seus Pais dous Prazos de livre nomeação; tinha este homem dous filhos, e ao primeiro dêo hum dos Prazos, que na verdade era o maior, e capaz de viver n'elle huma grande familia com muita decencia; e ao segundo filho dêo o outro Prazo, que certamente não era lá essas cousas, mas podia, e ainda póde vir a ter grandes augmentos, porque este filho, benza-o Deos, tem muito juizo, e capacidade: morre o bom do Pai, e então o primeiro filho, que he hum inquieto, bulliçoso, e malfazejo, que se não contenta, nem com o seu, nem com o alheio, quer tomar a seu irmão o outro Prazo; mas não o consentírão os cazeiros d'este, dizendo-lhe: Ponha-se lá fóra, sô amigo; nós não trabalhâmos para vossa mercê, nem de certo lhe pagâmos a venda: ai! Quer tudo para si! Seu Pai não mandou tal: ora sobre isto, meu Abbade, houverão suas bulhas entre o irmão mais velho, e os cazeiros do mais novo, e vencêrão os cazeiros, porque são capazes, e honrados, e levão as suas questões á força de páo,

em que são pimpões: corrêrão alguns annos, e em hum virar de mãos, o primeiro filho, tendo estragado o seu Prazo, pelo seu pouco juizo, alevantando as rendas aos seus cazeiros, tractando-os mal, e tirando-lhes até a camisa, foi posto fóra pelos mesmos cazeiros; e tão máo era elle, que não teve hum só que fosse por elle; e agora o pobre do homem, vendo-se perdido, quer acabar de perder-se, porque juntando-se a huns poucos de ladrões, vem atacar pessoalmente ao outro irmão, e quer roubar-lhe o Prazo, que seu Pai lhe deixára. A este passo interrompi eu o bom homem, dizendo-lhe: E que faz a Justiça? Qual Justiça? me replicou o homem, se elle recorrêo á força, e violencia! e qual he o ladrão, que a requer, ou onde está ella com semelhante gente? Essa quer que se lhe faça o irmão mais novo, porque gosta das cousas mui direitas, e não quer senão justiça, e mais justiça, e parece-me, que não faz bem; porque alembra-me o que em huma demanda, que eu trazia, me disse o meu Procurador no Porto: em esta Cidade quem não tem justiça, compra-a para que lha dêm; e quem a tem, compra-a para que lha não tirem: a mim, meu Abbade, esta comparança do que succede na minha Aldèa, parece-me geitosa para o caso, que vai correndo entre o Senhor Dom Pedro, e o Senhor Dom Miguel: Não he assim, meu Abbade? Homem, quasi que diz bem; e pois que não ha Reinos Patrimoniaes, mas sim Hereditarios, e Successivos, e nelles se succede tanto pela razão do sangue, que vocação da Lei, e na nossa Fundamental se acha determinado, tanto a exclusão do Principe Estrangeiro, como que no caso da Accessão de hum Estado maior a outro menor, se dê a Opção ao mais velho, estâmos no caso; escolhêo o Senhor Dom Pedro o Brasil, e nada tem com Portugal; porque esse he do Senhor Dom Miguel, e quem lho dá, não he o Pai, ou Irmão, mas a Lei, e o seu Direito: e disto póde vossa mercê assegurar os seus visinhos, para que vá correndo esta Tradição Portugueza, que he fundada na razão, e na verdade, ainda que a negão todos, os que não querem senão acabar com os Reis, e com a Legitimidade: e por isso, e com estas pequenas excepções, acho em tudo menos má a sua semelhança, e comparação; mas dou-lhe hum conselho, como seu amigo, e he que á vista de alguns Fidalgos não diga que o Senhor D. Pedro se junctou a hum bando de ladrões; porque lá o acompanhão os Condes da Taipa, e de Villa Flor, e os

Marquezes de.... etc. etc. Oh! Senhor Abbade, ou vossa mercê he Fidalgo, ou ladrão como esses Fidalgos que diz; porque só ladrões defendem ladrões: forçárão-me huma minha filha, comêrão todas as minhas gallinhas, arrombárão as minhas pipas, roubárão os Calices na Igreja de.... Finalmente, Senhor Abbade, são ladrões como o Diabo, que cá os não traga. Ora vossa mercê arrenega-se, pois fique-se com Deos, que eu cá vou cantando, com animo de o cumprir á pedra, a páo, e a tiro.

Da barriga do Saldanha
Hei de fazer hum tambor
Para tocar á degolla
Ao Ladrão do Villa Flôr,
Ao Palmella, e ao Taipa,
A todo o Fidalgo Trahidor.

Foi-se embora o homem, e esta não he huma historia da caroxinha, he para mim huma lição, que me atterra. Caspité! digo eu para mim! Já está visto, que se esses Fidalgos tornão a apparecer em Portugal, nem a pelle lhes fica; e se outros Fidalgos, que cá estão, se lembrarem de pedir por elles, correm as mesmas parelhas. E que tal está o Povo Portuguez? Não respira senão sangue, e mortandade para todos os que defendem ao Senhor Dom Pedro, e para os que defendem aos seus defensores. Não escrevo pois por amor dos Portuguezes, que estão persuadidos, como devem, de que o Reino dos Portuguezes pertence ao Senhor Dom Miguel, mas por amor dos Pedristas, para os convencer que o Senhor Dom Pedro não tem alguns Direitos á Corôa Portugueza, e que todo, e qualquer Governo, que lhos queira fazer valer, póde, e deve ser repellido pelos Portuguezes, como hum seu natural inimigo. Tarefa utilissima, e que pede assiduidade, e Literatura, porque a contenda he com Pedreiros, que se prézão de Sabios, e de Politicos, (diz huma letra anonyma, que se me dirigio de Lisboa, e Deos perdoe, a quem me escrevêo, os quarenta réis, que dei por ella ao Correio do Porto), e continuava a dicta letra, sería mais util aos Povos, que vossa mercê os instruisse em Práticas, e Sermões, na verdade da Filosofia Christã, e na falsidade das doutrinas Maçonicas, como o Excellentissimo, e Virtuosissimo Ministro das Justiças, e dos Negocios Ecclesiasticos acaba de recommendar, por ordem

d'ElRei Nosso Senhor, ao Eminentissimo Cardeal Patriarcha. Ora a tal letra diz com a careta; saiba porém que a mim não se me communicou tal ordem, e sabe Deos quando ella chegará a este Bispado do Porto: a estação está muito chuvosa, as estradas alagadas de agua, os papeis chegão tão molhados, que mal se podem lêr, os Secretarios dos Excellentissimos Prelados estão arripiados de frio, que não podem trasladar semelhantes ordens, não custando pouco trabalho a assigna-las; e as bestas do correio não se movem, nem querem metter-se nestes assados; lá para a Primavera veremos como correm os ventos, dizem ellas, e póde ser que levemos essas ordens, ou que voemos com outras. O Auctor da letra deve certamente ser homem de boa fé, como o são todos os Portuguezes: elle não sabe o andamento destas cousas, e deve de pensar que as ordens do Ministerio se cumprem ao pé da letra, mesmo como ellas mandão. Coitadinho! Em hum certo tempo, quando hum Ministro expedia hum Aviso em Nome d'ElRei, mandava á Authoridade, a quem elle se dirigia, outro Aviso, dizendo — Manda ElRei Nosso Senhor, que leia, e não cumpra, porque o primeiro Aviso, que lhe enviei, foi por satisfazer ao Publico. — Desde esse tempo ficárão certos homens acostumados a não fazer, senão o que elles querem, e nunca o que elles devem; e quando alguma vez chegão a fazer o que se lhes manda, dizem que elles forão obrigados pela força, e por esta maneira se desculpão com todos, e com todos ficão bem; mas quem os não conhecer, que os compre. Estou certo na efficacia do Excellentissimo Ministro das Justiças, e dos Negocios Ecclesiasticos, de quem a sua rectidão, inteireza, prudencia, e catholicidade he bem conhecida, e louvada por todos os bons Portuguezes; mas que importa toda a sua diligencia no cumprimento das obrigações do Clero, se esse Clero he remisso, e sem aguilhão não vai para diante? Todo o Sacerdote Catholico, que não pertence ás Sociedades Maçonicas, e que estudou, como deve, o Cathecismo do Sancto Concilio Tridentino, está obrigado pelo seu Ministerio, por todas as Leis Divinas, e Ecclesiasticas a instruir os Povos nos seus deveres para com Deos, para com os homens, e para comsigo mesmo, e não he outra a Filosofia Christã; esta obrigação he tão grave, que na sua observancia está obrigado a passar a vida, e a soffrer o martyrio recalcitrando contra qualquer Authoridade, ou Poder, que o empeça de cum-

prir a sua missão, que na verdade não he outra que ensinar a verdade, e refutar o erro: ora o Ministerio Secular não tem sobre esta obrigação que aconselhar, ou mandar ao Clero, porque o Clero Christão recebêo de seu Divino Instituidor Jesus Christo o preceito — *Ministerium tuum imple* —; e se o Clero o não cumpre, seja elle repellido do Ministerio, de que subsiste, ou seja obrigado a estudar, o que ignora; pois que eu bem o sei, que no exame que se faz aos Parochos, e aos Sacerdotes não se lhes pergunta senão algumas Definições do Larraga, que são perguntas proprias de creanças; e o Cathecismo, que o Sancto Concilio Tridentino mandou escrever para uso dos Parochos, e dos Sacerdotes, esse nem lembra. Todo o Sacerdote Christão pois está obrigado em razão do seu Ministerio a ensinar aos Povos as verdades da Religião, e a desvia-los de todo o erro, que he contrario á Religião, e nisto deve levar a sua vida, e por isto deve soffrer a morte. Todo o Sacerdote Portuguez, qualquer que seja a sua Classe, e Jerarchia, está obrigado a saber que o Senhor Dom Miguel he o seu Rei, e que Elle deve ser, não só obedecido como Rei, mas defendido como Protector da Igreja Lusitana; e que o Senhor Dom Pedro não só não deve ser obedecido, porque he hum intruso, e hum inimigo figadal da Nação Portugueza, mas até deve ser repellido como Destructor da Igreja Lusitana, a quem persegue na sua Doutrina, e subsistencia, unindo-se a huma cafila de Pedreiros Livres, Apóstatas do Christianismo. Todo o Sacerdote Portuguez conseguintemente deve peleijar pelo Senhor Dom Miguel como seu Rei, e Protector, e expôr a propria vida na repulsa do Senhor Dom Pedro, e de todos os Pedreiros, como de perseguidores da Igreja; e se assim o não fizer algum Sacerdote, elle deve ser repellido da Igreja Portugueza, como máo Clerigo, e máo Portuguez. Embora se tenha esquecido por huma clemencia sem exemplo, de que muitos Sacerdotes não fizerão em outro tempo o seu dever, prégando, e doutrinando aos Povos a favor da Carta Constitucional, e do Senhor Dom Pedro; perdoe-se-lhes, já que elles dizem que forão obrigados pelo Ministerio d'aquelles tempos, (no que muitos mentem porque forão voluntariamente ímpios) ainda que elles devião antes morrer, ou fugir, se não tinhão animo para perder, ou antes ganhar, a vida em defeza da Religião, do que dizer huma só palavra em abono da Soberania do Senhor Dom

Pedro, e da maldita, e maçonica Carta Constitucional; mas agora cumprão o seu dever, e lavem pelos seus sacrificios em defeza da Religião, e do Senhor Dom Miguel a nodoa, que pozerão na Igreja Lusitana. Quanto a mim pertence, entendi sempre que não precisava de Avisos do Ministerio, para cumprir os deveres, de que fui encarregado na minha promoção ao Sacerdocio; antes, despresando, como era meu dever, os Avisos do Ministerio Constitucional communicados aos meus Prelados Diocesanos, e por estes mandados cumprir, pugnei sempre em abono da Religião, e da Soberania Absoluta, manejando o meu Ministerio *à dextris, et à sinistris*, para levar os Povos ao caminho da verdade: ainda hei de dar ao prélo as minhas Orações recitadas em Tras-os-Montes, na Hespanha, em Lisboa, e agora em Penafiel, e no Porto, taes quaes ellas fôrão compostas, e prégadas, para que vejão os meus Leitores a quanto me expuz em favor das Leis da Sancta Igreja, e das Leis Fundamentaes de Portugal; e para que tambem conheção que, se não tenho a eloquencia de Cicero, que muitos lêm, e não entendem, tenho arte para desbaratar toda a Filosofia Pedreiral, para os confundir, e aterrar, e para introduzir aos Povos o mais entranhado odio a todas as impiedades do Seculo. Digo isto sem vaidade, e sem ambição, vicios que não devem caber na alma d'hum Clerigo, e muito mais se elle não sabe senão o Larraga, e rezar pelo seu Breviario, como a mim me succede. Saibão quantos, e (acaba a minha resposta ao anonymo) quizerem lêr, e ouvir a disposição dos meus Discursos em estes dias, em que a Religião, e a Patria são combatidas em nome do Senhor Dom Pedro, que eu tenho tomado ordinariamente por thema da minha Prédica o seguinte texto da Sagrada Escriptura = *Si tibi voluerit persuadere frater tuus filius matris tuæ, aut filius tuus vel filia, sive uxor quæ est in sinu tuo, aut amicus, quem diligis ut animam tuam, clam dicens: Eamus, et serviamus diis alienis, non.... occultes eum, sed satim interficies.* Ora eu o digo em Portuguez, porque nem todos os meus Leitores sabem Latim: Portuguezes, que defendeis, e amais ao vosso Legitimo Rei, e Senhor Dom Miguel Primeiro, se vosso irmão, ou vosso filho, ou filha, (tambem ha filhas malhadas, que he hum argumento certo de que já estão derrancadas) ou vossa mesma mulher, (tambem ha casadas malhadinhas, que he signal claro de serem mulheres de muitos) ou

vosso amigo, a quem amais a par do vosso coração; se qualquer d'esses de qualquer classe, ou jerarchia que elle seja, quizer persuadir-vos aconselhando-vos ás escondidas que deixeis o serviço do Senhor D. Miguel, porque já fugio, já está preso, já morrêo, e vós passeis ao serviço do Senhor Dom Pedro, que protege todas as Seitas, que são oppostas á Religião, que se tem reunido a todos os Apostatas do Christianismo, e da Patria, não o poupeis, e deixai que a Justiça faça o seu dever logo — *non occultes eum, sed statim interficies.* Eis o assumpto ordinario dos meus Discursos, pelos quaes sou motejado de anarchista, até por algumas pessoas de saia dos dous sexos, porque tambem ha homens, que trazem saia, se bem a alguns melhor lhes vestia o avental. Vejão porém estes zoilos, e estas, não Amazonas, mas maçonas o que dizem as Leis Militares: quando á frente do inimigo se espalha alguma voz de terror, de espanto, ou de trahição, seu auctor he immediatamente arcabuzado. E quem duvída que o inimigo está á frente, ou talvez que ande ao redor de nós? Oh! se se observassem as Leis Militares, ou o citado texto da Sagrada Escriptura, não se ouviria dizer, como ha poucos dias se disse no Porto — O Senhor Dom Miguel já fugio para a Hespanha — O Senhor Dom Pedro já está á vista da barra de Lisboa — Os Generaes Fuão, e Fuão estão a huma das duas; e, em o inimigo pondo o pé em terra, passão com a sua gente para as suas fileiras. Se se observassem as Leis Militares, ou o citado texto, não andarião no Porto acoutados, e acobertados alguns transfugas, que acabão de vir da França, como, por exemplo, hum célebre João Baptista que fazia os Cartazes para o Theatro, e que anda com o seguro de huma *Coquette* á face da Authoridade, que devia cohibi-lo; não andarião finalmente no Porto huns certos Rebeldes vestidos de Inglezes, mettidos em casas de Inglezes, e passando por Inglezes, ou por familia de Inglezes. A'lerta pois! Seja a morte o premio de qualquer voz de trahição, ou de fraqueza. Tenho respondido á anonyma; vou pegar da materia proposta; mas outras letras me distrahem; eu digo alguma cousa sobre ellas contra o meu proposito; mas he a primeira, e a ultima vez que lhes respondo.

Diz-me huma letra — Apare a penna, escreva mais de vagar, mostre que estudou Logica, e cumpra o que promettêo de nos descobrir a origem do Maçonismo — Ora, se o

Auctor me dissesse — Prepare as armas, parta depressa para o campo, mostre que tem valôr, e cumpra o seu juramento de expôr a sua vida no serviço do Senhor Dom Miguel, o homem dizia bem, porque isto cumpre a todo o Portuguez que se présa de Catholico, e de honrado; mas aparar a penna em materias tão triviaes, escrever mais de vagar sobre objectos, que demandão a maior brevidade, mostrar que estudei Logica, quando só he tempo de mostrar que estudei a excellente Obra das Reflexões Militares do Marquez de Sancta Cruz; descobrir a origem do Maçonismo, quando se deve tractar de destruir as suas agigantadas producções, he cantar fóra do Côro, ou pedir antes de tempo. Lembrado estou do que tenho promettido; hei de profundar materias, que toquei só levemente; hei de mostrar que o Filosofo Cartesio, ou Descartes nos dêo a noticia do primeiro Rosa-Cruz; hei de dar ao Prelo alguns Sermões do tempo; hei de tentar hum Ensaio original de Rethorica; hei de redigir huma Arte de Grammatica Latina; e, se a vida abundar, hei de compôr huma Logica Maçonica, que ha de ser o *non plus ultra* das Sciencias Constitucionaes, e a sua leitura ha de interessar muito a todos os Catholicos: mas todas estas cousas querem mais vagar, e penna mais aparada: agora o inimigo me obriga a forçar a marcha, para o encontrar, e repellir em todas as suas direcções; para isto não precisão os Portuguezes d'hum General Russiano, como alguns Officiaes desejão, movidos não sei por que razões, ou suspeitas: os Portuguezes são naturalmente militares; e em hum Paiz, em que Marte forma o seu campo, as suas posições, os seus baluartes, os seus reductos, e parapeitos, as suas linhas de defeza, e de communicação, os seus rios, e passagens accessiveis, e inaccessiveis, para qualquer ser General, depois de ter bem examinado o Paiz, não carece de outra sciencia que de valôr, e fidelidade. Ha em Portugal terrenos proprios para a Cavallaria, outros para a Artilheria, outros para a Fuzilaria, alguns para todas estas armas, e muitos para a pedra, para a fouce, para a enchada, e para o páo: procurem os Generaes attrahir o inimigo para estes ultimos, e deixem-no por conta do Povo, que os Paisanos estão desejosos de estrumar as suas terras, e de fazer as suas estradas com os corpos dos Malhados. Mas os Malhados andão mui contentes, signal, dizem alguns Militares fidelissimos, que elles contão com a victoria, a qual não podem esperar se-

não da traição. Ora eis aqui o que os Malhados pertendem; introduzir a desconfiança, e o terror: de resto elles no maior desespero se fingem mui animados, só para desanimar aos Realistas. Miseraveis Pedreiros! Se o Exercito já reunido de cem mil homens, e homens todos aguerridos, e desejosos de vêr as barbas ao inimigo, tivesse algum desastre, no Povo Portuguez está a grande Reserva disposta a não deixar hum só Malhado vivo.

Outra Letra escripta em París aos 9 de Outubro diz — O nome de Dom Pedro basta para armar todo Portugal a favor de Dom Miguel! Dom Pedro perdêo de todo a cabeça; não pode soffrer que chamem Rainha á sua Filha, e descompõe a todos os que a elle lhe dão o tractamento de Tutor, ou de Generalissimo, ou de Regente; quer ser Rei, mas sem querer sacrificar hum real! Candido José Xavier he o seu Secretario particular! Meu amigo, com taes parelhas não entro na dança: lá vos avinde. Dom Pedro he o mesmo homem, que foi no Brasil! Chama-se Constitucional, e elle he hum Despota; elle prepara-se para chicotear os Portuguezes, como outr'ora fazia no Brasil a escravos d'outra côr! Palmella por outra parte levou para si sessenta contos de réis da Ilha de S. Miguel a titulo de Despezas Diplomaticas! Villa-flor levou outros sessenta contos a titulo da sustentação do Exercito! Na verdade temo-nos feito odiosos aos mesmos Liberaes, e já os nossos protectores, os mesmos Capitalistas não fião de nós hum real! Por huma parte D. Leonor da Camara diz á nossa Rainha, (á infeliz Senhora Dona Maria da Gloria; e já se vê que esta Carta he d'hum trahidor emigrado em França a outro seu consocio) que fuja de Pedreiros Livres! Tal he a educação da que nós queremos para Rainha! Por outra parte Dom Pedro tem dado murros em sua Filha por ter medo dos Pedreiros Livres! Meu amigo, deixe-nos Dom Pedro em paz, e não nos acabe de perder! Volte José da Silva Carvalho para Aio da Rainha, e debaixo do nome della estou prompto a bater-me; debaixo do de Dom Pedro não, porque he summamente soberbo, e indomavel. Fazei lá o que quizerdes, que eu estou firme na resolução de me não expôr senão por hum Principe, que seja consequente nos principios da Liberdade, etc. — Ora eu deixo esta Letra sem resposta; mas conheção por ella os meus Leitores que entre os mesmos Pedristas não ha união, e conseguintemente que não ha que temê-los, ain-

da que venha com elles o mesmo Dom Pedro, que não he mais que o Papão, com que pertendem fazer callar as creanças!

Mas o seu Manifesto, digo, o Manifesto, que o Senhor Dom Pedro dirigio a todas as Nações, fazendo-lhes vêr as razões, por que pertende atacar a Nação Portugueza, e desthronar o Senhor Dom MIGUEL; e os rinchos do seu Garrano, digo, do asneirão Garret, Precursor da invasão, devem entrar em este Papel, ou em este Boletim do Exercito de Operações do Senhor Dom MIGUEL; e sem outro vagar, nem detença que a da penna, formarão a *Defeza de Portugal*, com o objecto proposto no principio deste Numero, distrahido por necessidade nas respostas ás ditas Letras, mas deferido mui formalmente para o Numero seguinte. Hão de vêr os Portuguezes a Dom Pedro desbaratado por Dom Pedro, pela sua Carta, e pelo seu Precursor o citado Garret, ou Garrano, e por todos os seus satellites; e assim desempenharei a commissão, de que o immortal Padre José Agostinho de Macedo, estando proximo á morte, encarregou ao digno Religioso, que recolhêo os seus ultimos suspiros: — Eu morro; animem o Alvito a que continue os meus trabalhos na *Defeza de Portugal*; quando aqui esteve, corri-lhe todos os Diapasões, e em todos elles afinou mui bem. — Vou pois cumprir a ultima vontade do Padre Macedo, como seu legatario na impugnação de todos os inimigos do Senhor Dom MIGUEL, e da Nação Portugueza. Darei aos bons Portuguezes os recados do grande Macedo, mas não com aquella eloquencia, força, erudição, e graça, em que elle foi, e será sempre primeiro sem segundo.

Rebordosa 14 de Dezembro de 1831.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1832.

Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.° 17.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

A grande Questão Portugueza sobre a Successão ao Throno.

SE os Portuguezes não estivessem certos por huma experiencia, e observação, nunca fallidas, da Protecção, e da Misericordia de Deos, a quem invocão, segundo a crença da Sancta Igreja Apostolica Romana, a qual elles julgão a unica verdadeira, de certo já não haveria Sociedade alguma entre elles; pois que os malvados inimigos de Portugal, e ao mesmo passo inimigos de Deos, tem feito tudo, por quebrar os laços, ou anneis d'esta Sociedade; a amizade, a união, a concordia, a mutua confiança, a coadjuvação reciproca, tudo forcejárão perder, e quasi parece que o conseguírão, se em Deos não prendesse a grande cadêa, ou annel da Sociedade Portugueza. Ameaça o Senhor Dom Pedro, junto a todos os Revolucionarios do Meio Dia da Europa, invadir, atacar, destruir, e anniquilar a Nação Portugueza, sob pretexto, e titulo de ser seu Rei, e Senhor: armão-se os Portuguezes ao menor aceno do seu amado Rei e Senhor Dom MIGUEL; cor-

rem para as posições, que hum Governo Previdente lhes dicta; desde o primeiro General até o ultimo Official Superior, desde o primeiro Official inferior até o ultimo Soldado, não se ouve outra voz, nem se percebe outro desejo que de que = Viva ElRei o Senhor Dom MIGUEL I, e morrão todos os seus inimigos. = Mas a este mesmo tempo humas poucas duzias de *Sansculotes*, homens que por falta de provas, sobejando-lhes as maldades, deixárão d'ir ao patibulo, assassinos da Realeza, e da Patria, a quem absolvêrão, ou não perseguírão, como a Lei demandava, algumas Authoridades, que não tem por barometro das suas judiciaes operações as Ordenações do Reino, mas o Pacto Social de Rousseau, fundado todo nas paixões, na venalidade, e no ouro que tudo corrompe; como digo, humas poucas duzias de malvados protegidos, huns que não forão para a cadêa, outros que sahírão d'ella, outros, que já recolhêrão disfarçados da França, da Inglaterra, e da mesma Ilha Terceira! começão a espalhar as vozes de — O Senhor Dom MIGUEL fugio; (Barbaros! O valor, e a virtude não fogem da cobardia! Este Principe não desembainhou a espada senão para salvar o seu Povo, e não a retira, em quanto não fôr salvo) = O General Fuão, e Fuão estão vendidos ao Senhor Dom Pedro; (Estupidos! Não ha hum só General Portuguez, a quem o ouro abale a sua fidelidade! Não ha hum só, que não deseje medir as suas forças, e os seus talentos com esses Caligulas da mais infame Rebellião!) = As Milicias de tal parte já abalárão para suas casas! = Os Voluntarios Realistas fugírão, e não querem mais de guerra! = Os Regimentos tal, e tal já forão tomados pelo inimigo! = Ora estes boatos sahem das cadêas, sahem das lojas, sahem de gente, que passeia livre, e solta por essas ruas do Porto, de Lisboa, e d'outras Cidades, Villas, e Terras do Reino; de maneira que os Malbados, onde quer que estão, tem feito huma commum, e a mais impia conjuração de espalhar nos Povos, e no Exercito o terror, o susto, o medo, e a desconfiança. O inimigo ainda não chegou, nem provavelmente chegará; não tem forças, não tem auxilios, não tem embarcações, nem munições, nem petrechos de guerra; outra cousa não tem elle que pavôr, remorsos, e desesperação: a mes-

na presença de Dom Pedro não he capaz de alenta-los de outra fórma: he verdade que esses dispersos de Portugal desejão voltar a Portugal, não para n'elle morarem, ou permanecerem, porque elles mesmos já sabem que aqui não he a sua Patria, mas para o roubarem, e para fartarem huma tal qual vingança: elles mesmos estão convencidos de que os Portuguezes não podem mais soffre-los, nem mais reconciliar-se com elles; são Malhados, são Pedreiros Livres, não querem a Religião, são inimigos do Nosso Dom Miguel; ladrões, roubárão-nos tudo, hão de os levar os Diabos, se cá vierem; tomáramos nós que elles cá venhão, porque esta he a nossa vez; eis-aqui o que dizem os Povos, velhos, moços, e creanças, até as mesmas mulheres: não querem pois os ditos malvados metter-se de posse de Portugal, nem elles tentão a sua Expedição em esta Estação: digo, a sua Expedição de piratária, de pilhagem, e de roubo; mas querem achar a Costa livre para fazer a sua entrada, roubar os Portos de Lisboa, Setubal, Figueira, Porto, e outros, em que haja algum Commercio, e retirar-se a seu salvo, sem que o Exercito, e os Povos lhe impeção o seu re-embarque: para isto he que elles tem por cá os seus agentes, tôlos, e desgraçados, que se esquecem de que já forão por elles mais d'huma vez compromettidos, e sacrificados, os quaes agentes procurão espalhar entre as fileiras, e entre os Povos as ditas vozes de terrór, de susto, e de desconfiança, para, e eu o digo d'huma vez, os cançar, e desesperar, para lhes apurar o soffrimento, para lhes fazer odioso o Governo, e Reinado do Senhor Dom Miguel. Não sou eu quem digo isto, he o *Precursor*, Folha escripta em Londres por Garret, he o Garrano de Dom Pedro, he o Mensageiro do Anti-Christo: eis as suas palavras — *Até Dom Miguel contra Dom Miguel conspira. Oh! por hum punhado de Portuguezes em Lisboa.... e esta sería a ultima, a final conspiração! Oh! hum só esforço, e a tempo, e certo, e combinado... e acabaria, como taes monstros sempre deverão acabar... empeçonhado de seu proprio veneno.* — Por estas enigmaticas, e enfadonhas palavras acaba Garret a sua Folha de 4 de Outubro de 1831. Tremo de repetir taes horrores, nem eu mesmo os acredito: Garret he

hum debochado, ladrão em quantos Cargos exercêo em Portugal, motor de todas as discordias, que houverão no seu tempo nas Repartições, em que servio, perturbador do repouso de todas as familias, com quem teve alguma familiaridade, cavallo mestre de todas as coutadas públicas, em que se fazia timbre da deshonestidade mais escandalosa, máo serzidor, ou remendão de quatro versos, em que não ha outra cadencia, nem metro que os jambos da mais desenfreada Venus, sem talento, sem juizo, sem estudo, sem pejo, sem honra, sem virtude, sem algum caracter, nem Social, nem Religioso; outr'ora desaforado perseguidor de Dom Pedro, agora *Precursor* do mesmo Dom Pedro; Garret finalmente he capaz de calumniar para discordar. Todavia a trahição he possivel; he verdade que hum inimigo diz que ella existe; será acaso para confundir a virtude com o crime? Será para pôr a ElRei em desconfiança com os que o servem, ou para fazer que os que servem a ElRei desconfiem d'ElRei? Mas a Historia Portugueza, que de todas as Nações he a que apresenta menor número de trahidores, offerece exemplos de trahições em alguns Reinados; o do Senhor Dom João IV he dos Seculos, que o precedêrão, o mais numeroso; houverão então trahidores até no mesmo alto Clero, e na mais elevada Nobreza: o Reinado do Senhor Dom José subministrou hum bom número de aspirantes ao Regicidio; e elles erão Fidalgos Titulares; o Reinado do Senhor Dom João VI esse foi tão abastecido de trahições, e de trahidores de todas as qualidades, que, ainda depois da sua morte, ficárão para repartir por todas as Nações do Mundo. Estamos no sexto anno depois da desgraçada morte d'aquelle bom Monarcha, que das duas virtudes mais necessarias para Reinar, não conhecêo senão a Clemencia, esquecendo-se, ou por violentado, ou por seduzido, da Justiça, que he a primeira base do Throno. Os trahidores pois existem, e existem dispersos por todas as terras notaveis do Reino, e quasi por todas as Cidades da Europa, onde quer que existão transfugas, Pedreiros, Constitucionaes, e Rebeldes. Eu vou deter-me sobre esta horrorosa consideração, que me tem sido presente, muito antes que rinchasse o Garrano de Dom Pedro: este nome terá d'hoje em

diante quando fallar do ímpio Garret *Precursor* do Anti-Christo. Na verdade eu tremo de horror considerando se haverá trahição; mas não tremo de susto; minha sorte está ha muito tempo tomada; morrer ás mãos de Pedreiros, depois de os ter batido, não he padecer huma morte vil, he sim soffrer hum martyrio glorioso, que me dará na eternidade o perdão das penas dos peccados, que em esta vida tenho comettido.

Na hypothese pois de huma trahição, que annuncía o *Precursor* de Dom Pedro, parto d'esta Aldêa para a Cidade das trahições, Porto; e quando eu digo que o Porto he a Cidade das trahições, não metto no rol dos Revolucionarios a essa boa porção de Fidalgos, e Pessoas Illustres, que ElRei Dom Manoel permittio habitassem no Porto, quando quebrou os Foros, e Privilegios d'esta Cidade, para civilisar seus moradores, e ensina-los ás virtudes; Foros que na verdade devião ser hoje restituidos á mesma Cidade, se assim conviesse ao todo da Nação Portugueza, despovoando-a de Fidalgos, de Cavalheiros, de Tribunaes, de Juntas, e de toda a qualidade de Corporações Religiosas, e Civís, para deixar a relé d'esse Povo entregue a si mesmo, que he o maior castigo, que se podia dar a huma corja de estupidos, e de Revolucionarios que alli habitão: destes he que eu fallo, quando digo que o Porto he a Cidade das trahições. Entro pois nesta Cidade para conferenciar com os sensatos, que nella morão, sobre o modo, forma, e maneira, porque os trahidores poderão verificar huma trahição sobre o Throno, e sobre a Patria; porque certamente he de todo interesse para os que defendem El-Rei Dom Miguel, e a Nação Portugueza conhecer, não só os ardís da guerra, como os estratagemas da perfidia, para prevenir huns, e outros, ou, ao menos, para remediar os seus effeitos, e impedir o seu fim. Acho nesta occasião a Cidade occupada por huma Força Militar respeitavel, e temivel; boa Artilheria, boa Policia Militar, valente Cavallaria, e Infantaria, bem animadas Milicias, esforçados Voluntarios; todos suspirão pelo momento, em que appareção os trahidores commandados pelo trahidor Dom Pedro; os que defendem o Senhor Dom Miguel pedem aos mares que vomitem já já esses

monstros, com que o Garrano de Dom Pedro ameaça; venhão já, dizem com ardor os bravos Militares de todas as Linhas, e de todas as Armas, venhão já, e acabemos com elles por huma vez. Porém a par d'este enthusiasmo Religioso, Politico, e verdadeiramente Portuguezes, eu vejo a centenares de Caixeiros, e d'outros notoriamente Malhados soltarem hum sorrizo ameaçador, esfregarem as mãos em ar de quem escarnece, e passearem á maneira de quem zomba: vejo virem para o Porto huns poucos de Malhados compromettidos, e temidos nas suas terras, erguerem a sua cabeça muitos, que a devião ter debaixo dos pés dos cavallos; vejo finalmente em Portugal outra Filadelfia, onde livremente habitão o trahidor, e o leal, o Pedreiro, e o Realista, o Leopardo, e o Cordeiro!!! Onde estão aqui as Authoridades!!! Que novo genero de salsada he esta em hum tempo, em que os inimigos internos devião ser arredados a immensa distancia das fileiras, que vão combater os inimigos externos? Mas, e a Policia do Porto!!! Pensava eu que no Porto somente se achava a Praça de Marte, em que a honra triunfa, e eu acho tambem a Praça de Venus, d'onde a virtude foge, com a Praça de Saturno, onde o ouro tudo corrompe. Porém o Porto não he a Cidade annunciada pelo rinchão de Dom Pedro, para se commetter a trahição: ha no Porto armas escondidas, ha malhados, refugiados, naturaes, e adventicios, regressados, públicos, e alapardados; alli se prepárão para pegar em armas; mas não se armaráõ em quanto em Lisboa se não verificar aquelle *esforço, e a tempo, e certo, e combinado.....* que annuncia o Garrano *Precursor* de Dom Pedro.

Sobre estes dados pois eu conferencêo com os homens de intelligencia, e que realmente estão decididos a vencer, ou morrer na Grande Questão Portugueza sobre a Successão ao Throno, decidida legalmente a favor do Grande Rei Dom Miguel; e todos unanimes assentâmos, em que Dom Pedro não tem outras armas, que as da trahição, e d'hum punhado de covardes, que só na fuga collocão a sua salvação. Por esta maneira discorremos os associados: As grandes, e aguerridas massas, que a Nação Portugueza á Vóz do seu Legitimo Rei, e Senhor Dom Miguel I, tem desenvolvido sobre

as Costas Maritimas; a immensa retaguarda, que as apoia, composta de varios Corpos de todas as Armas, das Ordenanças, do Clero, e da Nobreza, que voluntariamente correm á Defeza do seu Legitimo Rei; esta espantosa Força, que he a maior que Portugal apresentou em todas as Crises da Monarchia, deve ter assombrado a Europa inteira, e muito mais deve ter convencido a Dom Pedro, de que os Portuguezes o aborrecem, e de que elle, mesmo com cem mil homens que trouxesse, não he capaz de subjugá-los. Por outra parte Dom Pedro não tem auxilio d'alguma Nação Estrangeira, porque a Inglaterra se tem encarregado de fazer manter a mais rigosa neutralidade de parte de todas as Nações, e a França não póde, ainda que o deseje, intervir em esta grande lucta, não só porque tem de attender a conservar a sua Revolução, e o seu Throno de Julho sobre a grande opposição, que se lhe apresenta no interior, como porque a Russia, a Austria, a Prussia, e a Hespanha se lhe oppõe a toda a intervenção directa, ou indirecta a favor de Dom Pedro; não podendo contar este façanhudo Capitão de foragidos senão com tres mil Salteadores da Ilha Terceira, (que mais não são) e com outros tres, ou quatro mil pedintes da Hespanha, da Italia, da Polonia, e da Suissa, que não querem armas, pedem pão. Agora vai a menor do Syllogismo: Mas Dom Pedro quer atacar a Nação Portugueza; e os Pedreiros que existem em Portugal respirão contentes, e esperançados do seu triunfo: logo o Principe trahidor, e todos os trahidores, que o acompanhão, se esperanção nos trahidores, que ainda existem em Portugal. *Hum punhado de Portuguezes em Lisboa....* Assim o diz o orgão do trahidor Palmella! Assim o annunciou o escriptor dos trahidores! Assim anima a trahição o *Precursor* do trahidor Dom Pedro! Assim o rinchou em Londres o Garrano! Besta damnada! Besta feroz, em que vêm montado Dom Pedro para exercer, segundo a expressão profetica do sagrado Apocalypse, a sexta perseguição da Esposa de Jesus Christo, da Sancta Igreja Catholica Apostolica Romana; se bem que eu, fazendo hum cotejo de todas as perseguições, por que tem passado a Sancta Igreja, e discorrendo, quanto me he permittido, sobre o Sagrado Livro do

Apocalypse, penso que o mesmo Dom Pedro he aquella besta, que vêm do mar á terra trazendo dez cornos, e sete cabeças, e sobre estas todas as blafemias contra Deos, e contra os que adorão a Deos, á qual besta dêo o Demonio o poder de perseguir a Igreja, dizendo o mesmo Livro Sagrado, que essa besta he semelhante ao pardo, nome que, mudando o — a — em — e —, e collocando por outra fórma as letras com as mesmas letras diz — Pedro —, accrescentando a mesma profecia que essa besta, que vêm do mar, he apoiada por outra besta da terra, que tem dous cornos semelhantes aós do bóde, e falla como o mesmo Demonio. Essa besta pois, que vêm do mar, tem decretado passar ao fio da espada a todos os que não tiverem na sua mão, ou nas suas testas hum signal da mesma besta, sendo o signal na mão, o que devem ter os Pedreiros, e na testa, o que devem ter os Constitucionaes, que não são Pedreiros: (que são bem poucos) tem mais decretado arrazar as Igrejas, Capellas, e Conventos, e mais monumentos da Religião; tem decretado prostituir á Napoleonica, servindo-se dos seus foragidos por Companhias, a todas as mulheres, viuvas, casadas, donzellas, innocentes, Religiosas, e mais do sexo femininuo, que não estiverem ligadas, aos que estão marcados com o signal da besta: tem decretado finalmente abolir em Portugal a Sancta Cruz de Jesus Christo, e plantar o Atheismo em toda a sua essencia. A'lerta! Portuguezes que sois Christãos! Temei a Deos! Louvai-o! Adorai-o! Porque he chegado o dia do Juizo de Deos! Assim o diz a Trombeta com grandes, e estrepitosos écos! Debalde o erudito Auctor da Tosa aos Liberaes quiz persuadi-los, a que se não deixassem marcar com o signal da besta, ou de Pedro; elles não tem querido aproveitar as suas utilissimas lições! Mais debalde ainda tenho eu trabalhado na Defesa de Portugal, se os Portuguezes Catholicos se não convencem de que Dom Pedro, com todos os que seguem o seu nome, quer acabar com a Religião Catholica, e exercer todo o genero de crueldade, e de bestialidade sobre os que, defendendo ElRei Dom Miguel, defendem o Deos, a quem elle, e elles invocão. Mas eu continúo a Defeza, porque os Christãos a lêm; assim ella seja lida, ao menos este Número, nas

Igrejas, e nos Conventos dos dous sexos, especialmente do sexo feminino. Porém se a besta, que vêm do mar, apparecer em Portugal, então o Clarim dos Realistas Portuguezes Emigrados na Hespanha, mandado callar no mez de Agosto de 1828, collocando-se ao lado de todos os Realistas Portuguezes, ao acêno d'ElRei Dom MIGUEL, toca a degolar a todos os que estiverem marcados com o signal da besta: e então tomará elle por devisa a Profecia do Capitulo 14 do Sagrado Apocalypse.... Mas onde me arrebatou o zêlo da Defeza de Portugal?

Vou vêr com os meus associados na salvação do Rei e Senhor Dom MIGUEL I o modo, por que os Revolucionarios podem praticar em Lisboa esse *esforço, e a tempo, e certo, e combinado*.... de que tanto confia o garrano *Precursor* de Dom Pedro. Creio fazer hum bom serviço a ElRei, a Portugal, e ao Exercito, que o defende, se revelar todos os estratagemas, que a trahição pode urdir para acabar com ElRei, e com a Nação Portugueza, porque assim pode ElRei obstar á trahição, e a Nação Portugueza evitar os effeitos da mesma trahição, se chegar a executar-se. Eu refiro o parecer de cada hum dos que se me associárão para descobrir o plano da besta. Primeiro estratagema da trahição — Tirar aos Realistas o uso do Cacete. — Esta prohibição parece, e na verdade he justa, e legal, porque ninguem deve fazer-se justiça a si mesmo, nem tomar a vingança pelas proprias mãos; isto sería provocar as paixões tumultuarias, e fomentar a anarchia; assim disse hum General de Divisão pela primeira vez que fallou a huma das suas Brigadas: — venho a acabar com o Cacete: todo o Soldado, que usar delle, levará trezentas... á frente do seu Regimento: todo o Official, de qualquer graduação, que elle seja, usando, ou mandando usar do Cacete, será mandado preso a hum Castello. — Tal foi a sua Proclamação: não disse elle — Eu venho acabar com os inimigos do Senhor Dom MIGUEL, e a morrer, ou vencer na lucta contra o trahidor Dom Pedro: todo o Soldado, que não fizer seu dever contra os rebeldes, será punido como rebelde; e se algum Senhor Official, seja elle quem fôr, se retirar das fileiras na occasião do fogo, será passado immediatamente pelas ar-

mas; — isto não disse o Senhor General, porque nem era necessario que o dissesse, pois que todos os Officiaes, e Soldados das suas Brigadas não querem as armas senão para cumprirem os seus deveres com os trahidores, e com a trahidoração, o que era necessario era acabar com o Cacete. Sim, Senhor General; já assim o mandava o Governo d'ElRei Nosso Senhor; o Cacete só he bom para actos repentinos, para estes motos *primò primus*, em que, desaforando-se os Malhados, os Tribunaes não podem, e os Senhores Generaes estão em Conselho sobre o que hão de fazer. Então *silent leges inter arma, et togæ cedunt armis.* Mas diga-me Senhor General, já que ElRei Nosso Senhor o poz á testa dessa valente Divisão, que toda ella he contra a Carta, e contra D. Pedro IV: E se os Malhados fallarem, se elles quizerem atraiçoar-nos com os seus conselhos, e boatos atterradores; então quer V. S.ª que usemos do Cacete, ou da Espingarda? V. S.ª não pode sempre estar presente; talvez em essa occasião esteja longe; acaso estará em Conselho: como se ha de haver com o inimigo? Em Villa-Pouca, ou na de Sancta Martha, basta hum Juiz da Vintena, e dous Meirinhos, para evitar os crimes antes que se commettão; mas no Porto? Muitas vezes nem toda a Alçada, nem toda a Policia Civil, nem todas as Authoridades; só o grande Cacete alcança a toda a parte. Dirá V. S.ª, Senhor General, que se lhe mande parte dessas furiosas erupções malhadas; mas se a parte fôr tomada pelo inimigo? Então V. S.ª não fará cousa alguma, por não saber. Não se lembra V. S.ª que me disse não haver recebido aquella alta correspondencia, que o grande General *Eguia* da Galliza lhe remettèo por hum Religioso Franciscano Hespanhol, convidando-o a fazer hum esforço pela Causa do Senhor Dom Miguel Rei Absoluto? Ora, Senhor General, algumas vezes he util o Cacete. O Cacete salvou a Nação Portugueza nas differentes crises do anno de 1831. O Cacete ha de salvar o Throno, e a Patria no anno de 1832. Fogo aos inimigos externos, quando accommetterem. Cacete aos inimigos internos, quando se rebellarem, e as Leis o consentirem. O uso do Cacete, quando os inimigos podem ser punidos pelas Authoridades, he anarchico. O uso do Cacete, quando as

Authoridades não podem reprimir a audacia dos Malhados, he necessario: prohibir seu uso em este caso, ainda que seja sob pretexto de Lei, he o primeiro estratagema da trahição. Assim discorria hum dos associados, a que respondêo outro: he assim; mas na falta do Cacete está a pedra, e essa dá em inimigos baixos, e altos: ha ainda outro estratagema mais funesto para cometter huma trahição. Eu o direi; e quanto a mim, para o que der, e vier, tenho prompto o Cacete, se fôr necessario.

Robordosa 2 de Janeiro de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1832.

Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.° 18.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

A grande Questão Portugueza sobre a Successão ao Throno.

Aquelle diabo do bolsa, o thesoureiro dos poucos reaes, que se arrecadavão para sustentar o Povo fiel, o encarregado dos Negocios da Fazenda, ou da arrecadação, e administração das poucas finanças de Jesus Christo Senhor Nosso, o malvado Judas, o malhado Iscariotes, que na verdade não era tão malhado, nem tão Iscariotes, como alguns arrenegados Portuguezes dos nossos dias, foi a causa da prisão, e da morte do Salvador do Mundo, e a origem da perseguição, e da dispersão de todos os Apostolos, e mais Discipulos, e Familiares do Rei de Israel. Dizem alguns, fundados no Sagrado Texto do Evangelho, que o dinheiro fez trahidor aquelle malvado Ministro do Divino Salvador; mas eu creio que o fez trahidor o seu máo coração; dinheiro tinha elle, e do que devia repartir, ou gastar no sustento do Povo, que seguia o Rei, e Salvador de Israel, sizava elle que farte: elle continuava a ser o bolsa; não lhe fôra tirado o seu ministerio apesar da sua administração; e apesar de que se sabia que era máo Ministro, tudo se lhe soffria, para vêr se vinha a ser bom, fazendo do ladrão fiel. Não foi pois o dinheiro a causa, que impellio a Judas a cometter huma trahição, pois que nesse caso o Evangelho lhe não chamaria simplesmente trahidor, mas tambem ladrão. O Evangelho diz que todo o Apostolado, ou *Ministrado* de Jesus Christo, era bom; só o bolsa não; e isto antes que Judas cometesse a trahição, e que recebesse o premio della: para mim pois tenho que o bolsa era do partido da Synagoga, e que por adhesão a esta se rebellou contra o Salvador de Israel, entregando-o aos que o perseguião. Mas assim era necessario: Jesus Christo devia morrer para salvar o Povo: a sua morte pois devia começar pela trahição do seu bolsa, porque estava decretado que este grande Principe, Rei forte, e admiravel, o Anjo do grande Conselho, como a Sagrada Escriptura o denomina, tivesse hum Ministro, hum Apostolo, que fingindo ser seu amigo, seu fiel, seu bom servo, fosse hum ladrão, sizando do que de-

via repartir aos que dependião delle; hum trahidor, que com a mais refalsada hypocrisia o entregasse aos seus inimigos. Este he hum Evangelho, ou hum traço de Sermão, que tenho de prégar na Semana das Trévas. Mas a que vem ao caso agora esse Sermão? (dizem os meus Leitores) Padre, guarde os Sermões para o seu proprio tempo, e continúe a Defeza de Portugal; lá para as Trévas o ouviremos.

Valha-me Deos, meus amigos, vós digo eu: vós não quereis ouvir meus Sermões? Pois sabei que são as mesmas Doutrinas da Sagrada Escriptura; á imitação dellas elles fallão do preterito, do presente, e do futuro; eu não conto, como outros, só o que vi, e o que vejo; faço tambem, como o vosso grande Padre Vieira, a Historia do Futuro: dos Sermões, ou Discursos, que tenho recitado, dos que me tendes ouvido, podeis bem inferir que os Sermões, que agora vos faço, hão de sahir comprovados como aquelles em todos os seus resultados. Dizia-vos em 1821, 1822, e 1823, que a Revolução do Porto era a origem d'huma espantosa anarchia; e assim acontecêo! Dizia-vos em 1824, no começo desse anno, que o Governo havia dado huma tal qual sancção á Revolução de 1820; e vós vistes que a promoção do Exercito, e o premio de outras Classes da Nação se formou sobre as promoções, e premios alcançados no dito anno de 1820! Dizia-vos nos annos de 1824, 1825, e 1826, que depois da deportação do Excelso Principe, que hoje Reina, o Governo só tractava de difficultar a Portugal as ultimas esperanças da sua salvação; e que só o regresso do Senhor Dom Miguel podia lançar os primeiros alicerces da Restauração da Monarchia! Dizia aos Emigrados na Hespanha que a sua constancia nos soffrimentos da sua dispersão no anno de 1827, e nos mais annos, que podessem seguir-lhe, e o plano de conservar sempre fluente esta emigração, havia de alcançar da Europa que interviesse no regresso do Senhor Dom Miguel a Portugal! Dizia no anno de 1828, e nos que se lhe seguírão até ao anno, em que estâmos, que o Reinado do Senhor Dom Miguel não se consolidará na Europa sem o castigo de todos os seus inimigos! Que o Senhor Dom Pedro he hum Principe tyranno, sem direito, nem avesso! Que não desistia da sua empreza sobre Portugal! Que nelle se verificaria o plano, com que Lord Canning ameaçára a todos os Soberanos da Europa! Que os Pedreiros arrojarião do Brasil a Dom Pedro para o apresentarem na Europa, e com elle fazerem a guerra a Portugal! Que Dom Pedro era Pedreiro, (assim o confessou elle mesmo repetidas vezes) e que, se necessario fosse aos seus planos, abjuraria a Religião Catholica, como os Jornaes da França dizem que abjurou!!! Que não ha que dar hum ceitil pelas palavras de Dom Pedro; e elle mesmo o acaba de con-

fessar no seu Manifesto á Europa, dizendo que hum Principe Constitucional não está obrigado a guardar palavra aos seus Vassallos! Dizia, disse, e digo, que.... e tudo assim acontecêo, e ha de acontecer!!! E dá-lhe: (dizem os meus Leitores) o Padre não se contenta com ser Pregador, quer tambem ser Profeta; pois á fé que não tem barbas de Profeta. Não, Senhores, não: barbas de Profeta só as tinhão os Judeos, e hoje só as tem os Pedreiros; com essas barbas vem o Pedreiro Pedro, e todos os Pedreiros que vem com Pedro; e com essas barbas querem elle, e elles fazer a barba aos Realistas Portuguezes, ao Clero, á Nobreza, ao Povo, ao Exercito, á Religião, e ao Throno; e eu bem alto digo que todos os Pedreiros do Mundo não tem barbas, nem bigodes para essas maldades, se o Clero, a Nobreza, o Povo, o Exercito, e todos os Portuguezes sem exceptuar Classe, condição, individuo, idade, nem sexo, firmes na Sancta Religião de Jesus Christo, e no amor, e obediencia ao seu Legitimo, e Jurado Rei, e Senhor Dom Miguel Primeiro, pelejarem, cada hum segundo as suas forças, em defeza da mesma Religião, e do mesmo Rei; huns com o cacete, outros com a alabarda, outros com a espingarda, outros com a espada; e, se necessario fôr, recorrendo á pedra, á fouce, ao machado, á agua a ferver, e a todas aquellas armas, que o valôr, e a fé subministrão, quando se tracta de dar cabo dos inimigos de Jesus Christo Senhor Nosso, e ao mesmo tempo inimigos do Nosso Adorado Rei, e Senhor Dom Miguel Primeiro. Assim deve a Nação Portugueza auxiliar ao seu Rei com as suas pessoas, e com as suas fazendas, todos, todos, e cada hum á proporção do que pode, e do que tem. Das pessoas vejo eu que todos os chamados ás armas não vão, não correm; elles voão ao terreno, onde pode apparecer o inimigo; a todos lhes parece que chegão tarde; cada qual quer ser o primeiro em encontrar o inimigo, para poder dizer: eu o encontrei; hum só não ficou vivo; o tyranno, ao tempo de re-embarcar, achou com o seu barco a sepultura nas aguas, que já o não podião mais sopportar; a terra, que o vio nascer, se envergonhou de recolher hum cadaver, a quem ennobrecêra o nascimento, e vilipendiárão seus horrorosos crimes. Das fazendas eu vejo....

Falle-nos nisso, Senhor Padre; diga-nos o que vai da Fazenda, e deixe-se de Sermões, de Profecias, e de Elogios aos Militares, e aos bons Portuguezes, que nós trocâmos as nossas vidas pelo prazer de defendermos a nossa Sancta Religião, e o Nosso Amabilissimo Rei, e Senhor Dom Miguel Primeiro; nossa vida he de Deos, que nos conserva quanto tempo elle quer; nosso sangue he do Rei, que nos protege quanto pode: parece-me ser esta a resposta da maior parte

dos meus Leitores: Adeos pois Sermões, Profecias, e Elogios aos Realistas Portuguezes; fiquem-se embora os Sermões para a Quaresma, as Profecias para os dias das trévas, e os Elogios para os dias festivos, e triunfaes. Vamos á Fazenda.

A principal móla de qualquer Estado he isso que chamão Finanças, ou Fazenda: a sua boa, ou má arrecadação, a boa, ou má administração, a exportação do que não he necessario no Paiz, e a importação d'aquillo, sem o que o Paiz não pode subsistir, constituem a boa, ou má sorte do Estado; he ainda tambem indispensavel proporcionar a despeza com a receita, de tal maneira que a despeza ordinaria não iguale á receita, antes seja aquella inferior a esta, para que fiquem sempre sobejos, e accrescimos para os casos extraordinarios, e ainda mesmo insólitos. Hum bom Financeiro deve ter sempre hum óculo de vêr ao longe; para elle ser bom basta-lhe attender, e providenciar ás necessidades do seu Seculo; mas para ser optimo tem de attender tambem mais além da sua idade. Julgava-se, ha pouco tempo, e ainda hoje julgão, não haver cousa mais facil, que administrar a Fazenda de qualquer Estado; e parece que assim se tem julgado sempre em Portugal, não fazendo differença de administrar a dispender, sendo na verdade mui facil fazer a despeza onde tudo abunda, onde sobejão os meios, mas sobremaneira difficil fazer a despeza onde tudo falta, onde os meios escaceão. Em Portugal, onde quasi todos os tempos forão dourados, ou porque as despezas forão poucas, e o luxo nenhum, ou porque o ouro acarretado das Colonias, e Conquistas superabundava, era facil achar hum, que dispendesse a contentamento de todos, porque, por muito que se gastasse, a todos chegava. Mas agora? Casa em que não ha pão, todos ralhão, e ninguem tem razão: agora que Portugal foi roubado de quasi todas as suas Conquistas, e Colonias; agora, depois d'huma pessima administração no Brasil no tempo, em que o Senhor Dom João VI fez a sua residencia no Rio de Janeiro; depois das extraordinarias, e incalculaveis despezas, que Portugal teve de fazer na Guerra Peninsular; depois das extraordinarias dilapidações praticadas pelo voraz Governo Constitucional de 1820; depois que Dom Pedro roubou a Portugal, não somente privando-o do que lhe vinha do Brasil, mas saqueando-o do que lá tinha; depois dos immensos cabedaes, que o Governo da Carta teve de dissipar para se sustentar, e sustentar a intrusão de Dom Pedro; depois dos grandes roubos, que os rapinantes Governadores do Porto com os famintos Fidalgos do Vapôr commettêrão em todo o terreno, que pizárão; agora, depois de tantas, e tão necessarias despezas como o Legitimo Governo d'ElRei Nosso Senhor se tem visto obrigado a fazer para deprimir os inimigos internos, e repellir os ex-

ternos; agora, depois de tantas, e tantas desgraças, a enumeração das quaes não cabe em todos os calhamaços do grande Tostado, satisfazer ás urgencias ordinarias, preencher as despezas do dia he quasi impossivel; fazer despezas extraordinarias, provèr as urgencias do anno proximo futuro, contentar a todos, amortecer a Divida Pública, augmentar o Thesouro Público, he de todo impossivel, he huma chimera, he huma cousa que apenas a imaginação mais vasta concebe. A boa arrecadacão da Fazenda, a sua boa Administração, augmentar a Receita, diminuir a Despeza, importar só os generos de primeira necessidade, exportar todos os que sobejão, commercear com vantagem com os Paizes Estrangeiros, e tudo isto sem sobrecarregar os Povos de Novos Impostos, estabelecer a confiança mutua entre Nacionaes e Estrangeiros, satisfazer a todas as necessidades actuaes do Estado, enthesourar para as urgencias futuras, esta he a sciencia maxima entre as sciencias Ministeriaes: esta he a mola real que sustenta a paz e tranquillidade dos Estados, que os faz poderosos e respeitaveis na paz e na guerra, entre os domesticos e entre os estranhos. Hum Ministro que fosse capaz de tomar sobre si todo o peso d'estas obrigações, elle seria o grande homem de Estado; pois que sobre elle descançarião firmes e inabalaveis o Throno e o Estado. Mas eu me atrevo a offerecer por elle o premio, que promettia aquelle Duellista de Virgilio — *Dic quibus in terris, et eris mihi magnus Apollo....*

Achou a França nos calamitosos tempos de Henrique IV hum Sully, e Sully a salvou de todas as suas necessidades, sómente com o seu Systema de Finanças: tudo quanto a França teve de poderosa, de opulenta e de respeitavel até o Reinado de Luiz XVI, tudo se deve ás sabias operações financeiras do grande Sully. Mas no Reinado de Luiz XVI, hum máo Administrador, hum Ministro sem calculo mergulhou a França em hum abysmo de desgraças. He verdade que a França veio ainda depois a ser opulenta; mas ella o deve ás rapinas que exerceo em todos os Paizes invadidos pelos seus Revolucionarios. Todavia esta opulencia, este colossal Poder, como effeito das Revoluções, tudo foi momentaneo; outra Revolução reduzio a França ao estado em que a vêmos, na precisão de invadir e de saquear os outros Paizes para se sustentar: a este miseravel estado a reduzio Lafitte: mas Lafitte he hum Cambista, he hum Pedreiro; e eu tenho para mim que hum Cambista, hum Pedreiro não póde ser jámais hum bom financeiro. Eu não fallarei das outras Nações em as quaes a sua grandeza e decadencia andárão e andão a par dos seus Ministros de Fazenda; nem mesmo direi huma palavra sobre a Inglaterra, a grandeza da qual veio das

suas especulações sobre Portugal, com hum pequeno augmento que recebêo das suas exportações na India, e em outros Paizes; mas logo que a Inglaterra poz a base da sua Opulencia nas Revoluções, ella veio a tal estado de desgraça, que apenas tem força para se sustentar no interior, e com bem custo e difficuldade, e para mandar huma duzia de Brigues a Portugal em demanda de requisições pecuniarias, dizendo seu Governo que o Governo Portuguez tem feito extorsões aos seus subditos, não consistindo estas em outra cousa mais que em lhes não dármos o pouco que nos ficou de resultas das suas Manobras Politicas sobre Portugal. Mas eu não sou financeiro, nem em hum Folheto avulso, e volante se pódem traçar linhas apertadas sobre huma materia, que demanda os maiores conhecimentos, a mais consummada prudencia, e a mais exacta probidade. Direi sómente huma verdade, ainda que não era necessario que a dissesse, pois todos a sabem: Portugal está pobre; Portugal não póde satisfazer ás despezas ordinarias, e muito menos ás extraordinarias.

Sobre a pobreza de Portugal conta Dom Pedro, e todos os Rebeldes, principaes auctores d'esta pobreza, para derrubarem do Throno o Magnanimo Rei, que justamente o occupa. Sobre esta base conta o esfaimado Garrano *Precursor* de Dom Pedro, que o Exercito Portuguez deixe de servir ao seu Rei, e General o Senhor Dom MIGUEL, por lhe faltar o soldo, por não ter etape, ou por não ser fornecido de outros soccorros acostumados. Estupidarrão! Malvado! Eis o que são todos os Revolucionarios, que nem ás mesmas Revoluções servem senão por interesse! O Exercito Realista de Portugal estando vestido, e calçado, e sustentado quanto basta, não precisa senão da vóz do seu Rei, e General para bater os Rebeldes Trahidores! Não lhes he preciso o dinheiro; e, se d'elle precisassem, dando-lhes licença o seu Rei, depois de terem acabado com os trahidores, elles o irião buscar aos Cofres d'esses Pedreiros, e Egoistas, que ainda existem em Portugal, e que tão mesquinhos se mostrão em esta occasião, com os que lhes poupão as vidas, ou lhas defendem! Debalde na desgraçada situação, em que se acha Portugal, debalde diria Dom Pedro a hum Soldado do Senhor Dom MIGUEL. — Vem para mim: eu te offereço oito vintens diarios, se me servires. — Principe, se antes não mereceis o nome de trahidor, guardai para vós esses oito vintens, pagai com elles áquelle boleeiro de París, a quem ficastes a dever hum franco; ou antes, já que o boleeiro foi mais generoso que vós, que vo-lo perdoou, mandai esses oito vintens, se os tendes, ao Brasil para a vossa desgraçada familia, para que possa comer huma tigella de mandioca, ou para aquella mulher, que vós sabeis! Vós, offereceis dinheiro a hum Portu-

guez, e vós vindes roubar Portugal! Com promessas nos enganárão muitas vezes os trahidores, que tomárão o vosso nome; mas agora nem vós, nem elles nos enganareis mais huma vez! Principe, vós estais na posse de prometter tudo, e de não cumprir cousa alguma! Haveis empobrecido o Brasil! Empobrecestes a Portugal! Deixai-nos em paz! O Soldado Portuguez tem no seu Rei Dom MIGUEL hum General, que lhe ha de pagar, hum Pai, que o ha de recompensar, hum amigo, que o ha de soccorrer.

Não ha calculo, em que se não tenhão enganado os trahidores; mas este, de que o Soldado Portuguez abandonará as fileiras, ou se passará ao serviço do Chefe dos trahidores, he hum calculo tão sem cabeça que, se o Soldado Portuguez chega a saber que os seus devidos soccorros se lhe escaceão com estas vistas, elle cortará a cabeça a todos os trahidores, sem que lhes valha máscara, nem titulo de bons homens. Coitadinhos! O Exercito Portuguez não se corrompe com o ouro, nem com a falta d'elle! Foi chão que dêo vinho! Ora senão digão-me s'os tolleirões, Pedreirões, e Malhadões: Vosses não vírão a Divisão Transmontana no anno de 1823, sem soldo quasi sempre, e sem outros soccorros, em que abundavão as Tropas Constitucionaes? Quantos forão, os que abandonárão o Marquez de Chaves? Nem hum: Vossês não vírão esses emigrados na Hespanha nos annos de 1826, 1827, e 1828, sem vestido, sem calçado, sem real, apenas com hum bocadinho de pão? Quantos forão os que voltárão a Portugal? Nem hum, exceptuados os de Infanteria N.º 6, porque esses erão do Porto; querião barriga cheia, como os porcos, e dinheiro para maroteiras: dos outros, ou fossem de Tras-os-Montes, ou do Minho, ou da Beira Alta, ou da Beira Baixa, ou do Alemtéjo, ou do Algarve, ou mesmo da deliciosa Lisboa, nem hum regressou a Portugal, nem Paisanos, nem Soldados, nem Officiaes, nem hum voltou; porque todos havião protestado não querer cousa alguma de Portugal em quanto o Senhor Dom MIGUEL não fosse seu Rei. Barbaros Pedreiros! Não vêdes por ahi, pelas vossas astucias, intrigas, e machiavelismos, a huma boa porção d'esses mesmos emigrados sem premios, sem pão? Pois á fé minha que todos elles não querem outro Rei que o Senhor Dom MIGUEL; não tem outra ambição, que a de se vingarem á sua vontade de todos os Pedreiros. Malvados! Debalde os perseguís com as vossas manobras! Vós ides vê-los no Campo! Pois assim são todos os Realistas Portuguezes, que formão a maioria da Nação. — E quem me ha de pagar? Dizeis vós que dizem os Gallegos, sendo que elles só o dizem quando dão com algum de vós; porque pela cara vos conhecem que sois caloteiros, tratantes, homens de má fé, e de mentirosas palavras! Mas

assim não são os bons Portuguezes! Elles parece que se não alimentão, nem vivem senão do amor do seu Rei o Senhor Dom Miguel Primeiro! Basta a sua Angelical presença; elles não pedem outra cousa! Pedem-Lhe sim sómente em premio dos seus trabalhos que os deixe saciar a sua vingança em todos os Pedreiros, e com isto se dão por contentes. Se o inimigo apparece, he chegado o momento de serem premiados todos os bons Portuguezes na morte de todos os malvados Pedreiros Livres. Realistas! A's armas! O Nosso Rei, e Senhor Dom Miguel nos chama! Depois de acabar com o nome de Pedro, e de todos os Pedristas, ou Pedreiros, o dinheiro apparece, os premios abundão. Desenganem-se pois todos os que pertendem trahir o Exercito, e a Nação Portugueza, que suas tentativas dão nas suas cabeças: não, não mettão aos Portuguezes na desesperação, porque então... então... toca-se a Vesperas Sicilianas, e o exterminio dos Pedreiros teve a sua consummação: então se dará á Nação Portugueza o titulo mais glorioso de todos quantos tem — Exterminadora dos inimigos de Deos —.

Eu já não sei onde estou: Dom Pedro tem dado comigo em doudo, mas doudo com juizo, como o Marquez de Chaves, inimigo irreconciliavel do Senhor Dom Pedro, por este ser inimigo irreconciliavel do meu Deos, e do meu Rei. Perdi com effeito o fio do discurso, faltei ao que prometti, mas prometto não faltar. O Diabo da bolça, o maldito Judas, o Caixa dos Pedreiros, com o Sermão de que estou encarregado para a Semana das Trévas, cortou-me o fio da Conferencia, que tive no Porto sobre o modo, fórma, e maneira, por que os Pedreiros podem atraiçoar a grande Causa da Nação Portugueza: tenhão os meus Leitores a bondade de soffrer estes despropositos, porque eu sou tôlo, mas tôlo com arte, e não he arte de ganhar, ou de enganar, he huma cousa que eu cá sei, e direi a seu tempo, porque ha tempo de callar, e ha tempo de fallar: Creio que me entendem. Ora agora vou ao que prometti, e arrenego de Judas. Dizia pois hum dos meus associados, que outro estratagema da trahição annunciada pelo Garrano de Dom Pedro he não pagar aos Soldados, que defendem o Senhor Dom Miguel: mas como o papel não chega, e eu já o disse; para o Número seguinte direi o mais; *Et, qui potest capere, capiat.* Mas Viva ElRei Dom Miguel Primeiro: Morrão todos os seus inimigos. Disse, e continúo.

Rebordosa 3 de Janeiro de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1832.
Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.° 19.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

A grande Questão Portugueza sobre a Successão ao Throno.

A opulencia d'hum Paiz mais se deve estimar pela riqueza dos seus moradores, que pelo muito metalico, que se tenha ajuntado no Erario Publico: mas se a opulencia do Erario, e dos moradores d'hum Paiz se dão as mãos, se mutuamente se coadjuvão, refluindo a riqueza d'huns para outros successiva, e alternadamente, tirando o Erario vantagem dos seus contribuintes, e os contribuintes do Erario, então póde esse Paiz chamar-se verdadeiramente rico. Mais d'huma vez os Cofres Publicos da Hespanha, e de Portugal não podérão com o pezo do ouro, que n'elles havia, em quanto os Povos vivêrão na maior escacez de numerario; o que procedia da avareza, ou egoismo dos Administradores do Erario, e isso he muitas vezes origem do descontentamento geral, e algumas vezes de Revoluções: outras vezes os Cofres Publicos da Hespanha, e de Portugal estiverão vazios de toda a Moeda, em quanto os Povos abundavão sobrecarregados de prata, e de ouro; o que procedia da ignorancia dos Administradores do Erario, e isso he muitas vezes a causa do descontentamento dos Funccionarios do Estado, e não raras vezes motivo de que o Estado seja mal servido. Eu não fallarei da França, e da Inglaterra dos nossos dias, em que a pobreza, e a riqueza dos seus Erarios são cousas, que se fingem, e que se estudão, humas vezes para acabar com os Reis, outras vezes para escravisar os Povos: os Financeiros d'esses Paizes podem fallar em esta materia, a qual elles julgão a unica mola real de fazerem andar os Monarchas, e os Povos a seu bel prazer. Quanto a Portugal, que he o Paiz, de que eu tomo a Defeza, depois d'esse Systema geral das Revoluções da Europa, do qual os Pedreiros de Portugal tomárão todo o péssimo, entendendo elles que a verdadeira Arte de revolucionar os Povos he a mesma Arte de empobrecer, ou de fingir pobre o Erario, eu notei no anno de 1820, quando o Porto fez soar a sua grosseira, e ímpia voz, que o Exercito annuio á espantosa Revolução, desobede-

cendo ao Real, e Legitimo Governo de Lisboa, sob pretexto de se lhe deverem sete mezes de soldos, sendo assim que nos Cofres Publicos havia de sobejo para ainda se lhe adiantarem sete mezes mais dos vencidos, como effectivamente se vio, achando n'elles os Revolucionarios meios mais que sufficientes para pôr o Exercito em dia, e para supprirem a outras muitas despezas extraordinarias, especialmente ás que lhes causou a exemplar, legal, e virtuosa resistencia dos Generaes Conde de Amarante, e Victoria, em quanto as Tropas do commando d'estes careciào dos soccorros ordinarios, não só do tempo de Paz, como do tempo de Campanha. Mas aquella Revolução foi estudada por parte dos Revolucionarios, e approvada pelos que o não erão, com diversas vistas; huns para revoltarem os Povos contra seu Soberano o Senhor Dom João Sexto, outros para insurreccionarem o Exercito contra o seu Marechal General Lord Bersford. O Erario então não teve dinheiro para pagar ás Tropas d'El-Rei; e os Revolucionarios achárão no Erario dinheiro, com que pagassem, e comprassem as Tropas, que se alevantárão contra ElRei. Porém com aguas passadas não móem os moinhos. Todavia o passado deve servir de lição para o futuro!!!

Eu venho pois aos tempos presentes. Depois da infausta morte do Senhor Dom João Sexto, houve em Portugal dinheiro para fazer reconhecer o Senhor Dom Pedro em Rei de Portugal, e dos Algarves em todos os Gabinetes da Europa, para enviar ao Brasil hum Correio Inglez com huma Carta, e para a fazer assignar, e reconduzir a Portugal, o que em verdade custou muitos milhares de cruzados; para sustentar a mesma Carta á custa d'hum Exercito bem pago, e bem fornecido, em quanto as Tropas fieis emigradas na Hespanha vivião do que tinhão, e do qne a Hespanha lhes dêo; para... para... para...: Aqui páro eu, porque o tempo, que ha de vir, descobrirá o que eu aqui não digo; mas sempre irei dizendo, que todo o dinheiro para tantas, e tantas cousas, públicas, e occultas, sahio do Erario Portuguez, que foi então a mola real da Carta, e da Soberania de Dom Pedro. Regressa o Senhor Dom Miguel, o Legitimo Rei de Portugal, o Suspirado, o Desejado, o Amado da Nação Portugueza, e então se cantou pelos Realistas, —

Rei chegou
Em Belém desembarcou
Nas Barracas não entrou
A Carta não assignou.

e pelos Malhados se accrescentou, cantando como os Realistas, que ha muitos que se fingem Realistas, e são diabolicos Pedristas, a seguinte letra —

Mas dinheiro não achou!!!

E dizem os taes Malhados huma verdade bem conhecida por elles, porque elles são os auctores de que no Erario não haja dinheiro, não só pelo que roubárão, não só pelo que mal gastárão, como porque para elle não contribuírão. O Banco dèo comsigo em terra de pernas para o ar; os Cambistas levantárão o papel quasi ao valor da mesma Moeda; os Cofres Publicos estavão cheios de vento, sem haver quem para elles désse, nem quem d'elles tirasse, porque não havia que. Agora, sim, agora, dizião os Revolucionarios, he occasião de desthronar o Senhor Dom MIGUEL, porque nem tem que dar, nem com que pagar: dizia o grande Financeiro Saldanha, o famoso Caco entre os Ladrões; não temo a Dom MIGUEL, porque não tem dinheiro. E eis-aqui a lenga lenga de todos os malvados: ella em parte não he nova, porque não ha maldade, que os Pedreiros não tenhão adoptado, por muito antiga que ella seja, chamando sómente antigualhas, e usanças gothicas ás práticas boas, e virtuosas. Assim he já mui velho no mundo, o pôr hum rico demanda a hum pobre, ainda que injusta seja, dizendo aquelle: elle não tem dinheiro para se defender; leva-lo-hei pois debaixo! Tanto he já usado, e antigo ser o pobre desprezado, e até esbulhado do pouco que tem, e ser o rico estimado, protegido, e até augmentado do que lhe não pertence! He já mania, que o vulgo, que julga das cousas pelo que vê, e o mesmo não vulgo, que avalia os outros pelo que tem, e não pelo que são, despreza os que não tem dinheiro, ainda que tenhão virtudes, e estima os que tem dinheiro, ainda que fervão em crimes. Quem he aquelle? dizem alguns Monachaes para outros, que como elles tem habito, ainda que seja de côr diversa: He hum Frade Capucho, hum pobre mendicante, hum que vive das esmolas do Povo; e dizem isto com tal frieza, e sem saboria, que já hoje o Povo se ri por mofa: he hum Capucho, he hum Religioso mendicante: sendo certo que, se os Monachaes interessavão ao Altar, ao Throno, e ao Estado com as suas Sciencias, e Artes, os Mendicantes vierão, quando a Disciplina Monastica estava relaxada, a sustentar a Igreja, as Monarchias, e os Imperios. Quem he aquelle? diz hum Parocho, que tem na sua Dizimaria a renda de quatro, cinco, ou mais mil crusados annuaes: He hum Clerigo de *Requiem*, que não tem senão a sua Missa de seis vintens, e a sua sobrepelliz; ou he hum Parocho pobre, que não tem senão huma limitada Congrua, e vive como hum Mercenario do seu trabalho; e, dizendo isto por zombaria, faz com que o pobre Clerigo, ou o pobre Parocho de Congrua, tenha no Público menos estima, e veneração, que a que se merecem os seus talentos, e virtudes. Quem he aquelle! diz hum Fidalgo para outros da mesma laia: He hum pobre Trabalhador, que anda trabalhando de dia para comer á noite, sendo assim, que esse pobre Trabalhador talvez interesse mais ao Estado, que todos es-

ses Fidalgos mofões, que ha pouco sahirão da classe indigente, e necessitada. Quem he aquelle? diz hum Titular honrado por virtudes, que herdou, mas que não tem: He hum Fidalgo de Provincia, que serve á Patria, para lucrar distincções, que a Côrte lhe difficultará; não se lembrando o Fanfarrão Titular, que a sua origem póde vir talvez d'aquellas mulheres, a quem o Corregedor da Côrte no tempo do Senhor Rei D. João III, queria açoutar, respondendo-lhe aquelle Sabio Monarcha: *Que filhos de regateiras vinhão a ser Capitães na India, Fidalgos de Sua Casa, e não queria d'antemão deshonra-los, mandando-lhes açoutar as Mães.* Mas deixando para outra occasião esta immoralidade dos nossos dias, que os bons Portuguezes devem desterrar dos seus costumes, para manter aquella união, paz, e harmonia, que os fez grandes nos Seculos passados, os ricos estimando os pobres, e os pobres respeitando os ricos, não avaliando os merecimentos do homem pelo dinheiro que occulta, ou pelo vestido que traja, mas pelas virtudes, e talentos que tem, digo bem a meu pesar, que destes tempos se não póde dizer o que dos d'ElRei D. Manoel se disse: Que em seu tempo andou a pobreza desterrada d'este Reino, nem havia tristezas, nem queixas, nem lamentações se ouvião, e em lugar d'ellas alegrias, e musicas soavão. Porque na verdade a riqueza, que hoje se ostenta, he andar o Fidalgo, e o homem, que se reputa abastado dos bens de fortuna, vestido da sua casaca, colete, e calça, coberto do seu chapéo entrefino, e calçado das suas botinas do Paiz, arremedando-o nesta parte o miseravel caixeiro, e o fallido Negociante, que não sahindo do seu officio de medidor de pannos, ou de chitas aos covados, quer assemelhar-se aos homens nobres por nascimento, educação, e estado na casaca, colete, calça, chapéo, e calçado; chegando a tanto a ousadia d'estes homens, e a corrupção da opinião do Povo, que medem o homem de bem pelo fato que usa, ou pela besta em que monta. Assim o Povo reputava bons homens, pelos vêr bem vestidos, e bem montados a toda essa cáfila de trahidores dos ultimos annos; quaes os Condes de Villa Fôr, da Taipa, de Villa Real, e outros, os Saldanhas, os Renduffes, e outros bem mais obscuros que estes, sendo assim, que o trem, e apparato que elles usavão, era na maior parte furtado, ou caloteado.

A este estado de indigencia, e de immoralidade reduzirão a Portugal as Revoluções, as discordias civís, os roubos, as dilapidações, e as mais manobras do Maçonismo, que na escacez dos meios pecuniarios da Nação Portugueza, julgão poder supplantar a sua fidelidade ao Altar, e ao Throno infinitamente mais preciosa, e mais duradoura, que toda a prata, que todo o ouro. Assim os Pedreiros, ou os partidarios de Dom Pedro, tendo esgotado o Thesouro Público, tendo exvasiado a Portugal de todos os recursos da sua conservação, não deixando ao Senhor Dom Miguel, nem dinheiro, com que pagar ao seu Exercito, nem Lugares vagos, com

que agraciar aos seus mais fiéis Vassallos, julgarão os malvados, que o Senhor Dom Miguel não teria hum Soldado, que o defendesse, nem hum Vassallo, que o ajudasse, e por isso arrogantes fizerão a Revolução do anno de 1828, e antes de darem hum tiro cantárão a victoria, e a annunciárão a todos os seus Confrades da Europa, e da America. Coitadinhos! Se o Erario estava sem real, havia ainda muitos reaes nas mãos dos bons Portuguezes, com que se acudio a tudo o necessario, e o Exercito fiel se organisou; elle combatêo, e os malvados não podérão dizer ás Nações, senão que forão vencidos, e que fugírão, mas que roubárão tudo o que podérão; e no roubo certamente fazem elles consistir toda a sua gloria, e toda a sua esperança. Na penuria pois do Erario, e na escacez de meios, em que geralmente está a Nação Portugueza contão os trahidores, e com elles Dom Pedro, que a Nação se verá obrigada a abandonar o seu Legitimo Rei, e Senhor Dom Miguel Primeiro, e a entregar-se á discrição dos tyrannos: para reduzir os Portuguezes a este desespero vem huma Esquadra d'alli a requisitar dinheiros em ar de indemnisação de injustiças, que não soffrêrão; outra Esquadra d'acolá a pedir humas indemnisações, em que os Portuguezes forão mulctados por não acceder seu Governo a humas certas proposições, que o Maçonismo lhe fez, e por esta maneira todas as tentativas da Diplomacia inimiga do Governo Legitimo do Senhor Dom Miguel desde Março de 1828 até o dia, em que estas linhas escrevo, tem conspirado a empobrecer Portugal, a desesperar os Portuguezes, e a fazer-lhes perder o amor, que tem ao seu Legitimo Rei. Barbaros! Elles não sabem conhecer o caracter Portuguez! O dinheiro vence a todos, dizem elles; sem dinheiro não se sustenta, nem defende o Throno; assim he geralmente em todas as Nações; mas entre Portuguezes só amor os vence; o dinheiro não: esta campanha he de amor, e o amor acha armas, acha exercitos, acha dinheiro, acha tudo quanto lhe he preciso para se não perder na empreza, que tomou. Ameaça Dom Pedro desthronar seu Irmão; e bem que os malvados, que o affoutão a esta loucura, sabem que não ha forças humanas, que sejão capazes de vencer aos Portuguezes armados, imaginão furiosos, e dementados, que não podendo a Nação Portugueza sustentar-se muitos mezes sobre as armas por falta de recursos, logo que faltem os ultimos soccorros ao Exercito, este largará as armas, e em este desespero poderão huns poucos de milhares de foragidos invadir, e occupar o Throno, e a Patria. Ah! malvados! o ultimo desespero do Exercito Realista Portuguez não tem outro termo, que dar cabo de todos os Pedreiros, porque bem sabe o Exercito que só dos Pedreiros lhe vem todos os seus males, trabalhos, calamidades, privações, e soffrimentos.

Mas não imagine Dom Pedro, nem todos os seus fautores, e conselheiros, que Portugal não tenha meios para sustentar

contra elles huma campanha de tantos annos quantos Deos espaçar a vida a esses inimigos do genero humano. Ha em Portugal mil fontes de prosperidade pública, que podem fazer trasbordar em riqueza o exhausto Erario. A cobrança rigorosa, e exacta de todos os atrazados á Fazenda Real! Só ella encheria o Erario de alguns milhões! Desempregar a todos os Pedreiros Livres, que subministrão aos foragidos da Ilha Terceira huma terça parte dos ordenados dos seus Empregos, e metter nelles os bons Portuguezes para darem a mesma terça parte dos seus vencimentos a favor do Exercito! Este meio poderia sustentar as Tropas por alguns mezes! Obrigar a pagar a Decima em metal a todos aquelles, que arrendão casas, ou bens por preço em metal; a todos os que vendem os seus generos em metal; a todos aquelles que de qualquer maneira tem seus vencimentos em metal! Esta medida de cada hum pagar na mesma especie em que recebe, especialmente nas Provincias, augmentaria muito a importação Real no Erario! Cuidar mui diligentemente em que as Nações Estranhas não introduzão em Portugal o *papel sellado*, *e o sabão* do seu uso! Fazer que o dinheiro da Nação circule somente em a Nação, empregando-o somente em generos do Paiz com preferencia aos dos outros Paizes! Obrigar á usuraria Coborte dos Cambistas a hum preço moderado pelo cambio! O Patrimonio de São Pedro, que verdadeiramente he hum Patrimonio do Estado, quando o Estado defende a Igreja, e que o Senhor Dom Pedro offerecêo em hypotheca aos Judeos, que lhe emprestárão o dinheiro para armar a Expedição, que ha de sahir, d'hoje a sessenta annos, da Ilha Baratária, onde foi Governador o Illustrissimo Senhor Sancho Pança, Predecessor de quantos amigos tem o Senhor Dom Pedro, qual de outro D. Quixote, este endireitador de tortos, e Dom Pedro entortador de Direitos; o Patrimonio pois de São Pedro he huma riquissima fonte, onde póde o Erario achar meios para ter hum grande Exercito sobre as armas por muitos mezes, para repellir esses inimigos da Religião, inimigos peiores que os Sarracenos, que os Turcos, que os Hugonotes, e que todos esses monstros dos Seculos passados. Eu não dou conselhos, nem d'elles se ha mister; mas mostro aos inimigos com estas minhas lembranças, que á Nação Portugueza lhe não faltão meios para fazer a guerra a Dom Pedro, e a todos os Revolucionarios, que invocão seu nome; porque os Portuguezes querem devéras arriscar tudo quanto tem por defenderem o seu Legitimo, e Adorado Rei o Senhor Dom MIGUEL PRIMEIRO.

Não he esta huma proposição avançada sem prova, sendo sufficiente, a que os Portuguezes de todas as Classes tem offerecido aos olhos de toda a Europa nos donativos voluntarios, com que não tem cessado de acudir ás urgencias da Patria, ou em cavallos para a remonta da Cavallaria da Policia; ou em bestas muares para a Artilheria, ou em todo o genero de soccorros pa-

ra o Exercito. Verdade he que os malvados Pedreiros Livres podem objectar contra esta unanimidade Portugueza hum meio Titular, ou noviço em Titulo, que quando todos os Portuguezes acodem com as suas fazendas, e pessoas em defeza do seu legitimo Rei, elle faz publicar na Gazeta sob o titulo *Annuncios* o seu escandaloso de = Quem quizer arrendar as casas, e quintas de tal, e tal; e quem quizer comprar as fazendas tal, e tal; os cavallos, e mulas, procure em tal parte para tractar de preço, e condições, sendo sem dúvida huma dellas a de o dito Senhor Arrendador de casas, e quintas, e Vendedor de cavallos, e mulas fazer *vispere* para onde elle não diz, mas todos sabem! Podem tambem os Pedreiros accrescentar a esta excepção hum Togado, que vencendo annualmente quatro a cinco mil cruzados, fóra do decuplo de mãos untadas lá pelo que elle sabe, e todos murmurão, offerecêo somente vinte mil réis na Lei, e huns machos comprados no *Vizeu*, e isso porque lho pedírão, porque elle fingia ignorar as urgencias do Estado, imaginando acaso a riqueza do Erario pela sua, fasendo todavia alarde deste offerecimento em hum Papel, que chamão *Correio!* Porem estas excepções da generosidade, e unanimidade Portugueza, as quaes os inimigos do Senhor Dom Miguel não deixão de ponderar nos Gabinetes da Europa como argumentos, de que nem toda a Nação Portugueza quer ao Senhor Dom Miguel por seu Rei, não provão outra cousa mais, que existirem ainda em Portugal hum punhado de Portuguezes, como diz, e conta o Garret, ou o Garrano de Dom Pedro, fraternisados no Maçonismo com os que andão fóra de Portugal, inquietando a Europa sem honra, nem vergonha. E ainda imaginão os furiosos rebeldes, e seus fautores de cá, e de lá, que faltão recursos á Nação Portugueza, para ter em armas hum Exercito numeroso, com que defenda o Rei, que voluntaria, livre, e legalmente acclamou, reconhecêo, e jurou? Cuidão esses mesquinhos que, feito por huma vez hum donativo, se não possa fazer outro, e outros? O amôr faz augmentar o dinheiro: quem desta vez dèo pouco, para outra vez dará mais; e quem dêo muito, ainda tem a dar muito mais. Os Portuguezes são Christãos, e desta vez tem feito maiores progressos nas Doutrinas da Religião: antes se dizia ladrão o que tomava alguma cousa contra vontade do seu legitimo dono; hoje tambem se diz ladrão o que não dá tudo o que deve dar: os Portuguezes pois assentárão de si para si que devem dar ao seu legitimo Rei, o Senhor Dom Miguel I tudo quanto tem, porque tudo Lhe devem; porque com Elle, e n'Elle tem tudo; sem Elle nada, nada.

E os sequestros das propriedades, e dos moveis dos rebeldes! Oh! Que manancial para a Real Fazenda! Mas isso pertence á Justiça, dirão os meus Leitores: ora esperem lá: a Justiça tem muitas mangas; ora pois metta a Fazenda na sua manga tudo o que pertencia aos rebeldes antes de fugirem de Portu-

gal; tome a Fazenda posse de tudo o que elles possuião, e administre bem, e a Justiça encolha, ou alargue as mangas, não se importe com isso. *Cuento al caso.* Huma parenta de tres Ecclesiasticos, hum Parocho, outro ex-Frade, e outro Frade, que abalárão para Inglaterra com quatrocentos mil cruzados, (muito dinheiro vai ainda hoje para aquella Nação, e ella se esquece de Portugal!) vendo sequestradas as propriedades dos tres Magarefes, embarga, dizendo que aquellas propriedades erão della pelas elles não poderem possuir por estas, e aquellas razões, por estes, e aquelles titulos; a Justiça neste caso não sei o que faz; nem eu quero embaraçar-me com a Justiça, por lhe não cahir nas suas mangas. Mas eu em nome da Fazenda diria áquella mulher, que pertende ser Senhora = Vossa Mercê nunca esteve de posse de taes propriedades, nem o vinha a estar em quanto vivessem esses Reverendos; pois agora tenha paciencia: eu tomo posse de tudo o que elles possuião, e não lhe disputo o seu dominio, e direito, contentando-me só com o util; dispute Vossa Mercê lá isso com a Justiça; e quanto a mim pertence, largar-lhe-hei a posse, quando Vossa Mercê me apresentar Certidão, que faça fé, de que o Diabo (pois Deos não quer Pedreiros) levou para si a todos os tres Reverendos Rebeldes, de maneira que nunca mais tornem a apparecer em este Reino. = Eis como a Fazenda com huma manga só augmentava a sua Receita, em quanto a Justiça com as suas muitas mangas augmenta as despezas da Fazenda. Este caso he verdadeiro, e podem os meus Leitores extendê-lo até onde quizerem. Mas basta de Fazenda.

E a Defeza de Portugal? Creio que ella se faz bem, indicando á Nação todas as trahições, que lhe pertendem fazer os Pedreiros, e os meios de as evitar; todavia culpe-se d'alguns incidentes ao Garrano de Dom Pedro, que annunciou a trahição como unica arma de desthronar o Senhor Dom Miguel, e de escravisar a Portugal. Outro estratagema da trahição, dizia outro dos meus associados no Porto, he desembalar os cartuchos, inutilisar a polvora, e.....

E a baioneta sobre os inimigos? E o Cacete sobre os que a tal se atreverem? Eu o direi em o Numero seguinte.

Robordosa 4 de Janeiro de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1832.

Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.° 20.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

A grande Questão Portugueza sobre a Successão ao Throno.

Esta Questão, se houvesse de ser ultimada em Direito, muito ha que ella devia estar julgada a final, especialmente que a Nação Portugueza só nella interessada, e a quem só pertence o seu conhecimento representada pelos Tres Braços do Reino, como he de Direito, Praxe, e Costume sempre observados em todos os Seculos da Monarchia, julgou com a maior solemnidade, unanimidade, liberdade, e legalidade que a Corôa do Reino de Portugal por morte do Senhor Dom João VI pertencia somente a Seu Segundo Filho o Senhor Dom Miguel. Antes de os Tres Estados decidirem esta Questão, já no mesmo anno de 1826, todas as Camaras do Reino com o seu Clero, Nobreza, e Povo, logo que as Tropas do Exercito Realista do Tenente General Marquez de Chaves as desembaraçárão da Força Constitucional, que as opprimia, dérão a mesma Sentença a favor do Senhor Dom Miguel; e só não podérão pronunciar-se da mesma sorte aquellas Camaras, e Povos, a quem as baionetas Re-

públicanos dominação. Em Direito pois a Questão está decidida, mesmo desde que ella principiou. E se o Exercito, ou Força Armada póde constituir Direito na Questão do Throno, como elle constituio *Direito* na França na exaltação de Luiz Filippe, tambem huma boa parte do Exercito Portuguez logo no principio da Questão se pronunciou livre, e espontaneamente em favor do Senhor Dom Miguel: o Regimento de Infantaria N.° 24, e huma boa parte do Regimento de Cavallaria N.° 12, indo á sua frente o Visconde de Monte Alegre; depois d'este grande porção do Regimento de Infantaria N.° 12, e dos Regimentos de Cavallaria N.° 6, e 9, em seguimento do Brigadeiro Madureira; depois os Regimentos de Infantaria N.° 17, e de Cavallaria N.° 2 com o Brigadeiro Magessi; depois o Regimento de Infantaria N.° 11; successivamente o Regimento de Infantaria N.° 14; os Batalhões de Caçadores N.° 4, e 7, e depois de todos estes Soldados, Officiaes Inferiores, e Officiaes Superiores de todas as Armas, e de todas as Linhas, sem combinação, sem sobôrno, e sem alliciação, livre, e espontaneamente, inspirados somente por hum sentimento de justiça, de Lei, e de Razão se declarárão pelo Senhor Dom Miguel; por amor d'Elle emigrárão para Hespanha; por amor d'Elle tornárão a entrar em Portugal, e combatêrão pelos seus Direitos em Bragança, em Arronches, em Almeida, em Coruche, em Amarante, em Cannavezes, no Salto, na Misarella, no Prado, e na Barca, e em outros lugares mil, e vencerião de facto esta Questão de Direito, porque a emigração das fileiras inimigas para as do Exercito Realista era numerosa, se hum Exercito Inglez sob estudados pretextos não viesse reforçar as semianimes Tropas Revolucionarias. Finalmente a maior parte do Exercito Portuguez, logo que regressou o Senhor D. Miguel, se pronunciou livremente pelos seus Direitos ao Throno, sem outro impulso, que o de separar das suas fileiras a huns poucos de Officiaes, e de Chefes vendidos ao partido da Carta, e de Dom Pedro pela rebelde profissão do Maçonismo; e esse mesmo Exercito com o maior denôdo, e honra affugentou de Portugal essa infame Rebellião de 16 de Maio de 1828 sustida por Soldados allucinados com promessas, e alliciados com huma absoluta licença para a pilhagem, e para á devassidão. A Questão pois, a Grande Questão Portugueza sobre

a Successão ao Throno está decidida de Direito, e de Facto em favor do Senhor Dom Miguel, fallando em abono dos seus Direitos a Lei, a Justiça, a Religião, a Honra, o Valòr, e as Armas. Mas os malvados instão sobre a mesma Questão: a sua instancia em Direito roda sobre os mesmos argumentos em hum circulo vicioso de palavras; para os vencer n'esta sua cavillosa instancia eu vou ampliando os argumentos n'esta Defeza de Portugal com a mesma epigrafe, debellando-os com as suas mesmas theorías Constitucionaes, que eu não perco de vista, senão por hum momento em quanto desmonto a Dom Pedro do seu Manifesto ás Nações, e do Garrano seu *Precursor*, pondo hum, e outro toda a sua esperança na trahição, pois que o Direito, e as Armas lhe não valem.

He pois outro estratagema da trahição, dizia hum dos meus associados no Porto, desembalar os cartuxos, e inutilisar a polvora; e o homem pensava bem, porque na Julhada Parisiense de 1830 alguns Regimentos dos em que confiava o Governo de Carlos X, huns atirárão para o ar, não fazendo pontaria sobre os inimigos; e outros punhão na espingarda os cartuxos sem bala, como asseverão as Historias d'aquella Revolução, o que foi certamente a causa, por que os Revolucionarios cantárão o triunfo, e Carlos X se vio obrigado a ceder, não vencido pelos seus inimigos, mas trahido por huma boa parte das suas Guardas. Mas no Exercito Realista Portuguez não ha que imaginar esta trahição, nem ella he exequivel, porque o Soldado Portuguez quer apostadamente dar cabo de todos os partidarios de Dom Pedro; os Officiaes, e Chefes vigião, e examinão cuidadosamente a polvora, e o cartuxame, fazendo antes diligentes experiencias, e observações; e os mesmos encarregados da conducção da polvora, ao tempo de a receberem, examinão attentamente o que recebem; repetindo-se successivamente esta necessaria investigação por todos os Senhores Officiaes Superiores, Officiaes Inferiores, e Soldados, assim da Fuzilaria, como da Artilheria. Este he o seu dever, elles o cumprem com muito estudo, porque bem conhecem as manhas das bestas malhadas, e a experiencia lhes tem feito vêr que em Portugal ha muitas vezes caveira de burro, do qual he muito necessario acautelar-se, prevenindo com tempo todas

as suas refinadas trêtas. Eu creio pois que por esta parte as bichas não pégão. E se pegassem? Poderião retardar o triumfo alguns dias, em quanto as baionetas avançavão sobre as columnas inimigas, e os Caceles fazião hum movimento retrógrado sobre os trahidores, para das suas costelas, e mais ossatura carregar as espingardas, e as peças, verificando-se então, o que succedêo aos Filisteos desbaratados por Sansão com a queixada d'hum burro, que os Malhados pereceririão com os ossos da besta.

Ha ainda outro estratagema da trahição, e eu temo sobre maneira este ardil do inimigo, (dizia hum outro associado) e he elle fazer espalhar Manifestos, ou Decretos em Nome do Senhor Dom MIGUEL, mandando ao Exercito, e aos Povos que suspendão o fogo, ou que fação cessar o sangue, porque vai tractar com o Senhor Dom Pedro de humas certas transacções, em que as cousas se componhão em paz a aprazimento de todos; ou ainda espalhando em Nome do Senhor Dom MIGUEL a sua desistencia, cessão, e abdicação do Throno, a bem de poupar o sangue dos Portuguezes. Ora este estratagema he temivel, he espantoso: d'elle já tractárão os malvados quando trouxerão a Esquadra Franceza ao Téjo; elles ainda tentão este ensaio da mais horrenda perfidia, porque se persuadem que elle sería o unico meio de fazer, que o Exercito, e os Povos depozessem as armas. Mas quanto se enganão os trahidores! A Guerra não só he de Throno, he tambem, e especialmente, de Religião! Os Religiosos, e o Clero já se offerecêrão a pegar em armas, convencidos, e com muita justiça, e razão, de que o Senhor Dom Pedro não só pertende desthronar ao Senhor Dom MIGUEL; pertende (e estas são as suas primeiras vistas) desthronar a JESUS CHRISTO dos Altares, em que Elle he adorado; pertende, como os Iconoclastas, derrubar todas as Imagens dos Sanctos; pertende, como os Lutheranos, e Calvinistas, arrazar todos os Conventos de Religiosos, e de Religiosas; pertende, como todos os Apóstatas da Religião Catholica, acabar com todas as Instituições da Sancta Igreja de Roma; pertende finalmente, como todos os Atheos, não deixar em toda a Peninsula hum só monumento da Divindade: para isso he que os Pedreiros o aconselhão; por isso he que elles o defendem, protegem, e auxilião; por isso elles lhe prodi-

galisárão o epitheto de Sábio, mettendo-lhe na cabeça que elle he hum Principe Filosofo, e que deve permittir o furto, qual outro Licurgo; authorisar a horrenda pluralidade de mulheres, qual outro Platão; approvar a morte dos proprios filhos, pais, e irmãos, qual outro Aristóteles. Em verdade, eu o digo com sentimentos de Catholico, o espirito de Satanaz entrou na alma de Dom Pedro, porque, a não ser assim, elle não meditaria maldades, de que só o Diabo se lembra. Mas de que aproveitaria aos trahidores espalhar no Exercito, e nos Povos hum Decreto em Nome do Senhor Dom Miguel desistindo do Throno, ou suspendendo as hostilidades? Portugal está armado; e, em apparecendo o inimigo, já não ha quem seja capaz de conter os Portuguezes da matança de todos os trahidores: hum só inimigo do Senhor Dom Miguel não ha de escapar vivo: o quartel dos trahidores he a sua morte. E qual sería o Portuguez, que acreditasse em hum semelhante Decreto de suspensão de hostilidades, ou de desistencia do Throno? Quem sería o animoso, que se atrevesse a espalhar semelhante Decreto? O Senhor Dom Miguel he hum Rei cheio de coragem, de animosidade, e de intrepidez. O Ceo lhe dêo valor para triumfar de todos os seus inimigos: Elle he o Pai dos Portuguezes; não abandona pois os seus filhos: Elle he Amigo dos seus Povos; não os entregará pois ás féras, que os querem devorar: Elle he o General do Exercito; não embainhará pois a sua invencivel espada em quanto o Soldado não ficar vencedor de todos os seus inimigos. Não foi o Senhor Dom Miguel exaltado ao Throno, que Lhe pertencia, por amor de Si: Sua Magestade não ambicionou ser Rei, para se elevar á Soberania, que o Direito Lhe concedia. Elle subio ao Throno, porque a Nação assim Lho supplicou: Elle subio ao Throno, para salvar a Nação, e manter a Religião: Elle he Rei, porque assim convém ao serviço de Deos, e de Portugal: Elle pois não póde desistir do Throno, porque a Religião, e os Portuguezes precisão de que Elle o occupe. Não ha conseguintemente Portuguez algum, ou no Exercito, ou no Povo, que possa persuadir-se de que o seu Rei, o seu General, seu Pai, e seu Amigo, abandonando a Causa da Religião, do seu Exercito, dos seus Filhos, e dos seus Portuguezes, seja capaz de assignar hum Armisticio com os inimigos de Deos,

ou a desistencia do Throno nas mãos do Tyranno. Embora pois os trahidores espalhassem esse Decreto como intentão: esse sería outro signal do seu exterminio. Appareção, appareção esses partidarios de Dom Pedro: esse he o momento, em que o Clarim dos Realistas Portuguezes, pondo-se ao lado d'esses immortaes Defensores do Senhor Dom MIGUEL, e do Throno, começa a tocar á degola, e o toque não cessa em quanto houver hum só trahidor, que tenha a cabeça sobre os hombros. São MIGUEL, e a elles: este vai ser o grito do fidelissimo Exercito, que defende a Deos, e a ElRei o Senhor Dom MIGUEL PRIMEIRO.

O punhal.... o veneno.... este he o ultimo esforço do Maçonismo para desthronar o Senhor Dom MIGUEL, enthronar a Dom Pedro, e plantar a Carta, e o Atheismo em Portugal, e na Hespanha: assim o disse por fim da Conferencia, hum dos meus associados no Porto, reportando-se neste seu pensamento ao malvado Garret, a quem eu dei o nome de Garrano *Precursor* de Dom Pedro. A este pensamento levantámo-nos todos os associados, e espumando vingança, e furor, cada hum de nós tomando diversas attitudes, fallando, e interrompendo-nos mutuamente, nos expressámos por esta maneira, e he da mesma, que unanimemente se expressão todos os bons Portuguezes — Deos! Ponde em roda do Throno, e da Pessoa do Senhor Dom MIGUEL, hum muro inexpugnavel a todos os seus inimigos, assim como livrastes o vosso Povo da perseguição do ímpio Faraó, occultando-o ás suas armas com huma columna de nuvem por dia, e com outra columna de fogo por noite! — Salvai, Oh Deos! o vosso Ungido, como salvastes a David dos golpes de lança, com que pertendia mata-lo o reprobo Saul; ponde no seu braço tanta força, que elle possa fazer em postas a todos, os que tentarem o seu assassinio! Mergulhai, Senhor, no mar a Pedro, e a todo o seu Exercito, como precipitastes, quando protegieis a Israel, a Faraó, e as suas Tropas, que demandavão acabar com todos os vossos adoradores, como agora esses malvados suspirão por apagar na terra o nome Christão! — Trague a terra vivos a todos os trahidores, assim como tragou a Coré, a Dathan, e a Abiron, quando estes não querião obedecer a Moysés, por lhes intimar a Lei de Deos; pois que os trahidores não querem Rei

ao Senhor Dom Miguel, por Elle conservar em estes Reinos a Religião Divina! — Archanjo Defensor da Divindade, Protector das grandes emprezas do Ceo, Chefe dos Exercitos Celestiaes, Principe da Igreja Militante, Invencivel S. Miguel, defendei em Portugal o Rei, que defende a Religião, o Soberano, que emprehende salvar a Igreja, o General dos Exercitos Christãos, o Protector do Sacerdocio, o Glorioso Miguel, que tem o vosso nome, e que imita as vossas virtudes! — Anjo Custodio, que brandindo huma espada de fogo prohibis aos mortaes a entrada no Paraiso, em que esteve Adão, vedai aos trahidores o accesso ao Throno, em que está assentado o Rei dos Portuguezes, por Successão de todos os Reis, que descendem legalmente do primeiro Rei! — Ceos! Conservai a vida, e o Throno ao Grande Miguel, ou riscai os Portuguezes do número dos Vassallos, que sobrevivem ao seu Rei! — Immortal Princeza da Beira, escorai o Throno de vosso Irmão o Senhor Dom Miguel, assim como fortalecestes no principio as Tropas, que o Acclamárão, Jurárão, e Reconhecêrão! —

Se o punhal da trahição arrebatar para o Ceo ao Principe, que o Ceo nos dêo, o punhal da justiça precipitará no Inferno o Tyranno, que o Inferno nos quer dar! — Corrâmos ás armas; cada qual lance mão das que a sórte lhe deparar: mil punhaes attravessem o coração de todos os trahidores! — Morrão os inimigos do Senhor Dom Miguel, ainda que seja á custa das nossas proprias vidas. Tal foi o resultado desta Conferencia, que real, e verdadeiramente passou na Cidade do Porto, entre Realistas decididos a morrer, ou vencer.

Porém o Ceo nos protege, e protege o nosso adorado Rei, e Senhor Dom Miguel Primeiro. Parece-me vêr neste dia, em que o papel recebe as rudes impressões da minha veleira penna, que ha seis dias do mez de Janeiro do memorando anno de 1832, irem a pique as embarcações de Guerra, que havia fretado o Principe inimigo de Portugal, por força da horrorosa tempestade, que neste momento abala a terra, e o mar: as encrespadas aguas do Oceano erguidas ao Ceo, em furiosas ondas pelo espantoso movimento de successivos furacões, mergulhão nas suas profundas cavernas a essas Náos, que devião conduzir a Portugal os malvados

inimigos do seu repouso: mil raios fuzilão sobre esses monstros, que se atrevem a atacar a Religião do Deos dos Exercitos: certamente o Ceo os castiga; e os trahidores, que existem em Portugal, sabendo que seus irmãos naufragárão, esconderão em seus vís peitos o horrivel punhal da sua desesperação. Não imaginem os meus Leitores, que este agouro seja sómente filho dos meus desejos pela Salvação de Portugal; elle he hum presentimento do meu coração, que presago sempre de tristezas, e de desgraças, que nunca falhárão, agora pula de contentamento, e de prazer, como vendo escangalhada pelo Ceo vingador huma parte da Expedição do Principe trahidor.

Mas onde está esse *punhado de Portuguezes*, com os quaes conta o Garrano *Precursor* de Dom Pedro, para que por *hum só esforço, e a tempo, e certo, e combinado....* seja desthronado o Grande Rei, que he o amor de todos os Portuguezes? *Em Lisboa*, diz a besta. Em Lisboa? Eis-aqui o maior, e mais despresivel delirio dos malvados! Eu quero suppôr que em Lisboa, Cidade Classica da Fidelidade, da Realeza, e da Virtude, exista esse punhado de Portuguezes degenerados, mantecaptos, impios, e trahidores. E que outro esforço poderão elles fazer, que não seja o de conspirar contra si mesmos? O esforço do Regimento de Infantaria N. 4. levou ao patibulo os seus principaes auctores: elle não só servio de escarmento aos trahidores, porque já vêm, que lhes sahem baldadas as suas maiores tentativas, como servio de lição a todos os Commandantes de Corpos, e a todas as Authoridades, para que não durmão, porque já vêm que os trahidores sempre tramão. Já todo o Exercito está á prova de bomba na sua fidelidade; já as Authoridades em todas as Repartições vigião no cumprimento dos seus respectivos deveres; numerosos Fortes, e bravos Corpos de Voluntarios Realistas das Provincias fôrão a reforçar na Côrte a fidelidade, e o valôr dos outros Corpos do Exercito alli estacionados. Portugal está inquieto em quanto não chega o momento da batalha; elle não descança em quanto não vem ás mãos com o inimigo.

Mas quem he esse inimigo? Perguntar-me-hão os meus Leitores: quaes são as suas forças? Diga-o o Garrano Precursor de Dom Pedro, já que este he o tempo, em que as

bestas podem fallar: *oito mil invenciveis da Ilha Terceira, em que cada Soldado he hum votado Fabio.* Ora vejão lá como a besta inchou o focinho com os *oito mil invenciveis.* Mente como filho da.... que he: a quatro mil não chegão os rebeldes invenciveis na sua maldade, que fugírão covarde, e vergonhosamente deste Reino, dos quaes huns andão a amolar tisouras, e navalhas em París, para terem com que saciar a sua fome; outros estão nos Paizes Baixos a engraixar as botinas aos Belgas; outros lá estão em Pernambuco debaixo do chicote dos pretinhos de iá iá; e o resto conserva-se nas Ilhas dos Açôres para vergonha do nome Portuguez. *Oito mil!* Nem ainda que o bruto contasse essa boa porção de Soldados, que suspirão por se vêrem livres dos ferros, em que os tem posto o maniaco ex-Conde de Villa-flor. E porque lhes chamará *invenciveis?* Por terem feito prisioneiros a trezentos Soldados Realistas, que nem podérão pôr o pé em terra firme, nem fazer uso das suas armas! Por haverem entrado na Ilha Graciosa, e na das Flores! Já o meu cão pilhou huma mosca, dizia o outro tôlo, que destinava o seu cão para a caça de lebres, e coelhos; e toda a sua esperteza consistia em matar moscas. *Em que cada Soldado he hum votado Fabio.* Ora isto he o que eu não entendo; acaso quererá dizer o galrador Garret, que cada hum dos Soldados rebeldes tem feito voto de não comer senão favas, que he o pão de cada dia, de que se sustentão os tantos mil esfaimados, ou esfomeados da Ilha Terceira? Pois se elle quiz chamar-lhes favas pelas bravatas, que arrotão os seus ventileiros Chefes, deve todo o mundo saber que aos ditos Soldados não lhes cabe hum feijão gallego, nem mesmo o feijão fradinho (bem se sabe aonde) ainda quando se lhes diz que tem de vir a Portugal a atacar as Tropas, que defendem o seu Legitimo, e Jurado Rei Dom Miguel. Ah! que elles bem lembrados estão da côça, que lhes dérão as Tropas Realistas, e os Povos, desde Coimbra até que se mettêrão na Galliza! Estar na Ilha Terceira querem esses votados Fabios, porque não tem outra terra, aonde estejão; sahirem daquelle covil, voltarem para Portugal, isso faz-lhes arripiar os cabellos, e desmaião.

E a formidavel Expedição, accrescenta o zurrador Garrano aos votados Fabios dos Açôres. Agora direi eu qual seja essa formidavel Expedição, de que se vanglorêa o louco

Garret: são quatro Falúas carregadas, huma de Comediantes Hespanhoes, que vem a representar sobre as escadas da Forca huma Peça, que ha de fazer rir a muita gente sisuda; outra de Cabelleireiros Italianos, que vem cantar o *pio pio* na Praça Nova do Porto, e hão de ouvir o *tarde piache*; outra de Polacos, que vem acabar de curar-se da Chólera morbo, contra a qual tem os Portuguezes o especifico admiravel do ferro ao pescoço; outra de Súissos: coitadinhos! estes querem pão, e vem á mão como a gente quizer. Esta he a formidavel Expedição de gente, que tem juntado Dom Pedro para se enthronar em Portugal! Desenganem-se os Portuguezes! A maior força da Expedição Pedreiral está na trahição, e em que ella lhe franqueará os portos, para entrar com a sua quadrilha de salteadores de todas as Nações. Parece-se o Garrano Garret a hum desses cavallinhos emmestrados, a quem o farsola do industrioso ganha-pão faz correr á roda d'hum adjunto de mulheres tôlas, que gostão de cavallos; e perguntando-lhe: Qual he a mulher mais formosa deste adjunto? O cavallo, depois de ter corrido todas aquellas loucas, ao acêno do dito farsola, abaixa a cabeça a quem elle quer, e toca-lhe os pendentes chocalhos. Eu não sei se esta comparação he propria; mas Garret he o dito cavallo em corpo e alma; o farsola ganha-pão he o ex-Marquez de Palmella; elle tem emmestrado o Garrano, e este acêna, rincha, e chocalha como aquelle quer, para hum, e outro comerem alguma cousa á custa dos muitos Malhados, e Malhadas, que ha em toda a Europa; porque os sessenta contos, que o Palmella roubou na Ilha de S. Miguel os tem elle guardado, para quando o degradarem da Inglaterra.

Arre Garrano! assim me despeço eu, mettendo-lhe as esporas até aos intestinos, do miseravel louco Garret, o denominado *Precursor* de Dom Pedro, para examinar o ridiculo, e vergonhoso Manifesto, que este desgraçado Principe fez a todas as Nações, especialmente aos Governos de França, e de Inglaterra, supplicando-lhes a sua coadjuvação para se enthronar em Portugal, coadjuvação, que nem hum, nem outro Governo jámais lhe concedêrão directamente, a pezar de todas as manobras dos Revolucionarios dos dous Paizes; porque todas as Nações estão empenhadas em evitar a guerra. Todavia o Governo de Portugal está preparado

para o que der, e vier, porque sabe que os Revolucionarios da Europa desejão hum rompimento geral, e para elle tem escolhido hum ponto, que bem pode ser Portugal, por acharem páo para toda a colher, ou, como outros dizem, fôrma, que diz para todos os pés; e aqui faço eu pé de descanço para o N.° seguinte.

Rebordosa 6 de Janeiro de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1832.

Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 21.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

A grande Questão Portugueza sobre a Successão ao Throno.

Tão elucidada ha sido esta Questão, tão claros, e evidentes são os seus principios, tão luminosas, e notorias as suas deducções, que parece mais hum vicio do coração, que huma agudeza da razão trilhar hum argumento a todas as luzes conhecido, e indisputavel. Escriptores Estrangeiros, e Nacionaes fizerão suar os prélos com o pezo das suas razões, e ellas tão claros tornárão os Direitos do Senhor Dom Miguel á Corôa de Portugal, que he necessario fazer huma grande tortura ao entendimento para achar huma leve dúvida, que oppôr á sua Legitimidade. He necessario negar a existencia de todo o Direito, para poder disputar ao Senhor Dom Miguel o Direito, que tem a succeder a seu Augusto Pai na Corôa de Portugal: he necessario negar a existencia das Côrtes de Lamego, que dérão origem á Soberania, e Monarchia Portugueza, das Côrtes de Coimbra, das de Lisboa, e de todas quantas se ajuntárão legitimamente em Portugal, para poder controverter os principios, em que se fundárão as Côrtes de Lisboa congregadas legitimamente no anno

de 1828, para Assentarem em que a Successão do Senhor Dom João VI em estes Reinos de Portugal, e Algarves, e em todos os seus Estados, e Dominios estava em Direito devolvida a seu Segundo Filho o Senhor Dom MIGUEL: he necessario negar todos os factos, que a Historia conta acontecidos em todas as Questões de Successão ao Throno de Portugal; he preciso derrubar a Tradição Portugueza, amortecer a razão, finalmente tirar á luz a sua claridade, á evidencia a sua força, e ao Direito a sua rectidão, para poder vacillar hum só momento sobre a qual dos dous Filhos do Senhor Dom João VI pertence succeder-lhe na Corôa, que elle conservava nas ultimas horas da sua existencia, tendo-se alevantado outra Corôa nos seus Dominios, que elle não possuia, transmittindo-a a seu primeiro Filho, e aos que d'este descendessem. Pois que todas as Nações tem a sua peculiar Jurisprudencia, Tradição, e Razão por onde ellas se governão, a Nação Portugueza tem da mesma fórma a sua Jurisprudencia, a sua Tradição, a sua Razão, a sua Authoridade, (deixem-me assim dizer) os seus Concilios, a sua Theologia, e os seus Doutores, por onde ella se governa, dirige, e regula nas suas questões, dúvidas, e controversias. Pois a Nação Portugueza, unica arbitra das suas questões internas, como todas as Nações o são das suas, tem pronunciado como hum Artigo da sua Fé Politica, que o Senhor Dom MIGUEL he o Legitimo Successor do Senhor Dom João VI em estes Reinos, e Dominios, valendo-se da sua Jurisprudencia, Tradição, Razão, e Authoridade; e contra os que negarem estes principios tem fulminado aquelle anathema antigo, e commum nas Escholas Peripateticas — *Contra principia negantes fustibus est arguendum* — que vem a ser o argumento do Cacete, na verdade grande argumento para fazer metter a viola no sacco aos cégos cantadores da Soberania de Dom Pedro. Contra os que atacarem estes principios da Legitimidade do Senhor Dom MIGUEL, tem a Nação Portugueza decretado aquelle outro Canon — *Summa*, ou *ultima Regum ratio*; que vem a ser o canhão, ou as peças da artilheria, onde elle está gravado com muita razão, digão o que quizerem os malvados escarnecedores do Poder Real, porque os Reis quando são atacados, ou nos seus Direitos, ou nos Legitimos interesses dos seus Povos, justamente

recorrem ás armas, ou á guerra, que he o outro argumento, com que se desbaratão os injustos aggressores, os revolucionarios, os inimigos do Altar, e do Throno. São certamente o Cacete, e as Armas os dous argumentos mais fortes, com que se convencem, ou repellem, ou ao menos se fazem immudecer os adversarios da Legitimidade do Throno; e o ultimo d'elles, ou o *Summa Regum ratio*, de que hoje o Senhor Dom Miguel lança mão para se defender dos seus inimigos, não só está gravado nas peças da artilheria, como está esculpido em todos os peitos Portuguezes, que se expõe ás balas para defenderem a sua Religião, o seu Rei, e a si mesmos contra esses maniacos partidarios de Dom Pedro, que não pelejão por Deos, nem por ElRei, nem pela Lei, nem pela Razão, que tudo isto lhes falta; nem mesmo pelejão pelo interesse, que sendo este em todos os tempos passados o motôr de todas as discordias, e questões, hoje o substituio a rebelde profissão do Maçonismo, ou a céga paixão d'essa Seita, que não reconhece outros principios, nem outras doutrinas que as de cada hum obrar como quizer sem outra norma, que a das suas paixões. Mania fatal d'antes nunca vista! Delirio nunca imaginado entre os homens! Houverão Filosofos, que negárão a existencia da luz, e alguma razão tinhão, porque os cégos a não vêm! Outros negárão a existencia das côres, e quasi que dizião bem, porque ha muitos que as não conhecem! Outros disserão que não havia materia; e na verdade, ajuizando pelas suas cabeças, bem podião dizer que não havia senão fantasmas, ou ar, porque elles erão cabeças de vento! Outros pelo contrario sustentárão que não havia espiritos; e certamente, se todos os homens fossem tão materiaes como elles, poderão ser acreditados! Mas he impossivel recontar todos os delirios dos Filosofos, depois que o famoso Cartesio, ou Descartes, que foi o primeiro Filosofo, que nos dêo noticia dos Rosa-Cruz do Maçonismo, fez da Filosofia a sciencia de duvidar de tudo: fique-se esta historia para quando se tractar a Origem do Maçonismo. Todavia todos os delirios, todas as manias dos Filosofos, ou d'esses homens, a quem se lhes dêo essa alcunha, tinhão a sua razão, e mostravão os seus argumentos, capciosos sim, mas que por hum pouco deslumbravão. Porém as manias, os delirios dos Pedreiros, eu não sei que tenhão outra razão, outro prin-

cipio, ou fundamento que na falta de Cacete, ou de castigo, ou na tolerancia que se lhes tem dispensado por fatalidade, e desgraça da Religião, e da Sociedade. Mas eu me cinjo á materia do dia, e deixo todas estas cousas para o tempo, em que Dom Pedro conceda algum descanço á minha penna para fazer hum bom serviço aos que ainda não conhecem os Pedreiros Livres.

O Senhor Dom MIGUEL não he Legitimamente Rei de Portugal, dizem os Partidarios de Dom Pedro: E porque? Responde a canalha. Porque não quero. Pois toda essa he a sua razão? Vejão lá as Côrtes de Lamego, de Coimbra, de Lisboa, e de.... Vejão lá a Tradição Portugueza, vejão a Historia, vejão a Razão, vejão a Jurisprudencia, vejão.... Não queremos, responde a canalha, que o Senhor Dom MIGUEL seja Rei: esta he toda a nossa razão — Não queremos, porque não queremos — E porque he Rei o Senhor Dom Pedro? — Porque queremos, respondem os brutos. Ora, como toda a razão dos sectarios he — Queremos, porque queremos, e não queremos, porque não queremos — semelhantes ás creanças que não tem uso de razão, e áquellas mulheres, que não tem honra, pejo, nem vergonha, bem se deixa vêr que, no juizo d'elles, o Throno de Portugal veio a ser electivo, como querião o Palmella, e o Sub-serra que fosse, instando, atrevidos, que o Senhor Dom João VI assim o declarasse. Sim, querem que o Throno seja electivo, não electivo da razão, mais da paixão; escolha, não da honra, mas da trahição; eleição, não da Lei, mas do Maçonismo. Ora bem está: *elhas por elhas*, dizem os Hespanhoes: como o Throno de Portugal he electivo, segundo o sentir dos loucos, e desaforados Pedreiros, a Nação Portugueza já elegêo para seu Rei ao Senhor Dom MIGUEL. E agora que dizem estes Syllas da Revolução? Alguns dos que nos Tres Braços do Estado assignárão esta eleição, respondem que já mandárão comprimentar ao Senhor Dom Pedro, e lhe pedírão perdão protestando que fizerão aquella apostasia da Seita, por se acommodarem ás circumstancias; mas que, logo que elle appareça, passarão ás suas ordens, e serviço. Olhai lá Senhores Pedreiros encapotados! Se Dom Pedro apparece, o Clarim toca, dá signal á Cavallaria, capotes fóra, e espadas no cachaço: o Povo Portuguez defende o Seu Deos, o

Seu Rei Dom Miguel, e as suas fazendas, e vidas. Pouco importa que appareça o *Papão*: os Portuguezes não são creanças, que tenhão medo senão ao seu Deos verdadeiro, e ao seu Legitimo Rei: senão fosse este respeito, modo, e obediencia, já a máscara teria sido tirada a estes, que tem a Miguel na bôca, e a Pedro nas tripas, que pelas tripas, e das tripas lhe ha de sahir esta Figura, que apparece agora no Theatro como os moinhos de vento de Dom Quixote, para fazer rir a huma ametade do Mundo, e para fazer chorar aos que tem pena d'estas desgraças nunca esperadas na Augusta Dynastia de Bragança.

Mas Dom Pedro já cá está: posto fóra do Brasil sem mais ceremonia, que se fosse hum mariόla de páo, e corda, arrojado pelos Brasileiros como seu Tyranno, chamado á Europa pelos Pedreiros, porque só por esta fórma o podião elles separar da sua amada *Dulcinea del Toboso;* lá tão pequenino como a formiga, que desapparece contente de haver feito o seu celleiro, cá arrojando bravatas como hum Leão, que quer fazer prêsa no innocente Cordeiro, não sabendo que são invenciveis os Portuguezes, que o guardão, elle apparece no meio do circulo das discordias em París, onde he compadecido d'alguns, insultado de não poucos, e mofado de quasi todos; e como pássaro que, por ser d'arribação, não tem onde faça o seu ninho, assim manifesta a todo o Mundo os seus desastres, e desacertos. Eu referirei, e commentarei com dignidade o seu Manifesto; porque, quando se falla directamente a hum Principe posto em desgraça, mesmo inimigo que seja, pede o respeito á Cathegoria, de que descende, não lhe aggravar mais a sua afflicção, em quanto elle não vem directamente aggredir a Patria, que lho não merece, porque em esse caso as Leis da Guerra, o Direito da Defeza, a Razão do Estado prescrevem, o que se deve fazer com hum Principe inimigo — Ferros d'ElRei, onde o Principe aggressor não seja d'alguem mais visto, nem ouvido — Diz pois assim Dom Pedro no seu Manifesto = *Se o Imperador do Brasil, e Rei de Portugal tem até aqui guardado silencio, e não tem feito públicas applicações aos seus bons Primos, e dignos Amigos Sua Magestade Britannica, e ao Rei dos Francezes, por soccorros por sustentar as suas pertenções ao Throno de Portugal, era porque não queria declarar intem-*

pestivamente verdades, ou exprimir seus sinceros sentimentos sobre abdicações forçadas —.

Tal he o primeiro periodo do citado Manifesto assignado em París por Dom Pedro, o qual dá lugar a grandes observações dignas da attenção dos meus Leitores, e de todos os Soberanos Legitimos da Europa. Repito que eu sentirei muito faltar á dignidade do sujeito, e da materia; mas como o amor, que eu professo á verdade he mui forte, e o amor mais sério muitas vezes se desliza em gracejos, talvez eu escorregue em alguma das proposições bem contra o meu proposito, porque tambem o amor tem unhas, e dentes, e a satyra alguma outra vez faz mais forte a persuasão. Seis annos vão decorrendo depois da morte do Senhor Dom João VI, tempo em que em Portugal se suscitou á face do Mundo inteiro a Questão de qual de seus dous Filhos devia succeder-lhe no Throno de Portugal, unica parte dos seus Estados, que elle possuia, tendo permittido que da outra parte fizesse seu primeiro Filho huma Soberania independente, estranha, e perpetuamente separada da Monarchia Portugueza; e em todo este longo periodo de tempo, havendo-se huma grande parte do Exercito, e do Povo Portuguez declarado a favor dos Direitos do Senhor Dom Miguel, e por esta causa emigrando para Hespanha, rompendo as hostilidades com outra pequena parte dissidente, e fazendo hum Prostesto, que mettêo respeito a todos os Gabinetes da Europa; tendo o Exercito Portuguez á vóz do seu Augusto General o Senhor Dom Miguel; e o Povo a impulsos do seu brio, e fidelidade debellado a huma grossa, e ainda mais grosseira Facção, que se embuçava com o nome de Dom Pedro; lavrando-se aquelle immortal Assento dos Tres Braços do Estado, em que com tanta sabedoria, como com grande honra, foi declarado Rei o Senhor Dom Miguel; finalmente depois de tantos, e tantos milhares de actos, assim no interior, como no exterior, que todos comprovavão, e correboravão a Legitimidade do Senhor Dom Miguel em Rei de Portugal, tendo a tudo isto estado surdo, e mudo o Senhor Dom Pedro, como elle mesmo diz, podendo então na posse do Brasil reclamar o Throno de Portugal, sómente agora, agora, que a Grande Questão Portugueza sobre a Successão ao Throno, tocando o seu zenith, ia receber a Sancção Di-

plomatica de todos os Soberanos Legitimos da Europa no Reconhecimento do Senhor Dom Miguel, em Rei; agora, que Dom Pedro se acha affugentado, desterrado, e desapossado do Brasil, agora he que Dom Pedro faz hum Manifesto á Europa, e huma súpplica aos Governos da Inglaterra, e da França por soccorros, para sustentar as suas pertensões ao Throno: De que Nação? De Portugal! Admirem-se os meus Leitores; e abrão os olhos os Soberanos Legitimos da Europa. Como he, que Dom Pedro não supplíca soccorros, por sustentar seus Direitos, ou as suas pertenções ao Throno do Brasil? Acaso ainda Dom Pedro conserva a sua posse em aquelle Imperio, que elle abdicou? Se a Europa o Reconhecêo Imperador do Brasil, como he, que Dom Pedro não demanda soccorros, para metter na sua obediencia os Povos, que se lhe rebellárão depois de o haverem jurado, e alevantado por seu Imperador? Resolva-se o Problema: He verdade que Dom Pedro foi posto fóra do Brasil pelos Brasileiros, porque os Brasileiros o aborrecem de morte; mas tambem he verdade que Dom Pedro foi chamado á Europa por alguns Gabinetes, para com seu nome Revolucionarem não só a Portugal, como as Hespanhas, sob pretexto do apparatoso Titulo de Primogenito, e conseguintemente Successor do Senhor D. João VI, Rei, que muito tempo foi de Portugal, e do Brasil, mas do Brasil nunca Imperador; alliciando a Dom Pedro com as esperanças de retomar o Brasil á custa dos Portuguezes; e Dom Pedro sempre enganado pelos Pedreiros, e fazendo sempre a vontade aos Pedreiros, se expôz ao perigo de perder, como perdêo, o que tinha, não sendo capaz de lhe conservar o Brasil o seu honrado amigo, probo Cidadão, e Veneravel Pedreiro, José Bonifacio de Andrade; e expondo-se por outra parte o mesmo Dom Pedro a não podêr apossar-se, como de certo não apossará da Nação Portugueza. Porém, mesmo demandando Dom Pedro soccorros, para sustentar as suas pertenções ao Throno de Portugal, como os não demandou, antes que a doutrina dos Decretos do Senhor Dom Miguel á Corôa de seu Augusto Pai se convertesse em succo, e sangue da maioria Portugueza? Porque os não supplicou a seu bom Primo Carlos X, Primo mais propinquo, que Luiz Filippe, quando era Rei dos Francezes? Talvez aquelle Au-

gusto Soberano, muitas vezes mal aconselhado, e enganado podesse ser mais huma vez illudido com o apparatoso titulo da Primogenitura! Mas não julgárão então os Conselheiros de Dom Pedro ser boa occasião, para elle supplicar soccorros em tempos, em que os Pedreiros estiverão a baquear da sua prepotencia: agora, agora que o Maçonismo ergueo a sua centuplice cabeça, agora que a Hydra parece ameaçar por toda a parte, agora julgou Dom Pedro supplicar soccorros para sustentar injustas, illegaes, infundadas pertenções. Agora que todos os Revolucionarios levantárão o grito da Rebellião em todo o Meio dia da Europa, rompe com elles Dom Pedro o seu silencio, porque antes o faria intempestivamente, como elle mesmo diz. Mas como póde darlhe soccorros o Rei dos Francezes, sendo esse Rei escolhido por huma grande parte da Nação Franceza? Será Luiz Filippe incoherente comsigo mesmo, prestando soccorros contra o Senhor Dom Miguel, Rei tambem jurado, querido, amado, e declarado pela maior parte da Nação Portugueza? Eu ponho de parte por ora os Decretos de Luiz Filippe, e os Decretos do Senhor Dom Miguel; mas se a Lei he a expressão da vontade geral da Nação, e a vontade da Nação faz Reis, como dizem os Liberaes, certo he, não só que Luiz Filippe, Rei dos Francezes, e o seu Governo attendose aos principios, que tem proclamado, não só não dará soccorros a Dom Pedro contra o Senhor Dom Miguel, mas tambem he certo que Luiz Filippe, e o seu Governo, segundo os seus principios, deveria dar soccorros ao Senhor Dom Miguel contra Dom Pedro, tanto para sustentar os Thronos Electivos, como para sustentar a Lei dos Povos, ou a expressão da sua vontade geral. O mesmo Guilherme Rei dos Inglezes, e o seu Governo, seguindo os principios Liberaes, e mesmo olhando para traz sobre o Throno da Inglaterra, que só he hereditario de poucos annos a esta parte, não só não pódem dar soccorros a Dom Pedro contra o Senhor Dom Miguel, mas só a este Grande Rei deverião franquear-lhos, se Elle não tivesse de sobejo na fidelidade do seu Exercito, e no amor dos seus Povos, com que repellir a Aggressão d'hum Irmão, que não tem Direitos alguns ao Throno de Portugal, nem pelas Leis estabelecidas, nem pela vontade geral dos Portuguezes. Mas os meus Leitores que-

rem que se lhes falle na sua linguagem, que he a linguagem da verdade: digo pois que a honra, a boa fé, a probidade, o dever, a legitimidade, demandão de todos os Soberanos da Europa o não conceder soccorro algum, nem directo, nem indirecto, a Dom Pedro para sustentar as suas pertenções ao Throno de Portugal, de que a Lei o exclue, a sua vontade mesma o affastou, e sua conducta o torna indigno. Mas Dom Pedro, que ousa a supplicar, tem nos Gabinetes alguns fundamentos de esperar. E com que Direito? Com o apparatoso de Imperador, e Rei? Porém como se titula Elle Imperador do Brasil, depois que o abdicou? Ninguem se chama possuidor d'huma cousa, que renunciou: ninguem se diz herdeiro d'huma herança, que abdicou: ex-Imperador lhe chamão os Brasileiros; e Imperador sómente a seu Filho o abdicado: o Governo Imperial do Brasil já está Reconhecido de quasi todas as Nações, ao menos como hum Governo de Facto: Dom Pedro o chiquito já he Imperador do Brasil, ainda que elle não sabe que o he; mas pozerão-lhe essa alcunha, e ha-de roe-la, em quanto elles Revolucionarios assim o quizerem. Como pois Dom Pedro se chama a si mesmo Imperador do Brasil? E com que Direito se titula elle Rei de Portugal? Pois não foi a sua Filha reconhecida, ou quasi reconhecida como Rainha de Portugal pelo Gabinete de Londres, lá em hum dos seus dias de nevoeiro? Todos os Gabinetes Liberaes não estavão já quasi dispostos a hum semelhante Reconhecimento? Não protestou Dom Pedro mais d'huma vez, que elle nada queria de Portugal? Que a sua Patria, seu Throno era sómente no Brasil? Que inconseqencia he esta em hum Principe, que declara verdades, que exprime seus sinceros sentimentos a outros Soberanos, e que lhes supplíca soccorros? E consente o Gabinete de París, que hum Principe fóra do seu territorio tome Titulos, que elle mesmo abdicou, Titulos pelos que na mesma França já não era conhecido? Mas eu bem sei, que o Governo Francez não responde, nem compromette a sua boa fé pelos abusos da Liberdade do Prelo: eu mesmo podéra ahi titular-me Imperador do Brasil; e o Manifesto não correria, voaria como huma admiravel galantaria da loucura; eu seria admirado melhor, que D. Quixote, apellidando-se o Fidalgo da triste figura, pois que

ao menos seria o devertimento dos tagarellas das Revoluções. Diz Dom Pedro que vai agora exprimir verdades, e seus sinceros sentimentos. Agora a sinceridade, e a verdade. E antes? Eu o não digo, he elle mesmo; antes erão mentiras, trapaças, velhacarias, e duplicidades. Pois se antes Dom Pedro não foi verdadeiro, não foi sincero; se em seis annos, que tem decorrido depois da morte de seu Augusto Pai, não declarou a verdade, nem exprimio seus sinceros sentimentos, como elle mesmo diz, que Soberano, que Governo, que Gabinete, que Povo haverá na Europa, que agora o acredite, de que declara a verdade, de que exprime seus sinceros sentimentos?

Por ventura os Soberanos, os Gabinetes, os Governos, os Povos são como as creanças, a quem a cada instante com o-agora sim, agora sim? Agora sim, agora he certo que Dom Pedro, desdizendo-se, retractando-se, confessando que houverão tempos, em que não declarou as verdades, que não exprimio seus sinceros sentimentos, agora he certo que Dom Pedro se mettêo em ridiculo a si mesmo, se fez hum Principe nullo entre os Soberanos, o ludibrio dos Gabinetes, o entretenimento dos Governos, o desprezo dos Povos: agora sim, agora todos a huma voz pódem appellidar a Dom Pedro trapaceiro, e velhaco; e como quem foi sempre he, diz o rifão, facil he que jámais algum Soberano, Gabinete, Governo, ou Povo do mundo o acredite, o estime, o honre. Quando ouvírão os Seculos jámais fallar com esta indignidade a hum Principe de Sangue!!! Mas sobre que rodão essas verdades, que Dom Pedro vai declarar aos Soberanos, esses sinceros sentimentos, que vai exprimir? Sobre abdicações forçadas, diz o mesmo Dom Pedro, ou assim lho fez dizer, quem lhe apresentou o Papel para assignar. Pois foi forçada a abdicação, que fez do Throno de Portugal na Senhora D. Maria da Gloria sua Filha? Quem o forçou? Os Brasileiros, ou os Portuguezes? Os Portuguezes, não; porque elle nunca os ouvio, nem tomou seus conselhos: Os Brasileiros, menos; porque nunca lhes importou a Corôa de Portugal, depois que pela ambição de Dom Pedro se separarão da obediencia aos Senhores Reis Portuguezes. Ora tenho commentado o primeiro periodo do Manifesto do Senhor Dom Pedro; e continuarei para ainda elu-

cidar a Grande Questão Portugueza sobre a Successão ao Throno, ou antes a atróz Aggressão, que Dom Pedro pertende fazer á Nação Portugueza. Se eu redigisse o Manifesto de Dom Pedro, em breves, e verdadeiras proposições o redigiria por esta fórma. — Se algum Principe herdeiro d'huma grande Monarchia houve desgraçado nos Seculos passados, eu sou no presente huma viva lição para todos os Primogenitos, porque tudo perdi pelos meus extravios, e pelo meu genio: fiz-me Defensor Perpetuo, e Imperador do Brasil pela minha ambição, e por ella perdi a Corôa de Portugal: fiz-me Protector dos Pedreiros, e por amor d'elles perdi o Brasil, perdi a familia, perdi a honra, e sobre tudo perdi a virtude: Aprendão das minhas desgraças todos os Principes a seguir a virtude, a amar a paz, e a aborrecer a impiedade. — Tem razão; dirião os Soberanos, os Gabinetes, os Governos, e os Povos; Dom Pedro não teve juizo; compadeçâmo-nos da sua sórte, e ajudemo-lo a viver com decencia em huma situação, em que elle não possa mais ser nocivo a si mesmo, e aos outros. Praza aos Ceos, para bem da paz geral, que os Soberanos todos escutem este sentimento sincero de compaixão sobre hum Principe, a quem coube em partilha, não por herança, mas por máos conselhos, o crime, a infamia, e a desgraça: Mas seja elle só o desgraçado, e os homens todos virtuosos.

Rebordosa 10 de Janeiro de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1832.

Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.° 22.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

A grande Questão Portugueza sobre a Successão ao Throno.

QUANTO mais leio, e releio os Escriptos dos Revolucionarios, tanto mais acho n'elles de maldade, e de pouca vergonha. Não me arrasta a este modo de pensar a minha imaginação exaltada pelo odio, que desde a minha mocidade professo a todo o genero de innovações, e de invenções, assim Religiosas, como Politicas: vêm este meu pensamento d'huma seria meditação, e d'hum aturado estudo reflexivo sobre tudo, o que escrevêrão os Patriarchas da Revolução, e sobre o que hoje escrevem seus mais abalisados Discipulos: só o que eu escrevo não releio, nem leio; tanto os despreso, que, ordinariamente fallando, os tenho entregue ao fogo, depois que affugentei o criminal ocio ao seu trabalho; apenas estes apparecem ao público, porque assim se me disse, (e todos os dias se me diz em huma multidão de letras, que todos os dias recebo para gastar com o correio os duzentos, e tantos, que rende o meu Officio de Parocho Mercenario), que he necessario, e util; mas em tão máo conceito os tenho, que os entrego á Censura, sem me embaraçar de que

os comprima, ou extenda, porque em escrever não mereço nome, como o não merecem, ou muito máo essa chusma de Tabelliães do Crime, que escrevendo cada dia mais folhas, que o grande Tostado em hum anno, se tornão complices de tantos, quantos crimes tem ficado, e vão ficando impunes com escandalo dos bons, desenfreio dos máos, e prejuizo da Igreja, e do Estado. Só pois merecem a minha meditação os Escriptos dos Revolucionarios de grande lote; Rosseau, Voltaire, Diderot, D'Alembert, Gregoire..... antes d'elles, Hobbes, Baile, Lochio, Heinnecio, Puffendorfio.... mas não farei a enumeração d'esse grande exercito de bestas centipedes, para que se não diga, que eu tenho a sciencia d'aquelle celebre Livreiro em Lisboa, que he hum famoso Revolucionario, e igualmente ignorantão, por saber o A. B. C. de todos os Classicos da impiedade, com o que julgão alguns remendões do Maçonismo, que elle he algum Veneravel nas Lojas, não sendo senão hum simples varredor da segunda classe graduado na primeira. Hoje, como queria dizer, faço toda a minha lição no Manifesto de Dom Pedro, tanto assim, que abandonei o estudo do meu immortal Larraga, que he o Livro, de que não devem abrir mão huma boa parte dos Sacerdotes, que não entendem o Latim. Aquelle Manifesto não he obra d'algum Classico da Revolução; he d'hum rábula, e rábula Portuguez; mas como Dom Pedro assignou, figura-se-me ser a obra prima da Revolução, e assim o leio com avidez, e o medito com seriedade, enganando-me a mim mesmo com o Augusto Nome do assignante, como outra muita gente se engana quando, por exemplo, lê huma obra, que se diz ser escripta por Madama a Baroneza de.... ou por Madama a Marqueza de.... ou pela Senhora de.... sendo na verdade obra d'hum seu amazio, que pagou á Madama os seus immundos obsequios com a vaidade de a fazer Escriptora áquella, que apenas sabia responder a huma letra de amor; o que he moda mui usada em França, e na Italia, onde o incenso da vaidade substitue a falta de numerario, com que os Hespanhoes, e os Portuguezes recompensão ás suas Venus obsequios, e trabalhos, que em parte nenhuma tem sido almotaçados, ou taxados; podendo dizer-se das taes obras assignadas por Madama de.... e feitas por não se sabe quem, o que dizia o Filosofo Fran-

cez *Scipion Du Pleix* a respeito dos filhos: cada hum dos filhos póde saber facilmente, quem he sua Mãi; mas quem he seu Pai, he quasi impossivel, porque as mulheres só dizem o que lhes faz conta: isto escrevia aquelle Filosofo, passa de dous Seculos, e a França ainda respirava piedade, e bons costumes; porém nas Francezas deve este costume ser mais antigo, que os Bourbons, e nem por isso foi como elles desterrado. Mas seja quem for o Pai da creança, de que se assignou Dom Pedro por Pai adoptivo, como se assignára filho adoptivo do Brasil, eu tenho nas mãos este crioulo, e elle balbucea por esta fórma o segundo Periodo. Já os meus Leitores entendem, que fallo do Manifesto assignado por Dom Pedro: diz pois assim em continuação do que dicto, e analysado fica no antecedente Número. — *Elle* (Dom Pedro) *vio, que todas as suas representações particulares, ainda que em sua opinião mui justas, terião nenhum effeito sobre os animos d'aquelles, que são ainda assaz prejudicados para suppôr, que o Povo tem direito a ser ouvido sobre materias altas, e importantes, relativas á Successão hereditaria; porém quando o tempo tem descoberto, que todos os seus primeiros projectos tem falhado, e os Principes do Continente principião a estar cansados da confusão, e calamidades, a que as suas legitimas pertenções tem dado origem, e anciosamente desejão, que a ordem seja restabelecida; então he, que Sua M. I. e R. julgou do seu dever para com Deos, para comsigo mesmo, e para com a Princeza sua filha, que por hum novo arranjo feito em Londres he chamada a succeder-lhe, o obrigava a representar as justas queixas, e razões, que devem engaja-los a promover a sua Restauração.* —

Eis o confuso, e horrendo parto de Pandora. Os mesmos Revolucionarios já dão com a cabeça pelas paredes, não sabem ás quantas andão, nem o que dizem: huma verdade entre mil calumnias, hum bom pensamento entre mil desconcertos; elles não se nutrem senão de enganos; só contradicções os alimentão. As representações particulares de Dom Pedro a respeito do Throno de Portugal, em sua opinião mui justas, não terião outro caracter de justiça, que o que teve a sua desobediencia a seu Pai, e Rei, a sua rebellião contra a Patria, que lhe dêo o ser, a separação, e desmem-

bração, que fez da Colonia, e da Metropole, a elevação do Brasil á Soberania independente, e estranha de Portugal. He isto justo? Respondão todos os homens de bem: pois assim serião justas as suas representações sobre o Throno de Portugal; se isto he justo, mude-se já o nome á justiça, e chame-se-lhe usurpação, prepotencia, e injustiça. Diz Dom Pedro que o Povo não tem direito a ser ouvido sobre materias altas, e importantes, relativas á Successão hereditaria.. Esta proposição revoltaria a todos os Partidos existentes na Europa, se ella fosse adoptada: ella he anti-Constitucional, e anti-Realista; he offensiva da Soberania Real, e da Soberania Popular; injuriosa aos liberaes, e aos servís; contraria aos principios antigos, e aos modernos; não he já esta huma proposição proferida por algum Bachá, ou Califa do barbaro Egypto; não he huma sentença despotica dictada pelo Sultão de Constantinopla, ou pelo Miramolim da Persia: he huma proposição d'hum Revolucionario, que perdêo a cabeça; he d'hum desesperado que a torto, e direito quer salvar-se do abysmo, em que seus máos conselhos o despenhárão: eu não o sei dizer melhor. Realistas, e Constitucionaes da Europa! A'lerta! Se Dom Pedro pozer o pé em ramo verde, se elle dominar, o chicote, com que fustigou os Brasileiros, será agora huma vara de ferro, com que opprimirá a todos os Partidos! Mas não se diga que eu declamo aos dous Partidos por fazer o meu Partido, não dando provas convincentes de que a proposição de Dom Pedro he offensiva aos Direitos Reaes, e Nacionaes. Eu vou já á prova de que esta proposição derruba pelos alicerces todo o Edificio Liberal = A Soberania reside essencialmente em a Nação = A Nação he livre, e independente, e não póde ser Patrimonio de alguem = Todo o Cidadão tem direito a ser ouvido em tudo, o que diz respeito á Lei Fundamental do Estado, á sua Religião, e Governo, á sua Liberdade, ás suas Propriedades, e interesses, exercendo cada hum dos Cidadãos este direito por meio dos seus Representantes. Esta he a triplice alliança Liberal; são estes os seus principios, que elles reputão sagrados, e inviolaveis como a pedra triangular do Edificio Constitucional. Dom Pedro diz que o Povo não tem direito a ser ouvido em materias altas, e importantes, relativas á Sucessão hereditaria! Eis pois por terra a Soberania essencial da

Nação? Eis subjugada a Liberdade, e a Independencia Nacional! Eis tapada a bôca aos Cidadãos livres, escravisado o seu pensamento, pôsto a ferros o seu Governo Representativo! Eis finalmente a Nação convertida em Patrimonio da força, da usurpação, e da prepotencia! A quem senão á Nação pertence resolver as dúvidas sobre a Successão á Corôa? Constitucionaes! Vêde o que tendes escripto, o que tendes jurado, e o que promoveis se observe; e reconhecei que Dom Pedro, mesmo tomando o titulo de Principe Constitucional, he o vosso maior inimigo, he o vosso liberticida! Concordemos todos em que não he o genio da liberdade, que o inspira; he o genio do mal, he a loucura da ambição, he o desejo de escravisar os Partidos, que o alimenta, que o dirige: seus factos o comprovão; a sua bôca vem de arrotar o veneno, que seu coração trasborda. Os Brasileiros bem alto cantão o que elle foi: Dom Pedro, elle mesmo bem claro diz, o que pertende ser! A sua proposição pois está em diametral opposição com os primeiros principios Constitucionaes! Estai em guarda, Liberaes, que Dom Pedro vos faz tambem a guerra! Convencei-vos que eu não declamo em vão a favor da vossa Causa, ainda que a não sigo, porque a minha liberdade vem de outros principios! Mas eu provo tambem que a proposição de Dom Pedro offende aos que são adheridos á Soberania Real Absoluta, ou Livre.

Toda a Nação he livre do Rei, quando não tem Rei: he a dizer, quando a Successão Real falta, e pelas Leis Fundamentaes da mesma Nação não está designada, a que deva representá-la, seguí-la, ou substituí-la; a Nação póde então eleger-se Rei a seu aprazimento, e ninguem lho póde impôr senão por via de usurpação, prepotencia, ou conquista, que he titulo, que hoje não reconhecem as Nações civilisadas, e estabelecidas, e que somente servio de Direito lá em esses tempos de ferro, em que humas Nações andavão á porfia sobre qual havia de roubar mais, como acontecêo nos tempos dos Godos, Ostrogodos, Vandalos, Alanos, e Suevos, Povos que então vierão do Norte da Europa, aos quaes querem hoje, a meu vêr, substituir, e segundar os Povos do Meio dia, nos que vejo sahir de cada canto hum Genserico, hum Atila, hum Totila, e hum...., que assim se me representão todos esses, que aspirão ao Throno por meios, que lhes não

pertencem: encetou esta estrada da conquista o Soldado Napoleão, e hoje o querem imitar centenares de Napoleões, destinando-se para a conquista de Portugal, e da Hespanha o Senhor Dom Pedro, para a de....; para a de.....: mas eu só tracto da Defeza de Portugal: todavia direi de passagem, como gato que passa por brazas, que os Maçons do presente anno de 1832 não aspirão á Republica Universal, mas conspirão para substituir em todas as Nações, em vez dos Soberanos reconhecidos, Principes illegitimos, que deixem vogar o Maçonismo a seu bel prazer. Mas andem lá como quizerem as conspirações d'este Seculo, seus Auctores hão de concordar comigo em que as Nações, que não tem Rei, podem eleger-se Rei, ou Governo, que as dirija; e concordando em este principio hão de concordar tambem no seu immediato, secundario, derivado, e adjunto que, quando em alguma Nação se suscita dúvida de qual deve ser o seu Rei, ou porque o Throno he electivo, ou porque a Lei de Successão não está clara, ou porque o Rei que morrêo não nomeou Successor, ou porque a Successão ab intestato não tem vigôr, ou porque variárão essencialmente as circumstancias da Nação, ou porque a Nação não he a mesma, somente o Povo d'essa Nação tem direito a resolver essas dúvidas, ou, o que he ainda menos, tem direito a ser ouvido em estas altas, e importantes materias, ainda que ellas sejão relativas á Successão hereditaria. Pela existencia d'este segundo principio, emanado legitimamente do principio universal da liberdade, e independencia das Nações, estão todos os Povos livres, e independentes, a quem a Conquista, a força, e a prepotencia não tirou a sua natural, e legal liberdade. Assim são ouvidas as Confederações Germanicas, e os Principes Eleitores do Imperio da Austria nas materias relativas á Successão no Throno, representados, e ouvidos os seus Povos da maneira, que as Leis Fundamentaes, ou a Constituição Germanica determinão. Mas digão os Principes Eleitores do Imperio Germanico, e as suas Confederações, como procedem a respeito das Questões de Sucessão ao Throno: digão tambem os Estados da Italia, ou quaesquer outras Nações Trans-Alpinas; ellas todas conspirão em este universal testemunho de que os Povos são de qualquer maneira ouvidos nas materias altas, e importantes, concer-

nentes á Successão ao Throno, ou a Successão seja electiva, ou hereditaria. Em as Nações Cis-Alpinas, a França nas tres Raças ministra abundantes provas do direito, que o Povo tem a ser ouvido em estas altas, e importantes materias; e na quarta Raça, que he a de Orleans, a Nação Franceza mostrou que o Povo tem hum direito exclusivo a ser ouvido em estas materias: esta Raça, como he raça da Carta, colhe de meio a Dom Pedro, e a todos os Constitucionaes convence por hum argumento *ad hominem*, assim chamado pelos antigos Logicos, o qual hoje poderia tomar o nome de argumento *ad bestiam*. Para áquem dos Pyrinéos, a Hespanha por morte do seu Rei Carlos II, não obstante o seu Real Testamento, em que declarava succeder-lhe a Casa de Anjou por falta de Successão directa, mostrou que o seu Povo tem direito a ser ouvido em semelhantes materias, consultando sobre a Successão aos mais Sábios da sua Nação, entre os quaes se distinguio o Sábio Padre Mestre, e Doutor Penha Monge Benedictino no Real Mosteiro de S. Julião de Samos, e Gallego como eu, que dêo seu voto contra o Testamento pela Casa de Austria, e que ao depois passou a ser Arcebispo de Otranto, fazendo a força valer o Direito Testamentario. Portugal, que he o sujeito da Questão, o Paiz Classico da liberdade, em que o Povo exercêo todos os seus direitos debaixo do Governo dos seus Legitimos Reis, tem sido, não só sempre ouvido nas altas, e importantes materias relativas á Successão hereditaria do Throno, mas o Povo representado pelos seus Tres Braços, ou Estados foi sempre o unico, o exclusivo, o Vencedor arbitro, e Juiz d'estas Questões. Dom Pedro pois na sua proposição ataca o Direito consuetudinario de todas as Nações da Europa. Que pertende pois este mal aconselhado Principe, não querendo que o Povo seja ouvido nas materias de Successão? Quer que a guerra civil, que as armas decidão a Questão? Seja assim: já houve a guerra civil, e as armas decidírão em favor do Senhor Dom MIGUEL; as armas sustentadas pelo Direito, pela Fidelidade, pela Honra, pela Justiça, e pela Religião. Quer que Principes estranhos decidão esta Questão em seu favor? Com o mesmo Direito a poderião elles decidir em favor d'elles mesmos. Este Direito seria o da conquista, o da violencia, o da usurpação: este Direito não he

o principio regulador da Europa civilisada, nem dos Constitucionaes, nem dos Realistas: se este fosse o Direito, adeos paz, adeos segurança, adeos liberdade, adeos independencia! Nenhuma Nação repousaria sobre os seus eixos! Nenhum Soberano, nenhum Governo, nenhum Gabinete dormiria hum somno inteiro! Outra cousa não pertendem os Revolucionarios! A'lerta Soberanos, e Povos.

Mas não só Dom Pedro está em opposição com os principios Constitucionaes, e Realistas, elle tambem está em contradicção comsigo mesmo. Torne Dom Pedro a vêr o que assignou, a sua favorita, a Carta; que elle, como homem de bom sangue, devia vêr o que assignava, antes de assignar, que he o que todas as testemunhas de boa fé procurão fazer. Diz Dom Pedro no Artigo 1.° Titulo 1.° da sua Carta Constitucional, que no Brasil assignou, não forçado, mas livre, e livre enviou a Portugal = O Reino de Portugal he a associação politica de todos os Cidadãos Portuguezes. Elles formão huma Nação livre, e independente = Ora bem: veio á mão a segunda estocada, ou o segundo golpe da Carta, que he a arma, com que os Revolucionarios atirão á cara dos Portuguezes, e a que eu arrojo ao mesmo coração dos Revolucionarios: já os meus Leitores observão que me não esqueço do que lhes prometto. Se pois o Reino de Portugal he a associação politica de todos os Cidadãos Portuguezes, certo he que em esta associação não entra algum Cidadão Brasileiro, e conseguintemente nem o mesmo Dom Pedro, que a esse tempo era o primeiro Cidadão do Brasil: logo os Cidadãos Portuguezes por si sós formão huma Nação livre, e independente de Dom Pedro: logo o Povo Portuguez tem Direito, não só a ser ouvido sobre as altas materias da Successão, como a discutir, examinar, e julgar essas mesmas importantes materias, livre, e independentemente de Dom Pedro. Verdadeiramente que os Revolucionarios, *firmaverunt sibi sermonem nequam: foderunt foveam, et inciderunt in eam;* adoptárão a linguagem das contradicções, cahírão na côva, que havião cavado para os homens pacificos. Por este modo definem a Igreja os que n'ella não reconhecem o Summo Pontifice, ou os que julgão a Igreja superior ao Papa, livre, e independente do Papa. Seguindo este principio os Protestantes Anglicanos erguêrão

Cabeça, ou *Papa da sua Igreja* ao Rei! Assim procedêrão os Lutheranos, os Calvinistas, os Zuinglianos, os Buceristas, e todas essas Seitas, das que o Maçonismo tomou somente o que he péssimo, e insopportavel, e deixou o que he méramente máo, e ainda soffrivel! Logo a Nação Portugueza, ou o Reino de Portugal (e acabe-se d'huma vez com isto, porque dizem os meus Leitores que não convém gastar tanta cêra com ruins defunctos) he superior a Dom Pedro, segundo os principios assignados pelo mesmo Dom Pedro; ou, o que vale o mesmo, o Reino de Portugal, ou o Povo Portuguez tem Direito a julgar para comsigo mesmo a importante materia relativa a SuccESSão hereditaria contra as infundadas pertenções de Dom Pedro, e tem direito a ser ouvido, e attendido das outras Nações, ou Povos sobre esta alta materia, na qual se não tracta de outra cousa que da liberdade, e independencia dos Povos sobre os seus usurpadores. Logo Dom Pedro está em contradicção com os principios Liberaes, com os principios Realistas, e com os seus mesmos principios. Que Principe tão inconsequente! E he este, o que pertende governar Povos civilisados!!!

Diz Dom Pedro, que os Principes do Continente cançados de confusão, e calamidades, a que as suas legitimas pertenções tem dado origem, anciosamente desejão que a ordem seja restabelecida. Eis-aqui huma linguagem enigmatica propria dos Revolucionarios, com que fazem face aos dous Partidos, que agitão a Europa. Quaes são esses Principes do Continente cançados de confusão, e de calamidades, que anciosamente desejão que a ordem seja restabelecida? Será o Legitimo Rei dos Belgas desapossado do seu Throno? Será Nicoláo Imperador da Russia, e Rei da Polonia? Será Carles X desterrado da França? Será Fernando VII sempre molestado pelos Revolucionarios? Será o Senhor Dom MIGUEL PRIMEIRO perseguido sempre pelos inimigos da Legitimidade? Ou será...? Ou será....? Mas Dom Pedro não falla com a linguagem da franqueza propria d'hum Principe! Não he esta ainda a vez, em que elle exprima seus sinceros sentimentos! Os Principes Legitimos do Continente anciosamente desejão que a ordem seja restabelecida no mesmo estado, em que foi posta no anno de 1813! Que os Bourbons reinem! Que os Povos sejão obedientes aos seus Legitimos Im-

perantes! Que as Americas Hespanholas tornem a sujeitar-se ao Rei das Hespanhas! Que o Brasil seja outra vez unido ao Principe de Portugal, que não tenha fomentado a desunião entre a Metropole, e a Colonia! Esta he a ordem; e quem isto não quer, quer a desordem, a confusão, e as calamidades.

Mas em este estado de confusão quer Dom Pedro, por cumprir seu dever para com Deos, para comsigo mesmo, e para com a Princeza sua Filha, engajar os Principes a promover a sua Restauração! O dever de Dom Pedro para com Deos era reconhecer a Religião Apostolica Romana como unica verdadeira, como sempre, e exclusivamente foi reconhecida por todos os Portuguezes dos dous Hemisferios: e elle não o fez assim, declarando-se Protector de todos os Cultos, Seitas, opiniões, e costumes contrarios á mesma Sancta Religião! Seu dever para comsigo mesmo era obedecer a seu Pai, e Rei, amar os seus Povos, respeitar, e manter as Leis Fundamentaes da Monarchia: e elle não fez assim, desobedecendo a seu Pai, e Rei, perseguindo seus Povos, quebrando as Leis, que união, conservavão, e fazião respeitavel toda a Monarchia Portugueza! Seu dever para com a Princeza sua Filha era não fazê-la o ludibrio dos Partidos, educa-la como convinha ao seu nascimento, e proporcionar-lhe os seus destinos, como se proporcionão os de todas as Princezas da Familia: e elle não o fez assim, entregando-a á discrição d'huns poucos dissidentes da Nação Portugueza, nomeando-a Rainha intempestiva, e illegalmente; educando-a, não como Princeza, mas como huma Revolucionaria, apesar da sua innocencia!

Diz Dom Pedro que sua Filha, por hum novo arranjo feito em Londres, he chamada a succeder-lhe! Mas elle pertende a sua Restauração, não a de sua Filha! Pois já Dom Pedro resiste aos arranjos feitos em Londres? Olhai, Principe, que ides mal! O Gabinete de Londres he o arbitro dos arranjos do Throno dos Belgas, do Throno da Grecia, e agora, segundo vós, tambem o quer ser do Throno de Portugal, tendo-o sido antes do Throno do Brasil! E porque será isto? Será porque o Governo Inglez se julga com authoridade de mediar, e intervir em todas as Questões da Europa? E a Europa, ou os Principes do Continente em silencio!

Póde ser que o rompão huma vez, e por huma vez acabe a Farça! Acaso o Governo Francez dê huma lição ao Governo de Londres! Esperemos o tempo. Quanto a mim guardo silencio! Eu só sei que Fernando VII he Rei das Hespanhas, e que o Senhor Dom MIGUEL PRIMEIRO he Rei de Portugal, Algarves, e dos mais Estados e Dominios Portuguezes! Immudeço pois, ou por medo, ou por evitar censuras, como dizia o Grande Padre José Agostinho de Macedo! Eu vejo que o Governo Inglez, se algum Portuguez préga hum sôco ou huma cacetada a hum Inglez existente em este Reino, ou porque dêo com elle bebado, ou porque lhe requestava huma Menina de que já o Portuguez tinha posse, ou porque o Inglez lhe chamou Carcunda e Miguelista, logo se envia huma Esquadra, pede huma satisfação e demanda por cada cachação dado em Inglez dez contos de réis. Alto pois! Eu sou Hespanhol, e como lá se dizia — Com Rei, e Inquisicion Chiton — digo eu agora — Com París, e London, Chiton! Realistas Portuguezes! Não sejâmos grulhas, nem da grei, que teme o Papão! Viva ElRei Dom MIGUEL Absoluto — Viva Portugal livre — Viva a Sancta Religião — E acabou, ou morrêo aqui este Numero, porque nelle acabou, ou morrêo o segundo periodo do Manifesto de Dom Pedro, que não teme, ainda que invoca Inglaterra, França, e Religião! Portuguezes! A'lerta! Sêde Portuguezes!

Rebordosa 14 de Janeiro de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1832.

Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.° 23.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

A grande Questão Portugueza sobre a Successão ao Throno.

CONTÃO os eruditos nas Historias por grande cousa aquella praga, que as mesmas Historias, se he que ellas fallão verdade, dizem que Scipião, chamado o Africano, rogára a Roma sua Patria — Ingrata Patria! Não possuirás os meus ossos — Eu não nego a fé ás Historias; mas se hei de dizer, o que sinto, ainda que me tachem de atrevido, a todas as Historias Humanas dou o seu desconto, que he pouco menos que, o que os actuaes Cambistas de Portugal dão ao Papel Moeda; e se as Historias forem Republicanas, tenho de mim para mim que se ellas fossem descarnadas da força da parcialidade, com que seus Auctores as compozerão, ficarião em osso, que he a herança, que nos ficou de Roma em quanto foi Republica, pois que em osso deixárão as suas Legiões a todos os Povos, que senhoreárão, ou na Europa, ou na Africa. Tenho notado no vulgo dos Literatos hum excesso de admiração por todos esses homens, que na Republica fórão chamados grandes; e taes elogios lhes prodigalisárão estes dous Seculos, que fizerão subir de ponto a sua grandeza,

com o fim certamente de introduzirem o amor pelos Governos Republicanos, e do mesmo passo escurecerem as grandezas, as glorias, e os portentos dos Heroes da Religião Christã! Vejo na Arte Rhetorica, que de Quintiliano extrahio, e explicou o Portuguez Soares Barbosa, escripto por elle mesmo, que o Governo Monarchico he a causa da decadencia da Oratoria; e isto se escrevêo, e se consentio escripto em tempos, em que Portugal não havia ainda conhecido outro Governo, que o dos seus Reis: ainda hoje ensinão por esse Commentario de Soares Barbosa os Professores de Rhetorica, e por elle estudão os seus Alumnos; não he pois de estranhar muito, que entre elles sejão tantos os inimigos do Governo Monarchico, bebendo no berço dos seus estudos idéas tão oppostas a elle: por isso apparecêrão em Portugal depois da quéda do Governo Absoluto, assim na Revolução do anno de 1820, como na de 1826, tantos Bachareis, tantos Garrulos, ou Galradores, que vomitárão a Eloquencia em postas, ou no Salão das *Necedades*, ou em esse monturo de Periodicos, e Folhas volantes, que enchêrão o Mundo de baboseiras Oratorias. Eu não entendo de Rhetoricas, nem de outras letras, que as do meu Larraga; mas na fé do carvoeiro tenho a mais bem fundada esperança, de que as Artes, e Sciencias, que se estudão em Portugal, ou na Universidade, ou nas Aulas, ou nos Conventos vão a ser depuradas de todas as innovações do Seculo pela diligencia do Ill.mo e Ex.mo Frei Fortunato de S. Boaventura, a quem ElRei Nosso Senhor encarregou d'este árduo, e importantissimo cuidado: haverá escolha nos Mestres, nova fórma nos Estudos, mudança nos Livros; e os Portuguezes deverão aos talentos d'hum nobre Filho de S. Bernardo o tornarem a ser Sábios, e Virtuosos como fôrão seus Pais, e Avós, antes que se introduzisse a mania das modernices. Mas a formação d'este grande baluarte da Defeza de Portugal não me pertence a mim; basta-me só deseja-lo formado: eu vou ao meu caso de Scipião.

Dizem d'elle as Historias da Republica de Roma, que domára a Africa, vencêra a Asdrubal, aprisionára a Syfax, destruíra a Carthago, e que fizera outras mil cousas semelhantes a estas: sería assim; mas não póde consistir nisto a sua verdadeira grandeza, porque outros muitos fizerão outro

tanto, e mais, e em estes ultimos tempos houve hum Napoleão, que em vencer, em conquistar, em prender, em matar, em destruir; emfim, em acabar comtudo não houve quem o igualasse; e todavia não haverá hum só sensato, que diga que elle foi grande, senão grande ladrão, grande matador, grande velhaco, e grande capa de todos os ladrões, matadores, e velhacos. Acaso dirão que Scipião foi grande em se expatriar de Roma acoçado pelos seus emulos, talvez, ou porque não roubou para elles, ou porque roubou para si só, ou porque roubou pouco, e que a sua grandeza bem se deixa vêr no genero de vida, que adoptou retirado a Africa, trocando a espada pela enxada, os cavallos em bois, os fossos em aqueductos, os combates no cultivo, as victorias em colheitas? Eu não disputo a grandeza a Scipião, ou nos campos de Marte, ou nos de Ceres; mas se nestes segundos foi grande, vejo em tantos milhares de Soldados Portuguezes, que se expatriárão para a Hespanha no anno de 1827, outros tantos Scipiões, pois que, quanto os Commandantes dos Depositos lhes permittião, elles cultivavão os campos, pegavão do arado, e da enxada, plantavão arvores, cortavão matos, e fazião todos os mesteres da agricultura, e estes não por necessidade, mas por genio, e propensão, porque a Natureza fez os Portuguezes para a Agricultura, e para a Guerra; eu vejo em tantos Officiaes Portuguezes, que se expatriárão para a Hespanha no mesmo anno, outros melhores Scipiões, porque em lugar da espada manejavão a penna em favor do Seu Rei, e da Sua Patria, manejo com que desbaratárão todos os projectos, e esforços dos Revolucionarios, e firmárão na Europa a opinião, e verdadeira persuasão de que o Throno de Portugal pertencia, e pertence ao Senhor Dom Miguel, e de que a Soberania de Dom Pedro era somente obra da cabala dos apaixonados do Governo Representativo. Eu não trouxe aqui o caso de Scipião para fazer esta breve narração dos trabalhos, em que se empregárão os Portuguezes, em quanto estiverão na Hespanha, voluntariamente expatriados por sustentarem o seu Protesto contra a intrusão de Dom Pedro; nem eu uso de hyperboles estudadas para realçar seu merecimento; só digo, como testemunha presencial, que os Viscondes de Monte Alegre, e de Villa Garcia, a quem acompanhava o Impressor Joaquim

Maria Torres, hoje empregado na Secretaria das Justiças, consumírão mais de trinta resmas de papel em esta empreza de desbaratar os projectos dos Revolucionarios, e de firmar os seus Patricios na Lei da Successão ao Throno.

Mas seja grande o célebre Scipião, como querem os admiradores de todas as façanhas Republicanas: convenho n'essa sua grandeza; mas elle mesmo a accrescentou ainda mais n'aquella maledicencia —Ingrata Patria! — Não possuirás os meus ossos. Eu já ouvi repetir a mesma Sentença a hum Portuguez, indo da Hespanha para a França, accrescentando — Portugal não he digno de mim! Olhem lá o tôlo! Era este homem hum d'aquelles, que tem trinta caras, como bem os define o erudito, e nervoso Auctor da Contra-Mina, Periodico Moral, e Politico, que devêra ser lido, e estudado por todos os Portuguezes, depois do Cathecismo da Doutrina Christã, pois que elle o rechêa, como a todas as suas obras, que lhe dão hum nome immortal, e grande entre os verdadeiros Sábios Portuguezes, de verdadeiros Principios Religiosos, e Politicos: era, como ía dizendo, aquelle homem hum Classico entre os Revolucionarios do anno de 1820, hum ancião entre os Pedreiros, mais ancião na Seita do que eu na idade, e já tenho quarenta annos, e tantos mezes; homem célebre pelas suas hypocrisias Realistas no anno de 1823, finalmente hum trapaceiro de grande lote nos annos de 1826, e 1827, que mais d'huma vez tem merecido ser exaltado ao Patibulo; e este velhacarrão não duvidou na minha presença repetir aquella fanfarronada, ou *Scipionada* — Ingrata Patria! — Não possuirás meus ossos. Ora esta he a maior grandeza, a que póde subir a maledicencia, e só se lhe póde assemelhar aquella outra do mesmo Portuguez — Entre os Generaes modernos da Europa não conheço outro que se possa comparar comigo senão Turenna — Mas eu deixo a memoria das loucuras deste Portuguez, que jámais servio na Primeira Linha do Exercito, e que jámais acommettêo alguma empreza, pela qual não devesse ser imprensado no prélo do Carrasco, porque o homem agora vai vivendo, e convém deixar viver a quem vive, em quanto não passar para o catálogo dos mortos. Denostar a sua Patria, injuriar seus Patricios, fallar mal de quem lhe dèo o nascimento, e a educação, ralhar dos que o ajudárão a ser gente, só cabe na bôca d'hum

desalmado, d'hum furioso, ou d'hum ímpio, que não tem outra Patria, que as suas paixões. Quem fez grande a Scipião? Roma. Quem o fez o General? Quem lhe dêo gente, Cabos, e meios para vencer a Asdrubal? Roma. Como poderia Scipião ser » *Africano* » se não fossem os Romanos? Porque pois denostar assim a sua Patria? Embora n'ella tivesse inimigos, emulos, ou rivaes dos seus triumfos. Porém merecia a sua Patria o apodo de ingrata, por hum punhado de homens, que o não querião no meio d'elles? Não recearia Roma ser conquistada, e escravisada pelo mesmo, que escravisára, e conquistára a Africa? A maior grandeza do homem, que serve a sua Patria, he servi-la bem, e desinteressadamente: o verdadeiro premio do homem, que serve a sua Patria, he merecer o nome de que a servio bem; não pude nunca accommodar-me a que Scipião fosse grande, depois que li que elle fallára mal da sua Patria: esta maledicencia no meu conceito o fez mais pequeno que a hum Zoilo. Mas a arte de fallar mal da Patria he propria dos que perdêrão toda a esperança de jámais habitar na sua Patria. Eu não posso comparar Dom Pedro a Scipião nas suas conquistas, porque Dom Pedro não possue a arte de conquistar, não digo eu, Cidades, mas nem corações; nem o posso comparar a Scipião na vida, que este adoptou, de Lavrador, porque Dom Pedro desconhece todos os meios de se contentar com a sorte, que se preparou: em que eu o compáro a Scipião, e ainda o faço maior que elle, he na maledicencia, e igual na esperança de habitar na sua Patria, pois que nem Scipião nascido em Roma deixou de ser Africano, nem Dom Pedro nascido em Portugal deixa de ser Brasileiro, que he ainda peor que ser Africano, porque nunca a Africa commettêo as barbaridades, que hoje commette o Brasil. Outra grandeza na verdade não conheço em Dom Pedro, nem outra gloria, sem embargo de que na sua despedida do Brasil elle disse — Não quero senão gloria para mim —; sobre o que hum Vate Vimaranense, fez o seguinte

SONETO.

Com medo ao Páo Brasil ás trancas dando,
D'esmola n'hum barquinho conduzido;
E depois d'apupado, e bem corrido,
Andar Herculeas posses arrotando;

A todo o rico *fuire* ir offertando
Filha, joias, e Throno, que ha perdido,
A fim de ser de cobres soccorrido,
E mesmo o Altar de Christo hypothecando;

A' frente de bandidos ser primeiro
Em fazer de Piratas guerra infesta
Para os da trôlha alçar sobre o poleiro;

Mostrar-se ao Mundo em fim, na ôca tésta
Novo Quixote, andante Cavalleiro;
De Pedro tresloucado a gloria he esta.

Mas para provar que a gloria de Dom Pedro não consiste senão em maldizer da Patria, que lhe dêo o sangue, e o nascimento, defeito, que não podendo ser perdoavel em hum particular, he horroroso em hum Principe, vejão os meus Leitores o terceiro periodo do seu Manifesto á Europa — *Todo o Mundo sabe, e elle* (Pedro) *o tem muitas vezes declarado do Brasil, que seu Mano mais moço* (Terá elle outro mais velho? Porque não diria — o Filho segundo de meu Augusto Pai? — Eis o que he o Artecismo Revolucionario, que sempre diz, o que poucos entendem! (*foi posto, e ainda he sustentado sobre o Throno de Portugal* (E quem poz a Dom Pedro sobre o Throno do Brasil? Elle a si mesmo.) *por huma facção, não menos criminosa, e injusta*, (E foi virtuosa, e justa a Facção, que poz a Dom Pedro sobre o Throno do Brasil, vivendo ainda seu Pai? Os maledicentes nem huma só verdade sabem dizer!) *porque debaixo das suas Bandeiras está alistado todo o homem, que tem nota na sua Patria* (mas não he a de Maçon), *mas porque entrárão em huma combinação para o excluirem dos*

Direitos, a que tem (teve, mas não tem, nem já póde ter) *titulo por nascimento, por mêramente acceitar a Corôa de outro Reino*; (o Brasil não he outro Reino, senão depois que Dom Pedro o separou de Portugal: elle acceitando outra Corôa mostrou não querer a de Portugal:) *e esta Facção teria compassado o seu designio máo, e nefario*, (o designio da Nação Portugueza foi ser livre, e independente de outro Reino, como he o Brasil, ter hum Soberano Proprio, e Natural, como as suas Leis ordenão, e não mendigar a sua conservação d'hum Principe, que jámais procurou senão a sua ruina) *se os seus considerados Vassallos*, (Pois não são subditos, e concidadãos?) *Brasileiros sustentando firmemente as Leis Fundamentaes do Reino de Portugal*, (como podião elles sustentar as Leis de outro Reino, se o Imperio do Brasil não he o Reino de Portugal, depois que elles mesmos despedaçárão as Leis Fundamentaes de toda a Monarchia, quaes são a união, e sujeição de todas as Possessões da America ao hum só Rei, e este Portuguez?) *de que elles forão antigamente huma boa ametade*, (deixárão de o ser ha dez annos pelas intrigas das Facções Democraticas, em que o mesmo Dom Pedro foi, e ainda he enrodilhado) *mandando-o em tempo á Europa* (com que Dom Pedro he o moço de recados dos Brasileiros? Eis o que he hum Principe dominado pelos Pedreiros! Criado dos seus Criados!) *para reclamar o seu Direito de Nascença* (o Direito não provêm da Nascença; provêm da Lei.) *debaixo dos auspicios dos Principes Alliados, e Parentes*, (Os Soberanos não pódem interferir em os negocios internos d'huma Nação, se o Soberano d'esta não reclama a sua interferencia; e Dom Pedro jámais foi julgado huma hora Legitimo Soberano de Portugal, e sómente aventureiro aspirante á Soberania) *a quem elle póde segurar*, (Ainda Dom Pedro não dêo huma palavra, ou juramento que observasse, como se ha de mostrar; só se as suas palavras fôrem de não guardar palavra) *não obstante os esforços da cabala existente*. (Em a Europa não existe outra cabala, que a do Maçonismo; fóra d'ella todos os Povos são governados por Leis Públicas, e obedecem ás Legitimas Authoridades; mas a cabala Maçonica não faz esforços por sustentar a Dom Miguel, só pelo derrubar; e por empoleirar a Dom Pedro, he que ella faz esforços; po-

rém he já tarde; as trévas vão a desapparecer) *que se elles sómente o ajudão até o complemento das suas esperanças*, (este auxilio seria tão justo, como o que Napoleão concedia aos Povos Rebeldes; mas as Nações, prudenciando melhor a sua posição, assáz conhecem a necessidade de se conterem nos seus limites, para não serem transtornadas na sua marcha) *quaesquer que tenhão sido os seus erros no Brasil.* (Pois já dá a mão á palmatoria? Erros de dez annos, em que arruinou a prosperidade de Portugal, e do Brasil, e abalou a paz geral da Europa, não merecem perdão, mas prizão perpetua, porque a confissão julga-se dolosa: tres perjurios perdoou Jesus Christo a São Pedro: os perjurios de Dom Pedro são de dez annos; as Nações não pódem dar-lhe o *Parce*, sem que se tornem complices dos mesmos perjurios: Mas quanto os Pedreiros são vís nas suas confissões!) *elle subindo ao Throno de seus antigos Antecessores*, (O Throno dos seus antigos Antecessores he o de Portugal, e Algarves com todas as Possessões Ultramarinas, nas quaes se conta o Brasil: mas se elle se fez Imperador do Brasil separado de Portugal, como póde jámais subir ao Throno de seus antigos Antecessores? A cobra sahindo ao sol depois de pastar envenadas hervas, toda se mostra inchada; manhosa, despe a pelle do anno passado; mas a refulgente, com que apparece, ameaça igualmente a ruina dos que a mettem no seu seio. Se Dom Pedro despedaçou no Brasil o Throno de seus antepassados, como quer agora subir ao mesmo Throno? Quanto a ambição he inconsequente!) *Governará o seu Povo* (mas o seu Povo não he o Portuguez, porque Dom Pedro se declarou Brasileiro) *com tal moderação, e justiça* (se ha de ser a mesma justiça, e moderação, que usou nos dez annos, em que governou no Brasil, arrenego, e arrenegão todos os Europêos, que em essa Decada estiverão no Brasil) *que ganhará a affeição, e estima de todos os homens bons*, (só se por bons entende os Pedreiros Livres; mas a maior parte d'esses mesmos detesta a Dom Pedro por falto de caracter, e por déspota: falto de caracter, porque em lhe parecendo, que convêm aos seus desvairados fins o fazer-se Pedreiro, ou Athêo, ninguem mais Pedreiro, ou Athêo do que elle; e parecendo-lhe conveniente fazer-se, ou fingir-se Christão, he hum Santinho: déspota, porque em consequencia da mesma falta

de caracter, igualmente tracta, e estima o Pedreiro que o Christão: o chicote he o mimo de protecção, que a todos offerece) *e além d'isso recompensará os seus bons, e fiéis auxiliares com tudo, e todas as vantagens Politicas, e Commerciaes, que elles lhe queirão pedir.* (O pobre Principe promette, o que não tem, para ter alguma cousa: mas em se pilhando servido, a tudo falta segundo o seu costume. Mas com que vantagens Politicas, e Commerciaes, póde elle recompensar aos que tivessem a desgraça de o auxiliar? Elle tem huma sêde de ouro maior, e mais inextinguivel que a de Tantalo! Dos mesmos pobres, e esfarrapados procurava elle tirar partido no Brasil! A penna se esconde de vergonha de narrar as indignidades, que elle comettêo no Rio de Janeiro com as Classes mais indigentes; indignidades, não digo eu, improprias d'huma Pessoa Real, mas até vergonhosas, e ridiculas em qualquer homem, que vista casaca, ainda que sua não seja! Eu as occulto aos meus Leitores, por lhes não córar as faces, porque este desgraçado Principe nascêo Portuguez. Mas, pergunto outra vez: Que vantagens póde elle offerecer sobre Portugal, aos que o auxiliassem a subir ao Throno d'esta pobre Nação? Elle nem sobre ella poderia pagar as despezas da Campanha! Por outra parte os Povos Portuguezes se não prestarião a pagar-lhe, nem ainda as antigas contribuições, muito menos os novos, e exorbitantes impostos, com que elle vêm grava-los. Digo, com que elle vêm grava-los, porque tem destinado exigir dos Portuguezes seis Decimas sobre a Industria, e Agricultura, além dos bens do Clero Secular, e Regular, a quem pensa despojar de tudo. Estes projectos verdadeiramente treslouca-dos são impossiveis na execução: e dado caso, que fossem exequiveis, nem elles chegavão para pagar ás baionetas, que os havião de extorquir; nem mesmo que chegassem, d'elles verião as Nações, que auxiliassem a Dom Pedro, outra cousa, que vêr ao mesmo Dom Pedro empolgar, e absorver tudo, não sendo isso mesmo sufficiente para saciar a sua insaciavel fome de dinheiro. Nem se diga que eu em grande circuito de palavras avanço muito, para tornar a Dom Pedro hum Principe, que só quer riquezas para si, e conseguintemente de hum coração apoucado. Pergunte a Europa aos desgraçados Brasileiros: elles todos respondem. — Rou-

bou o Brasil. — Vejão senão as Nações que dinheiros, ou cabedaes empenhou o mesmo Dom Pedro, para se fazer com essas Fragatas, e com essa Gente de Guerra, com que pertende atacar a Nação Portugueza. Diga-o o seu esfarrapado Exercito da Ilha Terceira, que soccorros, ou em dinheiro, ou em fardamento tem recebido da liberalidade do Soberano, que acclamão. Na verdade toda essa Tropa Rebelde, como em outro assumpto cantou hum bom Portuguez.

Andão todos topecudos,
Ora em moleiras rapadas,
Já em pernas descarnadas,
Já feitos gallos calçudos.

Mas em fim Dom Pedro terminou já o terceiro Periodo do seu Manifesto, e eu devo deixar-me de longos parenthesis, para entrar seriamente na analyse da maledicencia, de que elle está recheado.

Diz Dom Pedro, que debaixo das Bandeiras de Sua Magestade o Senhor Dom Miguel está alistado todo o homem, que tem nota na sua Patria. E he com este sarcasmo, que Dom Pedro quer fazer sua a Nação Portugueza? Julga elle que os Portuguezes, como os outros Brasileiros, tem perdido o amor á honra, e ao bom nome, que se não sintão profundamente d'este insulto feito por hum Principe, que nascêo entre elles, e a quem elles respeitárão, amárão, e até chorárão nos seus extravios, e desgraças em quanto elle se não declarou publicamente inimigo d'elles? Tão certo he este amor, e respeito, que os mesmos emigrados na Hespanha perseguidos em seu nome jámais proferírão huma só palavra contra elle; citem senão os seus inimigos hum só Papel de tantos como os emigrados escrevêrão, e fizerão correr em Portugal, e em outras Nações, que contenha huma só proposição em mingua da pessoa, e dignidade de Dom Pedro. Quando os Brasileiros mandárão a Dom Pedro á Europa, eu mesmo, que tanto declamo agora contra elle, verti copiosas lagrimas pelo desacato, que se lhe fez lá no Brasil! Estes mesmos sentimentos de compaixão vi em todos os bons Portuguezes! Desgraçado Principe! Dizião elles, e dizia eu. Hum Filho do Senhor D. João VI, hum Irmão do Nosso

Rei, assim ultrajado, e despresado pelos Brasileiros! Se nos fosse possivel vinga-lo, o Brasil lavaria em rios de sangue o crime de Rebellião comettido a hum Principe da Casa de Bragança! E he assim como elle agora nos tracta? Não são mais ingratos os Tigres da Hyrcania: mais d'huma vez tenho dicto, que os Pedreiros são como os Leopardos, tanto mais crueis, [quanto mais são beneficiados. Comettêrão os Portuguezes algum crime em assentarem, que o Throno da sua Nação pertencia ao Senhor Dom Miguel? A Lei os determinou a isso: assim o entendêrão, e por isso assim o fizerão. Não foi o odio a Dom Pedro, que os estimulou a acclamarem Rei ao Senhor Dom Miguel; foi sim a necessidade de salvar a Monarchia, e mais que a necessidade foi a Lei, e Lei tão antiga como a Monarchia Portugueza; Lei sempre observada; por esta Lei está hoje no Throno de Portugal a Dynastia de Bragança. E atreve-se hum Principe á face de todas as Nações a dizer que tem nota, todos os que estão alistados debaixo das Bandeiras do Senhor Dom Miguel? Pois tambem tem nota os Duques seus Primos, tantos Marquezes, tantos Condes, tantos Titulares, e tantos Grandes de Portugal, que voluntariamente servem ao Senhor Dom Miguel? Que Principe provocou assim a toda a Nobreza d'huma Nação? Pois tem nota tantos Reverendos Bispos, e Prelados da Igreja Catholica, tantos, e tão distinctos, e virtuosos Individuos do Clero Secular, e Regular? Tambem tem nota tantos Doutores, e homens Formados em todas as Sciencias, tantos Portuguezes de todas as Classes, que voluntariamente servem ao Senhor Dom Miguel? Tambem tem nota tantos, e tantos milhares de Militares, que tem seus corpos crivados de balas pela Salvação da Patria, e pela conservação da Dynastia de Bragança? A moderação, o soffrimento, o respeito fogem do coração mais docil, vendo-se tão vil, e atrozmente insultada a Nobreza, a Virtude, a Sabedoria, e a Honra de todos, e de cada hum dos Portuguezes. Não sei que diques, e com que justiça, se possão oppôr á torrente impetuosa da mais justa vingança, quando assim se denigre a toda huma Nação, por seguir a sua Lei. E ainda haverá depois d'isto algum Gabinete, que ouse intervir a favor de Dom Pedro, para Reinar sobre Povos, a quem insulta? Muito melhor tractou Napoleão aos

Portuguezes quando pertendeo conquistá-los; ao menos prodigalisou-lhes elogios, e honras. Mas Dom Pedro arroja insultos, injurias, e infamias sobre huma Nação, que pertende dominar. Portuguezes de todas as Classes; a honra he a vossa principal paixão; vossos especiaes cuidados fôrão sempre o vosso bom nome: correi pois a desaffrontar-vos d'hum Principe, que vos injuría: ponde aos pés do vosso Rei, e Senhor Dom MIGUEL, as vossas fazendas, e as vossas vidas, que tudo isso sabeis vós desprezar; mas não desprezeis a vossa honra, e o vosso nome: até agora a Lei fez que excluisseis a Dom Pedro do Throno da vossa Nação; mas agora a vossa honra por elle atrozmente offendida á face de toda a Europa demanda de cada hum de vós, que o affasteis da vossa Patria, e de todas as vossas terras á face de toda a Europa, para que toda ella conheça, que se fosse possivel, que renunciasseis as vossas Leis, já não pode ser possivel, que renuncieis á vossa honra, e ao vosso nome: Vingai debaixo da obediencia ao vosso Legitimo Rei, e Senhor Dom MIGUEL, a vossa reputação, que o aventureiro competidor do melhor dos Soberanos tem ousado calumniar, a troco só de incensar a horrenda Seita, de quem confia. Portuguezes! Viva a Sancta Religião! Viva ElRei Absoluto Dom MIGUEL PRIMEIRO! Viva o Nome Portuguez sempre honrado nas quatro partes do Mundo! Morrão os inimigos da Nação Portugueza.

Rebordosa 26 de Janeiro de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1832.

Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 24.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

A grande Questão Portugueza sobre a Successão ao Throno.

Em Direito, assim Canonico, como Civil, o homem vicioso sempre se julga que posto nas mesmas circumstancias será vicioso no mesmo genero de vicio. Este juizo não toca só aos costumes Religiosos, tambem decide de outros quaesquer costumes; e se elle falha algumas vezes, ou porque a Graça Divina, pelo que pertence á Religião, destruio com força superior os máos habitos do coração, ou porque costumes contrarios, pelo que toca á ordem social, desarraigárão as anteriores propensões, todavia elle he infallivel quando o vicio he inveterado, e que elle lançando profundas raizes pelo decurso de muitos annos se convertêo em succo, e sangue, e formou-se huma quasi natureza. Eu não venho aos exemplos, porque não estou actualmente no exercicio de ensinar Ethica, ou Theologia Moral; tracto da Defeza de Portugal, e para isto basta saber, que hum Pedreiro antigo na Seita, por mais actos, visagens, ou caramunhas que faça de Christão, ou de Realista, deve ser julgado sempre que he Pedreiro, e que trabalha com affinco para a sua Seita, sempre que as circumstancias o favoreção, ou que elle entenda serem-lhe favoraveis. Assim vi eu a hum certo que reco-

lhando de Çamora para França, na Cidade de Victoria se lembrou de haver deixado em Çamora as suas Contas, ou Rosario no pé da cama, em que dormia, e as mandou pedir, como se não houvesse Rosarios em todas as Povoações da Hespanha, ou como se não podesse entrar em França sem aquelle signal de Christão, sendo elle Pedreiro. Se eu houvesse de apresentar casos semelhantes, como quem explica o Larraga, a quem não he capaz de outros conhecimentos, serião tantos, que d'elles bem se poderia formar huma Obra tão volumosa como a Enciclopedia: ha muitos Pedreiros entre nós, que ainda vivem, e vegetão com capa de Realistas; elles se confessão a miude, ouvem Missa todos os dias, frequentão muito algumas pessoas do Clero Regular, finalmente parecem huns Apostolos, e são huns Judas; lá nas suas Repartições, ou sejão de Fazenda, ou Civís, ou Militares fazem quanto podem por entorpecer o andamento do Governo Real: *à fructibus eorum cognoscetis eos:* veja-se, não o que elles dizem, mas o que elles fazem; veja-se o que elles disserão em outro tempo, e o que no mesmo tempo fizerão: são huns Demonios no seu coração. Quanto he desgraçado hum Rei que os não conhece! Verdade he que hum Grande Principe, algumas vezes lisongeando os mesmos Revolucionarios com Dignidades, interessando a outros com riquezas, empenhando a outros com elogios; humas vezes introduzindo entre elles o ciume, e a discordia para os dividir, e para inspirar-lhes o amor dos seus deveres; outras vezes fingindo que se confia d'elles, e que só d'elles precisa, repelle por esta fórma os movimentos dos mesmos Revolucionarios, confunde, e convence os seus mesmos inimigos, e extingue, ou evita o rompimento das erupções vulcanicas da Revolução!

Esta Politica he grande; varios Principes a seguírão, e fôrão felizes elles, e os seus governados. He este o systema de amalgamação, que os Revolucionarios tanto acclamão; e que muitos, que não são Revolucionarios, tem querido introduzir no andamento do Governo, como hum calmante das Revoluções. Porque o Governo de Portugal não tem adoptado esta marcha, se queixão d'elle os Governos da Inglaterra, e da França, sem embargo de que esses mesmos Governos.... Mas aqui eu mesmo faço pausa de silencio, marcando-o com huns pontinhos de reticencia, sendo a reticencia na Oratoria indice de grandes pensamentos; e a pausa de silencio na Musica despertadora de sublimes affectos. Essa

Politica, ou Systema de amalgamação, ou de amnistia, ou de esquecimento usado entre os antigos Gregos por Thrasibulo, entre os Romanos por Augusto, por Vespasiano, e por outros; entre os Francezes por Henrique IV; entre os Hespanhoes por Carlos V, e por Filippe V; entre os Portuguezes pelo Senhor Dom João IV; entre os Inglezes por ninguem, porque jámais o Governo Inglez se accommodou com seus inimigos, esse Systema perdêo a Luiz XVIII, e a Carlos X na França, e ao Senhor Dom João VI em Portugal. He Politica, que faz honra aos Principes, que a exercitárão; mas que desdoura aos Povos, que governárão; porque ha muitos, a quem perdoar; ha muitos defeitos, que emendar. Ditoso aquelle Soberano, que não tem Vassallo, a quem perdoe, e tem muitos, a quem premeie. Quando as Revoluções procedem de parcialidades, que agitão a cada hum sem combinação com os mais, segundo os interesses, em que se julga offendido, o systema de amalgamação, do modo que o tenho expendido, he honroso, he justo, e muitas vezes necessario para a conservação da Patria, e do Throno; dar de comer aos cães, para que não ladrem, ou ao menos, para que não mordão; ainda hum Affonso Rei de Castella disse que nem sempre haveria quem deitasse hum osso aos cães, porque ás vezes os descontentes, e os ambiciosos de nada se satisfazem, e n'esse caso, em lugar de osso convém páo, ou pedra. Mas quando as Revoluções procedem de combinações systematicas, quando ellas tem lançado raizes em huma Seita, ou Corporação, que tem por opinião, por doutrina, e principios, por voto, e juramento o desfazerem-se por toda a parte, e por todos os meios do Altar, e do Throno, em este caso o systema de amalgamação he pernicioso, he funesto, he ímpio, he radical, e essencialmente destructor da Monarchia, da Patria, e do Throno: não se póde verdadeiramente transigir com hum Pedreiro Livre, sem que ao mesmo tempo se faça a convenção de acabar tarde, ou cedo com a Religião, e com os Reis: jámais se póde aproveitar hum Pedreiro Livre para outra cousa, que para fazer d'elle cinza, em que se faça a barréla dos outros Pedreiros; porque esse Pedreiro, com quem se transige, tem feito juramento: 1.° de não perseguir os outros Pedreiros: 2.° de não descobrir a algum da sua Seita: 3.° de proteger os seus consocios, quanto lhe fôr possivel: 4.° de se reunir aos outros Pedreiros, e de os coadjuvar no projecto de acabarem com o Altar, e com o

Throno, quando as circumstancias forem favoraveis. Ora acommodem-se lá os Governos com estes Monstros, transijão com elles; e verão o bem parado. Hum Portuguez conheci eu, que se havia matriculado na Seita no anno de 1818; em hum certo tempo foi nomeado para hum grande Cargo pelo Governo Real; ora o homem parecia hum Realista chapado; mas apresenta-se huma conjuncção, que elle julgou favoravel á Seita, e eis que o diabo do homem atirava com o Throno de pernas para o ar, se nas mesmas vesperas da festa Maçonica não fosse demittido do Posto, que indevidamente occupava! Outro conheci eu, que se havia matriculado na Seita no anno de 1807; foi em hum certo tempo elevado a alto Emprego. Que homem tão cortezão, tão facil, tão comedido, tão accessivel, tão amavel para os Realistas! Parecia que o homem tinha huma alma grande: verdade he que d'este dizião alguns, que ametade era Realista, e ametade Pedreiro! Entendão-se lá com estas differenças, e acommodem-se com ellas! Eis vem huma Lua de Julho, cresce a maré, veleja o Maçonismo, o Gallo canta alto, e desde o seu poleiro de páo ameaça levar tudo debaixo das suas inchadas, e estendidas azas; e o meu Pedreiro, que pensava haver feito trinta e hum no jogo de enganar, de certo escangalhá o edificio da Realeza, se Deos não tivesse tomado por sua conta a Defeza de Portugal. Eu não cito datas, supprimo os nomes, espero pois que a Censura não supprima estas adivinhas, que ha de dar em que fallar. Não fallo d'outros Pedreiros ainda viventes, e vegetantes, por não ser cortado na marcha, que levo. Se Pedro, o protector dos Pedreiros desembarcar, monto a cavallo, toco o clarim, e então ninguem poderá impedir-me na velocidade do meu andamento, que eu diga aos meus Companheiros — Eis-aqui a Matricula dos Pedreiros — Aquelle he Pedreiro; fingio bem servir ao Senhor Dom João VI, e ao depois atraiçoou-o! Aquelle outro he Pedreiro; tem fingido bem servir ao Senhor Dom Miguel Primeiro, e agora descobre a sua trahição! Oh! Quanto he feliz a Nação Portugueza, se apparecer Dom Pedro! Esta he a desejada occasião de não ficar mais vivo hum Pedreiro, ainda que elle esteja no cume da Serra da Estrella! — Seja-me porém permittido fallar dos mortos, ainda que o não estejão naturalmente: hum só bastará por muitos. Saldanha será o retrato dos Condes, dos Marquezes, e de todos os mais Fidalgos, e não Fidalgos, (todos elles

Pedreiros) que andão por lá comendo queijos Londrinos, ou mammando leite de burras Francezas, ou nutrindo-se dos gafanhotos dos Açores. Saldanha era Pedreiro desde o tempo da Guerra Peninsular! Veio elle despachado para o Governo do Porto! E de tal modo governava, que parecia na Realeza hum segundo Marquez de Chaves! Elle enganou a todos os Realistas! Mas apparece a Carta, e Saldanha apparece o que era, hum Pedreiro, hum Monstro! Elle mesmo não duvidou dar-se a si no Theatro o —Viva quem enganou os Carcundas —! Ora, fiem-se lá n'elles! Tansijão com elles; empreguem-nos; elles darão o pago! *ex fructibus eorum cognoscetis eos;* pelo que fizerão, e pelo mesmo que fazem. Em o Theatro do Porto estive eu ao outro dia; e lá se tocava algumas vezes o Hymno Real: Eu, cuidando que estava em Lisboa, ponho-me em pé; mas todos se ficárão assentados! Assentados ao Hymno Real! E em occasião tão crítica como esta! Assim se promove o amor da Patria! Certamente lá devia estar algum Pedreiro mais velho, e matreiro que Fernandes Thomás! Mas eu deixo os Pedreiros vivos, e vou continuando na matraca. Hum que até agora declamou contra os Jesuitas, enchendo-os de apodos, de invectivas, e de calumnias, vomitando raiva, e rancor contra estes Sábios Religiosos, aos que a Europa, e as Partes civilisadas da Asia, da Africa, e da America deve desde o Seculo 16 tudo o que ainda se conserva de bom na Sociedade, mas que agora este mesmo parece ser hum acerrimo Defensor d'aquelle Nobre Instituto: Que direi que elle he? Será hum converso de coração, ou hum refinado hypocrita da Religião? Ora este he hum incidente só para provar que o diabo, ainda que se transforme algumas vezes em Anjo de luz, he sempre o diabo; e hum Pedreiro, ainda que algum tempo pareça ser hum affervorado Realista, he sempre o mesmo Pedreiro: se a regra tem excepções, he necessario que ellas sejão tão evidentes, e tão confirmadas por huma aturada experiencia, como a mesma regra. Em quanto os Jesuitas existírão, não havia que temer dos Pedreiros, antes os Pedreiros tinhão muito a temer; logo que os Jesuitas deixárão de existir, os Pedreiros fôrão temiveis, porque não houve quem impedisse as doutrinas da Seita com tanta efficacia, nem quem com tanta facilidade descobrisse todas as trêtas, fallacias, argucias, e sofistarias do Maçonismo. Os Pedreiros são sempre mentirosos, embusteiros, enganadores, e trapaceiros. A este

fito venho eu desde o principio. O que mente huma vez, não póde ser acreditado sem grave receio, ainda que outra vez falle verdade, porque não he facil saber, se elle quererá deixar de mentir. Mas quem mente sempre; como se póde conceber que elle não minta alguma vez? Elle mesmo se não póde lembrar de que mentio, porque somente se lembra alguem do que faz, quando isso que faz, o faz poucas vezes. Certamente quando S. Jeronymo escrevêo — *Mentientem oportet semper esse memorem* —, fallava d'aquelle, que mentia alguma outra vez, porque elle para ser consequente, ou para não ser apanhado em mentira, deve estar sempre lembrado, do que disse, a fim de sempre dizer o mesmo. Mas o que mente sempre, o que mente por systema, nem póde, nem carece de se lembrar de que mentio, nem de quando, nem sobre que; porque, como o seu caracter he o de mentir, nunca poderá ser tido por inconsequente, a não ser que alguma vez se lhes escapasse alguma verdade, sem querer. Porém este caracter de mentir sempre, ou este systema de mentiras, que fórma no homem huma segunda natureza, não houve Filosofo, que o concebesse possivel ao homem, não havendo Filosofo algum, que não concebesse algum absurdo, nem podia caber na mais vasta fantasia; porque elle he contrario á Natureza, a qual tem hum caracter eterno de verdade; e o que he contrario á Natureza não subsiste, porque a mesma Natureza o destroe, e anniquila. Mas apparecêrão no Mundo os Pedreiros, e eis a Natureza destruida! *Calumniare, calumniare semper aliquid hœret:* Mente, remente, e tresmente sempre, porque sempre se acredita alguma cousa do que se diz. Logo que os Pedreiros se formárão em Corporação, e esta Corporação realmente existe, e tão vasta como he em toda, e qualquer parte do Mundo, em que existão Pedreiros, ligados entre si mutuamente pela immensa cadêa de mentiras, de enganos, de embustes, e de trapaças, logo se reduzio a huma méra abstracção aquelle principio de eterna verdade, que escrevêo Plinio—*Nemo omnes fefellit—Neminem omnes fefellerunt*—, que vem a dizer na minha versão: he impossivel que hum só engane a todos: não póde ser que todos se conspirem para enganarem a alguem; pois que na verdade todos sabem que todos os Pedreiros se tem conspirado para enganar a qualquer, não conhecendo eu de tantos Pedreiros, como conheço, hum só, que não engane, hum só que não minta, que não calumnie. Já me não admiro que

hum engane a outro alguma vez, porque isso succede quasi todas as horas do dia; o de que me admiro he que hum engane sempre a outro; mas ainda assim, isso mesmo succede alguma vez, porque ha homens essencialmente velhacos, e ha outros essencialmente tôlos. Já tambem me não admiro, depois que existem Pedreiros em grande número, que todos elles se conspirem em enganar a alguem; porque o caracter essencial dos Pedreiros he mentir, he enganar: mas o que eu suppunha impossivel he que hum só Pedreiro fosse capaz de enganar a muitos, ou a todos; e de que os engane sempre, de que todos sempre o acreditem, isso supponho eu ainda mais impossivel, porque tenho para mim que a estupidez não entra na essencial composição do homem. Todavia destes dous impossiveis, o primeiro vejo eu desfeito; e, se por minha desgraça chego a vèr tambem desfeito o segundo, vou a definir o homem d'huma maneira original, e vem a ser esta — O homem, ao menos em alguns Paizes, e em alguns tempos, he hum animal *irracional*, indocil, incapaz de juizo, e de conselho, a quem nem mesmo a experiencia de seus males faz avisado, e acautelado — Mas eu vou mostrar desfeito o primeiro impossivel; e para que o segundo jámais possa desfazer-se, offerecerei o quarto periodo do Manifesto de Dom Pedro.

Primeiro impossivel desfeito. Ou hum Pedreiro he capaz de enganar a todos, ao menos em quanto elles não souberem que he Pedreiro. Ora eu não sei com certeza se Dom Pedro he Pedreiro; mas elle já disse que o era: — Eu sou Maçon —, e seu nome está na cabeça do Grande Oriente Anglo-Brasileiro: se Dom Pedro mentio, *ipse videat*, lá elle o sabe; e se os Pedreiros o mettêrão no Rol, queixe-se dos seus amigos. Mas o que eu sei com certeza he que Dom Pedro tem enganado a todo o Mundo; a seu Rei e Pai; aos Portuguezes; aos Brasileiros; aos Inglezes; aos Francezes; aos Austriacos; aos Hespanhoes; e por fim a si mesmo se enganou; porque tambem os homens de má fé se mentem a si mesmos. Eu vou ás provas analyticamente, mas com rapidez. Em Carta escripta por elle a seu Augusto Pai no Rio de Janeiro aos 8 de Junho de 1821. — Disse qué elle jurára *in totum* por sua vontade a Constituição de Portugal, tal qual as Côrtes a fizessem — e ao depois violou *in totum*, por sua vontade, este juramento. Em outra letra de 17 de Julho do mesmo anno asseverava elle ao mesmo Augusto Pai que

não faria mudança alguma sem a sua vontade; e depois mudou tudo, não só sem consultar a sua vontade, mas contrariando-a. Em outra letra de 18 de Julho do mesmo anno felicitava a seu Pai de que a Séde da Monarchia revertesse a Lisboa, seu primitivo e antiquissimo berço, e lhe pede o dispense do Emprego de Governador do Brasil — e depois pertendêo fixar no Rio de Janeiro a Séde de toda a Monarchia, e não quer deixar o Brasil, sendo mandado regressar á Europa. Em outra de 4 de Outubro do mesmo anno dizia. — *Querião-me e dizem que me querem acclamar Imperador; protesto a Vossa Magestade, que nunca serei perjuro, que nunca lhe serei falso, e que elles farão essa loucura, mas será depois de eu, e todos os Portuguezes estarem feitos em postas; he o que juro a Vossa Magestade, escrevendo n'esta com o meu sangue estas seguintes palavras, juro ser sempre fiel a Vossa Magestade e á Nação, e á Constituição Portugueza*, e depois de tudo isto foi falso, foi perjuro, foi infiel a ElRei, á Nação, e á Constituição Portugueza, tendo feito em postas, ou posto em retalhos as Tropas Portuguezas!!! Em letra de 9 do mesmo mez, e anno diz, que o socego do Brasil se deve á Tropa Portugueza — e depois pôz fóra do Brasil a mesma Tropa, arguindo-a de motora de discordias! — Em outra letra de 10 de Dezembro do mesmo anno, diz que vai partir já do Brasil para a Europa — e depois não quiz partir! Outro tanto repete em outra de 14 do mesmo mez e anno, accrescentando que vai obedecer, ainda que perca a vida, porque assim o pedia a sua honra e obrigação — e depois falta á sua obrigação e perde a sua honra!!! Em todas as suas letras do anno de 1822 diz que só trabalhava pela união dos dous Hemisferios — e depois não forcejou por outra cousa, que pela sua separação! Depois de todas estas mentiras, enganos, trapaças, falsidades, perjurios e infidelidades, he por demais citar todas as suas outras letras, como tambem fazer alguma enarração dos escandalosos procedimentos, e hostilidades, que Dom Pedro usou com seu Augusto Pai e Rei, com o Exercito Portuguez e com a Nação Portugueza! E he possivel que todos fossem enganados, assim Realistas, como Constitucionaes? E foi Dom Pedro capaz de ser infiel, de ser perjuro, de enganar a todos? Eis pois o primeiro impossivel desfeito. Como Dom Pedro enganou a todos os Brasileiros, digão-no todos elles; prometteo-lhes liberdade, e tu-

do foi despotismo; tranquillidades, e tudo forão discordias, prosperidade, e tudo foi dilapidação, e desgraça; de maneira, que no Brasil lhe chamão o Pedro das *malas artes*. Digão os Inglezes a boa fé, com que Dom Pedro se houve com elles a respeito dos seus Emprestimos, e do seu Commercio; os Francezes a palavra, que elle lhes guardou nos seus Tractados; os Austriacos a correspondencia, e respeito, que elle teve aos laços da sua Familia. Pois tanta gente enganada por Dom Pedro? Parece hum impossivel; mas elle he hum facto, que não tem primeiro nos Seculos passados, desde que as Historias Verdadeiras fallão; pois as Fabulosas algum simil apresentão.

E será tambem desfeito o segundo impossivel? Ou será possivel que tantas gentes, e tantas Nações, deixando de proposito a Hespanhola, que mui pouco se confiou jámais de Dom Pedro, tornem a ser de novo enganadas? Veremos: a França, e a Inglaterra, como no jogo dos enganos não costumão a perder, parece querem consentir no engano, tractando, ouvindo, e confiando d'hum Principe, que póde subministrar-lhes materia para mais huma tragi-comedia, de que tirem alguns chelins, ou alguns francos. Mas eu não escrevo para desenganar a essas gentes, que presão de avisadas, o que me parece quer dizer, que presão de ter duas caras, e conseguintemente mais olhos de vêr, que a gente Portugueza, a qual não tem mais d'huma cara. Para estes pois he que escrevo, e a elles pergunto: Póde ainda Dom Pedro enganar-vos com as suas palavras, depois de tantas peças como vos tem feito? Ainda vos acreditareis nas suas promessas? Mas eis que largo a penna para vêr as letras, que me traz o Correio de Lisboa; vejo huma que diz — Escreve muito forte: póde ahi ser assasinado pelos Pedreiros; venha para Lisboa, se assim ha de escrever, que cá está mais seguro. — Não acredito o aviso, nem o receio: quando o Clarim dêo o primeiro toque no anno de 1828, tambem hum Militar valente me disse. — Acautele-se, que lhe quebrão a cára atraz de qualquer esquina. — Eu estive em Lisboa até Maio de 1830, fallei sempre a verdade núa, e crúa, e ninguem me quebrou a cára atraz d'alguma esquina, tendo eu quebrado de dia, e de noite todas as esquinas de todas as ruas, e becos de Lisboa. Tambem hoje não temo; porque a respeito da minha vida estou fatalista. Como pois não temo das bravatas dos Pedreiros, tambem não temo dos ameaços,

nem me acredito das promessas de Dom Pedro: pensem assim todos os Portuguezes, e não creião no Papão. Ora ahi vai o que elle promette, e o que elle ameaça no IV. Periodo do seu Manifesto.

Seu primeiro passo (de Dom Pedro) *será de perdoar a todos aquelles, que tem sido contra elle* (Oh! Clementissima Raposa!) *no Reinado de seu Irmão, e se tem esforçado para o excluir da Successão*, (não fizerão algum esforço: a Lei falla bem claro, e pela Lei forcejão elles) *querendo sómente conferir os Lugares, que elles occupão*, (Olha que perdão! Dar de comer aos Pedreiros; e aos Realistas sebo! Se a maioria da Nação he de Empregados ou Civís, ou Ecclesiasticos, ou Militares, temos que só ha pão, para os que estão nos Açores! Mas aprendão os Governos Absolutos, e os Povos o que he huma Amnistia na bôca d'hum Principe Constitucional!) *a pessoas da sua escolha, porque a cabala*, (cabala he a de Dom Pedro, e cavallos são todos os que tem debaixo das suas Bandeiras) *executou seus máos designios* (máos, por serem oppostos á Seita) *contra as Leis das Nações*, (a primeira Lei das Nações he a Independencia d'hum Principe Usurpador) *derrubou estas instituições ordenadas por elle*, (quem lhe dêo poder para legislar a Povos, de que se separou? E ainda que seus fossem; com que authoridade annullava as instituições antigas da Monarchia, sem a observancia das quaes não podia Reinar?), *e actualmente tractárão o Primogenito do seu Defuncto Soberano*, (Primogenito do Senhor D. João na qualidade de Pai, sim; Primogenito do Senhor D. João VI, na qualidade de Rei, não; Primogenito do Brasil, sim; Primogenito da Nação Portugueza, não.) (*Paz seja a sua alma*) (seja! Que nesta vida só Napoleão I.°, e Pedro I.° lhe fizerão guerra) *como se tivesse sido hum inimigo declarado*, (ninguem mais, nem mais cruel, nem mais atroz, nem mais injusto: fallão as Barras, e as Praças do Rio de Janeiro, de Pernambuco, e da Bahia) *sem que qualquer declaração precedesse*, (Pois forão tão poucas, e tão pouco solemnes, e ruidosas! Queria ser avisado antes? Ou queria que se lhe pedisse licença? Como se houve elle com seu Pai, e com a Nação Portugueza? Pois a Nação Portugueza não lhe devia a menor obrigação) *contendo o menor pretexto, que podesse justificar hum proceder tão contrario á equidade*, (Queria satisfações? Quaes forão, as que elle dêo a seu Pai, e á Nação Portugueza? As

d'elle forão á moda de filho desobediente; as de Portugal ao uso d'huma Nação livre) *e respeito que as Testas Coroadas se devem reciprocamente.* (Qual foi o respeito, que elle teve a seu Pai coroado legitimamente Rei de Portugal, é Algarves, e de todas as Possessões Ultramarinas? Se todo o Soberano representa a Nação, e conseguintemente o Senhor D. João VI representava a Nação Portugueza, não lhe tendo Dom Pedro guardado respeito algum; que respeito reciproco esperava elle, ou devia esperar da Nação Portugueza? Em Direito devia ser logo atacado como hum Aggressor, e hum Intruso na ametade da Monarchia; mas a Nação Portugueza teve respeito á Diplomacia, que havia reconhecido a Corôa Brasileira; do contrario he cousa bem sabida em todo o Mundo, que a maior Parte dos Portuguezes, d'esses mesmos, que se dizem naturalisados no Brasil, anhelão que se una a Monarchia, e suspirão que o Senhor Dom Miguel seja o Rei do Reino Unido de Portugal, Brasil, e Algarves, como o havia sido seu Augusto Pai: acabo de vêr estes desejos expressados em huma Carta Escripta por hum Coronel Portuguez, que faz Serviço no Exercito do Brasil, onde está ha muitos annos casado, com filhos, e rico). Mas basta de parenthesis: venha a Analyse das promessas, e dos ameaços.

Promette Dom Pedro perdoar, e ameaça de desempregar, e de conferir os Empregos a pessoas da sua escolha. E quem póde acreditar em hum perdão, que ha de ser executado por pessoas da sua escolha? Ainda que o genio de Dom Pedro, mais cruel que outro de seu nome, que foi chamado o crú, não fosse o do chicote, e o do ferro, como attestão todos os Brasileiros, poderia elle conter os empregados da sua escolha, todos sanguinarios, e virulentos, que não cevassem a sua vingança, e a sua furiosa paixão sobre homens, que os desbaratárão, que os affugentárão, que os confinárão para huma rocha, posta sobre o embravescido Oceano? E que outra cousa he desempregar, os que servírão ao Senhor Dom Miguel, senão mettê-los debaixo dos pés, torná-los escravos, e victimas dos empregados de Dom Pedro? Portuguezes honrados! Em esse caso a Deos fortunas, a Deos subsistencia, a Deos regalias, e Privilegios, a Deos honras, e Mercês, a Deos familias, a Deos vidas! Antes ser Governados pelo Sultão de Constantinopla, salva a Religião que elle tolera, que ser Vassallos do Pedro do Brasil, não havendo com elle honra, que elle não quer, fortunas, que elle per-

segue, familias, que elle degrada, vidas, que elle aborrece. Religião, da qual elle se não importa. Portuguezes! Tracta-se da vossa sórte! Escolhei! Ou MIGUEL Rei, ou a infamia, e a morte. — Mas a escolha está feita! Os Portuguezes sempre briosos zombão das promessas de Pedro inimigo! Os Portuguezes corajosos não temem os ameaços de Pedro Aggressor! Todavia este modo, que Dom Pedro tomou de se fazer com a Nação Portugueza, e de pedir auxilios para elle a dominar, me parece em termos semelhante, ao que por estas Aldêas usão alguns Vadios, que armados da sua roçadoura fouce, e da sua remendada carapuça cobertos, vão ás estradas públicas, e encontrando algum passageiro, lhe dizem. — Huma esmola, e se não.... — Responde-lhes o passageiro. — E se não que? Pois pede, e ameaça? Desembainha a espada o passageiro, e o pobre moinante fóge! Assim, Portuguezes! Não vos amedronteis! Mão ás Armas! Correi sobre o inimigo, que elle não tem senão fóme, e mêdo. Mas a este passo chegava eu, e, porque já o tenho repetido, retiro-me, dando aos meus Leitores, pela primeira vez, as seguintes noticias, que me forão enviadas de París, e de Londres, e vindo d'ahi são verdadeiras, *já se sabe*.

O Principe Dom Pedro teve huma repetição da acostumada apoplexia, logo que lhe constou que Luiz Filippe d'Orleans pedia a sua Demissão de Rei dos Francezes, porque entendêo que o Throno dos Usurpadores não dura tanto, como o dos Soberanos Legitimos. Salmon na Hespanha, logo que recebêo esta noticia da Demissão de Luiz Filippe, disse que nada mais queria saber d'este Mundo, e se retirou para o outro. Lord Grey na Inglaterra disse que estava prestes a dar a sua Demissão, para que houvesse paz no Mundo. O Ceo quer mostrar no anno de 1832, que elle tem debaixo da sua Protecção a Sancta Igreja Romana, e a todas as Nações, que a seguem. Estas Noticias são fidedignas, e o tempo o fará vêr aos meus Leitores.

Rebordosa 31 de Janeiro de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1832.
Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 25.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

A grande Questão Portugueza sobre a Successão ao Throno.

Só depois do estabelecimento do Maçonismo em numerosas Lojas he que se introduzio no Seculo a mania geral, ou epidemica de ralhar de tudo, de fallar sempre mal de todas as cousas, de alevantar aleives, e calumnias a quaesquer, de publicar defeitos, que deverão estar sempre occultos, e de exaggerar ao infinito os mesmos defeitos. Esta mania he systematica, e ella he o principio, ou alicerce de todas as Revoluções: verdade he que já d'antes o interesse movia a lingua d'huma grande parte das Classes do Estado; mas erão Classes, que não tem a honra, e a virtude por motor das suas operações, ou especulações: assim procuravão, e ainda hoje procurão os Artistas ralhar das manufacturas de tal, e tal Fabrica; desacreditar os Negociantes Fulão, e Fulão; vilipendiar os vinhos de tal, e tal parte; maldizer das producções de taes, e taes terras: as mesmas aguas, os mesmos peixes não escapão das lancetadas da maledicencia dos homens: o interesse, que hum qualquer tem em perder a outrem, em elle só ser o maior, mais rico, e mais bem acreditado entre os da sua Classe, Arte, ou Industria, põe na sua lingua dentes mais agudos que os do Tigre, para offender mortalmente a todos os que julga seus rivaes. Não será inutil fazer aqui huma ligeira enumeração d'estas maledicencias, filhas do interesse, para que os menos versados na intriga saibão acautelar-se dos homens, que só se nutrem do interesse, conhecendo que elles não amão a verdade, senão sendo dourada. Maldiz o Lavrador do Douro da adega d'outro Lavrador, e a desacredita a ponto de este não poder vender seu vinho, senão pela mais baixa reputação, em quanto aquelle,

estabelecendo seu crédito sobre ruinas alheias, augmenta a sua fortuna, e a sua fazenda mais pela mordacidade da sua lingua, que pela qualidade do seu vinho: o que succede no Douro entre os seus Lavradores com os seus vinhos, succede em outras partes com o azeite, com os cereaes, com o gado, assim vaccum, como cavallar, e muar; em fim, com todos os fructos, e materias de compra, e venda. Maldiz o Negociante de Mercearia, o de Fazendas do Norte, e o de qualquer outro genero, procurando desacreditar os da sua mesma profissão, só para estender, e augmentar, como elles dizem, a sua freguezia, o que muitas vezes conseguem por si, e pelos *paniagoados* do mesmo lote, mais pela força das suas calumnias, que pela bondade dos seus generos. Isto que succede entre os Lavradores, e Negociantes de qualquer genero, succede tambem entre os Fabricantes, Artistas, e quaesquer outros Operarios altos, e baixos, mais, e menos nobres. Outro tanto succede nas mesmas Artes Liberaes, e nas Sciencias, com vergonha o digo, entre Escrivães, ou Tabelliães, entre Letrados, entre Juizes, entre Medicos, entre Professores de primeiras Letras, e de Latim. Abominanda cobiça de interesse! Chegámos a hum tempo, em que as Artes, e as Sciencias, que mais devião proteger a honra, mais a perseguem, desacreditando-se mutua, e alternativamente os seus Mestres, e Professores, que parece não haverem estudado outra cousa que a maldizer, a ralhar, a calumniar em competencia, a quem o ha de fazer com maior sequito, e applauso, e com maior lucro. Se a cada hum d'estes se fizer a pergunta: porque ralha do outro? Elle consultando o seu coração, não póde responder outra cousa que: Porque a ralhar levo a minha vida, e augmento os meus interesses: Que sería de mim, diz cada hum em seus officios, se todos estivessem bem acreditados no Publico? Eu sería perdido, eu lucraria muito pouco; eu devo pois desacreditar os outros, para lucrar mais: assim discorrem os regatões, até da mesma Sardinha; e como os regatões e regateiras, obrão, e ralhão muitos que pela sua profissão, e officio devião ter mais nobres procedimentos. Esta mania de maldizer tem entrado tambem no mesmo Sanctuario; digo-o bem a meu pezar: maldiz hum Prégador d'outro Prégador; e só o interesse (que vergonha!) he a alma da sua maledicencia. Hum Sacerdote, para se franquear a entrada em casa d'hum Grande, ou d'hum Poderoso; para ter crédito em este, ou aquelle Convento de Religiosos, para ser soccorrido de Missas de maior esmóla, para finalmente fazer mais interesses que os outros, faz da sua lingua, que devia ser hum instrumento de honra, e de vida para os, hum maleficio de infamia, e de morte para os seus ...eiros. Eu não cançarei os meus leitores com huma

materia, que parece impropria do Papel, que escrevo: as mesmas Senhoras, que devião adquirir, e manter a sua honra, ainda mais pelas palavras que pelas obras, (porque estas algumas vezes são occultas, e o mesmo tempo as esconde, ou some) desacreditando as outras, maldizem, e ralhão d'ellas, assacando-lhes defeitos, que não tem, ou que a memoria já perdêra, só pelo interesse de fazer hum casamento, ou talvez por outro interesse infame, e vergonhoso, sendo já a lingua das mulheres, não a arma da sua defeza, mas o torpe manancial d'huma vil riqueza. He pois velha no Mundo a maledicencia, tão velha como a mesma torpe cobiça. Porém esta mania infame, que augmenta á proporção dos vicios, ella he mais notavel, e mais universal em certos Paizes, que não tem outro Deos que a prata, e o ouro; outra paixão, outro amor, outras idéas, outros affectos que não estejão fundidos no metal; Paizes verdadeiramente de ferro: Pois que outra cousa he o amarello ouro, e a branca prata que ferro de diversa côr? Ahi em esses Paizes se maldiz por officio, por estudo, e por combinação, de todos os Estabelecimentos dos outros Paizes, dos que provenha aos mesmos Paizes alguma vantagem, ou prosperidade pecuniaria. Que objecto não he de maledicencia para essas gentes, que eu não nomeio, o Commercio da Hespanha, as Fabricas da Catalunha, e a Companhia dos Vinhos do Alto Douro? Mas como a ligeira enumeração dos objectos da maledicencia começou em vinho, acabe tambem em vinho, advertindo porém que a maledicencia d'esse Paiz he, além de interesseira, systematica, e horrorosa. Que de Conjurações, e de Conjurados não existem para extinguir a Companhia, e não só a Companhia, mas a exportação dos vinhos do Douro? No mar, e fóra de Portugal os adulterão, e inficionão para tirar o crédito aos vinhos, e para formar huma imputação á Companhia, sendo que a Companhia se esmera para dar os melhores vinhos da Europa tão puros, e castiços como a fecunda, e generosa Mãi do Douro os produz: mas a cabala anti-Portugueza forceja, e a Companhia deve ser no seu conceito extincta, e proscripta, e para isso desacreditada. Porque? Para roubar a Portugal quatorze milhões de cruzados, e o producto d'elles!!! Pois ainda não estão fartos de roubos! Não: toda a riqueza das Nações he para saciar a cobiça d'essas gentes, menos que hum tostão, para sustentar hum pobre guloso. Os mesmos Provadores dos vinhos do Alto Douro, se elles são do partido d'essas gentes, os ajudão no seu inexequivel projecto: elles então approvão para embarque vinhos corrompidos, e contagiados, e reprovão vinhos genuinos, e saudaveis. Eu não fallo em esta occasião de quando esses mesmos Provadores põe na primeira classe os vinhos dos La-

vradores Constitucionaes, e na terceira os dos Lavradores Realistas; deixo tambem em silencio a refinada maldade dos Exportadores do mesmo lote, que por huma convenção estudada só comprão os vinhos aos Constitucionaes, levados d'hum terrivel odio ao Douro, por alli se haver embalado o systema da Realeza. Todavia saibão de corrida os meus Leitores que existe em esse Paiz da maledicencia, e da cobiça, de mãos dadas com humas poucas duzias de Portuguezes arrenegados, o fatal systema, e conluio de acabar com o Commercio do Douro, para tirar ao Estado huma das principaes fontes da sua prosperidade, e conservação: inda bem que no presente anno o Douro faz huma grande exportação no interior do Paiz, especialmente na Provincia do Minho, onde o vinho escaceou consideravelmente na ultima colheita. Mas eu vou já a tractar da maledicencia systematica, e de combinação, que procede mais da opinião, que do interesse.

Dizia Mr. Flechier, Bispo de Nismes, hum Sabio da França no começo do Seculo passado, e entre os Francezes, depois de Mr. Bossuet, o mais espirituoso, e sensato, que os maldizentes são covardes, trahidores, e assassinos: isto dizia aquelle grande homem; e ainda os Constitucionaes não tinhão apparecido em Corpo em parte alguma do Mundo: verdade he que já então, como agora, se dizia de qualquer maldizente = Foge delle, que tem má lingua; mas para castigo dos que fallavão mal se inventára aquelle Rifão = A palavras loucas orelhas moucas. = E se estas duas Sentenças fôrem seguidas em Portugal, tem os Portuguezes huma boa defeza contra os seus detractores, e inimigos assim interiores, como exteriores, porque do contrario seria cousa de nunca acabar, porque essa casta de gente não cessa de semear o veneno da discordia, e de atirar golpes mortaes á paz, á confiança pública, á mutua amisade, e á prosperidade assim pública, como particular. Diogenes dizia que as mordeduras mais perigosas que as das feras são as das bôcas dos maldizentes; mas o célebre Tasso não as temia, dizendo que era melhor que alguns fallassem mal delle a todo o mundo, que se todo o mundo fallasse mal delle. E se os maldizentes, que obrão por interesse, ou inveja, são covardes, trahidores, e assassinos; os maldizentes por systema, por combinação, os Constitucionaes, os Pedreiros, que são? Eu não sei dizer; são o mesmo diabo na gêmma. Mudai a opinião, dizem estes destructores de toda a Ordem Social, e as cousas, que existem, deixarão de existir. Fazei que o Papa seja desconceituado, e aborrecido; desacreditai o seu Poder, e Primazia; fazei que os Catholicos não tenhão do Papa a opinião, que tem; e o Papa virá a perder toda a sua influencia na Igreja, e a Igreja Catholica

deixará de existir! Assim o conseguírão na Inglatérra! Seu Rei he o Papa; e a Igreja Ingleza na sua maioria não he Catholica! Pertendêrão isto mesmo na Hespanha, e em Portugal; mas os ímpios contárão que não havia Deos, e ha Deos; e este Deos reservou para si na Europa algumas Nações, nas quaes o Papa fizesse as suas vezes, e a Igreja existisse Catholica, como deve ser, segundo a Instituição do seu Divino Fundador Jesus Christo, Deos, e Homem. Fazei, disserão os ímpios, por desacreditar a Instituição dos Jesuitas, perdei-lhes a opinião, e elles serão perdidos: conseguírão os diabos este seu intento, porque Deos quiz castigar a Europa, privando-a dos serviços destes grandes homens, para que ella conhecesse o bem depois de o perder! Mas a memoria dos Jesuitas vive, e viverá com bom nome nas gerações Catholicas. Forcejai, disserão os malvados, por desconceituar a Inquisição, e ella acabará: forcejárão, e fôrão muitos os conjurados neste plano; no Exercito, nos Tribunaes, no Clero, no Povo, e especialmente nos Bachareis Coimbrãos, se espalhárão, e acreditárão blasfemias, e calumnias, que não cabião na cabeça de quem tivesse, como diz o Vulgo, dous dedos de juizo; e a Inquisição foi extincta! Desgraça do Seculo XIX! Derrubou o seu principal baluarte! Quando será o dia, em que elle se restabeleça? De mim digo que se tivesse a fraqueza de ser réo d'algum delicto, que os homens julguem, antes escolheria ser julgado pela Inquisição, que por outro Tribunal. Eu não offendo Tribunal algum, por isso a Censura pode deixar correr a comparação; porque eu não digo o que os Tribunaes são: *ex fructibus eorum cognoscetis eos;* e se este Sagrado Texto, por muito repetido, não he agradavel, ainda que o que he bom nunca deve enfastiar, ahi vai outro: *omnis arbor bona fructus bonos facit.* Digo sim que a Inquisição he hum Tribunal, aonde se acha brandura, piedade, justiça, prudencia, sciencia, conselho, temôr de Deos, e Lei; onde o réo he emendado, não castigado; he convencido, não affligido; he ensinado, não perseguido: somente o pertinaz, o teimoso, o obstinado, o impenitente, o incorregivel erão alli punidos, e isto era util para elles, para os Christãos, para a Igreja, para o Estado. Mas a Inquisição, ainda que extincta, tem causado, e causa vivas, e affectuosas saudades em todos os que desejão a Igreja pura, o Throno seguro, e o Estado tranquillo. Forcejão os diabos por derrubar todas as Instituições Ecclesiasticas, Jerarchias, Ordens, Conventos dos dous sexos, Celibato, e todos os outros Ornamentos, e Sustentaculos do Culto, e por isso os mettem a ridiculo, achincalhão, insultão, mofão, e escarnecem. Mas Deos, que dos seus Povos quer ser adorado por gloria sua, e felicidade delles, conserva nelles estes Mi-

nistros do seu Culto a despeito de todas as conjurações dos Ministros do Inferno. Tem-se conspirado os Pedreiros em derrubar o Governo Monarchico Absoluto, e por isso tem feito os maiores esforços em o desacreditar, e tornar odioso aos Povos, porque sabem esses malvados que a conservação dos Thronos pende da opinião dos Povos, se bem que a opinião a este respeito pende da justiça, e a justiça dos Reis está nas mãos de Deos, como diz a Sagrada Escriptura = *Cor Regis in manu Dei est.* = Este esforço do Maçonismo se tem conseguido em os Povos corrompidos, a quem Deos quiz castigar, como vemos na America Hespanhola, Ingleza, e Franceza, e mesmo no Brasil, não querendo Deos por ora compadecer-se daquelles novos Christãos, sem os quaes muitos Seculos se passou bem o esplendor da Igreja, e do Throno; sem embargo nesses mesmos Povos desmoralisados, e revolucionados pelos Pedreiros, o Nome Real he ainda saudoso a muitos dos seus habitantes, e ha de hum dia ser acclamado de todos, depois de escarmentados das suas loucas, e furiosas tentativas. Esse mesmo estorvo maçonico tem acertado na França, onde o Nome Real tem sido duas vezes proscripto por Divina permissão em castigo da tolerancia, ou licença, que alli se tem concedido a todos os Cultos heterodoxos; mas o Throno de S. Luiz não caducou alli para sempre, e o nome dos Bourbons ha de resurgir hum dia com gloria sua, e para confusão dos seus inimigos. Porem o certo he que os Pedreiros tem a maledicencia por huma das suas principaes armas, julgando com ella derrubar a opinião; mas a opinião, como elles dizem, esta grande Rainha do Mundo he infinitamente superior a todos os Pedreiros; ella não se estabelece pela maledicencia, mas pela moralidade, e aos Pedreiros não permittio Deos o poder de desmoralisar a todos os Povos do Universo. Que tem elles adiantado com denigrir, calumniar, maldizer, ralhar, mofar, e ridiculisar ao Senhor Dom MIGUEL? Quanto mais calumniado por elles, tanto mais bem conceituado pelos não Pedreiros: a opinião em favôr do Senhor Dom MIGUEL, ou quando Infante, ou depois que foi elevado ao Throno, tanto mais se arraigou, e arraiga, quanto mais foi, e he calumniado. Porque? Por tres razões: 1.ª porque Deos protege ao Senhor Dom MIGUEL, e aos Portuguezes, escolhendo-O a Elle para Defensor da sua Igreja, e aos Portuguezes para mostrarem ás Nações todas que debalde resistem a Deos traidores Mações: 2.ª porque a opinião Portugueza em favôr do Senhor Dom MIGUEL tem por base a Religião, a Lei, a Justiça e a Honra: 3.ª porque os Pedreiros não poderão, nem poderão descatholisar a maioria Portugueza: terão elles desmoralisado altas Jerarchias da Nobreza, e do Clero, mas o todo do Corpo do Estado, o todo

da Nobreza, do Clero, e do Povo está puro, está são, è salvo da pestilencia maçonica. He pois entre os bons pensadores a maledicencia systematica, e combinada dos Pedreiros hum contínuo tecido de elogios, que fazem áquelles, de quem maldizem: quanto a mim eu me julgo ser muito honrado, porque não ha hum só Revolucionario, ou em Portugal, ou no Brasil, ou nos Açôres, ou na Inglaterra, ou na Hespanha, ou na França, que não diga mal de mim: pensem assim todos os Realistas; e os Pedreiros terão cahido no seu justo despreso. Diz o citado Mr. Flechier que os maldizentes são como o mar, que sepulta nos seus abysmos o ouro, a prata, e tudo o que encerra de precioso huma Embarcação; e só arroja á praia podres cadaveres, e tristes restos d'hum horrendo naufragio; mas para mim tenho que os impios, maldizendo dos Catholicos, são para estes huma Corôa de honra, assim como a Cruz de Jesus Christo lhe servio de diadema de gloria. Pois na verdade, que honra terião em estes dias os Realistas Portuguezes, se os Pedreiros os não calumniassem?

Postas porém de parte as maledicencias Maçonicas, como os Pedreiros, por muito que abundem, não formão a maioria dos Póvos, digo que he summamente desgraçado aquelle homem, de quem todos ralhão, apezar de que sempre me parecêo tão impossivel haver alguem, de quem todos dissessem mal, como haver alguem, que de todos dissesse mal. Mas eu sou hum ignorante, que julgava impossiveis as cousas, que apparecem agora tão faceis, e triviaes. D. Pedro he esse homem, de quem todos ralhão, e que ralha de todos! Quanto não he vergonhoso para hum Principe ser ao mesmo tempo agente, e paciente da maledicencia universal? Confesso que as faces se me córão de pejo, quando isto escrevo; porque parece assaz improprio mal dizer de hum vivente, que nascêo Principe, e Filho de Pais, que merecêrão as bençãos de todos os seus Vassallos. Eu não apresento em prova da minha asserção, a respeito da maledicencia universal actual, e passiva de Dom Pedro, o testemunho universal de todos os Portuguezes, e de todos os Brasileiros, não havendo hum só, ou Realista, ou Constitucional, que diga bem delle, que lhe queira bem, que o ame, que o louve: todos, todos, *omnes usque ad unum*, ralhão delle, e todos dizem a verdade, sendo esta a primeira, e ultima vez, que os Partidos em lucta tomárão a mesma linguagem: huma Letra acabo eu de vêr da Ilha Graciosa, que diz — Vamos, sirvâmos a Dom Pedro, até occuparmos Portugal, se isto nos he *possivel*; e depois nos descartaremos delle, como se descartárão os Brasileiros: os Inglezes não tem forças para nos manter debaixo do jugo de hum Desposta, que ambiciona ser o flagello

dos dous Partidos. — Esta Letra he escripta por hum dos principaes figurinos do Exercito Maçonico. A prova contra Dom Pedro he o mesmo Dom Pedro. Vejão bem os meus Leitores o quinto periodo do seu Manifesto á Europa.

Sua Magestade Imperial, e Real (he Dom Pedro o que falla; e não sabe se esse tractamento lhe será consentido pelas Nações, porque elle perdêo toda a Magestade, que não reservou quando disse — *só quero gloria para mim;* — a não ser como aquelles celebres sansculotistas, que havendo tomado assento nas Côrtes, e Camaras Constitucionaes de Portugal, e tido n'esse assento o tractamento de — Excellencia, — ainda hoje querem lhes seja conservado, semelhantes a essas não nominadas Senhoras Communas, que na flor dos seus annos recebem Excellencia, e depois, quando nem de Communas servem, levão a mal o — Vossa mercê; — e perdoe-me a Censura esta comparação dos Senhores das Côrtes a essa relé do segundo sexo, que faz a Côrte até aos pretos, porque elles, e ellas devem estar no mesmo Rol) *tão indignamente tractado pelos seus Subditos Brasileiros* (tractárão-no com a mesma dignidade, com que elle com elles tractou, e a seu Augusto Pai, e Rei o Senhor D. João VI: a mesma honra, a mesma justiça; e a este respeito me lembra aquella Sentença, e Profecia do Divino Salvador — *in qua mensura mensi fueritis, remetietur vobis* —) *como he universalmente reconhecido* (o mundo todo reconhece que Dom Pedro foi posto fóra do Brasil por incapaz de governar, e enviado á Europa para transtornar a Paz geral: os Christãos porém, levantando ao Ceo os olbos da sua fé, reconhecem que o Ceo castigou a Dom Pedro pela sua rebellião, e infidelidade a seu Pai, e á Nação Portugueza) *sua vida tendo estado em grande perigo*, (no mesmo perigo poz elle a Tropa Portugueza, que em 1821 o defendia, ou o queria impedir de commetter huma trahição mais funesta para Portugal, que a sua morte) *todos tendo-se rebellado* (e não tem vergonha hum Principe de dizer, que todos os seus Povos se lhe rebellárão? Eis como Dom Pedro mal diz de todos, e todos mal dizem de Dom Pedro! Ainda não houve na Europa hum Principe Legitimo, contra quem todos os seus Povos se rebellassem! Nem houve hum Principe, que dissesse mal de todos os seus governados! Esta desgraça, esta confusão, esta vergonha estavão reservadas para Dom Pedro: ou antes, em linguagem Catholica, o Ceo reservava esta horrivel infamia, e castigo para hum filho rebelde!) *as tropas, até o ultimo soldado, tendo desertado* (Tal não succedêo a algum Soberano Legitimo, ao menos estando elle á vista! Seu Augusto Pai o Senhor D. João VI teve sempre no Exercito quem o defendesse! O Senhor D. Fernando VII teve no seu Exercito

quem por elle vendesse bem cara a vida! Carlos X teve no seu Exercito Heróes, que tornárão a seus inimigos a victoria mui custosa! O Senhor Dom Miguel tem por Elle o Exercito, o Clero, a Nobreza, e o Povo, que hão de ensinar aos inimigos a Arte de pelejar com gloria! Pois nem hum só Official, nem hum Soldado a favor de Dom Pedro! Ah! Que se levantou contra elle o braço do Deos dos Exercitos! Portuguezes! He este mesmo Braço Divino, o que peleja em favor do vosso Rei o Senhor Dom Miguel I) *foi forçado a voltar á Europa* (Para perturbar a paz da Europa) *acompanhado por sua Consorte, e Filha* (Infeliz consorte! Quanto melhor vos houvera sido não lhe dar a vossa mão, como outras muitas Augustas o rejeitárão! Desgraçada Filha! Vosso Pai vos fez victima dos seus perjurios a vosso Augusto Avô; porque o Ceo pune os perjuros até á terceira, e quarta geração!) *onde depois se lhe tem unido huns poucos de centenares de companheiros fieis, merecedores, e illuminados* (Pois de tantos Pedreiros só huns poucos de centenares? Vêde, Portuguezes, a força de Dom Pedro; não são huns poucos de milhares, são huns poucos de centenares; e todos elles são Pedreiros, pois que o mesmo Dom Pedro diz, que elles são illuminados: he pois evidente que a força de Dom Pedro não vale hum caracol; se alguma cousa houvesse de cuidado, não he senão a cabala de certos Gabinetes, que com pretextos solapados querem defecar a Nação Portugueza: mas venhão, se querem: ahi está esse grande Exercito, todo composto de corajosos; á sua retaguarda está o Povo fiel, e na frente deste vai o Clero Secular, e Regular com a espada, ou arma na dextra, e com a imagem de Jesus Christo Crucificado na esquerda, que he a mão do coração, porque o coração sabe, e sente que a Sancta Igreja he perseguida; e tem a mais firme esperança de que a victoria se decide pelas cincos Sacratissimas Chagas do Divino Redemptor, que são as Armas, o Escudo, e a Devisa do Throno, que legitimamente occupa o Senhor Dom Miguel) *taes como são evidentemente necessarios, para constituir a felicidade de Portugal,* (Que? A felicidade de Portugal constitue-se por Pedreiros! Sancto Nome de Deos em que eu creio! Arrenego de tal felicidade: Ministros de Jesus Christo; Portuguezes, que pela graça de Deos permaneceis Catholicos! Vêde bem a felicidade, que vos traz Dom Pedro! Felicidade Maçonica, felicidade do Diabo! A's armas, ás armas! Eia, não vos demoreis! Tracta-se da vossa desgraça! Tracta-se de perseguir a Religião, na qual forão felizes vossos Pais, e Avós! Antes morrer, que ser governados por Pedreiros!) *e para excogitar os meios necessarios para infligir o castigo áquelles, que assim se atrevêrão a rebellar-se contra o seu Soberano,*

(De quem fallará Dom Pedro? Dos Portuguezes, ou dos Brasileiros? Se falla dos Brasileiros, deve saber que os Pedreiros não farão jámais a guerra aos Pedreiros do Brasil, que são seus irmãos; se falla dos Portuguezes, saiba que os Portuguezes já conhecem os seus bons desejos, e por isso estão dispostos de todo o seu coração a fazer guerra crua a todos os Pedreiros. Se falla de todos, ouça Dom Pedro huma verdade, que nunca se lhe disse: Elle não foi Soberano do Brasil, senão por huma rebellião, e a rebellião não dá a Soberania, antes a tira: elle não he Soberano de Portugal, porque as Leis o excluem. Não he pois, nem foi Soberano de parte alguma.) Mas basta de Commentario: huma breve analyse lhe succede.

Depois de annos mil as aguas vão por dô sóhião ir, diz o Adagio Portuguez, e Hespanhol. Quer Dom Pedro investir as duas Corôas, ou huma só Corôa em Portugal, Algarves, e Brasil, como seus Augustos Pais, e Avós a havião possuido, e quer agora Dom Pedro começar pela de Portugal: fallou tarde, e tarde veio, ou pela volta, errando o rumo, que seu Nascimento lhe dava a ser Legitimo Herdeiro da Corôa Portugueza tal, e qual, como se entendia no anno de 1815. Os Primogenitos dos Senhores Reis de Portugal, por morte de seus Augustos Pais, se investião na Corôa d'estes Reinos-Unidos em esta, ou aquella cathegoria, e verificavão esta investidura em Portugal, sendo aqui pacifica, e legalmente reconhecidos, e jurados pelos Portuguezes, e ao depois successivamente pelos que habitavão na Africa, na America, e na Asia, e em outras quaesquer Possessões Ultramarinas: esta he a estrada, que a Lei deixou marcada para sobir ao Throno de Portugal; e marchando por ella nunca os Portuguezes de ambos os Hemisferios disputárão o Throno aos Primogenitos dos seus Reis; antes de seu bom grado, como as suas Leis, e a sua Honra, e Fidelidade pedião, os reconhecião, e juravão. Mas Dom Pedro perdêo a estrada lá no Brasil, e nunca atinou o caminho para Portugal, senão agora que voltou forçado á Europa; porque na verdade nunca algum Principe Portuguez, para subir ao Throno de Portugal, fez escala pelo Rio de Janeiro. Em huma palavra; os Primogenitos Portuguezes forão Reis de Portugal, e depois forão Reis do Brasil: ser primeiramente Imperador do Brasil, e depois Rei de Portugal, he cousa nunca vista, nem ouvida, nem sonhada; e por isso os Brasileiros não querem a Dom Pedro para Imperador do Brasil, nem para Rei de Portugal; por isso os Portuguezes, mais comedidos que os Brasileiros, não querem a Dom Pedro para seu Rei. Mas como pertende agora Dom Pedro occupar o Throno de Portugal? Conquistando-o? Fazendo-lhe guerra? Nunca Princi-

pe algum Portuguez occupou assim o Throno de Portugal: antes esse mesmo facto de conquista, e de guerra he na Lei Portugueza hum impedimento classico para occupar o seu Throno. Pelo mesmo Direito de conquista, e de guerra, quiz Napoleão occupar o Throno de varias Nações da Europa. Mas como he que Dom Pedro tem necessidade de recorrer á guerra, para occupar hum Throno que elle diz, e só elle he quem o diz, lhe pertence? Claro está que não, porque se lhe pertencesse, os Portuguezes não são gente, que saiba oppôr-se á Lei. Verdade he que a Lei estimulou os Portuguezes a excluirem a Dom Pedro do Throno; mas hoje além da Lei, o odio mais justo fundado na Lei, na Religião, e na Justiça, os decide a repellirem com armas a hum Principe, que com armas, com insultos, e com traições os deñósta. Nenhum Principe Portuguez teve de recorrer ás armas, para subir ao Throno de seus Maiores: mas em Dom Pedro tudo são originalidades, extravagancias, e desacertos: tudo quer elle dever ás Seitas, e por seguir as Seitas, he que elle tem perdido tudo. Quer Dom Pedro occupar o Throno de Portugal, e depois occupar o do Brasil, fazendo outra vez dous Estados diversos, o que ainda póde ser hum só. E porque meios occupará elle o Brasil? Pelo das armas. Desgraçado Principe; e nem huma só baioneta tem em seu favor! Conquistar Dom Pedro o Brasil com armas Portuguezas! Isso será para o Senhor Dom Miguel, como Legitimo Successor do Senhor D. João VI, e para isso não carece Elle de fazer derramar huma só gota de sangue Portuguez; pouco mais he necessario, que armar os Portuguezes, que habitão no Brasil, e huma racionavel amnistia aos Brasileiros arrastados á Rebellião por hum Principe, que os trahio em todo o sentido. Oh! E se o Brasil souber que Dom Pedro quer fazer-lhe a guerra, e castiga-lo, o mesmo probo, e honrado amigo, o mesmo José Bonifacio d'Andrade, principal Corifeo de todos os movimentos Revolucionarios do Brasil, esses mesmos Governos Federativos, se o Senhor Dom Miguel tivesse a bem conferenciar com elles, restituirião a Portugal a Esquadra, que Dom Pedro roubou a Portugal, para com ella repellir, substituindo a outra, que ha pouco foi roubada a Portugal, essa Esquadrilha Maçonica, que não he numerosa senão pela fingida não intervenção d'outros Gabinetes, que debaixo d'outros pretextos querem fazer colossal, e agigantado o Podêr d'hum Aventureiro, que não tem outra força, que a d'huma pequena parte de Pedreiros desesperados, por não terem hum covil, que os alvergue. Mas de todos os modos, (e este desengano dou eu a certos Milicianos, que julgão que a sua felicidade está em voltarem ao seio das suas familias) saibão os Milicianos que

se Dom Pedro occupasse Portugal, que jámais occupará, não podendo elle contar com os Soldados da 1.ª Linha, nem com os Voluntarios Realistas, porque esses todos querem guerra contra Dom Pedro, e não Paz, tem determinado, e isto he certo, fazer a guerra aos Brasileiros com os Milicianos Portuguezes. Milicianos! Ouvi a minha voz! Se Dom Pedro dominasse, podieis dar hum eterno adeos ás vossas mulheres, e familias; aos vossos gados, e bens, e por ultimo ás vossas vidas. Eia pois, Honrados Milicianos, ás armas; guerra a Dom Pedro, e aos seus companheiros: antes morrer em Portugal debaixo do Governo do Senhor Dom MIGUEL, que he Vosso Pai, Vosso General, Vosso Amigo, Vosso Irmão, e Vosso Companheiro nos perigos, que viver, e pelejar debaixo do Governo de Dom Pedro, que he vosso inimigo, que fugio covarde dos Brasileiros; que tem decretado mandar roubar-vos os vossos bens, e prostituir as vossas mulheres, e familias; que tenciona conduzir-vos ao degoladouro dos Pedreiros do Brasil! Milicianos Catholicos! Defendei a Igreja Portugueza, porque morrendo em a vossa Patria, tereis quem vos faça os Suffragios pela vossa alma, em vez de que morrendo no Brasil, só de vós se lembrarão as féras para devorar os vossos cadaveres. Milicianos! Ouvi á voz d'hum Sacerdote de Jesus Christo, que n'este Desengano não tem outro interesse, que o de se expôr á morte; mas antes morrer, que deixar de pelejar pela Igreja: Defendei o Vosso Rei, e Senhor Dom MIGUEL PRIMEIRO! Defendei a Sancta Religião de Jesus Christo Senhor Nosso! Antes Martyres da Fé, que escravos de Dom Pedro, que a persegue! Oh! E quanto Portugal estará bem defendido, se todos assim pensarem como eu penso!

Rebordosa 1 de Fevereiro de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1832.

Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.° 26.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

A grande Questão Portugueza sobre a Successão ao Throno.

Os Portuguezes não estão sós no campo, para sustentar no Throno o seu Grande Rei Dom MIGUEL. Deos tambem peleja por elles; as poderosas armas da sua Divina ira já tem descarregado formidaveis golpes sobre essa Expedição colligada debaixo da protecção Maçonica, para desbaratar o Imperio da Religião em Portugal: o Clero Portuguez, assim Secular, como Regular, tem altamente declarado a sua vontade, offerecendo-se aos perigos da guerra, por defender o seu Rei, e Protector, distinguindo-se entre os Regulares os Mendicantes, e entre estes os filhos do Serafico Padre São Francisco, como que vejo pesar sobre os seus hombros o grandioso Edificio da Igreja, e surgir pelos seus esforços dos perigos, em que a tem mettido o Principe confederado com todos os Pedreiros, Dom Pedro. A Sancta Sé de Roma, tambem ella forceja com as suas armas, armas, que o Inferno jámais poderá debellar, em favor da perseguida Nação Portugueza, d'esta fidelissima porção da Grei de Jesus Christo, onde alguns Sacerdotes falsos da mesma Alta Jerarchia tem apparecido sómente para fazer brilhar a Catholicidade da maior parte dos Ministros Ecclesiasticos, renovando-se ago-

ra, o que succedêo nos tempos do Imperador Juliano Apostata, a saber, que a Igreja resalta mais gloriosa quando he perseguida. Os Portuguezes pois não estão sós. A Russia, a Austria, a Prussia, a Hespanha, forão tambem inspiradas por Deos para auxiliarem a Causa Portugueza, oppondo-se aos esforços de Dom Pedro: as Leis Divinas, e Humanas vão ser sostidas em favor do Senhor Dom Miguel, Legitimo Rei dos Portuguezes. Que ha pois que temer das intrigas dos Gabinetes em opposição? Que outra Nação melhor, que a Hespanhola pode conhecer os Direitos da Successão ao Throno Portuguez? Não está acaso no Real Archivo de Simancas o Autographo das Leis Fundamentaes da Monarchia Portugueza, levado para ahi no tempo dos Filippes? Qual he pois o Direito, com que outros Gabinetes querem intervir a favor de Dom Pedro? A quem confiárão os Portuguezes o Poder de regular os assumptos da sua Nação? Ou estão elles no estado de pupillos, para que Estrangeiros os governem? Oh! Se os Portuguezes quizessem conhecer hum dia o de quanto são capazes! Se elles estreitassem bem os laços da sua alliança com huma Nação que só tivesse a sua Religião, a mesma crença, os mesmos costumes! Rasgue-se o véo por huma vez. Portugal em quanto esteve alliado com a Hespanha não soffrêo hum só revez! Quando esteve alliado com outras Potencias soffrêo revezes, que ainda hoje se sentem! Eu não fallo da reunião das duas Corôas, porque isso nem convém a Portugal; nem a mesma Hespanha, nem as Leis, nem o Direito o consentem: fallo d'huma perfeita alliança necessaria a Portugal, e á Hespanha; porque alfim he necessario desenganar, de que o fito dos Interventores a favor de Dom Pedro he acabar com a Religião Catholica. Mas saibão todos os que se oppõe á Legitimidade do Senhor Dom Miguel, que os Portuguezes no ultimo desespero, he a dizer, se lhes fosse roubada toda a Familia Real Portugueza, antes serião Vassallos do Rei Catholico, que escravos de Dom Pedro; antes Hespanhoes, que pupillos d'hum Gabinete, que parece não subsiste senão para fazer a desgraça de Portugal. Porém este momento não he chegado: os Portuguezes tem a sua esperança em Deos, que nunca lhes faltou nos seus maiores apuros; tem a sua esperança na Hespanha, e nas mais Nações que vêm, e ponderão a justiça da sua Causa: os Portuguezes finalmente tem a sua esperança na sua honra, no seu valor, e nas suas forças. Acaso tres mi-

lhões de Portuguezes decididos por motivos Religiosos, e Politicos a sustentar no Throno o seu Legitimo Rei Dom Miguel, he cousa com que brinquem, e de que zombem huma duzia de Fragatas trazidas d'aqui, e d'alli? Que importa que ellas tragão esta, ou aquella Bandeira, ou que venhão com este, ou com aquelle pretexto? Os Portuguezes bem conhecem que seus inimigos não tractão de outra cousa, que de acabrunha-los, deamedronta-los, e de rouba-los: os Portuguezes pelejão pela sua Religião, pelejão pelo seu Rei, pelejão pela sua honra, pelos seus interesses, e pelas suas vidas; porque de tudo isto pertende esbulha-los Dom Pedro, e os que o protegem: a guerra pois he Religiosa, he Nacional, he d'hum Povo, que quer ser livre, e que o ha de ser a despeito de todas as intrigas da Confederação de Dom Pedro. Eu devo com esta occasião repetir huma passagem d'huma Letra, que o mesmo Dom Pedro escrevêo a seu Augusto Pai datada do Rio de Janeiro aos 17 de Julho de 1821, quando aquelle filho sempre rebelde no seu coração, e fementido nas suas palavras se assignava. — Vassallo Fiel, e Filho Obedientissimo. — Ahi vai a passagem copiada *de verbo ad verbum*, e mastiguem-na bem os meus Leitores, assim Nacionaes, como Estrangeiros, porque tambem estes me lêm. — *Tenho feito o que está da minha parte; o ponto he que todos se queirão prestar ao Serviço da Nação com tanto gosto, como eu me tenho prestado, só para lhe alcançar gloria, que a eternize, e entre a qual só ella brilhe, e resplandeça acima das outras Nações, como quando eramos reputados pequenos pelo nosso pouco terreno, mui grandes pelo valor; por tanto direi, que se todos nós nos prestarmos como eu desejo, e he o nosso dever, por todos viremos a ser respeitados, e conseguiremos a grande gloria de que, tendo nós em* 1810 *sido escravos de huma Nação, em* 1830 *lhe demos Leis, e o Mundo todo inteiro respeite o Nome Portuguez, por ser digno disso.* Ora Dom Pedro foi incapaz de verificar o que se promettia: os Pedreiros o ganhárão para si; e com elles não póde elle, nem jámais poderá alcançar gloria, e nome, nem para si, nem para algum Povo do Mundo. Mas se o Grande Rei Dom Miguel pozer na sua bôca as mesmas palavras no anno de 1832!!! Ah! Tremão os que perseguem a sua notoria Legitimidade! Animo, Portuguezes! Vosso Rei Dom Miguel tem feito da sua parte quanto póde para alcançar-vos Gloria, Nome, Respeito,

Grandeza, e Felicidade! He chegado o momento! Firmes! A' Voz do Vosso Grande Rei, e Grande General correi sobre os vossos inimigos, e elles virão humildes pedir a Paz, de que precisão! São Miguel, e a elles, que são poucos; que são Pedreiros, que são inimigos de Deos, e inimigos vossos!

Supponho porém por hum momento que os Portuguezes estão sós em esta grande lucta: Qual será o termo do seu conflicto? Succumbirão? Esta idéa, só concebida por méra hypothese, he espantadora! Portuguezes, Dom Miguel Rei, ou morte! Escolhei a sorte! Da morte vêde qual he a mais suave; se morrer com as armas na mão, se no cadafalso, ou assassinado. Emigrar para Hespanha? Ah! este pensamento, mesmo imaginado que elle seja, he filho da pusillanimidade, e cobardia! He injurioso ao Nome Portuguez! Tanto o honrou elle antes do regresso do Senhor Dom Miguel, quanto na presente occasião o deslustra, o desdoura, e envilece. Nos annos de 1826 e 1827 a emigração para Hespanha foi a salvação do Throno de Portugal: os Portuguezes que tiverão esta gloria podérão então dizer, e o dissérão muitos ainda com maior razão que Alcibiades — *Perieramus, nisi periissemus* — Se houvessemos sido vencedores, haveriamos sido desgraçados: voltando as costas ao Exercito Inglez auxiliador da Carta e da supposta Soberania de Dom Pedro, os vencemos com maior sagacidade que os Persas: Lord Canning foi desbaratado em a nossa retirada: julgou-nos vencidos, e elle ficou perdido: imaginou tresloucadamente triumfante a Causa dos Pedreiros; em esta supposição annuio ao regresso do Senhor Dom Miguel; e seus projectos, e calculos forão supplantados. Ah! que não he esta a unica vez que se tem enganado o Gabinete de Londres! A gloria de haver vencido em aquelle tempo aos revolucionarios da Europa não póde ser roubada aos Portuguezes emigrados na Hespanha! A elles pertencia fazer huma solemne e formal opposição aos suppostos Direitos de Dom Pedro á face de toda a Europa; e elles a fizerão: pelejárão contra os defensores da Carta, mais com animo de lhes dar huma amostra do panno que de os vencer: seu fim era o de livrar os Povos das baionetas Constitucionaes, para que livremente declarassem seus sentimentos ácerca da grande Questão Portugueza sobre a successão ao Throno, e elles o conseguírão. Em o Alemtéjo, em Tras-os-Montes, na Beira Alta, e na Beira Baixa, no Algarve, e no Minho os Povos livres, e

unanimes, disserão — Dom Miguel he o Legitimo Rei desta Nação — Os emigrados recolhêrão esta expressão da vontáde geral Portugueza, segundo as suas Leis Fundamentaes, e segunda vez retirárão para a Hespanha, dizendo com verdade — Nós não sômos rebeldes, nem facciosos: toda a Nação Portugueza quer o Senhor Dom Miguel para seu Rei. — Assim foi corrido o véo aos mysterios Maçonicos, que forão descortinados por aquella emigração, verdadeiramente denodada, e heroica. Mas por que espantosa cadeia de trabalhos, e de soffrimentos não passárão aquelles fidelissimos Portuguezes? Hum só delles antes quer morrer que emigrar outra vez! Chateaubriand, que tambem emigrou de França depois da morte de Luiz XVI, diz em hum dos seus brilhantes Escriptos, que a maior calamidade, que póde acontecer em esta vida, he a de emigrar: certamente o coração estala de dôr, vendo-se arrancado dos objectos, que ama: a idéa de emigração he huma idéa da desesperação: os Portuguezes, que a concebêrão, e executárão nos annos de 1826, e 1827 recorrêrão a este extremo, porque só por hum esforço do desespero podia alimentar-se a esperança de salvar o Throno, e a Patria. Gloria seja dada aos Auctores d'aquelle Plano! Mordão-se de raiva, e de inveja os calumniadores dos emigrados na Hespanha!

Eu posso dizer com certeza que estes denodados Realistas dérão huma lição mestra aos Pedreiros! Em vão elles querem imitar, ou arremedar este exemplo do heroismo! Em huma Sessão Maçonica, tida em Coimbra no mez de Junho de 1828, votárão os Directores da infame rebellião do Porto do mesmo anno, que se fizesse huma emigração em força para fóra do Reino, a fim de contrabalançar a emigração Realista, e fazer peso a favor de Dom Pedro na Diplomacia Européa. Esta he huma verdade, que não tem sido patente até agora a todos os meus leitores! Os que fomentárão, e ajudárão aquella emigração, ou fugida Pedreiral são tão inimigos do Senhor Dom Miguel como elles mesmos! Depois d'essa infernal emigração não tem cessado de se dar favor, conselho, e protecção a muitos dos inimigos alapardados em este Reino para augmentarem o numero dos rebeldes das Ilhas, e dos infames acoutados na França, e na Inglaterra! Varias embarcações forão carregadas d'esses foragidos como de lastro! Foi hum ramo de commercio nunca visto senão em estes dias desgraçados! Elles, os directores, e conselheiros desta

vil trahição, julgando melhorar a sua Causa, e o Partido acobertado com o nome de Dom Pedro, tem engrossado o numero dos infelizes; e á maneira de quem ajoeira o trigo, deixárão a Portugal quasi limpo de pó, e de palha! Prouvera a Deos, que todos os males ordena para o bem, que houvessem fugido, os que ainda cá ficárão emascarados, e as Alçadas serião poupadas de penas, e a Fazenda de despezas! Verdade he que os infernaes alaridos d'essa chusma de fugitivos tem demorado mais algum tempo o necessario Reconhecimento do Senhor Dom MIGUEL; mas seus Direitos ao Throno são já tão evidentes na Europa, que os Gabinetes não podem fechar mais os olhos á luz da justiça; e as intrigas da cabala Maçonica, trazendo a Dom Pedro á Europa, e ameaçando com huma Expedição maritima, mais ruidosa no seu nome, que na sua força, não tendem senão a pedir ao Senhor Dom MIGUEL huma amnistia para os trahidores, que val o mesmo que dar a mão á palmatoria. Eu não sou Inglez, nem Francez; nasci Hespanhol, e vivo, e hei de morrer Portuguez; pois como Portuguez digo que todas as manobras dos Gabinetes, que estão em opposição com o Senhor Dom MIGUEL, se dirigem a amnistiar o Maçonismo, que he todo o triumfo, que elles imaginão alcançar nesta lucta! Mas o Grande Rei de Portugal conta com a Protecção Divina, e com o valor dos seus Vassallos, os quaes como outros Spartanos cantão affoutos — *Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.* Nós fômos fortes para collocar no Throno ao Senhor Dom MIGUEL, segundo as Instituições dos nossos Maiores; nós temos valôr para sustentar o que fizemos com tanta justiça; nós teremos sempre forças para acabar com os nossos inimigos. Eis o sentimento de todos os Portuguezes! E qual seria o cobarde, que tivesse a baixeza de emigrar para a Hespanha em esta collisão? Que honra levaria elle para hum Paiz estranho? Fracos, (dirião, e com muita razão, os Hespanhoes) assim abandonais o vosso Legitimo Rei, o vosso General, o vosso Amigo, o vosso Dom MIGUEL? Quereis honra sem trabalho? Ambicionais os premios, e fugís dos serviços? De quem fugís vós? Pois foge Dom Pedro d'hum punhado de Brasileiros, e faz elle agora dispersar a hum Exercito de Portuguezes!!!! Mas perdoem meus leitores que eu lhes apresente esta hypothese como possivel; a isso fui obrigado para obstar ao terror, que alguns malvados tem querido, mas em vão, espalhar entre

o Povo miudo: eu sei que não ha hum só Realista Portuguez, que se abale de medo á vista d'huma Expedição de Pedreiros. Dom Pedro está vencido, e desbaratado por si mesmo. Attendão os meus Leitores ao sexto periodo do seu Manifesto, ou da vergonhosa, e impudente confissão, que elle faz dos desacertos da sua vida. Eu transcrevo esse periodo, e outros, que immediatamente lhe succedem; e como só dizem respeito ao Brasil, deixo-os sem a sua competente analyse, que lá lhe farão no Rio de Janeiro, contentando-me de salgar as suas destemperadas proposições com alguns parenthesis, lembrado de que os Brasileiros já forão irmãos dos Portuguezes, antes que fossem cunhados por D. Pedro, Primeiro, e Ultimo Imperador d'essas bandas d'alem mar. Ora ahi vai o que he bom, e bonito.—

Se se fizer hum exame das causas de hum transtorno (falla D. Pedro do que lhe acontecêo lá no Brasil, tendo elle sido a principal causa do tal transtorno, e o primeiro transtornador dos Brasileiros) *tão estranho de todas as Leis tanto Divinas como Humanas* (elle foi o que se estranhou de todas as Leis, e conseguintemente da protecção de todas as Leis pela sua Rebellião á Nação Portugueza! Mas agora dirão as Senhoras Malhadas: Vejão lá os Realistos se D. Pedro tem a mesma Religião que elles, pois falla em Leis Divinas.—Sim Senhoras, lhes digo eu: E vossas Mercês, ou Senhorias, ou Excellencias tem honra por fallarem em honra? Qual de Vossas Mercês, Senhorias, ou Excellencias está honrada, ou conhece a honra? E assim mesmo fallão em honra, por terem ouvido dizer que a ha; e ha, e muita nas mulheres Christãs, e tementes a Deos! Pois nem mais nem menos! Assim falla o Judeo em toucinho, e dizem que o não come, ou que o aborrece, se bem que em este Seculo ha muito Judeo toucinheiro, e algum toucinheiro que he Judeo! Assim fallão em Leis Divinas, os que as perseguem, como as Senhoras Malhadas fallão em honra que vendêrão, como Judas vendêo a Jesus Christo!) *nenhum outro se achará senão calumnias contra o seu Imperador*, (que foi, e não torna mais a ser) *as quaes forão espalhadas, e publicadas como verdades constantes* (se os Brasileiros não fallão verdade, devem-no a D. Pedro, que os ensinou a mentir nas muitas calumnias, que espalhou, e publicou contra Portugal, quando se alevantou com a maçã dourada do Brasil) *quando era evidente que a elle só elles devião a sua*

liberdade, (a sua Rebellião) *sua independencia*, (elles julgárão-se escravos debaixo do seu Governo) *e sua Carta Constitucional*, (de certo fez-lhes hum bom presente; por isso elles lhe dérão as alviçaras, dando-lhe outra Carta de recommendação para todos os Soberanos da Europa, para que ninguem faça caso d'elle) *como tambem o estado de prosperidade de suas Finanças.* (As Finanças do Brasil derão fim nas mãos de D. Pedro: os Brasileiros ficárão pobres como Job sem outros reaes, que os que presentemente vão roubando aos Portuguezes estabelecidos entre elles;) *Estas forão as suas loucas accusações*, (digão os Brasileiros: Quem os enlouquecêo, tendo tido antes muito juizo? Elles dizem: Foi D. Pedro:) *a saber; que S. M. I. e R. tinha violado as Leis do Paiz;* (e certamente, porque o separou da Corôa Portugueza; mas digão os Brasileiros as outras violações:) *Que elle tinha estabelecido huma Herdeira supposta á Corôa de outro Reino* (essa he huma verdade tão clara como dous, e dous fazerem quatro; e o mesmo D. Pedro a reconhece pelo facto de se arvorar agora em Rei de Portugal! Infeliz Pedro!) *por mero fim de esconder os seus designios sobre ella;* (seus designios forão como sempre os de proteger os Pedreiros com o escudo d'huma Carta, e ter o Titulo de Rei:) *Que elle tinha fraudulentamente feito vir para o Paiz mercenarios estrangeiros para depois melhor subverter as Instituições Nacionaes*, (os Brasileiros são naturalmente desconfiados; mas n'esta parte desconfiavão bem de D. Pedro, porque elle subvertendo as Instituições de toda a Monarchia Portugueza, era bem capaz por seu genio sempre inquieto de lhes dar outra volta, e nunca para melhor; porque em este caso houvera feito ir para o Brasil os descendentes dos que o avaluárão, quero dizer, Christãos velhos, amigos de Deos, e do Rei) *introduzindo-os como Colonos, escondendo assim melhor as suas verdadeiras intenções* (se elle tivesse procedido sempre com a franqueza propria do seu sangue, os Brasileiros não terião d'elle estes receios,) *e obtendo soccorros do Thesouro;* (pois á fé minha que esses mercenarios estrangeiros nem humas más calças terão que vestir) *Que tinha disposto dos dinheiros públicos inconstitucionalmente*, (não sería inconstitucional, mas Constitucionalmente, que he encher o sacco depressa, e deitar a fugir! Mas o certo he que o Thesouro do Brasil foi tambem entrado para alguns soccorros aos Pedreiros de Portugal, a fim de fazerem a guer-

ra ao Senhor Dom Miguel) *e enchido o Palacio de lisonjeiros*, (essa he tambem outra verdade; e com as suas lisonjas o acabárão de perder) *e supranumerarios de toda a especie*, (Apósto eu que na classe de supranumerarios não entrou lá algum Religioso Jesuita para lhe dirigir a sua consciencia, e converter o seu coração?) *particularmente estrangeiros*, (erão todos da Veneravel Maçonaria) *sobre quem tinha derramado indiscretamente favores, e distincções;* (não havião de ser lá essas cousas, porque Dom Pedro he mesquinho no dar, e farfante no prometter: mas de todos os modos pagárão-lhe bem, que não houve hum só que pozesse o peito ás balas por elle: d'esses amigos diz o Adagio Portuguez — O amigo fingido conhecê-lo-has no arruido —) *E finalmente que tinha em fim tirado a mascara, e obrado públicamente a parte de hum hypocrita.* (A mascara tirou elle quando roubou o Brasil a Portugal, tendo antes feito publicamente o papel de hum hypocrita com seu Augusto Pai; depois d'isto fez publicamente a parte de hum escandaloso; e se ainda lhe ficou alguma máscara, em esse caso he peor que hum Prothêo) *Estas são as principaes accusações feitas contra S. M. I.* (Pois ainda ha mais?....) *as facções, e cabalas tendo levantado seus Vassallos contra elle* (Assim o permittio Deos para o castigar da sua insurreição do anno de 1822! Os Rebeldes são á sua vez o flagello de outros Rebeldes!) *e trazendo os seus negocios á posição em que agora estão;* (he para D. Pedro a peor, em que jámais tem estado Principe algum; porque perdèo o Brasil, perdêo Portugal, perdêo seus amigos, e perdêo-se a si mesmo, podendo os Pedreiros aproveitar d'elle esta lição — Perdido he quem atraz do perdido anda —) *Com tudo estas accusações são calumnias tão notorias* (se são calumnias, nem D. Pedro, nem os Revolucionarios tem outras armas) *que mesmo seus inimigos lhe não podem dar credito.* (os Brasileiros de certo as acreditão: os Portuguezes tem por hum dos seus principaes axiomas, que — Cesteiro que faz hum cesto, se lhe derem verga, e tempo, faz hum cento — e por isso não acreditão de Dom Pedro senão que elle he capaz de fazer a desgraça de todos, os que se confiarem d'elle; pois que até os seus maiores amigos tem sido infelizes por sua causa!) *Quanto á primeira accusação fundada sobre a violação das Leis do Paiz, he tão visivelmente falsa, que a sua falsidade está demonstrada pela simples exposição da materia de facto;* (Começa agora D.

Pedro á sua Defeza das accusações dos Brasileiros; e ella he tão ridicula, que tanto mais se crimina quanto mais se justifica: os Brasileiros impugnarão essa Defeza; todavia eu não tenho paciencia, que me cale, quando leio a distincção entre materias de facto, e materias de direito: os pseudo-Theologos Jansenistas fizerão mais vulgar esta distincção na defeza dos seus condemnados erros, de maneira que não ha hoje hum Clerigo Jansenista, (e em Portugal não são poucos) que a cada passo não use desta fraze favorita, como de huma espada de dous gumes, para cortarem por todos os sólidos argumentos, que lhes fazem os Catholicos: os Pedreiros, tendo tomado todos os erros dos Heterodoxos, não poderão passar-se sem este, que reputão como o Palladion de todas as suas Apologias; eu bem sei que são duas cousas diversas = Facto, e Direito = porque desgraçadamente ha muitos factos, que se não ajustão ao Direito; mas deixa por isto de existir hum Direito, que seja a regra do Facto? Fique porem esta averiguação para lugar mais opportuno) *As Leis do Imperio Brasileiro nascem de huma Carta* (Oh! E que grande Carta! Carta de Emancipação! Carta de Separação! Carta de Rebellião! Carta de Doação *inter vivos*, pela qual D. Pedro cedêo da Soberania aos Povos! Carta de Testamento, que teve todo o seu vigor, e confirmação, pela morte civil de D. Pedro, alevantando-se tantos Governos Federativos, ou Republicanos, quantas são as Capitanias do Brasil, com excepção da do Rio de Janeiro, onde se creou a estas horas hum Regente, que sería revesado todas as semanas!) *emanada delle mesmo* (De quem? Do Imperio, ou de D. Pedro? Se do Imperio, quem assignou a Carta aos Brasileiros, que poucos dias ha não sabião o A, B, C? Se de D. Pedro, como dêo as Cartas, perdêo!) *e esta Carta formalmente determina* (na factura da Carta não houverão formalidades; só materialidades, e materialões entrárão na sua composição) *que os Imperadores do Brasil* (Imperadores! Só houve hum honorario, e esse morrêo cá em Portugal á força de desgostos, que lhe causou seu Filho Dom Pedro, e de propinações Pedreiraes! Houve outro Imperador, que foi o mesmo Dom Pedro; mas esse foi somente usu-fructuario, e no melhor dos seus gostos foi mandado á fava, com protesto de nunca mais haver Imperador no Brasil) *não são responsaveis pelo que fazem, senão a Deos.* (Esta inviolabilidade dos Soberanos, que recebem a Corôa por mercê

da huma Carta, he hum engodo para os mesmos Soberanos. Pergunte lá Dom Pedro aos Francezes pela inviolabilidade, que a sua Carta concede aos seus Soberanos; e elles lhe responderão = Tendes o exemplo em Carlos X: Pozemo-lo fóra do Throno, logo que podémos. = Pergunte mais aos Hespanhoes Constitucionaes; ahi tem bem muitos em París, que logo lhe dirão = Pronunciámos Sentença de morte contra Dom Fernando VII, e se a não cumprimos, foi porque soubemos que em esse caso hum de nós não escapava vivo. = Pergunte mais a esses malvados Portuguezes, que o cercão; elles lhe dirão = Tivemos decretado a prisão do vosso Augusto Pai; mas vosso Irmão salvou-o das nossas garras. Ora ahi tem Dom Pedro a inviolabilidade da Carta: os Principes Constitucionaes são responsaveis, pelo que fazem, aos Pedreiros; e ainda que elles sejão da Confraria, não se evadem das vergalhadas Maçonicas.) *Isto he huma Lei Fundamental do Imperio; a nenhuma outra pois he S. M. I. responsavel.* (Em huma Monarchia Constitucional não ha Leis Fundamentaes; ha somente Principios, que são os que fôrão lançados antes que os outros, aos quaes succedem os que são lançados depois, e a estes hão de succeder, os que ao diante se lançarem: estes Principios são revogaveis de quatro em quatro annos, e ainda de quatro em quatro minutos, se assim correr a viração Maçonica: não ha pois Leis estaveis, e permanentes nos Povos Constitucionaes: conseguintemente como Dom Pedro edificou o Imperio sobre areia, arruinou-se logo o seu edificio, e o mesmo edificante foi submergido debaixo das suas ruinas. Dom Pedro, declarando-se responsavel somente a essa Lei da não responsabilidade, ficou sujeito ás variações Constitucionaes, que são contínuas mais que os vortices Carthesianos, em força dos quaes a pedra, diz aquelle Filosofo, vem abaixo; pois assim veio Dom Pedro sem esperança de subir, porque na força dos turbilhões Constitucionaes os Monarchas sempre descem, e não sobem jámais senão ao patibulo, como subio o desgraçado Luiz XVI. Todavia a Proposição de Dom Pedro de que só he responsavel á Lei, he revoltante mesmo no sentido Constitucional. Pois que cousa he Lei? He hum Papel escripto; isso mesmo, e não outra cousa he a Carta. A Carta finalmente he o bello simil d'huma mulher malhada; hum trapo, ou farrapo, batido pelas sordidas mãos d'hum artesão, e convertido em papel á força de golpes do pisão, onde todos escrevem o que,

e como querem, e do qual cada hum faz o uso, que lhe parece: isto he huma Carta, huma Lei Constitucioual, e isto mesmo he huma mulher, que gosta da Carta) Mas agora segue outro periodo, que na 1.ª divisão do Manifesto he o decimo segundo; e como elle pertence a Portugal, merece hum exame pausado, e reflexivo, para que os meus leitores se convenção de que até Dom Pedro conspira contra Dom Pedro, manifestando á face do Mundo as torturas, que tem feito, e pertende fazer á Paz do Continente Européo. Constancia pois, Realistas Portuguezes! Vós ides pelo vosso valôr, e firmeza a fixar os desejados destinos do vosso Paiz, e com os vossos os das Grandes Nações, que vos admirão, e vos protegem.

Rebordosa 4 de Fevereiro de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1832.

Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 27.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

A grande Questão Portugueza sobre a Successão ao Throno.

Dizem por ahi essas Folhas Francezas, e Inglezas que está proxima a estalar huma formidavel guerra sobre esta Questão, a qual D. Pedro quer sustentar a torto, e direito, intervindo em seu favor indirectamente certos Ministros Pedreiros com auxilios, soccorros, e conselhos, que muito o affoutão a esperançar-se de poder subverter a Nação Portugueza na sua fidelidade ao Jurado, e Legitimo Rei Dom Miguel Primeiro. Estamos pois em guerra, digo eu, e assim o indicão todos os movimentos Portuguezes! Vamos pois ás armas, e o valôr decidirá o mesmo, que a Justiça já decidio. Mas hum Sacerdote oitentão, que estudou a Theologia por Livros formados immediatamente depois do Sancto Concilio Tridentino, e que por elles conhece as verdadeiras Tradições Ecclesiasticas, a Disciplina, a praxe, e os costumes da Sancta Igreja Catholica Romana, a unica verdadeira, me disse conversando comigo em hum d'estes dias: — Não, não estamos em guerra, porque, a estarmos, os Senhores Bispos, e Prelados Ecclesiasticos já ha muito terião ordenado aos Parochos, e Sacerdotes, e aos mais Fieis fizessem Preces públicas, e contínuas com a Missa, e Orações *pro tempore belli;* já se terião ordenado Ladainhas tambem públicas, e solemnes; já finalmente os Fieis terião sido exhortados á Penitencia, á Oração, e ao Jejum, para abrandar-se a ira de Deos, e para se obter a sua Divina Misericordia, e Protecção, a fim de nos dar victoria contra os nossos inimigos, e de nos salvar o Nosso Rei, e Senhor Dom Miguel: não ha pois receios de guerra, e muito menos proximidade de effusão de sangue, porque os Senhores Bispos, e mais Prelados

da Igreja, *quos Spiritus Sanctus posuit regere Ecclesiam Dei*, attentos á salvação dos Fieis de Jesus Christo, e á conservação do Throno, terião cumprido nas suas Dioceses, e Districtos estes deveres do seu Sagrado Ministerio!!! Que idéas não despertou em meu coração esta reflexão d'hum Sacerdote veneravel pela sua idade, e pelos seus costumes? A saudade pela observancia dos Sanctos, e antigos costumes da Igreja fez a meus olhos verter huma torrente de lagrimas, considerando que ainda ha quem pense bem em estes dias de impiedade. Eu sigo os impulsos do meu coração acordado por estas reflexões, e como Parocho, não tendo authoridade para ordenar ás Ovelhas, que me forão encarregadas o uso público das Ladainhas, e mais Preces da Sancta Igreja *pro tempore belli*, os admoesto a que todos os dias recitem devotamente cinco vezes a Oração do *Padre Nosso*, e *Ave Maria* á honra, e memoria das cinco Sacratissimas Chagas de Jesus Christo, Deos, e Homem Verdadeiro, que são as Preciosas Armas do Throno Portuguez, para que este Divino Senhor, movido das suas antigas Misericordias com Portugal, o livre da ímpia dominação de Pedro, e de todos os Pedreiros Livres, e conserve esta Nação Fidelissima na sua adhesão ao seu Legitimo Rei Dom Miguel Primeiro, e á Religião dos seus antepassados. Mais não posso fazer, porque a minha authoridade, e caracter do meu Officio não se estende a mais, segundo a presente, e sempre justa Disciplina da Igreja. Lembrado estou do que li, que Sancto Ambrosio, Arcebispo de Milão, e hum dos cinco Doutores da Igreja Latina, n'esses tempos, em que Agostinho, que depois foi Sancto, e a Aguia dos Doutores Sanctos, perseguia a Igreja Catholica com as armas dos Maniqueos destramente manejadas pela sua sublime Logica, e Eloquencia, accrescentou na sua Igreja ás Ladainhas a seguinte Prece — *A Logica Augustini, Libera nos Domine:* — Livrai-nos, Senhor, da Logica de Agostinho. Se Sancto Ambrosio existisse em Portugal em os nossos dias, eu me persuado do seu zelo pela Religião, que elle sem vulnerar a Authoridade Suprema do Summo Pontifice Romano, accrescentaria ás Ladainhas as seguintes Preces, e Supplicas — *Ab injusto, iniquo, et tyrannico regimine Petri Brasiliensis, Libera nos Domine* — Livrai-nos, Senhor, do injusto, impío, e tyrannico Governo de Pedro o Brasileiro. — *Per quinque pretiosissima Vulnera tua, Libera nos Domine* — Livrai-nos, Senhor, pelas vossas cinco preciosissimas Chagas. — *Ut Regi Nostro Michaeli Devotissimo Servo tuo vitam, salutem, pacem et victoriam donare digneris, Te rogamus, audi nos* — Que ao Nosso Rei Dom Miguel Vosso Devotissimo Servo lhe deis vida, saude, paz, e victoria, humildes vo-lo supplicamos:

Ouvi-nos, Senhor. — *Ut cunctos Catholicos Lusitanos in Sancta Religione, et in obedientia Regis sui Michaelis conservare digneris, Te rogamus, audi nos* — Que a todos os Portuguezes Catholicos conserveis na Sancta Religião, e na obediencia ao seu Rei Dom Miguel, humildes vo-lo supplicamos: Ouvi-nos, Senhor.

Nem julguem os meus Leitores que eu esperasse mais, do que he justo, d'hum Bispo sabio, e virtuoso, que a nenhum trabalho, fadiga, e perigos se poupava pela Sancta Igreja Catholica de Roma: elle não duvidou arrostar-se com o Imperador Theodosio, e obriga-lo a cumprir os seus deveres. Quem tanto fez, quem a tanto se expoz; que he ao que se não atreveria contra Dom Pedro, Principe inimigo, e perseguidor da Igreja? Elle inflingiria a pena de excommunhão maior, e de interdicto *ab ingressu Ecclesiæ* a todo aquelle Portuguez, que de qualquer maneira désse auxilio, favor, ou ajuda a D. Pedro, e ás Tropas, que o seguem! Elle inflingiria a pena de suspensão, e de reclusão em carcere perpetuo a qualquer Sacerdote, ou Ecclesiastico, fosse elle Regular, ou Secular, que ousasse prestar, ou a sua pessoa, ou a sua Igreja, ou os Paramentos Ecclesiasticos, para Dom Pedro capear-se de Christão, ou assistindo aos Sacrificios, como pelos mofar assistem muitos Pedreiros, ou fazendo cantar o *Te Deum* para illudir os Christãos! Elle infligiria o interdicto, e a cessação *a Divinis* em todas as Igrejas Seculares, e Regulares, em que taes cousas fossem feitas só por enthronar a Dom Pedro, sendo certo que elle se serve do nome de Deos sómente para enganar, e perverter aos que crêm em Deos Todo Poderoso! Não suscitará Deos em Portugal algum seu Ministro, que por estes meios se opponha como hum *antemural* á impiedade d'esses inimigos da Religião? Suscitou Deos nas Hespanhas hum Grande Bispo d'Ourense, o immortal Quevedo, e em seguimento, ou imitação d'elle outros muitos Arcebispos, e Bispos, que pelos mencionados meios se oppozerão aos impios Decretos das facciosas Côrtes de Cadiz: e deixará Deos dormir em Portugal os Pastores do seu Rebanho? Ah! Que saudades despertão no meu magoado coração os respeitaveis nomes de Dom Frei Bartholomeo dos Martyres, e de Dom Frei Caetano Brandão, Arcebispos de Braga! Ião-se avivando as minhas esperanças no immortal nome do respeitavel Dom Prior Mór de Christo, Successor eleito d'aquelles Sanctos Prelados! Mas Deos no-lo roubou d'esta vida para a eterna, talvez porque este Seculo o não merecia, ou acaso porque tem decretado pôr o seu espirito de valôr em hum Filho de São Bernardo! Portugal na verdade está em guerra; e esta guerra não he só entre Principe, e Principe, entre Gabinete, e Gabinete, en-

tre Nação, e Nação; he entre Catholicos, e Pedreiros: Deos pois nos maiores extremos suscitará Pastores fieis, e vigorosos, que lancem mão das poderosas, e Sanctas Armas da Igreja para reprimir a audacia d'esse Principe, que parece ser conservado, e ajudado para perseguir a Igreja com as suas impiedades, imposturas, e velhacarias. Eis elle mesmo apresenta a maior prova do que venho de dizer, e tenho já dicto em outros Numeros desta Defeza.

Elle (he Dom Pedro que falla, continuando o seu escandaloso, contradictorio, e vergonhoso Manifesto ás Nações) *na verdade poz huma herdeira supposta (!!!) á Corôa de Portugal, querendo sempre reter seus Direitos*, (Havia-os perdido depois que se insurgio em Imperador do Brasil, separado, desmembrado, e independente de Portugal) *e esperar por huma occasião mais favoravel de os forçar, por que isto foi exigido por circumstancias imperiosas; e Principes Constitucionaes não estão ligados a suster boa fé com seus Vassallos.* (Eis como Dom Pedro, qual outro Italiano com a sua Camara-optica, tem pertendido com as suas palavras enganar a *tuti le mondo.)*

He assim como Dom Pedro não tem usado jámais boa fé, não digo eu com os Brasileiros, e com os Portuguezes, mas com todos os Gabinetes da Europa. Reconhecêrão-no estes Imperador do Brasil, sendo ainda vivo seu Augusto Pai Rei de Portugal, Brasil, e Algarves; Reconhecêrão-no depois em Rei de Portugal, e Algarves, tendo-se frangido a Nação Portugueza em duas ametades Côroadas, e separadas; expede elle Pedro a sua Carta, e abdicação para Portugal, e esta mesma Carta, e abdicação são reconhecidas; a herdeira supposta tambem o he por essa Nação, que interveio, ou mediou na separação, ou fracção da Nação Portugueza!!! E tudo isto foi supposto? Foi tambem supposta a desmembração do Brasil, e de Portugal? Tambem foi supposto o Imperador do Brasil, e o Rei de Portugal, d'aquelle Dom Pedro; deste Dom João VI? E os Gabinetes ajudárão a todas estas supposições? Ou forão todos elles illudidos por Dom Pedro? Ah! Que a Diplomacia se collocou a si mesma precipitadamente em huma posição difficultosa pelas manobras de Agentes conduzidos por principios destructivos da estabilidade de todas as Monarchias! Quem fabricou este labyrintho? Quem, e como poderá sahir delle? Dom Pedro confessa que poz huma herdeira supposta á Corôa de Portugal, querendo sempre reter seus Direitos, e esperar por huma occasião mais favoravel de os forçar! Ora, ou Dom Pedro enganou os Gabinetes, ou não: se elle enganou os Gabinetes, suppondo huma herdeira á Côroa de Portugal, elles devem forçar a Dom Pedro a dar-lhes huma satisfação; e

como elle nenhuma outra lhes possa dar, que a de lhes dizer que os enganou, devem os Gabinetes condemná-lo a silencio, e desterrá-lo para a Siberia, ou para a Noruega como a hum Principe de má fé, com quem se não póde ter sociedade alguma, e que não tem tractado senão de perturbar a Paz da Europa: mas se os não enganou, se os Gabinetes conhecêrão todas as cavillações de Dom Pedro; como he que elles o reconhecêrão em Rei de Portugal? Ou como he que elles reconhecêrão essa herdeira supposta? Tambem os Gabinetes quererião perturbar a Paz dos seus Póvos? Este parece hum mysterio, e para mim nunca o foi, porque sempre entendi que ha na Europa huma Nação, que não estuda senão em promover as Revoluções no Continente, porque imagina engrossar seu Poder sobre as ruinas dos outros Póvos. A essa Nação convinha que a America Hespanhola ficasse desmembrada, e separada da sua Metropole, e por isso protestou contra toda, e qualquer Nação, que directa, ou indirectamente auxiliasse a Corôa Hespanhola á reconquista das suas Possessões em o Novo Mundo: a essa Nação convinha que o Brasil fosse separado da Nação Portugueza, não só pela razão geral, mas pela especial, de que a Nação Hespanhola não fizesse escala pelo Brasil de convenção com os Soberanos de Portugal para metter na sua obediencia aquelles rebeldes, e infelizes Póvos. Deste dobrado principio veio o essa Nação metter debaixo da sua influencia, e direcção a esse Pedro, que outr'ora dizia havia de dar-lhe as Leis; e o ambicioso Pedro, guiado por esses máos conselhos, separa o Brasil de Portugal, vindo a ficar sem hum, e outro. Conhece Dom Pedro, estando pelos seus principios, que elle não póde ser mais Rei de Portugal, tendo-se feito Imperador do Brasil, e desesperado busca o remedio nas mãos dos mesmos, que lhe havião dado ó veneno; fazem estes que elle seja reconhecido em Rei de Portugal depois da morte de seu Augusto Pai, e assim pensão contentá-lo com o Titulo de Soberano das duas ametades da Monarchia Portugueza, mas exigindo delle, para adormentar os Portuguezes, a abdicação da Corôa de Portugal em sua Filha: eis-aqui o dobrado interesse do Maçonismo, e d'essa Nação bem conhecida: Pedro pois na verdade poz huma herdeira supposta á Corôa de Portugal, e eu sempre assim o pensei, porque não era de esperar delle que assim quizesse ceder de seus Direitos a hum Paiz, que lhe dêra o ser; Direitos, que elle havia perdido pelos seus erros, mas erros que elle julgava não terem transcendencia alguma para com as Nações do Continente. Assim Pedro, pondo ficticiamente huma herdeira supposta á Corôa de Portugal, pensou illudir a esse Gabinete, que possue a Arte dos enganos: o Gabinete conhece que Dom

Pedro queria illudi-lo, e por isso não accede elle ás instancias deste, em que o Senhor Dom MIGUEL fosse para o Brasil, instancias já por elle feitas com seu Augusto Pai, quando se insurgio com os Brasileiros: os Brasileiros tambem se sentírão illudidos, percebendo que a herdeira posta á Corôa de Portugal era supposta, e que elle retinha sempre seus Direitos, e esperava por huma occasião favoravel para os vencer. Volta Dom Pedro á Europa, expatriado pelos rebeldes, que o adoptárão, e agora concebe elle o ímpio e nefario designio de reunir as duas Corôas, reconquistando a de Portugal, e com esta a do Brasil; mas os Brasileiros inspirados, não só pela sua immoralidade, como por conselhos estrangeiros, arvorão Governos Federativos. Porque razão? Ou qual a causa d'essa influencia estrangeira? 1.ª Para tirar a Dom Pedro toda a esperança de reconquistar o Brasil. 2.ª Para tirar á Nação Portugueza o futuro de unir a si aquella ametade roubada, onde ha bons Portuguezes e bons Brasileiros que suspirão pela anterior união. Veja bem Dom Pedro, ou os seus partidarios como os Conselhos estrangeiros os perdêrão, e reduzírão a huma posição de que não podem sahir. Mas Dom Pedro, me dirão alguns, he ajudado mais ou menos por esses estrangeiros. Sim, e isso vem de tres principios. 1.º De que o Maçonismo quer segurar-se na Europa: 2.º De que os Francezes ainda não vírão o cáhos, em que a Politica manhosa d'huma Nação rival os tem submergido: 3.º De que Dom MIGUEL não convem no Throno a alguns Estadistas, que vêm nelle o laço da união de todas as partes componentes da Monarchia Portugueza, e hum auxiliador para a subordinação das Americas Hespanholas. Porém huns e outros se enganão, como sempre, nos seus perversos conselhos. Depois de annos mil, as aguas hão de ir por onde sohião ir; porque a Europa não póde voltar ao seu necessario e desejado equilibrio, sem pesar sobre aquelles eixos em que ella se ostentava grande, opulenta e poderosa, quando todos os seus Póvos estavão subordinados e unidos aos seus Soberanos: a base deste equilibrio he a Religião, que foi a que civilisou o Novo Mundo.

Eu disse mais de huma vez que Dom Pedro tivera no Brasil a arte de descontentar a todos, e assim foi: Portuguezes, Brasileiros e Estrangeiros de todas as Nações alli residentes o sobrecarregão de maldições, e de epithetos os mais vergonhosos; hum só não ha no Brasil, nem mesmo o seu amigo José Bonifacio de Andrade, que não maldiga delle; pelo que eu, sem fazer Causa commum com os Brasileiros, nem tomar a meu cargo a Apologia daquelles Povos levados ao abysmo das Revoluções, acreditei que a sua voz unanime, e conforme, sem exceptuar hum, contra Dom Pe-

dro, era a voz da verdade, verificando agora esse mesmo Povo discolo a sentença de — *Vox populi Vox Dei* —, assim como confirma a mesma sentença, e com muito maior, e melhor razão, a unanimidade do Povo Portuguez bemdizendo ao seu Rei, o Senhor Dom Miguel, appellidando-o, e com muita justiça Pai da Patria, Protector dos Portuguezes, Restaurador da Monarchia, Salvador dos Povos, Anjo Tutelar de Portugal, e outros mil Titulos, que sahem do íntimo de corações agradecidos, cheios de ternura, e penetrados d'hum amor, que não conhece igual! Mas agora sou obrigado a dizer que Dom Pedro teve a vil, e baixa arte de enganar a todos, sem exceptuar os mais illustrados Gabinetes da Europa, porque todos, assim os homens de boa, como de má fé, Pedreiros altos, e baixos, Constitucionaes exaltados, e moderados, Realistas pensadores, e crédulos, todos, Bispos, e Fidalgos da mais elevada esfera, Togados dos maiores conhecimentos, Literatos de todas as profissões, Militares de todas as graduações, até o mesmo Governo de Portugal, o da Inglaterra, o da França, e o da Austria, todos se persuadírão que Dom Pedro pozera em verdade huma Herdeira Real á Corôa de Portugal. Nem jámais poderão acreditar os mesmos Constitucionaes que ella fosse huma Herdeira supposta depois de terem jurado a Carta Constitucional, que no seu Titulo I, Artigo 5 diz assim — *Continúa a Dynastia Reinante da Serenissima Casa de Bragança na Pessoa da Senhora Princeza Dona Maria da Gloria, pela Abdicação, e Cessão de seu Augusto Pai o Senhor Dom Pedro* .... He indisputavel que os Constitucionaes jámais tomarião armas para defenderem esta Carta, se elles suppozessem que esta Herdeira era supposta, porque não ha hum só entre elles, que não aborreça de todo o seu coração a Dom Pedro, dizendo agora mesmo esses culpados de Rebellião que, a terem Rei, antes querem a Dom Miguel que a Dom Pedro. Constitucionaes, e Pedreiros, se ainda sois capazes de algum bom conselho, abandonai hum Principe, que vos atraiçoou, e que successivamente vos atraiçoará! Vêde que haveis derramado o vosso sangue, e vos haveis mettido em grandes perigos, e trabalhos por amôr da Carta assombrada com o nome de Dona Maria da Gloria, não com o nome de Dom Pedro, de quem vós mesmos dizieis, e dizeis que he hum Tyranno, que he hum Déspota, que não tem caracter! Dai ao menos na vossa Rebellião hum exemplo de que sois mais consequentes que o Auctor da Carta! Entre tantas baixezas não tenhais a de dizer ao Mundo que sois tão capazes de enganos, como o he Dom Pedro! Mas os rebeldes estão no ultimo desespero, e não sabendo de que lado se volvão para conceber alguma sombra de esperança de melhorar a sua sorte,

tomão o nome de Pedro, para se desfazerem delle! Leve-nos elle a Portugal, dizem os rebeldes, e he huma verdade que assim o dizem, e nós o poremos fóra de Portugal, como os Brasileiros o pozerão fóra do Brasil, porque hum Principe, que enganos nutre, mais que degredo ainda merece. E depois d'hum engano como este, depois d'huma confissão tão vergonhosa, como Dom Pedro faz, de não haver abdicado senão para illudir as Nações, e os Povos, ainda ha Gabinetes, que o protejão? Assim se acabou a vergonha no Mundo! Que nodoa para a Diplomacia do Seculo 19! Não deverião os Gabinetes, ao menos por crédito seu, e para não deixar na Historia o ferrete de inconsequentes, repellir a Dom Pedro como a hum Principe doloso, de má fé, sem palavra, sem caracter, sem honra? A hum Principe, que embrulhou toda a Diplomacia, que enganou a todos os Soberanos? Que he da honra das Testas Coroadas, e dos Ministros, que intervem nos seus Conselhos? Porem o mesmo Dom Pedro se tirou a mascara! Nações poderosas recusão admittí-lo a Audiencia sobre suas pertenções, pela sua má fé, pelas suas inconsequencias, e pela sua falta de palavra! Em má hora alguns Gabinetes, em que o Maçonismo tresloucou de todo, prestem algum auxilio a esse Principe dementado, só para com seu nome perturbarem a Paz da Peninsula! A justiça de Dom MIGUEL está mais poderosamente protegida; e ella ha de prevalecer. Os Portuguezes prezão a honra mais que a vida: ser Portuguez, e cumprir a palavra, são cousas essencialmente identicas: he só Dom Pedro a excepção desta regra. — He Portuguez, mas não tem palavra —; mas elle he Pedreiro, e Pedreiros jámais tiverão honra, nem vergonha.

He por esta razão que eu me lembro de que os Senhores Bispos, e mais Prelados Ecclesiasticos de Portugal lançárão mão de todas as armas da Igreja, para repellir hum Principe, que abona as suas pertenções com enganos, com dolos, e com perjurios. Não só as Preces *pro tempore belli*, com a Antifona *Princeps gloriosissime, Michael Archangele*... as Ladainhas públicas, e as Censuras, que lembrei no principio, segundo a Sentença do Apostolo — *Arma militiæ nostræ non carnalia sunt, sed potentia Deo* .... — são as armas, de que opportunamente se aproveitarão os Senhores Bispos, e mais Prelados Ecclesiasticos de Portugal, como Principes da Igreja, mas tambem as armas temporaes, como Principes do Estado. Sim, a espada será empunhada na sua mão direita, para vingar na repulsa de Pedro o sacrílego perjurio, a que em seu nome fôrão levados no Juramento de huma Herdeira supposta á Corôa de Portugal. Sim, as armas serão tambem empunhadas pelo Clero Portu-

guez em defeza do seu Legitimo Rei, e Senhor Dom MIGUEL: o Clero pode, e deve pegar em armas para defender o seu Soberano, quando nelle defende a sua Religião, e as suas vidas. Mas ah! que esta doutrina, dizem alguns, affectando de Christãos pacificos, e inimigos da effusão de sangue, não he conforme aos principios da Igreja! Ah! Senhores Jansenistas, ou refalsados hypocritas do Christianismo! Quando ensinou jámais a Igreja que o Evangelho não pode ser defendido com armas? Ensinado, não; sustentado, e propugnado, sim. E quem ha, que duvide que Dom Pedro persegue o Evangelho? Não permitte elle pelo Artigo 6.° do Titulo I da dita, ou maldita Carta todas as outras Religiões com seu Culto domestico, ou particular, em casas para isso destinadas? Que importa que elle diga no mesmo Artigo que a Religião Catholica, Apostolica, Romana continuará a ser a Religião do Reino? Elle dirá logo, como que segundo os seus principios hum Principe Constitucional não está ligado a suster boa fé com seus Vassallos, que elle poz essa Religião supposta aos Portuguezes, esperando huma occasião mais favoravel de a forçar, ou de a desterrar. Não tem elle começado já a perseguir o Evangelho por entregar aos Judeos todo o Patrimonio da Igreja Lusitana? Não reprovará elle, como a actual Constituição Franceza, o Celibato Ecclesiastico? Não consentirá elle o divorcio, e todos os mais projectos de acabar com o Christianismo? E em estas circumstancias não poderá, não deverá o Clero verdadeiramente Christão defender com armas, e suster pessoalmente as Instituições Ecclesiasticas? Ah! barbaros inimigos da Igreja disfarçados em seus filhos pacificos! O immortal *Aresti*, Bispo de Paraguai, de cuja Canonização tem havido as mais bem fundadas esperanças, Monge Benedictino no Mosteiro de S. Julião de Samos no Reino da Galliza, no anno de mil seiscentos e tantos foi corajoso á frente do seu Rebanho, com a Sancta Imagem de Jesus Christo Crucificado na esquerda, e com a espada na direita, na derrota dos Infieis Indios, que vinhão infestar a sua Diocese! Antes delle não combatêrão pessoalmente com os Mouros tantos sabios, e virtuosos Bispos da Hespanha, que deixárão aos seus Successores hum vivo exemplo de valôr, e de fidelidade pela defeza das suas Igrejas!

São Alvito, Bispo de Leão, que tambem fôra Professo no dicto Real Mosteiro de São Julião de Samos, não andou continuamente na Côrte d'ElRei Fernando Magno dirigindo-o, aconselhando-o, e ajudando-o na cruel guerra, que fazia aos barbaros Sarracenos? E, vindo aos nossos dias, o Veneravel Bispo de Santander, não capitaneou elle mesmo huma forte Divisão dos seus Diocesanos contra os Exercitos

de Napoleão, a quem elle chamava o novo Nabuchodonosor? Por ventura não he Dom Pedro o Nabuchodonosor Portuguez, que á frente de Tropas descatholisadas vêm perseguir os Catholicos Portuguezes? O Immortal Arcebispo de Tarragona não dirigio elle as operações dos Realistas Hespanhoes, que no anno de 1822 pegárão em armas contra os Constitucionaes do mesmo Reino? E faltão semelhantes exemplos na antiga Historia Portugueza? Quantos Bispos, e Sacerdotes Sabios, e Virtuosos acompanhárão os seus Reis na expulsão dos Sarracenos? Ainda mesmo que a guerra não fosse de Religião, ou contra os inimigos da Religião, os Senhores Bispos de Portugal se presentárão no campo de Marte á frente das Tropas Portuguezas. Bastará hum exemplo, que me offerece o Auctor da Serie Chronologica dos Prelados da Igreja de Braga, se bem que eu não gósto muito d'esse detractor das tradições do Cabido Bracarense, que as depremio movido da persuasão de que o Breviario Bracarense foi reformado pelo Arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles, pelos annos de 1700, sobre Lendas extrahidas dos falsos Chronicões de Flavio Dextero, no que o Auctor, imitando nesta parte ao famoso *mala utique fama* Padre Antonio Pereira, mostra não haver visto o precioso, e rarissimo Breviario Impresso em Villa Real de Tras-os-Montes no anno de 1489, tempo em que ainda se não havião feito publicos os Chronicões de Flavio Dextero, de Meréo, e de Beroso. Porém que de inimigos não tem as tradições das Igrejas da Hespanha, depois que apparecêrão os Filosofos incrédulos! Venho porém ao exemplo, que me subministra o dicto Auctor, o qual transcrevo pelas suas proprias palavras: falla elle do Arcebispo de Braga D. Gonçalo Pereira, hum dos Progenitores da Serenissima Casa de Bragança, por ser Avô do grande Conde de Barcellos, Condestavel do Reino, D. Nuno Alvares Pereira, do qual tambem descende a actual, e nobilissima Casa de Cadaval, e diz. — Não só á Igreja, mas tambem ao Estado, fez D. Gonçalo Pereira grandes Serviços. Em 1336 entrárão em Portugal com mão armada os Castelhanos pelo Norte, e se adiantárão até o Porto, deixando tudo apóz de si desbaratado, e destruido: marcha D. Gonçalo, une-se ao Bispo d'esta Cidade, e ao Mestre de Christo; organisão alguma Tropa, e perseguem os inimigos de modo, que fogem bem arrependidos da Expedição, deixando mortos no Campo hum dos Generaes, e 300 Soldados, aqui, e alli toda a bagagem: (Notem bem os meus Leitores que os inimigos erão Catholicos, o que não succede ás forças, que acompanhão a Dom Pedro) — e mais abaixo diz o mesmo Auctor. — Na memoravel Batalha do Salado, assistindo ao lado d'ElRei com outros muitos bravos Portuguezes, fez pro-

digios de valor: a ella se seguio a victoria de tanta gloria, para os Portuguezes, e Castelhanos, e de tanto proveito para a Christandade. — Aqui temos pois sanccionada com fortes, e poderosos exemplos a Doutrina da Igreja, de que he licito aos Ecclesiasticos pegar em armas para defender a sua Religião, o seu Rei, a sua Patria, e as suas Pessoas. Ainda bem que o Clero Secular, e Regular d'estes dias está decidido a seguir estes exemplos de zelo, e de fidelidade pela Igreja, pelo Rei, e pelo Estado. Ainda bem que Sua Magestade o Senhor Dom Miguel Primeiro manda louvar pelo seu Ministro das Justiças, e dos Negocios Ecclesiasticos estes sentimentos, e offerecimentos proprios de Ecclesiasticos, que amão deveras a Religião, e o Rei. Mas ah! Que os Furtados de Mendoças já defendêrão com valor o Throno na Pessoa do Senhor D. João IV, e hoje o defendem com a justiça, e com as armas na Augusta Pessoa do Senhor Dom Miguel Primeiro! Possa hum nas Justiças, e outro nas Armas, adquirir verdadeiras informações sobre as qualidades de muitos, que estão encarregados de salvar a Patria, ora exercitando a Lei, ora manejando a espada, para despedir do serviço aos que forem hypocritas da Realeza, ou aos que não guardão palavra, nem tem palavra. Alguns haverá na ordem da Justiça, que tem malhas de sobejo! Outros haverá na ordem do Exercito, que tem mais notas de infamia, que de gloria! Huma Authoridade Militar conheço eu, que na occasião da infame Rebellião do anno de 1828 dêo parte de doente, e por tal se abonou com Attestados graciosos, para se escusar dos trabalhos da Campanha, e para se não expôr, e a sua Casa nos duvidosos acontecimentos d'huma guerra civil, que a muitos covardes teve indecisos. São guedelhas do Exercito, que só apparecem para colher os louros do premio, e se somem para não fazer Serviço! Taes Militares são mais empecilhos, que Officiaes do Exercito. A indecisão he o caracter d'hum fraco, ou de hum egoista; e d'hum egoista a hum trahidor apenas dista meio passo: e depois de tudo isto a intriga he o escudo, de que se serve o egoista, para encobrir a sua fraqueza, e para perder os que lhe tomárão o passo no valor, no desinteresse, nos trabalhos, e na gloria. Eu vi n'esse infeliz anno de 1828, apenas me recolhi da Hespanha, o Regimento de Milicias de Penafiel declarar-se pelo Senhor Dom Miguel, e tomar armas contra os infames rebeldes do Porto, e não vi algum Chefe nas suas fileiras! Verdade he, que a esse tempo ainda não era Tenente Coronel o esforçado, e brioso José Maria Monteiro de Vasconcellos, que não sabe permanecer immovel nos perigos da Patria, ainda mesmo como particular, de que são relevantes provas seus generosos offerecimentos á

Divisão do General Franco, e já d'antes os Serviços, a que se prestou, coadjuvando no anno de 1823 os não conseguidos projectos da sua passagem ao Minho da Heroica Divisão Transmontana, e no anno de 1827 a gloriosa tomadia, que as Milicias de Chaves, Commandadas por João Vicente Taveira de Macedo, fizerão d'huma boa porção de Tropa Constitucional estacionada em Canavezes. Mas eu não tomo agora sobre mim o cargo de contar todos os bons feitos do Tenente Coronel Vasconcellos, que deixo de proposito para ajuntar aos muitos, que vai continuando a fazer no dicto Regimento de Milicias de Penafiel, sendo hum Pai dos Milicianos, que com elle irão medir valorosos as suas forças com as mais aguerridas d'esse rebanho de trahidores, que seguem o seu conductor Pedro. Resta-me porém concluindo este Número, pedir aos dous immortaes Mendoças me relevem, que a respeito dos empregados na Administração da Justiça, e do exercicio das armas lhes diga as mesmas palavras, que Jesus Christo disse aos seus Discipulos. — *Vos mundi estis, sed non omnes.* Pelo amor de Jesus Christo Crucificado, Deos, e Homem Verdadeiro, peço a quem compete, que alimpem das Fileiras, e da Judicatura os que não estão limpos; porque hum Judas houve no Apostolado, e he possivel haver muitos Judas de mistura com os verdadeiros Defensores do Senhor Dom Miguel. Em esta limpeza do Exercito, e da Magistratura consiste na presente collisão a actual Defeza de Portugal.

Rebordosa 10 de Fevereiro de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1832.

Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 28.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

A grande Questão Portugueza sobre a Succession ao Throno.

Hum mentiroso jámais póde ser acreditado, senão quando elle diz que mente, ou que mentio. O espirito da verdade he o mesmo espirito da honra; quem não ama aquella despreza esta: todo o Mundo tem considerado a verdade como o caracter do homem de bem, e tem desprezado sempre o mentiroso como hum impostor, ou hum malvado: Este sentimento tem sido geral na Sociedade; tanto elle he conforme á Natureza. Mas em este Seculo a honra acabou, porque o mentiroso he seguido, he prezado, he ajudado, e protegido. Qual será a prova d'esta minha Proposição? Ei-la ahi patente a todo o Mundo: D. Pedro poz huma Herdeira á Corôa de Portugal no anno de 1826, e elle mesmo no anno de 1831 diz que elle poz esta herdeira supposta! Cinco annos pois levou Dom Pedro a mentir, e a mentir obrigou aos Gabinetes, que reconhecêrão real a Herdeira supposta; a mentir obrigou a esse Partido Constitucional, que tem deitado os bofes pela bôca gritando por huma Menina, que não era Rainha, senão por huma ficticia, e velhaca Cessão de seu Pai! Está pois Dom Pedro convencido de mentiroso pela sua mesma declaração, e está ainda mais convencido de que elle mente por officio, habito, e estudo, porque elle mesmo diz que não está obrigado a suster boa fé com seus Vassallos, ou, o que val o mesmo, que elle não está obrigado a fallar verdade aos Povos! Que horror! Nero foi hum velhaco, hum cruel, hum trahidor, mas nunca se aventurou a dizer que não estava obrigado a fallar verdade aos seus Romanos: não; porque se o dissesse todos os punhaes do Imperio se

considerarião poucos para dar cabo d'hum Monstro. Mas Dom Pedro vive; elle he seguido, he ajudado, he protegido! Acabou pois, ou não acabou a honra no Mundo? E tantos trabalhos na Diplomacia por causa da Herdeira supposta! E tantas Conferencias no Gabinete de Londres para reconhecer huma Rainha Abdicataria, ou Cessionaria, em quem seu Pai não fez Cessão, e Abdicação senão para enganar esse mesmo Gabinete! E ainda he auxiliado, ainda he ajudado, e protegido? Por muitas vezes tem instado comigo sujeitos, a quem desejava servir, para que escreva hum Folheto sobre a Politica das Nações a respeito de Portugal. Mas que poderia eu escrever? Todos os Portuguezes fallão, e fallão de sentidos, de aggravados, e de queixosos: mas ninguem escreve como falla, porque tem mais Censuras a penna que a lingua. Tal he a posição, a que os inimigos de Portugal reduzirão a esta Nação briosa! Póde hum qualquer estouvado Estrangeiro escrever tudo, o que lhe dicta a sua Hydrophobia Maçonica contra o Governo de Portugal; e não póde hum Portuguez sensato escrever, o que a mais bem meditada justiça lhe aconselha contra hum Governo, que tem feito mil torturas á sua Nação? O Governo do meu Rei, e Senhor Dom Miguel está affrontado por obra, e por escripto; e não poderei eu desaffronta-lo? Mordo-me os beiços de desesperação, e digo: Ah! Cães! Ainda hei de fallar! Que podem dizer os Estrangeiros em descredito do Governo Portuguez? Que elle exerce justiça segundo as suas Leis, diminuindo-lhe as mais das vezes o seu rigor! Mas ainda bem que a respeito da Politica do Governo Inglez com o Governo de Portugal estou dispensado de fallar, e de escrever depois de o haver feito Guilherme Walton Inglez. Venho pois outra vez ao meu assumpto.

Parece que a Diplomacia obrando de boa fé deveria desprezar formalmente a D. Pedro, por ter obrado de má fé; e elle mesmo assim o diz na Cessão de Portugal a favor de sua Filha, Cessão supposta, e fantastica para illudir não só os Brasileiros, e os Portuguezes, como os Gabinetes. Por motivos muito menos poderosos tem os Soberanos declarado a guerra a outros, e dissolvido a sua alliança com elles. Mas este he o tempo, em que os velhacos tem fortuna, porque outros velhacos os protegem: de maneira, que se eu fosse obrigado a dar a definição da Diplomacia, dirigindo as minhas idéas pelo que vejo praticar-se por alguns Gabinetes a favor de Dom Pedro, e contra o Senhor Dom Miguel, diria assim: Diplomacia he hum Systema de Velhacaria, e de Maçonaria formado sobre hum conjuncto estudado de mentiras, de calumnias, de imposturas, e de supposições com absoluta

exclusão da boa fé. Ninguem póde roubar-me a gloria d'esta definição tão ajustada aos costumes do Seculo: para ser bom Diplomata, me disse ha tempos hum Maçon, não se requer outra Sciencia que a de ser velhaco, e saber mentir; por isso, lhe respondi, não sirvo eu para Diplomata, porque nunca aprendi a ser velhaco, nem a mentir. Se a Diplomacia quizesse poupar-se a estas verdades, que lhe não dão muita honra, deveria á vista da má fé, que Dom Pedro tem usado por tempo de cinco annos, pondo huma Herdeira supposta á Corôa de Portugal, segundo a declaração, que elle mesmo faz no seu Manifesto, não lhe dar mais audiencia sobre esta materia, e vir sómente ao exame de se elle tinha Direitos sobre Portugal, que podesse Ceder, e Abdicar, e se a Cessão, e Abdicação fôra feita segundo as Leis da mesma Corôa? O Reino de Portugal não he Patrimonio, de que alguma Familia possa dispôr, dividir, retalhar, e alienar; he sim hum Reino formado para a Familia do Senhor Dom Affonso Henriques, preferindo a Linha recta á transversal, e em ambas duas o homem á mulher, e no mesmo sexo a maior idade á menor. Esta póde ser a primeira base, sobre que a Diplomacia deve regular, ou examinar esta Questão: Logo Dom Pedro não podia abdicar senão em seu Filho, por isso que o Reino de Portugal não he electivo em sentido algum. Segunda: O Reino de Portugal tem Leis, que regulão a Successão ao Throno, e conforme a ellas não póde reinar alguem, que tenha tomado armas contra o seu Soberano, ou contra os seus Povos; (salvo se o Soberano lhe perdoasse, como succedêo ao Senhor Dom Pedro Primeiro) que esteja fóra de Portugal, não sendo em Serviço do mesmo Portugal, ou que não possa residir em Portugal; que tenha outra Corôa antes de ter a de Portugal; e que se tenha feito infame, e inepto para o Governo, como são os furiosos, e os que não tem a mesma Religião, que os seus Povos. Logo Dom Pedro não tem alguns Direitos á Corôa de Portugal. Terceira base: Segundo os Capitulos de 1641, e as Côrtes de 1661, havendo duas Corôas vagas por morte do ultimo Rei, a maior será para o Filho maior, e a menor para o menor; e se a algum Soberano accrescer outra Corôa, que seja incompativel, com a que já tem, escolherá qual mais quizer; e a que deixar passará para o immediato Successor. Quarta base: Por morte do Senhor Dom João VI, ultimo Rei de Portugal antes da Questão, só ficou huma Corôa, porque elle não possuia a do Brasil. Quinta base: A partilha das duas Corôas pertencentes á Augusta Dynastia de Bragança fôra feita na vida do Rei das duas, o Senhor Dom João VI, escolhendo seu Primogenito Dom Pedro na do Brasil.

Sexta base. O Representante do Senhor Dom João VI no Brasil era Dom Pedro por sua livre escolha. Estas bases são simples, são claras; ellas partem das Leis de Portugal, e da mesma actual Diplomacia, depois de haver reconhecido na Serenissima Casa de Bragança duas Corôas em diversas pessoas, huma na do Senhor Dom João VI em Portugal, outra na de Dom Pedro no Brasil. Logo, e nenhuma consequencia póde haver mais clara, e facil de se perceber, o Senhor Dom MIGUEL he, segundo a Lei, o Representante, o Successor do Senhor Dom João VI na Corôa de Portugal, e por isso deve ser Reconhecido no Throno, como o era o Senhor Dom João VI, indo consequente a Diplomacia no Reconhecimento de dous distinctos, e diversos Imperantes nas duas distinctas, e diversas Corôas, de Portugal, e do Brasil. Que poderão objectar contra isto os Diplomatas Estrangeiros, que não seja futil, vão, e ridiculo? Que o Senhor Dom João VI foi Rei do Reino Unido de Portugal, Brasil, e Algarves, e que tambem o pode ser assim seu Filho Dom Pedro? Bem; mas o Senhor Dom João VI foi somente Rei de Portugal, e Algarves, depois que o Brasil foi separado para Dom Pedro. Que o Senhor Dom João VI desde o Brasil governava a Portugal? Sim; mas então o Brasil, e Portugal formavão huma só Corôa, e agora formão duas. Que Dom Pedro pode ser ao mesmo tempo Imperador do Brasil, e Rei de Portugal? Essa accumulação, alem de ser contraria a todo o Direito, he summamente opposta aos mesmos Principios Diplomaticos, porque o Senhor Dom João VI não foi jámais reconhecido em Imperador do Brasil, antes no Brasil, e em Portugal reconhecêo a Diplomacia dous Imperantes diversos. Finalmente, a partilha foi feita, sendo ainda vivo o Senhor D. João VI: Dom Pedro escolhêo então: não ha pois lugar a nova partilha, e escolha. Logo a protecção, ou directa, ou indirecta, que se dá a Dom Pedro para occupar o Throno de Portugal tanto para si, como para sua Filha, he opposta a todo o Direito, e a todos os principios da Diplomacia. E não digo eu bem que acabou a honra no Mundo? E como pode haver honra sem boa fé, e sem verdade? Mas verdade em Constitucionaes, verdade em Pedreiros, verdade em Pedro? Huma só verdade.

Huma só verdade ha no Manifesto de Dom Pedro, e he que elle poz huma Herdeira supposta á Corôa de Portugal, porque elle como Principe Constitucional não está ligado a suster boa fé com seus Vassallos. Huma só verdade ha, e he que Dom Pedro tem enganado a todos. Huma só verdade (terceira vez o digo, e agora levanto a minha voz, para que me ouça todo o Exercito) que Dom Pedro mente.

Realistas Portuguezes! não acrediteis em nenhum desses Escriptos, que acabão de espalhar-se entre vós em nome de Dom Pedro! Tudo o que elle vos diz he mentira. Quem mentio á face da Europa inteira por espaço de cinco annos, mettendo huma Herdeira supposta á Corôa de Portugal; quem enganou a sua mesma Filha; quem zombou da boa fé, ou da credulidade dos seus mesmos amigos, tambem agora mente, para vos perder. Em perdões não acrediteis, porque elle tem sède de sangue Portuguez! Em premios? Elle só vinganças respira! Desempregar a todos os Empregados Civís, Militares, e Ecclesiasticos; eis o seu systema; esse he o Decreto já publicado em seu Nome por essa Regencia de doudos furiosos refugiados na Ilha Terceira. Mas se isto só fosse? E as vossas fortunas? Peiores que as dos que estão captivos em Marrocos. E as vossas vidas? Nas mãos dos mais aleivosos assassinos. E as vossas mulheres, e filhas? Mais honradas estarião no Serralho de Constantinopla. E a vossa Religião, Portuguezes? Portuguezes, e a vossa Religião? Ah! Quanto não seria mais precioso ter vivido nos tempos de Diocleciano, a de Maximiano! E a vossa honra, Portuguezes? Que he da vossa honra? Vêde bem que Dom Pedro diz no seu Manifesto que elle não está ligado a suster boa fé com seus Vassallos, que elle não está obrigado a guardar palavra, que elle em fim não cumpre aos Povos o que lhes promette. Eia pois, Portuguezes, sustende vós a vossa boa fé com o vosso Rei, e Senhor Dom Miguel I; guardai-lhe palavra, cumpri o que lhe promettesteis tão livremente. Elle não vos pedio que o fizesseis Rei; antes Elle generoso resistio por muito tempo aos vossos rogos, em quanto os Tres Braços do Estado Lho não supplicárão com todas as formalidades da Nação. Elle susteve sempre boa fé com seus Vassallos; guardou-lhes palavra, cumprio, o que lhes promettêo. Portuguezes! E o vosso Rei? O vosso Rei? O vosso Amigo? O vosso General? O vosso Desejado, Suspirado, e Amado? O Ungido do Senhor, o Enviado de Deos, a Gloria, as Esperanças, as Delicias da Nação? O Senhor Dom Miguel? Portuguezes! O vosso Legitimo Rei?

Eu fallo assim, porque a Tragedia já está no 5.° Acto. Conto hoje o dia 22 de Fevereiro, dia anniversario do Regresso do Melhor dos Reis, do Principe mais amado, do mais virtuoso Soberano, do Anjo da Paz. Então veio abaixo o panno, permittão-se-me estas expressões theatraes, já que estamos em Tragedia; então veio abaixo o panno, e os Constitucionaes, e o seu Governo fôrão sumidos, e mirrados; elles não apparecerão, porque outro panno foi acima, e o Senhor Dom Miguel, o Astro mais proficuo, mais lu-

minoso, mais beneficente; o Sol da Justiça Portugueza apparecêo no Theatro, e as trévas começárão a dissipar-se. Ah! Que este dia, mais brilhante que todos os que illuminárão o Horisonte Lusitano, não esqueça jámais da memoria dos Portuguezes agradecidos! Que os Portuguezes sustentem boa fé com o seu Legitimo Rei, e Senhor Dom Miguel I! Que elles guardem palavra ao seu General! Que elles cumprão o que promettêrão a seu Pai! Manter a Religião Catholica, Apostolica, Romana, Unica, Verdadeira! Permanecer no seio da Sancta Igreja de Roma! Suster as Leis Fundamentaes da Monarchia! Odio eterno aos Pedreiros, e a Pedro, que os protege! Eu creio que os Portuguezes são Portuguezes! Este he o meu Evangelho Politico, e com elle vivo animado! He o maior elogio, que eu posso fazer a todos, os que assignárão o justissimo Assento deliberado pelos Tres Braços do Estado! Gloria eterna aos seus assignantes, porque elles permanecerão fieis no seu proposito! Eu não suspeito que haja hum só, que, imitando o mentiroso Pedro, diga como elle, que poz ao Senhor Dom Miguel como Herdeiro supposto á Corôa de Portugal, para reter sempre os falsissimos Direitos de Dom Pedro, e esperar por huma occasião favoravel de os forçar! Conheço bem a fidelidade, o valôr, e a constancia do Povo Portuguez! Delle me não atrevo a suspeitar, nem ainda que mil bôcas de ferro outra cousa me dissessem, poderia acreditar que hum só do Terceiro Braço faltava ao que promettia! O Clero tem Religião, e os Fidalgos todos tem honra! De tantos Bispos, e Prelados Ecclesiasticos, dos Duques, e de tantos Marquezes, Condes, e mais Titulares, não quero, nem imaginar, que haja hum só, que não queira rubricar com seu sangue o que com tinta escrevêo. Os Portuguezes são Portuguezes; eu não o sei dizer melhor! Em brio, em honra, em constancia, em fidelidade, em valôr não ha no Mundo inteiro Povo algum, que os iguale! Quanto eu desejo que estas linhas formadas mais pelo coração, que pela penna, fossem lidas em Portugal de hum angulo a outro angulo! Que ellas apparecessem impressas nos principios do mez de Março! Portuguezes! repito, que he da vossa honra? Que temeis? Quem vos faz vacillar? Os Escriptos de Pedro? Não sabeis vós que elle he hum perjuro, que elle he hum mentiroso? S. Pedro, que promettêra a Jesus Christo morrer na sua Defeza, perjurou, (permitta-me o sabio Censor esta illação, porque eu bem sei que Deos permittio este erro ao Principe dos Apostolos, para que ninguem confie das suas forças, se Deos o não fortalecer; e porque o Divino Espirito Sancto ainda não communicára aos Apostolos a firmeza da Fé) e

Pedro, o Constitucional, o que, como elle mesmo diz, não está ligado a suster boa fé com os Povos, Pedro, o Pedreiro, o Malhado Pedro, não mente aos Portuguezes em tudo o que lhes promette? Parecem-vos, ó Portuguezes, que são grandes as forças, que acompanhão a Pedro? Ah! *Modicæ fidei, quare dubitastis?* Covardes, indecisos, egoistas, que tendes a temer? Vosso Rei Dom MIGUEL vos salva; uni-vos a elle; seguí-o, obedecei-lhe! Dom Pedro não tem outras forças, que as da trahição apoiada sobre a indecisão d'huns poucos de egoistas, que temem onde não ha que temer!

A's armas, ás armas,
Que he dos Lusos Lei,
Defender a Patria,
E a Miguel seu Rei!

Leaes Lusitanos,
Mostrai ás Nações;
Que debalde defendem
A Dom Pedro os Maçães.

Mas eu sei que Portugal está no 5.° Acto da sua Tragedia; e por isso levanto a minha voz, e praza a Deos que ella seja ouvida, e a tempo; porque os bons Realistas precisão agora dos sete Dons do Divino Espirito Sancto, para salvarem o seu Rei, e a si mesmos. Eu tenho reflectido mui sériamente sobre aquelle esforço d'hum punhado de Portuguezes (já se sabe, Pedreiros) em Lisboa, annunciado, e exhortado pelo Garrano Precursor do inimigo de Portugal; e por ultimo esforço do meu espirito sempre occupado na Salvação, e Defeza de Portugal, chego a conceber a horrorosa hypothese, que he o summo da perfidia Maçonica, e acaso será o conselho d'hum Gabinete inimigo de Portugal, que na actual Tragedia o panno vem abaixo, e o Senhor Dom MIGUEL fica invisivel aos seus Vassallos, pois que o Sol tambem se eclipsa pela opposição da terra; e que ao mesmo tempo corre-se outro panno, e Dom Pedro apparece em Scena. Eu me explico: supponho que Dom Pedro tem a audacia de se metter em Portugal em hum Paquete Inglez, ou á sombra da Bandeira Franceza, e que incognito se occulta em Lisboa em casa d'hum dos Irmãos da Seita, que não faltão ahi para Belém, ou para Sodré, ou mesmo mais no interior da Côrte; que depois d'elle mettido na Côrte, consul-

tado o tempo, a hora, e o modo, a fraca Expedição dos piratas acommette, o Exercito Realista se involve no fogo; malvados, aproveitando essa conjunctura, somem o Grande Rei Dom Miguel I!!! (Oh! Ceos! Guardai-o dos seus amigos simulados!) e Dom Pedro apparecendo em Scena, resoa a infernal vóz — Portuguezes! Eis-ahi o Primogenito do Senhor Dom João VI! — E então, bravos Militares Portuguezes! Que fareis? Ceder? Oh! vergonha d'huma Nação, que sabe resurgir dos mais perigosos extremos! Antes morrer, que dobrar o joelho ao trahidor! A Assembléa tumultuaria do Brasil tem *banido com as formalidades da Lei* a Dom Pedro, e tem dado a ordem de o prender, a qual deve executar todo, e qualquer Brasileiro! E vós, bravos Portuguezes, sereis menos valorosos que os trahidores? Prendei-o, sim, prendei a Dom Pedro! Este he o vosso dever, a vossa honra, o vosso brio! Seja vingado o vosso Grande Rei! Morrão os trahidores! Ainda bem que eu conheço Portuguezes, que matão huma Narceja no ar! Elles estão decididos a salvar Portugal! Elles se tem votado á morte pela Defeza do seu Rei! Esta he a ultima hypothese, que eu tenho concebido ácerca de todos os Planos Maçonicos! Se a Esquadra de Dom Pedro ousa apparecer á frente da barra de Lisboa, ella conta com a trahição, não com forças, que não tem! A'lerta pois, Portuguezes: Que he da vossa honra? Que he do vosso Rei? Salvai o Rei, e tendes salvado a vossa honra! Mas a quanto me obriga meu zelo pela Defeza de Portugal! O conhecimento, que tenho dos ardís de certo Gabinete, me impelle a supplicar todos os esforços da incansável Policia da Côrte, e Reino a que vigie, e muito, sobre o que entra pelas barras de Portugal, porque o que sahe interessa menos!

Este he o 5.° Acto da Tragedia; acaso não digo bem; esta he a ultima Carta, que jogão contra Portugal os Pedreiros da Europa; para a ganharem tem elles urdido todos os estratagemas da perfidia; eu os tenho revelado todos, porque mais não podem elles conceber. Se os bons Portuguezes, se as Authoridades se aproveitarem destas descobertas, Portugal, e o seu Grande Rei Dom Miguel serão salvos! Meus votos só a este fim se dirigem! Outra vez o digo: atrevo-me a esperar de todos os Senhores Bispos, e Prelados Ecclesiasticos de Portugal, e de todos os Fidalgos Titulares do Reino, que no conflicto assistão junto da Augusta Pessoa do Senhor Dom Miguel, e o salvem d'huma trahição, porque, salva a Preciosissima Vida, e Liberdade d'ElRei, salvo está Portugal d'essa pequena Esquadra de foragidos, de esfaimados, e de rebeldes, que se não atrevem a descarregar huma

peça, em quanto não estiverem certos, de que a traição premeditada pelo Garrano se tem realisado.

Mas, e a intervenção dos Gabinetes? Elles tem protestado não intervir, e todavia intervem! E intervem a favor d'hum Principe de má fé! Dito isto no proximo Seculo, não será acreditado mais que hum sonho. Artilheria, Espingardas, Vasos! Qual he a Nação, que soccorrêo a Dom Pedro com estes petrechos de guerra? E por que preço? Pelo seu dinheiro? Não, que elle não he capaz de dispender hum real em huma empresa, que deve considerar perdida! Sobre o Brasil? Menos; porque lá confiscou a Assembléa Legislativa toda a Fazenda de Dom Pedro, tanto pelo que ficou devendo á Fazenda Publica, como pelo ficou devendo aos particulares! Olhem lá que de boas contas he Dom Pedro! Sobre o Patrimonio do Clero Portuguez? Hum só real não ficará, que não seja invertido em soccorrer o Exercito Realista, e em armas, e polvora para bater esses inimigos da Igreja. Logo esse auxilio dado a Dom Pedro he sobre as Caixas Maçonicas! Oh! Se tivessem sido desempregados todos os que pertencem á Seita! Portugal não seria agora ameaçado de huma incursão mais barbara que a dos famosos Vandalos. O Maçonismo, sim, o Maçonismo, que se conhece na ultima agonia, se Portugal e o seu Rei se salvão, faz o seu derradeiro esforço por acabar com os Catholicos Portuguezes e com o seu Grande Rei e Senhor Dom MIGUEL I. Mas em Portugal ainda existem as imitadoras da heroica Padeira de Aljubarrota! Maria Pita na Galliza salvou a Praça da Corunha da invasão dos Inglezes, que já atrepavão pelas suas muralhas, quasi abandonadas das Tropas Gallegas! Bastou huma forquilha nas mãos d'huma Gallega, verdadeiramente Heroina, e os Inglezes tiverão a ventura de embarcar e de poder dizer no seu Paiz: Os Hespanhoes quando pelejão pela sua Religião são invenciveis. E os Portuguezes podem ser vencidos pelejando pelo seu Deos, pelo seu Rei e por si mesmos? Não. Se Dom Pedro conta em Portugal com alguns centenares de trahidores, o Senhor Dom MIGUEL conta com milhões de Vassallos de todas as classes, e ainda dos dous sexos, que á custa das suas vidas o defenderão, o salvarão. Desenganem-se pois os Estrangeiros protectores de Dom Pedro, que se n'elles acabou a honra, a vergonha e o caracter, nos Portuguezes verdadeiros, nos bons Portuguezes, e são quasi tres milhões, se avivou, se affervorou, e crescêo a honra, a vergonha, o pundonor, o brio, a fidelidade, o valôr, a constancia, finalmente o amor á sua Religião, e ao seu Deos! Os Portuguezes darão ao Mundo inteiro huma interessante lição de que forão capazes de defenderem o seu

Rei, e a si mesmos a despeito de todas as manobras da Diplomacia, de todos os estratagemas do Maçonismo, de todas as intervenções directas, e indirectas dos Estrangeiros, de todas as cabalas dos Constitucionaes!

Mas se Dom Pedro pôz huma Herdeira supposta á Corôa de Portugal, com animo de a reter para si, e de aproveitar huma occasião favoravel para a forçar, como he, que esperou até agora? Agora, que ficou sem esse mesmo Brasil; á custa de cuja Fazenda Publica, ou dos particulares poderá fazer huma tentativa sobre Portugal? Agora, que já não póde enganar mais os Portuguezes com a Herdeira supposta? Agora, que os mesmos Constitucionaes o aborrecem figadalmente, por não haver usado boa fé, nem mesmo com elles? Agora, que todos o conhecem por hum impostor, por hum velhaco, por hum mentiroso? E sobre que firma elle as suas pertenções? Não de certo sobre o amor dos Povos, que he o mais seguro sustentaculo dos Thronos, porque Dom Pedro a ninguem se tem feito amavel, mas a todos aborrecivel. Não sobre a justiça dos seus Direitos, porque dado caso, que os não tivesse perdido, como perdidos os tem por mil titulos, não póde algum Principe estabelecer seus Direitos sobre Povos, que persegue, e a quem faz guerra crúa. Não sobre a traição, porque o Podêr da perfidia he sempre momentaneo, incerto, e precario. Não sobre as armas, porque as poucas, que traz comsigo, serão abatidas pelas muitas, muitas, e, não me canço de o dizer, muitas, que pelejão pela honra, e pela justiça. Não sobre o Maçonismo, porque seus esforços são os de hum agonisante, que forceja, e quanto mais lucta, mais chama pela morte. Não sobre a intervenção estrangeira, porque essa a qualquer viração decisiva do Norte calma. Menos sobre os seus soldados esfarrapados, e esfaimados, porque estou certo, que apenas poserem pé em terra, se lho deixarem pôr, para não escapar a caça, huma boa parte d'elles abandona as Bandeiras da traição; e todos elles seguirião este exemplo, sem embargo da sua desmoralisação, se fossem persuadidos de que defendem a hum Principe, que diz não está obrigado a suster boa fé com seus Vassallos, e conseguintemente, que de certo não pensa em guardar-lhes palavra, nem em cumprir o que lhes promette. Huma Letra acabo eu de vêr escripta por hum soldado rebelde a seus Pais, que diz assim. — Estâmos esfarrapados, e perecêmos de fome; quem de lá trouxe dous fardamentos, tem sómente os farrapos d'hum; e quem trouxe hum, anda nú: quasi o mesmo succede á maior parte dos Officiaes: dizem-nos, que ahi vêm Dom Pedro, e que nos leva para essa terra; mas eu se lá chegar, tomaria met-

ter-me em minha casa, porque já estou farto de trabalhos, e não quero saber de mais nada. — Olhem lá, que taes são as Falanges de Dom Pedro. Mas este infeliz aventureiro contar com hum golpe de mão dado por hum General Francez! Oh lá! Pois já não serve o Villa Flôr, nem o Saldanha, nem tantos, que arrotavão conquistar a Peninsula inteira? De certo, que elles hão de ficar obrigados a Dom Pedro! Vejão, que Rei de páos, que já não confia das suas Sotas! Todavia elles, he a dizer, algumas duzias de Constitucionaes desesperados, que ainda estão em Portugal por Dom Pedro, muito se affoutão com a pericia do General Franchinote. Coitadinhos! Pois já lhes esquecêo a sorte, que tiverão em Portugal os Junots, os Soults, e outros dos mais famigerados da Quadrilha de Napoleão? Mas que? dizem os malvados: o Senhor Dom MIGUEL não tem General algum, que preste. Pois que? Não basta o Senhor Dom MIGUEL? Porém mentem! Generaes tem o Exercito Realista capazes de desbaratar mil Generaes, que trouxesse Dom Pedro. Sciencia Militar tem elles; valor sobeja-lhes; e boa fé, honra, palavra, e fidelidade não devem suspeitar-se!

Mas supponhâmos, por méra hypothese, que os Generaes, que estão á testa do Exercito Realista fraqueassem, ou por indecisão, ou por não terem merecido a confiança dos seus soldados, ou por outra qualquer causa; ainda que eu reputo esta hypothese por imaginaria, e por injuriosa: Não temos por ventura Coroneis, Tenentes Coroneis, Majores, e outros Officiaes dotados de sciencia, de valor, e de fidelidade? Eu não posso lembrar-me agora dos nomes dos muitos, que conheço, porque não tenho memoria de Livreiro, que sabe os nomes dos Auctores dos Livros, e não conhece a qualidade dos Livros. Advirto porém, que lembrar alguns não he exceptuar os outros. Os Cardosos, os Fonsecas, os Peixotos, os Nunes de Andrade, os Rosas, e..... outros muitos são de sobejo para enrodilhar esses cohortes de Generaes Pedreiros, ou Pedristas. Eu vi huns poucos de Sargentos de Caçadores 7, zombarem da sagacidade de todos os seus Officiaes, e emigrarem valentemente para a Galliza! Eu vi hum Cabo d'Esquadra de Cavallaria de Tras-os-Montes fazer huma manobra com hum Esquadrão, e metter-se tambem na Galliza, e burlar-se do talentão do Mira, confessando ao depois esse mesmo rebelde Brigadeiro, que aquelle Cabo, se não fosse Realista, tinha conhecimentos para ser hum General! Desenganem-se pois os fanfarrões partidarios de Dom Pedro! Hum Sargento, hum Cabo do Exercito do Senhor Dom MIGUEL, sabe o como ha de manobrar, para derrotar em hum virar de mãos toda essa turma de Ge-

neraes, e de Officiaes, que seguem o Partido do infame! Salva a preciosissima vida, e liberdade do Senhor Dom Miguel, para defender, e salvar Portugal não he necessario mais, que haver huma só cousa, que falta a Dom Pedro, e a todos os seus partidarios. — Boa Fê, Palavra, Verdade, Consciencia, Caracter, finalmente Honra. — Eia pois, Bravos Milicianos Portuguezes! Castigai, vingai com a vossa honra a Aggressão d'hum Principe Constitucional, que, elle mesmo o confessa, não tem, nem sustem boa fé com seus Vassallos! Não accrediteis nas suas palavras, porque elle he hum mentiroso! Não vos fieis das suas promessas, porque elle não cumpre jámais, o que promette! Desconfiai d'elle, que he hum impostor! Assim salvareis com gloria o vosso Rei, a vossa Religião, a vossa Patria, a vós mesmos, as vossas familias, a vossa palavra, o vosso juramento, em fim a vossa honra. Portuguezes! Sêde o que sempre fostes, honrados; e he quanto basta para a Defeza de Portugal.

Rebordosa 22 de Fevereiro de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1832.

Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.° 29.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

A grande Questão Portugueza sobre a Successão ao Throno.

NÃo houve no Mundo Filosofo algum, que se merecesse hum Nome particular, o qual não tenha sido Auctor de algum Systema, ou de alguma Seita, palavra que vêm da Latina *Secta*, como se dissessemos, de alguma separação, discordia, ou desavença dos outros Filosofos; assim se diz ainda hoje — Systema Peripatetico, Systema Platonico, Pithagorico, Cartesiano, Neutoniano, e infinitos outros, que basta nomeá-los todos, para que alguem se persuada de haver lido muito, sendo bem facil que esse mesmo, que os nomeia, só tenha encasquetado na cabeça o A, B, C de todos elles; pois que, ao menos, n'este Seculo faz-se mais estudo dos nomes, que das idéas, ou das cousas, reputando-se hoje Sabio, o que diz muitas palavras, como antes tinha esse nome, o que citava muitos Livros, se bem que o Vulgo então chamava a muitos destes — Burros carregados de Livros — com o que já se formou o rifão de — hum Burro carregado de Livros he Doutor — assim como agora se podem chamar — Burros cheios de vento — esses, que fallão muitas palavras, aos quaes sempre eu disse: palavras leva-as o vento; de maneira, que se em outros tempos a Sciencia Universal, que jámais houve, podera bem definir-se a Sciencia de citar todos os Auctores conhecidos, e não conhecidos, hoje a mesma Sciencia Universal poderá dizer-se, a Sciencia de fallar muitas palavras usadas, e não usadas. Nem se me diga que eu faço huma grave injuria aos Sabios (curvo-me de respeito aos que na verdade o

são) ou, em frase mais bonita, á Republica das Letras; e não he mal chamada, havendo tantas letras quantos são os homens, e querendo ser nellas todos iguaes; porque eu tomo as minhas idéas do que me entra pelos sentidos, do que leio, e do que ouço. Em essas Assembléas Parisiense, ou Londrina, ou Hispana, ou Napolitana, ou Lusitana, onde se tem reunido tudo o que havia, e ha de melhor em essas Nações, os homens, que se dizião os mais Sabios, que he o que alli se vio, ou se ouvio, e se ouve? Fallar muito, saber nada: nomes infinitos, cousa nenhuma: o vento foi açoutado, mas tudo he vento; producções, ou erupções da bôca de mistura com as das tripas: para fallar de todo, e qualquer objecto, que fosse materia de discussão, ou de Direito, ou de Politica, ou de Commercio, ou de Artes, ou de Legislação, ou de Economia, ou de Marinha, ou de Agricultura, ou de tudo o que póde ter nome no Mundo, querendo o Orador, ou Trovejador brilhar, basta-lhe saber citar os nomes de Aulo Gellio, Apuleio, Brucher, Cicero, Diogenes, Demosthenes, Epicteto, Galeno, Heineccio, Julio Cesar, Lucrecio, Muratori, Montesquieu, Puffendorf, Phocio, Richelieu, Rapin, Sallustio, Suetonio, Tacito, Thucidides, Verulamio, e.... e se quizer ajuntar mais huma duzia d'esses mesmos das duzias, o Orador, ou Fallador será tido pelo *Non plus ultra* das Sciencias, ou como huma Enciclopedia de todo o Saber, sendo que na verdade não he mais que hum orgão desconcertado de échos ruidosos: pois nem mais, nem menos tem sido esses imberbes, e intonsos Escriptores, filhos, ou alumnos das mesmas Assembléas. Outros ha que não campão de versados nas Sciencias, e por isso não fallão; mas fazendo a Côrte áquelles presão de instruidos nas Artes, tendo estudado a de dizer: Bravo! a de soltar hum sorriso falso, de dar pateadas, de empiscar os olhos, de arquear as sobrancelhas, de arreguiçar as orelhas, de enfronhar os narizes, de tussir, e de escarrar, as quaes artes, tregeitos, ou manhas chegárão ao seu ultimo apuro nos espectadores das Assembléas de Portugal nos annos Constitucionaes, e hoje ainda tem grande voga no Porto na Rua dos Flôres, e em Lisboa na rua dos Fanqueiros. Deixando porém estas macaquices das Sciencias, e Artes destes dias tenebrosos, digo que todos os Systemas dos Filosofos ãcerca do mundo intellectual, e do mundo fysico não tem produzido algum transtorno no mundo moral; apenas provocárão o riso, e as lagrimas dos Heraclitos, e dos Democritos, com o que muita gente tem distrahido o tempo, seguindo cada qual a sua ma-

nia, sem offensa da outra gente: de resto, ou o Sol se mova illuminando a terra, ou esteja em quedo como hum madeiro desarraigado, e prostrado, e a Terra ande ao redor dando o seu passeio, como besta de atafona, para ser aquentada do immovel Astro, todas as cousas são as mesmas, sem tirar, nem pôr, ficando os Filosofos com a bôca aberta, pasmados de não poderem com as suas innovações fazer a menor alteração, detracção, ou addição em a Natureza. Porém quando os Filosofos, mettendo fouce em seara alheia, entrárão pela terra dentro em Systemas de Moral, de Legislação, de Sociedade, e de Politica, sem medo a Deos, nem a ElRei, então desgraçado Mundo! infeliz homem! tudo he transtornado, tudo abalado, tudo pervertido: Casa dos doudos póde então chamar-se o Mundo assim governado por Filosofos, que não tem respeito a Deos, nem a ElRei: então o que estava abaixo vai acima; o que estava acima vêm abaixo, e.... Mas o vento, que assopra á Esquadra de Dom Pedro, me arrebata a outro ponto mais necessario. O Systema de despovoar as Nações, de roubar os braços necessarios á sua Agricultura, e Commercio, de dispersar os Filhos da Patria, de romper todos os laços da Sociedade, de baralhar finalmente os Póvos todos do Universo, como se baralhão as Cartas de jogar, este Systema destructor da Religião, e do Mundo principiou em huma Carta, que chamárão — Constituição — devendo chamar-se — Confusão das Sociedades. — Depois d'esse Systema, inventado com o fim de dar huma nova direcção ao Mundo Moral, perdêo-se o amor á Patria; o amor, esta virtude, que defende, e conserva a Patria na sua paz, e prosperidade: milhares destes Filosofos, filhos, ou discipulos da dicta Carta, forão povoar diversos Paizes com despreso do em que nascêrão, e forão educados. Hespanhoes Carteiros na França, e na Inglaterra; Italianos, e Polacos da mesma libré nas mesmas Nações, e bem assim Portuguezes nas mesmas; outros milhares de Carteiros destas, e d'outras Nações em o novo Mundo, formão huma immensa Republica de descontentes, e arrenegados, com a qual contava Lord Canning perder a todos os Soberanos da Europa, bem certo de que toda essa chusma de Systematicos tem entre si huma formidavel federação, que prende fóra, e dentro das Nações, sempre disposta a perseguir a Patria, em que respectivamente nascêrão. Affoutamente dizem esses arrenegados da Patria — Eu sou Cidadão de todo o Mundo, eu não sou Hespanhol, não sou Polaco, não sou Portuguez, e assim todos os outros, que negão com encarniçado odio a Patria, que por sua desgraça dêo

á luz semelhantes Monstros — Minha Patria, dizem elles, he onde não ha Rei, nem Lei, nem Sacerdocio. Logo são Judêos? Nem Judêo, respondem elles, porque esses crêm em Deos, e nós não queremos outro Deos, que a barriga, e a Natureza. Como pois vem perseguir o Paiz, em que nascêrão? Porque ahi, dizem elles, temos irmãos que, como nós, não querem Deos, nem Rei, e devemos dar-lhes as mãos pelo nosso contracto de federação universal com todos os que tem os mesmos sentimentos! Esta fideração verdadeiramente existe, e ella he universal em todos os Paizes, por estar authorisada, e protegida por Ministros, que pertencem á mesma Communhão. Assim os Revolucionarios Hespanhoes, ou elles estejão no Reino, ou fóra d'elle, em qualquer parte, em que estão, se dão as mãos, não só a si mesmos, mas a todos os Revolucionarios dos outros Paizes; e, para não repetir nomes, outro tanto se deve entender dos Revolucionarios Portuguezes, Napolitanos, Polacos, e Francezes. Quer-se huma Revolução em París contra Carlos X? Pois se aprômptão no mesmo instante Portuguezes, Hespanhoes, e Napolitanos. Quer-se huma Revolução em Lisboa no anno de 1829 contra o Senhor Dom Miguel Primeiro? Pois ahi se apromptavão ás ordens do Chefe Moreira os Hespanhoes Revolucionarios, que estavão no Téjo, e em terra. Pois que tem os Negocios da França com os Hespanhoes, Napolitanos, e Portuguezes, que lá estavão? He que a Causa he a mesma, e não póde deixar de produzir os mesmos effeitos. A protecção, e asylo, que alguns Paizes dão aos criminosos de outros Paizes, nascem d'essa mesma federação, podendo dizer-se, que algumas Cidades da Europa são o covil, ou a madrigueira de todos os ladrões, foragidos, e réos de outros Reinos; alli os retem como ao Salteador Mór da Europa, Napoleão, para os apresentar no meio dos seus Paizes nativos, como apresentárão aquelle no meio da França. Quer-se fazer guerra á Hespanha, ou a Portugal? Soltem-se os seus, não emigrados, mas enjeitados, introduzão-se na Hespanha, e em Portugal, matem-se huns aos outros os Hespanhoes, e os Portuguezes, e tem-se conseguido o grande fim de não deixar socegar o Mundo hum anno completo. Este systema de proteger rebeldes de outros Paizes adoptou o Governo de Portugal nos annos de 1826, e 1827, por imitação do Ministro Estrangeiro, que lhe dera a Carta, e lhe dava a Lei, e soccorros, asylando os infames Hespanhoes, que abandonavão as Bandeiras da Legitimidade! Filhos espurios! Elles vinhão amparar-se d'outros,

que em Portugal resultarão do coito damnado com as Seitas de outros Paizes. Antes d'esses tempos Portugal se persuadira sempre de que hum máo Hespanhol ou Italiano, ou Estrangeiro qualquer não podia ser hum bom Portuguez. Quem á sua Patria foi trahidor, como póde ser fiel á estranha? Quem no seu Paiz não teve vergonha de ser criminoso, em Paiz alheio querer-se-ha honrar com as virtudes? Mas a Governos Constitucionaes só fazem conta criminosos, sejão do Paiz que forem; porque hum Governo alevantado por crimes só por crimes póde elle ser conservado. Este systema de protecção aos rebeldes dos outros Paizes, systema de transmigração mais ridiculo que o da metempsycose Pitaghorica, que suppunha que a alma d'hum homem passava a animar o corpo de hum cão, que deveria ser certamente a alma de Canning, segundo a protecção que dava a todos os rebeldes, tem desgraçado a quasi todos os Principes e Paizes Protectores; digo a quasi todos para exceptuar hum Paiz, que se tem engrossado á custa dos rebeldes Estrangeiros; mas a Politica d'esse Paiz, toda fundada sobre os cobres dá asylo aos rebeldes, em quanto elles tem bilbestres, porque, depois que os gastárão, são mandados a viajar, ou a roubar por onde poderem. Em esta miseria de proteger os rebeldes cahio Dom Pedro, e tão bem acertou, que elle mesmo se fez a si o mais miseravel de todos os homens; não só fazendo Cidadãos do Brasil aos seus naturaes, d'antes Vassallos de Portugal; não só naturalisando no Reino Unido os Portuguezes, que d'antes formavão huma só Familia, e conseguintemente desnaturalisando-os de Portugal, e roubando-os á sua nativa Patria, bem que os que se naturalisárão no Brasil, erão pela maior parte homens vadios, viciosos, e abjectos; mas tambem promovendo a transmigração de outros Estrangeiros igualmente despreziveis pelos seus pessimos costumes, e pela sua inutilidade, e, quando menos, farrapões. Assim, todos esses naturalisados Brasileiros, subtrahidos ás Leis dos seus respectivos Paizes, estão fóra do castigo, como da protecção das Leis Patrias, por haverem adquirido por sua livre vontade outra Patria, e por isso outras Leis; sendo, por exemplo, Portuguezes pela sua nascença, mas Brasileiros pela sua naturalisação, imitando a seu Protector Pedro, Primogenito, e Portuguez pelo seu nascimento, mas não filho, ou filho enjeitado, e Brasileiro pela Lei, e por huma Lei formada por elle mesmo, não gosando conseguintemente d'alguns Direitos, ou Protecção da sua Primogenitura, e das Leis Portuguezas; assim como tambem ficou

immune das penas das mesmas Leis, salvo se quizesse outra vez metter-se em Portugal na qualidade de Portuguez, porque em este caso não só estaria sujeito ao castigo das Leis Brasileiras pelo crime, que fazia contra o Paiz, em que se havia naturalisado, como tambem ás Leis Portuguezas; e isto não só pelos crimes, que contra Portugal comettêra roubando-lhe o Brasil, e Revolucionando-lhe os Portuguezes, mas pelo gravissimo attentado de ainda vir provocar a soffredora Patria, que já passára em silencio seus anteriores crimes. E este he o caso, e circumstancias, em que Portugal se acha com Dom Pedro. Que pena merece hum filho rebelde, que pega em armas contra seu Pai, e Rei? Com que deve ser castigado hum Vassallo, que faz a guerra á sua Patria? Que he o que deve padecer hum Principe, que rouba a sua Patria, e que tem feito tudo por perder seus Povos? Em hum Vassallo qualquer, por mais alta que fosse a sua Jerarchia, para hum só d'estes horrorosos crimes a morte mais affrontosa está decretada pelas Leis. Para hum Principe estes triplicados, e *qualificados* crimes, eu não sei que possa formar-se outra Lei, ou infligir-se outro castigo, senão segundo a Regra da Divina Sabedoria, Cap. 6.° V. 7.— *Potentes potenter tormenta patientur:* o mesmo, que fazião os Imperadores Romanos aos Principes inimigos, de quem triumfavão, depois de os terem feito prisioneiros. Talvez alguns dos meus Leitores me notem de excessivo, por assim fallar de Dom Pedro; se Dom Pedro fosse Portuguez, se elle fosse Principe de Portugal, se elle fosse....., mesmo inimigo, e malfeitor, que fosse, eu não escreveria com esta vehemencia: mas Dom Pedro he Brasileiro, he Principe do Brasil, não he Portuguez segundo a Lei, não he Primogenito segundo a Lei, não he Principe segundo a Lei, finalmente segundo a Lei não he irmão do meu Rei, não he membro da Augusta Dynastia de Bragança; eu o tracto pois como tractaria a Napoleão, se ainda vivesse, no tempo em que fazia a guerra a Portugal; he hum inimigo do meu Rei, he hum Aggressor da Nação Portugueza, he hum Desthronador da Augusta Dynastia de Bragança, he finalmente hum Invasor de duas Corôas, da Portugueza, e da Hespanhola, hum Apostata das duas Augustas Casas, de Bragança, e de Bourbon; a obrigação pois, em que estou á Hespanha pelo meu Nascimento, e a Portugal pela minha Naturalização, e ainda mais por huma entranhavel affeição, me impellem a tractar a Dom Pedro sem outra civilidade que a que se merece hum inimigo, que se não poupa a fazer todos os males,

que a sua desesperada impotencia pode fazer a Portugal, e á Hespanha. A sorte delle, depois de prisioneiro, não lhe pode ser mais benigna, que a que teve o malvado Napoleão, a quem bem quiz arremedar na sua fundação do Imperio do Brasil, formando-o de todos os Revolucionarios do Paiz, e dos de Portugal, alem dos que ao depois chamou de outros Paizes. Seja o mesmo Dom Pedro quem se faça a si esta accusação, querendo justificar-se della.

Elle tambem (continúa o Manifesto de Dom Pedro, e nelle a sua resposta ás accusações, que lhe fazem os Brasileiros) *providentemente fez vir para o Brasil* (Desta providencia desconfiárão os Brasileiros, julgando-a dirigida a subjugá-los novamente a Portugal, não sendo na verdade com outro fim que o de subjugar todas as Americas, e depois vir com esse novo Mundo d'álem opprimir o d'áquem; porque a mania de Dom Pedro, mais vasta que a de Napoleão, se abalançava a formar huma Monarchia Universal, quando elle não teve juizo, nem para dominar com segurança huma só Cidade) *como Colonos paizanos Allemães, e Irlandezes* (E a esse mesmo tempo não queria consentir lá os Portuguezes! Sô fugitivos servem de camaradas a outros fugitivos, pois que Dom Pedro era na verdade hum fugitivo de Portugal) *mas com poucá despeza pública* (Podéra lá ter muitos Portuguezes sem nenhuma) *seu transporte sendo pago dos emprestimos obtidos pela destreza dos seus agentes*, (E esses emprestimos não vierão pesar ao depois sobre o Publico? E os Agentes não tiverão a destreza de agenciar principalmente para si?) *e não com impostos levantados sobre seus soffredores Vassallos;* (Levárão seu soffrimento ao maior extremo; mas rompêrão com desespero, e já delles não ha hum só, que possa, ou queira soffrer nem o nome de Dom Pedro!) *porem era inquestionavel a sua intenção* (Alguem se não acredita das intenções de Dom Pedro pela sua falta de caracter, e estragada indole! Ninguem sabe o que elle he, ou o que elle quer, senão que he ambicioso sem limites, e inconsequente sem termos!) *que elles serião applicados á cultura da terra* (O Clima da Allemanha, e da Irlanda não produz agricolas, que se possão amanhar ao cultivo no Clima do Brasil) *no fim de dezeseis annos de Serviço Militar* (He raro achar-se hum Soldado, que depois de ter acostumado a sua mão á espingarda, e corpo direito por tão longo tempo, saiba curvar seu corpo ao trabalho das terras, e metter sua mão á rabiça do arado, ou ao cabo d'huma enxada! Veja lá o Mundo, se Dom Pedro entende alguma cousa de Politica, ou se

a sua Politica data sobre a boa fé!) *sendo isto hum mero equivalente pelas despezas com elles feitas;* (Qual he o equivalente? O Serviço Militar de dezeseis annos ou a applicação á agricultura? Qualquer dos dous, e mesmo ambos dous he hum equivalente, que dá pouca honra ao Principe promotor da transmigração, e he assaz gravoso aos transmigrados) *e certamente estes Estrangeiros, que tem achado proprio chamar mercenarios, não tinhão razão de queixar-se;* (Pois tambem se queixão esses mesmos, a quem elle chamou? De certo faltou á convenção, que fizera com elles; mas quem não guarda palavra aos seus, como a guardará aos estranhos? Que nodoa para Dom Pedro, que nem os mesmos Mercenarios fallem bem delle! Que não haja hum homem perdido, que já não tendo mais que perder, queira aventurar-se a advogar a Causa d'hum Principe perdido? Perversa deve ser sem dúvida a condição d'hum Principe, que não tem nos seus Povos hum só esfarrapado, que seja por elle!) *pois os primeiros* (os Allemães) *fôrão principalmente tirados das prisões da sua Patria;* (Boa gente para o Serviço Militar! ainda melhor para a cultura das terras! optima para a guarda, e defeza d'hum Principe criminoso! Feliz escolha! Assim elles o guardárão, e defendêrão! Pois erão delinquentes na Allemanha, como poderião ser justos no Brasil! Jámais hum Paiz pode ser bem guardado, e defendido, bem povoado, e civilisado por gentalha tirada das Cadeias! Mas foi esta a Politica de Dom Pedro, proteger a todos os homens máos!) *e quanto aos outros* (os Irlandezes) *forão alistados do excesso de huma Povoação faminta ao momento, em que tinhão diante dos olhos hum Inverno chuvoso.* (Certamente muita honra faz Dom Pedro á Irlanda com o bello tractamento de Povoação faminta. Pois o Governo de Inglaterra não tem recursos para prover aos seus desgraçados Povos? Assim he que Canning se descartava dos pobres indigenas, a quem devia soccorrer, tendo bem visto encher a sua falta com a transmigração de ricos alienigenas Portuguezes, os que devêra o Ministerio seguinte repellir como rebeldes a hum Paiz, com o qual se dizia estar em perfeita harmonia; mas, como diz o Adagio Portuguez — Bem sabe o gato, cujas barbas lambe — ou — bem sabe o demo que frangalho rompe. — Isto he o que não soube Dom Pedro, chamando para o seu Serviço, e admittindo no Brasil essas duas Colonias de presos, e de famintos, que não podião menos de hum dia fazer Causa commum com todos os Revolucionarios, porque o crime, e a fome, não sendo aquelle punido, e esta remediada com pru-

dencia, forcejão sempre contra a paz, e tranquillidade dos Povos. Mas aqui dá fim o decimo terceiro periodo do Manifesto.)

A idéa de formar do Brasil hum grande Imperio, e talvez a maior Potencia do Mundo, foi concebida em Portugal em tempos, em que a necessidade a dictava, e em que a sua execução não era impossivel. Havia então probidade, bons costumes, virtude, Religião, e muita honra em todos os Portuguezes; o luxo, o vicio, e a ociosidade não erão então conhecidos em Portugal; muita sobriedade, muita assiduidade no trabalho, muita obediencia ao Governo, muito respeito ao Clero Secular, e Regular, muita subordinação ás Altas Classes, e Jerarchias do Estado, muito zêlo pelo Nome Portuguez, muito, muito, e muito amôr á Augusta Casa de Bragança, finalmente muita união entre os Portuguezes; com estes elementos homogeneos, concordantes, e attractivos; com estes materiaes virtuosos, sólidos, compactos, e fecundos, os Portuguezes, vendo-se na dura necessidade de transmigrar para o Brasil, poderião sem dúvida alguma fundar, e formar ahi o maior Imperio do Mundo, e desde elle dictar as Leis ás maiores Potencias da Europa. Este projecto era na verdade grandioso, e todo elle pictoresco, digno de ser concebido pelos Portuguezes, e só capaz de ser executado por bons Portuguezes. O grande Padre Vieira lembrou esta idéa; mas repare-se bem no tempo, em que vivêo este célebre Jesuita, honra da Europa Catholica, e gloria de Portugal; no tempo, em que a maior Potencia do Mundo, o mais dilatado, o mais vasto, o mais poderoso Imperio da Europa, a Hespanha, ameaçava de engulir Portugal, de perder a Augusta Casa de Bragança, e com ella todos os que a havião collocado no Throno. Então era este projecto necessario para salvar a todos os Portuguezes, os quaes, se fossem vencidos pela Hespanha, serião todos elles julgados rebeldes, e trahidores; então era elle tambem exequivel, porque os Portuguezes, como já disse, erão todos elles honrados, sobrios, assiduos no trabalho, zelosos do seu nome, e amadores do seu Rei, e da sua Patria: a transmigração universal era possivel paulatinamente, e com elles transmigravão a honra, a virtude, e a sempre fecunda laboriosidade.

Forão-se aquelles tempos, e passou-se aquella supposta necessidade. Os Portuguezes souberão defender-se da Hespanha, porque houverão muito poucos, que não fossem Portuguezes: pelejou-se de parte a parte; e os Portuguezes, sen-

dó poucos, mas unidos, sem soccorros d'outra alguma Nação, sem dinheiro, ou soldo, porque nem mesmo fardados estavão os poucos Terços, que havião, vencêrão os muitos Hespanhoes, aos que nada faltava, senão Direito, Justiça, e Razão. E temem hoje os Portuguezes ser vencidos por hum punhado de trahidores mercenarios commandados por hum Brasileiro, que tem perdido tudo, até a mesma honra? Mas, como ía dizendo, depois de tempos tempos vem; forão-se aquelles tempos, e com elles se escoárão os seus costumes, a sua honra, e a sua sobriedade: veio o luxo, e a ociosidade; amollentárão-se os homens, e enfraquecêrão na sua assiduidade ao trabalho; foi-se perdendo pouco a pouco o respeito ao Clero, a subordinação ás Altas Classes, e o temor de Deos; variou a educação, que he huma segunda Natureza, e a Natureza tambem mudou; assim foi affrôxando o amor á Augusta Casa de Bragança, porque onde não ha senão molleza, ociosidade, e luxo, só o vicio, só o egoismo se amão; digo que variou a educação, e eu me reporto a esse tempo, em que os Jesuitas forão expulsos de Portugal, porque em vez delles se introduzio o desprezo das letras, e do trabalho, e com este desprezo o desprezo de tudo, o que he bom; e na verdade nem as letras, nem o trabalho parecêrão necessarios a muitos depois de expulsos os Jesuitas; não as letras, porque o Mundo ía ser educado á Maçonica, e para ser grande segundo esta educação, basta estudar Francez quinze dias, e Inglez hum mez, e com este conhecimento das duas Linguas se tem o bastante para poder fallar muito; o Latim começou a estudar-se por Selectas, e todas as Sciencias por Compendios dos Compendios, ou, para fallar verdade, pelos esqueletos das Sciencias, vindo todas as Sciencias a parar em esqueleto. Eu não brinco, ainda que, ao parecer, escrevo em tom ironico: o que ao depois da expulsão dos Jesuitas apparecêo de erudito em Portugal d'elles veio, e d'elles ficou, porque não he facil estragar depressa o bom gosto, nem podia ser em poucos annos apagar a grande luz, que elles deixárão. Tambem o trabalho se abandonou, quero dizer, perdêo-se o amor ao trabalho, porque depois d'essa expulsão se foi introduzindo progressivamente a arte de viver sem trabalhar; milhares de Letrados, com poucas, ou nenhumas Letras, vivêrão de promover demandas; outros milhares de Escrivães, e Tabelliães subsistírão de as escrever, e emmaranhar; centenares de Medicos, e Cirurgiões começárão a alimentar-se da vida dos outros homens, e huma aluvião de Boticarios principiou a ter nos Povos a sua ajuda

de custo; até a cultura de Azeite foi julgada desnecessaria, sendo Portugal abundantissimo n'essa colheita, porque, perdido o amor ás letras, e ao trabalho, o Azeite sobeja, passando-se as noites ás escuras, ou, como costuma a dizer-se, em claro, sem nada fazer, nada estudar. Não julguem os meus Leitores que eu tenha aberrado do assumpto, assumpto, que devêra ser tractado com mais seriedade, e com maior profusão. Digo d'huma vez, que o que quizer metter hum Povo em Revolução, ponha-o antes no ócio, porque hum Povo ocioso está sempre disposto a todo o genero de crimes, maldades, perfidias, e traições. Assim não era o Povo Portuguez, quando foi collocada no Throno a Augusta Casa de Bragança; todo elle era laborioso, e por isso mesmo forte, robusto, honrado, e virtuoso, consistindo especialmente a sua laboriosidade na Agricultura, Arte de conservar a força, a robustez, a honra, e a virtude, Arte finalmente da fecundidade das terras, e dos homens. Mas agora volvo ao assumpto de Dom Pedro, para não fazer eterno este Numero da Defeza de Portugal, bem que o baluarte principal da conservação, e do engrandecimento d'estes Reinos está no amor ao trabalho, e no soffrimento d'elle.

Quiz Dom Pedro fazer do Brasil hum Imperio, e com elle dar Leis ao Mundo; e elle assim o disse varias vezes nas suas Cartas; mas esta empreza nem era opportuna, nem era para elle. Podia elle formar hum Imperio sobre elementos da Revolução? Sobre hum Povo ocioso, molle, e effeminado? Sobre Theorias Liberaes, novas, e não recebidas, nem experimentadas? Sobre Colonias de alienigenas transmigrados das Cadêas, alistados de Povoações famintas, e empregados no Serviço Militar? Sobre o luxo, sobre o vicio, sobre o crime, sobre a incontinencia, sobre a irreligião? Queria Dom Pedro arrogar-se o Titulo de — Creador do Brasil —, como se arrogou o de seu Defensor Perpetuo! Antes lhe convinha o de — Destructor do Brasil, e de Portugal, o de Defensor Perpetuo dos Revolucionarios de todos os Paizes —: Pois pelos meios, que elle adoptou, nem os Imperios se formão, nem os Povos se conservão, e augmentão, antes se transtornão, se pervertem, e por fim perecem. A Religião he a principal base da civilisação; a Agricultura o forte da conservação; a continencia bem dirigida a fonte do augmento da População. De tudo se esquecêo Dom Pedro; da Religião, protegendo todos os Cultos; da Agricultura, augmentando o número dos ociosos; da continencia, promovendo a subsistencia dos vadios, e criminosos. E ainda teimoso, e

obstinado n'estes principios subversivos de toda a Sociedade pertende occupar o Throno de Portugal? Mas que? Sómente elle conta com essa canalha de transfugas, de criminosos, de irreligiosos, de homens desmoralizados! Portuguezes! Eis o Principe, que pertende dominar-vos! Eis as forças, com que se promette vencer-vos! Amor pois ao vosso Rei, e Senhor Dom MIGUEL PRIMEIRO; amor tão submisso, tão obediente, tão respeitoso como os vossos Avós tiverão ao Senhor Dom João IV! Amor aos vossos antigos costumes, usos, e observancias! Tendo ElRei, e a Patria em cada hum de vós hum Throno de amor, não prevalecerá jámais o Throno, que Dom Pedro quer alevantar sobre a trahição, sobre o crime, e sobre o vicio! *Exurge Domine, non prævaleat homo.* O' Deos! Sede em favor dos bons Portuguezes, para que não triumfe o malvado!

Rebordosa 24 de Fevereiro de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1832.

Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 30.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

A grande Questão Portugueza sobre a Successão ao Throno.

Em as Monarchias Constitucionaes os Soberanos são inviolaveis, e não tem responsabilidade alguma, e só os Ministros de Estado são os vulneraveis, só estes estão sujeitos a responsabilidade. Tenho lido muitas vezes os Artigos da Constituição, que contém disposições relativas ao Rei, e aos Secretarios de Estado, as quaes disposições são as mesmas com accidental variação de palavras na Constituição de 1822, e na Carta Constitucional de 1826, pelo que respeita a Portugal; e da mesma fórma se acha estabelecido em quantas Constituições vomitou a Inglaterra, a França, a Hespanha, e a Italia, o que bem prova que os seus principios são cópia de cópia, ou que elles vem do mesmo original, que he o unigenito do Diabo. Tenho feito varias reflexões sobre os dictos Artigos de inviolabilidade dos Reis, e da responsabilidade dos seus Ministros; combinei palavra com palavra, proposição com proposição, artigo com artigo; expendi finalmente todas as regras da Hermeneuse, assim Grammatical,

como Filosofica, e confesso que não pude acabar de entender aquellas disposições; e ahi está como não posso ser Constitucional, porque não entendo o que isso he, e até nego que haja no Mundo Constituição, seguindo aquelle principio d'alguns Ecclesiasticos — *Quod non intelligo, nego.* Porque Constituição, ao meu parecer, he o estabelecimento d'aquelles Principios, e Leis, pelos quaes se ha de ordenar o bem de qualquer Sociedade, ou Estado permanente; e eu não tenho achado nisso, que chamão — Constituição — principio, ordem, nem permanencia. Logo não ha Constituição, a não ser que por ella se entenda hum estabelecimento de principios de commum desintelligencia, e instabilidade, pelos quaes os individuos de qualquer Sociedade, ou Estado se não possão entender, nem ajudar huns aos outros, reduzidos todos a hum estado de discordia, ou desavença, que he o estado natural do homem, segundo o Filosofo Hobbes, que he hum dos Livros favoritos dos Constitucionaes. Ora, quando eu digo que não ha Constituição senão em este segundo sentido, não excluo a verdadeira Constituição, ou a Grande Carta de todos os Imperios, Monarchias, ou Estados bem ordenados, na qual os Soberanos, ouvindo, e tomando conselho de pessoas amigas da Religião, da ordem, e da paz, estabelecêrão aquellas Leis, que julgárão mais convenientes para o bem estar, e conservação da Sociedade: assim reconheço, respeito, e amo a grande Carta, ou Constituição de Portugal, que tem o nome de — Côrtes de Lamego —, renovada, declarada, e ampliada em todas as Côrtes Legitimas de Portugal: assim reconheço a Constituição da Hespanha dada pelos Reis Godos Catholicos de conselho com os Poderosos, Senhores, e Bispos d'aquelle Reino; reconheço, respeito, e amo a Constituição da Sancta Igreja Catholica, que tem ordinariamente o nome de — Concilios —; reconheço finalmente todas as Constituições feitas, e ordenadas por semelhante fórma, onde Deos foi invocado, a Authoridade obedecida, e as pessoas de conselho ouvidas: e em este sentido sou eu hum grande Constitucional; por isso que sou Catholico, reconhecendo as Constituições da Sancta Igreja; por isso que sou Portuguez, reconhecendo a Constituição da Monarchia Portugueza debaixo do Titulo — Côrtes de Lamego —, e mais Côrtes Le-

gitimas, em que ElRei mandou, e os Portuguezes forão ouvidos. Mas Constitucional no segundo sentido, não; antes escravo na Turquia, porque ahi ha hum Soberano que manda, hum Povo que obedece, e elles se entendem huns aos outros, ou, o que he o mesmo, o Soberano, e seu Povo estão de intelligencia.

A este proposito de Constituição lembro-me de algumas passagens, que não será inutil contar aqui, para que os meus Leitores conheção mais a maldade dos Constitucionaes, e se apercebão melhor dos seus malvados ardís. Era d'huma vez hum Aldeão em Trás-os-Montes, e consultando a hum Advogado sobre certas preferencias, que tinha com o seu Parocho, o Advogado lhe respondêo que havia de regular-se o negocio pela Constituição do Arcebispado: o Paisano lhe replicou, que a Constituição era huma cousa nova, e por nova a não podia encarar; e instou o Advogado: a Constituição he antiga; Constituição tem todos os Bispados; Constituição tem todas as Ordens Religiosas; Constituição tem a Sancta Igreja: a Constituição vem do mesmo Evangelho, porque até elle mesmo traz a palavra — *Constitutione* —; e assim quem se préza de Catholico, ha de campar de Constitucional. E não era o tal Advogado hum refinado impostòr? Mas n'esse tempo não estava em uso o Cacete, que he a resposta, que o Aldeão lhe devia dar. Era tambem d'esse tempo hum Mestre de Grammatica, e quando acontecia vir em algum Livro de traducção a palavra — *Constitutio* —, dizia elle aos seus alumnos: esta palavra que significa no Portuguez — Constituição — he tão antiga como a Lingua Latina; e a Lingua Latina he mais antiga que a Monarchia Portugueza; por isso todos os Sabios são Constitucionaes. E que tal era o miseravel, e malvado Professor de Latim? E digão-me agora, que o Cacete não foi bem inventado para estes desaforados homens, que não podem ser julgados, ou reprimidos legalmente. D'esse mesmo tempo erão certos Medicos, e Cirurgiões com os seus pedissequas, os Boticarios, que visitando, ou administrando remedios aos doentes, a cada passo arrotavão a palavra — Constitucional, e Constituição. — Essa molestia he Constitucional; a sua Constituição he muito delicada; esse remedio he mui conforme á sua

Constituição. — Estes privilegiados assassinos dos vivos se tem empenhado em metter a Constituição aos mesmos mortos, familiarisando sem necessidade huma palavra, que hoje se toma em máo sentido. Ah! immortal Cacete! Se houvesse huma Lei, que estabelecesse opportuna, e prudentemente o seu uso! Cahio-me em graça, o que huma vez ouvi dizer a hum Clerigo, ponderando a força da sua natureza em vencer huma torrente de males adquiridos pelo abuso dos liquores, e dos prazeres venereos — Eu tenho huma Constituição igual á de hum burro. — Então lhe respondi: d'essa maneira póde soffrer a albarda. Mas quanto não era Constitucional este mentecapto! Será por de mais ponderar a maldade, com que muito de proposito alguns Parochos dizem á Estação da Missa Conventual — Segundo a Constituição do Bispado — abrindo tanto a bôca ao pronunciar esta palavra, que bem se lhes podem metter por ella quantas Constituições se tem feito nos Bispados de Portugal. Eu não uso jámais da palavra — Constituição —, substituindo-lhe a de — Synodaes —, porque huma cáfila de malvados não cessa de dizer aos innocentes Povos — a Constituição não he cousa tão má, porque até na Missa se falla n'ella. — Ah! Impios! Vós haveis tornado obscenas, e sacrilegas as palavras mais honestas, e mais Sanctas. Bem quizera eu que houvesse huma Lei, que proscrevesse com graves penas o uso da palavra — Constituição —, pelo máo sentido, em que a tomão, recebem, e pronuncião homens, que não querem Deos, Rei, nem Lei! Se a pena, que a Lei impozesse não fosse a do Cacete, poderia ser outra mui interessante ao Erario: dous tostões de condemnação, paga sem embargo, nem appellação por todos os que proferissem esta palavra — Constituição —. Só com este imposto havia para pagar por hum anno a todos os Exercitos da Russia, sem necessidade de Emprestimos, nem de Donativos. Este arbitrio de castigar aos que proferissem essa palavra deshonestada pelos impios, que de tudo abusão, e de tudo se servem para desmoralisar os Povos, não he excesso d'huma fantasia, a quem a mesma sombra das maiores innovações escalda, e altera. Palavras ha na Lingua Portugueza; e em todas as mais Linguas succede o mesmo, que antes se usavão commummente, e hoje es-

tão desterradas de todas as pessoas de bons costumes, e de vergonha na cara; só bréjeiros, e mariolas dos mais desaforados as usão em lugares, e adjunctos, onde a boa educação, e moralidade se occultão. Essa palavra, que na Lingua Latina sôa = *Clava* =, e a qual hoje na Lingua Portugueza tem hum som obsceno, impudico, e mal sonante, se fosse proferida na presença d'hum Tribunal, fosse elle Ecclesiastico, ou Secular, o que a proferisse sería punido gravemente como réo de injuria, e de máos costumes, sendo que na verdade não ha Lei, que expressamente a prohiba; mas o senso commum, a probidade, a decencia pública he huma verdadeira Lei mental, que tem força, e vigor em todos os Imperios, e Estados bem ordenados. Porque pois, semelhantemente, e ainda com muito mais forte razão, não havião de ser proscriptas estas palavras = Constituição, e Constitucional, e punidos gravemente os que dizem « Eu sou Constitucional, eu amo a Constituição? » = Ah! que não ha Lei, que o prohiba, ou que determine pena, respondem os Jurisconsultos: assim he; mas tem elles amôr a Deos, a El-Rei, e á Patria, os que assim respondem? Ou tem elles bem pensado no que dizem? Porem assim se evadem ao castigo, assim zombão da Justiça, e mofão dos Tribunaes tantos criminosos com o pretexto de que não resultou culpa, ou por falta de prova. Pois não he culpa, e culpa atrocissima o haver dicto mui de sua livre vontade = Eu sou Constitucional, eu amo a Constituição? = Não havia Lei, que o prohibisse, respondem esses malvados; e os que os defendem, ou absolvem, e antes da existencia da Lei todos tem a sua plena liberdade. Eis outra resposta cheia de veneno. Pois que he liberdade? He, dizem elles, na Ordem Social a faculdade de cada hum poder fazer, o que a Lei não prohibe; e nesta definição concordão todos os Jurisconsultos. Eu vejo na verdade desterrada a sciencia dos que estudão, e com a sciencia acho desterrada a probidade: a liberdade consiste em poder fazer o que a Lei, a Razão, e o Senso commum não prohibem. Esta he a verdadeira definição da liberdade na Ordem Social; mas hoje os que presão de Sabios, lêm pouco, e meditão menos; e os que pertendem campar de probidade, não tem senão entranhas de viboras. Como podem as Leis abranger

todas as acções, e palavras de cada hum dos homens, se a Razão, o Senso commum não fizessem as vezes, ou não supprissem as faltas da Lei escripta? Eu vou dizer o sentido, que tem essas palavras = Eu sou Constitucional, eu amo a Constituição = e depois digão-me todos os Magistrados do Mundo, se os que as proferírão de sua livre vontade, e com pleno conhecimento podem deixar de ser castigados, se devem ser conservados nos Empregos, se convem que sejão amnistiados. Eu sou Constitucional, quer dizer, eu não sou Portuguez, renuncio ás Leis da minha Patria, não quero ser governado, como o fôrão meus Pais, e Avós; não consinto que o Soberano gose da Authoridade, de que gosárão todos os seus Antecessores; não convenho em que a Religião Catholica Apostolica Romana seja a unica, que se siga no Paiz, em que nasci; reputo outro qualquer Culto capaz de salvar o homem, e de fazer a sua felicidade nesta vida; quero tomar parte no Governo da minha Patria; tenho a mesma liberdade que o Rei, e que as Authoridades; posso darme a Lei, que mais me agradar, e não julgo a alguem superior a mim: tudo isto quer dizer, e ainda muito mais, que omitto por brevidade, a proposição = Eu sou Constitucional. = Eu amo a Constituição quer dizer, eu amo a licença, a revolta, a discordia, a desordem, a insubordinação, a liberdade de consciencia, a impiedade, e o mal, e a desgraça dos meus Patricios; não amo a Deos, a Religião Catholica Apostolica Romana, a ElRei, a Patria, a Lei, a virtude, a tranquillidade, e a paz: tudo isto quer dizer a palavra = Eu amo a Constituição. = Logo quem proferir essas palavras he hum díscolo, hum perturbador, hum anti-Catholico, hum rebelde, hum trahidor a ElRei, hum inimigo da sua Patria, hum perjuro, hum blasfemo, hum sacrílego, hum perseguidor dos seus semelhantes!

E taes monstros não devem ser punidos, hão de ser collocados, ou conservados nos Empregos, podem ser perdoados, e amnistiados? Ah! Que não ha facto, de que sejão increpados, respondem os seus defensores, e absolventes. Pois a Lei, a Razão, o Senso commum não punem, não prohibem as palavras? Mas querem esses Togados que os homens sejão semelhantes aos burros, que elles não tenhão outra ac-

ção que a das mãos, e dos pés, que possão como elles rinchar á sua vontade, sem por isso levarem chicotada. Pois que a palavra não he tambem huma acção de quem a profere? Querem estes malvados a liberdade de escrever, ou ao menos a de fallar! Ha Censura para os Escriptos, e não ha de haver mordaça para a bôca? Huma palavra má provoca as paixões, excita os tumultos, desmoralisa os costumes, promove as trahições; e essa palavra não será hum facto? Senhores Legistas, esta não he a occasião de vos mostrar, ou que ignorais o que seja Lei, ou que a despresais, e tomais em seu lugar a perversidade dos vossos costumes! Mas hei de-vos arguir á face da Lei, e não me haveis de dar outra resposta, que não seja hum desconcerto, ou hum desaforo. Pois tantas gritarias pela Constituição, tantas cantorias do infernal Hymno, tantos Vivas ao Principe separado de Portugal, não são factos, sobre que recaia a pena de morte? Não perturbavão por este meio a paz, não offendião a Razão, o Senso commum, e a mesma Lei, que estava clara, e terminante? Não atraiçoavão a sua Patria; não atacavão a Pessoa, e o Throno do Senhor Dom Miguel; não fazião huma guerra crua, e ímpia aos Braganças, e Bourbons? E todos estes não são criminosos, não são réos, não são trahidores? Pois que cousa he crime, reato, e trahição? E he possivel que alguns destes ainda estejão conservados nos Empregos, e que outros fossem elevados? Assim he como se tem querido fazer descontentes, e levar ao desespero o soffrimento dos Realistas puros! Assim he como se tem promovido o desgosto, não havendo confiança em muitos Empregados, e reinando hum ardor de se desfazer delles! Ora pois

Vinde cá loucos varridos
De Maçães raça vil!
Quantos mais querem a Carta,
Mais cabrões tem o Brasil.

Cantadores, e cantatrizes, ou cantadeiras, dançádores, (houve hum, que se tem elevado a altos Empregos, por dançar o Sólo Inglez, está ainda empregado, e he hum refinado Pedreiro; tem as manhas da rapoza!) e dançarinas, ou dançadeiras, que tanto cantastes, e tanto dançastes por obsequio á chamada Divinal Constituição, e verdadeiramente infernal prostituição; galradores, e galradoras, ou galradeiras, que tantas vezes dissestes que ereis Constitucionaes, e que amaveis a Constituição, alimpai d'aqui os pés, ponde-vos fóra de Portugal, deixai sós os bons Portuguezes, que elles não precisão de vós, para desbaratarem a Dom Pedro; ajuntai-vos á Seita, a que pertenceis, se não quereis ouvir continuamente a accusação de = Dize-me com quem andavas, e dir-te-hei que manhas tinhas = porque = a pedra, e a palavra não torna depois de lançada. O Povo chamar-vos-ha sempre — Malhados —, e heis de roer a alcunha, mal que vos pese, e por mais que vos protejão; porque não tendo sido o Marquez do Pombal poderoso para proscrever entre os Portuguezes o apodo de Judeos, com que os Christãos velhos chamavão aos convertidos da Tribu de Isaschar, não ha de haver força humana, que possa impôr silencio aos Realistas Portuguezes, e prohibir-lhes de chamar Malhados aos que tanto fallárão a prol da Constituição, da Carta Constitucional, e do intruso Dom Pedro. A Razão, a Opinião, e o Senso commum he tambem huma Lei, e huma Lei, que difficilmente pode ser irritada. Ainda chião aos ouvidos dos Portuguezes pacificos as palavradas, ou balburdias Constitucionaes; e ainda que esses Protheos fação trocas baldrocas de linguagem, aquellas não esquecem, e será este, á falta de outra punição, ou processo legal, o mais pungente castigo de todos esses malvados impunes, protegidos, conservados, ou agraciados. Mas eu tomo já o fio, de que havia pegado no principio, ácerca da inviolabilidade dos Reis, e da responsabilidade dos Ministros.

Esta inviolabilidade tem preparado o cadafalso aos Monarchas, que se tem confiado nella; e quando não seja o cadafalso tem sido hum ignominioso degredo, ou horrorosa expulsão. Na Inglaterra começou o exemplo, a França seguio-o duas vezes, o Brasil huma, e se está ensaiando para

a segunda. Inviolabilidade aos Reis nas mãos dos seus mais encarniçados inimigos! Que segurança lhes dão? Que garantias, ou refens? A Lei, a palavra. E que cousa he a Lei, e a palavra na bôca dos Constitucionaes? He o mesmo veneno debaixo da lingua do aspide, ou vibora. Como pódem os Monarchas considerar-se inviolaveis nas suas pessoas, depois que forão violados todos os seus Direitos, Dignidade, e Poder? Quaes são as attribuições Magestaticas nas Monarchias Constitucionaes? Menos, que as d'hum Juiz de Vintena. Não exaggero; e eis ahi está a mais evidente prova offerecida no Tit. 4. Cap. 6. Paragr. 161. da Constituição de 1822, que he huma côpia de todas as Constituições Liberaes. » Todos os Decretos do Rei, de qualquer natureza, que sejão, serão assignados pelo respectivo Secretario d'Estado, e sem isso não se lhes dará cumprimento. » E pouco antes no mesmo Capitulo — » Nenhuma Ordem do Rei verbal, ou escripta escusará os Secretarios da responsabilidade. » E que he hum Rei, que não he obedecido, que não tem authoridade, nem podêr, sem que as suas determinações venhão assignadas pelo respectivo Secretario d'Estado? Segundo esta disposição, nem mesmo o Rei póde por si mesmo nomear os Secretarios d'Estado. E se o Rei, na verdade, não exerce senão ficticiamente, e por segundas pessoas attribuição alguma, sobre que recahe essa fantastica inviolabilidade? Se o Rei não póde obrar, nem o bem, nem o mal, porque se não póde dar cumprimento a alguma Ordem sua, não sendo authorisada por hum Secretario; a que vêm ao caso essa immunidade? Eis-aqui o que eu não entendo; mas conheço que nas Monarchias Constitucionaes nenhum Subdito, ou Vassallo está obrigado a obedecer a ElRei, se hum Secretario não mandar que se lhe obedeça; e ahi está hum Rei Nominal. Assim he que n'essas Monarchias tambem meramente Nominaes, os Povos, como não estão ligados a obedecer aos Reis, rasga-se o laço da Sociedade, que he o da Dependencia, perde-se o amor, o medo, e o respeito aos Reis; e os Reis estão verdadeiramente em huma espantosa coacção: faz-se-lhes dizer o que querem, e o que não querem; são compellidos a estar por tudo o que os Secretarios quizerem, e a assignar o que se lhes

apresenta, seja bom, ou máo, justo, ou injusto; elles não tem senão forças passivas em toda a extensão da palavra: nem me venhão os refalsados Constitucionaes com o capcioso argumento de que o Rei póde nomear os Commandantes da Força armada, dirigir as Negociações Politicas, ou Commerciaes, conceder titulos, honras, e distincções, e outras tantas cousas; porque havendo de ser exercidas todas essas suppostas attribuições por Decretos, ou Determinações, e não tendo ellas cumprimento sem a assignatura d'algum Secretario d'Estado, certo he que toda a authoridade, força, e poder se devolvem exclusivamente aos Secretarios d'Estado sem partilha alguma com o Rei: de maneira que quando se diz nas Monarchias Constitucionaes, que os Reis não estão sujeitos a responsabilidade, eu entendo que essa proposição he viciosa, e inutil, porque val o mesmo, que dizer, que os Reis não são responsaveis pelo que fazem, porque não fazem cousa alguma; ou, se a proposição tem algum sentido, quer dizer que os Reis são inviolaveis porque não tem poder algum sobre os Negocios da Nação, que val o mesmo que dizer, que os Reis não são Reis, e este deve ser o genuino sentido da proposição. Mas, e se o Rei se intrometter nos Negocios do Estado, se elle quizer ser Rei em alguma cousa por pequena, que ella seja? Então he delinquente, e deve ser processado, não como Rei, mas como hum particular, que se arroga authoridade, que não tem, que pertende roubar a Soberania ao Povo. E eis-aqui o verdadeiro lado, por onde tem sido considerados nas Monarchias Constitucionaes todos os Processos, que se tem formado aos Soberanos, ou para os decapitar, ou para os depôr. Agora venha lá Dom Pedro com o seu favorito peguilho, para exercer com o Brasil, e com Portugal quantas arbitrariedades lhe vierão á cabeça, de que elle não he responsavel pelo que faz; proposição tão absurda, e revoltante, que se o mesmo Nero a proferisse elle deixaria d'existir, no que grande bem viria á humanidade. Mas os Brasileiros não são para essas graças: elles não estiverão pelos autos; e como Dom Pedro as apostou de inconsequente, de arbitrario, e de revoltoso, elles as apostárão de Soberanos; e já que o não decapitárão porque fugio, deposerão-no do Throno, em que

elle se assentára com tão pouco juizo, como com tão exotica ambição; e depois legalmente, he a dizer, com formalidades judiciarias o declarárão desherdado, e banido com ordem a todo, e qualquer Cidadão do Brasil, ainda que seja Allemão se estiver naturalisado, de o prender como a hum facinoroso! E não considerão os Soberanos Constitucionaes o Volcão, sobre que estão postos pela sua adhesão ás Theorias Liberaes?

Toda a responsabilidade pois está sobre os Ministros d'Estado nas Monarchias Constitucionaes: só elles são os violaveis, os vulneraveis, os puniveis; mas esta he huma Farça. Em nenhuma Monarchia Constitucional foi até agora decapitado algum Ministro d'Estado, tendo muitos d'elles feito, por onde devessem ser esquartejados antes de sobirem áquelles Cargos! O mais, que lhes succede he serem removidos d'huma para outra Secretaria, ou serem depostos por alguns mezes, ou serem nomeados Embaixadores, ou encarregados do Commando d'algum Exercito, onde vão renovar as suas perfidias, e propagar o execrando Liberalismo. Mas a maior graça está em que os Soberanos Constitucionaes, quando comettem algum excesso, de que se não podem desculpar, respondem. — Eu não sou responsavel pelo que faço: Porém então cahe tambem sobre elles o chicote Soberano do Povo, como acontecêo a Dom Pedro, que depois de haver dado huma Constituição julgava loucamente, que ainda tinha alguma liberdade, ou poder. Outras vezes respondem. Os Ministros são sómente os reprehensiveis; e jogando assim a huma das duas com a sua inviolabilidade, e com a responsabilidade dos Ministros, elles são sómente os arguidos, e castigados, e com alguma razão, ao menos por inconsequentes, dolosos, e faltos de boa fé, Dom Pedro tambem incorrêo n'este dobrado crime, e eis ahi a prova por elle mesmo dada no Periodo decimo quarto do seu Manifesto, pois que eu não sou capaz de redarguir a alguem, mesmo inimigo, que seja do meu amado Rei, de crime, que não seja notorio: de todos elles he Dom Pedro réo confesso, e confissão da Parte releva a prova, ou a escusa, como diz hum Anexim de Direito.

Os dinheiros publicos allegados terem sido gastos per-

tencentes ao Emprestimo Portuguez, forão, como todos sabem pagos a taes pessoas, (E que Pessoas? Tambem ladrões dos Cofres Publicos de Portugal) *que se representavão agentes proprios*, (sem missão, ou authorisação da Nação Portugueza) *e representantes do Paiz, com quem o Tractado de que se falla foi feito; e se elles o applicárão a outros fins estranhos d'aquelles, para que elles forão originalmente designados, elles sómente são reprehensiveis.*

Nova monstruosidade! E perpetuas, e indefiniveis inconsequencias, e faltas de boa fé! Quer Dom Pedro justificar-se de todas as accusações, que lhe fazem os Brasileiros, e a huma só não póde responder com dignidade! Não quer sobre si a feia nodoa de dilapidador dos dinheiros públicos, e em tres gerações se não póde elle limpar d'este ferrete o mais vergonhoso para hum homem bem nascido, quanto mais para hum Principe! Lá no Brasil promulgárão o sequestro de todos os bens, e propriedades de Dom Pedro para se pagar, o que elle ficou devendo á Fazenda publica, e aos particulares! A cousa não he comigo, e todavia se me córão as faces de pejo! Dom Pedro tem a delicadeza de não negar abertamente que ignora os fins, a que forão applicados esses dinheiros, mas não tem a honra de o confessar com franqueza! Para essa estranha applicação dèo elle *Ordens por* escripto, e isto he público; e agora diz que são *sómente reprehensiveis* os nomeados representantes do Paiz? Eis-aqui a responsabilidade dos Ministros! Estes, sendo arguidos de dissipadores dos dinheiros públicos, se escusão com que Dom Pedro assim lho determinou! Dom Pedro á sua vez se escusa com elles! Bem se póde applicar a Dom Pedro, o que aquella atrevida moça disse a São Pedro — *Vere tu ex illis es, nam et loquela tua manifestum te facit.* Vós tambem sois hum dos dissipadores, e perdularios, porque até as vossas mesmas desculpas vos convencem: vós não podeis negar, que mereceis se vos diga o que a outro respeito dizia São Bernardo — *Hi fures, et illi socii furum!* — vós, e elles sois da mesma panellinha.

Quem duvída hoje que Dom Pedro fez lançar mão d'esses dinheiros, faltando á confiança pública, e á fé dos Tractados, para sustentar intrigas Diplomaticas contra o Senhor

Dom Miguel, para comprar Escriptores mercenarios, que não cessassem de arrojar contra a Nação Portugueza, e contra o seu Legitimo Soberano calumnias as mais atrozes para manter a discordia entre os Portuguezes, para promover a deserção, e a apostasia de alguns, que sem este incentivo poderião ainda affastar de si a nota da rebellião, para conservar em fim essa porção de Soldados desgarrados das suas Bandeiras? E ainda ha quem queira militar debaixo das Ordens d'hum Principe de tão pouca palavra, que lança todo o peso dos seus crimes sobre os seus mesmos complices, e confidentes? Mas voltando ao principio da responsabilidade dos Ministros, e da inviolabilidade do Rei: havendo hum que, como Dom Pedro, humas vezes dissesse, que elle não era responsavel pelo que fazia, outras, que só seus Ministros erão reprehensiveis; qual seria a Nação que quizesse ter alliança, ou fazer Tractados com esse Principe? E se todas as Nações da Europa estivessem constituidas, e formadas sobre estes principios de volubilidade, e de inconsequencia, haveria hum só Povo, que não estivesse alagado de sangue? Que seria da paz, e da estabilidade das Monarchias? Sobre huma róda, que jámais pára, nem acerta no seu movimento, qual Edificio Social descançaria tranquillo? Huma Nação, que não he personificada, que não he representada pelo seu Rei, não he ella huma Nação Acephala, sem consistencia, sem elementos proprios de conservação? Se o Monarcha não he responsavel perante os outros Monarchas, se sómente seus Ministros são reprehensiveis pelos excessos da Nação, ou pela infracção dos Tractados, ou pela violação do Direito Publico, ou pela aggressão de propriedades estranhas; admittindo-se, e dimittindo-se os Ministros a bel prazer; qual não seria o Ministro, que não podesse impunemente provocar o Governo dos outros Póvos, atacar suas propriedades, e direitos, infringir os Tractados Publicos, insultar as outras Nações? Pois tal he com effeito o andamento das Monarchias Constitucionaes, representadas por Assembléas, e por Ministros, que varião de Cargos, e de Representação a cada momento: ellas não tem hum andamento fixo em Diplomacia, hum caracter de permanencia nas suas determinações, hum systema certo de Direito, hum methodo estavel de Tractados, huma regra

seguida de operações; por isso os Tractados de paz, e de alliança com as Monarchias Constitucionaes são alterados a cada momento, explicados em encontradas direcções, e variados segundo o capricho dos diversos Ministros; os mesmos Tractados de Commercio, sobre que ródão as fortunas dos Póvos, não durão senão por quanto tempo convém ao interesse dos mesmos Ministros: finalmente, essas Nações assim constituidas não offerecem a paz, senão quando não podem sustentar a guerra, porque a discordia he o seu elemento. Tendo todas as cousas hum centro, segundo as respectivas propensões da sua natureza, procurando esse mesmo centro todas as Sociedades, e Instituições humanas por hum sentimento unanime, não se póde dizer que as Monarchias Constitucionaes tenhão hum centro, onde o Rei não he responsavel pelo que faz, e a responsabilidade dos Ministros he huma quimera impraticavel. Mas ainda bem que o Grande Imperador das Russias nos seus Tractados com as outras Nações, de qualquer maneira que ellas estejão constituidas, exige, e demanda a responsabilidade dos seus Soberanos, e não a dos seus Ministros, ou Parlamentos; e as mesmas Monarchias Constitucionaes se curvão de respeito a este principio Russiano, a quem a Justiça assiste, e a força defende. Ah! Se a Censura me permittisse dar huma pennada sobre o muito, que Portugal tem soffrido na sua alliança, commercio, e interesses de parte de hum Governo Constitucional, onde a boa fé se mirrou! Mas eu não conheço os limites da Censura: entrego pois o pincel a Guilherme Walton.

O meu negocio he com Dom Pedro! E ha Ministros, Funccionarios, Generaes, Coroneis, e Authoridades em Portugal, que se temão da responsabilidade, que esses loucos das Ilhas dos Açôres, arvorados por si mesmos em nome de Dom Pedro lhes acabão de exigir pelas despezas, que Portugal faz na Defeza do seu Legitimo Rei e Senhor Dom Miguel, e por todos os mais prejuizos, que se seguirem nesta lucta? Haverão almas tão apoucadas, que temão as armas da traição? Espiritos abjectos, a quem ainda Dom Pedro lhes mereça alguma consideração de temor, ou de respeito! Ah! cobardes! Separai-vos das fileiras Realistas; demittivos dos vossos Póstos, e Cargos; não jogueis com páos de dous bicos! O

Senhor Dom MIGUEL he o Nosso Rei. Não temais, onde não ha que temer. Dom Pedro não he ouvido d'alguma Nação! O Congresso de Soberanos, que vai celebrar-se, não tem alguma consideração por hum Principe, que não quer ser responsavel, pelo que faz: pelo que fez vai elle ser responsavel perante esse Augusto Congresso; por haver desmembrado o Brasil, e por haver feito a guerra a Portugal vai elle ser formalmente declarado indigno de occupar o Throno da Nação Portugueza. Fechai, Portuguezes, fechai os ouvidos á impostura, ás intrigas, aos ameaços, e aos reclamos dos malvados rebeldes. A Causa he vossa! Vós sois muitos, e muito esforçados, para que preciseis dos soccorros; mas, se precisasseis, eu posso affirmar-vos, *com toda a certeza*, que vós sereis auxiliados muito além das forças do Tyranno.

Rebordosa 25 de Fevereiro de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1832.

Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 31.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

A grande Questão Portugueza sobre a Successão ao Throno.

DESDE quasi o começo do Seculo XVIII tres cousas tomárão a peito os Filosofos da impiedade, para levarem ávante a sua projectada empreza da destruição do Altar, e do Throno, bem persuadidos de que não poderião chegar ao cabo da sua conjuração, sem haverem posto em praxe aquelles tres meios, que julgárão os mais convenientes ao grande fim; e na verdade acertarião no fito, se Deos não provesse mui poderosamente á sua gloria, e á salvação daquelles Povos, que desde a eternidade reservára para si. O primeiro, e o mais forte meio, de que lançárão mão os Architectos da impiedade, foi a perversão dos Principes; o segundo foi a expulsão dos Jesuitas; o terceiro foi a extincção do Sancto Tribunal da Inquisição. Pervertidos os Principes, trazidos estes ao partido da incredulidade, e da devassidão, ou educados na mais completa ignorancia Religiosa, e Politica, facil era, e foi aos Pedreiros engajá-los em quantos absurdos, e erros conviessem á introducção da Seita. Este abominavel estado de perversidade, ou de ignorancia, não foi difficil de conseguir, pondo em roda do Throno, e dos Principes Hereditarios, Ministros sem costumes, Cortezãos voluptuosos, e corrompidos, ou estupidos, e allucinados; Conselheiros debeis, inexpertos, ou pérfidos, Aulicos emfim, ou Palacianos desenfreados, ambiciosos, e lisongeiros; assim feito hum grande circulo vicioso ao Throno, e aos Princi-

pes, affastando escrupulosamente do seu lado a virtude, a verdade, a honra, a justiça, e a sobriedade, e mui cuidadosamente todas as Pessoas, que tem alguns vislumbres de Religião, e de probidade, ficárão por varias vezes os Thronos, e os Principes em hum centro de corrupção, de licença, de molleza, de apathia, e de indifferença, dispostos a praticar tudo o que fosse em mingoa da sua Dignidade, do Throno, da Religião, e dos Povos, authorizando com seu Nome a impunidade dos crimes, a tolerancia da irreligião, o desprezo da virtude, o abuso da justiça, a contemplação com os vicios, o fomento da ociosidade, o excesso do luxo, a decadencia da Agricultura, o desamparo das Artes necessarias, o abandono do Commercio, o desenfreio do Exercito, o roubo, e o monopolio nos mesmos Reaes Contractos. Expulsos os Jesuitas, conseguião, e conseguírão os Pedreiros deseducar os Povos, perder-lhes o amor ás Corporações Religiosas, dispô-los a tomarem raiva a todos os Institutos Ecclesiasticos, e estremecer todas as Ordens, especialmente as Monasticas: assim o Povo na expulsão dos Jesuitas desprovido dos seus antigos Mestres, sem bussola certa na sua educação, começou a vêr com olhos enxutos a depredação de todos os Bens, Immunidades, e Privilegios Ecclesiasticos, a acreditar quantas calumnias se forjárão contra as mais Corporações Religiosas, a ter em pouco os seus Bispos, e Parochos, a olhar com desprezo para os seus Sacerdotes, a encarar com odio as mesmas altas Jerarchias Seculares, e a reputar a subordinação, ou gradação da Sociedade como huma humiliação, degradação, ou oppressão dos seus direitos, e das suas fortunas; era huma consequencia necessaria da barbara expulsão dos Jesuitas, que pouco a pouco se fosse introduzindo o odio aos mais Corpos de mão morta, e daqui a todos os grandes Proprietarios do Estado. Extincto o Sancto Tribunal da Inquisição, as consequencias, que naturalmente se seguião da perversão dos Principes, da expulsão dos Educadores do Povo, aquellas idéas, aquella mania, aquelles vicios, aquellas funestas paixões, não tendo já diques, que as reprezassem, começárão de vogar livremente sem pejo, e se generalisárão sem medo, nem vergonha; assim aberta huma grande brecha em huma Praça, o seu assalto, e occupação se torna facil, como socavado o alicerce d'hum edificio composso, e sólido vem abaixo com pequenos impulsos; porque as pedras, que nelle estavão entalhadas, perdendo os laços, que ás prendião, não podem subsistir por

muito mais tempo unidas, e firmes. E se por estes meios conseguírão os Pedreiros levar os Thronos, e os Povos da Europa, e da America ao medonho abysmo, em que actualmente se agitão, não cuidarão os Principes de restabelecer os mesmos meios, desfazendo-se em primeiro de tudo desse horroroso circulo, que os circumda para os perder, chamando outra vez os Jesuitas, ou os Educadores do Povo para o guiar pela antiga, e já pouco seguida estrada da virtude, da honra, e da laboriosidade; e resuscitando no seu primitivo esplendor o Sancto Tribunal da Inquisição, para reprimir as doutrinas, e os costumes licenciosos, que o Maçonismo tem introduzido? Mas, Bemdito, e Louvado seja Deos, por haver suscitado em Portugal hum Principe, que se não entranha no circulo de Ministros sem costumes, que se não deixa arrastar de Cortezãos voluptuosos, e criminaes, que sabe o que ha de escolher, o que ha de permittir, e o que ha de soffrer; que adora a Deos em espirito, e verdade na frequencia dos Sanctos Sacramentos, no Culto de todos os monumentos da Religião, na pratica de todas as obras de piedade, na administração da Justiça, no bom uso da clemencia, no tracto com pessoas virtuosas, na imitação finalmente de todos os bons exemplos, que Lhe deixárão seus Augustos Ascendentes, reunindo no seu coração as virtudes de todos, e de cada hum delles, e aperfeiçoando-as em gráo eminente pelo valôr d'huma força, que somente o Ceo podia dar-Lhe em hum Seculo, em que as virtudes mais mediocres são tão raras, como em outros Seculos foi raro o heroismo! Bemdito, e Louvado seja Deos, por haver suscitado em Portugal hum Rei, que mais Piedoso, e mais Justo que o venturoso Cyro, depois d'haver quebrado os ferros, que algemavão a Israel em Babylonia, mais constante nos seus propositos, que Assuero, mais Poderoso, que Artaxerxes, desprezando as calumnias, as detracções, e os pérfidos, e dolosos conselhos dos inimigos de Portugal, restabelece nelle os Jesuitas, para purificarem os Povos dos erros, e dos crimes, que lhes havião ensinado os Filosofos inimigos da piedade, e da virtude! Ah! Que eu vejo em estes dias de impiedade hum Sacerdote Cisterciense, qual outro Esdras, Escriptor doutissimo da Lei de Deos = *Scribæ legis Dei cæli doctissimo* = que authorisado pelo mais Virtuoso Rei da Terra, repõe os Sacerdotes Jesuitas no seu antigo Collegio de Coimbra, e os mette de posse das suas habitações, podendo elle dizer com Esdras = *Congregavi eos, et feci stare in stationibus suis,... et constitui*

unumquemque in Ministerio suo. = Venturoso Portugal! Tu verás d'ora em diante, d'onde as Sciencias sahião entorpecidas com o vicio, e com a incredulidade, sahirem Ministros, Togados, e Literatos, que guiados pela habil mão dos Jesuitas, tenhão fundado, e acompanhado os seus estudos sobre a sólida base do temor de Deos! As lagrimas correm abundantes dos meus olhos sacadas aos contínuos golpes do prazer Religioso, que me causa o restabelecimento dos Jesuitas em Coimbra! Ah! Quem me déra vêr tambem o Sancto Officio da Inquisição, ou o baluarte do Altar e do Throno, resuscitado pelo mesmo Poder Real e animado por esse novo Esdras Portuguez! Então poderião os Christãos Portuguezes morrer descansados na paz de Deos, bem certos de que as suas gerações não conhecerião jámais a impiedade, e a dissolução! Elles então poderião dizer com o Simeão da Graça = *Nunc dimittis servum tuum Domine in pace; quia viderunt oculi mei gloriam plebis tuæ Israel.* = Agora, Senhor Deos, morremos contentes, porque vírão os nossos olhos a gloria do vosso Povo de Portugal. Não, não venhão daqui a pouco os Embaixadores Estrangeiros, como na Hespanha, protestar contra o Sancto Officio, dizendo a ElRei: Não respondemos pela tranquillidade desta Nação; porque o muito Alto, muito Poderoso e muito Religioso Rei, e Senhor D. Miguel, tendo restabelecido o Sancto Tribunal da Inquisição, pode bem responder-lhes: Eu respondo pela tranquillidade dos meus Vassallos, em quanto nestes meus Reinos, e Dominios se conservarem os Jesuitas e a Inquisição: Não precisei dos vossos auxilios para debellar as Facções; com o meu braço, armado do poder de Deos, e com o esforço dos meus Vassallos Catholicos, esmaguei o poder dos anti-Catholicos, ou Pedreiros; Herdeiro e Descendente de Dom João III, que foi o primeiro Monarcha do Mundo que dêo Casas proprias aos Jesuitas, e o primeiro Rei de Portugal que impetrou do Papa mandasse a este Reino o Tribunal da Sancta Inquisição, *Obra Divina*, (diz o Historiador deste grande Rei) e necessaria para a conservação da pureza Christã, serei havido, como elle, por Pai da Patria e Filho obediente da Sancta Igreja Catholica Romana, procurando sempre seu augmento, e fazendo guardar inviolavelmente os seus Decretos e Preceitos. Arvore-se pois o Sancto Officio da Inquisição, e restitua-se com esplendor ao seu Palacio em Lisboa a veneranda Imagem da Fé, a Religiosa Devisa de todos os Catholicos Portuguezes, antes que venhão protestar

em favor dos Pedreiros essas Espias Privilegiadas, que este honroso nome dava Frederico II aos Senhores do Corpo Diplomatico; ou, na minha expressão, os Enviados do Maçonismo com o titulo de Embaixadores dos Soberanos.

Volto porem ao primeiro meio de que lançárão mão os Pedreiros para conseguir a sua empreza de acabar com o Altar e com o Throno; a perversão dos Principes. Dizia Frederico II que os Principes de ordinario tem bem poucos merecimentos; e que, ainda que no seu tempo (foi na segunda ametade do Seculo XVIII) era cousa bem rara entrar a superstição nos Palacios dos Principes, com tudo muitos dos Principes erão supersticiosos. Com estes apodos são denominados pelos Pedreiros todos os Principes, que professão a Religião Catholica; Frederico II he chamado Grande pelos Filosofos; e eu vou descobrir a razão, por que elles o engrandecem tanto. A Eschola de Frederico fôra a do Filosofo Leibniz: os amigos e correspondentes delle fôrão D' Alambert, Algarotti, d'Argens e especialmente Voltaire, o célebre Voltaire, que a pezar de ser celebrado por homem sabio, apparecêo na Republica das Letras com furtos vergonhosos, para se acreditar por Auctor de grandes pensamentos entre os seus confrades: basta pronunciar estes nomes entre os verdadeiros Catholicos, para ajuizar da conducta, e da crença de Frederico II: entregára-se elle muito cedo, e com grande vivacidade aos prazeres de Venus, e de Baccho, (esta he a eschola em que se tem corrompido muitos Principes) que não abandonou mesmo na sua decrepitude: daqui, e da sua sociedade com Filosofos impios veio a ser incredulo á Religião Catholica; elle nem mesmo acreditava na immortalidade da sua alma; julgava que devia a sua existencia ao puro acaso, e conseguintemente não se considerava dependente de Deos; e todavia Voltaire não duvidou pôr-lhe a alcunha de Salomão do Norte. Porque? Porque elle estava animado da mesma incredulidade, de que o estão todos os Pedreiros. Eu bem sei que hoje os Filosofos se esquecerão de Frederico II, porque ainda que seu Protector não o era assim dos Governos Republicanos, dizendo esse mesmo Rei que aquelles tempos erão perigosissimos para Republicas, e sem dúvida já então erão, e hoje o são muito mais, porque huma Republica de Filosofos incrédulos he hum Estado, que só pode existir alguns momentos na fantasia d'hum espirito desvairado. Hoje buscão os Pedreiros hum Principe, que lhes dê huma Carta Constitucional, em a qual a incredulidade,

a irreligião, e a licença sejão authorisadas, e permittidas para todos debaixo do titulo da Lei; e elles acharão este Principe em Dom Pedro: neste pois estão todos os merecimentos, todas as qualidades, e todos os motivos para ser louvado na penna dos ímpios por huma alma terna, e sublime, Filosofo Legislador, e Prodigio do Seculo XIX! Não por outra razão militão hoje nas suas Bandeiras alguns Cortezãos, alguns Grandes, e Nobres, que degenerárão em libertinos; nelles o anti-Christianismo passou a ser moda, e o Deismo veio a ter todo o sequito. E de que procede esta perversão em hum Principe, que nascêo de Pais Catholicos, e que foi educado na Religião Catholica? Ah! Tambem elle, como aquelle outro Rei da Prussia, logo que seus Augustos Pais se recolhêrão do Rio de Janeiro, abandonado a si mesmo se entregou com ardor, e sem pejo, nem dignidade, aos excessos de Venus, e de Baccho: o caracter de dobrez dos pérfidos, e trahidores, que o cercavão, poucos mezes depois da retirada de seus Augustos Pais a Portugal, homens sem firmeza, sem inteireza, e sem grandeza, fracos, molles, effeminados, pusillanimes, covardes, e baixos, homens vís, e infames, almas abjectas, e Eunucos, como diz o Doutor *Zimmermnun*, Medico, e Conselheiro de Sua Magestade Britannica, referindo seus dialogos com o mencionado Frederico II. Pedreiros, e Filosofos rasteiros assim do Brasil, como de Portugal, e d'outras Nações, impellirão, e levárão a Dom Pedro a este estado de degradação, e de baixeza, que se constituío em Soberano, Protector, e Chefe da canalha mais ridicula, e mais ímpia, e desmoralisada dos dous Hemisferios! Dessa sua escolha o accusão altamente os Brasileiros, e de balde, e mui trivialmente se defende elle no periodo 15 do seu Manifesto ás Nações.

Quanto ás pessoas escolhidas para o Palacio do Imperador (diz o mesmo Dom Pedro na sua Justificação) *certamente elle he o melhor Juiz.* (Pois atreve-se a ser Juiz com taes Mordomos! Veneravel Confraria, onde o pejo, e a honra não existião!) *e tambem o mais bem informado dos seus differentes merecimentos:* (fortes Bandarras! Todos elles merecião estar empoleirados no Cáes do Sodrê! O menor crime, que elles comettêrão, foi o de abandonar a Dom Pedro:) *mesmo quando o Publico nada soubesse delles, conferindo sobre elle a Dignidade Imperial*, (dérão-lhe o que lhe não podião dar, e por isso com o mesmo direito tornárão-lho a tirar) *deverião contar o numero de Individuos distinctos:*

(E quem lhes dêo essas distincções? Foi o merecimento, a virtude, e seus Serviços á Patria? Foi o mesmo Dom Pedro que os elevou da mesma fórma que se elevára a si mesmo rebellando-se contra seu Pai, e contra a Nação Portugueza!) *para estar ao pé d'elle* (Bom sería que estivessem aos seus pés) *para administrar os negocios de hum Imperio extenso, situado sobre os dous lados do Atlantico, como tambem para conservar o esplendor de huma situação tão exaltada.* Aqui termina o periodo.

Quantus erat mons factus Atlas... Disse Ovidio nas suas Metamorfoses. Que extensos não são os Sertões do Brasil! Que immensidade de Povos não habita essas montanhas! Os Nabunangas, os Taicozamas, os Caites, os Tupinambas, os Tamojas, e outros mil nomes, que não formão mil Povos que tenhão nome! Extenso hum Imperio, porque tem mais de mil legoas de Costa, e as mesmas, ou mais nas suas dimensões; porque tem Rios, que correm centenares de legoas, mas que não tem huma só Povoação em centenares de milhas: esse Imperio póde chamar-se moralmente extenso? Porque elle esteja situado sobre os dous lados do Atlantico? Este nome faz-me recordar a Fabula, que estudei em pannos menores! Imperio da Fabula he na verdade o Brasil, que se d'elle se descartassem os Portuguezes, e os mais Europeos que o habitão, bastaria hum Christovão Jaquez com huma duzia de Caravellas para o submetter novamente ao Reino de Portugal. Fortes gargalhadas de riso me tem dado este Imperio Atlantico, ou situado sobre os dous lados do Atlantico, algum tempo habitado por alguns centenares de Gentios, e hoje governado por alguns centenares de Pedreiros, muito peores que aquelles, mas muito mais fracos, e covardes que elles, sendo mais que sufficientes para o seu exterminio huns poucos de Portuguezes, que fossem tão animados, e resolutos como os que ElRei Dom João III enviou a descobrir, e conquistar aquellas tão extensas, e tão despovoadas terras. *Nos quoque gens sumus*, dizem agora os Brasileiros, depois que Dom Pedro lhes dêo huma Carta de nomes; apenas a souberão solétrar, pozerão o Mestre na rua, verificando-se aquelle Adagio Portuguez, que Dom Pedro não devêra esquecer — Ao villão dá-lhe o dedo, e toma a mão. — Estão Imperiaes aquellas pobres gentes, e não chegarião a esse estado de ousadia, e de rebellião, se o Senhor Dom Miguel não fosse deportado de Portugal no anno de 1824, e Dom Pedro não houvesse despresado os conselhos de

seu Augusto Pai: mas console-se quem pena tem, que traz tempo tempo vem; e Real, Real; o Brasil ha de ser de Portugal. Mas o que eu não posso comprehender bem he como Dom Pedro com hum tão crescido número de Individuos distinctos, não soube elle administrar, não digo eu os negocios do Brasil, mas nem os seus mesmos negocios, tendo-os em tão má figura, que anda agora por essas Costas fazendo a ridicula figura de Capitão de bandoleiros, que outro nome não podem ter esses monstros, que fizerão a desgraça de Portugal, tendo feito antes a do Brasil: deve de ser que as pessoas, que elle escolhêo no Brasil, erão outros quejandos como esses, que n'esta hora o cercão para o metterem de posse do que perdêo para sempre; sem dúvida erão esses Individuos homens que não tinhão pé, e querião dar couce, ou que não tinhão que perder, sem real, e sem honra, sem ceitil, e sem sciencia, concorrendo conseguintemente para a quéda de Dom Pedro, e para a sua, como tambem para a ruina do Brasil: *Vir consilii expers mole ruit sua.* Ministros, que forão elevados pelo Maçonismo, só o Maçonismo os sustenta, em quanto elles o interessão. Mas fique a censura por conta dos Brasileiros, que elles lá sabem melhor do caracter das pessoas escolhidas para o ex-Palacio do ex-Imperador Dom Pedro. Porém aquillo de esplendor de situação tão exaltada, não me ha de ficar no tinteiro. O esplendor d'hum Monarcha brilha, e se conserva não tanto pelo número dos seus Ministros, e Cortesãos, como pela virtude, grandeza, firmeza, e inteireza d'elles; provas incontestaveis da sua fidelidade, e do seu amor ao Monarcha, hum caracter indelevel de firmeza na Religião, hum conhecido desinteresse no exercicio dos seus Cargos, huma intrepida, e generosa coragem nas difficuldades do Estado, huma forte, e heroica assiduidade no trabalho, hum nobre desprezo dos perigos, huma penetração superior em todos os negocios públicos, huma boa Educação Religiosa, e Literaria, eis o que torna esplendida, e brilhante a situação de qualqúer Monarcha. Grande Rei foi o Senhor Dom Manoel, perfeito exemplo de perfeitos Principes, e tão insigne em todas as virtudes, que devem resplandecer nos Reis, que conferindo as Historias antigas, e modernas, não lhe levarão vantagem os maiores Monarchas do Mundo; e todavia não tinha para a administração dos Negocios do seu Imperio, então muito mais extenso, e complicado que esse que está sobre os dous lados do Atlantico, senão dous Ministros, ou Desembarga-

dores do Paço, pessoas de muita Authoridade, e Doutrina, que erão D. Pedro, Bispo da Guarda, e Prior de Sancta Cruz de Coimbra, e D. Diogo Pinheiro, Bispo do Funchal; e com estes dous Ministros se aviavão a tempo, e a horas, e com muito acerto, e justiça todos os Negocios do Estado, assim de Portugal, como de todas as suas Conquistas, que erão vastissimas. Mas Dom Pedro, depois que se fez Brasileiro, perdêo a memoria, e s'esquecêo de que descendia de Grandes Reis, que abrilhantárão a sua situação por todo o Mundo pela escolha de Ministros, e de Cortesãos Virtuosos, e Sábios. Sobre que pessoas de merecimento podia recahir a escolha, que Dom Pedro fez no Brasil, se todos elles o ajudárão na sua rebellião, e desobediencia? Póde hum Filho reputar que lhe seja fiel aquelle, que foi desleal a seu Pai? Não devia elle temer que passassem para a Facção os mesmos, que logo que seu Augusto Pai lhes voltou as costas lhe maquinárão huma trahição? Ao menos aquella verdadeira sentençasinha de — Quem más manhas ha, tarde, ou nunca as perderá — devêra lembrar-lhe a outra de — ama-se a trahição, e castiga-se o trahidor —; e no uso d'esta sopear os rebeldes, e ingratos, que tão de pressa perdêrão o amor, e o respeito a hum Rei, que lhes prodigalisava tantos beneficios: ou quando a tanto se não atrevesse por condescendente com os que lhe conferírão a Dignidade Imperial, respondesse ao menos aos que lhe pedissem o premio da trahição com aquellas palavras, com que em caso bem parecido respondêo Filippe II de Hespanha, e Primeiro intruso em Portugal a hum Portuguez trahidor — Se a Corôa he minha, nada vos devo, pois me déstes o que era meu; e se não era minha, bastante favor vos faço em vos não castigar pelo crime. — Mas Dom Pedro he hum d'aquelles genios, que nem em cabeça propria escarmenta. Não tem pois alguma razão os Brasileiros de se queixar, por se verem opprimidos por huma cafila de Cortesãos elevados á administração dos Negocios por hum sem número de crimes, e de baixezas, de que não desistião. Não vião elles bem o Throno formado sobre a trahição, conservado por extravios, e alimentado de loucuras? E como não viria abaixo ao menor piparote huma situação tão mal exaltada? Verdadeiramente que os amigos de Dom Pedro lá no Brasil tinhão-lhe *amor de bugio*: tanto se estreitárão com elle, que o fizerão saltar do Throno, e do Brasil.

E ter-se-ha emendado este Principe perdido? Na usur-

pação do Brasil só trahidores escolhêo: Na sua empreza sobre Portugal, que outros senão trahidores poderia elle escolher? Qual podia ser o homem de bem, que o acompanhasse, que o seguisse? Eu não fallo em homem de Sciencia, e Consciencia, porque estas duas Senhoras não forão para os Açôres por medo de não ficarem por lá ao desamparo: fallo de homens, que tenhão algum conceito público, que gozem d'alguma opinião, ou que mereção alguma entidade entre os Portuguezes, que por cá estão, mesmo entre os Malhados. Honra? nem nas caras. Fama? nem nos seus feitos. Fortuna? nem mesmo nas horas mais bonançosas. Os escolhidos para administração dos Negocios de Dom Pedro na sua empreza sobre Portugal são o Zangaralheiro do ex-Marquez de Palmella para Ministro particular; o Lambaz Candido José Xavier para Ministro da Guerra; o Faceira ex-Barão de Renduffe para Presidente do Desembargo do Paço; o Tarina José da Silva Carvalho para Intendente da Policia; os mais Ministros, e Funccionarios Publicos estão *in pectore* do Zangaralheiro reservados para os que executarem a trahição forjada! Vejão bem os Portuguezes que escolha tão digna. O Zangaralheiro não sabe senão copiar Cartas; pois outra Sciencia não tem elle que a do Papagaio; repete o que lhe ensinão os Pedreiros, e em dizendo a sua *Cantiga*, ou torna a principiar a mesma, ou está callado *como toucinho em sacco*; para Negocios Estrangeiros tem elle seu geito: de Inglez sabe elle dizer — Beruel —: de Francez — Serviteur —: de Italiano — Piú fedele —: de Hespanhol — Baia —, e boa vaia, ou corrimaça lhe darão os Hespanhoes, se o presentirem perto. Ministro particular de Dom Pedro o Zangaralheiro? He caso para rir! Hum tôlo, que não sabe onde tem a sua mão direita! Hum criado de recados dos mais abjectos Pedreiros das Lojas! Hum mandalete de qualquer Marinheiro de Plymouth! Bom negocio fará Dom Pedro com elle; ora metta-lhe a Carta na mão, e mande-o a comer arenques na Inglaterra, e de lá dirá elle o que lhe mandarem dizer! E o Lambaz do Candido José Xavier! Grande Militar para fazer a guerra aos bifes de presunto, e ás garrafas de vinho! em tomando huma fartadella, assobiar-lhe ás botas; comerá elle hum boi pelo chocalho, porque de guerra em as ouvindo zunir, perguntai lá pelo homem da capa preta! Parece que a Expedição de Dom Pedro he mais para galhofa, que para serio; acaso quererá elle dar hum divertimento á Europa com esta Campanha! Hum

Ministro de Guerra como o Lambaz Candido he huma verdadeira rapaziada, para entreter curiosos! nem valôr, nem tactica, nem conhecimentos! Mas tem bom gráo na Maçonaria. E o Faceira Simão da Silva Ferraz? *Noli me tangere.* Pois Presidente do Desembargo do Paço o Simãozinho? Ora isto parece hum sonho! Se Dom Pedro o houvesse nomeado Embargador de burros, e de burras para o seu Exercito, tinha seu lugar, ainda que com raiva de asno se tornaria á albarda; mas para esse officio tem o Simão seu geito, porque nunca teve elle outros conhecimentos, nem outras habilidades. Sendo este ignorante o Presidente do Desembargo do Paço, qual Bacharel teria tão pouca vergonha que quizesse ser Desembargador? Mas eu presinto que Dom Pedro confere as maiores Dignidades pelo maior gráo na Maçonaria, ou pelos maiores Serviços feitos á Seita; e o Simãozinho os fez relevantes em todo o tempo, que decorrêo desde 1822 a 1826! E o Turina José da Silva Carvalho? Algum tempo Ministro de Estado, e agora Intendente Geral da Policia! Andou para traz como Caranguejo... Ora tem com elle os rapazes quanto quizerem; só os barbados serão perseguidos... E que tal está este Ministerio composto de Zangaralheiros, de Lambazes, de Faceiras, e de Turinas? Podêra Dom Pedro haver feito huma escolha mais a proposito, para que nem hum só Malhado de quantos andão livres em Portugal o siga, nem faça o menor esforço em favor d'elle? E haverá ainda algum Portuguez, que não conheça que Dom Pedro está completamente tresloucado? Hum Ministerio composto de pessoas, que perdêrão a opinião, e que já não podem mais adquiri-la, he este o destinado para formar Partido em Portugal? Em verdade que Deos está claramente em favor dos Realistas Portuguezes, porque elle entregou o espirito de Dom Pedro aos Conselhos de Satanaz para o acabar de perder, sem esperança de remedio. Pois qual será o Portuguez, que possa temer a Campanha dirigida por Constitucionaes ignorantissimos, e banidos de toda a opinião pública? Qual será o Portuguez, que voluntariamente não corra ás armas para dar cabo d'esses velhos tyrannos, que novamente Dom Pedro põe sobre as suas cabeças? E ainda duvidará algum Portuguez de que Dom Pedro seja hum Principe furioso, impio, e tresloucado? Não são esses Ministros Pedreiros Publicos, ladrões conhecidos, sanguinarios, déspotas, impios, e malvados? Não he o anti-Christianismo, o que Dom Pedro quer estabelecer entre os Portuguezes? Ah! Portuguezes que

sois Christãos! Vingai a Sancta Religião de Jesus Christo! Vingai o vosso Rei, e Senhor Dom Miguel! Vingai-vos a vós mesmos, e antes morrer do que soffrer a hum Principe, como Dom Pedro, que evidentemente só tem por suas delicias o vosso sangue, e as vossas desgraças; só escolhe para seus Ministros os mais refinados Pedreiros; só tem por bom Governo, o que estabelece a impiedade, e o despotismo.

Portuguezes! A elles, que são inimigos de Deos! Eu vou tambem, porque todo o Sacerdote está obrigado em consciencia a defender a sua Religião, o seu Rei, e a sua Patria.

Reboidosa 10 de Março de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1832.

Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.° 32.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

A grande Questão Portugueza sobre a Successão ao Throno.

Em andas, e em bolandas cheguei aos mais virulentos periodos do Manifesto de D. Pedro, nos que elle desenvolve huma espantosa confusão de idéas, que sería capaz de surprender a qualquer espirito menos acautelado, se não recorresse aos factos passados, e sobre elles não descozesse esse fiado de apparatosas imposturas. Assim he como os chamados Sabios destes dias, embalados com huma Logica prenhe de sofisterias, procurão illudir os Povos com enredos tirados d'huma fantasia embrulhada de idéas mal digeridas, e expressadas em palavras pomposas, mas sem algum verdadeiro sentido. E que outra cousa se podia esperar do methodo de Estudos, que se adoptou em varios Paizes da Europa depois da infausta expulsão dos Jesuitas? Estudos complicados, Livros confusos chamárão os innovadores das Sciencias áquelles, que se seguião nas Aulas dirigidas pelos Jesuitas, e em seu lugar estabelecêrão outro methodo, que chamárão simples, e formárão outros Livros, que chamárão Compendios; e tão simplificados, e compendiados ficárão huns, e outros, que bem se podem chamar Estudos, Livros, e Sciencias em esqueleto, sem nervo, sem ligame, sem connexão, sem substancia, sem succo. Como póde hum homem qualquer na sua puberdade instruir-se sufficientemente em Logica, Metaphysica, e Ethica em hum Curso lectivo, que, quando

mais, dura sete mezes, mas que não emprega dous sólidos no estudo? Quaes serão os discursos, que esse mancebo póde ao depois formar, ou no Direito Civil, ou no Canonico, ou em Medicina, ou em outra qualquer Sciencia? Que razões póde produzir, e que consequencias póde tirar? Como apparecerá ahi a solidez, a força, o pêso, e a gravidade? E sem isto que he o brilhantismo? Eu não pensei jámais que na mesma Sciencia houvesse muitas especies, assim como do homem he huma só, não obstante o que muitos dizem da existencia dos Faunos, e dos Sátyros, nascidos na imaginação dos Fabulistas, e acreditados hoje pelos Materialistas, sem embargo da sua incredulidade nas materias de Divindade, Immortalidade, e Espiritualidade! Mas de facto ha monstros, e monstruosidades nas Sciencias, depois que as Sciencias fôrão postas em esqueleto! Que monstruosidades se não vêm na maior parte das Allegações Juridicas destes tempos? Que monstruosidades na maior parte das Sentenças? Que monstruosidades na maior parte dos Discursos sobre qualquer materia? Mingoa da Filosofia deste Seculo! Não ha ordem, não ha connexão, não ha enlace, não ha força: he consequencia, o que devêra ser premissa; he premissa, o que devêra ser consequencia: diz-se, o que não deve dizer-se; deixa de se dizer, o que deve dizer-se: apparece o superfluo, omitte-se o util, e o necessario; só ahi domina a ignorancia; e, se alguma cousa mais, a cavillação, e huma nimia locução: brilha mais neste methodo, quem falla mais, fazendo-se consistir o apuro das Sciencias em ajuntar muitos vocabulos, venhão, ou não venhão, como costuma dizer-se, a talho de fouce; e para maior ornato tres dias de estudo de cada huma das Linguas mais vulgares da Europa! Basta isto para ser hum *Petrus in cunctis*, sem saber cousa alguma! Eu não sei se provoca a indignação, ou a riso ouvir a hum Militar discorrer em Leis, e elle nem as da Guerra sabe; a hum Medico fallar em Direito, e elle não conhece outro, que o de matar com titulo á semelhança do Algoz; a hum Letrado bacharelar em materias Ecclesiasticas, e elle ignora que cousa seja Igreja; a hum Ecclesiastico fallar em Medicina, e elle mal entende o seu Breviario! Eu não faço esta diatribe aos verdadeiros estudiosos, que depois de se terem imbuido bem em Filosofia, fazem huma boa escolha de Livros Classicos, e nelles, consultando os Sabios, ouvindo com docilidade, e meditando sem altivez, profundão, e aperfeiçôão,

quanto lhes he possivel, os seus conhecimentos: invectivo porém, e com justiça, a esses, que presumem de eruditos em todas as Sciencias, só com cinco, ou seis annos de Universidade, e com a leitura d'huns poucos de Resumos Francezes, que todos cabem no indispensavel d'huma mulher, que leva nelle dous lencinhos de creança, hum par de çapatos de setim, hum leque, e huns oculos: não posso estender mais a comparação, nem meus pensamentos sobre a materia, porque insta a Ordem do Dia. Mas de passo: Não tem os Portuguezes, para serem verdadeiramente Sabios, Livros em Portuguez, e em Latim, por onde estudem, sem recorrer a Livros Francezes do dia, que pela maior parte estão empestados? Porém que? Muitos Portuguezes ha, que não entendem a sua Lingua, e a Latina presumem sabe-la, por haverem estudado nas Aulas a traducção de Tito Livio, de Virgilio, e Horacio, e estes Latinos, ou Ladinos não sabem ao depois verter hum Compendio escripto em Latim escolastico. Professor conheço eu, que apresentando-se-lhe hum Breviario, cinca, que nem cavallo torto em estrada direita: a estes *Petrus in cunctis* aconselharia eu meditassem bem aquella sentença de Tacito: = *Multa nescire magna est pars sapientiæ.* = E ouço fallar em refórma de Clero, em refórma de Corporações, e em refórma de Povos! Ah! Que o Systema de reformar tem-se convertido neste Seculo em Systema de transformar! Eu não sou homem de conselho; mas a respeito do Clero, sobre o conselho do Veneravel Palafox, Bispo Hespanhol: = *Os Ecclesiasticos rezem bem, e digão bem a Missa, e estão reformados,* = quasi me atrevo a accrescentar: = *seja o Clero verdadeiramente instruido, e está reformado.* = As Nações, ou os Povos, pondo-lhes huma mordaça na bôca para não fallar cada hum, senão nos afazeres da sua classe, e huma algêma nas mãos para ninguem escrever, sem que o Governo o authorise, pódem julgar-se no caminho da sua refórma. As Corporações, de qualquer natureza, que ellas sejão, em tomando o gôsto pelos Estudos proprios da sua Instituição, estão reformadas. Mas quem he capaz de dar ao Clero a verdadeira instrucção? Quem póde conter os Povos na sua mania de fallar, do que lhes não pertence, e o vulgo dos Escriptores de escrever, do que não sabem? Quem introduzirá nas Corporações o gôsto pelo estudo? He necessaria outra educação que, a que se tem dado desde o meio do Seculo passado; porque, se continuar a

mesma educação, os Thronos, e os Povos baquearão, sem embargo da Força Militar, que os sustem. He necessaria huma Força Moral: Esta Força Moral pende do restabelecimento dos Jesuitas em todos os Paizes Catholicos. Abrasado destes desejos fez á sua restituição em Portugal o Abbade C. R. de B. nas margens do Ave o seguinte

SONETO.

De Choiseul, dos Arandas, e Carvalhos
Treme, vacilla, a obra d'impiedade!
Eis volta a mal extincta Sociedade,
Para baldar Maçonicos trabalhos.
D'Athêos, e Demagogos surdo a ralhos,
MIGUEL o Grande exalta a Magestade,
Reintegrando Mestres da Verdade,
Expellindo sofistas, e bandalhos.
Qu'em odio a JESUS CHRISTO, Rei, e Throno
Fôrão os Jesuitas destruidos,
Triste experiencia clama em seu abono!
Monarchas pelos impios illudidos!
He já tempo: acordai do lethal somno....
Ou imitai MIGUEL, ou estais perdidos.

Ora vindo ao meu proposito, e tomando as palavras do Sabio Vate Vimaranense, he sem dúvida sofista, e bandalho, o que notou o Manifesto de D. Pedro; e sofistas, e bandalhos são todos esses, que o acompanhão, e todos esses *Petrus in cunctis*, que nas suas cavillações buscão argumentos para suster a sua Legitimidade. Eu bem sei que ha outros Manifestos em nome de D. Pedro; mas todos elles são hum extracto mais, ou menos alambicado do primeiro, que elle assignou, e que tenho á vista: refutado este, que he a obra archetipa da sofisteria, e da bandalhice, os seus extractos vão pelos ares. Quando eu chamo sofista, e bandalho ao redactor do dicto Manifesto, não nego estes bem merecidos nomes a qualquer que elle seja, ou Portuguez, ou Inglez, ou Francez, ainda que elle tenha subido á Tribuna; porque he sofista em todos os seus argumentos, e bandalho em todas as suas idéas: sofista, porque todas as suas razões são capciosas; bandalho, porque prostitue as suas idéas, fazendo-se, ora Constitucional, ora Realista, pa-

ra arrastar a todos os Partidos. Eu li muitas vezes, e sem prevenção, huma Folha, que se publicou em Portugal na primeira Epoca Constitucional, com o titulo de = Independente =: Era producção do Triumvirato, Fernandes Thomaz, Ferreira Borges, e Moura, os mais abalisados em conhecimentos de quantos Deputados houverão em 1822, segundo os mesmos Liberaes os preconisavão: Mas quem tal podia pensar! A dicta Folha, que eu imaginava fosse de grande literatura, era huma producção verdadeiramente de tripeça: argumentos de Çapateiro, idéas de Çapateiro, razões de Çapateiro, consequencias de Çapateiro, ordem, ligação, ornato, até a mesma linguagem era de Çapateiro. Foi a vergonha dos Liberaes! Eu não tracto com outro respeito a todos esses, que chamão sabios, sendo Constitucionaes; mas d'ora em diante os chamarei com os bellos nomes de sofistas, e bandalhos; este segundo nascido para elles a pedir de bôca: elles derão, e dão as provas; eu as referirei opportunamente. Mas seja tambem o segundo nome accommodado a todos, os que acompanhão a D. Pedro. Pois tambem são bandalhos os ex-Fidalgos, que lhe fazem a Côrte? Tambem, e bandalhissimos. Basta nomear hum por todos. Que maior bandalho que. . .? Inimigo atroz da Augusta Casa de Bragança, Vilipendiador de toda a Real Familia, Perturbador de toda a Fidalguia, Monstro de grossaria, de incivilidade, e de audacia. Pois tambem D. Pedro acompanha com esse bandalho? Ora bem diz o rifão: = Com quem te virem, não estranhes te compararem!!!

Mas quererão acaso meus Leitores, que sem mais preambulos entre no texto, que se segue, do citado Manifesto? Ora ahi vai, e seguido, sem commentos: abrão bem os olhos. He o periodo 16.°, e por enlace de pensamentos se lhe junta o 17.° = *Estas, e todas as outras accusações são pois feitas, e sem fundamento inventadas sómente pelos malevolos, e rebeldes, que querem desthronisar Reis, e alterar as Leis da Successão, que os Principes de todos os Estados, sendo Monarchicos, e Hereditarios, são ligados a embaraçar; pois a Causa commum de todos os Principes está ligada a esta; pois que nenhum estará seguro se logo que algum Povo faccioso, animado por hum ambicioso, que quer reinar, imaginar ter razões de queixa do seu Soberano, os Principes visinhos seja permittido em consciencia, ou em honra favorecer os designios deste ambicioso, e ajuda-lo a tomar seus Do-*

minios, como he visivel que taes actos authorisarião o espirito de rebellião em todos os Estados, e servirião como huma desculpa para os descontentes, que por estes meios presumirião tomar contas aos seus Soberanos, e dispôr das Corôas a seu prazer, o que seria acompanhado do transtorno de todos os Governos, e produziria huma anarchia universal. Porém se depois, para córar huma tal tentativa, qualquer Povo faccioso quizesse usar como causa a ausencia do seu Legitimo Soberano, e sua residencia fóra, ou mesmo o ter aceitado outra Corôa, e julgassem isto como justos motivos de exclusão, e construissem isto em huma abdicação, ou renunciação formal de Direito, se a cabala estava justificada em hum tal proceder, serviria sem dúvida como o mais poderoso exemplo: Eis comtudo o caso de Portugal.

Estes dous periodos, e os que se lhes seguem, até ultimar o Manifesto, encerrão os mais contradictorios principios, o mais mortifero veneno, e a mais refinada hypocrisia. D. Pedro relata as accusações, que lhe fazem os Brasileiros, e volta as suas armas, a sua sanha, e furor sobre os Portuguezes? Qual foi o Portuguez, que lhe formou a menor accusação antes d'elle intentar roubar o Throno a seu Irmão o Senhor D. Miguel? E ainda até o anno de 1831, em quanto elle não voltou á Europa, que Portuguez lhe faltou ao respeito, e áquella consideração, que parecia propria para o Irmão d'hum Rei, e Filho de Reis? Eu mesmo, que sou notado pelo mais forte declamador contra D. Pedro, não lhe prodigalisei mal merecidos louvores no Elogio funebre de sua Augusta Mãi a Serenissima Imperatriz, e Rainha, (de Gloriosa, e Saudosa Memoria) chamada ao Ceo para não passar pelo desgosto de vêr hum Filho desgraçado, e desvairado? Não era a ignorancia da conducta Politica, e Religiosa de D. Pedro, a que teve os Portuguezes em silencio? Não foi a falta de conhecimento das suas dolosas tenções sobre o Throno de Portugal, que os metteo em respeito? Não foi o esquecimento de tantos, e tão horrendos males, e pesares como elle causou á Nação, o que os fez immudecer? Foi huma justa consideração de amor, de obediencia, de respeito ao seu Legitimo Rei e Senhor D. Miguel, que os pôz em guarda por decoro, por honra, por virtude, e mesmo por não magoar o Regio Coração do Soberano, que extremecem. Porém agora que D. Pedro se deixou de todo cahir a mascara; agora pede o amor ao seu Rei, exige-o o inte-

resse da mesma Nação, e a honra de Portugal, que á face de toda a Europa se lhe ponha a calva á mostra; que se publiquem todas as razões de queixa, que ha contra elle; que se demostre a sua illegitimidade; que se descubra toda a maldade das suas pertenções; e assim mesmo ainda huma consideração pelo seu nascimento corre hum véo sobre os vergonhosos defeitos da sua vida particular: era em fim necessario que todos os Portuguezes o aborrecessem, e perseguissem com tanta força, e calôr, como elle os aborrece, e persegue. Portugal não podia defender-se de D. Pedro, sem que os Portuguezes se persuadissem bem que elle não tem Direitos alguns a esta Corôa; que elle he hum Aggressor, hum Inimigo, hum Despota: para fundar, e generalisar esta persuasão bastou refutar calumnias com verdades, crimes com virtudes: seu mesmo Manifesto dêo as mais fortes armas: as accusações, que lhe fazem os Brasileiros, serão com fundamento, e não serão inventadas: o mesmo D. Pedro não desmente a maior parte dellas, e das outras se defende ridiculamente, verificando-se nelle o que diz a Sancta Escriptura = *Mentita est iniquitas sibi.* Mas as queixas, que delle tem os Portuguezes, são visiveis a toda a Europa. D. Pedro não tem cessado de hostilisar os Portuguezes desde o anno de 1822: este he facto, que não póde ser contestado. E quer reinar sobre os Portuguezes? D. Pedro vem de novo em pessoa metter em Portugal os seus mais encarniçados inimigos, os roubadores dos seus bens, e das suas propriedades; este he outro facto, que alguem não póde disputar. Pois que outra cousa são todos esses, que o acompanhão, senão ladrões, foragidos, e assassinos? E quer D. Pedro subir por esta fórma ao Throno? Não, não são malevolos, e rebeldes os Portuguezes Realistas, que se defendem d'hum Principe inimigo. Não querem desthronisar Reis, os que tantos sacrificios tem feito por assenta-los no Throno. Não querem alterar as Leis da Successão, os que em defeza da Successão da Serenissima Casa de Bragança tem juncado a terra de cadaveres. Não he Povo faccioso, o que tem esgotado seu sangue no desbarato das Facções. Não foi elle animado por hum ambicioso, quando com as armas combatêrão a ambição. Os bons Portuguezes nunca imaginárão ter razões de queixa dos seus Soberanos; mas nas suas Leis se persuadem elles haver razões de Lei para os Filhos dos seus Soberanos. Não presumem elles tomar contas aos seus Soberanos; mas

na falta destes as tomarão sobre as Leis, aos que podião succeder-lhes: menos dispõe elles a seu prazer da Corôa, tendo seguido sómente a Lei, para a entregarem a quem competia. Não tomárão elles como causa a ausencia do Legitimo Soberano, ou a sua residencia fóra; porque tanto que Elle chegou, O jurárão, acclamárão, e reconhecêrão. O exemplo pois de Portugal he o mais proveitoso a todos os Povos do mundo; elle não produz a anarchia universal, antes promove a ordem, a paz, e a estabilidade de todos os Governos na pratica inalteravel das suas Leis. Eis o caso de Portugal. Tenho refutado de plano os dous transcriptos periodos do Manifesto; mas como elle encerra doutrinas apparatosas, e capciosas sofisterias, além de sordidas, e venenosas bandalhices, he justo desentranha-lo por hum serio exame, em que a grande Questão receba mais algum grão de luz. Em principio de tudo tenho a fazer tres observações mui notaveis.

Primeira observação. Empenha D. Pedro em seu favor os Principes de todos os Estados, sendo Monarchicos, e Hereditarios, pois a Causa commum de todos os Principes está ligada a esta. Eis-aqui a sofisteria, a contradicção, e o veneno. O Estado Portuguez he sem dúvida Monarchico, e Hereditario, mas não he Hereditario do Imperador do Brasil, e sim do Rei de Portugal; e por isso o Senhor D. Miguel o governa, como Herdeiro do Senhor D. João VI, não na qualidade de Imperador do Brasil, que não foi, mas na de Rei de Portugal, que sempre foi; e D. Pedro foi Imperador do Brasil, não como herdeiro do Senhor D. João VI, mas como adoptado por aquelle Estado. Eis-aqui hum argumento, que não soffre resposta. Logo a Causa commum de todos os Principes Hereditarios está ligada á Causa do Senhor D. Miguel. Mas se D. Pedro empenha os Principes de todos os Estados Hereditarios, mal póde elle obter o favôr do actual Rei dos Francezes, porque este não occupa o Throno por herança, mas por eleição d'huma parte do seu Povo; e pouco poderá elle conseguir da Inglaterra, porque tambem esse Estado não ha muito que he Hereditario, pois em 1649 seu Rei Carlos I foi degolado em Londres, como se fôra traidor, e inimigo da Patria, por Sentença do Parlamento, que tambem desterrou a toda a Familia Real; e pouco depois de 1685 tambem foi expatriado o Rei Jacobo II, que foi morrer em París no anno de 1771! A Austria, não

sei se D. Pedro a reputa Estado Hereditario, pois que elle he tambem electivo, devendo porém recahir a eleição em Individuo da Familia Reinante. Nem eu sei como D. Pedro póde considerar como Hereditario o Estado Portuguez, tendo elle feito eleição para o Throno em sua Filha, com preferencia ao Filho, sendo que na Successão Portugueza o sexo masculino prefere ao masculino. Porém eis o summo da sofisteria, das contradicções, e do dolo!

Segunda observação. Diz D. Pedro que o Povo Portuguez foi animado por hum ambicioso, que quer reinar! Este he o *supra summum* da maldade! Pois se o Senhor D. Miguel ambicionasse reinar, teria elle consentido em ser deportado para Vienna d'Austria? Não se declararia Elle Rei immediatamente que regressou, pois a Lei estava clara, e a vontade da maioria Portugueza estava conhecida? Ou não accederia Elle, ao menos sem hesitar, aos votos, e rogos do Senado de Lisboa, e de todas as Camaras do Reino, para que empunhasse immediatamente o Sceptro, que Lhe pertencia? Para que esperaria Elle pela reunião, e decisão dos Tres Estados? Ah! Sua Magestade não quer reinar por amor de Si: Reina por amor dos seus Povos: mil vezes he interrogada a vontade do Exercito, e da Nação, e esta vontade sempre livre, e espontanea, sempre firme, e constante faz, que Elle se conforme a ella, continuando com o Governo cóm o Titulo de Rei, e desempenhando-o mais como Pai, como Irmão, e como Amigo das suas Tropas, e dos seus Povos, que como Soberano. Nunca a Europa teve hum Principe mais moderado! A Lei O exalta ao Throno, os Povos clamão que seja Rei; as Tropas derramão seu sangue para que Elle Reine, e Elle só depois de repetidas instancias acceita a Corôa! E he chamado ambicioso? Não sei qual das cousas deva causar maior espanto, se a moderação do Senhor D. Miguel, se a impudencia, o desenfreio, o arrojo de D. Pedro!

Terceira observação. Mostra D. Pedro que os Principes visinhos não devem ajudar ao Senhor D. Miguel na occupação dos Dominios de Portugal, porque a permissão dada a esses Principes para favorecer taes designios authorisaria o espirito de rebellião em todos os Estados, transtornaria todos os Governos, e produziria huma anarchia universal. Ora isto he com a Hespanha, nossa visinha, que no asylo, que em 1826, e 1827 dêo ás Tropas Realistas Emigradas, e no

Reconhecimento, que em 1829 fez do Senhor D. MIGUEL em Rei de Portugal, como o fôrão seus Augustos Pais, e Avós, cahio no odio de toda a Diplomacia Liberal. Temos pois a guerra á Hespanha, e he D. Pedro o Chefe da vanguarda desse Gabinete, que se morde os beiços de raiva de vêr medrar a Hespanha em Commercio, em riquezas, na estabilidade do seu Governo, e nas bem fundadas esperanças de reconquistar as suas Possessões na America. Ah! Que os Protestantes, e os Pedreiros não descanção no seu odio, e perseguição ás Nações Catholicas! Levanto meus olhos ao Ceo em demanda de soccôrro para os Christãos, e o Ceo parece querer castigar seus inimigos. O quinto Anjo descêo do Ceo, leio isto no Apocalypse Cap. 16, e despejou sobre o lugar, em que estava a bêsta, huma garrafa de chólera morbo, e fez que os Povos dominados pela bêsta esmigalhassem as suas linguas com dôr; mas como provavelmente não farão penitencia, porque os Pedreiros são obstinados, parece-me vir o sexto Anjo, e entornar a sua garrafa abrasadora, que seccará as muitas aguas, que defendem a habitação da bêsta, para se abrir caminho aos Reis Christãos, fartos já de opprobrios, e de desastres causados pelas diversas Seitas, que desde o Seculo XVI tem apparecido no Mundo. Porém melhor que eu explica esta justa esperança da salvação das Nações Catholicas o citado Abbade C. R. de B. no seguinte

SONETO.

Já d'Albion o vulgo espavorido
A chólera do Ceo palpa em seus lares!
Em vão ao Templo corre, ermo de Altares,
D'onde o Deos do Calvario foi banido!
O Sacrificio, o Culto corrompido
Pela bêsta infernal, vinda dos mares,
Vão ser vingados: cégos Insulares!
Eis fulgura o flagello merecido...
O praguejado Throno já baquêa,
O Throno, de que falla o Sacro Texto,
Involto d'êrro atroz em tréva fêa.
Neste assombroso anno, anno bissexto,
Impios! mordei a lingua... a idade he chêa;
O quinto Anjo dá lugar ao sexto.

Feitas rápidamente estas tres observações, com a mesma rapidez examinarei todo o fundamento dos dous citados períodos do Manifesto de D. Pedro. Elle se ampara, como sempre, das Leis de Successão, tendo-se mostrado até á evidencia, que ellas o excluem do Throno de Portugal; mas este exame lhes dará mais luz, e acclarará mais a sofisteria, e a bandalhice do Auctor do Manifesto.

Diz D. Pedro, e diz huma verdade, mas com dólo, que os Povos não podem alterar as Leis da Successão, ao que deve accrescentar-se que nem os mesmos Soberanos podem fazer essa alteração, porque ella produziria o transtorno da Monarchia, e a ruina dos Povos; e D. Pedro comettêo esse crime, quebrantando o Pacto reciproco, que existe entre os Soberanos de Portugal, e os seus Vassallos, alteração praticada não sómente na eleição, que fez da Filha, com preferencia do Filho, para occupar o Throno Portuguez, como quer que seja que o espirito das Leis Fundamentaes da Monarchia Portugueza he collocar no Throno o Varão com absoluta exclusão de Mulher, em quanto houver aquelle, sobre o que D. Pedro devêra lêr as Côrtes de Lamego, ou os Capitulos de 1641, e examinar a prática inalteravel da Nação, mas tambem executada essa alteração na separação, e desmembração do Brasil, o qual por esse facto fica roubado aos Primogenitos dos Senhores Reis de Portugal com lesão enormissima, não só da Real-Dynastia Portugueza, como tambem da Nação. Por essa alteração pois ficou D. Pedro excluido do beneficio da Successão ao Throno de Portugal, e o Juiz desta grande Questão não póde ser outro que o Povo Portuguez, na falta de declaração authentica do Soberano, sem que neste Juizo faça alguma offensa a D. Pedro, pois que elle não he Soberano já reconhecido pelos seus Vassallos, mas simplesmente hum aspirante, ou competidor á Corôa, e esta competencia só a Nação póde decidi-la em Decreto, porque no caso de Questão sobre Direitos ao Throno este se julga como vago, sem que nenhum dos Competidores possa intrometter-se a Juiz, porque não soffre a Lei, nem o decóro ser Juiz em Causa propria. Quiz ser Juiz em huma Questão semelhante D. Filippe II de Hespanha, e I de Portugal, allegando em seu favôr que por morte do ultimo Rei não havia Juiz algum, que fosse competente áquelle Causa, porque sendo a materia puramente temporal, e elle Rei Soberano, não havia pessoa, a quem podesse tocar a jurisdic-

ção de decidi-la. Sobre este mesmo argumento, que he vicioso, *petitio principii*, e sobre estas provas sofisticas, *probatio ejusdem per idem*, affecta D. Pedro querer decidir a Questão, chamando-se Soberano, quando elle sómente he Parte com Povos, que não são seus Vassallos, pelo facto d'elle ser Soberano de outra Nação, em quanto elles não derem a Sentença; e por isso eu encarei desde o principio esta Questão como encarou o Reino de Portugal a pertenção de D. Filippe, respondendo-lhe, que em quanto não era declarado por Sentença Rei, ou Successor em Portugal, a mesma Jurisdicção, e Poder, que tinha o Rei defuncto, ficava ao Reino, o qual representavão os Tres Estados, e nunca o Governo, nem a Regencia, como já disse, porque nunca os Povos de tal maneira transferírão o Poder aos Reis, que neste caso, e em outros semelhantes o não possão tornar a exercitar, usando do Poder, quando necessario fôr para sua conservação. Esta mesma prática se teve em Aragão por morte do seu Rei D. Martinho, em a Navarra por morte de Carlos Rei de França, e em outros muitos Estados, ficando tranquillos os Principes competidores, esperando a Sentença dos Tres Estados, e conformando-se a ella. Mas D. Pedro, aconselhado por sofistas, e bandalhos, não quer outra Sentença que a da sua ambição. A Lei decidio contra elle, a força tambem contra os seus partidarios; a mesma força, em apoio da Lei, decidirá contra elle em pessoa. Mas eu devo ampliar o exame dos citados períodos, o que farei no immediato Numero.

Rebordosa a 18 de Março de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1832.

Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 33.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

A grande Questão Portugueza sobre a Successão ao Throno.

O DIA, em que lanço estas linhas da Defeza, he o 25 de Março, dia dos mais gloriosos para o Orbe Catholico, porque n'elle succedêo a operação primigenia da Redempção humana, annunciando o Archanjo São Gabriel á Sanctissima Virgem Maria a Incarnação do Filho de Deos nas suas purissimas entranhas, dando o Sim a gloriosissima Virgem, e por este Sim obrando n'ella o Divino Espirito Sancto a Conceição do Verbo Divino, o Filho Eterno do Eterno Pai, e Deos com elle, a segunda Pessoa da Sanctissima Trindade, o qual sem deixar de ser Deos se fez homem por amor do homem, e se chama Jesus Christo, que vem a ser o mesmo que Ungido de Deos, e Salvador do Mundo. Este dia fausto para todo o Fiel Christão, e de especial regosijo para os Portuguezes, que, por Devotos da Virgem Maria, podem ser chamados por antonomasia os Christãos Marianos, esperavão-no; e querião-no infausto, e tenebroso no presente anno de 1832 os Pedreiros arraposados em Portugal, e especialmente os que vivem no Porto, e nas suas immediações, dizendo que n'elle entrarião em Lisboa esses Piratas, que andão no mar como Monstros Marinhos; e quando a incursão não acontecesse em este dia, inevitavelmente teria lugar no dia 2 do proximo Abril. Ora estes malvados Profetas de Baal, a quem só o diabo, ou Bacco inspira, e em quem só preside o espirito do erro, da impostura, da rebellião e da perfidia, não tem cessado de prognosticar calamidades, e ruinas sobre a Patria, que por sua desgraça lhes dêo a vida, e

ainda, não soube dar-lhes a morte. Quem pôz á disposição das bestas os tempos, e os mares? Ignorão estes horrendos selvagens, que temporaes desfeitos, e ventos furiosos assoprados pelo Ceo, que protege a Nação Portugueza, escangalhárão huma boa parte da Esquadra invasora, desgarrando as Embarcações para diversos pontos, inutilizando algumas, submergindo outras, e espalhando commumente a doença, a dôr, a fome, e a desesperação? Não sabem os impios que as humildes, e fervorosas deprecações dos innocentes Povos, do devoto sexo feminino, das virtuosas Ordens dos Regulares dos dous sexos, e do Clero verdadeiramente Catholico subírão ao Ceo, e renovárão reciprocamente o pacto antigo, de os Portuguezes não reconhecerem outra Religião que a Catholica Apostolica Romana, e de o Ceo continuar as suas misericordias sobre a Nação Portugueza, não a dando jámais em opprobrio, e em desolação aos seus inimigos? Todavia he certo que os malvados havião agourado o dia 25 de Março, ou o dia 2 de Abril para a entrada d'essa Esquadra devastadora. Eu tenho espias, que fielmente me apresentem os partos, os negros partos d'essa ainda não bem esconjurada Sociedade de Pedreiros, e de inimigos da Realeza. De todos os angulos do Reino tenho exactas noticias das manobras do inimigo, as quaes se me communicão, ou pelo Correio, que nem sempre he fiel, ou por mão propria. A conducta de varios individuos do Clero, assim Regular, como Secular, a de varios Magistrados de todas as Classes, a de alguns Militares de todas as tres Linhas, e especialmente das Ordenanças, he-me bem conhecida, e me confirma na dolorosa persuasão, de que o Governo não póde ainda emendar tudo, ou que não sabe tudo o que se passa, ou que se lhe não dão de tudo exactas informações, e conseguintemente que o Governo está na precisão de soffrer muito, de dissimular muito, e de se ir sahindo dos apuros pela melhor forma, que lhe he possivel. Eu não ignoro, o que passa no Sacerdocio da Cidade de Aveiro, e he pouco mais, ou menos ao redor de mim! Parece que o Rebanho está sem Pastores, que affugentem os lobos, que se lhe avisinhão! *Canes muti, non valentes latrare*, os denomina a Lingua Sancta. O Pregador, o Parocho, o Sacerdote precisão de que seu Superior os mande que instruão os Povos nos seus deveres para com Deos, e para com o seu Ungido, ElRei o Senhor Dom Miguel Primeiro, e que lhes ensinem o modo, com que se devem haver com os inimigos de Deos, e d'ElRei? Não estão obrigados todos elles *ex vi sui Ministerii* a levantar a sua voz, e a dizer aos Po-

vos: Christãos! Nosso Legitimo Rei he o Senhor Dom Miguel Primeiro, a quem Deos conduzio miraculosamente desde Vienna de Austria a estes Reinos, salvando-O das tempestades do mar, e das ciladas dos seus inimigos, para nos governar em verdade, e em justiça; Dom Pedro he hum Principe, nosso inimigo jurado, que tem em vistas fazer a nossa desgraça, e metter-nos debaixo do poder de impios inimigos da Sancta Religião: o dever de nós todos he repellirmos mesmo á custa das nossas fazendas, e vidas, os inimigos do Nosso Deos, e do Nosso Rei Dom Miguel. E he necessario que esta pregação seja mandada? Ah! E que dirião os inimigos, se o fosse? Que o Clero Portuguez está em coacção; que elle falla em favor do Dom Miguel, porque he mandado! Eu bem sei que o silencio de huma parte do Clero Portuguez não provem de desamor á Augusta Pessoa, e da Legitimidade do Throno do Senhor Dom Miguel, ainda que ha alguns Ecclesiasticos Regulares, e Seculares, que estão doentes do terrivel mal do Jansenismo, da Heterodoxia, e do Maçonismo: o silencio commummente provém d'aquella contagiosa molestia, da qual o Apostolo São Paulo diz ser a causadora radical de todos os males — *radix omnium malorum est cupiditas* — o egoismo, o interesse, a subsistencia. Parocho houve que me disse — Eu dou alguma cousa para os Capotes dos Voluntarios Realistas; mas não quero que meu nome vá á Gazeta: sou Catholico; mas não sei, se Dom Pedro virá, e eu quero conservar a minha Igreja. — Oh! Que Sancto Parocho! Quer viver captivo entre os Pedreiros, como vivem os Christãos na Mourama, antes que dar hum signal da sua profissão! Outro Parocho, e foi despachado pelo actual Governo, me disse — Eu não quero comprometter-me: o Pedro não póde tirar-me o Beneficio, em que estou collado canonicamente, porque elle o não póde fazer sem Bullas de Roma! — Que Ecclesiastico tão discreto! Pois importão-se-lá os Pedreiros com Bullas? Ou não desprezão elles mui formalmente o Summo Pontifice? Muitos outros fallão pelo mesmo theor, e outros peor! Todo o Parocho, todo o Pregador, todo o Sacerdote está obrigado a annunciar a verdade, ainda mesmo com perigo de vida, sob pena das eternas maldições. Mas os que fallão são tidos por esturrados; os que se callão são havidos por moderados. E pergunto eu a esses Pregadores da moderação, sejão elles quaes forem, ou collocados no Sublime Sacerdocio, ou constituidos em alta Jerarchia: Que quer dizer — Moderação? — He moderação callar-se, quando he necessario fallar? He moderação não descobrir a ElRei os seus ami-

gos simulados, não O descercar dos inimigos, que O atraiçoão? He moderação não avisar o Governo sobre as desordens, que passão em todo o Reino, sobre a falta de cumprimento da Justiça, sobre o máo lançamento da Decima, sobre os roubos, que se comettem na cobrança dos Direitos Reaes, sobre o monopolio, que possa haver nos Reaes Contractos, sobre a importação dos Contrabandos, sobre a exportação do Numerario, sobre o apadrinhamento dos malvados, sobre a franquia, e protecção escandalosa, que em algumas terras do Reino se concede aos Malhados, sobre os excessos, que em alguns pontos comettem os Commissarios, recebendo dos Povos, v. g. oito, e passando-lhes recibo sómente de quatro, e sobre outros mil, e mil artigos, que tendem visivelmente a descontentar o Povo Portuguez em huma Causa, para a qual se tem prestado tão voluntariamente? E esta moderação não he huma transacção, ou connivencia visivel com os inimigos de Deos, e d'ElRei? Ou antes, esta moderação não he a mais desaforada bandalhice? Quanto não teria eu a dizer, se em vez do Titulo, que dei a este Papel, lhe desse o de — Procurador d'ElRei, e dos Povos? — Acaso escapa ao meu conhecimento, o que se pratíca nos confins da Provincia de Tras-os-Montes, como no mesmo interior da Côrte, em todas as Repartições, ou sejão do Erario, ou das Obras Reaes da Ajuda, ou no Arsenal Real, ou na Marinha, ou no Commissariado, ou.... Eu bem sei que a maior, e melhor parte está sã, e animada de bons desejos; mas em toda a parte ha ainda mais, ou menos que ajoeirar. Convém, e ainda he necessario que o Realista obedeça, e que muitas vezes se calle; mas não dizer a ElRei, e ao Governo a verdade, occultar-lhe as maldades, que se comettem, não manifestar-lhe com toda a humildade, e submissão, quaes são seus inimigos, quaes são os hypocritas da Realeza, quaes são os que introduzem o descontentamento no Povo, isto he hum crime, he huma complicidade com os traidores. Eu não sou para estas graças, ou aliàs para estas bandalhices. Se estivesse na Côrte, e tivesse a ventura, para mim a mais preciosa, de fallar ao meu amabilissimo Rei, Lhe diria com as lagrimas nos olhos cheios de prazer, e de reverencia — Meu Rei! Guarde-se Vossa Magestade de tal, e tal pessoa, que estão mancomunadas com os inimigos! Em tal, e tal Repartição, em tal, e tal terra do Reino ha esta, e aquella desordem! Na minha mão estão as provas, e a minha cabeça responde pela verdade destes factos! Peço a Vossa Magestade pelo amor Divino, pelo amor de Vossa Magestade, e pelo amor dos Vassallos de

Vossa Magestade a Real Graça de provêr como fôr do agrado de Vossa Magestade — E não faria eu o meu devêr em dar a ElRei estas noticias, sem as assoalhar pelas ruas? Qual he o maior distinctivo do amor á Realéza? Fallar, e obrar o que he em serviço da Religião, e de ElRei. Dir-me-hão que este amor traz desgostos; mas eu não conheço amor sem sacrificios. Accrescentão que o Governo sabe de tudo; direi que elle não tem sciencia infusa, e que a que adquire póde não ser adequada ás grandes difficuldades, em que está mettido por hum numero de amigos simulados: mas seja assim, que saiba tudo; eu viria n'esse caso a ser mais huma prova de que subalternos não o illudem. Todavia eu tenho razões de pensar, de que muitas cousas se passão nas trevas, que não chegão a vêr a luz, ou se a vêm he em luzes fuscas. De mil provas vá huma, e a esta seguirão outras com maior opportunidade.

A Companhia Geral do Alto Douro acaba de comprar em Lisboa oitocentas pipas de Agua-ardente! Este he hum facto público. Mas não he público, se essa Agua-ardente he estrangeira, porque, sendo-o, que enormissima lesão ao Estado? Eu quero porém suppôr mui graciosamente que ella não era estrangeira; mas não sendo a dicta Agua-ardente extrahida do vinho do Douro, como visivelmente o não he, os Lavradores do Douro, e das tres Provincias do Norte ficão privados de vender, ao menos, doze mil pipas de vinho das suas adegas, que erão precisas para produzir as dictas oitocentas pipas de Agua-ardente, contrariando por esta forma a dicta Companhia os saudaveis fins da sua instituição, e as Reaes Ordens, que lhe marcão o local, e a forma das suas compras. E os infelizes lavradores do Douro, onde a Realeza se embalou no anno de 1823, ou os Povos das tres Provincias do Norte, que acabão de desenvolver sobre as Costas do mar as suas grandes massas de Voluntarios Realistas, e de Auxilios de toda a Classe em Defeza de Portugal, chorão, gemem, e se affligem, porque malvados lhe inculcão que esta contravenção da Companhia ás Reaes Ordens provém de Real Ordem do Soberano, a quem estremecem! Ora eu não creio que as maldades, que se praticão em certas Repartições, provenhão da authorisação do Governo d'ElRei Nosso Senhor, e muito menos de hum systema fixo de Maçonaria, ou de convenção com o inimigo de Portugal D. Pedro, mas estou firmemente persuadido que ha huma desmoralisação geral em todas as Classes, e que o grande Rei, que governa a Nação Portugueza, não póde remediar tudo. He sobejamente conhecido que muitas Corpo-

rações mais tractão dos interesses dos seus Empregados que do Bem commum! Certos Inglezes tem posto em movimento as maiores calumnias para alcançar do Governo Portuguez a subversão da Companhia do Douro; não poderão conseguir, nem conseguiráõ a sua subversão, mas os Pedreiros tem forcejado por perverter este Banco, o maior de Portugal, e acaso o maior da Europa; e este esforço quasi está conseguido, se a Companhia cahe da opinião dos Povos do Douro, ou das tres Provincias do Norte, ou, o que he o mesmo, se os Empregados da Companhia forem simplesmente agentes dos seus interesses particulares com lesão dos interesses do Douro, ou das tres Provincias do Norte.

Eu não faço reflexões sobre este objecto, em que estou, sufficientemente versado, porque a brevidade do papel, e a velocidade da penna mo impedem. Estas cousas querem papel mais extenso, e penna mais vagarosa, para que os Povos se convenção do muito, que tem a soffrer em quanto o Governo não poder tudo emendar: a ausencia do Senhor Dom João VI por tão longo tempo no Brasil, a longa guerra, que se trouxe com os Francezes, a Constituição de 1820, e a de 1826, abalárão pelos alicerces o Edificio Moral Portuguez, desmoralisárão huma boa parte da Nação, tudo baralhárão, e confundírão, e não he possivel a hum Governo de homens applicar em hum instante remedio a tão profundos, e inveterados males. A peste revolucionaria penetrou o amago das Classes do Estado, os Pedreiros tiverão sobejo tempo para desmoralisar os homens mais bem nascidos: demos graças a Deos por aquelles, que não descatholisarão. Não queirão pois meus leitores que eu diga tudo d'huma vez, porque nem o tempo he proprio, nem he bastante; mas hei de satisfaze-los, como me for possivel: ponderem bem estas cousas esses, que increpão meus defeitos em escrever, erros de caligrafia, troco de palavras, máo uso da virgulação, e dos pontos finaes, e de interrogação, e admiração: Os dedos tremulos em huma Estação summamente fria mal podem formar os caracteres, que a alma dicta; e os Empregados na Impressão Regia nunca receberáõ do Publico assaz de louvor pelo muito desvélo, e intelligencia, com que procurão adivinhar meus pensamentos no máo formato de huma letra pequena, precipitada, e feita entre as convulções, que produz o calôr de huma razão escaldada pelos imminentes males da Patria, e o frio, e tremor de todo o corpo atormentado pelo rigor da Estação, e pela intemperie da Zona frigida, em que habito: mas, como — *Qui bene legit, multa mala tegit* — os meus leitores devem dos pensamentos claros

passar a examinar os menos claros, não se embaraçando de erros, que nem são meus, nem da Typografia, mas de huma mão tremula, e posta em convulsão pelas duplicadas causas já referidas: do que entendem pois procurem conhecer o que não entendem, e não culpem defeitos, que a mão mais compassada mal pode evitar na velocidade das suas linhas. Este mesmo indulto, que eu desejo para estas composições, o supponho ainda muito mais, e como mais necessario, e indispensavel a favor de hum Governo, que se acha muito embaraçado nas suas complicadas operações pela torpeza, ou pelo vicio das molas, que tem posto em andamento: O Governo não quer perder a alguem, quer sim aproveitar todos os seus governados, e pelo seu soffrimento fazer bons, os que são máos, tornar uteis, os que erão inuteis. Em huma palavra, o muito Alto, muito Poderoso, e muito Prudente Rei, e Senhor Dom MIGUEL serve-se, não com Anjos, ainda que Anjos vigião pela sua conservação no meio de tão perigosos extremos, serve-se com homens, e homens Portuguezes, nascidos ha muitos annos, e que tem passado pelas infinitas alternativas do Estado; homens, de que as differentes revoluções da Nação lançárão mão, e que forão conservados nos seus Empregos pelos mesmos revolucionarios. O dom da incorruptibilidade depois de tantas convulsões Politicas, como a Nação Portugueza tem soffrido em duas longas decadas, he de muito poucos, e o Governo tem de se servir com muitos, que não forão totalmente privilegiados da revolução: o Povo pois pelo que o Governo tem emendado, e melhorado deve conhecer o muito, que elle deseja emendar, e tornar bom. Todavia o Escriptor Publico deve, ao mesmo tempo que infunde ao Povo as esperanças do remedio de todas as desgraças passadas, manifestar ao Governo esses mesmos males, que desgostão o Povo, ou para que o Governo conheça, o que o offende, e se ponha em guarda dos seus inimigos, ou para que esses mesmos, que o offendem, evitem seus defeitos, e os inimigos reprimão a sua audacia. O rol dos Constitucionaes do anno de 1820 he maior que o das pessoas de desobriga do Bispado do Porto; e o dos Constitucionaes de 1826 excede ao das pessoas de desobriga do Arcebispado de Braga; todavia nem todos elles são *vitandos*, ainda que eu quero tanto d'elles como dos Judeos: muitos desses monstros estão nas Ilhas dos Açores, outros muitos estão por cá, e não poucos passárão livres pelas malhas dos Tribunaes alçados no anno de 1823, e no de 1828: andando entre nós, huns com Bullas de amnistia, outros com Breves de indulto, a não poucos — *Por quanto vós destes para a caixa.* —

Não vejo pois outro remedio ao Povo que soffre-los, ou novamente denuncia-los ao Governo, que providenceie como lhe pareça opportuno; e quando esses amnistiados, indultados, e absolvidos levantarem o grito sedicioso, e o Governo não poder reprimi-los, nem as denuncias ás Authoridades tiverem lugar, então aconselho ao Povo pela salvação do seu Rei, e da sua Patria, e pela sua salvação o uso do *Santo lenho*, quero dizer, do Cacete manejado em forma de cruz, que he por este signal que os antigos, e bons Christãos esconjuravão o Demonio, que frequentemente lhes apparecia, tendo ficado nestes dias, em lugar do Demonio, essa chusma de Malhados, que apparecem a cada canto, e a cada instante. Mas em quanto o Governo póde obrar, em quanto as Authoridades poderem desempenhar os deveres do seu Cargo, denunciemos sempre as manobras dos Malhados, ainda que occultemos os nomes, porque o Governo conhecerá pelos fructos a arvore, que os produz, pois os conhecimentos *á priori* já pouco lugar tem depois da amnistiação, indulto, e absolvição de revolucionarios de todos os tempos, e de toda a época. Assim eu o faço, não perdendo jámais de vista esse Porto, onde ha muito bom, e muito pessimo.

Escolhe Sua Magestade a Junta da Companhia, para pôr em acção o Emprestimo, que devia já ter-se verificado no Porto. E que faz a Companhia? Delega. Ora eu não sei, se o Governo authorisou a Junta para delegar; porque, se não a authorisou, a Delegação seria tanto nulla, como criminosa. Supponho porém que a Delegação foi authorisada. E as pessoas delegadas são todas do Real Agrado? Amão todos elles o Paternal Governo de Sua Magestade? Estão todos elles engajados na grande Causa da Monarchia Portugueza? São todos elles adherentes á Augusta Pessoa do Senhor Dom Miguel, e ás Leis Fundamentaes da Monarchia? Que provas anteriores tem elles dado, pelas quaes mereção a confiança pública? Terão todos elles os justos desejos de não tornar odioso o Governo, de não inutilisar o Emprestimo, e de cumprir o Real Decreto? Responda hum dos regeneradores, sublevadores do Porto do anno de 1820! Responda hum Maçon de época posterior! Eu, qual outro Sancho, não tenho bôcca que me calle: as minhas perguntas não cessão, e as respostas não são outras, que ameaços. Dizem que huns certos Numeros da Defeza desagradárão muito ao Porto; huns a alguns Sacerdotes, outros a alguns Seculares, e outros a dous Militares; eu não só sei isto por letras assignadas, e anonymas; já os Padeiros de Vallongo, e os Sardinheiros de Rebordosa mal dizem á bôcca cheia o pobre Ch-

igo, que foi mandado de Lisboa para Rebordosa! Ameação de me assassinar, logo que appareça a Esquadra dos bandalhos; outros dizem que me hão de prender, e entregar a Dom Pedro; pois á fé minha que, se me ouvir, lhe direi com muito desenfado — Principe! Lêde os Numeros da Defeza: *Quod scripsi, scripsi.* — Então em aquelles Numeros, que tanto desagradárão no Porto, abri, ou não abri brecha nos Valhacoutos da malhadice? He verdade o que eu disse, ou não he? Se he verdade, emendem-se, e eu me callo; mas pondo-me sempre á espreita de se a emenda he para nunca mais, ou se he até a primeira occasião, porque o mal dos meus burricos tem-me feito bom alveitar; se não he verdade o que eu disse, e o que tenho a dizer, estou prompto a dar ao Governo as satisfações, que elle me exigir. Mas venhamos ao Emprestimo.

O Emprestimo obriga aos Capitalistas, e Negociantes segundo a letra do Real Decreto. Ora pois continuão as minhas perguntas. Hum Alfaiate, que nem todos os dias tem panno para mangas; hum Çapateiro, que não tem fôrmas para todo o pé; hum Taverneiro, que vende o vinho aquartilhado, e não sempre como sua mãi o pario: Estes são Capitalistas, e Negociantes? A letra do Real Decreto tambem a estes comprehende? E para isto dar o tractamento de Senhoria a hum Alfaiate, a hum Taverneiro! Não he isto insultar a Nobreza, vilipendiar as altas Jerarchias, menoscabar até a Authoridade Real? E as Cartas de convite para o Emprestimo escriptas em papel Inglez! Ah! *Godémes!* He assim como se cumprem as Reaes Ordens? Por esta forma se procura acreditar, e fazer amavel o Governo mais suave? Quantos dos Confrades gôrdos, e chorudos da Maçonaria tem sido collectados á proporção dos seus haveres? Quantos d'estes moinantes entrárão já no Cofre com essas insignificantes quantias, que lhes forão arbitradas com excessivo favor? Ah! Briosa Nação Portugueza! No Porto ha caveira de burro, de porco, e de pedreiro! Embora esbravejem contra mim as furias do Maçonismo; hei de lhe pôr a calva á mostra; e o Governo esgotado huma vez do seu muito soffrimento ha de dar hum exemplar castigo aos que procurão desacredita-lo, descontentando a Classe do Povo sempre fiel, e soffredor! Que eu não fosse authorisado para distribuir a quota do Emprestimo, que pertencêo ao Porto! E que não sejão ouvidos os Portuguezes fieis sobre o modo de o Governo haver muito dinheiro para as suas urgentissimas precisões! A todos esses Portuenses, que no anno de 1827 correrão com Donativos voluntarios para o Stubbs, e Sa

e a todos, e a cada hum d'esses, que concorrerão no anno de 1828 para fazer face ás despezas do Governo Trahidor, que se arvorou em nome da Senhora Dona Maria da Gloria, collectaria eu no duplo sob pena de prisão, e de sentença capital, e em menos de quinze dias estaria preenchido o Real Emprestimo na grande Cidade do Porto! Eu conheço bem esses amigalhaços da Carta: gordos como porcos são elles; mas medo.. basta acenar-lhes com o Cacete que elles logo largão a capa. E que manancial de soccorros para o Erario não seria tambem o rigoroso lançamento da Decima, e adiantada, sobre os Constitucionaes de todo o Reino de Portugal, exigindo-se informações dos respectivos Parochos por todas as Freguezias do Reino? E a mesma Decima levada com todo o rigor sobre os Parochos Constitucionaes? As burras do Erario enchião-se, o amor á Realeza redobrava-se, e as esperanças, e ressurças dos Malhados enfraquecião! Estes pensamentos não são excessos de Realeza, são filhos legitimos da justiça. O meu estado de Sacerdote não importa comsigo o estado da apathia, e da indolencia sobre os males da Nação; mas se o Sacerdocio quer de mim outra cousa, então levante elle comigo a sua voz aos Povos, e sem cessar digamos todos — Christãos, Oremos a Deos Nosso Senhor, para que nos livre do Governo de Dom Pedro, e de todos os Pedreiros, e Constitucionaes, como tambem de todos os seus amigos, fautores, e conselheiros.

Eu havia promettido em o Numero antecedente aclarar mais a materia da Successão ao Throno; mas o esquerdo agouro da entrada da Esquadra dos bandalhos no dia 25 de Março, ou no dia 2 de Abril interrompeo o fio do meu discurso sobre este negocio; e já agora como o Papel não alcança á extensão d'este importante assumpto, reservo-o para o seguinte sem mais dilações, nem declinatorias, porque as Leis da Successão em Portugal não admittem mais tempo, que o de morrer hum Rei, e immediatamente succeder-lhe o seu legitimo Representante. Esperem pois para o seguinte Numero esses Rábulas, ou Bandalhos da Jurisprudencia, fallo com os Letrados, que por hum espirito de refinada maldade defendem a Legitimidade em Dom Pedro, huma coça de Direito, que quando os não desencabece do partido, que tomárão, ao menos os convença de que hum pobre Clerigo he bastante para lhes fazer metter a viola no sacco. Serão fartos de Lei, já que tanto fallão em Lei. *Qui quærit legem, replebitur ab ea*, diz o sagrado Texto; mas como elle accrescenta — *Et qui insidiose agit, scandalizabitur in ea* — vou sobre os os manhosos Magistrados, que buscão pretextos

na Lei, para deixar os crimes impunes por falta de provas. Existe hum facto, e este facto he crime, porque he contra a Lei: logo existe o criminoso, ou perpetrador d'esse máo facto. Esta consequencia he hum evidente resultado das premissas. Mas quem he o réo? *hoc opus, hic labor*. Ha vehementes indicios de que foi Fuão: seus factos passados, outros semelhantes a este, de que se tracta, sua conducta debochada, sua falta de respeito ás Authoridades, e de temor a Deos, e a ElRei, as pessoas com quem tracta amizade, e companhia, e signaes mais chegados ao crime em questão, como são a conjuncção da hora, do lugar, e do tempo, e a opportunidade da occasião o tornão suspeito de haver sido o perpetrador: a estes indicios se ajuntão outros que quasi constituem huma evidente presumpção do Auctor. Pergunto: o arguido ficará impune por falta de prova? Qual he a Lei, que não receba outras provas, que as da omnimoda evidencia? Em a Sociedade a regra mais commum de obrar he a probabilidade; se tirarmos a probabilidade a Sociedade acaba. Entre agora em exame a prova, que resulta das testemunhas: tres contestes na essencia dos seus depoimentos depõe da existencia do facto, e o adjudicão a Fuão, porque seus olhos o presenciárão obrar, ou seus ouvidos o percebêrão fallar ao tempo de se praticar a acção. Agora sim, agora pesados na balança da justiça os indicios, e os testemunhos, está convencido o perpetrador do crime; nada resta para o julgar, e executar n'elle a sentença. Ha porém na Lei, dizem os homens de Lei, e assim he, a necessidade de ouvir a Defeza do Réo: verdade he que *ab initio non fuit sic*: porque, estando o Réo convencido, era immediatamente julgado, e executado. Mas veja-se a Defeza do Réo arguido por hum conjuncto de signaes, e de testemunhos, que fazem prova bastante. Ajunta em sua Defeza huma duzia de Attestações de pessoas conspicuas, que lhe fazem favor, (mas o favor não he prova) e huma Certidão, ou mais do seu Parocho de que satisfez aos Preceitos da Igreja; (tambem os Pedreiros ajoelhão aos pés do Confessor, mas dizem que absolutamente não tem peccado algum; e outros tomão a Sagrada Communhão sem preceder aquella formalidade!) e depois de tudo apresentão tres, ou mais testemunhas que o não virão, que o não ouvirão; (E testemunhas que não vêm, nem ouvem, fazem fé?) taxão-se as testemunhas do crime; de que tem estes, e aquelles defeitos; (E quem ha que não possa ser increpado d'algum defeito?) que andão de noite fóra de suas casas, que são vadios, ou de Officios mecanicos, e que por isso estão sempre á porta da

rua, ou das vendas, e finalmente que são pobres. E eis-aqui como hum Juiz, que não tem outra Filosofia que a das suas paixões, ou que não sabe outras Leis que as da compra, e venda, ou se principalmente está filiado na maçonaria, absolve o Réo por falta de provas! Pois provas negativas destroem indicios vehementissimos, e provas positivas? Recolhendo-se as pessoas poderosas, as muito occupadas, e todas essas, que se chamão pessoas de bem, aos seus gabinetes, ou ao interior das suas casas, ou dedicadas sómente a divertimentos de familia, sem necessidade de frequentar os lugares públicos, antes fugindo d'elles as mais das vezes por conveniencia propria; quaes são os que possão depôr das desordens, dos tumultos, das rebelliões, e d'outros crimes menos ruidosos, como de roubo, ou de morte, se forem julgados incapazes de fallar verdade os artesãos, os que frequentão as ruas, e mais lugares públicos, em fim os pobres? Existe o facto: logo existe o seu perpetrador: a probabilidade, que he a base da maior parte das operações da Sociedade, depõe contra Fuão: E he este absolvido por falta de provas? Appareça pois outro perpetrador; va-se em procura da causa: embora se mitigue a pena ao Réo, que não he plenamente convicto, mas absolvê-lo? A primeira Lei da Sociedade he evitar o crime, e o escandalo; para isso he necessario punir o criminoso; se contra elle não ha toda a evidencia, seja punido á proporção da probabilidade; porque mais interessa á Sociedade punir o crime d'alguma maneira, que impuni-lo totalmente. Mas se na balança de Astrea se tomão sómente ao peso o ouro, as paixões, as bandalhices, a sofistaria, e o maçonismo, a Justiça desapparece. Eis porém as virtudes d'esses Juris-consultos, que defendem, ou ajudão a Legitimidade em Dom Pedro! Livre-nos Deos d'elles como de todos os diabos.

Rebordosa 29 de Março de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1832.

Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.° 34.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

A grande Questão Portugueza sobre a Succesão ao Throno.

Como o fundamento principal da exclusão de Dom Pedro da Soberania de Portugal seja o haver-se elle declarado Imperador do Brasil, que vem a ser o mesmo que Soberano Estrangeiro, e os Defensores da sua Legitimidade recorrão, como ao seu principal baluarte, ao exemplo do Senhor D. Affonso III que Reinou em Portugal, tendo sido antes Conde de Bolonha, parecêo-me conveniente á ultima elucidação d'esta grande Questão debater o dicto exemplo, e desentricheirar o inimigo da sua Cidadella, para que esses mesmos Juristas, que ainda querem campar de boa fé na Defeza da Soberania de Dom Pedro, sejão convencidos, ou da mais grosseira ignorancia, ou da mais perversa maldade. Mas antes de entrar no exame d'aquelle exemplo, bom será tomar as cousas desde o anno de 1826, porque, como esta Questão foi encetada em aquelles tempos pelos Realistas, que emigrárão para a Hespanha, e por elles sustentada em favôr do Senhor Dom Miguel; e os Constitucionaes dispersos por varios Paizes da Europa tomem as dôres por Dom Pedro, convém ao conhecimento da Europa inteira ouvir as razões d'huns, e d'outros Emigrados, para que appareça onde está a boa fé, a honra, e a boa intelligencia da Lei. O Auto de Juramento feito em a Galliza no anno de 1826, de que dêo fé Lourenço Botelho Corrêa, Escrivão Tabellião Proprietario em Villa Real de Trás-os-Montes, e que servio de Secretario Militar da Brigada, ou Divisão emigrada na Galliza, diz assim — *Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil*

oitocentos, e vinte e seis annos, aos vinte e nove dias do mez de Setembro do dicto anno, nesta Cidade de Lugo do Reino da Galliza nas Hespanhas, o Brigadeiro General Francisco de Moraes Madureira Lobo (que em paz descance) *Commandante dos Portuguezes emigrados n'este Reino da Galliza* (Ainda não havia emigrado o Tenente General Marquez de Chaves) *fez celebrar huma Missa Cantada na Igreja das Freiras Dominicas da Nova da mesma Cidade, em honra do Glorioso Archanjo São Miguel, e em recordação do Nome do Augusto Infante DOM MIGUEL de Bragança, e Bourbon, Filho Legitimo de sua Magestade Imperial, e Real o Senhor D. João Sexto, Rei de Portugal, e dos Algarves, que Deos tenha em Sancta Gloria, a qual celebrou o Reverendo.... Capellão dos Emigrados Portuguezes com Serviço no Regimento de Cavallaria Número 6, e no fim do Evangelho recitou huma Oração Religioso-Politica,* (o Ex-Conde de Villa Real sabe quem era esse Padre; que está votado á morte pelas Lojas Maçonicas) *em que fez evidentes as virtudes do Serenissimo Senhor Infante, e as Leis que o chamão ao Throno de Portugal, excitando taes sensações em todos os Portuguezes emigrados que, concluida a Missa, se sahírão da Igreja com grande prazer, e contentamento, e rompêrão em altas vozes pelas ruas, e praças públicas da mesma Cidade, dizendo — Viva El-Rei DOM MIGUEL — adornando-se todos de fitas, e topes allusivos a esta Acclamação, e correndo os Officiaes, e Cadetes dos diversos Corpos aqui acantonados, com outras muitas pessoas distinctas da mesma Nação* (Para a Galliza emigrárão Militares da maior parte dos Corpos de Portugal das tres Linhas; e os não Militares erão das Provincias de Trás-os-Montes, e do Minho) *ao Quartel do Brigadeiro General Commandante, ahi unanimes disserão livre, e espontaneamente que por quanto elles havião abandonado o seu Paiz, por não poderem fazer n'elle sem rompimento civil huma legal, e authentica declaração dos seus sentimentos de fidelidade, e vassallagem ao Serenissimo Senhor Infante DOM MIGUEL, a Quem as Leis Fundamentaes da Monarchia, segundo elles nas suas consciencias o entendião, e ouvião á maioria da Nação, chamão ao Throno de Portugal, agora querião de sua livre vontade fazer a dicta declaração em nome das suas familias, e da maioria da Nação; e para isso pedião ao Brigadeiro General Commandante lhes deferisse o juramento dos Sanctos Evangelhos, na fórma das Leis da Sancta Igreja, e das Ordenações do seu Reino, de Fidelidade, Obediencia, e Vassallagem, que querião guardar, e cumprir a Sua*

Magestade o Senhor DOM MIGUEL, como Successor ao Throno de Portugal chamado pelas Leis da mesma Monarchia, e na sua falta áquellas Augustas Pessoas, que pelas mesmas Leis devem Reger aquelles Reinos, e Dominios; attendendo ao que, o dicto Brigadeiro General Commandante concorde com todos os Emigrados n'estes mesmos sentimentos, consultando, e deliberando com toda a prudencia, e tranquillidade, que pedia hum acto de tanta consideração, e importancia, e ouvindo antes o livre voto de cada hum de per si sobre a fórmula de fazer o dicto juramento, e a respeito das Augustas Pessoas, que elle devia comprehender, acordou com o parecer livre, e uniforme de todos os Emigrados, por si, e pelas suas familias, e dos Officiaes Superiores, e Inferiores por si, e em nome dos seus respectivos Corpos, e Soldados, que: primeiramente se prestasse juramento de Fidelidade, e de Vassallagem a Sua Magestade o Senhor DOM MIGUEL I, Rei de Portugal, e dos Algarves como Legitimo Descendente, Herdeiro, e Successor n'estes Dominios, de Sua Magestade Fidelissima o Senhor D. João VI, de Gloriosa Memoria, pela razão de que o Senhor D. Pedro, Primogenito do mesmo Rei se havia constituido Imperador do Brasil, como de Estado Estranho, e Independente de Portugal, demittindo de si todos os seus Direitos á Monarchia Portugueza por varias, e differentes declarações authenticas, renunciando ao Titulo de Principe de Portugal, que encerrava aquelles Direitos, a fim de podêr subir ao Throno do Brasil, que por este mesmo acto preferio ao de Portugal, separando huma da outra Monarchia, prohibindo para sempre jámais a reunião dos dous Titulos de Imperador, e Rei, como tambem a dos dous Estados, o que visivelmente se mostra por todos os seus actos, e especialmente pelo Tractado de Independencia, e Separação das duas Monarchias feito, e ratificado por ambas as Potencias no anno proximo passado de mil oitocentos, e vinte e cinco, em cujas circumstancias as Leis Fundamentaes de Portugal feitas na Fundação d'esta Monarchia, e sempre observadas até agora, e outro sim ampliadas, e declaradas nas Côrtes, que se reunírão no anno de mil seiscentos quarenta, e hum nos tempos do Senhor D. João IV, Tronco da Augusta Dynastia da Casa de Bragança, as quaes excluem de Reinar em Portugal a qualquer Principe, ou Soberano Estrangeiro.... Chamão ao Throno de Portugal o segundo Filho do Rei, o qual he o Senhor DOM MIGUEL, e pela mesma razão se acordou: Que se não Reconhecesse a Abdicação, que o dicto Imperador Dom Pedro havia feito a

dous de Maio preterito da Corôa de Portugal, que não possuia, nem póde legalmente possuir, em sua Augusta Filha a Princeza D. Maria da Gloria, a quem ella não póde mesmo pertencer durante a vida do Principe Real do Brasil seu Augusto Irmão nascido em mil oitocentos vinte e cinco, e que por essa razão a dicta Abdicação se tinha como nulla, e de nenhum effeito, e valôr, não acclamando, nem jurando jámais a dicta Princeza D. Maria da Gloria, nem obedecendo a alguma das Leis, que emanárão, ou ao diante emanarem para Portugal de Ordem do dicto Imperador Dom Pedro, como vindas de hum Soberano Estrangeiro, que não tem podêr de Legislar em Estados, e Povos, que não são seus; e se acordou pela mesma razão que se tivessem como nullas, e de nenhum effeito, e valor todas as Disposições, e Leis que ao diante se derem, ou já se tiverem dado em nome da dicta Princeza D. Maria da Gloria, como dadas por quem não tem Direito algum a herdar, e Succeder n'estes Estados, e Dominios...... Não he esta ainda a occasião de dar a integra d'este Documento, que tenho autographo em meu podêr, como tambem outros muitos Documentos, de que tenho cópia fiel, os quaes faráõ sempre honra aos Emigrados em Hespanha, e encherão gloriosamente as paginas da sua Historia, que a Posteridade porventura mais justa apreciadora do Heroismo, que o Seculo presente lerá com assombro, e admiração. Mordão-se de raiva os inimigos dos Realistas emigrados, e de inveja os emulos da sua gloria, que não tiverão valor de os imitar! Eu bem sei que estes segundos dizem que os Portuguezes fiéis emigrárão por escapar á perseguição do Governo Constitucional; mas esta he huma calumnia inventada para diminuir a honra, e o denodo dos Emigrados. A perseguição augmentou a emigração, mas não a causou: milhares de Portuguezes de todas as Classes emigrárão voluntariamente, só para prostestar pelos Direitos do Senhor Dom Miguel; e este projecto foi concebido por homens verdadeiramente grandes, que não só mostrárão denodo em se expatriarem, e tomarem por sua conta a Causa mais ardua, e mais difficultosa, que Portugal teve em Seculo algum, nem ainda outra Nação do Mundo conhecido, mas tambem mostrárão huma Sabedoria Superior na invenção d'hum projecto exposto a infinitas difficuldades, e perigos, o qual se póde considerar como o segredo da Pedra Filosofal, pois que elle desbaratou todos os Planos de Canning, desconcertou todas as medidas dos Carteiros da Peninsula, livrou a Portugal da influencia d'hum Gabinete, que o dominava, e fez regressar a Portugal o Principe, que

Portugal amava; regresso que seria impedido pelos esforços de Canning, que para isso fôra supplicado por alguns Figurões Portuguezes, se os Emigrados não fizessem vêr ás Nações, que só o Senhor Dom MIGUEL era capaz de calmar as discordias Portuguezas, e de fazer parar a emigração, ou a despovoação de Portugal. Os Emigrados não precisão de que eu faça a sua Apologia; mas elles hão de ser justificados, e defendidos das calumnias, que ainda lhes arrojão alguns hypocritas da Realeza. A causa, por que estes primeiros Defensores das Leis Fundamentaes da Monarchia Portugueza são ainda deprimidos da justa consideração, que merecem tantas virtudes, tantos sacrificios, e tantas fadigas, provém de duas palavras, que se lêm no Manifesto á Nação Portugueza feito em Villa Real aos 9 de Dezembro de 1826, que foi assignado pelo Tenente General Marquez de Chaves Presidente do Governo Provisorio, pelo Visconde de Villa Garcia, pelo Brigadeiro Madureira, e por José Manoel Ferreira de Castro e Sousa. Ahi vão as duas palavras. — *O Governo Supremo da Regencia Provisional declara trahidores ao Rei, e á Patria todos os que de ora em diante não Reconhecerem o Governo do Senhor DOM MIGUEL, e não o fizerem proclamar Rei d'estes Reinos.* Em este mesmo sentido fallou á Nação a Junta da Beira installada a rogos do esforçado, e corajoso Brigadeiro Telles Jordão, da qual foi Vice-Presidente José Pinto Cardoso de Béja e Figueiredo: este Manifesto feito na Cidade de Pinhel no dia 1.° de Janeiro de 1827 diz assim. — *A render-lhe Vassallagem não pódem negar-se os Portuguezes, sem chamarem sobre si a infamia de Rebeldes.* — Eis-aqui toda a causa do odio aos Realistas emigrados, sem embargo de que a Sentença proferida nos citados Manifestos he em tudo confórme á que derão as Côrtes de Lamego pronunciando, que perdessem para sempre a nobreza, e ficassem infames com toda sua posteridade os Nobres que desamparassem, ou não seguissem o Estandarte Real, e não defendessem a Pessoa do Rei, ou do Principe. Abstrahindo porém do odio, que professão aos Realistas emigrados alguns mordazes, que n'esta parte fazem causa commum com os Defensores da Legitimidade de Dom Pedro, ouvidas as razões, em que se fundárão os Realistas emigrados para susterem a Legitimidade no Senhor Dom MIGUEL, vejão-se agora as que tomão os Constitucionaes dispersos por esses mares, e por esse Mundo.

Não negão os Constitucionaes que Dom Pedro fosse hum Soberano Estrangeiro, ao tempo do fallecimento de seu Augusto Pai o Senhor D. João VI, mas dizem que a sua

Soberania em outro Estado o não impede de ser Rei em Portugal; porque tambem o Senhor D. Affonso III foi Soberano em Bolonha, e nem por isso deixou de vir a Reinar em Portugal. Este argumento he talvez o unico dos Constitucionaes, que parece ter algum pêso, e na verdade não tem algum, se os tempos se considerarem *disparados*, como devem considerar-se, segundo aquelle proverbio de Direito. — *Distingue tempora, et concordabis jura.* Mas huma boa parte dos Juristas d'este Seculo, pouco versados na Logica, e só sagazes em Sofisterias, tomão *in sensu composito* o que deve tomar-se *in sensu diviso*, e outras vezes pelo contrario. Eu vou pôr em toda a sua luz o caso do Senhor D. Affonso III, porque d'aqui se deduzem argumentos, que tolhem inteiramente a Legitimidade de Dom Pedro.

Nascido foi sem dúvida em Portugal o Senhor D. Affonso III, filho do Senhor D. Affonso II. Elle casou com D. Mathildes, e d'este casamento lhe veio o Titulo de Conde de Bolonha em França, por ser a sua Mulher a Herdeira, e Successora em aquelle Condado, o qual era huma verdadeira Soberania, ainda que sem o Titulo de Rei. Porém elle não era o Primogenito, e conseguintemente nem o Herdeiro, e Successor na Corôa de Portugal, e por isso pôde livremente acceitar qualquer Estado Estranho, e viver n'elle, porque isso não cedia em desserviço de Portugal, antes podéra ser vantajoso, e honroso a Portugal. Por morte do Senhor D. Affonso II subio ao Throno seu Filho mais velho o Senhor D. Sancho II, que chamárão Capêllo. Mas taes desordens acontecêrão no seu Reinado, que os mais Nobres de Portugal se fôrão á Cidade de Leão na França a ter com a Sanctidade do Papa Innocencio IV, que ahi se achava celebrando Universal Concilio no anno do Senhor 1244, e ahi lhe supplicárão, e a todo o Sacro Concilio, que nomeasse, e authorisasse ao Infante D. Affonso, irmão d'el-Rei D. Sancho, para reger estes Reinos: foi o dicto Infante por mandado do Papa chamado ao Concilio; acceita elle a Administração do Reino, vem á Cidade de París, onde solemnemente promette com juramento de bem, e verdadeiramente governar o Reino, e de reservar para El-Rei D. Sancho o Soberano Nome de Rei, e a Legitima Successão, se a houvesse; e com estes poderes veio o Conde de Bolonha a Portugal. Mas a sua Mulher ficou em França Governando o Condado. Onde está pois aqui a reunião de duas Corôas? Que incompatibilidade houve em ser Regente de Portugal o Conde de Bolonha, se elle não governou mais o Condado, nem mais habitou em Paiz Estranho? Em que

perdêra elle, quando Infante, os seus Direitos de nascença em Portugal? Por haver casado, e vivido em outro Paiz, e por haver acceite huma Soberania Estranha, a tempo em que não era o Successor, o Herdeiro, o Primogenito de Portugal? Ou que desserviço fizera elle a Portugal em ser Conde de Bolonha? Qual he a Lei, que obriga aos Infantes a não viver fóra de Portugal, ou que os impeça de serem Soberanos em outro Paiz? O caso pois, para haver alguma paridade com as pertenções de Dom Pedro, devêra correr d'outra fórma, regendo a Portugal o Infante D. Affonso desde o Condado de Bolonha; porém elle abandona aquelle Paiz, deixa no Governo a sua Mulher, e vem para Portugal viver com os seus governados; e para isto mesmo foi necessario que o Reino o chamasse, e que o Papa, e o Concilio o authorizasse.

Por morte do Senhor D. Sancho foi declarado Rei o Senhor D. Affonso por consentimento de todos os Portuguezes, e por authoridade do Summo Pontifice, porque era o immediato Successor, e o mais propinquo herdeiro d'El-Rei seu Irmão, de quem não ficára Successão. Em tudo isto as Leis Fundamentaes da Monarchia não forão atropelladas, antes forão observadas, e guardadas em toda a extensão da palavra; porque nem ao Senhor D. Affonso III, em quanto Infante, lhe era prohibido acceitar hum Estado Estranho, nem habitar n'elle; nem elle se desnaturalisára de Portugal, nem se declarára Estrangeiro, nem renunciára aos Direitos, que podia haver pela falta de Successão em Portugal; antes logo que foi chamado pelo Reino veio para elle, viveo n'elle, e permaneceo n'elle. Mas eu devo examinar outros casos de Successão em Portugal, para que fiquem por huma vez desvanecidos todos os argumentos dos Defensores da Legitimidade de Dom Pedro.

Não védão certamente as Côrtes de Lamego aos Soberanos de Portugal reunir em si diversas Corôas: todavia he tal o espirito das Leis Fundamentaes da Monarchia, ou tal he o amor dos Portuguezes pela sua independencia, que o Senhor D. Affonso V, ajuntando á Corôa de Portugal Direitos á de Castella, e Leão pelo seu segundo Matrimonio com a Senhora D. Joanna Successora n'estes Estados, se vio obrigado para conservar a Independencia de Portugal a declarar por seu Successor n'este Reino o Principe D. João Filho do seu primeiro Matrimonio, e os Filhos dos Filhos d'este, como em Direito lhe pertencia, por maneira que jámais os Soberanos de Portugal, ou os seus Primogenitos, ou Herdeiros adquirírão Direitos a outras Corôas, que os

Portuguezes as não considerassem como incompativeis com a d'estes Reinos, ou ao menos como perigosos para sua liberdade, e independencia. Sem embargo d'estas considerações, e receios os Senhores Reis de Portugal forão sempre obedecidos dos seus Vassallos, ainda que reunissem em si diversos Estados, pois que esta reunião as Leis a não impedem ao Imperante, estando elle antes investido na Corôa de Portugal, porque essa reunião não cassa a posse anterior, ou, em termos de Direito, não annulla o que no seu principio foi válido: mas no Principe Successor, quero dizer, antes que o Principe Herdeiro tenha adido á Corôa, ou subido formalmente ao Throno, a reunião d'outra Corôa, ou d'outro Estado, segundo o espirito das Leis Fundamentaes da Monarchia o inhabilita para a Corôa de Portugal, ou o colloca na obrigação de acceitar huma das duas, ficando a outra para o Herdeiro mais propinquo, sem que a esta, que prefere, lhe restem mais alguns Direitos, ou para a transmittir, ou para Abdicar, porque a Lei lhe não concede mais algum jus, que o de ficar com huma, ou com outra. A Historia de Portugal offerece sobre este objecto hum exemplo unico, mas que deve servir de modélo em semelhantes casos.

Huma unica Filha teve o Senhor D. Fernando unico d'este nome em Portugal, a qual se chamou D. Beatriz, e foi casada com D. João I de Castella: o Senhor D. Fernando pois juntamente com sua Esposa a Rainha D. Leonor havião declarado esta Filha por sua Universal Herdeira, com pacto, e condição que El-Rei seu Marido não entraria em Portugal, sem primeiro d'esta sua Mulher ter algum descendente, e os Portuguezes se lhe jurárão por seus Vassallos depois da morte do Senhor D. Fernando. Mas faltando D. João I de Castella aos Capitulos, e Condições, tractados, e jurados entre elle, e El-Rei de Portugal D. Fernando seu Sogro, empenhando-se no Titulo de Rei de Portugal, e na posse d'este Reino, antes de ter descendente da Senhora Rainha D. Beatriz, os Portuguezes levantárão por seu Rei ao Senhor D. João I, chamado de Boa Memoria, subindo a Bastardia ao Throno, antes que soffrer n'elle hum Soberano Estrangeiro, que pertendia reunir em si as duas Corôas, não podendo pertencer-lhe a de Portugal, não obstante estar casado com a declarada, reconhecida, e jurada Herdeira, sem que primeiro tivesse d'ella algum descendente, condição que fôra posta para este Reinar em Portugal, e evitar, ou a reunião das duas Corôas, ou que a de Portugal fosse occupada por Soberano, que não vivesse dentro

em Portugal. Em esta Questão eu não sei qual admire mais, se o amor dos Portuguezes pela sua Independencia fazendo subir ao Throno o Senhor D. João I, Infante Portuguez na verdade, mas Filho bastardo, se a consideração do Senhor D. Fernando pela Legitimidade, havendo a Lei Fundamental, que exclue do Throno as Filhas, que forem casadas com Principes Estrangeiros. Do terrivel embaraço d'aquelles tempos sahir-se-hião bem os Portuguezes sem mingoa das suas Preciosissimas Leis, e da sua Independencia, se a Senhora D. Beatriz viuvasse ou antes, ou pouco depois da morte do Senhor D. Fernando, seu Augusto Pai, porque a Lei, que exclue do Throno as Filhas, que casão com Estrangeiros tende visivelmente a excluir a estes, e não áquellas, senão em razão da sua conjuncção, a qual cessando cessa o motivo, e o fim da Lei, que julga Estrangeira a Mulher em razão do nascimento, e domicilio do Marido, a qual razão acaba logo por morte d'este, reassumindo a Mulher os Direitos do seu nascimento, pois que as Viuvas em Direito se equipárão ás Solteiras, e n'este sentido he bem de vêr, que os Portuguezes não recorrerião ao arbitrio de fazerem seu Rei o Senhor D. João I, se a Senhora D. Beatriz estivesse a esse tempo Viuva. Digo isto muito a proposito, para que os Constitucionaes não venhão com a sua calumniosa prégação de que tem havido intrusão no Throno de Portugal, não tendo havido jámais outra alguma, que a que foi despojada pela feliz Restauração do Reino na Acclamação do Senhor D. João IV, que succedêo nos Direitos á Corôa de Portugal, devolutos á sua Augusta Familia pela morte do Senhor D. Antonio. Todavia o exemplo da Acclamação do Senhor D. João I, deve servir sempre de modélo aos Portuguezes para fazerem tôdos os esforços, antes que serem governados por hum Principe Estrangeiro.

E que pódem responder depois de tudo isto os Juris-Consultos Defensores da Legitimidade de Dom Pedro? As suas respostas os não convencem, ou de huma grosseira ignorancia, ou d'huma espantosa perversidade? Dirão que Dom Pedro nascêo com Direitos ao Throno de Portugal? Assim he: mas elle os perdêo por todas as razões, que ficão expendidas n'este, e nos mais Números d'esta Defeza. Dirão que elle se arrepende do que ha feito, e que quer reunir todas as partes, que antes compunhão a Monarchia Portugueza em huma só Corôa? Com este pensamento querem adormecer o espirito dos Povos. Assim tambem Carlos IV na Hespanha (Rei Piedoso, e de muita bondade, mas atraiçoado por hum Valido) queria no anno de 1814 tornar a occupar

aquelle Throno, dàndo por não feito tudo o que havia deixado fazer! Mas a estabilidade do Throno, o bom regimen dos Povos, e a tranquillidade d'huma Nação não pódem passar por esse abysmo de inconstancias, de loucuras, e caprichos. Diráõ que não he impossivel governar ao mesmo tempo dous Estados diversos, e suster duas Corôas. Esta resposta he a favorita de Dom Pedro depois da sua ignominiosa expulsão do Brasil, mui confórme á sua ambição, e á sua inconstancia, e mui propria dos Conselhos d'esse Gabinete, que interveio na Separação do Brasil: mas isso he zombar da boa fé de todo o Mundo, he insultar a triste situação dos Portuguezes, he contrariar as Leis mais claras da Nação Portugueza, he contravir abertamente ao Tractado de Separação, e Independencia do Brasil, e de Portugal, he finalmente perpetuar a Revolução na Peninsula Luso-Hispana, e nas suas Possessões Ultramarinas. Filippe V, neto de Luiz XIV, e Herdeiro Presumptivo do seu Throno, não subio ao Throno da Hespanha, sem antes haver feito huma formal desistencia de todos os Direitos, que podesse haver á Corôa de França, para nunca se reunirem as duas Corôas em hum mesmo Imperante: assim o exigia a Liberdade, e a Independencia dos dous Paizes. O argumento do Soberano da Inglaterra ser Rei da Grã Bretanha, da Escocia e da Irlanda he totalmente disparado, e exotico: a Inglaterra tem as suas Leis e Portugal tem outras: governem-se os Inglezes pelos seus usos e costumes, e não sê embaracem de que os Portuguezes sigão as Leis Fundamentaes, que datão da mesma formação da Monarchia Portugueza. Dom Pedro separou-se com o Brasil, e separando-se, bem podia perceber que ficava separado de Portugal. Se o Governo, que interveio n'essa sua Separação de Portugal o não desenganou de que por esse facto a Corôa de Portugal, por morte do Senhor D. João VI, passava para o Senhor Dom Miguel, queixe-se d'esse Governo, e faça-lhe vêr que obrou de má fé com elle, que d'esse mal tambem os Portuguezes se queixão mui amargosamente. Mas Dom Pedro, elle mesmo por si, podia entender, que havendo declarado, que jámais reuniria as duas Corôas, nem os dous Titulos de Imperador, e Rei, fazia huma desistencia mui formal, e solemne do Throno de Portugal, e do Titulo de Rei. Estas são proposições claras, e intergiversaveis, que não pódem ser contrariadas em Direito por quantos JurisConsultos, e Diplomatas formarem os Seculos.

E depois d'huma evidencia tão luminosa, que não póde ser jámais amortecida, atreve-se Dom Pedro a invocar

em seu favor as Leis da Successão, e os soccorros dos Principes Hereditarios? Se em todos elles, ou nos seus Ministros houver honra, e consciencia, não só algum lhe não dará soccorro, mas todos concordarão em reprimir a audacia, e o desaforo d'hum Principe, que tem virulencia de sobejo para sublevar os Povos todos contra os seus Legitimos Soberanos. Mas se a honra, e a consciencia não fôr já o elemento dos Gabinetes, ao menos o interesse pela paz, e pela humanidade não os decidirá a não insistirem em apresentar em Portugal hum Principe, sobre quem justamente ha recahido a indignação pública, o despreso, e o desgosto Universal? Quantas cousas não vém a cada instante aos mal aparados bicos d'esta penna, se ella podesse correr livremente sobre o celebre *casus fœderis* de Canning! Entrão os Portuguezes emigrados na Hespanha a fazer armas com os Constitucionaes, e logo huma Divisão Ingleza desembarca em Portugal pelos Tractados de Alliança para repellir como a Estrangeiros essa honradissima Divisão de Defensores do Senhor Dom MIGUEL?!!

Subleva-se o Brasil; e toda a Alliança consiste em intervir para que o Brasil seja roubado a Portugal!!! Huma Esquadra Franceza vém no anno passado atacar a Nação Portugueza, e toda a Alliança consiste em lhe não dar hum só favor, ou ajuda!!! Regressa Dom Pedro á Europa, e toda a Alliança pára em suspender as relações Diplomaticas com o Governo de Portugal, e consentir que hum Principe inimigo se arme, se apetreche, arranje Vasos, Gente, e Gente Estrangeira, e dinheiro!!! Que novo genero de Alliança he este, que tem posto a Portugal ás bordas do precipicio!!! Que he da fé dos Tractados? Se Deos não olhasse d'hum olho firme de predilecção pela Nação Portugueza; se os Portuguezes não tivessem hum Grande Rei; em fim se os Portuguezes não fossem Portuguezes, Portugal já teria sido hum cáhos! Os Portuguezes não pódem jámais esquecer as incalculaveis desgraças, por que tem passado depois da Separação do Brasil! Milhares de Portuguezes estiverão emigrados na Hespanha até o Regresso do Senhor Dom MIGUEL! Milhares de Portuguezes se tem feito desgraçados ao depois por seguir conselhos Estrangeiros! Os Realistas de Portugal confiárão da Nação Hespanhola, e não forão confundidos na sua confiança, porque alfim he huma Nação Catholica! Elles não perdêrão ainda a sua esperança de que a Alliança da Inglaterra teria depois da morte de Canning interpretações mais justas; e elles até aqui forão enganados! Em huma cousa concordão os Realistas e os Constitucionaes, e he

em esta só, porque em outra alguma não pódem elles concordar: em que nem Dom Pedro, nem o Brasil, nem Portugal, nem os Realistas, nem os Constitucionaes haverião soffrido tantos desastres se a Inglaterra em vez da Alliança, do modo que a entendêo desde a sua intervenção na Separação do Brasil, e de Portugal, guardasse a mais rigorosa neutralidade. Porém, Portuguezes, estão fixados os vossos destinos, e marcados os limites da vossa Nação: por estes limites, e por aquelles destinos Dom Pedro não tem algum Direito sobre vós! Como pois as armas são o seu ultimo recurso, medi as vossas com as delle, e vós vereis a Victoria, e a Justiça entregar-vos a palma do triumfo.

Rebordosa 29 de Março de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1832.

Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 35.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

A grande Questão Portugueza sobre a Successão ao Throno.

Ardendo está o meu espirito por acabar com esta Epigrafe, e muitos dos meus leitores estão incommodados com esta repetição, que elles chamão = Monotona = e a julgão fastidiosa, ou intoleravel, dizendo que eu deito agua no mar, ou lenha no mato, volvendo no mesmo circulo de idéas tantas vezes explanadas, e discutidas. Mas a Epigrafe da *Grande Questão Portugueza sobre a Successão ao Throno* ha de continuar, não obstante os rogos, os conselhos, e as sátyras, em quanto os inimigos do Senhor Dom Miguel não cessarem da sua demanda, renovando instancias, appellações, embargos, excepções, declinatorias, e pretextos, fundados sim na maldade, mas tendentes a entorpecer, ou a perder a opinião pública, e a evidencia sobre os Direitos do Senhor Dom Miguel. Tambem a luz se apaga, e o mesmo Sol padece seus eclipses: a evidencia mesma deixa de o ser na consideração dos homens á força de sofistarias: as verdades mais claras deixárão de ser acreditadas muitas vezes pelos enredos da mentira; entre os homens á luz succedem as trévas, á sciencia o erro, á evidencia a obscuridade, á verdade a mentira, e todavia os homens chamão luminoso o seculo das trévas, dizem que sabem, quando errão, julgão-se com luzes, quando não vêm, e se acreditão de verdadeiros, quando são mentirosos. Assim andão os seculos, e até os annos, e mezes

em hum vortice mais activo, que aquelle, que inventou Cartesio. Sobre a verdade da Religião tem-se escripto muito, e continúa ainda a escrever-se; e eu desejaria que os Escriptores Catholicos não descançassem desta importantissima tarefa, porque os inimigos da Religião não cessão, não descanção de a perseguir: os argumentos dos perversos são sempre os mesmos, quasi jámais apresentão alguma cousa de novo; mas seu estilo, seu methodo, sua linguagem, suas côres diversificão todos os dias, e com esta variação elles tem augmentado o número dos incrédulos. Pois que? Deverião descançar os Escriptores Catholicos de continuar as suas demonstrações sobre a verdade da Religião, porque elles versem no mesmo circulo de idéas tantas vezes explanadas, e discutidas? Sería isto deitar agua no mar, ou lenha no mato? Se por estarem as idéas explanadas, e discutidas, não devessem os Sabios escrever mais, desde já pode apparecer o Decreto de abolir todos os Prélos, porque o Mundo está farto, e até indigesto com tantos Escriptos, como se tem publicado: sobre Grammatica, Filosofia, Medicina, Direito, Mathematica, Theologia, e outras mil Sciencias, ou Titulos, tem-se dito tudo quanto basta, e quanto até sobeja: já não pode apparecer cousa, que seja nova; tudo está mil vezes explanado, e discutido; já não ha verdade, que seja nova, nem erro, que seja antigo. Será pois fastidioso, e intoleravel escrever sobre estes objectos?!! Estão os inimigos da Religião com as armas na mão; e os Catholicos calar-se-hão, porque já se tenha explanado, e discutido tudo; porque os argumentos pro, e contra sejão sempre os mesmos? As armas esgrimidas por diverso modo surtem diversos effeitos, ainda que ellas sejão as mesmas. Depois que Lactancio Firmiano escrevêo, ou demonstrou a verdade da Religião, julgava eu que nada mais podia dizer-se, nem por melhor forma; esse rio da eloquencia de Cicero, como o denomina S. Jeronymo, pareçe haver levado comsigo todos os argumentos, que podem apresentar-se a favor da verdade da Religião; mas não foi assim: Lactancio foi sempre o meu encanto; todavia antes delle, e depois delle houverão Apologistas da verdade da Religião, que fizerão com seus Escriptos grandes serviços á Igreja, e aos Povos, ainda que o número dos Apologistas me não parece excessivo comparado com o dos Antagonistas; confesso abertamente que eu tenho saudades devoradoras por Lactancio Firmiano; se elle escrevesse por eternos seculos sobre o

mesmo objecto, ainda que versasse no mesmo circulo de idéas, não me enfastiaria de o lêr, e até não procuraria outro Escriptor sobre esta materia. Bossuet, o grande Bossuet, nos seus argumentos contra os Heterodoxos, parece-me que escrevêo muito pouco, tendo elle escripto muito; mas meus desejos são insaciaveis, e não morrem jámais de fartos pelo que he bom. Muito podéra, ou desejára eu dizer sobre esta Grande Questão sobre a Religião; mas o tempo, e a necessidade me chamão á *Grande Questão Portugueza sobre a Successão ao Throno.* Eu não escrevo para os Portuguezes sabios, ainda que muitos me lêm; elles não precisão de mim, como os Catholicos sabios não carecem de lêr Apologias sobre a Religião, versando ellas no mesmo circulo de idéas, tantas vezes explanadas, e discutidas; escrevo para os ignorantes, e para os inimigos; para aquelles, para os tirar da sua ignorancia; para estes, para demonstrar a sua perversidade. Eu não tenho feito serviço algum a Portugal, porque jámais tenho feito conforme a medida dos meus desejos, que são extraordinariamente grandes, e esta Nação merece mais que desejos: a saudade por ella ainda não he affecto, que possa igualar os merecimentos d'huma Nação, que sendo actualmente pequena na sua População, he maior que outra qualquer do Mundo em virtudes, e em altos feitos; mas se algum serviço tenho feito a esta Patria sublime, não he outro que o pouco, que tenho escripto sobre a *Grande Questão Portugueza sobre a Successão ao Throno*, tantas vezes explanada, e discutida: assim m'o tem feito entender, e acreditar varias Letras, que me dizem haver dado maiores gráos de luz á nullidade dos Direitos de Dom Pedro ao Throno de Portugal. Hum Ecclesiastico sabio, e Portuguez (são grandes, e mui grandes as idéas, que eu ligo a este nome = Portuguez =, porque dizendo = Portuguez = tenho dito o optimo de tudo o que he bom) me rogou não cessasse de argumentar sobre esta Questão, pois que os inimigos não cessavão nos seus argumentos a favôr da Legitimidade de Dom Pedro. Eu cedi aos rogos daquelle Ecclesiastico, de quem não tenho licença para dizer seu nome; e hoje cedo á minha íntima convicção de que he necessario versar continuamente esta *Grande Questão Portugueza sobre a Successão ao Throno*, porque os malvados não cessão de atormentá-la entre os Povos, dizendo que Dom Pedro he o primeiro Filho do Senhor Dom João VI, e que o primeiro Filho he o Successor. Tenho lido

talvez tudo quanto se tem escripto sobre esta materia, e estou quasi aborrecido desta lição, por versar no mesmo circulo de idéas tantas vezes explanadas, e discutidas. Todavia protesto que, se escrevesse sobre este objecto, ainda que fossem tantas folhas como as do immenso Tostado, Faustino José da Madre de Deos, que hoje não serve a Patria no Prélo, mas em Manuscriptos lhe faz mais serviços que quantos Escriptores Publicos trabalhamos na materia, eu não cançaria meus olhos em outro Impresso, á excepção do Breviario, e do Missal. Os Tres Estados fizerão a Demonstração sobre esta grande Questão; mas os Concilios demonstrárão tambem as materias, que definírão, e isso não obstante depois dos Concilios fervêrão os Escriptores pro, e contra, do que por elles fôra demonstrado, e julgado, e nisso os Apologistas fizerão, e fazem grandes serviços á Igreja, como os Antagonistas lhe causárão, e causão de prejuizos. Eu desejava, se possivel fosse, que todos os Catholicos estivessem tão íntima, e constantemente convencidos da verdade da Religião, como os mesmos Concilios, pois que dessa convicção nasce o animo para o martyrio; assim tambem desejo que todos, e cada hum dos Portuguezes estejão tão intimamente persuadidos da Legitimidade dos Direitos do Senhor Dom Miguel ao Throno de Portugal, como os Tres Estados do Reino, porque dahi vem que na sua Defeza estejão todos, e cada hum dos Portuguezes dispostos a morrer, e a matar. Eu quizera ouvir ao Soldado, quando disparar a Arma = Faço fogo em defeza do Senhor Dom Miguel, porque Elle he o meu Rei. — Faço fogo a Dom Pedro, porque elle não tem Direitos alguns para ser meu Rei. = A Defeza de Portugal não está somente nos Tres Estados, nem nos muitos Escriptores, que abonão aquella Legal Decisão; hoje todos querem saber a razão, por que hão de fazer isto, ou aquillo: o Soldado já não quer fazer fogo, porque seu Chefe lho manda; quer saber o porque lho manda, e convencer-se desse porque: o Povo não quer ser automato; he necessario pois nas presentes circumstancias que o Portuguez se persuada intimamente, e pela sua propria razão que o Senhor Dom Miguel he o seu Rei, ou que Dom Pedro não he o Successor da Corôa; não he bastante que lho diga assim o seu Chefe; o Povo quer obrar pela sua propria razão, e pela sua propria opinião; então he que elle peleja devéras, então he que elle não pode ser jámais seduzido, nem vencido; para

elle então as amnistias, os convites, os ferros, e o mesmo dinheiro do inimigo não servem senão de arraigarem mais, e mais na sua opinião, ou no seu odio, e rancor, tanto a quem o ameaça, como a quem o affaga. Aposto eu que nenhum Soldado, ou Paisano, que tenha estado emigrado na Hespanha, vira a casaca, ainda que Dom Pedro lhe offerecesse milhões! Esta mesma aposta faço eu pelos Voluntarios Realistas das Provincias! E porque? Porque cada hum delles está persuadido de que o Senhor Dom Miguel deve ser o seu Rei, e que Dom Pedro he hum tyranno, hum intruso, hum rebelde, hum trahidor, hum louco! Se esta fosse a persuasão de todos os Portuguezes, emendo a proposição: se os inimigos não procurassem ainda hoje entortar, e perverter a Opinião Publica, eu cederia da Epigrafe, por fazer a vontade aos que a desejão riscada, e aos que a julgão fastidiosa, e intoleravel. Mas andão por esses Povos, e por essas Fileiras com o mexerico de que Dom Pedro he o primeiro Filho, e por isso o Successor; e como o inimigo versa no mesmo circulo por diversas formas, eu estou tambem no meu circulo; e teimem elles por Pedro, que eu teimo pelo Senhor Dom Miguel; e em quanto o tira teimas não decidir, ou não pozer termo á Questão, cá estou na minha, e vou a ella com unhas, e dentes, porque o amor sempre foi muito fallador, e os amantes não se enfastião de fallar muito, e de repetir as mesmas cousas, que n'isso achão elles sempre novos agrados, ou novos motivos do seu amor.

Deitar agua no mar, he fraze, que significa — perder o tempo —; mas a origem desta fraze talvez não seja huma verdade bem explanada, e discutida. Alguns tem concebido como possivel o seccarem-se os mares; mas eu não tomaria o trabalho, ainda que eterno fosse, da execução dessa hypothese, a não ser sobre as aguas, que correm entre Portugal, e os Açores, ou sobre as que separão o Brasil de Portugal; tenho porem como certo, segundo os meus principios Filosoficos, que se os rios não corressem para o mar, supposição inconcebivel na ordem da Natureza, que he hum principio perenne, para se não seccar o mesmo mar, seria necessario deitar agua nelle, se ella apparecesse em alguma parte do Globo, e se todos os habitantes do Universo fossem aguadeiros. Mas como o Creador tem a seu cuidado o conservar tudo, o que o seu Poder formou, sem que algum mortal, nem creatura lho possa embaraçar, he perder o tempo o dei-

tar agua no mar; o que não succede na *Grande Questão Portugueza sobre a Successão ao Throno*, porque trabalhando os inimigos em introduzir em Portugal dúvidas sobre os Direitos do Senhor Dom Miguel, he preciso haver alguem, que deite agua fria na fervura dos argumentos, com que os malvados, versando-se de todos os lados no mesmo circulo de idéas, procurão metter venenosos escrupulos sobre huma materia tantas vezes explanada, e discutida por Escriptores Nacionaes, e Estrangeiros, e, antes que estes, por mim em diversos Manuscriptos nos annos de 1826, e 1827. Tenhão pois os meus leitores a bondade de acceitar esta satisfação sobre a continuação da mesma Epigrafe, que no fim, ou termo da Questão ha de ser seguida de grandes cousas, pois que nem sempre hei de quebrar a minha cabeça com Pedro, a quem lhe basta o nome, para dizer-se o que elle he, como dizem commummente os Hespanhoes = *He Pedro; basta-lhe o nome: he tôlo, he teimoso, he travêsso, he máo como o mesmo Diabo*: a tanto chegou entre os Hespanhoes o odio ao nome de Pedro, que até ao Raposo chamão elles em algumas partes = Pedro. = Mas elle he o primeiro Filho, dizem por ahi os seus defensores, e por isso he o Successor da Corôa, respondendo em voz baixa aos evidentes argumentos, que se lhes fazem pelo contrario; que depois do seu regresso á Europa goza o beneficio da restituição a todos os Direitos da sua nascença, como aos Romanos tomados pelos inimigos lhes assistia no seu regresso a Roma o *Jus Postliminii*, pois que seu Augusto Pai o Senhor Dom João VI o não declarou desherdado da Successão; e esta falta de declaração vale tanto, dizem elles, como havê-lo declarado seu Successor.

Eis-aqui, não hum novo argumento, mas huma nova sofistaria, com que se pertende ainda desviar os Povos do verdadeiro caminho da Legitimidade, como querendo dizer, que D. Pedro estivera no Brasil como constrangido, e sem liberdade, e que livre agora daquelle constrangimento, e restituido á sua liberdade o deve ser tambem aos Direitos da sua nascença. E podem estes audazes impostores persuadir a alguem que Dom Pedro não separou livremente o Brasil de Portugal, e que livremente não fez a guerra a seu Pai, e á sua Patria? Mas faço aos inimigos todas as supposições, e concessões que elles me pedirem; nem por isso melhorão a sua Causa. Ainda que Dom Pedro fosse obrigado a rebellar-se contra seu Pai,

e a hostilisar os seus Povos, deixaria elle de perder todos os Direitos á Successão por essa mesma rebellião, e hostilidades, forçadas que ellas fossem? O crime de parricidio, e parricidio civil foi o que Dom Pedro comettêo contra seu Pai, ainda mesmo que se provasse haver sido forçado; não priva elle ao Filho de todos os Direitos da sua nascença? Não está o Filho obrigado a deixar-se matar antes, que tal fazer? A aggressão á sua Patria, ainda que se escude com haver sido levado pelos inimigos a esse horroroso extremo, não despoja ella ao aggressor de todos os seus Direitos á Patria? Não está todo o Vassallo obrigado a consentir na sua morte antes, que tomar armas contra a sua Patria? Senhores Juristas, respondei! Mas elles não tem estudado Direito Romano, ou quando mais alguns Textos na casca, sem haver entrado no amago da Lei. Esse Direito de *Postliminio* foi estabelecido sómente a favor dos Cidadãos tomados pelos inimigos na Defeza da sua Patria, mas que ahi mesmo na sua servidão nunca forão desleaes á Patria, nunca tomárão armas contra ella, nunca fizerão causa commum com os seus inimigos: mas os defensores dos crimes de Dom Pedro querem absolve-lo, justifica-lo, e restitui-lo aos Direitos da sua nascença, como absolvêrão, justificárão, e restituírão ao Conde de Sub-Serra, de este vil, fementido, e trahidor haver feito causa commum com as Tropas de Napoleão contra Portugal: a paridade veio a pedir de bôcca; mas não he só Dom Pedro, nem o Conde de Sub-Serra os trahidores, que os Juristas tem declarado innocentes; o exemplo tem-se repetido milhares de vezes na justificação, e impunidade dos Regeneradores do anno de 1820, dos Conspiradores contra o Senhor Dom Miguel no anno de 1824, dos Complices, e Conjurados do anno de 1826, tanto na morte do Senhor Dom João VI, e na factura d'aquelle Decreto de nomeação da Regencia, como na intrusão de Dom Pedro, e na formação da ímpia Carta: não lembro a impunidade, e a justificação dos rebeldes de 16 de Maio do anno de 1828, porque todos esses pertencem á mesma quadrilha de facinorosos dos annos citados; lembro sim ao Governo que os absolventes d'estes monstros são ainda mais criminosos que elles; porque aquelles não se terião arrojado a cometter tantas maldades, se não estivessem certos de que nos Tribunaes se havião de assentar Magistrados Maçons, e outros que não conhecem outra justiça que a do ouro. Assim querem elles tambem justi-

ficar a Dom Pedro, e restitui-lo aos Direitos da sua nascença, querendo persuadir aos Povos, que o crime, que a trahição, que a perfidia não tira os Direitos, que a nascença dêo. Novamente o digo: o Direito não vem da nascença, vem da Lei, e a Lei não concede premios ao crime, favores á trahição.

Ora a virtual declaração, ou reconhecimento que, dizem, o Senhor Dom João VI fez de Dom Pedro em Successor d'estes Reinos, he huma invenção, que não dá grande credito aos seus Auctores, porque as Côrtes de Lamego escrevêrão a Regra invariavel de succeder na Monarchia Portugueza, e segundo aquella Regra não são necessarios outros Reconhecimentos, ou Declarações para o Successor poder adir a Corôa por finamento do que a possuia: e he tanto isto assim, que se o ultimo possuidor declarasse por seu Successor a alguem, a quem aquella Regra excluisse, essa Declaração sería tida justamente por nulla, de nenhum valor, e effeito, como se ella não tivesse sido feita. Mas onde existe esse Reconhecimento? Respondem, que no Tractado da Independencia do Brasil, assignado pelo Senhor Dom João VI. Sobre este objecto o por mim sempre lembrado Faustino José da Madre de Deos, na sua Confrontação das duas Cartas de Lei do anno de 1825, demonstrou com huma Logica irresistivel, de que elle tem hum dom especial, que tal Reconhecimento ahi não existe; e eis-ahi derrubada a maior razão da Authoridade, que os inimigos podem apresentar a favor de Dom Pedro. Mas eu quero conceder aos Juristas Pedreiros a existencia d'esse Reconhecimento. E não he elle hum monstro na Jurisprudencia Portugueza? Os Senhores Reis de Portugal nunca reconhecêrão os seus Successores; fizerão sim que os Povos seus Vassallos os houvessem, jurassem, e reconhecessem por seus Successores, para que não fossem variadas jámais as Regras da Successão. Vejão os Juristas o que passou depois da Acclamação do Senhor Dom João IV, e conheção que ao estudo da Jurisprudencia he indispensavel ajuntar o da Historia, que vem a ser o mesmo que o da Tradição, a qual he o melhor interprete das Leis. O Reconhecimento, de que aqui se falla, involve comsigo, da parte de quem o faz, dever, obrigação, sujeição, dependencia, e vassallagem: este Reconhecimento pois que dizem feito pelo Senhor Dom João VI, ou elle não existe, ou está proscripto pelas Leis Fundamentaes da Monarchia, que separão do

Throno de Portugal aos Principes Portuguezes, que reconhecerem Senhorio, fizerem feudo a Rei, e Reino Estrangeiro, ou praticarem acções indignas do seu Nascimento! Eis pois como os Juristas Pedreiros, para a defeza dos Direitos de Dom Pedro, só monstruosidades allegão, monstruosidades, que ao mesmo passo que os convencem de grosseira ignorancia, e de refinada bandalhice, prostrão tambem todas as córadas razões do seu Cliente. Eu ponho porém de parte esse Reconhecimento, que ou não existe, ou, se existe, he nullo, illegal, e vicioso, como acaba de demonstrar-se pelas Côrtes de Lamego, não podendo jámais em honra, e em consciencia deduzir-se hum argumento, que valioso seja, d'huma illegalidade, ou d'hum absurdo, o que sería peor, e ainda mais impossivel que d'huma nullidade formar huma existencia. Mas onde está essa Declaração por parte do Senhor Dom João VI de Dom Pedro em Successor d'estes Reinos, e Dominios? Claro está que ella não existe: todavia se existisse, ella teria a força de Testamento. Agora sim, agora diráõ alguns dos meus leitores que escrevo na agua, porque o Senhor Dom João VI não fez Testamento, nem os Defensores de Dom Pedro o allegão em seu favor. Mas, e o Decreto de 6 de Março de 1826? Esse não existe, ou he nullo: todavia os malvados o aproveitárão em seu favor; já forão tambem refutados sobre essa subplantação: mas eu, que estou dando restos a esta Questão, dou aos Juristas Pedreiros que aquelle Decreto tivesse força de Testamento, que elle fosse feito com as Solemnidades da Lei, e do estilo, que elle nomeasse a Dom Pedro pelo seu proprio nome por Successor nestes Reinos, e Dominios. Que mais querem de mim os Pedreiros? Eu sempre estive de graças para elles, e hoje estou de mãos rôtas para ellas. Concedo-lhes todas as hypotheses, que elles quizerem: de todas ellas não tiraráõ huma boa consequencia em Direito a favor de Dom Pedro. Vejão os meus leitores, se esta he huma demonstração, e se hum Gallego sabe de Direito mais que todos esses Bachareis, Desembargadores, Ministros de Estado, e Diplomatas, ou Automatos, que defendem a Dom Pedro.

Todo o Testamento ordenado contra as Leis, a que está obrigado o Testador, e as que elle não póde derogar, por alta que seja a sua cathegoria, por estar sujeito ás mesmas Leis, he nullo, he invalido, não tem effeito, valôr, nem cumprimento algum: O Testamento do Senhor Dom João

VI *por hypothese graciosa*, declarando a Dom Pedro por seu Successor, he ordenado contra as Leis, a que estava obrigado o mesmo Testador, e as que elle não podia derogar por estar sujeito ás mesmas Leis. Logo... tirem os Pedreiros a consequencia, que o argumento está nas Regras. Prova-se a Menor: as Leis Fundamentaes da Monarchia, as quaes nem o mesmo Soberano póde *vi propria* derogar, excluem da Successão n'estes Reinos, e Dominios o Principe, que tenha praticado acções indignas do seu nascimento, o que fizesse guerra ao Rei, e ao Reino, o que não defendesse a Pessoa do Rei, em fim o Principe *infame*. Dom Pedro he esse Principe *infame* legalmente....; mas esta Menor já eu a tenho formado em outros Numeros da Defeza: deduzão tambem os Pedreiros a consequencia, e, ou neguem a existencia das Leis Portuguezas, e mesmo a do Direito Romano, ou confessem que a favor de Dom Pedro não resta alguma razão de Direito para succeder a Seu Augusto Pai em nenhuma parte dos seus Reinos, Estados, e Dominios. Além da nullidade, illegalidade, e insubsistencia do supposto Testamento em razão da nomeação de Dom Pedro, ***Filho infame***, *ou torpe* no sentido do mesmo Direito Romano, o mesmo Senhor Dom João VI carecia de Authoridade para Testar sobre estes Reinos, e Dominios. Ora ahi vai o que muitos ainda não ouvírão, nem os Jurisconsultos esperavão ouvir da bôcca d'hum Clerigo.

São prohibidos de Testar, ou invalidamente testão aquelles Pais de familias, que perdêrão a administração dos seus bens, e a sua posse, ou porque lhes foi vedada, ou porque a *prodigalisárão;* ou aquelles Pais que *propter minimam capitis diminutionem* se constituírão em Filhos familias. Estes Principios são certos em Direito Romano. Ora o Senhor Dom João VI foi prohibido da administração, posse, e governo da maior parte dos seus Bens, ou Dominios pela alienação, desmembração, ou separação do Brasil; e tambem no mesmo Senhor se verificou a *minima capitis diminutio*, desde que foi opprimido, escravisado, e subjugado, ou sujeito por seu primeiro Filho, vindo a respeito d'este a adquirir a legal consideração de Filho familias. Logo, e esta consequencia tiro-a eu para aliviar os Jurisconsultos do trabalho de deduzir, que para elles he insopportavel, logo o Senhor Dom João VI carecia de Authoridade para testar dos seus Estados, e Dominios. Conheço que a tarefa, que eu tomei, de demonstrar

por todos os lados a nullidade dos Direitos de Dom Pedro era mais propria para huma Dissertação Academica que para hum Escripto Periodico, que mal póde ter huma ligação successiva nos seus arrazoados. Mas como da Academia de Coimbra vierão, e vem ainda sobre Portugal as sofistarias, com que muitos dos seus Individuos pertendêrão, e pertendem aparentar razões de Direito, ou de Legitimidade a favor de Dom Pedro, julguei desbarata-los, convence-los da sua ignorancia, e perversidade, e tirar aos innocentes Povos o prestigio, ou o espasmo, em que algumas vezes os põe as razões d'esses Bachareis, e Desembargadores Pedreiros, que impõe aos ignorantes com o Titulo de Doutores, e de Sabios; e por esta razão, seguindo nova fórma, e ordem n'esta discussão procurei desenvolver todos os argumentos, e mesmo hypotheses, que se tem forjado, e podem ainda forjar-se a prol de Dom Pedro, o qual não podia ser nomeado Successor em estes Reinos, e Dominios, nem mesmo pelo Senhor Dom João VI, depois da Revolução do Brasil, porque antes d'ella, ou se ella não existisse, e Dom Pedro se não tivesse feito n'ella complice, e principal agente, Dom Pedro não carecia de nomeação, instituição, ou declaração de seu Augusto Pai para succeder-lhe n'estes Reinos, e Dominios. Volvi-me pois no mesmo circulo de idéas tantas vezes explanadas, e discutidas, mas não por este genero de argumentos, nem por esta especie de Razões directas, e indirectas, nem por este methodo de raciocinar, que eu sei tem confundido aos adversarios, e tem surtido bom effeito nos Povos, tendo havido Parochos zelosos, que nas suas Igrejas tem lido, e publicado aos seus Freguezes alguns Numeros da Defeza com a Epigrafe da *Grande Questão Portugueza sobre a Successão ao Throno.* Tomei as armas aos Jurisconsultos Pedristas, e com ellas os venci, sem que tenhão já, com que possão mais offender a Opinião Publica, e Individual dos Povos sobre os Direitos do Senhor Dom Miguel: a gloria de desbaratar os Constitucionaes com os seus mesmos argumentos não se me póde roubar, ainda que outros Escriptores entrem na partilha comigo. Todavia ainda tenho hum bico de obra, que ha de apparecer na continuação da Epigrafe, e na refutação do primeiro, e mais bem aparelhado Manifesto de Dom Pedro. Eu sei que ao tempo da publicação do ultimo Numero sobre a dita Epigrafe, e sobre o dito Manifesto, a Questão está definida na Europa de Facto, e de Direito, e então tornan-

do-se desnecessaria esta laboriosa tarefa, farei apparecer grandes cousas, que fervem em cachão no tubo d'esta infatigavel penna. E não são esses Jurisconsultos defensores, ou arrazoadores dos Direitos de Dom Pedro huns verdadeiros ignorantes, mentecaptos, estupidos, torpes, infames, loucos, prodigos, maniacos, finalmente bandalhos? Que outros Titulos podem elles arrogar-se, depois que tomárão a Defeza d'huma Causa perdida, e d'hum Principe infame; depois que fizerão essa mesma Defeza sobre sofistarias conhecidas, sobre argumentos vergonhosos, sobre razões ridiculas? Se pela bitola d'esses Bachareis, e Desembargadores Pedristas houvessem de medir-se os Sensatos, os Sabios, e os Prudentes Togados, que desde a revolução do Brasil vírão no Senhor Dom MIGUEL os Direitos de Successão a seu Augusto Pai em todos os seus Reinos, Estados, e Dominios, a Universidade de Coimbra, que goza de grande nome entre as Universidades da Europa, deveria ser titulada não tanto a Universidade dos Pedreiros, como a Universidade dos asnos. Livre-nos Deos d'huns, e d'outros, e livres estamos dos Defensores de Dom Pedro.

Rebordosa 2 de Abril de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1832.

Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 36.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

A grande Questão Portugueza sobre a Successão ao Throno.

EU devo ir avançando aos ultimos periodos do Manifesto de Dom Pedro, que são os ultimos arrancos da sua venenosa perfidia sobre a Nação Portugueza. Elle diz assim no periodo 18, a que ajunto successivamente todos os mais periodos a final, como serie daquelle.

As Facções, e as cabalas recorrendo a falsos boatos, e a calumnias insidiosas, levantárão contra Sua Magestade Imperial, e Real seus Vassallos hereditarios, e em fim os induzírão a destruir Instituições, que no exercicio da sua superior sabedoria, (Jesus! Que novo Salomão do outro Mundo! E não soube conservar hum só Vassallo, nem fazer hum só amigo?) *e no pleno gozo do seu coração* (Nero quando mandou incendiar a Cidade de Roma estava gozando d'huma turba ascorosa de meretrizes núas, e em pêllo! E Dom Pedro teve prazer pondo o fogo á Nação Portugueza! Peior que fogo fôrão essas Instituições, que armárão a Guerra Civil entre os Portuguezes!) *elle lhe tinha graciosamente confiado* (Os Portuguezes sisudos não são para essas graças.) *ao momento que o Oceano corria entre elles;* (Corrêo desde o principio do Mundo, e assim ha de correr até seu fim; que se não corresse, não sería a revolução introduzida no Brasil por esses, que não atravessão os mares, mais que para abrazar o Continente com a negra têa da discordia!) *e depois por huma interpretação forçada, e errada das Leis,* (O novo Papiniano quer ensinar aos Portuguezes a interpretar as Leis.)

como se hum Monarcha não podesse governar dous Reinos, (Alguem não nega isso, mas todos devem negar que Dom Pedro possa em Direito governar hum só!) *ou reuni-los, se assim o julgasse proprio;* (Dividir a Nação Portugueza, fazer d'hum Reino dous, he crime, que só Dom Pedro podia cometter! Reunir a Nação Portugueza, fazer de dous Povos hum só, he heroismo, que só o Senhor Dom Miguel pode desenvolver; podendo-se-lhe accommodar sem injuria do Sagrado Texto, que falla de Jesus Christo Senhor Nosso = *Lapis angularis ex utraque faciens unum) que aquelle o está somente meio separado*, (Olha lá por onde lhe dá: hum, e outro Paiz, o Brasil, e Portugal fôrão perfeitamente separados pela revolução do Principe Dom Pedro, com inteira desmembração, e independencia! Caranguejo! Torna para traz; mas quem atraz torna adiante não vai.) *debaixo do ridiculo pretexto de Abdicação, e Renunciação* (Tão ridicula foi, que os mesmos Brasileiros lhe pescárão o dolo, com que abdicára, o que elle mesmo deixa confessado!) *declarão estar o Throno vago*, (A declaração da vacancia do Throno Portuguez data do dia da infausta morte do Senhor Dom João VI! Desde esse mesmo instante elle não esteve vago de Direito, porque immediatamente devia ser acclamado Rei o Senhor Dom Miguel; contando-se os annos do seu Reinado, como eu os conto, d'aquella mesma hora, no que me seguirão os Historiadores, imitando os antigos, e sensatos, que no computo dos annos de Reinado d'algum Monarcha não contão os da usurpação, ou intrusão d'outro; mas hoje tudo tem desconto como o Papel Moeda, e este desconto não tem boa origem, como ainda demonstrarei em horas mais vagas.) *e contumaciosamente o dão a outro.* (Não ha contumacia na virtude; constancia, firmeza, e força sim.) *Não ha homem de senso, que não veja que isto he ridicularisar a todos os Soberanos*, (Collocar no Throno a Quem as Leis ordenão, he estabelecer, e sanctificar a Soberania da Lei, não a da Revolução! A expulsão de Dom Pedro fez-se na qualidade bem considerada de Principe Estrangeiro, não na de Soberano, consideração, que não teve na maioria da Nação Portugueza hum só dia pacifico!) *e ajuntar huma provocação desprezivel* (Huma expulsão legal.) *á mais enorme injustiça, que se pode fazer.* (A' Lei mais sagrada.) *Ha pois razões para acreditar que todos os Principes serão movidos a justa indignação por huma tentativa tão criminal*, (Sim: os Principes certamente se indignarão de que Dom Pedro tenha sido levado pelo seu genio a crimes, e baixezas, que

desdourão a condição d'hum homem bem nascido.) *que na pessoa de Sua Magestade affronta todos os Soberanos;* (Logica de trapalhão! Elle nunca foi Soberano Portuguez; he hum Principe, que aspira á Soberania, para a qual a Nação, segundo as Leis da Successão, lhe nega os suffragios, por se haver investido, quando Principe, em outra Soberania com enormissima lesão da sua Patria; e então esta como menor reclamou o beneficio da restituição, ao menos de huma parte, já que não seja, como deve ser, *in integrum.*) *e he muito particularmente de esperar que esta justa indignação moverá em mais forte grão os Corações Reaes, e Magnanimos do Rei dos Francezes*, (Se falla de Carlos X, Soberano Hereditario, não lhe pode valer, que foi deposto! Se falla de Luiz Filippe, Soberano Adoptivo, não lhe valerá, receando lhe não succeda vir a perder, o que não adquirio por herança, como succedêo ao Supplicante Dom Pedro, que ficou sem o que a sua ambição empolgára: a conducta de Luiz Filippe conforme aos principios, que o elevárão, não pode ser favoravel a Dom Pedro! Mas o naufrago apega-se a hum ferro em braza!) *e de Sua Magestade Britannica*, (Este como subio ao Throno por Successão não pode valêr-lhe, porque deve temer que seus Subditos adoptem outro; não fallando na sua Alliança com a Nação Portugueza, porque esta por ora não lembra depois da morte do Mestre do *Casus fœderis!!*) *cujos Ministros já lhe tem tão nobre, e dignamente dado o exemplo.* (A elle Pedro, ou a elles Monarchas? Se a elle, certamente são da mesma Confraria! Se a elles, eis o que são os Ministros nas Monarchias Constitucionaes! Elles dão o exemplo aos Reis, não os Reis a elles; ou, em frase mais clara, os Ministros são os que dictão as Leis aos Soberanos!) *Elle não pode pois em sua consciencia* (Oh! Que consciencia! a da raposa: consciencia de Pedreiro! Forte desaforo! Pois falla em consciencia, quem fez a seu Augusto Pai todo o mal, ou todas as maldades, que pode hum parricida cometter?) *ou na sua sabédoria* (A dos que não vem senão com hum olho, e esse mesmo infectado d'huma suffusão cristalina, que o mesmo *Curvo* não pode curar!...) *abandonar a justiça da sua Causa*, (Dizem as Historias que nas Hespanhas hum Rei mandára metter seu Primogenito no carcere, e ahi o envenenára! Não sei se este he o modo de fazer justiça; mas a morte foi justa, ou, o que he o mesmo, elle devia morrer, porque roubára, ou pertendia roubar a Corôa a seu Pai; e quem a Corôa queria roubar-lhe, a vida lhe roubaria! Esta não será justiça; mas

se Dom Pedro não existisse no anno de 1821, o Brasil sería ainda hoje hum Estado de Portugal, por mais que trabalhassem os ladrões do Continente!) *e o que deve ao seu Deos*, (Que grandes escrupulos de consciencia! Será de medo ao Inferno, e elle parece ignorar que ha hum lugar destinado pelo Supremo Vingador dos crimes, para punir eternamente os que resistem aos seus Decretos! O que Dom Pedro deve a Deos, não o pode elle satisfazer; mas arrependa-se, deixe o Mundo em paz, e não torne a fallar, e creia que Deos lhe perdoará, mas não espere que Deos o faça Rei de Portugal, porque hum Deos no maior dia das suas misericordias perdoou a hum Dimas, mas não o fez Apostolo.) *á sua posteridade*, (Deve á sua posteridade pedir-lhe perdão do desarranjo, em que a poz, e supplicar ao Senhor Dom Miguel Rei de Portugal, e Algarves, e de todos os seus Dominios, e Conquistas, que Se compadeça do Filho, e Filhas d'hum Irmão pródigo, louco, criminoso, e desgraçado, ordenando-lhes a sua sustentação em lugar, em que não possão imitar as culpas de seu Pai!) *e aos seus Vassallos:* (Não os procure, que he o melhor modo, porque pode cumprir seus deveres com elles. Mas quaes são seus Vassallos? Os Portuguezes nunca o fôrão, nem hão de ser; os Brasileiros deixárão de o ser, e nunca mais o tornão a ser. Serão elles os da Ilha Barataria? Mas esses mesmos não tardão em lhe dar quatro tapônas, como fizerão, segundo diz o *Verdadeiro* Historiador Cervantes, aquelles outros marmanjos ao immortal Sancho Pansa!) *elle não pode authorizar* (Diz bem, porque elle não tem authoridade alguma!) *pelo seu consentimento*, (Ninguem lho pede, nem se carece delle.) *a fazer legal, o que huma Assembléa tumultuaria sem authoridade* (Os Tres Estados fôrão convocados pelo Principe, que regía a Monarchia: as Camaras do Reino desejárão a sua Convocação; a deliberação, que os Tres Estados tomárão, era a mesma, que a quasi totalidade da Nação desejava depois da morte do Senhor Dom João VI: as solemnidades, estilo, uso, costume, e mais formalidades fôrão exactamente guardados na sua Convocação, e Celebração. E a isto chama Dom Pedro Assembléa Tumultuaria sem Authoridade? Assim denominárão os Lutheranos, e Calvinistas o Sancto Concilio Tridentino!) *fez a favor de outro: isto transtornaria a Constituição de huma Monarchia, que sempre foi hereditaria*, (Para manter, não para transtornar essa Constituição, ou Leis Fundamentaes da Monarchia; para conservar esta herança despedaçada, retalhada, e invadida por

Dom Pedro; para fixar a Successão, segundo as Leis da Monarchia, que excluião a Dom Pedro por Principe estranho, rebelde, e *infame*, e chamavão o seu immediato; para isto fôrão convocados os Tres Estados.) *e privaria a sua amada Filha do seu Direito á sua Successão*, (A instituição dos Successores ao Throno Portuguez vem d'huma Lei, não d'hum arbitrio, ou capricho: a Lei institue na Successão os Varões, e na sua falta o segundo Sexo: a dita Filha pois na vida de seu Irmão não podia ser instituida na Successão: os Direitos dos Filhos, e Filhas dos Reis não provêm da vontade dos Pais, mas das Leis, por onde estes subírão ao Throno; estas Leis não podem elles variar *vi propria*, sem que ao mesmo passo deixem de Reinar: huma Monarchia Hereditaria não he huma Monarchia de caprichos: por todas estas razões a Filha de Dom Pedro não pode ter alguns Direitos á Successão no Throno Portuguez, mesmo concebida a falsa hypothese de que elle tivesse alguns Direitos á Successão.) *tendo já provido para seus Filhos*, (Se a Monarchia he Hereditaria, não he o Soberano o que provê para seus Filhos, pelo que pertence á Successão, he a Lei; Se a Monarchia he Electiva, os mesmos Direitos Electivos não são exercidos pelos Soberanos, mas pelos Eleitores; ora, se a Monarchia he a dos despropositos, pode o mais forte, o mais louco, ou o mais furioso provêr como quizer, em quanto o outro mais forte não der com elle em terra. Certamente bem provêo Dom Pedro para seus Filhos, nomeando para Tutor delles o Mestre José Bonifacio!!!) *e faria seu rival* (Rival o Senhor Dom Miguel!!! Se este Principe, o mais especioso entre os Filhos do Senhor Dom João VI, não fosse deportado no anno de 1824 pelas Facções, e cabalas, que levantárão ao seu heroismo calumnias insidiosas, as partes componentes da Monarchia Portugueza serião reunidas, o Brasil não sería desmembrado de Portugal, não se assignaria o Tractado da Independencia, e Separação de dous Hemisferios, Dom Pedro não sería Imperador do Brasil, Dom Pedro sería pelas Leis da Successão o Rei do Reino-Unido de Portugal, Brasil, e Algarves! E he o Senhor Dom Miguel seu Rival! Hum Principe, que não quer subir ao Throno, que as Leis Lhe outorgavão, que a vontade geral dos Portuguezes Lhe offerecia, que os Tres Braços do Reino Lhe declaravão; sem que o mesmo Reino Lho supplicasse, e, digamos assim, Lhe fizesse força? Este Grande Rei he o Rival de Dom Pedro? Filho parricida, Filho rebelde, opprobrio de todos os Principes, immudece!) *dever a sua elevação á vontade*, e

capricho de hum Parlamento (Guarde lá essa palavra para os Inglezes.) *Nacional, que se tivesse sido convocado segundo a beneficente Carta*, (Foi Carta de excommunhão para elle, e para os Pedreiros.) *que elle tão magnanimosamente lhe déo* (Oh! Que magnanimidade! A de Catilina com os Romanos ficou-lhe mui inferior!) *nunca teria comettido tão grandes erros, ou tido o poder de alterar a Successão.* Façamos alto, que o homem diz aqui huma verdade.

Se a Nação Portugueza fosse representada, segundo a Carta, o Senhor Dom MIGUEL, durante o poder dessa tumultuaria Representação Nacional, não sería elevado ao Throno. Esta he huma verdade de *Pedro Grulha,* (dizem os Hespanhoes) que a mão fechada he hum punho. Se os Constitucionaes estivessem empoleirados, os Realistas estarião opprimidos: se Dom Pedro fosse o Rei, o Senhor Dom MIGUEL o não seria: se a Carta Constitucional prevalecesse, as Leis Fundamentaes da Monarchia não terião effeito: se a Constituição não fosse abaixo, estava acima; ora isto qualquer tôlo o diz. Bellas galantarias de Dom Pedro! Fazem rir a hum burro. Todavia era isso mesmo o que dizia Voltaire, a quem alguns tem a pouca vergonha de lhe chamarem Sabio, e não dizia senão sandices, e blasfemias: dizia Voltaire que se os homens, que tinhão subido ao Cadafalso, fossem processados em outros tempos, accusados por outras testemunhas, e julgados por outros Juizes, elles não terião perneado! Oh! Que prodigio de saber! E sobre este pensamento vi eu abrir a bôcca de extaticos a huns poucos de Bachareis Coimbrãos! Eu troco em miudos esse pensamentão, que não vale tanto como huma folha de alface. Se os Christãos, que fôrão martyrisados pela confissão da Fé de Jesus Christo, fossem julgados por Juizes Christãos, elles não soffrerião o martyrio. Ora essa he boa! Se os Juizes fossem Christãos, não se fazia crime á virtude, ou processo á Religião. Mas Voltaire, ao tempo de escrever aquillo, não se lembrou do Christianismo, que elle bem desejava vêr enforcado. Se os facinorosos fossem julgados por outros facinorosos seus amigos; se os Juizes, se as testemunhas fossem da mesma laia, elles não serião suppliciados. Admiravel pensamento! Em esse caso não se faria crime ao crime, mas somente á virtude. Pois nem mais, nem menos quer dizer Dom Pedro, em que o Senhor Dom MIGUEL não sería elevado ao Throno, se permanecesse a Carta Constitucional, que vale o mesmo que dizer, que o Senhor Dom MIGUEL não sería Rei, se todos os Portuguezes fossem Pedreiros, e asnos. E não he o Manifesto de D. Pe-

dro o Chefe d'obra da erudição? Mas como a maioria dos Portuguezes he avisada, circumspecta, judiciosa, previdente, em fim virtuosa; como a totalidade Portugueza, salvas pequenas diminuições, não está infectada do Maçonismo, fortalecêo-lhe Deos os seus Tres Braços, renovou-lhe o seu antigo vigôr, e com poder, e gloria maior que no anno de 1640, zombando de todas as forças do Maçonismo, despresando as conjurações Diplomaticas, que previa, não consultando Gabinetes, que a havião trahido, contando sómente com a protecção do Deos de Dom Affonso Henriques, a briosa Nação Portugueza, firmando-se sobre as suas Leis Fundamentaes, colloca no Throno o Seu Amado, o seu Tutelar, o Grande Infante Dom Miguel. Mas eu continúo transcrevendo o resto dos periodos do celebrado Manifesto de Dom Pedro. —

Sua Magestade Imperial, e Real (este tractamento negão-lho os Brasileiros pelas suas razões, que elles lá allegão; os Portuguezes lho negão por honra, e consciencia.) *tomou o remedio em suas mãos;* (Eu ia da primeira vez — Tomou o freio nos dentes —) *mandou preparar os correspondentes, e necessarios armamentos*, (Pobre homem! Venha com elles a Trás-os-Montes, e verá se elles chegão para hum almoço!) *convidando anciosamente* (ancias de moribundo) *todos os Monarchas amigos, e alliados* (Amigos não tem hum só: Alliados tambem não, só se houver outro quejando como elle, o que parece impossivel.) *para se unirem a elle* (pois tem forças correspondentes, e precisa que se lhe unão os Monarchas!) *na sua empreza justa, e louvavel.* (Tão justa, e louvavel como a que tentou no Brasil no anno de 1822! Tão justa, e louvavel como todas as de Napoleão! Tão justa, e louvavel como a dos Vandalos, e a dos Sarracenos na Hespanha! Desthronar a Legitimidade! Saquear huma Nação!!!) *Deos Todo Poderoso o fez incapaz de baixezas;* (Esta he huma blasfemia Napoleonica! Vingue Deos as baixezas, que este Principe comettêo depois que chegou á puberdade, ou na consideração de Principe, ou na de particular!) *e por isso pede a todos os Povos bons, e Christãos* (Coitado! está nos parocismos da morte!) *de pôr de parte os prejuizos, que possão entreter contra elle pelo que ultimamente acontecêo no Brasil. Elle está bem provido de habeis Conselheiros*, (Semelhantes aos de Herodes na Côrte de Jerusalem: mas isto não merece resposta, depois de ter feito vêr que elle he assistido de Zangalheiros, de Lambazes, de Faceiras, de Turinas, e de Bandalhos! Outros epithetos estão sobejamente repetidos! São Pedreiros Classicos na Maçonaria Portugueza, e todavia são os

mais abjectos, e ridiculos da Maçonaria das outras Nações!) *e desinteressados Patriotas*, (Se dissesse esfarrapados, dizia bem, porque isso de desinteressados não o soffre a memoria ainda viva dos seus roubos, e dos seus calotes, por onde quer que tem andado! São piolhos viajantes!) *e se considera destinado pelo Ceo* (Outra blasfemia!) *para ser o futuro laço* (O Açoute dos Portuguezes, e dos Brasileiros.) *da união entre as duas Partes separadas da antiga Monarchia Portugueza;* (O motor de todas as suas discordias presentes! O Defensor, ou a Capa dos Pedreiros de Portugal, e do Brasil!) *desejo, que teve sempre no seu coração.* (Se o desejo he o de empolgar toda a Nação Portugueza, de certo o teve sempre, ainda muitos annos antes de morrer Seu Augusto Pai; como o não pôde conseguir, usurpou-lhe o Brasil: não se contentou com este roubo á Nação Portugueza; quiz tambem usurpar o Throno de Portugal: mas como — *Qui duos lepores sequitur, neutrum capit* — (ficou sem hum, e sem outro.) *Todos os Monarchas podem ter fragilidades, podem cahir em erros;* (Confessa-se a rapoza! Por minha culpa, por minha culpa, por minha mui grande culpa — Absolvão lá o homem, que tem pressa de fazer outra, e não quer perder a occasião! Assim se arrepende o Maçon matreiro ás escadas da forca! Fragilidades, e erros, quando os Reis os tem, as Nações devem perdoar-lhos; não disse bem; devem soffre-los no silencio com todo o respeito, não só por temor, tambem por consciencia, e por honra: apenas os Historiadores podem fallar d'esses erros, e fragilidades; e isso mesmo hão de elles fazer com decencia, e com pejo, sem animosidade, sem audacia, sem tomar o caracter de julgadores, e isto mesmo, ainda accrescento, só podem elles fazer depois de terem corrido oito, ou dez Gerações, para não recahir hum til de mingoa sobre o Soberano Reinante. O Preceito de não murmurar dos Reis, ou de não fallar nos seus erros, e fragilidades, dado caso que os tenhão, julgo eu que he Preceito Divino: *Nolite tangere Christos meos* — e Christos do Senhor são os Reis no Temporal, como os Ecclesiasticos o são no Espiritual. Este mesmo respeito, e silencio proporcionalmente deve observar-se com todas as Pessoas da Familia Real, com as elevadas Classes, e Jerarchias do Estado, e com todas as Personagens de alguma Dignidade, e Representação, se não estiverem julgadas de crime atroz: hum Povo murmurador he hum Povo turbulento; d'ahi, senão fôr atalhado, passa elle gradualmente a Revolucionario, a Constitucional, e por fim a Maçonico. Mas os Pedreiros, os Constitucionaes não

perdoão ao Altar, nem ao Throno: a igualdade, e a liberdade d'esses malvados he medir tudo pela mesma rasa, sendo elles os arrasadores do Sacerdocio, e do Reino: a Inglaterra, e a França levárão ao patibulo as mesmas virtudes Regias! Tão horrorosos, e sacrilegos attentados tiverão sua primeira origem na murmuração! Possa o Governo Portuguez preservar dos seus Vassallos esta peste da paz do Estado. Porém fragilidades, erros, direi melhor, crimes, perfidias, aleivosias dos Filhos dos Reis, crimes, que offendem aos Reis, e ás Nações, não estão as Nações obrigadas, não podem, não devem, por sua honra, e por sua consciencia soffre-los, sem tomarem parte na prática dos mesmos crimes: taes são as circumstancias, em que está Dom Pedro com a Nação Portugueza. Elle comettêo crimes, e crimes horrorosos, que altamente offendêrão ao Rei Seu Pai, e á Nação Portugueza: esses crimes comettêo elle quando Principe, não quando Rei; quando Filho, não quando Soberano: porque se Rei, se Soberano fosse quando os comettêo, a Nação Portugueza, por muito gravosos, e lesivos que lhe fossem esses erros, não lhos imputaria, não lhos julgaria; tudo soffrerião os bons Portuguezes antes que depôrem o seu Rei. Os Catholicos Portuguezes conhecem a Deos por Juiz dos seus peccados, dando-lhes hum Rei depravado; quando elles tem hum bom Rei conhecem a Deos por Pai de Misericordia: assim elles entoão agora hymnos de louvor á Divina Piedade pela Dadiva, que lhes fez de hum Rei como o Senhor Dom Miguel, Bem mais Precioso, do que foi lastimosa a reparavel Separação do Brasil. E todavia a Nação Portugueza elevando ao Throno (segundo as suas Leis) ao Senhor Dom Miguel, excluindo d'elle (segundo as mesmas Leis) a Dom Pedro, não fez a este injuria alguma, porque elle mesmo pela Separação do Brasil, assumindo o Titulo de seu Imperador, consentíra, ao menos virtualmente, na sua exclusão do Throno Portuguez.) *porém o arrependimento, e a experiencia serão d'ora ávante o guia de Sua Magestade Imperial, e Real.* (Tarde piache! E quem poderia acreditar no seu arrependimento de crimes, em que mui voluntariamente se firmou, e robustecêo por tempo de oito annos? E quem póde persuadir-se da sua experiencia vendo-o unido, e como amassado com os inimigos de Portugal, com esses agentes de todas as discordias Portuguezas? Como póde alguem confiar-se d'hum Principe, que pertende o Throno de Portugal por huma aggressão feroz, e barbara, ajuntando á aggressão a mais enorme injustiça; á injustiça a mais refinada perversidade; á perversidade as mais dolosas

machinações; ás machinações o mais horroroso plano d'huma trahição nunca vista, nem ouvida? Volte Dom Pedro, se está arrependido, volte para o Brasil, e onde começou os seus crimes comece a sua penitencia.) *A sua obediencia, e resignação á vontade Divina* (Parece hum Job na resignação, e elle he hum Judas na trahição! Todavia, se não estivesse cercado de Pedreiros Livres, poder-se-hia acreditar que, desviando-se da Seita, em que o professárão, e lembrado da Educação Catholica, que lhe derão seus Augustos, e Virtuosos Pais, se resignasse á Vontade Divina, e soffresse com animo forte a exclusão dos dous Thronos, que elle se arranjou pela sua profusão na malvada Seita! Mas poucos Pedreiros, peores que os Judeos, tem affrôxado na sua obstinação.) *o fazem preferir a paciencia, que tem na sua presente situação ao feliz successo dos que o insultárão. Elle muito bem sabe que he preciso estar acima dos Thronos, para merecer reinar, e póde ser que nunca fosse induzido a obedecer á voz Superior*, (Esta voz Superior he sonhada; pois que a voz do Ceo o exclue de occupar Throno algum! A rebellião filial foi punida sempre pelo Ceo, e esta punição se extende até a quarta geração! Os desgraçados successos de Dom Pedro, elles por si só são capazes de convencer os Atheos, de que existe huma Divindade, pois que n'esta mesma vida pune certos crimes fóra de toda a expectação dos homens! Dom Pedro adoptado, e desejado por todos os Brasileiros, ajudado pela prepotente Inglaterra, reconhecido por todas as Nações da Europa, até pela Sancta Sede de Roma, menos pela Hespanha; e hoje expulso por todos os Brasileiros! Isto não demonstra a existencia de Deos? Pedreiros! Trabalhai: vós não venceis: sois como os filhos de Efrem — *intendentes et mittentes arcum, conversi sunt in die belli* — Vossas armas contra vós mesmos se virão! (Aprendei de Dom Pedro! As suas desgraças seráõ as vossas!) *se não tivesse desgraçadamente tanta gente de roda de si para provêr.* (Eis-ahi o circulo dos Pedreiros de Portugal, que, vendo-se ás portas da morte, se apegão ao nome de Dom Pedro, para que os salve, pensando tresloucados que o nome de — Primeiro Filho do Senhor Dom João VI — he capaz de abalar peitos Portuguezes! Só cobardes, só loucos, só complices no Maçonismo, só trahidores, podem ser abalados com este Titulo de — Primeiro Filho. — Mas a Nação Portugueza tem Catholicos bastantes, para metter debaixo dos seus pés a essa cafila de Pedreiros, que abandonárão Portugal, a essa cohorte de cobardes, de indecisos, de egoistas, de loucos, e de trahidores! Não ar-

rote essa Nação, que ha de ser a Mãi do Anti-Christo, não arrote bravatas, contra os que põe todo o seu auxilio nas Cinco Chagas de Jesus Christo, Deos, e Salvador de todo o Mundo! Morreráõ, seráõ Martyres todos os Catholicos Portuguezes; mas o Maçonismo não tem de prevalecer! Tem os Portuguezes hum Rei, que peleja por Deos! Tem Deos hum Rei, (e he o Senhor Dom MIGUEL) que peleja por elle! Tem este Grande Rei a hum Deos, que peleja por elle! Temer he de cobardes! Incutir temor he de trahidores! Retirem-se os cobardes! Morrão os trahidores! Mas o penultimo periodo do Manifesto, que Dom Pedro fez ás Nações da Europa antes que esse, que acaba de fazer aos Portuguezes, he a candeia, ou véla da morte, que Dom Pedro tem na sua mão, antes de dar o derradeiro alento da sua existencia politica. Eu devo ajuda-lo como Ministro da Igreja! A consolação que eu posso dar a este desgraçado Principe, he a seguinte!!!)

Principe! Quando m'entregárão este vosso Manifesto, e ao mesmo tempo o Legado do Padre José Agostinho de Macedo, para defender Portugal dos vossos ultimos, e desesperados ataques, meu espirito estremecêo, e quiz deixar a sua pousada, não por temor ás difficuldades do Legado, e muito menos a todos os vossos argumentos, e ameaços, porque para cumprir aquelle Legado, e esconjurar vossos argumentos, e ameaços bastão-me os estudos do meu Larraga, e do meu Breviario, e o valor, que tenho para soffrer a morte: estremeci porém, porque chegando a estes vossos ultimos periodos, meus olhos se arrasárão de lagrimas; sou sensivel ás vossas desgraças, porque na minha baixa fortuna as padeci muito pesadas; e o homem, que tem soffrido, he sensivel, a não ser hum condemnado: Vós nascestes Portuguez, e sois Filho de Grandes Reis: compadeço a vossa triste situação, e vós não serieis capaz de compadecer a minha: Mas notai, Principe: haveis comettido hum erro, e elle he insanavel: dividistes a Nação Portugueza em duas Porções Independentes, e eternamente estranhas: Como Rei pode-lo-hieis fazer talvez, ainda que fazieis mal; mas eu não conheço os limites do Poder Real: porém vós dividistes a Nação, quando ereis Principe, e isto não podieis vós fazer, porque as Leis, e a obediencia, que devieis ao Rei vosso Pai vo-lo vedavão: foi por isso que vós perdestes todos os Direitos á Corôa de Portugal, e que os Tres Braços da Nação Portugueza vos repellírão: não vos queixeis pois dos Portuguezes: vossa he a culpa, e não he tempo já para que peçaes o seu perdão: como nisto vós offendestes o Rei, a Nação, e mesmo a Religião,

ide, procurai hum Mosteiro da Ordem Benedictina, e professai lá a sua Regra, porque lá a professárão Principes, e Soberanos mais poderosos, e de mais virtude do que vós, e assim dareis hum bom exemplo de arrependimento ao Mundo: fazei favor de vos esquecerdes dos Portuguezes, e elles se esqueceráõ das injurias que lhes haveis feito. — Vá, porém, ou venha o ultimo periodo do Manifesto.

Ferventemente pede a Deos (A Misericordia de Deos he tão grande como a sua Justiça!) *de subir ao dobrado Throno dos seus Antepassados*, (O Throno dos seus Antepassados nunca foi dobrado! Singelo, e sincero o quer a Nação Portugueza! Se d'hum só Throno Dom Pedro não houvesse feito dous, elle reinaria nos dous Hemisferios!) *sómente para a felicidade de seus Vassallos de ambos os Hemisferios*, (nem os de Portugal, nem os do Brasil acceitão a felicidade d'hum Principe, que fez a sua commum desgraça!) *que sem o seu soccorro, e superintendencia he universalmente reconhecido, nunca podem prosperar, e ser felizes.* — FIM. —

Os Brasileiros, e os Portuguezes ferventemente pedem a Deos que affaste a Dom Pedro de ambos os Hemisferios, porque todos elles unanimemente reconhecem que de Pedro lhes não podem vir senão desgraças, calamidades, miserias, e desordens. Ouça Deos pela sua infinita Misericordia esta assidua, e humilde deprecação dos Catholicos Brasileiros, e Portuguezes, e lhes conceda o Senhor Dom Miguel para Soberano de ambos os Paizes, como o forão seus Augustos Pais, e Avós. AMEN. AMEN. AMEN.

Rebordosa 5 de Abril de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: Na Impressão Regia. Anno 1832.

Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 37.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Bico d'Obra

Na grande Questão Portugueza sobre a Successão ao Throno.

Os Revolucionarios, pertendendo campar de Sabios, tem ido monstruosamente fecundos no uso de appellativos, e de djectivos, accrescentando-os aos nomes proprios, antepondo-os, ou pospondo-os a estes por huma especie de conversão, ou de equipollencia; e com este enredo tem elles illudido o Vulgo, e o não Vulgo, fazendo-lhe beber o erro em vez da verdade, e arrastando-o a opiniões, que não serião adoptadas, ou serião rejeitadas com horror, se houvesse mais tino Logico, e ainda Grammatico nos homens, que tem adquirido o titulo de Doutores, ou de Mestres; ou se os homens tivessem a prudencia da Serpente, para discernir o verdadeiro do falso, ou para separar da liga o que he estranho. Parece hum enigma, o que acabo de dizer, ou huma superfluidade, e até parvoice metter a Grammatica, e a Logica na Grande Questão Portugueza sobre a Successão ao Throno; mas eu não nasci para ensinar os sabios, senão os ignorantes; com estes me quero eu aver, se fôrem de boa fé; dos outros fujo, ou porque a sua luz me céga, ou porque a sua sofistaria me aborrece, ou porque a sua louca pertinacia me cança. Em estas Questões de Rei eu só acho sabio o Vulgo de boa fê; elle as sentencêa da cadeira da sua probidade, e não se engana, em quanto os que presumem de Doutores argumentão pro, e contra, de tudo duvidão, e para tudo achão ra-

zões, servindo-lhes de motivo qualquer palavra, qualquer appellativo, qualquer adjectivo, qualquer adverbio. A simplicidade do Vulgo animado d'hum tino natural não adulterado pelo crime, ou pela sofistaria dos que tem titulos de Sabios, nas Questões de Rei he hum Juiz infallivel, sem importar-se de appellativos, adjectivos, ou adverbios, de que não quer entender, nem ouvir: tenhão os meus leitores a bondade de me soffrer, porque em esta linguagem de estudante de Grammatica, e de Logica estou dizendo grandes cousas, e descobrindo o Bico d'Obra. A Lingua Portugueza em estas Questões de Rei está corrompida por huma turma de homens, que se dizem sabios, ou homens de conhecimentos, e nesta classe entrão Fidalgos, Generaes, Officiaes, Desembargadores, Doutores, e homens de lenço ao pescoço: eu gósto de verdades, que se conhecem á primeira intuição, de proposições, e de palavras simples; tudo o que he complexo, ou complicado, não posso perceber senão reduzindo-o á simplicidade: tenho estudado com desvelo a Lingua Portugueza, e meu primeiro Mestre foi o Vulgo; eu nasci na Galliza, não ignorei a Lingua Hespanhola, e os Hespanhoes o sabem: vim para Portugal, e o Douro me fez Portuguez. (Ah! Infeliz Douro! Tu me não esqueces jámais! Hei de-te dar grandes provas da minha saudade.) Ahi no Douro estudei os costumes de todas as Classes, e eu não pude conhecer seus sentimentos, sem me inteirar bem da sua linguagem: meu primeiro exercicio foi o de ensinar Primeiras Letras, não me pejo de o dizer, tendo posteriormente ensinado Latim, Filosofia, Theologia, Moral, e outras cousas, que não erão más. (O grande Gerson renunciou a quantos titulos pomposos o honravão em París pelo exercicio de ensinar Primeiras Letras.) No Douro pois aprendi a linguagem da innocencia, da pureza, da candura, e da simplicidade, virtudes estas, em que não abundão commummente as pessoas de casaca, e em vez dellas a duplicidade, a impostura, a velhacaria, e o dolo. As creanças tem a sua linguagem, e quando ellas não são seduzidas, he a linguagem da verdade: o Vulgo tambem tem a sua linguagem; e quando elle não he mal aconselhado, quando he regido pelas suas proprias idéas, he a linguagem da probidade, he a linguagem da Razão, e da Lei, que fulgura luminosamente por todo o Universo. A voz dos Povos acclama o Governo simples dos Reis, e condemna o Governo complicado da multidão: esta mesma voz acclama a existencia d'huma só Divindade: finalmente o homem ainda selvagem, posto em tribulação, como diz o

grande Tertulliano, he naturalmente Christão, e os Povos deixados na sua Razão venerão naturalmente a hum Deos, e tambem naturalmente respeitão os Reis, em quanto huma boa parte desses homens de casaca, que chamão pessoas de bem, e de instrucção, duvidão da existencia da Divindade, se a não negão, e recusão seu respeito ao Governo dos Reis; e estas dúvidas, estas incredulidades, estas desobediencias partem da lição, do estudo, e do uso de proposições complexas, de palavras compostas, de appellativos, adjectivos, e adverbios antepostos, e pospostos mui de proposito para desarraigar do Universo a Fé á Divindade, e a Obediencia aos Reis, para, em huma palavra, *deseducar* os Povos, perverter a sua Razão natural, affastá-los da verdade, e mettê-los no erro, e no crime. Esta materia, que a alguns poderá parecer pueril, e indigna de se apresentar no prelo, ella he de muito peso, de muito interesse, e de muita extensão; para lhe achar gosto he preciso soffrer a leitura de muitos Numeros; mas o gosto está estragado, não sei se por vicio do estomago, (perversidade de costumes) se da Lingua. (abuso, ou máo uso das palavras) Vá pois huma só Sentença, e venhão os exemplos. *A lingua dos Meninos, e dos Povos he o instrumento, de que Deos se serve muitas vezes para suster o seu louvor, e a obediencia aos Reis, e para perder a lingua duplice dos sabios.* Agora venhão os exemplos.

Passava em huma certa Povoação do Douro no anno de 1823 huma porção de Milicianos de Pena-fiel com os seus Officiaes acompanhados de certos Bachareis, que vinhão de lhes mostrar as casas dos Realistas, que a esse tempo andavão na Hespanha, para as roubar, e ceifar-lhes em verde os seus centeios, e trigos, (que destas avarias escandalosas, e barbaras praticárão muitas, e sem número no districto de Villa Real os Officiaes, que erão da Escola do *Garcez*, e do *Serpa)* e gritando os Officiaes, e Bachareis. — Viva ElRei Constitucional — huns Paisanos, que estavão cavando as vinhas, respondêrão com o forte brado de — *Viva ElRei sem trouxa* — e os ditos Officiaes, e Bachareis, já se sabe, Pessoas de bem, porque todos trazião gravata ao pescoço, que já hoje não ha cão, nem gato, que a não use, e todos elles são huns lazarentos de miseria, repetírão — Viva! e Viva! applaudindo o brado aldeão, que elles não entendião. Mas os Realistas do Douro (já hoje não ha muitos pelo máo exemplo, que lhes dérão alguns figurões, que alli tem propriedades, pela violencia, em que os tem posto varios Encarregados da Administração dos Vinhos, e da Inspecção das Aguas-

ardentes; mas aqui o meu tinteiro tem de vasar muita tinta!) tem huma linguagem efficaz para mesmo entre as baionetas expressarem os sentimentos do seu brioso coração. Eu devo instruir aos meus civilisados Lisboetas, que no Douro esta palavra — *trouxa* — tem quasi a mesma significação que entre elles, a palavra — *Canga.* — A *trouxa* pois, ou a *Canga*, sem a qual os Realistas do Douro querião que o seu Rei vivesse, era o adjectivo — *Constitucional* — ; querião portanto dizer — *Viva ElRei* — como era assim victoriado por todos os Portuguezes em todos os Seculos da Monarchia, antes de os malvados accrescentarem, ou ajuntarem a esta palavra — Rei — (a qual por si mesma designa o exercicio pleno, e livre de todos os Direitos Magestaticos) o adjectivo — *Constitucional* — , o qual aquelles pobres, mas innocentes, traduzírão pela palavra — *trouxa* — , que elles não querião que o seu Rei tivesse, para que não fosse desgraçado; e os meus amados Lisboetas podem traduzir pela palavra — *Canga* — , entendendo huns, e outros que dizendo-se — *Viva ElRei Constitucional* — he o mesmo que dizer-se — *Viva ElRei com trouxa*, ou *com canga*, ou *com albarda* — ; e este — *Viva* — he o mais injurioso á Dignidade, e á Magestade Real; e dizendo-se — *Viva ElRei* — sem ajuntamento de adjectivos, vale o mesmo que dizer-se — *Viva ElRei na posse de todos os seus Direitos.* — Este exemplo, que eu presenciei, demonstra não somente a justiça, como a *justeza* do meu arrazoado sobre a maldade, com que os Sabios, ou os Revolucionarios, que desejão passar por Sabios, antepõe, pospõe, e empregão os appellativos, os adjectivos, e os adverbios. Ah! Linguagem simples de hum Povo, que não foi desvairado na sua Razão natural! Tu sôas aos meus ouvidos muito melhor que a linguagem da maior parte dos guapos das Sciencias. Mas esses, que presando de Fidalgos, de homens de bem, e de Letras, gritárão — *Viva ElRei Constitucional* — ainda estarão empregados na Magistratura, e no Exercito? Eu conservo de cór huma Letra do anno de 1823 dirigida por hum Official ao Regenerador Sepulveda! Os Realistas sem mancha, os Officiaes, que verdadeiramente são Portuguezes, muito desejão, e com razão, não militar debaixo das Ordens desses homens de duas linguas, que se tem bandeado com todos os Partidos! O Governo tem bastantes Officiaes d'hum só caracter, que saibão commandar a Força armada; e antes haja poucos Officiaes, e esses sem mancha, do que muitos, e esses com mancha, porque tendo mancha, são Malhados, e sendo Malhados, ou são inimigos notorios

do Senhor Dom Miguel, ou se passão ao bando dos bodes, quando a conjuncção lhes parecer favoravel.

Vá porem outro exemplo, porque se muito me não engano, diz Seneca — *Longum iter per præcepta; breve, et efficax per exempla:* Portugal melhor se defende, e aprende por exemplos, que por doutrinas. Oxalá tantas más doutrinas se lhe não déssem, e tantos escandalos não continuassem! Forão não poucos os Generaes, e fôrão todos os Constitucionaes do anno de 1824, depois da deportação do Senhor Dom Miguel, (Ah! Se viesse a Juizo o que então se fez, não se faria agora o que se faz!) que gritárão — *Viva ElRei só!* — Outros dizião — *Viva Rossó!* — O Povo Portuguez não entendia este adjectivo — *só* —, porque seus ouvidos não estavão a elle acostumados, nem em algum Seculo se vio, nem ouvio este adjectivo — *só* — posposto á palavra — *Rei.* — Esta linguagem era nova para os Povos; e como elles querem sempre ir pelo seu R, a, m, Ram, aborrecião figadalmente aos que davão aquelle sedicioso grito. Se pelos Vivas a *El-Rei só*, queria dizer-se que a Soberania não tem partilha, que he indivisivel, que he attribuição d'huma só pessoa, o adjectivo — *só* — vinha por demais, porque o Povo Portuguez obedecia somente ao Rei, e não a mais alguem. Se pelo adjectivo — *só* — queria dizer-se que vivesse o Rei livre das Facções, o Povo Portuguez certamente desejava que o seu Rei fosse alliviado das Facções Palmella, e Subserra. Mas os Revolucionarios dizendo — *Viva ElRei só* — querião dizer — Proscreva-se toda a Familia Real — Perca-lhe o Povo o amôr, e o respeito, em que lhe vive affeito — Acabe na Pessoa do Senhor Dom João VI a Dynastia de Bragança: depois delle (dizião, ou querião dizer os Democratas) *Viva a Republica!* — E os Aristocratas em aquelle Viva querião dizer *Seja o Throno Electivo!!!* Este dobrado sentido tinha aquelle adjectivo — *só.* — Fôrão então vedados os Vivas ás mais Augustas Pessoas da Familia Real Portugueza. Ah! Que esses Militares, que os vedárão, andem hoje nas Fileiras do Exercito, que defende o Senhor Dom Miguel! Parece impossivel, e elle he hum facto, que provoca o desespero! Com que magoa o digo! Em 1824 fôrão prohibidos os Vivas á Familia Real!! Em 1832!! No Reinado do Senhor Dom Miguel!!... fôrão asperamente reprehendidos os Commandantes dos Batalhões de Voluntarios Realistas de Braga, e de Mirandella, por consentirem que os Voluntarios cantem no Porto os Hymnos Realistas!! a pretexto de não inquietar o socêgo público!! accrescentando que os Revolucio-

narios estavão sobejamente opprimidos?! Oh! Meu Rei! Acudi aos Vossos Soldados, e ao Vosso Povo! Opprimidos os Revolucionarios no Partido do Porto? He chegado o momento da sua desejada conflagração! Livres passêão elles em torno de mim! Noticias atterradoras, vozes alarmantes, calumnias insidiosas contra o Governo Real, e contra a primeira Grandeza da Côrte, nominalmente contra os Duques, tudo tem os malvados posto em movimento para accender o facho da discordia, e tudo fazem elles livremente! As Ordenanças são atacadas a vivo fogo, para não prender recrutas, o que acontecêo á minha vista! E estão os Revolucionarios opprimidos no Partido do Porto? Tanta actividade para vedar o uso do Cacete, e o regosijo público no cantico de Hymnos Realistas! E tanta somnolencia para punir o crime, para castigar os tumultos, para agarrar alguns dos principaes fautores da infame Rebellião de 16 de Maio de 1828!! Parece que algumas Authoridades, e Funccionarios Publicos comem somente dormideiras, pois se tem votado a applacar as cólicas aos Revolucionarios! Mas eu volto aos adjectivos, de que os Campeões da Filosofia Constitucional tem sobrecarregado o Nome de *Rei*, Nome, que por si, sem dependencia de epithetos, explica aos Povos o exercicio completo da Soberania, tal qual os Povos a respeitárão, obedecêrão, e amárão sempre: todavia esses malvados accusão aos Realistas de que á sua vez tambem accrescentárão á palavra — *Rei* — o adjectivo — *Absoluto* —, dizendo — *Viva ElRei Absoluto.* — E que tal he esta accusação? Primeiramente apparecêo o veneno, e depois a triaga; foi necessario buscar o remedio depois que se descobrio a molestia: as cousas contrarias com outras contrarias se curão: o adjectivo — *Absoluto* — foi accrescentado para abolir o adjectivo — *Constitucional.* — Ah! Diabos incarnados! Manda o Conde de Subserra metter em ferros os mais abalisados Realistas, (seus nomes me não esquecem) e diz — *Quizerão que ElRei fosse Absoluto, pois agora ahi o tem!* — Barbaro! Os Realistas quizerão que ElRei fosse *Rei!* Mas a resposta do trahidor era tambem repetida por alguns individuos empregados na Repartição do Estado Maior daquelles tempos! Eu não renovo discordias passadas. Mas os que fizerão aquella provocação aos Realistas não tem feito por estabelecer-se melhor opinião no Exercito, que peleja pelos Direitos do Senhor Dom Miguel Rei! Se fossem removidos das Fileiras, reinaria a confiança Publica.

Eu não tenho mais conhecimentos que os d'algum Latim, e d'huma parte do Larraga, digo d'huma parte, por-

que não sei quem mandou tirar delle os Tractados da Simonia, e da Usura, os quaes, dizem alguns, e com muito fundamento, não estão em uso, ou que fôrão desterrados para o Paiz dos Pobres; mas vindo ao caso dos adjectivos, e appellativos pospostos, ou antepostos á palavra = *Rei* =, por elles venho ao conhecimento de que os Revolucionarios os empregão com astucia diabolica, para occultar seu dolo, e trahição, ou para dourar a pilula; e eis-aqui como elles mesmos se manifestão pelas suas palavras, quando com ellas querem perverter a Razão dos Povos, e abusando da sua simplicidade affastá-los do caminho da Lei, e neste laço, e cilada cahio muita gente de lenço ao pescoço! E esta ainda hoje está na mesma rodiosca, pensando haver algum fundamento de legitimidade em Dom Pedro! Quando morrêo o Senhor Dom João VI ignorava a maior parte do Povo Portuguez que o Senhor Dom Miguel tivesse alguns Direitos ao Throno de Portugal; verdade he que o amôr, que Lhe consagrava, O desejava Rei; mas o amôr dos Portuguezes he amôr de Lei, e nunca se arroja, por grande que elle seja, a actos, que a Lei não permitta; assim acostumado a obedecer, e não a disputar, esperou com todo o soffrimento os destinos da Monarchia. Foi Dom Pedro levantado Rei; e o Povo, affeito a vêr no Throno o Primeiro Filho dos seus Reis, se aquietou, dizendo apenas = *Então virá Dom Pedro para Portugal? Mas! Será elle Rei Constitucional, porque no Brasil he Imperador Constitucional! Bem: Como elle não pode largar o Brasil, declarará que o Senhor Dom MIGUEL deve Reinar em Portugal.* = Isto dizia o Povo, e mais não dizia, porque só isto sabia: lá os Senhores Doutores (com perdão d'alguns) sabião o que no caso ía, porem huns callavão-se, porque não podião dizer = *Esta bôcca he minha* =, outros fallavão ás avessas, porque ha muitos, que tem isso de costume, e officio, e outros de profissão, e seita, quaes são todos os Pedreiros, malvados, e egoistas, que todos elles fazem boa liga. Porem eis chega a Carta Constitucional, *decretada, e dada pelo Rei de Portugal, e Algarves, Dom Pedro, Imperador do Brasil*, que assim o diz o seu Frontispicio. Então começão as gritarias — *Viva Dom Pedro, Rei Constitucional* —, e aqui estava a *trouxa*, ou a *canga*, que o Povo não queria vêr no que chamavão seu Rei: — *Viva Dom Pedro, Rei Legitimo* — aqui estava a albarda, que encobria as mataduras da Besta. Pois! já temos mais outra *trouxa?* dizião os Transmontanos. Viva ElRei, ouvírão dizer, e disserão sempre os Portuguezes em todos os Seculos

da sua Monarchia; e nunca foi preciso a hum Rei ajuntar outro Titulo, para se fazer respeitar, e obedecer dos seus Povos. *Rei Legitimo!* Se he *Rei*, he *Legitimo*; se não he *Legitimo*, não he *Rei*, he Intruso, he Usurpador, he Tyranno. Que quer dizer isto de *Rei Legitimo?* Nunca tal ouvimos, dizião os Povos; isto leva agua no bico; e este he o meu Bico d'Obra nesta Grande Questão. Se ha *Rei Legitimo*, se este adjectivo he necessario, discorrião os Povos, para ser Rei, he porque ha outro *Rei não Legitimo*; assim como chamamos Ouro legitimo, para o distinguir d'aquelle, que tem liga, ou que está falsificado; e Vinho legitimo áquelle, que he como sua mãi o pario; logo tambem ha Rei, que não he de Lei: temos pois historia: o Rei não faz a Lei para succeder a outro Rei, antes para elle ser Rei, já está feita a Lei: os Constitucionaes pois, que chamão a Dom Pedro *Rei Legitimo*, certamente elles fizerão essa Lei, para que seja Rei; ou Dom Pedro, elle mesmo se fez esta Lei, para subir ao Throno, porque, a não ser assim, isto de *Legitimo* não vinha ao caso, pois que nunca assim se titulárão os Reis de Portugal; temos gato em folle, vejamo-lo. Eis-aqui como os Constitucionaes, accrescentando á palavra — *Rei* — o adjectivo — *Legitimo* —, mettêrão os Povos em escrupulos sobre essa *Legitimidade*; e começando a duvidar, discorrêrão, e discorrendo acertárão no fito.

Os Hyperbatons são assaz raros na Grammatica, e na Rhetorica; e aquelle, que os emprega bem, e na verdade, não só conhece a força do Idioma, como está possuido de sublimes affectos. Os Revolucionarios porem carecem daquelles conhecimentos, e destes affectos, não havendo entre elles cousa alguma de sublime, antes tudo de baixo, e de rasteiro: o adjectivo — *Legitimo* — anteposto, ou posposto á palavra — *Rei* — no Dialecto Portuguez he hum Hyperbaton grosseiro, e soez, alem de doloso. Mas o mesmo Redactor da Carta, e o seu Decretador tanto elles erão ignorantes, e maliciosos, que no Artigo V, Titulo I, disserão — *Continúa a Dynastia Reinante..... Dom Pedro I, Imperador do Brasil, Legitimo Herdeiro, e Successor do Senhor Dom João VI.* — Ora bem: aqui está o *Legitimo* sobre *Herdeiro*, e *Herdeiro* conjuncto a *Successor*: vejamos se os Revolucionarios se não descobrírão a si mesmos, usando huma linguagem nova, e complicada, que, ou não tem sentido algum, ou o tem opposto, e encontrado comsigo mesmo. Se Dom Pedro era *Herdeiro*, tambem era *Successor*; logo huma das palavras sobeja, a não ser que se dis-

sesse *Herdeiro* do Patrimonio da Casa de Bragança, e *Successor* na Corôa; porem nesse mesmo sentido ha huma palavra de mais, porque, se era *Successor* na Corôa, tambem era *Herdeiro* do Patrimonio: mas *Herdeiros* do Patrimonio da Casa de Bragança o são todos os Filhos Legitimos do mesmo Tronco, e nem todos elles são *Successores* na Corôa senão por substituição, ou huns na falta dos outros; foi pois tomada a palavra — *Herdeiro* — no mesmo sentido que a palavra — *Successor.* — Logo a que proposito vem as duas palavras, quando huma só era bastante, e essa he a que está em uso? — *Successor* do Rei he o que por Direito Reina depois delle. — Sendo pois a palavra — *Herdeiro* — desnecessaria, muito mais superfluo, e redundante he o adjectivo — *Legitimo* — não usado jámais em semelhante caso. Quererião dizer os malvados que Dom Pedro he *Filho Legitimo?* Oh! Quanto esta desnecessaria qualificação não tem ella de insidiosa, de impudente, de audaz, e desaforada? Mas se isso não quizerão dizer os calumniadores, está muito por demais o *Legitimo*, porque se he *Herdeiro*, se he *Successor*, he *Legitimo;* e se não he *Legitimo*, não he *Herdeiro*, não he *Successor*. Duas qualidades de Herdeiros distingue o Direito, Seus, e Estranhos; ou Universaes, e Particulares; Voluntarios, e Necessarios; por Testamento, ou *ab intestato;* e tudo vem a dar na mesma; mas eu não tenho lido em Direito a distincção de *Herdeiros Legitimos*, e *Herdeiros Illegitimos;* porque, se he *Illegitimo*, não he *Herdeiro:* acaso o Diccionario Forense seja escasso de palavras; quizerão augmentá-lo os Jurisconsultos da Revolução; e, se o conseguirem, não haverá quem entenda o que seja Direito, Lei, Legitimo, e Legitimidade.

Legitimo Herdeiro, e Successor. Logo não he *Herdeiro*, e *Successor* pela sua nascença, pela sua Primogenitura, ou por haver ficado sendo o primeiro Filho do Senhor Dom João VI. Esta consequencia flue mui claramente da qualificação de — *Legitimo Herdeiro*, e *Successor* — que os Constitucionaes dérão a Dom Pedro, e que Dom Pedro acceitou, assignando a Carta, sem saber que assignava pela segunda vez a Sentença da sua Exclusão do Throno de Portugal, pois que a Dom Pedro ser *Herdeiro*, e *Successor* pela sua nascença, ou Primogenitura, a qualificação de *Legitimo* vinha a ser-lhe injuriosa, e desnecessaria. O genuino, e legitimo sentido do Texto he que Dom Pedro succedia ao Senhor Dom João VI, não pela sua nascença, (não se reconhecendo na linguagem Revolucionaria a filiação por hum princi-

pio de Successão) mas pela Lei: e aqui está a Grande Questão Portugueza, e nella o Bico d'Obra, que apontou da palavra — *Rei Legitimo*, *Legitimo Herdeiro*, *e Successor* — que tenha agua no bico. Se pois a Filiação, a Nascença, a Primogenitura, que erão as palavras, com que o Povo podia ser engodado, e bigodeado, não são o Principio da Successão, como se colhe da linguagem da Carta, onde está a Lei? Respondei Sabichões da Revolução: onde está a Lei, que o Imperador do Brasil seja Rei de Portugal, se vós mesmos fizestes a Lei de que o Rei de Portugal não podesse ser Imperador do Brasil? Como podeis vós reciprocar os dous Titulos, e as duas Corôas, se vós mesmos separastes aquelles, e estas? O nome de *Figueroa*, Sacerdote Gallego, não esquecerá jámais na Diplomacia Hespanhola, e na Curia Romana, porque bigodeou a esta. Eu ganharia tambem nome entre os Portuguezes, refutando toda a Diplomacia Constitucional da Europa sobre esta Questão, se podesse escrever immediatamente depois da publicação da Carta: o que escrevo, e tenho escrito, não sahe do que tenho lido, porque antes de lêr cousa alguma, assim discorri, e escrevi como agora. Os mesmos Constitucionaes me subministrárão os argumentos: alguns dos meus Leitores, elogiando este meu modo de arrazoar pelos mesmos Principios Constitucionaes, me increparão de o não fazer tambem pelos Principios da Jurisprudencia Portugueza; mas esta increpação não me parece mui razoavel: a Jurisprudencia Portugueza he que, no caso de Questão sobre Successão ao Throno, os Tres Estados do Reino a julguem, e sentencêem definitivamente; que deste Julgado, e Sentença não haja appellação, aggravo, nem outro recurso senão para as Armas contra os que resistirem; que seja desherdado, que não succeda nestes Reinos, e Dominios Filho *infame*, Filho rebelde a seu Pai, e aggressor á sua Patria; que não Reine em Portugal Soberano *Estrangeiro*. Mas a Jurisprudencia Portugueza não diz huma palavra, não contém huma Lei sobre o Imperio do Brasil, nem mesmo poderá legislar sobre huma Corôa Estrangeira: a verdadeira Jurisprudencia Portugueza he que os Brasileiros sejão reduzidos á obediencia dos Senhores Reis de Portugal. Fallando pois dos Direitos de Dom Pedro, eu não podia recorrer senão aos argumentos da Jurisprudencia Constitucional, ou Revolucionaria, porque só pela Revolução he que o Brasil se desmembrou de Portugal, e que Dom Pedro se constituío Imperador do Brasil; e como elle por este facto se fez *rebelde*, inimigo da Nação Portugueza, e Soberano

Estrangeiro, acho que se deve fazer com elle na forma, que diz o Rifão dos Feirantes de Bois do Minho — *Pedro, e Boi negro, engordá-lo, e vendê-lo.* — Nada de Pedro: *prendê-lo, e alimentá-lo.* Logo a Lei, pela qual Dom Pedro, Imperador do Brasil, foi levantado Rei de Portugal, he a Convenção Maçonica, a mesma Convenção, ou Conjuração, que o fez Imperador do Brasil: esta descoberta fiz eu na palavra — *Legitimo Herdeiro, e Successor* —, com que os Revolucionarios o albardárão, para mettê-lo disfarçado ao Povo Portuguez, que, se ao principio não conhecia na sua maioria os Direitos do Senhor Dom Miguel, lá lhe dizia o coração que Dom Pedro não podía ser Soberano dos dous Paizes.

Acabe por huma vez o Bico d'Obra nesta Grande Questão, pois se o não cortar pela sua raiz cresceria mais que quantos Bicos tem produzido o Reino dos Bicudos. Aquillo de — *Pelo Rei de Portugal, e Algarves, Dom Pedro, Imperador do Brasil* —, que vem na fachada da Carta Constitucional, dêo-me tambem no gôto. Não só os adjectivos, tambem os appellativos antepostos, e pospostos pelos Revolucionarios ao Nome do Soberano, e á palavra — *Rei* — indicão tanto o seu dolo, como a sua ignorancia. Jámais o Diccionario Portuguez pospõe á palavra — *Rei* — senão as que designavão os Estados, e Dominios, de que he Rei, e Senhor, nem accrescentou ao Nome do Soberano outro Titulo mais, se antes do Nome já pozera a palavra — *Rei.* — *Viva ElRei Dom João;* ou *Viva Dom João Rei;* tal era a linguagem, que se achava, e que se ouvia na Acclamação do Senhor Dom João IV; e este uso, e costume se teve antes, e depois delle, sem que se tenha conhecido outro, senão depois que os Revolucionarios introduzírão a sua algaravia. Quanto não he fastidiosa, mal sonante, e exotica esta linguagem — *Viva ElRei de Portugal, e Algarves, Dom Pedro, Imperador do Brasil!!!* — Esta linguagem não he a da Lei, he a da Revolução! Porque não escreverião os Constitucionaes — *Dom Pedro, Imperador do Brasil, e Rei de Portugal, e Algarves?* Porque? Porque era preciso occultar aos Brasileiros o mysterio da Revolução de Portugal. Se Dom Pedro fosse titulado por esta forma, o Brasil se julgaria outra vez unido a Portugal, e dependente da Nação Portugueza, e nesse caso antes quereria ouvir — *Dom João Rei do Reino-Unido de Portugal, Brasil, e Algarves.* — Os Brasileiros não consentem que o seu Imperador seja Rei de Portugal, porque a Separação dos dous Paizes foi o princi-

pio da sua Sublevação, e nesta parte vão mais consequentes que os Revolucionarios de Portugal. Que vergonha! Se os máos Portuguezes fossem capazes della! Assim Dom Pedro, occultando as suas vistas ambiciosas aos Povos do Brasil, fingio que abdicava a Corôa de Portugal; mas esta pérfida occultação foi conhecida, e Dom Pedro foi arrojado do Brasil! Assim a Revolução excluio a Dom Pedro do Throno do Brasil, e de Portugal; e a Jurisprudencia Portugueza, proscrevendo a Revolução, julgou a Dom Pedro sem alguns Direitos ao Throno de Portugal: a Politica da Diplomacia Ingleza enganou-se desta vez nos seus calculos, perdendo toda a sua influencia em Portugal, e no Brasil, enraivecidos contra ella os mesmos Revolucionarios dos dous Hemisferios. Mas (e concluo huma materia, que ainda exigia mais paginas) a Revolução produz bens preciosos: a de 1820 produzio o Regresso a Portugal do seu Rei, e da Familia Real: a de 1824 fez mais conhecidas as heroicas virtudes do Senhor Dom Miguel: a do Brasil livrou a Portugal de ter hum máo Rei: a Carta Constitucional fez mais saudosa a presença do Senhor Dom Miguel, e tornou mais públicos seus Direitos ao Throno de seu Pai: a Rebellião de 16 de Maio de 1828 livrou ao Brasil d'hum máo Principe: as tentativas dos Revolucionarios de Portugal em differentes crises ajoeirárão algum tanto a Magistratura, e o Exercito: (ainda ha muito que fazer nesta parte!) a empreza de Dom Pedro descartará a Portugal por huma vez de todos os seus inimigos: as declamações Diplomaticas contra o Senhor Dom Miguel produzirão o exterminio da Maçonaria. Assim Deos exalta seu Poder, e sua Gloria no castigo da impiedade, e no premio da virtude. Seguem-se grandes cousas...

Rebordosa 9 de Abril de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1832.

Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 38.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

O Castigo do Douro.

O Douro, chamado com este nome o Paiz mais célebre da Provincia de Trás-os-Montes, demanda a attenção especial de todos os bons Portuguezes, não só porque nelle tem Portugal o mais poderoso manancial da sua riqueza, como em razão dos seus habitantes. Fecundo, e generoso na producção dos Vinhos, que são os mais preciosos da Europa, elle o he igualmente na producção dos melhores homens do Mundo: talentos, virtudes, brio, valôr, marcialidade, honra, fidelidade, hospitalidade, (eu não amontôo nomes para encher papel) probidade, boa fé, palavra, sinceridade, e tudo o que faz amaveis os homens, tudo se acha no Douro, e não em hum qualquer gráo, mas em gráo eminente. Se eu não preferisse a verdade por caracter, profissão, e habito, a tudo quanto o Mundo ama, poderia bem ser taxado de paixão, porque ao Douro devo o ser Portuguez; ao Douro devo agasalho, estima, honra, e todas quantas considerações o coração préza: quem confessa o beneficio, agradece-o; assim eu lhe mostro a minha gratidão, mais não posso. Todavia quero que meus leitores entendão que quantos louvores tributo ao Douro, não se dirigem somente aos habitantes da Provincia de Trás-os-Montes, aos que sou especialissimamente devedor; tambem aos habitantes da Beira Alta: eu não desejo aggravar a Sede primitiva da Monarchia Portugueza, Lamego; não posso esquecer-me que ahi os esforçados habitantes das tres Provincias do Norte, com as espadas núas alevantadas para o ar, jurárão defender até ao fim do Mundo as Leis, que acabavão de fazer, de não consentir no Thro-

no Portuguez a Principe Estrangeiro, nem a Principe algum, que tivesse feito guerra ao Rei, e ao Reino, ou que desamparasse o Estandarte Real. Mas não sáia da penna huma linha mais sobre a Grande Questão Portugueza ácerca da Successão ao Throno, podendo ainda formar muitas mais, as que todavia hei de metter por geito no tecido desta Obra, que tanto tem dado, e dará que fallar aos Realistas, e aos Malhados, enchendo de prazer a huns, e de pezar a outros. Ora pois, *Pedro, nem mantê-lo, nem á porta vê-lo*, como diz huma antiga Sentença de Lisboa.

Bastaria tomar na bôcca os appellidos dos Colmeeiros, e Caldeirões, dos Botelhos, dos Homens, dos Corrêas, dos Teixeiras Lobos, e dos Teixeiras Lacerdas, dos Canavarros, dos Mellos, dos Ferreiras, dos Pintos, dos Fonsecas, dos Cardosos, dos Pisarros, dos Peixotos, dos Coelhos, dos Vases Guedes, dos Vilhenas, e dos Veigas Cabraes, para verificar os elogios, que tenho de fazer aos habitantes do Douro; mas se os meus leitores querem mais concisão, e poupar-se á fadiga de estudar o Diccionario dos abalisados Durienses, eu lhes nomeio hum só, e basta elle para honrar, e ennobrecer ó Douro, se o Douro não contasse em cada seu habitante hum Portuguez brioso, e honrado: o immortal Francisco da Silveira, Primeiro Conde de Amarante; e vá outro, que lhe foi igual, seu Filho Manoel da Silveira, Marquez de Chaves: qual he o Portuguez, por muito honrado, e muito bom que seja, ou que tenha sido, ou no presente Seculo, ou em todos os preteritos, que possa hombrear de maior que estes dous Fidalgos Proprietarios, e naturaes do Douro, ou em valôr, ou em brio, ou em fidelidade ao seu Rei, e á sua Patria, ou em hospitalidade aos Estrangeiros, ou em generosidade com os seus Patricios, ou na guarda da sua palavra com todos, ou finalmente na grandeza de todas as suas acções? Que Portuguezes tem havido, ou ha, que tenhão as barbas mais honradas, e melhor acreditadas, que estes dous filhos do Douro? Que os igualasse, offerece-se-me Dom João de Castro: que os excedesse, nenhum. Campão os Vinhos do Douro de mais preciosos que todos os da Europa, podendo bem arrogar-se o epitheto de — Vinho Soberano. — Assim, se he licito comparar ás cousas grandes ás pequenas, os entes inanimados aos racionaes, se bem que o Vinho do Douro he animador para os que bebem com muita sobriedade, como fazem os naturaes d'aquelle Paiz, entre os quaes a embriaguez apenas se conhece, assim os Povos do Douro podem campar entre os outros de Portugal em todas as virtudes, que deixo nomeadas, e especialmente no valôr, e na fi-

delidade: sem remontar as provas aos Seculos passados, no presente os Povos do Douro fôrão os primeiros, que em 1808 se abalançárão a gritar contra a oppressão Franceza a prol da Independencia da Nação Portugueza, e da Restauração da Augusta Dynastia de Bragança; elles fôrão os que em 1820 mais constantes fôrão em não reconhecer o infame Governo do Porto; elles fôrão os que em 1823 quebrárão, primeiramente que todos, os grilhões, com que os Demagogos havião algemado o Throno Portuguez; nesse Paiz em fim nos annos de 1826, 1827, e 1828..... Seus habitantes pois dérão a Lei, tomada a Lei na accepção de exemplo, que a todos arrasta, e as Cartas aos outros Povos de Portugal, pois que estes, emulando o valôr, e a fidelidade daquelles, os imitárão, e seguírão; certamente o Rio Douro, que logo depois de nascer corre perto da antiga Numancia, colhêo ahi o valôr, e o heroismo desse Povo, e o transmittio perto do seu occaso aos Povos, de que fallo.

Prospero, e grandioso este Paiz pelas virtudes dos seus moradores, he igualmente venturoso pelas riquezas, que nos seus preciosos Vinhos lhes offerece; riquezas, que fluindo a mãos cheias sobre as Provincias do Norte, e sobre o Porto tem feito a fortuna destes Povos. Eu não sei que possa mover mais a admiração dos Estrangeiros, que a cultura das terras do Douro: ásperas, íngremes, e estereis como ellas são pela sua natureza, a Arte, e huma assidua laboriosidade as tornou deliciosas, aprazíveis, e fecundissimas, sobre o que me lembra aquella passagem de Jesus Christo, Deos, e Homem Verdadeiro, e Senhor de todos os mortaes, não ceder á tentação de Satanaz, que lhe commettia que convertesse as pedras em pão — *Dic, ut lapides isti panes fiant.* — Mas Deos, que não quiz converter as pedras em pão aos rogos do Diabo, convertêo-as depois em vinho, favorecendo os trabalhos dos Povos do Douro: quero dizer que em terras, costas, ladeiras, e montes, que nem mato produzião, onde tudo he pedra, tudo cascalho, ahi a industria dos moradores do Douro faz produzir o Vinho mais precioso, a ponto de poder-se dizer sem grande hyperbole que os do Douro convertêrão as pedras em vinho. Certamente não sendo eu muito pasmão, porque poucas cousas me fazem abrir mais os olhos, admirei-me sobre maneira do artificioso, difficil, mas sublime amanho daquellas cascalheiras convertidas em hum Jardim, ou Pomar (dêm-lhe lá outro nome, se quizerem, que este serve para o meu pensamento) o mais ameno, o mais copioso, o mais productivo, e o mais delicioso do Mundo; nada ha em Portugal, que apresente huma tão bella, e tão

interessante perspectiva como o Douro apresenta: a Europa na cultura dos seus terrenos não tem cousa melhor, *maxime* se entrarem em contas as summas asperezas, que as terras do Douro offerecem. Embora digão alguns Portuguezes que a Provincia do Minho he o Paraiso de Portugal; se querem que se esteja pelos autos, passeado o Douro nas quatro estações do anno, hão de confessar que alli estão os Montes Elysios, deixando lá os Campos Elysios da Fabula á disputa dos Italianos, e dos Hespanhoes, querendo estes que elles estejão situados nas Andaluzias; pois como não ha valles sem montes, não me importo de que aquelles sejão Elysios na Italia, ou na Hespanha, com tanto que me não disputem que os montes Elysios são os do Douro. Quanto são certamente venturosos, e grandes os moradores do Douro tanto pelas suas virtudes, como pelas suas riquezas! Mas....

O Douro tem esmorecido na virtude, e na riqueza! Ha lá muitos, que com seus péssimos crimes tem toldado a gloria do Douro! Ha outros muitos, que com as suas lagrimas tem engrossado as correntes do Rio mais felicitador de Portugal! O Douro está castigado!!! Quaes os seus crimes? As suas mesmas virtudes! Quaes os Algozes? Estão no Porto! E não se punem os criminosos, e não se attende aos desgraçados? Em Lisboa sabe-se pouco que o Douro he a chave dourada das Provincias do Norte, a chave da sua prosperidade, e tranquillidade, o pomo d'ouro das Hesperides, e que he roubado não tanto por Minos, como pelos Minotauros, por esses monstros meio homens, e meio touros. Eu vou descobrir quaes são as virtudes do Douro, que fôrão reputadas crimes, pelas quaes elle he castigado, e depois abrirei o ventre da Besta, que encerra os malvados algozes do Douro.

A virtude do Douro, pela qual elle he castigado, he a fidelidade ao seu Rei, reunida ao maior denodo, á mais corajosa intrepidez, á mais invicta constancia, e á mais heroica firmeza no soffrimento dos mais desesperados perigos em conservação da mesma fidelidade. Eu não cito em prova testemunhos domesticos: atteste o Marechal Soult a heroica opposição, que o Douro lhe fez na Ponte de Amarante: he testemunha viva, e imparcial: não me arguão pois de que este discurso, e estes louvores são encommendados. Esta mesma fidelidade, e valôr, que forma o caracter ingenito dos Povos do Douro mostrárão elles no anno de 1820, e ainda mesmo em 1823, sem embargo de que alguns dos seus habitantes vendidos ás Facções, e nas Facções, ninguem conserva caracter, e alliciados, ou movidos dos discursos, e das promessas d'alguns bandalhos, que se tenhão bandeado com huns

certos Caixeiros do Porto, faltárão pela primeira vez á sua mesma natureza, ou propensão natural de se arrostarem aos perigos em defeza do seu Rei. Assim mesmo a heroica fidelidade de quasi todos os habitantes do Douro foi hum crime de Leso-Maçonismo, de que nem o Porto, nem os Radicaes da Inglaterra querem conceder-lhe amnistia, nem ainda perdão, tendo jurado elle, e elles odio eterno, perseguição, e vingança sobre os habitantes do Douro. Ah! Douro tanto infeliz, quanto virtuoso! Se podésses restituir-te ao teu estado de opulencia, tu certamente escarmentado da traição não irias entregar a tua riqueza a huma Cidade aleivosa, e a huma Nação estranha, que ambas de mão commum te votárão á desgraça, á pobreza, e á fome. A quem senão ao Douro deve o Porto o seu estado de augmento? E quantos milhões não empolgou o Commercio Inglez sobre o immenso producto dos Vinhos do Douro? O Douro vendêo seus Vinhos para enriquecer hum sem número de lazarentos Caixeiros do Porto; e a respeito dos Inglezes cambiou a melhor producção da Europa pelas mais inferiores Chitas e Quincalharias da Inglaterra! Decretou-se pois, e foi assim decidido nos Clubs Maçonicos de Portugal e da Inglaterra, empobrecer o Douro, para que aquelles Povos não podéssem mais fazer cousa alguma em favor do seu Rei, e contra o Liberalismo, e para que obrigados pela fome, a qual, dizem, não tem Lei, se passassem para o lado dos bodes, ou dos bandalhos de todas as Nações. E eis-aqui o castigo, e ao mesmo passo o crime!

Consistindo a riqueza do Douro na exportação e consummo dos seus Vinhos, o Douro tem de fazer precisamente o seu commercio com os Negociantes da Cidade do Porto; e sendo estes abertamente inimigos jurados dos Realistas, eis como a Revolução e a Maçonaria exerce huma omnimoda e absoluta influencia sobre o Douro. Eu desejára ser breve, mas talvez serei confuso. O Douro não pode contractar sobre os seus Vinhos depois de envasilhados sem que elles sejão submettidos primeiramente á vontade e planos da Companhia denominada — Do Alto Douro —, a qual tem para isso Leis e Regulamentos, que nem sempre se observão. Daqui se colhe que se os Empregados na Companhia, que são nomeados pelo Governo, fôrem Pedreiros ou Revolucionarios, ou misticos, que vale tanto como Malhados, (actualmente haverá lá de tudo como em Botica) os Povos do Douro tem cahido debaixo do poder da Revolução e do poder da vingança. Os Vinhos pois devem ser primeiramente qualificados e depois postos no Mercado, ou Feira; a qualifi-

cação he feita por dous homens, que tem a denominação de — Provadores —, devendo ter antes a de Califas, porque delles pende absolutamente a felicidade, ou a desgraça do Douro; pois se o Vinho fôr reprovado, está quasi perdido: ora se os Provadores fôrem Malhados, (eu não ponho nomes aos actuaes, elles são lá conhecidos) os Vinhos de todos os Proprietarios Malhados ficão approvados *in limine*, mesmo antes das provas: chegão á Adega do Proprietario, tocão, e enlação seus dedos impudicos, (são os dedos maiores) o que he hum dos signaes da Maçonaria, e seus Vinhos ficão *ipso facto* approvados na primeira qualidade: chegão os mesmos, sendo Malhados, ás portas do Proprietario Realista; o pobre homem não conhece o dedo do toque; provão-lhe o Vinho, começão de lhe fazer caras, ainda que elle seja optimo, e he reprovado, porque o reprove já estava feito antes de os Provadores terem entrado na Adega, salvo o caso de que o Realista tenha ido antes a casa dos Provadores, e lá deixasse as suas vinte moedas, (houve tempo, em que cada hum dos Provadores embolsava annualmente tres mil cruzados destas simonias vinhaticas!) ou o caso de que á Seita interesse agraciá-lo. Qualificado o Vinho, os Provadores dão parte á Companhia do número de pipas approvadas na primeira qualidade; e se os Empregados da Companhia fôrem taes, como eu disse, certos de que todo, ou quasi todo o Vinho da primeira qualidade he de Malhados, escolhem esse mesmo número de Pipas para o grande preço, ou taxa; e ao outro Vinho, que na hypothese he de Realistas, lhe dão huma estimativa tão baixa, que os Realistas, ainda que o vendão, ficão a fazer cruzes na bôcca. Passada a operação da prova, e da taxa, vão os Proprietarios á Feira, que chamão dos Vinhos, e eu chamo das lagrimas, e das maroteiras; a Companhia tem a preferencia na compra, e na escolha dos Vinhos da primeira qualidade pela taxa estabelecida, sem que o Proprietario os possa vender antes a nenhum Negociante, ainda que este lhos queira comprar por preço dobrado: ora, se a Companhia fôr de Malhados, tendo ficado na primeira qualidade o Vinho d'algum Realista, o que alguma vez succede, ou por quanto contribuio com as tantas moedas, ou porque algumas vezes os Malhados salvão as apparencias, a Companhia faz a sua preferencia no Vinho desse Realista, para que não possa ter alguma maioria, ou excesso. Feita a compra pela Companhia no número, e forma, que lhe aprouve, começão os Negociantes do Porto, e os Inglezes a fazer a sua Feira: apresenta-se hum Realista, e diz o Negociante: Vossê tem a Medalha da Heroica Poeira;

Vossê tem emigrado para a Hespanha; já tenho feito todas as minhas compras! Diz o Inglez: *No comprrro, comprrre lo Silvére!* Eis-aqui como os Realistas do Douro gemem debaixo de todo o peso da Maçonaria. E que farão elles? Desesperados de remedio, cançados de tanto soffrer, exhauridos pela fome, bandêão-se com os Malhados, dão a mão á palmatoria, ajoelhão ao Idolo da Maçonaria, e já perdida a constancia, que he de muito poucos, vendo que só os trahidores, só os Pedreiros, só os Malhados tem a barriga livre de miserias, fazem-se outros que taes como elles, vindo a ser muito poucos os Realistas, que tanto possão soffrer, e esses mesmos sem esperança, que he o ultimo bem, que o homem pode perder. Eis o que no Douro passa, o que o Douro soffre, e o que tem levado o Douro ao ultimo extremo do desespero.

Meu Rei! (Ah! Se estes rudes, mas verdadeiros Escriptos merecessem que ElRei, e Seu Paternal Governo os visse, o Douro sería livre da preponderancia, ou prepotencia Maçonica, assim Estrangeira, como Portugueza; mas elles não merecem ser elevados á Real Presença!) Meu Rei! Acodi ao Douro! Este Paiz he o berço da fidelidade ao Throno! Elle embalou o Conde de Amarante, e o Marquez de Chaves! O Douro foi a sepultura do Maçonismo! Não permittaes, Senhor, que o Maçonismo o domine!

Eu fui sempre e sempre hei de ser hum acerrimo Defensor da Companhia do Alto Douro; o mesmo Douro o sabe: mas eu não estou obrigado a defender a conducta de todos os seus Empregados; eu os não impugno, nem a Censura soffre que o Malhadismo se personalise, em quanto a Lei o não acha e julga. Digo todavia a bem da Defeza de Portugal, que se a Companhia não for formada de Realistas Classicos, o Douro he desgraçado, e a Maçonaria e o Radicalismo Inglez tem alcançado o seu maior e mais desejado triumfo. Sei, e possuo a Biografia de todos os actuaes Empregados Altos da Companhia: se nelles estiver algum Regenerador de 1820, algum complice na infame Rebellião de 16 de Maio de 1828, algum que tenha dito no Ministerio do Subserra — *Se me fizeres Deputado, ficarás por minha morte com mais trinta mil cruzados* —; algum, que tenha Irmãos na Ilha Terceira, com os quaes se communique; algum, que tenha tomado o Juramento de Pedreiro na Loja das Virtudes, ainda que esse mesmo seja Morgado dos Nabos, a Companhia não será mais que huma Comparsa de Oppressores dos Realistas do Douro, de Recrutadores do Maçonismo, de Coadjuvadores do Tyranno Pedro, e de inimigos do Senhor Dom MIGUEL.

Eu tenho estudado em theoria a Arte de Furtar, composta com muita elegancia, e com a sua prodigiosa erudição pelo Grande Padre Vieira. Se elle tivesse composto a Arte de enriquecer, sem furtar, eu a poria em prática, e sería hum Cresso, para repartir com os Realistas Lazaros do Douro. Mas de que o Padre Vieira, sendo hum Sabio em todas as Artes, e Sciencias, não soube d'esta Arte de enriquecer, ao menos de pressa, sem furtar, entendo que a não ha, e que os que muito enriquecem, sem terem herdado, devem furtar, e ter furtado. Se eu visse hum Inspector de Aguas-ardentes, que, sendo-o por espaço de oito annos successivos contra a Lei, dispendesse em usos proprios mais de cem mil cruzados, fazendo d'huma vil Choupana hum sumptuoso Versailles de París, com huma estrada magnifica em distancia de legoa e meia, com trabalhadores tirados das Estradas Publicas do Douro, em que nada se tem feito; se eu visse que este homem, ou monstro, tinha hum Cosinheiro com vencimento diario de oitocentos réis, hum Escudeiro com vencimento mensal de 19200, e hum Capellão com a dotação annual de 220$000 réis, diria: aqui temos nós hum Grão-Visir, o Caco Portuguez, e o Ladrão dos Povos do Douro, o maior Agente da Maçonaria, o flagello dos Realistas, o homem do Pedro, porque tanto dinheiro não produzem os nabos, nem as bouças, nem as cóvas. Se eu visse que algum Empregado Alto desprezasse usar da Amavel Effigie do Idolatrado Rei Dom MIGUEL, tendo-lha este Augusto Senhor Concedido por Sua Bondade sem limites, eu diria que esse tal homem tem cerne como o Carvalho. Se eu visse que hum Caixeiro do Porto, ou Chafariqueiro, que ha dous dias nada tinha de seu, faz agora Adegas formidaveis, arrollando Vinhos em nomes suppostos, contravindo ás Leis, e recebendo em premio das suas traficancias o approve geral de Vinhos comprados na Bica ao Lavrador Realista, que já não tem animo de os envasilhar, eu diria que a Companhia do Alto Douro protege o Contrabando, promove somente seus interesses, e não os dos Povos do Douro, agasalha a Maçonaria, e a Caixeirada, favonêa as vistas dos Radicaes da Inglaterra, e fomenta a ruina, a miseria, e a perdição dos Realistas do Douro, e na perdição destes cava a ruina do Throno.

Meu Rei! Acodí ao Douro, que, se não acodís, o perdeis! Mas eu não vejo outra cousa, que a escandalosa compra de 800, ou 1000 Pipas de Agua-ardente de péssima qualidade, que impede ao Douro, e ás Provincias do Norte, a exportação de doze mil Pipas de Vinho da sua cultura. Meu

Rei! O Douro brada de fome; e os Vossos, e seus inimigos lhe dizem que o Vosso Governo authoriza a sua desgraça, quando Vós sois o Pai dos Pobres!

Queira o Ceo que minhas vozes entrecortadas por impetuosas lagrimas de compaixão sobre o berço da Realeza, o Douro, cheguem opportunamente aos Ouvidos do Piedosissimo Rei, para que os Pedristas, e todos os inimigos de Portugal não fação do berço da Realeza o tumulo do Heroismo, e da Virtude. Mas eu não clamo fóra de tempo.

Vai proceder-se á Eleição da nova Junta da Companhia do Alto Douro, e o Douro espera com ancia vêr-se na mudança livre dos males, que sobre elle pesão desde o anno de 1824! Eu conheço Accionistas habilitados para serem empregados: não injurío os que não nomeio, mas os que nomeio, conheço. — Augusto de Sousa Alcoforado = João de Mello da Cunha Sotto-maior = João da Cunha Osorio. — Estes são Officiaes do Batalhão de Voluntarios Realistas do Porto, e em todo o tempo derão provas não equivocas da sua adhesão ao Systema da Realeza, ou, em termos claros, do seu amôr a Deos, e ao Senhor Dom Miguel Rei Absoluto. José de Sousa e Mello = José de Mello = Manoel de Mendoça Figueira de Azevedo = e Joaquim Rangel Pamplona. = Perdoem-me os não nomeados, eu bem quizera nomeá-los, mas ninguem me encommendou o Sermão, e a penna, por mais que eu porfie, não quer largar mais tinta; não insto, porque deitará nodoas sobre o papel, e não poderá elle sahir ao público, pelo não entenderem os Editores!

Douro! Saudoso Douro! Hum Hespanhol lançou os alicerces á tua opulencia, e ventura! Podéra eu, a quem tu fizeste Portuguez, contribuir á reparação das tuas desgraças, ao allivio das tuas lagrimas, e á conversão para a Realeza daquelles, a quem a fome, e a desesperação fez Malhados! Mas confia em Deos, e no Senhor Dom Miguel teu Rei Desejado!

Mas minhas lagrimas apagão as impressões da penna. Huma só verdade em retirada! *Girão* estudou em converter em vinagres os Vinhos do Alto Douro, e não lhe foi longe, que quasi o não alcançasse! A Maçonaria tem trabalhado por fazer Malhados os Realistas do Douro, ou por fazer desgraçados os que tem caracter! E dará o ultimo golpe?.....
Ex corruptione optimi oritur pessimum.

A Poesia allivia os meus cuidados. Eis pois huma versificação, que não para este fim, mas serve ao caso, me foi enviada por hum Fidalgo, Proprietario, e nascido no Douro, que tem mais actos de honra em Defeza de Portugal, do

que eu posso escrever de linhas; eu não tenho licença para dizer seu nome. A Versificação he pouco usada, e parecerá exotica aos não versados no seu conhecimento; porem he expressiva, e cabem nesta especie de Verso os pensamentos mais sublimes, e engenhosos. Chama-se

AMPHIGURI.

1.ª

Ladinas Raposas,
Lobos, nem Pedreiros,
Não poupão Carneiros,
Pintos, Ovos, nem Gallinhas.

2.ª

Não soffre visinhas
Nestas avenidas,
Guardas desqueridas
Do Pastor, e mais do Gado.

3.ª

Sou homem honrado,
Não tenho receio,
Hei de pôr-lhe freio,
Não ha que deferir.

4.ª

Dou-lhe que sentir?
O que ha de ser, seja;
Se a trahição forceja,
Passem bem até mais vêr.

5.ª

Antes não comer,
Que honra val mais:
Em extremos taes
Vão-se anneis, fiquem os dedos.

6.ª

De occultos enredos
Não gosta o Maioral:
E por aposta igual
Vista o Lobo a sua pelle.

7.ª

Arrenego eu delle,
Quando se traveste,
Só encaixa peste
Por dinheiro, e mais dinheiro.

8.ª

Maldito Aventureiro!
Que estranha miseria!
Vá para a Siberia
Trolha, Mitra, e Avental.

9.ª

Quer só nosso mal?
He Caboclo, amouco:
Amarrai o louco,
A'manhã tereis jantar.

10.ª

Que o vá ganhar
Elle, e seus amigos
Nossos inimigos,
Trape Zape, Zuz-Catruz.

11.ª

Não ha chús, nem bús,
Ralhão os Compadres,
Descobrem verdades,
Vai tudo em pulverosa.

12.ª

Leio toda a prosa,
Toda a Contra-Mina,
Que Altar em ruina,
Throno, e Patria quer salvar.

13.ª

Quero inda ateimar
Que me avisem todos,
Em segredo, os modos
De açaimar os Mações.

14.ª

Malvados Ladrões!
Não temo a Grã-Besta;
Hei de pôr-lhe á testa
Aguia, Leão, Estrella, Cruz.

15.ª

Essa falsa luz,
Que tanto vos céga,
Em quanto fuméga
Por força se ha d'apagar.

16.ª

Não nos ha d'escapar
Espelunca infernal;
Bem vigiado o mal,
He facil de s'extinguir.

17.ª

Não se ha de consentir
D'essa horda, e covil,
Nem mesmo hum Aguasil,
Tambor, Sacristão, Porteiro.

18.ª

Assim nosso poleiro
Os nossos bens, e pelles
Fóra do mando delles
Ficão livres de trahidores.

19.ª

Em quanto algum Pedreiro
Entre nós s'esconder,
Não temos que comer,
Paz, socêgo, nem dinheiro.

Rebordosa 11 de Abril de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: Na Impressão Regia. Anno 1832.

Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 39.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

A Ilha Terceira.

JULGARA' o Publico que eu vou bradar nesta Epigrafe contra esse rochedo, onde se encastellou a trahição, e a tyrannia; e que tomando eu o *non causam pro causa*, carregarei os naturaes da Ilha de imprecações, de improperios, e de maldições, desejando que o mar os trague, e suma nas suas furiosas ondas, para a Nação Portugueza se vêr livre dos ameaços, e perigos, em que a tem posto a mais brava conjuração dos seus inimigos. Mas, e se Portugal não tivesse inimigos, se em hum só instante se descartasse delles, se estes não tivessem hum seguro, donde podessem pôr á prova de bomba os amigos do Senhor Dom MIGUEL, como se engrandecerião os Portuguezes? Como subirião elles ao cume do heroismo, e da gloria? Não dirião os Estrangeiros que a Exaltação do Senhor Dom MIGUEL ao Throno fôra hum movimento de volubilidade, e de inconstancia? Como serião os Portuguezes levados nas azas da Fama ao Templo da Immortalidade pelo seu valor, e pela sua prodigiosa constancia em arrostar perigos inauditos, trabalhos insoffriveis, e inimigos poderosissimos? Se a Nação Portugueza na Acclamação do Senhor Dom João IV não tivesse de soffrer por quasi sessenta annos a guerra mais trabalhosa da parte da maior Potencia do Mundo, os Portuguezes terião seguido a sua Lei em aquella Acclamação, mas não serião dignos da admiração universal, a qual nasce de feitos difficultosos de

se cometterem: dir-se-hia acaso que a ambição do Duque de Bragança manejára a vontade do Povo, o qual se suppõe sempre capaz de qualquer direcção, que se lhe queira dar: mas a espantosa guerra, que os Castelhanos lhe cometterão, e que os Portuguezes vencêrão, mostrou com toda a evidencia que não fôra a ambição do Duque de Bragança quem manejára a vontade do Povo, mas que fóra o Povo quem elevára o Duque ao Throno; sim, o Povo cheio de razões, cheio de valor, cheio de honra, e de virtude, e por isso constante no seu proposito, e soffredor de todo o peso da Castella, que de toda a parte o opprimia. Estes mesmos trabalhos, e a mesma, ou maior gloria no soffrimento, e no vencimento delles devia esperar o Povo Portuguez na Acclamação do Senhor Dom Miguel. Aquelles, que imaginárão, que para desbaratar a Dom Pedro não havia mais a fazer que acclamar o Senhor Dom Miguel, delirárão, ou estavão pouco versados nas horrorosas difficuldades, que traz comsigo a mudança d'hum Throno: a Facção de Dom Pedro he a Facção de todos os Pedreiros da Europa; ella pois estava sostida por hum grande número de influentes na Diplomacia; e em quanto essa influencia Maçonica se não extinguir, a Facção de Dom Pedro não cessará de inquietar a Nação Portugueza: convulsões, tentativas, e maquinações no interior do Reino, e fóra delle, expedições, ataques, e guerra he o que o Povo Portuguez vai soffrendo por espaço de quatro annos, e o que para muito mais tempo deverão prever, e preverão effectivamente os pensadores. A evidencia das Leis, as razões de Direito não são argumentos, que fação alguma mószsa em Gabinetes que se empenhárão em subverter todas as Leis e em transtornar todo o Direito. Mui loucamente, no meu conceito, mas com muita razão, (porque tambem a loucura tem suas razões) esperárão alguns Portuguezes que a Inglaterra ajudasse a soster o Senhor Dom Miguel no Throno; e na verdade esta esperança tinha todo o seu fundamento nas Leis, no Direito e nos Tractados; mas o loucura estava em se não recordarem, os que assim pensavão, que o Senhor Dom Miguel fôra preso em huma Náo Ingleza no anno de 1824; que a Separação do Brasil, e a Elevação de Dom Pedro á Dignidade de Imperador era obra Ingleza; que a Carta Constitucional fôra e viera pela Inglaterra; que o Reconhecimento Diplomatico de Dom Pedro em Rei de Portugal principiára na Inglaterra; que a

Inglaterra enviára a Portugal huma Divisão Militar com o fim de arrojar para a Hespanha os denodados Portuguezes que pelejavão contra a Facção de Dom Pedro; que a Inglaterra vedára ao Senhor Dom MIGUEL o seu regresso pela Hespanha: os Realistas Portuguezes devêrão considerar que acclamando o Senhor Dom MIGUEL e banindo a Carta Constitucional, deitavão por terra a tolerancia de todos os Cultos, e a Liberdade Civil e Religiosa, que he toda a base da Politica Ingleza; e que por essa razão, e não offerecendo Portugal á Inglaterra hum commercio tão vantajoso como no anno de 1810 (que he outra base Ingleza), não restava entre Portuguezes e Inglezes mais algum laço de amisade, de união e de alliança, para nelle se soster o Throno do Senhor Dom MIGUEL e a Causa da Nação Portugueza.

Os Pedreiros de Portugal assaz conhecião isto, e quando fallo de Pedreiros, não cito somente os que estão fóra de Portugal, mas até os que habitão no Reino, e mesmo alguns, que se alapardárão nas Fileiras Realistas Emigradas na Hespanha, pois que ahi mesmo se introduzírão para constituir huma Facção de discordia, e desavença, a qual roubou aos Emigrados a victoria em Coruche, e os privou de occupar o Minho: verdade he que o Chefe desta Facção introduzida entre os Emigrados na Hespanha já passou para a outra vida, sem que se preparasse para ella, julgando bem que hum Maçon para morrer não necessita dos auxilios da Religião: dou certamente em hum homem morto, mas como o não nomeio, não posso ser julgado fraco; ainda vivem alguns da pandilha, que me appellidavão revoluciouario, por soster que o Senhor Dom MIGUEL devia ser acclamado Rei, e Absoluto, ainda que o contradissessem todos os Gabinetes; algum delles estará bem lembrado de me haver dito que *a ser acclamado Rei o Senhor Dom MIGUEL, não dando huma Carta Constitucional, terião os Portuguezes de passar por huma guerra infinita, que seria prolongada pela Diplomacia Liberal.* O sujeito, de quem vou fallando para os meus botões, tinha a esse tempo o terceiro gráo na Maçonaria; e já sabia tanto do futuro!!! *A guerra*, lhe respondi eu, *não será mais temivel, nem de maior duração, que a dos Filippes, e os Portuguezes vencêrão.*

Os directores da infame Rebellião do Porto em 16 de Maio de 1828 confiavão na Inglaterra, se bem que elles instantaneamente expedírão hum Correio pela Hespanha (que

eu encontrei) não sei com que direcção, e a quem, ou para que; somente sei que os Realistas Emigrados na Hespanha fôrão prohibidos de regressar a Portugal a tempo de ajudar ao desbarato dos Rebeldes, e esta prohibição foi hum verdadeiro triumfo para os Pedreiros, pois que bem sabião elles que os Realistas Emigrados não estavão no animo de lhes dar quartel, nem lugar para fugir do Reino; e tanto isto foi assim, que logo que os Rebeldes souberão no Vouga que se achavão dentro em Portugal os seus primitivos adversarios Monte Alegre, Telles Jordão, Rosa Coelho, Madureira, e outros, que darão hum nome eterno a Portugal, julgárão que devião fugir, não andando, mas correndo, mas voando, para tomar hum asylo na Galliza, fazendo ahi ponto de passagem para a Inglaterra, onde sabião havião de achar auxilio, e protecção sob côr d'huma neutralidade enganadora. Com essa confiança na protecção Ingleza se sublevárão os Rebeldes na Ilha Terceira, e em outras mais, e não se tem apossado de todas as Possessões Portuguezas na Africa e na Asia, porque julgárão até agora que os Açôres erão mais que bastantes para trazer sempre inquieta a Nação Portugueza; não se enganárão os malvados na escolha do Valhacouto da sua trahição, porque o Castello da Ilha Terceira he na verdade admiravel, e susceptivel da maior defeza: a ella se refugiou o Senhor Dom Antonio, Rei de Portugal de Direito, e por mais que batalhou contra elle o Marquez de Sancta Cruz, Titulo, que em tres gerações foi o terror da Marinha Ingleza, não pôde tomá-la da primeira vez com quarenta Navios, tendo de levar sessenta da segunda vez, para a poder tomar, e assim mesmo ficaria mal na sua tentativa, se o Governador da Ilha tivesse mais gente para a sua defeza. Verdade he que o Senhor Dom João IV a reconquistou dos Castelhanos com muita facilidade; mas os Criticos devem pensar bem que a tenacidade da resistencia da Ilha Terceira á intrusão Castelhana, e a facilidade, com que abrio as suas portas ao Senhor Dom João IV, procedêrão da fidelidade, e da constancia dos naturaes daquella Ilha, sempre dispostos a repellir a intrusão, e a tyrannia, como a abraçar a Causa da Legitimidade, e da Honra; e seja esta a consolação dos leaes Angrenses na oppressão, na mais barbara, e inaudita oppressão, que soffrem da parte da Facção de Dom Pedro.

Serviços taes tem feito ao Throno Portuguez a Ilha Terceira, que o que hoje soffrem os seus naturaes desafia as la-

grimas de compaixão de todos os bons Portuguezes, e não os votos de execração, que lhes fazem alguns pouco instruidos nos perpetuos factos da fidelidade Angrense. Consta-me que hum habil Bacharel, natural daquella desgraçada Ilha projecta dar ao Publico a Historia da sua Patria, a Historia, que pode bem definir-se — *O desafogo da Virtude esquecida, e o castigo do crime impunido:* — nessa Historia pois acharão os Portuguezes do Continente verificada aquella Sentença do Principe dos Poetas

Que posto que em Scientes muito cabe,
Mais no particular o experto sabe.

Mas em quanto aquella Historia não apparece, para fazer brilhar a invicta fidelidade, e constancia dos naturaes da Ilha Terceira em todas as crises da Monarchia; e para dar nome a muitas Familias da mais distincta Nobreza, que alli habitão, e contão com a honra de descender de Testas Coroadas Portuguezas, e Castelhanas, que muito excedem a alguns Titulares de Portugal, os quaes sendo Grandes pelas Virtudes de seus Avós, degenerárão na mais abjecta pequenhez pelos seus crimes, sendo-lhes bem applicavel aquella queixa Lyrica de Horacio

Ætas Parentum pejor avis tulit,
Vos nequiores, mox daturos
Progeniem vitiosiorem.

Em quanto, repito, não apparecer essa preciosa Historia, eu não posso dispensar-me de animar o soffrimento dos leaes Angrenses, recontando alguns dos seus serviços ao Throno, e ao Altar desde a malfadada Constituição, ou Revolução do anno de 1820; para que esta memoria anime a virtude, e desperte em Portugal a justa consideração por hum Povo, que nos serviços, que lhe tem feito, merece o nome de Heroico, como o merecêo a Divisão Transmontana, por lhe não dar huma superioridade, que a razão lhe concede, mas que a situação fóra do Continente lhe disputa.

Principiando pois a narração dos altos feitos da fidelidade Angrense, pelo que acontecêo no anno de 1821, he cousa sabida que pela huma hora da noite de hum para dous de Abril, (todas as Conjurações Constitucionaes são nocturnas,

porque *qui malè agit, odit lucem)* sendo General hum dos homens mais sabios, e mais benemeritos, que a Nação tem tido ha mais de cem annos, Francisco de Borja Garção Stockler, rebentou huma Revolução no grande Castello de S. João Baptista, capitaneada pelo ex-General Francisco Antonio de Araujo, que se fez Presidente d'huma *Provisoria*, composta de José Leite Botelho, Alexandre de Gamboa Loureiro, José Maria Osorio, Juiz de Fóra do Faial; o Bispo Dom Frei Manoel Nicoláo; o Corregedor da Comarca, João Bernardo Rebello Borges; o Coronel de Milicias, Francisco José do Canto e Castro; a qual Revolução foi animada pelos Pedreiros, ou Tripeiros do Porto; e illudindo por algumas horas a Tropa com a esperança de que ahi apparecesse o Senhor Dom João VI no seu regresso do Rio de Janeiro, se fez Senhora do Castello, e delle fez todo o genero de hostilidades sobre o fidelissimo Stockler, Tropa, e Povo d'Angra, que se retirou para a Villa da Praia, por não acceder á Revolução Tripeiral do anno de 1820; retirada aquella, que produzio no mesmo Castello huma contra-revolução, na qual perecêo o infame Revolucionario, que pertendia macular o bom nome do Paiz Classico da Fidelidade Portugueza. Contar o denodo, com que se oppozerão áquella Revolução o Coronel José Theodosio Bettencourt Vasconcellos e Lemos, e o Primeiro Tenente de Engenharia, o Doutor Roberto Luiz de Mesquita Pimentel, sería aos olhos do Publico mostrar huma parcialidade, quando a justiça, e a verdade não tem alguma. Mas nessa occasião se vio a Fidelidade Angrense em hum heroismo, de que o Continente Portuguez não offerece exemplos neste Seculo das Revoluções, pois o Castello se entregou ao grande Stockler; e antes deste o entrar, fôrão presos os collaboradores da Revolução; não podendo assacar-se outra nodoa ao digno Stockler, que a de poupar com muita facilidade os Pedreiros; exemplo fatal, que tantas ruinas tens causado, e váis causando á Nação Portugueza! Que saudades não affligem aos amigos da justiça, e da paz o anno de 1641, e o de 1759!!!! *Esquecer-se dos criminosos, he promover os crimes, como o não premiar a virtude he querer que a não haja!*

Qual foi o Povo de Portugal, que no anno de 1821 não tivesse dobrado o joelho ao idolo da Revolução, senão o da Ilha Terceira? Contra que outros Povos, senão contra os da Terceira, fulminárão os Malvados das Necessidades tan-

tos raios, e coriscos? Quaes forão os Fidalgos, senão os Angrenses, que em hum momento desembolçassem grandes quantias para contra-revolucionar a Tropa a favor da Causa Real? A' voz de doze, ou treze Revolucionarios do Porto todo Portugal se curva, e recebe o jugo da Constituição, menos os Condes de Amarante, e o General Victoria, e mais doze, ou treze Officiaes, entre os quaes merece especial menção o mal esquecido Martinho Corrêa, hoje Visconde da Azenha: tudo, repito, tudo se curva, tudo obedece á Revolução do Porto, Grandes, e Nobres do Reino, Bispos, e Clero Secular, e Regular, (excepto, além de bem poucos outros de que todos tem noticia, hum digno Dom Prior Mór de Christo, hum Prior de Ponte de Lima, hum Padre Mestre Fr. Francisco Moreira Braga, (sempre perseguido pelos Pedreiros) e hum outro Sacerdote a quem não nomeio pelo não envilecer com louvôr na propria bôcca) Camaras, e Povos, tudo, tudo seguio activa, ou passivamente a Revolução Constitucional; mas a Nobreza, o Clero, o Povo da Ilha Terceira, esse não; nem conjurações Pedreiraes, nem ameaços Militares, nada foi capaz de o fazer jurar a Constituição, senão huma Letra, ou Ordem do Senhor Dom João VI, que assim lho determinou, constrangido pelos Demagogos, que lhe fizerão assignar Letras indecorosas á Dignidade d'hum Monarcha, e até mesmo ao nome d'hum bom Portuguez. E mesmo assim: como foi jurada a Constituição na Ilha Terceira? Com lagrimas nos olhos, e dôr de coração, como eu a vi jurar na Praça de Chaves no dia 7 de Setembro do anno de 1820.

E que vantagens conseguio a Cafila Maçonica na Ilha Terceira d'esse Juramento coacto, e dessa obediencia simulada á Revolução? Varios Funccionarios Publicos naturaes da Ilha não concorrião ás Festas Constitucionaes; até os mesmos mendigos de porta recusavão acceitar as esmólas de dinheiro, pão, e carne, que em semelhantes festejos se lhes fazião! Quaes forão as pompas funebres que os Angrenses celebrárão na morte do *Patriarcha dos Pedreiros* — Fernandes Thomaz? O mais rigoroso silencio; se antes não foi hum verdadeiro prazer, porque deixasse de existir a Alma da impiedade! Vereador houve no Senado da Camara da Ilha Terceira, que no mez de Março de 1822, não podendo accommodar-se á execução das Bases Constitucionaes, pedio a sua demissão! Os Periodicos Constitucionaes d'aquelles tempos

vomitando seu diabolico odio contra os Povos da Ilha Terceira nomeárão os Directores da sua Realeza! poupárão-me pois o trabalho; mas não posso esquecer-me de Manoel Thomaz de Bettencourt, prezo no Limoeiro de Lisboa sem outro crime, que o do seu denodado Realismo.

Foi pois o Povo da Ilha Terceira hum exemplo de fidelidade, de constancia, e de Realeza para todos os Povos de Portugal. Apenas elle soube da heroica resolução da Provincia de Tras-os-Montes, forceja tambem por coadjuvar a salvação do Throno; mas o olho do Maçonismo vê os collaboradores da Causa Real, e frustra seus trabalhos. Chega á Ilha Terceira no dia 3 de Julho de 1823 o Brigue — Constancia —, e apenas os Povos divisão o Laço Realista, elles não esperão o desembarque dos Emissarios de Lisboa; entoão os Vivas a ElRei Absoluto, illumina-se espontaneamente a Cidade de Angra; os Nobres, todas as Pessoas distinctas, o Povo, e até as mesmas Senhoras vão pelas Ruas acompanhando o Hymno Real, e promovendo o enthusiasmo popular, distinguindo-se muito nesta occasião o sempre leal Luiz Meirelles do Canto e Castro, e João Pereira Sarmento Forjaz de Lacerda. A estas espontaneas expressões da Realeza Angrense seguírão-se os festejos, e regozijos Religiosos, em que a Cadeira da Verdade, illibada até áquelle tempo, intimou áquelles Povos a permanencia na Causa do Altar, e do Throno, e logo os Povos erigírão huma Junta de Governo Real, que mantivesse a acclamação d'ElRei Absoluto, e a tranquillidade pública, em quanto não fosse restituido ao Governo da Ilha o immortal Stockler, sendo de louvar a Religiosidade dos Angrenses no solemnissimo desempenho dos Votos, que pela independencia do Throno havião feito ao Sancto Christo da Misericordia, a Nossa Senhora do Livramento, e a Nossa Senhora da Boa Morte, que se venerão em aquella Cidade, campando de Oradores Christãos os Padres Mestres Frei Antonio do Rosario, e Frei Eleutherio do Coração de Maria. Tantos Serviços, tanta lealdade, tão heroicas provas de adhesão ao livre exercicio dos Direitos Magestaticos, verdade he que forão approvados com varias Condecorações, que a Magestade lhes dispensou; mas a Facção Sub-Serra entendêo dever contrabalançar a Munificencia Real com o mais horrendo castigo da Fidelidade Angrense, enviando para guarnição d'aquella Ilha o execrando Batalhão 5.° de Caçadores, que foi sempre insubordina-

do, e rebelde, salvo o tempo, em que o commandou o intrepido Francisco de Magalhães Peixoto; Batalhão de desalmados Tigres, e alma da Revolução depois que no anno de 1823 o pervertêrão os Caixeiros do Porto dando a cada Soldado 480 réis, e as Tripeiras espalhando flores sobre os seus Officiaes. Não foi este sómente o castigo, que a Facção Sub-Serra tomou da Fidelidade Angrense: seus mais abalisados Realistas, os Coroneis de Milicias, Candido de Menezes Lemos e Carvalho, e José Theodosio de Bettencourt Vasconcellos e Lemos, o Capitão Mór João Pereira Sarmento Forjaz de Lacerda, e o Capitão de Cavallaria Luiz Meirelles do Canto e Castro, forão removidos da Ilha no anno de 1824, pela sua affeição ao Senhor Dom Miguel!!! Assim a perseguição Maçonica espezinhou os Realistas em todos os Dominios de Portugal. Mas não he do meu proposito, nem cabe n'esta Folha o recito de todas as provas, que os Povos da Ilha Terceira tem dado da sua inabalavel fidelidade á Sancta Causa do Altar, e do Throno: todavia não ficará no tinteiro o seu heroismo no anno de 1828, e seguintes até o em que escrevo.

O dia 18 de Maio do dito anno de 1828 será sempre glorioso nos Fastos da Historia da Ilha Terceira: n'elle toda a Nobreza, Clero, e Povo reunido na Camara da Cidade de Angra, não armados, mas enfeitados com ramos de Oliveira, que envergonhárão as armas dos bandidos Caçadores, com hum júbilo, e prazer nunca vistos acclamárão o Senhor Dom Miguel em Rei de Portugal, e dos Algarves! Corra-se de pejo a Diplomacia Maçonica. Os Povos da Ilha correm á Cidade em cinco dias consecutivos, sem poupar idade, nem sexo, e sostendo em suas mãos bem guarnecidos, e varios arcos de flores, sendo cinco a seis mil pessoas cada dia, entre mil festivas acclamações de — *Viva o Senhor Rei Dom MIGUEL PRIMEIRO, e a Sancta Religião Catholica Romana* —, se dirigem á Camara, ás Corporações Religiosas, e ás Casas dos Realistas mais distinctos, applaudindo em Canticos Pastorís a Acclamação do Libertador de toda a Nação Portugueza! Mulheres houverão de idade mui avançada, que levando seus netos pela mão, como que ião offerece-los á Defeza de Portugal! Parece que tinhão em suas vêas o sangue d'aquella illustre Velha, que foi a primeira em Lisboa a figurar na Acclamação do Senhor Dom João Primeiro! Confundão-se essas abjectas Malhadas, que

fazem a vergonha do seu sexo pela sua obstinada adhesão a huma Carta, que lhes não concedia outra liberdade que o impotente desenfreio da sua torpe brutalidade! Mas qual outra Povoação Portugueza mostrou hum tão vivo interesse pelo Governo do Senhor Dom Miguel? E que não houvesse então em Portugal huma hora de descanço com a infame Rebellião do Porto para remover d'aquella Ilha o damnado Batalhão 5.° de Caçadores? Sería então a Ilha entregue aos braços dos seus naturaes o Baluarte da Fidelidade, como agora he o valha-couto dos Pedreiros, e o pretexto, com que se escudão os Gabinetes Liberaes para não reconhecerem o Senhor Dom Miguel em Rei de Portugal, sob o titulo fomentado da dissidencia d'huns poucos de foragidos para alli levados em embarcações estrangeiras.

O louvor da virtude he o unico premio, que hum Escriptor Publico póde dar-lhe, e o melhor incentivo para a perseverança. Esta digressão que fiz para huma Ilha, ao resgate da qual me offereci como Soldado, nasce do conhecimento, que tenho do heroismo d'esses Nobres Terceirenses, que abandonárão a sua Patria, seus Pais, suas Mulheres, filhos, e familias, consentindo no sequestro das suas casas, e propriedades, depois de terem gemido nos calabouços, e no degredo, só por darem ás Nações Estrangeiras hum vivo, e efficaz testemunho, de que não he a Ilha Terceira a dissidente da Nação Portugueza, mas essas cohortes de bandidos, que as mesmas Nações alli mettêrão com o fim de molestar sempre o Throno do Senhor Dom Miguel. Ilha dos Martyres podéra eu chamar-lhe, depois de vêr nella os assassinos do genero humano; alli o número dos prezos, dos banidos, e dos mortos he maior que o dos rebeldes, que tem soffrido algum castigo em Portugal; mas os Povos conservão sempre o mesmo caracter de Realeza a despeito de toda a carnificina dos Algozes: hum aldeão, *Manoel Ferreira*, fugindo corajosamente dos Soldados, que o agarrárão, matando na fuga hum, e ferindo sete, e ao depois subindo ao patibulo, e com a maior presença de espirito, e com voz firme, e entoada dizendo — *Viva a Religião Catholica Romana — Viva o Senhor Dom MIGUEL PRIMEIRO, Rei de Portugal* — he hum exemplo de hum Heroismo Religioso, e Politico, que só tem semelhantes na Historia dos Martyres do Christianismo: elle por si só he bastante para fazer o elogio á Fidelidade Angrense.

E ainda haverá entre Portuguezes quem ouse supplicar huma Amnistia para os barbaros oppressores da Ilha Terceira? A voz do sangue dos leaes Terceirenses derramado pelos rebeldes Transfugas de Portugal, brada ao Throno, e ao mesmo Ceo, não por Amnistia, não por Indulto, não por Clemencia, altamente brada por justiça, por severidade, por vingança. Se a Nobreza, se o Clero, se o Povo de Portugal precisasse de estimulos para acrisolar a sua fidelidade ao Altar, e ao Throno, no Clero, Nobreza, e Povo leal da Ilha Terceira tem o mais poderoso exemplo. Aprendei Fidalgos, Ecclesiasticos, e Povos do Mundo, aprendei da leal Nobreza, Clero, e Povo da Ilha Terceira a soster a Religião, e o Throno entre as baionetas inimigas. Odio eterno aos Pedreiros! Confusão, e vergonha para os fracos!

Eu sei que a Defeza de Portugal he lida pelos leaes Terceirenses; e se este Número o fôr tambem, deve Portugal esperar que a Nobreza, Clero, e Povo da Ilha Terceira aproveite a primeira occasião para se desfazer dos seus inimigos, e inimigos do Senhor Dom Miguel: para levar o valôr, e a virtude á ultima perfeição, basta o seu louvor: o premio só do Throno póde emanar. Mas Deos, e o Senhor Dom Miguel tem presente a lealdade dos desgraçados naturaes da Ilha Terceira, para attender os altos feitos, que em todos os tempos tem praticado a favor da Religião, e do Throno — *Egregios invitant præmia mores.*

Rebordosa 16 de Abril de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: Na Impressão Regia. Anno 1832.

Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.° 40.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

As Trévas em Portugal.

Dizem commummente os lamentadores dos Seculos passados que vai faltando a Religião; e eu digo tambem que sim, porque falta a justiça: e falta a justiça, porque a razão falta. Qual a causa por que a razão falta ao homem, que he racional? Porque lhe falta a luz. Pois ahi estão as trevas, as quaes não são outra cousa, que privação, carencia, ou falta de luz: o homem não vê a luz; sómente por meio da luz vê os corpos lucidos, os que brilhão, ou aquelles, sobre que reflectem os raios da luz: isto dizem os Filosofos modernos, e dizem bem, se sabem o que dizem: o homem tambem não vê as trevas, porque não tem luz para as vêr: tambem dizem isto os Filosofos. Mas o Vulgo diz que a luz se vê, e que as trevas se apalpão, ainda que se não vêm: não sei quem diz melhor: digo sómente que, se o Vulgo se metter a Filosofo, póde perder as esperanças de vêr a luz, e fique certo que só trevas apalpará. Eu fallo n'estas cousas com licença dos Filosofos, ou ao menos com titulo: todavia certo como estou, de que os Filosofos não tem feito nas Sciencias, ou pouco menos, senão baralhar as idéas,

adoptar outros vocabulos, fallar huns dos outros, e, sendo menos o que mais ralha, metto o titulo de Filosofo no meu Larraga, e como Clerigo de mão furada, que não sabe mais que do seu Larraga, e não fará pouco se o entender bem, levanto a minha voz, e digo: Não ha homem vivente que tenha visto a luz: Logo todos os homens estão em trevas. Ora ahi se armão contra mim quantos campão de lidos, e de lentes, e já que lhes nego a luz buscão apalpar-me nas trevas; de vagar, Senhores Mestres: Deos he a luz, e só elle luz: Quem vio a Deos? Nenhum vivente: ahi está pois como todos os homens estão em trevas. Esta linguagem he Sagrada, e he sublime; desço algum tanto da altura, a que a Fé, que he huma participação enigmatica da luz, me elevára, e digo: todos os homens (e n'esta proposição ajunto as mulheres, já que as dos nossos dias querem correr parelhas com os homens) estão em trevas mais, ou menos; quero dizer, em trevas mais ou menos densas, mais, ou menos frangiveis, dissipaveis, ou penetraveis: aquelles que se dizem illustrados são os que estão em trevas mais volateis, mais versateis, e, deixem-me assim dizer, algum tanto diafanas; esta linguagem não he totalmente impropria para explicar verdades, que de mistura são Theologicas, e Filosoficas. Os homens não conhecem as cousas em toda a sua essencia, ou em toda a sua *cognoscibilidade*: as verdades, ou *Divinas*, ou Humanas, nunca attingem a evidencia com tanta força, que o homem em quanto vive não possa vê-las de huma fórma obscura: finalmente a razão humana nunca está cheia cá na terra; mais defeituosa que a Lua, a qual recebe do Sol toda a sua claridade, a razão do homem sempre está em quarto mingoante, ou no ultimo quarto do seu quasi occidente, que bem póde dizer-se que está em trevas, pois a luz, que tem, ou está a despedir-se, ou já no seu occaso.

Venho de fallar, e continúo Theologica, e Filosoficamente: todo o homem está em trevas; mas todo elle tem em si disposição, capacidade, ou potencia para vêr a luz, ou as substancias, que emittem a luz. Esta luz não está no homem; recebe-a o homem. De quem? De Deos. Mas como póde persuadir-se que Deos communica a luz ao homem? Todos os conhecimentos primordiaes, ou, chamemos-lhes assim, constituintes do homem, ou elles digão respeito á

Religião, ou á Sociedade, ou aos misteres da conservação, e da vida, vem da tradição; não do discurso do homem, sim de que o homem foi ensinado d'huma maneira qualquer a tudo o que lhe era mister com referencia a Deos, aos outros homens, e a si mesmo. Só Deos pôde ensinar o homem, pois que nenhum homem nascêo ensinado: a razão pois do homem foi ensinada no seu principio, foi illustrada, foi irradiada: Logo todos os Conhecimentos necessarios ao homem, ou digão respeito á Religião, ou á Sociedade, ou á Filosofia necessaria, vierão ao homem do ensino; ou, que vale o mesmo, todas as verdades primitivas são tradicionaes. Eis Deos; eis a tradição affugentando as trevas, luzindo ao homem, que em trevas estava involto, para que veja o que lhe convem, e o que não; para que saiba distinguir o bem do mal, a verdade da mentira, a sciencia do erro: em quanto o homem não perder de vista essa tocha da primitiva tradição, a qual, não obstante que parece esconder-se no principio já não conhecido de tão longos Seculos como o homem conta, todavia, ainda mesmo assim ao longe, despede alguma luz; em quanto não virar as costas á esta luz, que ainda lhe apparece; em quanto andar no seguimento desta luz, que he huma faiscasinha de Deos que he luz verdadeira, poderá dizer-se que o homem não está totalmente em trevas; antes, que anda, e vê por onde anda, rompendo, e affastando as trevas para hum, e outro lado; poderá dizer-se que a razão do homem ainda attinge muitas verdades, e que he capaz, no seguimento d'esta luz, de attingir todas as que lhe são necessarias para se saber dirigir com Deos, comsigo mesmo, e com os outros homens: eu fallo de todas as verdades, e de todos os conhecimentos necessarios ao homem debaixo das ditas consideraçoes, e insisto que todos elles vierão ao homem pela tradição, ou pelo ensino, e noticia, que no seu principio lhe foi dado: O homem não formou a idéa de Deos: esta idéa vem-lhe da tradição: o primeiro homem a transmittlo ao segundo; Deos mesmo a ensinou ao primeiro; outro tanto deve dizer-se de todas as idéas verdadeiras primitivas, e necessarias ao homem; não he tempo de fazer demonstrações; os principios tenho: exceptuo as verdades Mathematicas, que pendem das nossas idéas, do ajuste que fazemos com as palavras, de combina-

ções a nosso arbitrio, porque essas, muito agradaveis, e mesmo vistosas que pareção, não são necessarias ao homem, nem para a Religião, nem para a Justiça, nem para a Sociedade.

A origem pois, a fonte, o principio, o começo de todas as verdades primitivas, e necessarias ao homem, ou ellas sejão Theologicas, ou Filosoficas, e estas em toda a accepção da palavra, está na tradição, ou noticia, que se dêo ao homem. Aqui está a luz; fóra d'aqui as trevas. Hão de se pois reconhecer, e aprender as verdades na Authoridade? *Eis o homem besta*, dizem os pimpões da Filosofia; mas eu lhes digo, antes o cégo tenha homens que o guiem, do que as suas mãos, e pés: bem me entendem os adversarios. Porém o que elles não entendem he o que seja Authoridade; eu digo sómente que o contraste de todas as verdades necessarias ao homem he a tradição, e a tradição não he a Authoridade; estudem a distincção esses presados de Sabios em qualquer Sciencia, em que elles estejão versados: a razão pois, (e esta he a importantissima consequencia, que eu quero deduzir, e a demonstração, da qual está sobejamente encetada) que não segue a tradição, não segue a luz; está em trevas, seja em que Sciencia, Arte, Faculdade, Profissão, e exercicio fôr: a razão, que, no que diz respeito a Deos, não segue a tradição, caminha sem luz, anda ás cégas, vai ás apalpadellas, e isto he assim ou seja na que chamão Religião Revelada, ou na que chamão Natural. Epicuro he hum perfeitissimo pedante em materia de Religião, porque não seguio a tradição; a razão em hum Medico, ou Cirurgião, Faculdades, ou Profissões que mil vezes se dividírão, e outras mil se reunírão, não seguindo a tradição, que poderá indigitar em Hypocrates, ou em Galeno, ou em Paracelso, ou em outros dos mesmos tempos, vai perdida, caminha sem bussola, naufraga, e, o que he peor que tudo, faz naufragar a vida dos seus semelhantes: a razão em hum Filosofo, que não segue a tradição, he a razão d'hum cavallo furioso, que tomou, não a luz, mas o freio nos dentes, e dêo comsigo no pantano da sua vergonha, da sua ruina, e da sua morte; mas eu deixo estes meus amigos para outro dia, que lá lhes chegará a sua Semana de amargura: a razão em hum Jurista, ou Canonico, ou Civil, que

não segue a tradição, a qual poderá achar nas suas proprias fontes, he a razão d'hum porco, que não sabe levantar o focinho da terra, ou que não póde olhar para a cara da gente! Oh! Quanto eu não teria aqui a dizer sobre homens, que tem no vulgo a consideração de Sabios em Direito, e, por não seguirem senão a sua razão, são a vergonha de toda a Jurisprudencia! A razão em hum Grammatico, que não segue senão a sua razão, he a razão d'hum remendão de çapatos, que deita tombas novas em çapatos velhos, trazendo para o Seculo XIX verbos, conjugações, generos, e preteritos, que já não tinhão uso no Seculo Primeiro!!!

Sería cousa de nunca acabar; a razão de qualquer homem, que só segue a sua razão com desprezo da tradição, que he o contraste certo de todas as verdades convenientes ao homem, em qualquer materia que fôr, em qualquer cargo, exercicio, ou teor de vida, he a razão céga; não vê, não distingue, não conhece as verdades, porque lhe falta a luz; está em trevas; se acerta, he por acaso, foi ás apalpadellas, e tropeçou em terra firme, devendo ter cahido em hum cachopo; elle erra de proposito, não póde deixar de errar, porque não póde conhecer que erra á falta de luz, que rompa as trevas; a razão d'esse homem, que não segue a tradição, não póde ser sábia; não póde pois ser justa; ella não póde ser Religiosa; a razão pois d'esse homem, não seguindo a tradição, sería huma razão innovadôra, huma razão discordante, destructora, e desordenada, por isso mesmo que se não ajustava á tradição, que he o contraste da verdade, a pedra de toque da justiça, o magnete da paz, o iman da Religião. Que he hum homem sem tradição? Hum bruto sem prisão; ou subjuga-lo, e mette-lo em seguro, ou mata-lo; he hum revolucionario; he hum discolo, com quem os homens não podem ter paz; he hum rebelde, que fará a guerra a Deos, e a ElRei, ainda que a sua razão admitta algumas vezes as idéas necessarias de Deos, e d'ElRei, pois que elle as admittio como por acaso; tropeçou com ellas; cahio para alli; mas como a tradição não segura a sua razão, esta se descartará facilmente com qualquer outra impulsão.

O campo he mui vasto para seguir, e expender a força de todas estas considerações; em esta Folha posso andar-lhe

sómente pela rama, mas sem ir á casca: as deducções são immensas, e eu tenho fito especial, em que queria acertar sem fazer grande estrondo. Quaes são hoje os Funccionarios Publicos, Ministros de Estado, Bispos, Generaes, Grandes, e Titulares, (finalmente não exceptuo hum só, nem a mim mesmo) que além da sua razão sigão a tradição, tendo esta pelo contraste da sua Sciencia, da sua Justiça, da sua Religião, dos seus Costumes? Os que presarem a tradição, tem luz, não estão em trevas; os que não seguem senão a sua razão, estão em trevas. Ora bem; estão as trevas em Portugal, ou não? Ou por outra fórma; Portugal está em trevas, ou não? Se elle segue a tradição tanto na sua Politica, como na sua Religião, elle não está em trevas, ou não ha trevas em Portugal, pois que no seguimento de sua tradição tem luz, que o guie. Mas eu estou escrevendo na Quarta Feira da Semana Sancta; a Igreja celebra neste dia as trévas sobrepostas á terra pela Morte do Salvador do Mundo: temos pois hoje trévas sobre todo o Orbe; mas estas são trévas celebradas, e applaudidas, porque a Luz tornou a apparecer. Não são estas as trévas, de que eu prometti fallar; trévas não choradas, mas amadas; trévas não preteritas, mas presentes; trévas em fim, que parece não podem ser affugentadas. Porque? Porque falta a Religião, falta a justiça, falta a razão, falta a luz, que brilha, quando se caminha pela razão, pela justiça, e pela Religião dos Maiores; eis pois as trévas em Portugal, ou Portugal em trévas.

Que ensina a tradição Portugueza sobre as obrigações dos Vassallos para com ElRei? Obedecer-Lhe; defender o Estandarte Real; correr contra o inimigo, que accomette o Poder do Rei; pagar ao Rei os tributos, que Elle impõe; administrar fielmente a Fazenda Real; observar, e cumprir todos os Contractos com ElRei, e com os seus Ministros. Esta tradição he tambem Religiosa; ella he necessaria á conservação da Sociedade. Mas a razão d'huma parte dos Portuguezes de todas as Classes não segue esta tradição; eilos pois em trévas. Expendamos a tradição.

Obedecer a ElRei. Ah! Quantos dizem que não he peccado perante Deos o desobedecer-Lhe! Que não he materia sujeita á Confissão! Que cada qual pode subtrahir-se á sua

obediencia, sem peccar, todas as vezes que ao mesmo desobediente, ou á sua familia não resulte detrimento!! Eis a razão, e eis as trévas! Porem he isto o que ensina huma parte do Sacerdocio Portuguez, e he esta a doutrina, que seguem os Povos! Não escrupulisão os Christãos de desobedecer a ElRei! Fallo, e escrévo de sciencia certa. Onde estão os Pastores de Israel?

Defender o Estandarte Real. A deserção he na verdade hum peccado gravissimo; e os complices, fautores, ou conselheiros dos desertores são réos do mesmo crime. Mas huma boa parte do Sacerdocio ensina que desertar não he peccado, que cada qual pode poupar-se ao trabalho quanto poder, seja como fôr; que ninguem está obrigado a eapôrse aos perigos da guerra: os Povos seguem esta doutrina: ha muitos Parochos, que encobrem os desertores; e Conventos tambem! Onde estão os Pastores de Israel? Fallo, e escrevo sem susto de me enganar.

Correr contra o inimigo, que accomette o Poder do Rei. Esta obrigação reconhecêo o Christianismo na mesma Defeza dos Principes Gentios! Mas hoje ensina-se commummente (ao menos por este Paiz, em que habito) que os Povos podem licitamente resistir ao Recrutamento com mão armada, revoltar-se contra a Ordenança, que ao Recrutamento procede; fazer fogo não só em proprio livramento, mas tambem no livramento de quaesquer Recrutas, ou sejão para a 1.ª Linha, ou para a 2.ª Os Povos praticão livremente esta doutrina, ao menos no desgraçado Concelho de Aguiar de Sousa, (desgraçado em quanto não estiver reunido ao Julgado de Pena-fiel) e em outros muitos *ejusdem furfuris, ac farinæ.* Alguns Parochos dão favôr a estes valentões, que resistem ás Authoridades. Pessoas de lenço ao pescoço orão por elles! Isto he pouco; os mesmos Parochos, e outros Sacerdotes, alguns Conventos, alguns desses Senhores de casaca, ou casacas de Senhores, lhes dão asylo em suas casas! O mais he haver Sacerdotes, Parochos, e Conventos, que tem dado, e dão couto aos inimigos mais encarniçados do Poder Real, e lhes escondem até o dinheiro, sem o qual o Exercito, que peleja por ElRei, não pode passar. E tudo isto não he peccado? Onde estão os Pastores de Israel? Eu não fallo somente dos Ministros do Sacerdocio:

o negocio he tambem com os Senhores Doutores *in utroque jure*, ou *in uno tantùm*, que assim obrão, assim instruem, como se lá as suas Leis não vedassem toda a resistencia á Authoridade, toda a complicidade com o crime, e com os perpetradores do crime, e todo o asylo aos inimigos d'ElRei. Eis a razão, eis as trévas em Portugal! Logo que apparecêo a insurreição do Porto do anno de 1820 despedi-me das velhas Ordenações do Reino, com quem eu estava muito casado, ainda que velhas, e já refugadas pelos Senhores Doutores *Barbilimpinhos*; e adoptei em seu lugar a Constituição, que me custou quatrocentos réis, e mais de quatro milhões custou ella á Nação Portugueza. Com effeito não tornei mais a vêr as velhas Ordenações do Reino, e não me acho mal, porque em seu lugar observou-se commummente a razão particular dos Senhores Doutores: não gracejo; perguntem lá por isto ao Porto! Tambem agora estou para renunciar mui formalmente o meu Larraga, porque as suas doutrinas não são as correntes: já as de Simonia, e de Usura erão somente observadas pelos que não podem haver aquillo, que faz o objecto do peccado, e por isso taes Tractados não estão no meu Larraga; mas, como digo, estou resolvido a deixá-lo só na pelle, porque aquillo de obediencia ás Authoridades, ajudar ao Rei, expôr-se aos perigos da guerra na Defeza do Poder do Rei, não he doutrina, de que fação grande apreço os Sacerdotes na sua instrucção aos Povos, os Povos na confissão dos seus peccados, os Doutores nos seus conselhos aos Povos! Fallo, e escrevo de sciencia certa!

Pagar ao Rei os tributos, que Elle impõe. Este artigo, e os que seguem, tem huma extensão, que o dia, em que estas cousas escrevo, não o soffre; mas saibão quantos estas poucas trévas a palparem, que se isentão de pagar todos os que o podem fazer; que procurão muito que os tributos carreguem sobre os outros; que delongão a sua solução, quanto lhes he possivel; que finalmente olhão para este onus não como huma obrigação Religiosa, mas como hum gravame Politico, do qual não he peccado sacudir-se! Esta he a doutrina, que se inculca aos Povos, e que os mesmos inculcadores, e os Povos abração com muita vontade. Eis a razão, eis as trévas! A Igreja, a tradição dos nossos maiores ensi-

navão pelo contrario: veio porem a razão, e por si só pintou aos Povos como livre o que era necessario, e obrigatorio! E não ha quem levante a voz por Deos, e por ElRei?

Administrar fielmente a Fazenda Real! Ora eu já dei huma coça nos Judas, mas como foi de papel, não prestou: he necessario que lhes aconteça como ao de quem falla hoje a Igreja = *Suspensus crepuit medius:* = enforcá-los, e rebentá-los. Mas quem são esses Judas? he pergunta, que ha pouco me fizerão de Lisboa. Eu não estou em circumstancias de responder = *Qui intingit manum in paropside....* Todo o que siza da Fazenda Real, ou que faz por sua culpa que ella não medre, he Judas; e o que mais culpas tiver a este respeito, he o Judas maior. Mas não faltão Theologos, Padres, e Frades, que persuadão a esses Judas que não offendem a Deos, por muito que menoscabem a Fazenda d'ElRei, que he o Ungido de Deos! Theologos, Padres, e Frades dos Judas, que nas suas decisões, respostas, e na mesma administração dos Sanctos Sacramentos não seguem a tradição, seguem somente a razão, especialmente se esta fôr dourada, ou argentada, ou mesmo assucarada, ou engarrafada, ou *emmantilhada*. Pois tambem a razão sem tradição nos Padres Mestres! Tambem as trévas nesses Reverendos Provinciaes, Secretarios, Definidores, e mais Camerarios Religiosos? Tambem nos Conventos não ha luz?

Tocão as taboletas: agora sim, agora são as mesmas trévas em pessoa: espreito os Conventos; tambem lá, tambem lá! As mesmas Freiras dos... apagárão a luz, estão em trévas! Não haverão *remedios?* Sim: logo que cesse a matraca, se ella fôr bem ouvida, a luz apparecerá. O malhadismo, ou as trévas tem apparecido, e vão apparecendo por toda a parte, até mesmo onde a luz parecia inextinguivel; o espirito de Satanaz póde já introduzir-se nas Eleições dos Regulares, para alli se encabeçar o erro, e o vicio. Huma Abbadeça Malhada! Que lições de innocencia poderá dar ás suas Religiosas? As suas subalternas, e adjunctas não serão tambem da escolha da mesma Abbadeça? Não franquearão ellas as portas á devassidão, e á licença? Não serão consentidas communicações escandalosas, tractos vergonhosos? E se ainda alguma Religiosa, a quem Deos queira reservar para si, levantar a sua voz em defeza das tradições do seu

Convento, não será ella abafada pela gritaria das outras, que não querem seguir mais que a sua razão, estando a sua razão somente na libertinagem? Desgraçadas as Religiosas, que vivem debaixo do Abbadeçado Malhado, ou das trévas, que vale o mesmo!!! Quanto a mim, a haver de soffrer hum dos males, quereria antes sêr governado por Malhados, que por Malhadas, porque huma Malhada he hum vórtice de inconsequencias, e de maldades; roda, que não pára, nem ha prégo, que a sujeite, em quanto não der cabo de tudo o que encontra. As Religiosas porem, que buscão *remedios* aos seus achaques d'espirito, achá-los-hão na oração, e no soffrimento; sem embargo de que não contradiz á humildade huma supplica em termos ao Bispo, ou Governador do Bispado, se elle quizer attender ás Esposas de Jesus Christo. Mas basta de *remedios* de Freiras; porque não nasci eu para dissipar as trévas dos Conventos, nem para lhes tirar as suas malhas!

As trévas estarão tambem nos Religiosos? Como? Empunhando o Sceptro algum dos *Sucios*, e afilhados de José da Silva Carvalho! Tocará logo a matraca sobre os bons Religiosos! Licença á depravação, soltura ás paixões, desenfreio á mocidade! Lá iria até a Ordem de S. Francisco, se Deos lhe não permittisse huma duração igual á do Mundo! Pedreiros, Constitucionaes, Malhados, tambem nas Igrejas, nos Conventos, e empolgando os maiores Empregos!.. De certo he entregar aos inimigos da Igrèja o Patrimonio da mesma Igreja! Logo que eu vejo occupando lugar n'huma Congregação de Regulares algum Padre de pouca idade, de menos merecimentos, mas de muita presumpção, e que já aspira a huma Mitra!!... Estou para dizer Adeos ás Corporações Religiosas, se não tivesse em Deos huma esperança viva, de que não ha de permittir que as trévas occupem para sempre toda a terra! Continuão as trévas. Onde? Em huma grande Sé de Portugal! Como? Ora apalpem lá como poderem, porque isto não o vê quem deve; mas eu lho digo. Hum Clerigo de máo nome em toda a extensão da palavra desde os pés até á cabeça, desde o seu nascimento até á sua elevação, procura em toda a Diocese assignaturas do Clero, Nobreza, e Povo, para que ElRei Nosso Senhor o eleja para Bispo, ou Arcebispo, ou o quer que

be, que a lingua não quer chegar!!! As trévas continuão, mas a Epigrafe não. Apaga-se a luz: se os Portuguezes querem vêr, e ouvir o que lhes convem, sigão todos os costumes, que seus Ascendentes praticavão no anno de 1732, e haverá então Justiça, e Religião; haverá Paz, e Prosperidade; haverá Rei, e Vassallos; todas as cousas estarão no seu lugar, e eu no que me cumpre, que he o da morte, para não vêr tantas, e tantas cousas, que parecem inventadas pelo diabo, para não haver cousa boa.

Rebordosa 18 de Abril de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: Na Impressão Regia. Anno 1832

Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.° 41.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

A tempestade em Portugal.

Depois das trevas, que ninguem vê, e poucos apalpão, mas m que quasi todos os mortaes andão, segue-se naturalmente tempestade, borrasca, ou temporal desfeito, que a todos palpa, a todos assusta, a todos atterra, e amedronta; bem omo de pardas nuvens, imitando a côr da noite, rompe o pantador trovão, fuzila o raio abrasador, e serpentêa a fuosa centelha, que a huns deixa sem acôrdo, a outros sem *da*, e a todos em dôr, e em afflicção; que no mar encres- as ondas, e submerge as náos, e na terra verga as torres, dobra os montes, parecendo que o Ceo ameaça ao Univer- a sua total dissolução. Já entendem os meus Leitores, que não descrevo agora as tempestades do mar, nem os aba- da terra, medonhas aquellas, assustadores estes: descrevo tempestade Politica de Portugal, ou o terrivel abalo da *ciedade* Portugueza, que ameaça a ultima dissolução d'hu- a Monarchia, da qual prometteo Deos a estabilidade, e a nsistencia, se os Portuguezes se não esquecerem das suas rigações para com Deos, para com ElRei, para comsigo esmos, e para com os outros. As trevas são as precurso- s da tempestade, e do abalo geral, de que eu vou fallando; as annunciei em o N.° 40 d'esta Defeza; apalpei-as em to- s as classes, e em todos os individuos; fugi d'ellas rapida- ente, para que ellas me não apalpassem, ou me não in-

volvessem, entendi que ellas serião dissipadas como o fumo, e que a tempestade não as seguiria; acreditando que huma luz benigna, e suave viria effundir a sua claridade sobre a terra; enganei-me; passárão os dias solemnes da Paschoa, nos que a paz entre os Portuguezes deveria ser adoptada, identificando-se nas idéas, e na vontade, adherindo-se a hum centro commum, que he o da obediencia sem murmuração; mas eu não vejo essa luz, essa paz, que só do Ceo podia vir á terra: a mão de Deos aggravou-se sobre os homens; as trevas não forão rompidas senão pela tempestade da discordia, do desgosto, e da dissidencia civil de todas as classes. As trevas em Portugal começárão no Porto; d'ahi se espalhárão sobre todo Portugal; a tempestade pois tambem se generalisou em todos os Portuguezes, causando mais, ou menos estragos em todos os individuos; está abalada pelos seus alicerces a Sociedade Portugueza; ameaça a sua ultima ruina, e dissolução.

Quaes são os que arrojão sobre Portugal essa furibunda tempestade? Quaes os que abalão a Sociedade Portugueza? Serão sómente os Maçons? Não sómente elles! Tambem o genio revolucionario se apossou dos mesmos, que são obrigados a impedir a revolução; dos mesmos, que aborrecem a revolução; bem como em huma tempestade no mar os mesmos, que anhelão por salvar-se do naufragio, elles mesmos ás vezes o accelérão, ou o fazem inevitavel; huns lanção mão do leme, outros fazem peso para a parte da náo, por onde as ondas mais a batem, outros enrolão as vélas, ou as estendem, muitos se conjurão contra o Piloto, todos gritão, todos ralhão, todos mandão, ninguem obedece; a náo foi ao fundo, o mar está povoado de cadaveres. Como foi isto? Não pôde evitar-se o naufragio? Talvez sim: mas os navegantes elles mesmos se precipitárão pela sua desordem; ninguem occupou o posto, que lhe convinha; todos mandárão; o Piloto, e os Praticos não forão obedecidos; todos quizerão salvar-se, mas todos se desgovernárão, e assim perecêrão. Lendo-se a Historia dos naufragios, achar-se-ha n'ella, que muitos poderão ser evitados; e que em perigos maiores outros muitos forão salvos, porque houve quem mandasse, e quem obedecesse. Outro tanto succede em as tempestades Politicas; verdade he que os Maçons forcejão a todo panno por introduzir a desordem, e a confusão em a Náo do Estado,

porque em aguas turvas fazem maior caça os Pescadores: sejão pois os Maçons os influentes na desordem, e na confusão; sejão elles, os que baralhem as Cartas da Sociedade: assim he; mas os que jogão na desordem, e na confusão, os que fazem alarido, e gritaria, os que se desordenão, desgovernão, e descompõe, não são sómente os Maçons; não são sómente os que amão a revolução; não são sómente os que desejão o naufragio; muitas vezes são os mesmos que odêão o Maçonismo, os mesmos que detestão a revolução, os mesmos que procurão salvar-se do naufragio: porém elles gritão, desobedecem, occupão postos, que lhes não pertencem; em fim elles mesmos se desordenão, desgovernão, e descompõe. E eis-ahi a tempestade Politica, o abalo da Sociedade Portugueza, finalmente o genio da revolução nos mesmos, que a detestão, e que a perseguem.

Hum só Número não póde esconjurar a tempestade; mas elle a descobre. Eu a patenteio gradualmente a todos os meus leitores, subindo de menor para maior, para que elles conheção que a Sociedade Portugueza está abalada pelos seus alicerces em todas as classes, e em quasi todos os individuos; para que elles conheção que a tempestade Politica ameaça a final dissolução da Monarchia; para que elles conheção que o genio furioso da mais espantosa revolução domina os mesmos, que a combatem; se os Portuguezes addoptarem esta persuasão, já não he precisa mais huma linha sobre a Defeza de Portugal.

O primeiro grão da Sabedoria, ou da Virtude, como diz o célebre Lactancio Firmiano, *he conhecer o mal; o segundo he evitar esse mal.* Tão inclinados são á virtude os Portuguezes, tanto elles aborrecem a revolução, que em conhecendo que elles mesmos seguem a revolução, ao passo que a perseguem, elles estudarão muito em se ordenarem, governarem, e comporem. Eu peço a cada hum dos Portuguezes, que se vejão bem no espelho, que vou offerecer-lhes — *Nosce te ipsum.* Conhecei-vos a vós mesmos, e vós vereis que muitos de vós estais dominados pelo genio da revolução, ao mesmo passo que trabalhais por combate-la. Salvai-vos do naufragio, oh Portuguezes! Evitai a tempestade; não abaleis mais a Nação, a que pertenceis; não mineis o Throno, quando forcejais porque elle se conserve; fugi dos extremos; vêde que vos salvastes de Carybdes, falta não ca-

hir em Scilla; porque naufragar aqui, ou alli, tudo he naufragar: no Systema Constitucional não se dá hum passo que não seja hum tropeço, hum naufragio; mas tambem na Realeza ha cachopos, tambem ha naufragios: todos naufragão na incredulidade; na credulidade, não todos, alguns.

Qual he o naufragio na Realeza? A insubordinação. Eis-ahi a tempestade Politica de Portugal, o abalo da Sociedade Portugueza. Hum Realista insubordinado he hum revolucionario da Realeza; elle tem dado hum grande passo, para que o Systema Constitucional avance: os Maçons não fazem hoje guerra aberta aos Realistas; flanqueão-nos sómente. Como? Desordenando-se os Realistas, desgovernando-se, descompondo-se. Embora tenha hum Portuguez combatido constantemente a Constituição desde o anno de 1820 até o de 1823, e a de 1826 até 1828, do que poucos se podem gloriar; tenha elle despedaçado os leões, esfrangalhado os ursos, esmigalhado os tigres, e subjugado todas as feras; se elle, ao depois de tantos trabalhos, e de tanta gloria, não fôr subordinado; se elle se desordena, se desgoverna, e se descompõe, a gloria do que fez não se lhe disputa, mas a infamia, pelo que faz, igualmente lhe pertence; será elle como o mar, que vai com a sua immensa força accrescentar alguma grande porção de terra ao Continente, mas lá deixou submersa nas suas aguas huma grande Ilha, que subministrava aos navegantes descanço, e sustento. A gloria de combater he grande sem dúvida; mas ha tambem a sua gloria em obedecer. Mais d'huma vez as Nações, depois de haverem debellado huma revolução, cahírão immediatamente em outra: a marcha das revoluções, de qualquer natureza que ellas sejão, he monotona; diversos homens, correndo a diversos fins, mas lançando mão dos mesmos meios, cahem no mesmo pégo: elles se insubordinão, desordenão, descompõe, e desgovernão; eis como huns, e outros perecem, querendo todos elles salvar-se; he a insubordinação a alma de toda a revolução, se antes não he a mesma revolução. Buscar exemplos nos Athenienses, nos Lacedemonios, nos Romanos, ou em outros Povos de nome, sería querer campar de muito lido, e de que estudei os nomes, e os generos; mas não sería isso discorrer muito, o que he de maior interesse para a Sociedade, e de maior gloria para o espirito. De huma vez o digo: as revoluções da Peninsula não tem sido sanciona-

das por falta de subordinação; mas o peor he, que a mesma insubordinação, que tolhe os progressos á revolução, tambem tira successivamente a sua estabilidade, e consistencia á Realeza.

Os individuos devem estar subordinados ás suas respectivas classes, como ás proprias especies; as classes devem subordinar-se ao Ministerio como as especies ao genero; o Ministerio deve ser subordinado ao Rei, como os generos o são ao Primeiro Ente animador, e conservador de tudo. Para os que gostão das Doutrinas Sanctas, eu lhes ensino, a que ensina o Doutor, ou Mestre da Verdade — *Obedite præpositis vestris, et subjacete eis. Ipsi enim pervigilant, quasi rationem pro animabus vestris reddituri* — Obedecei aos vossos Superiores, e sêde-lhes subordinados, porque elles vos governão com a responsabilidade de darem conta das vossas almas. Esta doutrina acaso não agrada por muito austera, por muito rançosa; mas ella he a doutrina da Religião, e da Realeza; e separar da Realeza o que he da Religião he revolucionar-se contra huma, e outra, se as duas não são huma só, e a mesma cousa, ainda que debaixo de diversas considerações. Esta doutrina da obediencia, e da subordinação dos inferiores aos Superiores he huma doutrina Religiosa, e Christã; he tambem huma doutrina da Religião Natural; ella liga a consciencia não só por temor, e por honra, como por interesse da paz, e da prosperidade pública; ella salva a Sociedade, as Monarchias, os Imperios, e os Thronos; ella tambem salva as almas na eternidade, e faz venturosos os homens no presente seculo.

Mas, eis me responde huma Freira, *eu não posso obedecer á minha Abbadessa, porque he Malhada:* ora espere lá, minha Senhora, que as Malhadas estão cá no meu tinteiro, e não he de barro, de louça, de vidro, he de madeira do ar; todas ellas hão de levar para o seu tabaco: se a sua Abbadessa he Malhada, veja se em verdade he tal como diz, e se essa verdade póde ser provada, e em esse caso represente-o ao Governo Real; não lhe aconselho que faça essa representação ao Excellentissimo Nuncio, porque a esse não pertence conhecer da Politica dos Portuguezes, sendo sómente a sua alçada sobre materias puramente Ecclesiasticas; ao Governo Real, sim; porque esse tem todo o interesse em remover dos Empregos a todos os seus inimigos, e

elle bem conhece o tempo, e o modo de o fazer, como tambem sabe, o que ha de soffrer, e dissimular, por evitar maiores males, consentindo, ou tolerando alguns, por vêr se os apanha com a botija á bôcca: mas em todo caso, minha Freirazinha, não se insubordine, não se desordene, descomponha, ou desgoverne; obedeça em tudo, o que não fôr contrario á Regra; pelo seu soffrimento vencerá, e talvez converterá a sua Abbadessa Malhada; não tire ao Governo Real a sua acção. Quão bellos remedios! Elles são os unicos, que podem conter os Claustros Religiosos sem tumultos, sem escandalos, e sem desordem. Lembro ás Religiosas Realistas aquella antiga Sentença:

> Esperando bens,
> Soffrendo males,
> Passão seus annos
> Freiras, e Frades.

Esta mesma Sentença vem a proposito para aquelles Religiosos, que se queixão de viver debaixo de Superiores Malhados. Alto lá! Varões constantes! Vêde se tambem a intriga não tem parte nas queixas, que alguns de vos fazeis! Eu fui Benedictino por espaço de mais de onze annos: huma década passada nos Claustros, e em contínua meditação he tempo bastante para qualquer homem aprender, se elle he docivel: em mil e oitocentos Religiosos, que a minha Congregação contou, não contou hum só Malhado; mas a desmoralisação em Portugal penetrou tambem huma boa parte do Sanctuario. Ha tambem Frades Malhados; a sua communicação com os Seculares, a sua interferencia em negocios estranhos á Religião, a sua convivencia com Silva Carvalho, com Fernandes Thomaz, e com outros muitos Apostolos da impiedade, a sua familiaridade com mil familias ligadas á Revolução, arrastou alguns Religiosos á mesma Revolução, e ainda os levou ao Maçonismo!!! Hum Religioso viandante, ao menos em quanto não poder dizer = *Quadraginta annis proximus fui* = aos que o meu Patriarcha S. Bento denomina = *Giro-Vagos* =, que não vive em retiro, e recolhimento, que se não applica aos estudos, e aos exercicios Religiosos, que só procura o tracto com os Seculares, ou para se promover nos Cargos da sua Ordem, e del-

les elevar-se a huma Mitra, ou para se cevar no estabulo das paixões, he hum Religioso desmoralisado; para nutrir suas paixões, ou para fomentar a sua ambição, e a sua avareza, tudo elle sacrifica, a sua Ordem, os seus Irmãos, a sua honra; he peior que hum cão morto: S. Bernardo os compara aos peixes fóra da agua; como estes, fóra do seu elemento natural, separados do Claustro, mettidos no Mundo, morrem para Deos, para a Igreja, e para o Estado. Se a sua familiaridade, convivencia, e communicação tem sido com Seculares Realistas, tambem esses Religiosos o serão; mas como a alma da sua alma he a vaidade, a ambição, e outras paixões mais torpes, elles, sem embargo de serem Realistas, serão, e são o escandalo da Realeza, o opprobrio da Igreja, a perturbação da sua Ordem, a intriga de todas as Classes; porque são sempre insubordinados; porque em todas as suas acções se desordenão, descompõe, e desgovernão. *Mas meu Superior he Malhado*, dirá algum destes: bem; represente ao Governo Real, mas não se tumultúe; seja subordinado; não roube ao Governo a acção, que he só propria delle. Mas quantas intrigas se promovem a este respeito! A ambição, a cobiça, e outras mil paixões se desenvolvem nos Claustros, para baralhar a boa ordem, a disciplina, e a observancia Regular, para perder a boa reputação aos que justamente a tem adquirido! Tambem nos Claustros se suscita a guerra de postos, ou de empregos! Tambem alli estão as paixões em lucta! Succede ser eleito Superior algum Religioso, que faz metter seus Subditos na ordem, que os obriga ao retiro, e recolhimento, que os sujeita ao estudo, e aos exercicios Religiosos, que deprime segundo a Regra alguns Privilegios adquiridos extemporanea, e immeritamente, que em fim os impede de vagar pelas ruas, pelas praças, e por outros lugares de devassidão; e logo Religiosos discolos com a côr de Realistas levantão hum borborinho fóra, e dentro dos Claustros, que baralhão, e confundem a boa opinião, em que está o Superior. Ora diga-me, Senhor Reverendo queixoso: que provas tem dado Vossa Reverencia da sua Realeza? Foi deportado, ou preso pelo Governo Constitucional? Não: pois esses padecimentos teve o Superior, de quem Vossa Reverencia declama. *Mas eu prégo muito em favor da Causa d'ElRei, bato os Pedreiros Livres, e estou canonizado Realista.* = Assim he; mas seus

Sermões são circumstanciaes; a sua linguagem he duplice; a sua doutrina nem sempre tem aquella solidez Religiosa, que he propria do lugar sagrado: Vossa Reverencia certamente quer ser Abbade, Preposito, Reitor, Prior, Guardião, Provincial, Geral, etc., e por estes postos pertende escalar huma Mitra: essa he toda a razão das queixas, e declamações, que move contra o seu Superior: ora, meu Reverendo, á Igreja, e ao Estado convém que Vossa Reverencia seja Realista, mas ha de ser ao mesmo tempo Religioso; e Vossa Reverencia não he Religioso, se não fôr humilde, se fôr ambicioso, intrigante, e tumultuario.

Porém eis a tempestade, e eis o abalo da Sociedade Portugueza! Os individuos insubordinando-se ás suas respectivas Classes; os Realistas desordenando-se, descompondo-se, desgovernando-se entre si mesmos! Pode haver tempestade maior? Abalar-se a Sociedade Portugueza até nos mesmos Claustros Religiosos! Eu nunca temi os Pedreiros Livres; seu poder he muito menos do que se imagina; eu temo pela insubordinação de muitos Realistas, pelas intrigas, e calumnias, que a sua ambição, e cobiça promovem; eu temo os Realistas, quando elles não obedecem, quando se desordenão, descompõe, e desgovernão: porque então tudo he gritaria, tudo confusão, tudo desordem; he o genio da Revolução dominando nos mesmos, que a combatem. A força Realista consiste principalmente na união; e não ha união, onde não ha subordinação, onde não ha obediencia do menor ao maior, do inferior ao superior! Mas nos mesmos Claustros reina a desunião! Tenho lido que lá em outros tempos o Diabo tomára o Habito de Frade, e que manhoso, segundo o seu costume, introduzíra a zizania entre os Frades! Isto, dizem as Historias, succedêo lá nos principios do Monachato: se isto não foi certo então, agora me parece certo, e mais que certo, porque a intriga, e a discordia mora tambem nos Claustros!

Se a tempestade da discordia, da intriga, da calumnia, e da insubordinação tocou em os Claustros Religiosos dos dous sexos, mesmo entre Realistas, e Realistas, em tempos, em que a união, a concordia, a *benedicencia*, e a subordinação erão precisas, mais que nunca no Clero Secular; este horrivel mal, ou esta furiosa tempestade parece ter abalado huma grande parte dos seus individuos! *Eu não posso respei-*

tar meu Bispo, meu Provisor, meu Vigario Geral, diz hum Clerigo, *porque elle he Malhado!* Esta voz sediciosa tem soado muitas vezes aos meus ouvidos em quasi todas as Dioceses do Reino, e se ella não fôr erronea, he certamente escandalosa, offensiva, e scismatica! Eu em verdade não sou muito soffredor; em presentindo a malhadice, onde quer que seja, tenho azougue na cabeça, na lingoa, e nas mãos. Assim mesmo eu não seria denunciador, ou accusador do meu Bispo, ou Provisor, ou Vigario Geral; eu não me insubordinaria, descomporia, ou desgovernaria na minha Classe; porque alem da infamia, que o Direito julga ao accusador do seu Prelado, com a unica excepção nos crimes de heresia, e de trahição á Patria, incorreria no crime de introduzir hum Scisma, ao menos Politico; e deste ao Scisma Religioso apenas dista meio passo. Entre os Prelados, e os Subditos Ecclesiasticos não ha huma simples gradação de inferior, e superior, ha huma consideração reciproca de Paternidade, e de Filiação, e esta relação he mui sagrada, para que hum Subdito, capeando-se de Realista, a rompa, e despedace contra os seus Prelados. A conducta Politica das Pessoas Publicas he tambem pública; se pois ella he offensiva ao Governo, não carece de lhe ser denunciada, porque o Governo a não pode desconhecer. *Mas o Governo os não castiga*, responde hum Clerigo Realista insubordinado, que pertende examinar, e dirigir as operações do Governo! Se os não castiga, he porque ou a conducta desse Prelado lhe não foi tão offensiva, como se imagina, ou a que actualmente tem o resarce com excesso dos prejuizos anteriores, ou porque o Governo quer evitar com o Scisma Politico o Scisma Religioso, ou porque á Politica de qualquer Governo convem emendar muito, ou tudo, e castigar pouco: os emendados amão o Governo, que os emendou; os castigados aborrecem o Governo, que os perseguio. Em fim, na conflagração civil, em que o Governo Portuguez se acha, na effervescencia horrorosa de todas as paixões populares em campo, na sua desligação dos Gabinetes, que suspendèrão as suas relações Diplomaticas com elle, o Governo Portuguez nunca será assaz louvado, e admirado pelo muito, que tem soffrido, e soffre, *e pela sua sciencia em soffrer*.

Bem quizera eu dizer tudo d'huma vez; mas o assumpto he immenso, e precisa de longas paginas, que hão de

apparecer nesta Defeza; pois que a verdadeira Defeza de Portugal consiste na união dos Portuguezes, he a dizer, na subordinação dos individuos ás Classes, das Classes ao Governo, do Governo a ElRei! Mas a desconfiança, a desunião, a desintelligencia se tem introduzido até no Clero Secular! Quanto he furiosa, quanto he temivel esta quasi geral tempestade! Que no mesmo Clero Realista, onde prendião os anneis da paz, da união, e da concordia, em fim os anneis da Sociedade Portugueza, ahi mesmo se veja a desligação, a desintelligencia, a desunião, finalmente a insubordinação!!! Tremo de horror! Hum Excellentissimo Arcebispo de Evora tachado de falto de senso commum! He até onde pode subir a audacia, a grossaria, e a ignorancia! Céga ambição, sordida cobiça! Se tu não poupas a virtude, e os conspicuos talentos de Frei Fortunato, a quem perdoarás tu?!!!

Os Realistas maldizendo-se reciprocamente! O mesmo Clero Secular em desintelligencia comsigo mesmo, em intrigas, em calumnias! Que podem desejar mais os inimigos da Nação Portugueza? Eu sou hum simples Clerigo; fui havido sempre como Realista; o Governo provêo-me em huma Igreja de pouco mais de duzentos mil réis: eis que apenas sou provido, os mesmos Realistas me assacárão mil defeitos, esquecidos de que *o que tem telhado de vidro não deve atirar pedras ao do seu visinho.* Começo a escrever pela Defeza de Portugal, e meu nome foi estampado contra a minha vontade; e eis que huns Sacerdotes dizem que este Escripto não he meu, não podendo deixar de o ser pelas imperfeições, de que elle está sobrecarregado! Pobres homens! Não ha hum só Constitucional, que não saiba que são minhas estas rudes linhas, porque outras muitas sabem elles que fôrão lançadas por mim, supprimindo meu nome! Outros, e com a capa de Realistas, dizem que eu sou hum Pedreiro Livre! Obrigado, meus collegas! Cinco mezes ha, que estou ameaçado de morte, e que ella se me tem intentado pela parte do Porto; e não he pelos Realistas, he pelo Cacete, pelas Aguasardentes, pelos Vinhos do Douro, pelo Emprestimo, e pelas Malhadas; eu o direi a seu tempo, logo que possa retirar-me a Lisboa! Não ambiciono Canonicatos, nem Dignidades maiores! Estou contente da minha sorte; não mendigo; subsisto frugalmente quanto basta! Viva o meu Rei, e Senhor Dom Miguel Primeiro! Viva o seu Governo! So-

não tenho segurança em este ermo de Rebordosa! A todos os Realistas, que me maldizem, desafio a huma contenda pública, ou em Letras Divinas, e Humanas, ou em trabalhos pela Causa da Nação Portugueza desde 1820 até ao anno presente! Se meus trabalhos fôrão ou não serviços, pertence ao Governo esta declaração; porque pode qualquer trabalhar muito, e servir pouco; e trabalhar pouco, e servir muito: este desafio entende-se com os Ecclesiasticos Seculares, que me maldizem; e he esta a unica satisfação, que lhes dou. O papel acaba-se, a materia não.

A insubordinação no Clero, a mutua desintelligencia, e desunião, que apparece entre os mesmos Sacerdotes Realistas, he huma verdadeira tempestade Politica, he o abalo da Sociedade Portugueza, he o mesmo genio da Revolução, que se apossou dos mesmos, que a combatem; he huma Furia, que nem ao mesmo Governo poupa! Eu invoco a Sabedoria, e a Força do Governo, para se fazer respeitar dos que o maldizem! *O' quid agis? Fortiter occupa portum.* Horat Od. 14. Restabelecer a paz, e a tranquillidade no interior pela subordinação de todas as Classes.

Rebordosa 12 de Maio de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: Na Impressão Regia. Anno 1832.

Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.° 42.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Continúa a Tempestade em Portugal.

A intriga, a discordia, a desintelligencia, e a insubordinação, existindo no mesmo Clero Secular, e Regular, entre Realistas, e Realistas, onde a paz, a concordia, e a subordinação formavão dantes o mais forte annel da sua associação, quanto ella não deve ser espantosa nas outras Classes do Estado, onde a civilisação, a religiosidade, a união não são a base unica da sua ligação? Levar hum plano concertado no relatorio de todas as desordens, que passão na Sociedade Portugueza, não havendo algum concerto nas mesmas desordens, seria exigir hum impossivel da minha memoria sobrecarregada ao infinito destas desordenadas especies, que formão a Tempestade Politica de Portugal. Caminho pois por onde a minha memoria me leva.

Succede que hum Orador Christão, arrebatado d'huma sancta indignação contra os abusos, e excessos, que os peralvilhos comettem no Sanctuario, os reprehende, e castiga com a palavra de Deos, que he *huma espada de dous gumes, a qual chega a ferir, e penetrar a alma do que a ouve*, segundo a expressão do Apostolo: o Orador maldiz dos excessos, dos sacrilegios, das profanações, que publicamente se comettem, mas não personalisa os perpetradores. Que crime comette o Orador em este caso? Não he do dever do seu Ministerio pugnar pelo respeito aos Templos d'hum Deos vi-

vo, d'hum Deos forte? Porém o Orador desce da Sancta Cadeira da Verdade, e hum Militar lhe dá huma cacetada!. Queixa-se o Orador ao Brigadeiro Commandante, a quem pertencia aquelle Regimento, onde se achava o Militar aggressor: que responde o Brigadeiro ao Orador caceteado? = *Vossas Mercês podem no Pulpito dizer o que quizerem, porque os ouvintes estão todos callados; mas sahindo para fóra, ninguem os livra de levarem quatro cacetadas!!!* = Oh! Que defensores do Altar, e do Throno! *Somos muito Realistas*, dizem alguns Militares; *defendemos o Throno.* E despedação a base do mesmo Throno, que he o Altar? Ora isto he ter o Realismo na bôcca, e o Malhadismo no coração, e na alma! Militares ha, que á bôcca cheia dizem que, vendo hum Frade, ou hum Clerigo diante de si, vêm o Diabo! Estes Militares são daquelles, que fumão, comem, fallão, e alimentão as suas paixões na Casa de Deos! Lembrado estou ainda daquelle outro Militar, que em Braga, no tempo, que o Senhor Dom Miguel, o Defensor da Igreja, se achava em Vienna d'Austria, atirou com lama ao S... S...! As lagrimas correm naturalmente, as carnes se me arripião, o sangue se géla, e o espirito parece fugir da sua pousada, para não vêr horrores, que os Turcos não commettem nas suas Mesquitas! Aquelle Militar em Braga foi achado sem culpa na Devassa Secular, sendo arguido na Ecclesiastica! Elle foi conservado nas fileiras! Verdade he que as Tropas Realistas, que entrárão em Bragança no anno de 1826, ferírão aquelle monstro em dezesete partes do seu corpo, e elle foi reconhecido ser o mesmo, quando o Visconde de Monte-alegre, por virtude da Capitulação, que tão briosamente fez com as Tropas Constitucionaes, tomou o Regimento d'Infantaria N.° 3: (a seu tempo descreverei os combates daquelles tempos.) não morrêo o malvado; mas por felicidade nossa está nos Açôres, aonde não escapará ao ultimo golpe d'hum Deos Vingador dos Sacrilegios! O Militar do caso recente acha-se tambem nas fileiras! O Brigadeiro contentou-se de o remover para outro Regimento! Mudou-se, mas não mudou de costumes, como nem de pelle, que levou inteira; sendo bem capaz de o esfollar o Orador aggredido, se a sua base não fosse a da subordinação. E onde acontecêo este caso? Perguntar-me-hão os meus leitores; e eu lhes respondo: Somente o Governo tem direito

de me interrogar, e só a elle sou obrigado a responder. Direi somente que, assim como do Scisma Politico entre o Clero he facil a transição para o Scisma Religioso, tambem da aggressão aos Ministros da Palavra Divina, e dos Sanctos Sacramentos para desacato á mesma Divindade, e á Religião não he difficil a passagem. Todo o Christão, qualquer que elle seja, ou Militar, ou Secular, ou Nobre, ou Plebêo, deve ser subordinado aos Ministros da Igreja, tanto na recepção dos Sanctos Sacramentos, como na *audição* da Palavra Divina; e se os Ministros da Igreja lhe comettem alguma injuria neste exercicio, porque tambem ha Ministros ignorantes, *destemperados*, desmoralisados, e tambem impios, Malhados, e Pedreiros, he facil o desaggravo perante as Authoridades competentes. Vejo hum campo immenso a este respeito; eu o correrei, quando me tiver desembaraçado das malezas, que a desmoralisação tem produzido, e vai produzindo nas outras Classes do Estado. Porem huma só palavra. Os Senhores Bispos, e mais Prelados Ecclesiasticos, já que por nossa desgraça não tem resurgido o Sancto Tribunal da Inquisição, são os Juizes natos da Palavra de Deos, e da administração dos Sanctos Sacramentos: o Governo he Juiz tambem nato da palavra dos homens, quero dizer, imitando a linguagem do Apostolo, das Proposições, que os Prégadores misturão nos seus Sermões sobre Politica. Será esta doutrina do agrado do commum do Porto? Não: tambem ella não agrada a algum Constitucional, a algum Pedreiro Livre; vou sobre estes meus amigalhaços, e continúo no relatorio das desordens.

Hum Sacerdote denuncia no anno de 1820 huns certos Livros summamente impios, que andavão em mãos innocentes com perigo imminente de causar os mais violentos estragos no seu espirito. A esta denuncia está obrigado todo o Christão *sciente*, sob pena de excommunhão; o Clerigo sabia o seu Larraga, e cumprio o que entendia, sem todavia denunciar, os que lião os ditos Livros: tinhão estes por titulo = *O Ceo aberto para todos — Reflexões analyticas sobre o Evangelho — O prò, e o contra da Biblia.* = Elles respiravão por todas as suas linhas hum Atheismo horroroso, e sanguinario. Qual foi a consequencia desta religiosa denuncia? *Clerigo supersticioso, vil denunciante!* Foi ameaçado, não de cacetadas, de espaldeiradas! Por quem? Entre ou-

tros por hum Militar, que, poucos dias ha, disse a respeito do mesmo Clerigo = *Eu lhe mando dar hum tiro, e descartamo-nos deste maroto.* = Qual foi o motivo deste novo ameaço? Porque fallou no Cacete, em Emprestimos, em Vinhos, e em Aguas-ardentes! Tenha paciencia, meu conhecido; sobre Vinhos, e Aguas-ardentes o Clerigo tem a dizer muito, muito, e muito; por maneira que o Vinho, e a Agua-ardente ha de dar na cabeça a quem faz a compra. O dito Clerigo foi desde então (do anno de 1820) excommungado pelo Maçonismo; mas antes por este, que pela Sancta Igreja de Roma! Vai o mesmo Clerigo, e no dia 9 de Maio de 1824, a rogos d'huma Camara recita hum Discurso, em que, mostrando a sua cordial adhesão á Augusta Pessoa do Senhor Dom João VI, e a sua obediencia ao seu Governo, e ás Authoridades, patenteou do mesmo passo as surdas manobras do Maçonismo, e as egregias, eximias, preclarissimas, e heroicas virtudes do Senhor Dom Miguel, desenvolvidas tanto no dia 27 de Maio do anno de 1823, como no dia 30 d'Abril no anno de 1824! Que acontece ao pobre Clerigo? Hum Chefe Militar quer apanhar-lhe o Discurso, e formar delle o Corpo de delicto! Mas o Clerigo sabe o seu Latim, e poz o seu Discurso no caso de Ablativo! Cava-se-lhe huma Sepultura á porta das casas, em que morava! Do Porto se lhe envia hum assassino por tal havido no mesmo Porto, e no Rio de Janeiro! Porem Deos guardou o Clerigo para fallar verdades ás Lojas Maçonicas do Porto, de Chaves, de Villa Real, da Covilhã, de Coimbra, e a outras das tres Provincias do Norte! Elle prégou no Porto no anno de 1831, e dous Soldados, que o acompanhárão até á sua Aldêa, deixárão com a bôcca aberta a quatro conjurados na morte do acerrimo inimigo dos Pedreiros! O Clerigo não teme sem vêr de que! Elle tem presente aquella Sentença do Apostata Julião = *Tão fraco he aquelle, que se mata, podendo viver; como o que treme da morte, devendo morrer.* =

Mas por que modo chegou o Auctor da Defeza a conhecer os Pedreiros? A isto respondo: nunca pertenci a taes Sociedades, tendo sido convidado para ellas, apenas contava dezenove annos de idade; mas comi, e bebi com elles muitas vezes; conversei com elles; correspondi-me com elles por escripto muitas vezes; fallei lhes na sua linguagem;

aprendi-lhes os signaes, que já cambiárão; os estupidos julgárão-me Socio até Maio de 1824! Comi-os á direita, e á esquerda; ainda enganei alguns no anno de 1827, tanto Portuguezes, como Hespanhoes! Já não posso illudí-los por mais tempo! Elles desejão beber-me o sangue, e eu o delles não, mas que se convertão sinceramente! Eu não chamo Pedreiros a outros senão áquelles, que me confessárão que o erão! Esta confissão he ingenua, ainda que muito arriscada! Os Pedreiros são o summo da ignorancia, e ao mesmo tempo da perversidade! Onde estão esses Pedreiros? Respondo: conheço alguns no Exercito, na Magistratura, no Commercio, no Clero, e em outras Classes! Elles por ahi andão; huns nos Açôres, outros nas Cadêas, outros livres, e soltos! = Nomêe-os = Faça alto, Senhor Perguntão. Eu ainda não vi enforcar hum, só pela razão de ser Pedreiro Livre; por factos de Rebellião sim: o Governo tem huma prudencia, huma perspicacia, e huma atilação, que excede o pensamento commum. A Guerra Peninsular maçonisou a alguns! A Constituição de 1820 até 1823 fez hum grande recrutamento! Em 1824, depois da ausencia do Senhor Dom Miguel, recrutárão até nas Aldêas! A Carta de 1826 até 1828 desmoralisou o mais possivel, e parece haver dobrado as Sociedades Maçonicas! Muitos lá entrárão como Pilatos no Credo! Alliciados, instados, seduzidos, interessados, cégos finalmente muitos lá estão, e alguns tem disso pezar! *Maldito seja quem me mettéo nisto*, dizem alguns, e eu lho tenho ouvido! Logo, estaremos sempre debaixo do Maçonismo, me diz hum Realista cheio de zêlo? Não: os Realistas podem pela sua união, e subordinação tornar impotente, e nullo o Maçonismo! Quanto desejaria eu que esta importante lição se aproveitasse! Huma grande verdade tenho eu a dizer aos Portuguezes; mas muitos ainda não tem o ouvido disposto para me escutarem! = *Não privem os Realistas ao Governo da acção, que he somente propria do Governo!... Expliquem os Sacerdotes aos Povos o espirito da Bulla de Leão XII.* = Vencer he a acção propria d'hum Exercito em Campanha; convencer, desfazer as Facções, he attribuição privativa d'hum Governo providente: os Vassallos devem concorrer para esta Acção Gubernativa pela sua subordinação. Em huma palavra: os Pedreiros Livres devem morrer, *omnes usque ad unum*, se não se converterem! Estão con-

tentes os meus leitores? E não he possivel a conversão de muitos delles? Eu confio na infinita Misericordia de Deos, e na sabedoria do Governo, que esta horrenda praga das Sociedades Maçonicas acabe no seio da Sancta Igreja Catholica. Os Escriptores públicos podem influir na reducção do Maçonismo, e sobre tudo as humildes preces dos Christãos podem alcançar de Deos o total remedio, ou o allivio desta flagelladora calamidade! Ainda se não tentárão estes dous meios; a oração pública, e a convicção.

Mas, dirão alguns dos meus leitores, Vossa Mercê não se tem lembrado disso até agora, antes parece tem insubordinado algumas Classes, declamando fortemente contra os Pedreiros em varias Repartições! Esta he a satisfação, que algum Militar, e alguns Empregados Civís tem demandado de mim, e eu lha dou. Eu tenho invocado, e vivamente invoco a acção do Governo; isto não he hum crime; tenho á vista as Leis da Censura; ellas não me prohibem que censure o crime; defendem-me somente que o personalise: os criminosos me invectivão; são desforras dos jogadores, que, perdendo, dizem chufas aos seus parceiros. Almas vís, pequenas, e mal educadas. Porém quem pode esperar grandeza d'alma, e generosidade de Pedreiros Livres? Coitadinhos! Não chega a mais o seu bestunto que a censurar virgulações! Miseraveis! Apenas tem o primeiro gráo na Maçonaria, já se julgão omniscios. Porem na audacia de censurar querem imitá-los alguns Realistas emulos, que apenas sabem as primeiras Letras, já querem fallar de tudo.

Como querem os Militares que eu não declame contra elles, quando alguns comettem todo o genero de excessos, como se estivessem entre Povos inimigos; violando as leis da hospitalidade; tomando, o que lhes não pertence; desmoralisando as familias; dando escandalo com a sua devassidão, e licenciosidade, tanto nos Templos, como nas ruas, praças, e quarteis; misturando carne, e peixe nos dias de rigorosa abstinencia; transgredindo os Preceitos da Igreja; e menosprezando as Leis Divinas, e Humanas? Como querem os Chefes, que eu lhes não patentêe as culpas, de que são réos pelo seu consentimento na desmoralisação, e na insubordinação dos seus inferiores, e dos seus soldados? O primeiro, e talvez o unico dever do Soldado Realista he ser bom Christão; sendo-o, elle he bom Soldado, intrepido,

valente, corajoso, e disciplinado. Que não deveria eu dizer d'esses Regimentos da Primeira Linha, onde os Coroneis tem estragado mui culpavelmente a sua Secretaria, com mil defeitos no Livro Mestre, com a falta de observações, ou com observações de proposito erradas, e adulteradas; sendo tudo huma desordem, huma confusão, hum labyrintho? Como posso eu callar-me, sabendo que alguns Chefes enganão o Governo do meu Rei com informações falsas, ou concorrendo, para promover sujeitos inhabeis, occultando a sua má conducta Religiosa, Politica, e Militar, ou influindo, para que não sejão promovidos sujeitos, que tem disciplina, valor, talento, e virtude para servirem a sua Patria; e tudo isto por effeito, ou do Maçonismo, ou de pouca escrupulosidade em investigar, ou de paixões vergonhosas?... Tremão os falsos informantes; porque, se o Governo os chega a conhecer, qualificará os mentirosos em materia de tanta transcendencia, como se fossem trahidores. E não está abalada a Sociedade Portugueza?

E querem os Senhores Capitães Mores, Sargentos Mores, e mais Officiaes das Ordenanças, que eu os não denuncie ao Governo do meu Rei por acoutarem, ou consentirem nos seus Districtos huns certos fautores, promotores, conselheiros, e sequazes da infame rebellião do Porto de 16 de Maio de 1828? Ora cumprão seus deveres, se querem que me calle; e se não, Não. Quantos Soldados desertores andão livres á vista, e sciencia, dos que os devião remetter aos seus Corpos? Quantos criminosos, e tumultuarios *in flagranti* passeão livres, e impunes, por pedidos, por dinheiros, e por outros motivos ainda mais vergonhosos? Quantas recrutas tem livrado essas infames *Dalilas*, e essas escandalosas *dadivas?* E o recrutamento por satisfazer! Ah! Ministros do meu Rei! Quantas vezes sois illudidos! Como podeis vós dar hum andamento conveniente ás vossas operações, se alguns dos vossos subalternos vos enganão, vos empecem! Desenvolvei a vossa força, e a vossa energia! Sobejão-vos meios para reprimir o crime, e os seus apadrinhadores; para fazer sahir da sua inercia homens, que, ao parecer, só tem materia!...

Hum Soldado simples do Regimento de Artilheria d'Elvas foi promovido a Sargento no anno de 1820 pelos revolucionarios, que o destinárão para Cabo Verde: (A classe

dos Sargentos he mui attendivel em qualquer Corpo: elle será subordinado, corajoso, morigerado, e fiel, se os Sargentos o forem) o meu Sargento desertou, e veio ter a Lisboa, e, não tendo que comer, assentou Praça por dinheiro no extincto Regimento de Infanteria N.º 4. — Acabou-se-lhe o dinheiro, e desertou, acoutando-se no Porto; este malvado não cessou no anno, que acabou, de remetter para Elvas Proclamações incendiarias, e Cartas aterradoras; já dando por morto o Vivificador da Sociedade Portugueza, o Grande Rei, e Senhor Dom Miguel Primeiro; já dizendo, estar proximo o desembarque do Usurpador; ora ameaçando de morte a todos os Realistas; ora promettendo soltar fogo á Cidade, etc.: elle foi preso no Porto, ha poucos dias, e já está no Castello de Lisboa. Eis o que se póde esperar de hum desertor, de hum Soldado mal promovido, de hum máo Sargento, d'hum Militar imbuido nas doutrinas revolucionarias do Porto. Será elle justificado? Verdade he que já mudou de linguagem; mas a linguagem d'hum preso nem sempre he a do arrependimento, nem da innocencia. Finalmente á vista da desmoralisação, da indisciplina, e da insubordinação, em que se achão alguns Militares das Tres Linhas, bem desejaria eu que o Ceo repetisse com o Senhor Dom Miguel o prodigio, que executou a favor de Gedeão. Marchava este contra os Madianitas á testa de trinta e dous mil homens; ordenou-lhe Deos que despedisse os cobardes; e voluntariamente sahírão das fileiras vinte e dous mil homens, ficando-lhe sómente dez mil: ordenou-lhe Deos segunda vez, que escolhesse n'esses mesmos dez mil aquelles, que chegando sedentos a hum regato tomassem a agua com as mãos, e não se debruçassem para beber: ficárão pois trezentos na companhia de Gedeão, o resto foi para os seus quarteis; e Gedeão triumfou completamente dos Madianitas. Assim o Senhor Dom Miguel protegido pelo Ceo poderá triumfar dos seus inimigos com huma pequena porção de Soldados, soffredores do trabalho, e da disciplina, e encorajados pelo zelo da gloria do Altar, e do Throno, em vez de muitos indisciplinados, insoffridos, insubordinados, e desmoralisados, que tem a Deos, e a ElRei na bôcca, e no coração o crime, e as paixões. Mas a Sociedade Portugueza não está abalada sómente pelas desordens, que tenho brevemente ponderado em este Numero, e no anterior. Tambem a Magistratura se desordena, descompõe, e desgoverna.

Quantos Juizes, Corregedores, e Provedores não enganão com as suas informações o Governo do meu Rei? Fingem desordens, onde não as ha; dizem que tudo está tranquillo, e as paixões fervem em cachão! Ora pintão com excessivas côres o crime, ora lhe tirão seus verdadeiros quilates! Ora dizem que os Realistas estão exaltados, e elles não respirão; ora que os Constitucionaes maquinão, e elles vivem em silencio! Quantas partes falsas se não dão ao Governo! *Trahit sua quemque voluptas:* cada qual he arrastado pela paixão, que o domina: o Maçonismo perde a cabeça a alguns; a venalidade a outros; a ignorancia a não poucos; a indifferença, a frôxidão, as paixões a muitos! A Lei, e a Virtude tem immudecido! Affecta-se cumprir, o que o Governo manda, e pouco he o que se executa, e ainda menos, o que se cumpre segundo as vistas, e o espirito do Governo! O *compadrio* em informar, e em julgar não he só effeito do Maçonismo; he-o tambem da ignorancia, da desmoralisação, e da insubordinação! Está abalada a Nação pelos seus alicerces, porque os bons costumes se perdêrão, e sobre tudo, porque o *trabalho se aborrece, o estudo se não ama!* Eis a tempestade, que mergulha nos abysmos o precioso, e o vil! He hum furacão, que derruba os sumptuosos Palacios dos Grandes, e as mesquinhas choupanas dos pequenos! Assim marcha hum Estado em oppostas, e encontradas direcções, quando diversas, e oppostas paixões o agitão, quando os elementos são heterogeneos, quando os subalternos se não subordinão á Suprema Authoridade! Tem-se lido, e explicado aos Povos o immortal Manifesto do Nosso Rei? Tem os Parochos accusado a sua recepção? Tem os Ministros Territoriaes informado da diligencia, ou da omissão dos Sacerdotes a este respeito? Eu não estranho que os inimigos do Governo não cumprão, o que elle lhes manda; mas os que tem sempre na bôcca o jucundissimo nome de Dom Miguel Rei, que esses não cumprão, que não sejão activos, e laboriosos, que elles durmão a somno solto, que elles descancem, em quanto os Pedreiros não cessão, he o que eu não poderia acreditar, se huma contínua experiencia me não certificasse, de que todos querem que a Nação Portugueza seja salva, mas poucos são, os que tirem huma hora ao somno, ás diversões, e aos prazeres, para que ella se salve. Meu Rei! Todos querem Postos, mas poucos trabalhão

em vigiar n'elles! Todos querem Empregos, muito poucos os trabalhos, que se passão no seu desempenho! Todos querem Honras, mas poucos fazem pelas merecer! Muitos são os que ambicionão Premios: Mas Serviços? Não....

Como he que se julgão os crimes? Como são tractados os criminosos? As cadêas são para desenvolver as virtudes amortecidas, ou para avivar os crimes? De Malhado sei eu, que, estando preso por espaço de quasi tres annos, ganhou tanto dinheiro na prisão, que d'ella arrematava tudo quanto ía á Praça, negociando de dentro da cadêa, e sendo até Marchante! Espero vê-lo passear livre com a cabeça entonada, cara sem vergonha, e sorriso mofador dos amantes do Rei, e da Patria! Seja solto por falta de prova, e *por quanto vós déstes!!!* Isto provoca o desespero! Que o Governo seja desobedecido pelos que maior esmero devem ter na execução das suas Ordens! Senhores infractores da Lei, de qualquer classe que sejais! Eis me tendes em Lisboa de retirada dos vossos ameaços! Venho accusar ao Governo as vossas desordens! Vós desacreditais a Nação, a que perteneeis! Minais o Throno, quando dizeis, que o sustentais! Em meu poder estão as provas da vossa affectada Realeza, da vossa indifferença pelo crime, e pela virtude, do vosso sordido egoismo, do pouco apreço, que fazeis da Lei, e do Governo! Tenho a grande Encyclopedia dos Funccionarios de todas as Classes! Em ella estão lançadas exactas observações por annos, mezes, semanas, dias, e horas! Os virtuosos são muito poucos! Sirva-vos este aviso para a vossa reforma; senão, iremos ás do cabo....!!!

Mas apezar d'esta horrivel tempestade, d'este furioso abalo suscitado em a Nação Portugueza, não só pelo Maçonismo, mas tambem pela desmoralisação, pelas intrigas, pela desintelligencia, pela discordia, pela ignorancia, pelo desamor ao trabalho, pela contínua lucta das paixões, e das opiniões, e pela dissidencia entre Realistas, e Realistas, e entre os individuos da mesma classe, que rivalisão na occupação de Postos, e Empregos, não contem os malvados inimigos do Senhor Dom Miguel que hão de prevalecer contra o seu Throno, e contra a sua Augusta Pessoa! Apenas o Clarim hostil der o signal para a peleja, os Portuguezes todos se reunem; e fraternisando-se entre si, onde he commum o perigo, e a necessidade, commum será o trabalho, e

o esforço! Apparecei malvados, tirai a Nação Portugueza d'estes medonhos *hiatos*, que a conflagração presente introduzio! Vós vereis que todos os Portuguezes procurão na unidade da acção a salvação do naufragio, que os ameaça! Não, elles não temem de vós! O Governo está certo da victoria pela commum acção, e subordinação de todos os seus governados! Este medonho estado de dissidencia, e de discordia entre as classes Portuguezas por emulação de Postos, de Empregos, e de Honras, e pelo encontro das paixões, desapparece á frente do inimigo: então não lembra outra cousa mais, que pelejar, e repellir os tyrannos! A experiencia me tem ensinado! Eu já vi em terrivel discordia huma Divisão Portugueza; mas eis que os revolucionarios apparecêrão, e só a guerra lembrou!!!

Ora pois, para alliviar huma parte dos meus leitores do peso, que os opprime certamente na consideração d'esta medonha tempestade, ahi lhes offereço essas, não minhas, Decimas, composição *abrupta* de hum Realista, e por aqui podem todos conhecer, que eu dou a cada hum, o que he seu; aos Poetas, ou Versejadores a sua mania; aos Musicos a sua fantasia; aos Medicos a sua cavillação, verificando-se em todo o tempo aquelle anexim: *Que de Poeta, Musico, Medico, e louco, todo o homem tem hum pouco.*

DECIMAS.

I.

Venhão feros Catilinas
Nossas praias combater:
Que Lysia, para vencer,
Tem em si Armas Divinas.
A Cruz, e as Sanctas Quinas
Dão ao Throno Lusitano
Bravo valor sobr'humano,
Desde Affonso, Rei Fiel
Até o Senhor Dom Miguel
Noss' Augusto Soberano.

II.

Que males não traz comsigo
O raio fatal da Guerra!
Os Thronos deita por terra
Deixa os Povos sem abrigo:
Das vidas he inimigo,
Faz d'innocentes culpados
Pauperrimos, isolados,
Sem ter de que subsistir..
Todos chorão; e hão de rir
Falsos, Vadios, Malhados?!!!

III.

A Paz, que os Povos mantem,
Dêo á Nação Portugueza
Triunfos, summa riqueza,
Honra, gloria, todo o bem;
Em sêu regaço nos tem
Mimosamente creado;
Throno, Altar, Luso 'Stado
Fez brilhar por mar, e terra;
Até que o facho da Guerra
Accendêo o vil Malhado.

Lisboa 24 de Maio de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: Na Impressão Regia. Anno 1832.

Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.° 43.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Continúa a Tempestade em Portugal.

O ruidoso *fragor* do trovão, seu estrepitoso écco, aquelle espantador, e alarmante som, aquelle desconcertado, e aterrador ruido, mais estrondoso que o d'hum grande parque de grossa artilheria, que joga toda ao mesmo tempo, põe em tremuras a todos os mortaes, mesmo aos irracionaes, considerando espavoridos que as columnas do Ceo se desconjuntão, e as suas immensas abobadas cahem de trambulhão sobre elles. Então ou se agachão, para se subtrahir á imaginada quéda do Firmamento, que lhes está de cima, ou, sendo racionaes, extaticos estendem suas mãos ao Ceo, e lhe dirigem súpplicas, para que suspenda a sua precipitada descida. Assim vejo aos Povos proceder, ao ouvir essas terriveis explosões do ar enfurecido, que ameação de amassar a terra com o Ceo, fazendo huma pasta de todos os que habitão o Orbe. Tanto as impressões excitadas no ouvido são mais fortes, que as que ferem a vista, muito mais sendo ellas desusadas; não podendo decidir-se com facilidade qual seja mais ditoso, se o que não tem olhos, para receber as impressões, ou para vêr objectos fulminantes, se o que não tem ouvidos, para perceber as explosões atroadoras, á força das quaes são poucos os que não tremem. Mas eu não fallo das trovoadas da Natureza; fallo sim das trovoadas moraes, das trovoadas politicas, das trovoadas do homem, em quem as pai-

xões postas em desespero produzem erupções mais espantosas que as do Firmamento superior. Em estas trovoadas consiste principalmente a medonha Tempestade Politica de Portugal; pois com o trovão vem o fulgurante relampago, o abrasador raio, a despedaçadora centelha, o quebrantador corisco! Veremos se posso explicar-me.

Sendo a trovoada o annuncio, ou a companheira da tempestade, se não he a tempestade mesma; em que está a essencia dessa trovoada Politica, e quaes os seus effeitos? Em a Natureza as nuvens, e o vento formão a trovoada; mas as chuvas algumas vezes não seguem, como parece dizer o Divino Espirito Sancto nos Proverbios = *Nubes, et ventus, et pluviæ non sequentes;* = descrevendo a vaidade do homem, que não cumpre o que promette. Em a ordem Politica a trovoada consiste na gritaria, ou berraria d'homens turbulentos, que de tudo se queixão, de tudo murmurão, de tudo ralhão, não poupando as Authoridades, nem o mesmo Governo, nem a mesma Pessoa do Rei: esta gritaria sem tom, nem som, a torto, e a direito, e sem direito, nem avêsso, he propria dos tôlos, que, bertando, deitão os bofes pela bôcca fóra, sem lhes ficar de reserva mais algum ar, para exprimirem outras idéas; pareçe que isto quer dizer o Divino Espirito Sancto = *Totum spiritum suum profert stultus.* = Em vendo eu hum homem sempre disposto a ralhar, a murmurar, a queixar-se; hum homem, que não dá tempo ao tempo, que não tem espéra, que tudo quer dito, e feito no mesmo instante, que sempre grita contra os abusos, que tudo critica, e censura, que tudo acha injusto, e desordenado, que tem sempre na bôcca a palavra = *reforma, reforma,* = de qualquer classe, ou condição, que seja esse homem, ou queira campar de Realista, ou blasone de Constitucional, ou se vanglorie de Pedreiro, eu o reputo por toda a parte estouvado, louco, revolucionario, incapaz de todo, até do mesmo mal, finalmente incorregivel. Sigo a Sentença da Divina Sabedoria = *Vidisti hominem velocem ad loquendum? stultitia magis speranda est, quam illius correptio.* = Altamente o digo a todos os Portuguezes: hum homem tal, como o acabo de descrever, nem serve para Realista, nem para Constitucional, nem para Pedreiro: o Realista promoverá por aquelles meios a ruina da Causa da Realeza: o Constitucional tornará mais insopportavel a Constituição: o Pe-

dreiro armará mais os Povos contra o Pedreirismo. Loucos! Elles se tornão odiosos com as suas berrarias, cómo pelo contrario os homens sabios se fazem amaveis pelas suas palavras =*Sapiens in verbis seipsum amabilem facit:*=diz tambem a Divina Sabedoria. Ora eu estou disposto a dar com ambas as mãos em todos os Partidos, porque a Defeza de Portugal consiste na união de todos os Portuguezes; e esta união não pode estabelecer-se, sem que se dissipe a existente trovoada, da qual os proximos, imminentes, e funestos resultados são a mais horrorosa anarchia. Dirão agora os Realistas, que me não entenderem, ou que não quizerem entender-me: (e destes ha bem muitos por inveja, e maldade)=*O Padre quer inculcar a moderação, e a amalgamação! Já está comprado!*=O ouro, nem outra paixão alguma tem parte nas minhas idéas, e na minha linguagem. A moderação, em sentido Christão, he huma virtude necessaria, sem a qual a Religião, e a Sociedade não podem passar-se: a moderação, em sentido Maçonico, he a peste da Religião, e da Sociedade: a amalgamação entre Christãos, e Christãos, entre Realistas, e Realistas, he inevitavel; a Sociedade não pode existir sem ella: a amalgamação entre Christãos, e Pedreiros he impossivel; a Sociedade nesta mistura está sempre disposta a dissolver-se: Mas o *Perfeitismo*, que os Realistas, os Constitucionaes, e os Pedreiros buscão respectivamente nos seus Systemas, he hum impossivel, huma chimera, de que alguem nem idéa pode formar! He pois necessario o soffrimento, no soffrimento o silencio, no silencio a prudencia, na prudencia a subordinação:=*Fatuus statim indicat iram suam*=diz a Divina Sabedoria; *qui autem dissimulat injuriam, callidus est:* os loucos logo berrão, logo gritão, logo se queixão, trovejão ao mais leve soffrimento; os prudentes callão-se nos seus males, não levantão o grito, esperão, ou o remedio, ou a occasião; e se nem aquelle, nem esta chegão, ao menos não augmentão seus males com as suas berrarias, ou trovoadas, porque; sigo ainda a Divina Sabedoria=*responsio mollis frangit iram; sermo durus suscitat furorem;*=e na minha versão Portugueza, assim como *dadivas quebrantão penhas, boas palavras abrandão os corações:* e, se *palavras o vento as leva, e palavra fóra da bôcca he pedra fóra da mão*, consistindo nestas palavradas a trovoada Politica, de que vou fallando, temo que ella pro-

duza espantosas ruinas. Portuguezes! em altas vozes o digo: existe hum Systema de vos provocar a desespero, para vos perder! Silencio pois! Dai tempo ao tempo! Esperai a occasião, porque vossos inimigos querem que vós trovejeis, para vos cahirem com o raio! Vamos ao inimigo exterior, que se aproxima; depois de o vencer, fallaremos; *nem sempre o diabo ha de estar atrás da porta*, para no-la fechar! Tambem nós havemos de entrar, mas ha de ser depois de havermos acabado de todo com o inimigo.

Tomei as passagens da Sancta Escriptura, para persuadir aos que a acreditão a pratica de virtudes, de que os Portuguezes muito precisão. Como foi supplantada a Constituição do anno de 1820? A primeira causa forão as trovoadas dos Constitucionaes: as suas gritarias desgostárão a todos, mesmo a alguns do seu Partido; eis pois que elles mesmos impellírão a sua ruina. Quanto não tenho eu a dizer a este respeito? Qual Escriptor Publico (sem vaidade, mas com verdade o digo) sabe melhor do modo, com que foi introduzido em Portugal esse flagello da revolução? Dous mezes antes d'essa trovoada, ou berraria de 24 de Agosto, dous mezes inteiros levou o Conde de Amarante em correspondencia com o Governo sobre a existencia da malfadada Conjuração, e elle não foi ouvido, nem acreditado! Tanta era a ignorancia, ou a malicia! A muitos Militares engajou o dito Conde na Defeza dos inauferiveis Direitos da Magestade: mas só permanecêrão firmes, na Causa d'ElRei, o mesmo Conde, e seu Filho, os Coroneis Salinas, Martinho Corrêa, e Motta Teixeira, o Major das Milicias de Villa Real, que preferírão a sua demissão a seguir a revolução! Fallo da Provincia de Tras-os-Montes, e fallo como testemunha de vista! Eu sei tudo, o que então passou nas Provincias do Norte; conheço todos os Conjurados; tenho noticia das Communicações de Fernandes Thomaz, onde andou, a quem fallou; não ignoro o que succedêo então a varios Officiaes Inglezes; rogo aos *Senhores* Revolucionarios do anno de 1820, que fação exame das suas consciencias; e se estiverem esquecidos, eu lhes lembrarei os seus peccados, as suas debilidades, as suas complicidades, as suas ignorancias, o lugar, o dia, e a hora! Tremão se puxo do Livro de Registo! Dir-me-hão, que ElRei os perdoou! Logo commettêrão crime! Tenhão vergonha! Mas não ha perdão sem conheci-

mento dos crimes, que se indultão! — *Fomos amnistiados!* — Isso sim! Amnistiados os criminosos; por essa razão os não personaliso! Mas os crimes vivem na lembrança dos Povos, que d'elles recebêrão tão graves offensas! Só o roubo do Erario! Os prejuizos da Real Fazenda! A insubordinação do Exercito!...

Como forão supplantados os Pedreiros Livres no anno de 1823? A primeira causa forão as trovoadas, ou gritarias do Povo Maçonico; e como cada hum puxava para a sua parte, o das Lojas do Porto, e das suas Filiaes gritando por tripas, e o das Lojas de Lisboa, e das suas Filiaes berrando por pelles, dividírão-se, despedaçárão-se, arruinárão-se: *foderunt sibi foveam;* cavárão a sua sepultura. Todavia os Constitucioneiros forão *amnistiados*, e os Carteiros forão *empolleirados!* Ahi estão ainda gordos, e roliços com assento em grandes Tribunaes alguns Bachareis, que assignárão o Protesto feito pelas Côrtes no mez de Maio de 1823! E outros que dizião ser mingoa sua beijar a Mão ao Soberano, e fazer continencia de chapéo aos Desembargadores do Paço, a quem davão o apódo de ladrões! Ahi, ahi, ahi estão! Puxem lá pelos Diarios de Côrtes; lá está o nome do Padre Alvito como sagaz supplicante; e lá está o delles como *Protestantes*, Revolucionarios, Republicanos, inimigos do Rei, do Governo Real, do Desembargo do Paço, e de... Ora fallem, fallem lá; que eu vou-lhes a casa, e descubro huma grande achada de inimigos da Nação Portugueza!...

Como foi tambem supplantada a Carta Constitucional de 1826, e os Pedreiros d'esse anno, e dos de 1827, e de 1828? Quasi pelos mesmos principios: os revolucionarios de 1820 querião tudo para si, disputavão a primazia aos outros; e, como a manta não chegava para todos, cada qual tomava para si o seu pedaço, verificando-se, que *ao partir do pão, ralha a Maria com o seu João!* dizia o célebre Manoel de Miranda — *He preciso que sejamos Deputados ao menos as duas terças partes do anno de* 1820; *d'outra maneira se não póde soster a obra de* 1826! — *Nós já estamos compromettidos, e somos certos*, dizia outro mais matreiro, *bom será, que se compromettão outros, para que ninguem possa virar casaca!* — Em fim as erupções das tripas, ou as trovoadas tripeiraes forão tão violentas, que ellas rasgárão as

pelles, como o sapo que de inchado rebentou: separárão-se, e perdêrão-se! Verdade he que ás tripas forão pegadas algumas pelles, porque o Conciliador dos dous Partidos revolucionarios, o Dictador dos Pedreiros das duas opposições, a todos promettêo vantagens; e os das pelles, digo, alguns dos empellicados acreditando terem os primeiro Postos na revolução, cahírão na miseria de darem as mãos aos tripeiros! Sim: o ex-Marquez de Palmella teve a astucia de engajar na Carta a huns poucos de Marquezes, e Condes! Sim, repito, a desgraça, a infamia d'alguns Titulares veio de se acreditarem nas imposturas do Palmella! Mas o certo he, que as trovoadas, ou gritarias dos revolucionarios do anno de 1820, e dos Carteiros de 1826, puxando para oppostas direcções, abalárão a Carta, e deixando-a sem alicerces dérão com ella fóra de Portugal! Ainda hoje não concordárão, por felicidade nossa, senão no unico ponto de não quererem o Governo Real Livre! D'huma só vez: As Lojas das Provincias, e as da Capital, o Maçonismo Francez, e o Inglez, não estão acordes! Ainda arde a guerra entre os Constitucioneiros, e os Carteiros! Porto na sua maioria não quer a de 1826; Porto não quer hum Fidalgo, nem pintado! Lisboa na sua maioria não quer a de 1820! Lisboa não quer soffrer outra vez a revolução das tripas! Esta opposição, esta encontrada berraria das Lojas em contradicção, vai produzir por momentos a mais violenta explosão! Cada huma das Lojas julga vencer a sua tentativa, na persuasão, de que os Realistas occupados no desbarato d'huma, não saibão ao mesmo tempo esmigalhar a outra; podendo esta unir-se á Esquadrilha de Dom Pedro, e, engrossando-a, triumfar! A lingua quer chegar, a penna não... Porém de todos os modos deduzo, que as gritarias, as berrarias, a trovoada, ou a desunião dos mesmos Constitucionaes, e Pedreiros, tanto na Constituição, ou revolução de 1820, como na Carta de 1826 os dividio, e enfraquecêo, abrindo-se brecha por onde os Realistas podessem assalta-los, e entrar-lhes, ou no Campo, ou na Diplomacia, ou nos Gabinetes! Temei pois Realistas, temei que os revolucionarios vos achem tambem divididos, despedaçados, desunidos, e enfraquecidos!

E onde está a nossa trovoada? Perguntar-me-hão os Realistas: Será em cantarmos o Hymno Real, para espa-

lharmos a fome, para distrahirmos o nosso soffrimento, para aliviarmos os nossos cuidados? Pois, Padre, disso já nós fomos reprehendidos no Porto! Não, meus Camaradas; cantai lá, pois *pois quem canta*, *seus males* (e ás vezes seus inimigos) *espanta*. — Pois, Padre, será por dizermos que este he Malhado, que aquelle he Pedreiro, que este outro he ladrão, que aquelle outro he trahidor? — Sim, meus Camaradas, he porque dizeis essas, e aquellas cousas fóra de tempo; he porque sobre isso levantais a voz mui alto, subis de tom, sahís da corda choral, formais gritaria, ou berraria, fazeis trovoada, e finalmente dais em vós mesmos! Soffrei aquillo, que vos não he possivel evitar! Fazei da necessidade virtude! Supplantai pela obediencia os vossos inimigos, antes que elles vos supplantem a vós pela vossa insubordinação, e pela vossa gritaria! Portuguezes! Estai em guarda! Olhai que se trama contra vós! Entregai em silencio a vossa Causa a Deos, e ao Senhor Dom Miguel Nosso Rei! A Deos pedi que nos livre de sermos dominados para sempre pelos seus inimigos! Ao Rei exponde as vossas queixas *una voce*, mas não desentoadamente! Tambem Deos toléra! O Rei tambem soffre! Mas eu formo hum breve dialogo destes queixumes, e farei vêr como a trovoada ameaça por toda a parte, e como, se ella continúa, o estrago, e anarchia he inevitavel.

Em o Porto falla-se livremente, e com o maior desaforo, que o Principe inimigo jurado de Portugal se apossará de todo este Reino no seguinte mez de Junho, sem que os Realistas possão disputar-lhe a intrusão, porque a maior parte das Tropas, que jurárão fidelidade ao Senhor Dom Miguel, estão alliciadas para a deserção, e para jurarem as Bandeiras da rebellião; pois que se falla com tanto descaramento, indicio he, de que não podemos contar com o triumfo: que diz a isto, Senhor Padre? — Os Pedreiros não cessão de semear nas Fileiras a desconfiança; porque na desconfiança vai a desunião, na desunião a anarchia, e na anarchia os Pedreiros triumfão! A' lerta pois, Realistas! Eu bem sei que o número dos descontentes não he pequeno, que os alliciadores são bastantes, que os alliciados podem ser muitos, que nas fileiras Realistas há suas malhas! Mas que importa? Sêde vós firmes, que os descontentes, os alliciadores, os alliciados, e os mesmos Malhados seguem sempre o Partido

vencedor! Hum Deos vos protege, porque a peleja he mais delle, que vossa, diz a Sagrada Escriptura no segundo Livro do Paralipomenon, Cap. 20, ℣. 15 = *Non est enim vestra pugna, sed Dei:* = a qual passagem muito a proposito da Questão entre o Senhor Dom MIGUEL Rei, e Dom Pedro Usurpador, ou entre Christãos, e Pedreiros, muito bem commentou o Abbade C. R. de B. no seguinte Soneto, o qual he huma verdadeira Parafrase do Sacro Texto com referencia ás nossas circumstancias.

SONETO.

Com Ammon, e Moab o Syro infenso
Contra o Rei Josaphat de guerra tratão:
O Povo, e seu Monarcha se precatão;
Mas o número hostil he quasi immenso.

Preces ao Ceo dirigem qual incenso
Com gemidos, que d'alma se desatão:
Deos ouve: eis o triumfo! Lá se matão
Os Conjurados com furor intenso.

Talvez com o Rei Luso a vossa Historia
O' trédos! O' Mações! nesta se veja....
MIGUEL hum Josaphat traz á memoria.

Mais, que o Throno, defende a Sancta Igreja;
Sem batalhas verá igual victoria:
Nossa não; mas de Deos he a peleja.

Será assim, Senhor Padre; mas se o Senhor Dom MIGUEL fôr surprendido, se mão occulta o rouba á vida, de pouco servirão os nossos esforços! Nós tememos muito pela vida do Nosso Adorado Rei, pois como não está claramente designado seu Successor, morto o Pastor, segundo a fraze sagrada, dispersar-se-hão as ovelhas do seu rebanho; não teremos quem nos conduza, e a Nação Portugueza será entregue á pilhagem, e á desolação: valha a verdade; a guerra he entre a Peninsula Christã, e a Peninsula Maçonica; Portugal he a primeira porção Peninsular, que deve ser assaltada, porque a Diplomacia acha pretextos na Questão entre

os dous Filhos do Senhor Dom João VI, para consentir, sob côr d'huma impostora neutralidade, e não intervenção, em que se atêe no Occidente da Europa este voraz incendio da guerra civil, que deve firmar no descanço as pertenções Maçonicas do Meio-dia da Europa: nós vêmos que os Malhados, que no interior nos cercão, não cessão de zombar de nós, de ameaçar-nos; elles finalmente exultão de prazer, e não podendo vir essa sua exultação das suas forças, que não competem com as nossas, vem certamente da sua esperança na morte da Unica Esperança dos Portuguezes: susurra-se entre nós, e pela bôcca pequena se diz que Dom Pedro, não podendo alcançar o seu triumfo por outra via, tem dado traças para fazer morrer o Senhor Dom MIGUEL!!! Ora, Senhor Padre, que diz a isto? Creio em essa conjuração Fratricida! As Historias nos fornecem alguns exemplos! A mesma Sagrada Escriptura no Cap. 21 do Segundo Livro do Paralipomenon nos diz como o ímpio Joram assassinára todos os seus irmãos, e hum dos assassinados tambem se chamava Miguel, como o Nosso Amabilissimo Rei! De tudo o que he ímpio são capazes os ímpios! Mas, se tal acontecer! (Senhor Deos! Salvai a vida do Nosso Rei!) eu, ainda que não tenho o espirito profetico, nem a authoridade de Elias, confiado na Divina Justiça, intimo a Dom Pedro, e a todos os complices, ou perfidos conjurados no assassinato do Senhor Dom MIGUEL a praga, que o Sancto Elias intimou ao impio Joram = *Tu autem ægrotabis pessimo languore uteri tui, donec egrediantur vitalia tua paulatim per singulos dies:* tereis tal dôr de ventre, em castigo do assassinato do Senhor Dom MIGUEL, que pouco a pouco vireis a arrojar os intestinos, as tripas, o bucho, os bofes, o figado, as entranhas, e até o mesmo coração; porque Deos he vingador da morte de MIGUEL, como MIGUEL he o vingador das injurias de Deos. Em esta consideração do premeditado assassinato do Nosso Grande Rei, e Senhor Dom MIGUEL, eu me arrebato com o citado Abbade C. R. de B., e aproveito a sua justa indignação declarada no seguinte Soneto: As Leis da Censura não se offenderáõ certamente, com que se repitão as mesmas acerbas expressões já d'antes permittidas em outros Numeros d'esta Defeza, e em outras Composições Publicas d'outros Escriptores; as circumstancias não melhorárão; peiorárão ellas muito. Dom Pedro quer aproximar-se ás nossas

Costas; tão ousada tentativa, ou Quichotada não se firma senão em trahições: justo he por tanto que os Realistas Portuguezes armados do mais nobre amor pelo Senhor Dom Miguel redobrem o seu valor pelo mais intrepido odio contra o perturbador Dom Pedro. Vá pois o

SONETO.

O monstro de sevicia impio Jorão
Com horror de Judá, e de Israel
Irmãos assassinou! Hum foi Miguel,
Quiçá o mais amavel este irmão...

Vil inveja, cobiça de Ladrão
A atroz alma azedárão do Cruel!...
E que fonte derrama Estygio fel
D'hum Pedro no malvado Coração?...

O Sceptro empolgar quer, que não he seu:
Aborrece o Rei Justo por Melhor:
Traças para mata-Lo o infame deu!!!

Invejoso, assassino, roubador;
He Pedro outro Jorão, sem ser Judeo,
Fratricida feroz, impio, trahidor!!!

Se pois os Realistas Portuguezes invocando o Deos das batalhas se resolverem a vingar a morte (a qual Deos affaste) intentada ao Senhor Dom Miguel, certos os inimigos d'esta resolução Realista, e de que ella se funda em hum Principio Christão, a saber; de que he licito a qualquer dar a morte ao matador do seu Legitimo Rei, quando não ha outro meio legal de vingar o Regicidio, como foi doutrina corrente entre os Theologos Hespanhoes, de poder qualquer Vassallo Hespanhol matar o intruso Tyranno José Napoleão, (e tão intruso era elle na Hespanha, como Dom Pedro o he em Portugal) os inimigos, abstendo suas mãos da trahição, conter-se-hão simplesmente nos limites da guerra; e com armas, posto que injustas, tentárão a sua louca empreza de dominar Portugal.

Realistas! A tempestade he immensa! Mas eu não me

agacho! Imitando os antigos Celtas, (já hoje degenerados em vozeadores Gallos) dos quaes diz Aristoteles que — *ne ipsos quidem terræmotus, aut procellas timent*, nem dos terremotos, nem das tempestades temem; eu me uno ao Exercito, sem receio de que se disperse; ao Governo sem a mais minima suspeita, de que atraiçoe; e ao meu Rei na esperança, de que Deos O Salve! Temo sómente d'essa desconfiança, d'essa desintelligencia, d'essa desunião, que os Malvados tem pertendido introduzir entre os Portuguezes por meio de noticias aterradoras, de vozes sediciosas, de gritarias subversivas, de berrarias tumultuarias! Portuguezes! Toca a unir fileiras, a unir sentimentos, a conciliar vontades, a fechar a entrada ás discordias, e ás intrigas! O Clarim da guerra ainda não sôou! Eu vou descobrindo a tempestade! Ella continúa! A Trovoada a precede, e acompanha! Hei de esconjurar os gritos da Maçonaria, e os berros da intriga, que facilmente ouvem alguns Realistas inquietos! Acautelemo-nos de nós mesmos, não ouvindo outra voz, que a do Senhor Dom Miguel, annunciada pelo seu Governo!

A Esquadra Maçonica está em movimento! Meu Partido está tomado! *Vencer, ou morrer*, e morrer antes matando, que assassinado! A guerra he de Religião! Por ella devo acudir á Defeza do Rei, e da Nação Portugueza, que a adorão, e obedecem! Venha pois a Esquadra, venhão transfugas de todas as Nações, venhão Portuguezes rebeldes, venha o mesmo Dom Pedro em pessoa! Eu não tremo! Portuguezes, eis o protesto do citado C. R. de B.: elle he o meu protesto, o de todos os que estivemos emigrados na Hespanha, e o de todos os Christãos, que no Throno do Senhor Dom Miguel consideramos incolume a Religião, e a Nação Portugueza!

Pedro cruel! eu não mudo!
Hei de arrojar na Esquadra
Tudo quanto achar agudo.

Lisboa 31 de Maio de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: Na Impressão Regia. Anno 1832.
Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.° 44.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Continúa a Tempestade em Portugal.

He ainda a trovoada, que de todos os lados espanta; mas meus ouvidos estão costumados, e já não tremo; só o raio me intimida; porém sua acção he instantanea; não ferindo no momento *A.*, zombo d'ella no momento *B.* — Bem quereria eu guardar ordem nos meus discursos, para levar meus leitores como pela mão ao conhecimento de verdades, que muito lhes interessão: assim terião estas linhas, rudes como ellas são, mais força, e mais graça, como prescreve Horacio na sua *Arte Poetica*:

Ordinis hæc virtus erit, et Venus, aut ego fallor,
Ut jam nunc dicat jam nunc debentia dici
Pleraque differat, et præsens in tempus omittat:

Porém o inimigo cambia a sua frente, muda de direcção, e a toda a hora varía seus movimentos; assim eu déstro no ataque, sciente da offensiva, e da defensiva, versado nas manobras das revoluções, costumado a entender seus estratagemas, e perfidias, sabendo que humas vezes fingem retirar-se, e he então quando acommettem; outras pelo contrario fingem acommetter, e he então quando se retirão; conhecendo que humas vezes maquinão mais, quando parecem mais pacificos; e outras, pelo contrario, parecem alevantados, e he então que nada obrão; bem semelhantes a dous Gallos, que enrestão entre si, quando já, ao parecer, estavão terminadas as suas contendas, assim eu me vejo obrigado a perseguir os inimigos

em todos os seus movimentos, e direcções, sem lhes dar descanço, nem mesmo quando simúlão estar tranquillos; porque no silencio meditão elles muitas vezes as mais terriveis explosões. Porém agora elles fallão, elles gritão, elles espalhão o terror, elles trovejão; convem pois examinar a trovoada do lado, que ella ameaça, para dissipar o espanto, aos que não estão costumados a ouvir esses aereos estrondos.

Porém, *Senhor Padre*, diz hum Realista explorador dos movimentos revolucionarios com voz semelhante á d'hum Cão Rafeiro, que principia a latir, apenas lhe dêo o faro do lobo seu inimigo — *O Raio está sobre as nossas Costas.* — Não, meu Camarada, não he o raio, he o trovão, dos que o desejão, que o annuncia: não se assuste: He o Pedro? Pois ahi vai essa peça de artilheria de calibre de 80! Ella he maior que o tremebundo canhão, que Soult assestou contra Cadiz; e Soult não vencêo. Pedro está perdido, e eu o demonstro depois do seguinte

SONETO.

O rugidor Leão, voando á prêza,
Que na cruenta garra despedaça;
Urso voraz, qu' em animal, que abraça,
Sacia a fome, e natural crueza;

Imagens são, qu' exprimem com viveza
Impio Rei, que de bruto a vida passa;
Da pobre gente 'scandalo, e desgraça,
Labéo de si, labéo da Natureza!

Se atroz de mais parece esta pintura,
Auctor Omniscio, Eterno a fez primeiro!...
Ah! não fique o pintado em sombra 'scura.

O mundo veja aqui o Ex-Brasileiro
Cujo nome annuncia a desventura;
Máo Filho, Irmão peior, em fim... *Ped-rei-ro!*

Ordenando as letras do Anagramma, que o vem a ser, segundo a divisão, que fiz das letras, vem a dizer — *Pedro Rei.* He este Soneto composição de C. R. de B. sobre o verso 15.

do Capitulo 28 do Sagrado Livro dos Proverbios — *Leo rugiens, et ursus esuriens, princeps impius super populum pauperem.*

Não estranhem os meus Leitores, que eu diga que Dom Pedro he Pedreiro, pois que elle mesmo teve a audacia, e a vileza de o dizer em Letra, que escrevêo a seu Augusto Pai, datada no Rio de Janeiro aos 15 de Julho de 1824 — Eis as suas proprias palavras — *Eu, Meu Pai, entrei para Maçon* — Esta Letra foi dada á luz na Impressão Regia, e re-impressa varias vezes com as licenças necessarias: d'ella hei de tirar argumentos, ou exorcismos, com que esconjure essa horrorosa trovoada, que a tantos tem incutido espanto.

Mas, Senhor Padre, os Fidalgos se unem ao Principe Maçon! — Esta he a maior trovoada, de que os malvados se prevalecem, para introduzirem a dissidencia, a discordia, e a desunião entre o Primeiro, (ou Segundo) e Terceiro Braço do Estado! Assim julgão os revolucionarios triunfar na intriga, e na desintelligencia, promovendo a desconfiança entre a Nobreza, e o Povo! Portuguezes! Nobres, e Plebeos! Dai-vos as mãos, e salvai-vos a vós mesmos! Os primeiros relevem aos segundos a sua credulidade a tantos orgãos, como trovejão aos seus ouvidos com estas barbaras imputações, e enlacem-se com hum Povo costumado a respeitar, e a amar a Fidalguia, em quanto huns poucos de Fidalgos seduzidos pelo louco Palmella não acompanhárão as bandeiras da rebellião! Fidalgos! Os Povos são o vosso esteio! D'elles recebeis as vossas riquezas, as vossas honras, e os vossos respeitos! Abraçai-vos com os que estendem suas mãos a vós, mãos que vos defendem, mãos que vos beneficião, mãos das quaes pendem as vossas fortunas, e as fortunas das vossas familias! E vós, Plebéos, não maldigais os que vos amão, os que vos protegem, os que vos compadecem; não acrediteis as calumnias, que os impios tem forjado contra os Fidalgos, para vos dividir! Vêde que vós nada sois sem a coadjuvação da Nobreza, como tambem ella nada he sem o vosso auxilio! O corpo do homem he composto de cabeça, braços, pés, e de mais partes constitutivas da maquina humana! Qualquer cousa, que d'elle se separe, morre! Assim o Corpo do Estado he composto de Clero, Nobreza, e Povo; se não houver união, aquelle, que se separar, he perdido! A Letra de Dom Pedro releva os Fidalgos das imputações, que os revolucionarios lhes fazem, para

os indisporem com os outros dous Braços do Estado. Eis-ahi as mesmas palavras de Dom Pedro, depois de ter confessado, que elle entrára para Maçon — *Sei que os Fidalgos forão convidados pelos Maçons, e que elles não quizerão entrar.* — Assim se deve lêr essa Letra, e não como ella foi impressa, o que se colhe com a maior evidencia das palavras, que mais abaixo accrescenta o Maçon Dom Pedro — *E pela mesma razão os Mações* (falla aqui dos Constitucionaes, ou Revolucionarios do Porto dos annos de 1820, 1821, 1822, e 1823) *que estavão nas Côrtes, tanto batêrão os Fidalgos, e elles aguentárão callados.* Eis-ahi como Dom Pedro justifica os Fidalgos! Aprendão bem os Povos.

Mas; alguns Fidalgos se unírão ao depois aos revolucionarios, me redargue hum Realista; *tambem, Senhor Padre, defenderá a estes? Vossa Mercê, ao parecer, está comprado!* — O ouro, meu Camarada, não tem parte alguma nas minhas idéas, nem nas minhas palavras! Os Pedreiros sabem que eu desprezo offerecimentos; ainda sabem mais; que, em pedindo que me calle, fallo pelos cotovelós; e pedindo que falle, callo-me, que nem hum mudo! Os Fidalgos que seguem a facção de Dom Pedro forão engajados no Maçonismo pelas fementidas persuasões do Inglez Palmella, *d'esse cão fraldiqueiro de Canning*, e para isso mesmo forão interessados com os primeiros Postos no Exercito, além dos primeiros Cargos da Nação, que lhes forão promettidos! Basta, senão, recordar os nomes e os Postos dos Marquezes de Valença e d'Angeja; dos Condes de Alva, de São Paio, e de Villa-Flor; e assim dos outros, que não convem nomea-los todos, por não fazer fedorento este papel.

Porém, eis me sahe outro Realista com hum paragrafo da citada Letra do Maçon Dom Pedro — *A vida de Vossa Magestade está em muito perigo; pois em os Fidalgos se unindo* (como pertendem) *ao descontente Commercio, que se acha moribundo; ao desgraçado Lavrador, que já não tem, com que mate a fome á sua miseravel familia; e ao Artista, que não trabalha, por não terem extracção as suas manufacturas, Vossa Magestade vai debaixo irremediavelmente, e ninguem lhe poderá infelizmente valer.* — *Estaremos no caso, Senhor Padre? Terá o Commercio engajado a Fidalguia, ou os mesmos Inglezes terão persuadido, ou interessado aos Fidalgos?* — Estou disposto a fazer cessar a trovoada, e mette-la dentro em casa dos mesmos revolucio-

narios, que a fazem. para assustar com as loucas desconfianças de trahição aquelles, que, tendo passado por alguns revézes, julgão que tudo lhes he adverso. Respondo pois: 1.º Esse paragrafo escrevêo-se para assustar, e incutir terror ao Senhor Dom João Sexto, e elle aproveitou na sua debilidade nervosa, para arrancar d'elle o reconhecimento da Usurpação do Brasil; pois em verdade, que a vida do Senhor Dom João Sexto nunca esteve em perigo da parte de Fidalgos de antiga linhagem, e só dos revolucionarios do Porto, e de certos Militares, que se reunírão nas Caldas da Rainha, para deliberarem da sua morte, e da Successão ao Throno: eu não os nomeio; hum está em París; outro por cá anda com Bulla de vivo, devendo ter a de morto; elle, em lendo isto, renova a ordem do *tiro contra o Padre!* Mas eu contínúo no meu proposito — *Justum, et tenacem propositi virum, etiam si fractus illabatur orbis, impavidum ferient ruinæ!...* Zé! Entendes-me? Se eu não fosse hum Realista subordinado, sem recorrer ao Cacete, com hum murro faria de ti hum Zezinho, ainda mais pequeno do que eras quando *Lord Beresford* te despedio do Exercito por incapaz! 2.º Os *Communs* Inglezes não podem vêr hum Fidalgo, de qualquer Nação que este seja; e sendo Fidalgo Portuguez, seu odio cresce ao infinito: ora pois se amor com amor se paga; odio com odio se castiga; o nobre orgulho d'hum Fidalgo Portuguez não soffre ser supplantado. 3.º O Commercio aborrece figadalmente a Fidalguia; os Fidalgos sabem isto; elles pois jámais se lhes unirãõ, mesmo por conservarem o esplendor, e o brilhantismo das suas Altas Jerarquias: mas advirta-se que, quando eu fallo de Commercio, não he da minha intenção incluir esse honrado Corpo de Capitalistas abastados, sisudos, pacificos, e prudentes, que se não embaração de negocios Politicos; que em cada revolução vêm com horror a ruina das suas transacções: fallo sómente d'essa Grande Ordem Caixeiral, que tem as suas duas Casas Principaes nas Cidades do Porto, e de Aveiro, da qual Ordem tenho no meu tinteiro a instituição, e progressos: Ordem verdadeiramente mais propagada, que a Teutonica: o Número que tractar d'esta Caixeiral instituição ha de ser dedicado á *impudentissima, grosseirissima, e tumultuosissima Caixeirada*, para que o proteja como hum monumento da minha affeição a todos os Caixeiros, ou Burriqueiros do Reino: pois a esta Ordem de Commercio, á fé minha, que

se não une hum só Fidalgo Portuguez, a não ser para amassar com a terra essas Costeletas Caixeiraes, que tanto se tem desaforado contra as altas Classes do Reino. 4.° A mortalidade do Commercio nasce do roubo, que Dom Pedro fez do Brasil a Portugal; acabe porém a guerra, restabeleça-se a paz no interior, haja confiança Publica, tenha o Governo occasião de se livrar da prepotencia dos estrangeiros, que acabrunhão a Portugal, e o Commercio irá reviver com vantagem na Asia, e na Africa, donde os Portuguezes colherão maiores riquezas que do Brasil. 5.° A Fidalguia nunca se unio aos Lavradores, para os revolucionar, mas para os auxiliar; porque tanto os Fidalgos como os Lavradores conhecem que a Agricultura he a base do Commercio, e da opulencia; e nas revoluções o Lavrador não póde soster a rabiça do arado, semear seus campos, e colhêr seus fructos. 6.° O Artista tem, em que se occupe, e de que subsista, logo que os Portuguezes deixem de comprar aos estrangeiros, o que antes devem vender-lhes. Erão pois planos forjados por Dom Pedro, para intimidar a seu Augusto Pai, essas supposições da reunião dos Fidalgos aos Caixeiros descontentes, aos pobres Lavradores, e aos ociosos Artistas: e essas mesmas suspeitas, que hoje se introduzem nos Povos para lhes fazer perder o respeito, e o amor, que justamente consagrão ás Altas Classes da Nação, não tem outra existencia, que na tresloucada cabeça dos desesperados Pedreiros, pois que dos Caixeiros todo o homem de bem zomba, do Lavrador todos os bons Portuguezes fazem o devido apreço, e do Artista tracta o Governo do modo, com que lhe ha de dar que fazer, e de que possa subsistir.

Mas, Senhor Padre, continúa hum Realista, *dos Fidalgos que estão em Portugal muitos estão aparentados com os Fidalgos rebeldes; seguirão pois a facção d'estes.* — Alguem não quer ser parente d'hum desgraçado, muito menos de hum rebelde! Os homens de bem desconhecem os parentes, que contrahem hum casamento vergonhoso; muito menos quererão elles conhecer, os que comettêrão tão baixas traições! Mais nobre, mais honrado, mais virtuoso sangue corre nas vêas dos Fidalgos Portuguezes, que jurárão fidelidade ao Senhor Dom Miguel! Elles não podem já reconciliar-se em tempo algum! Sempre terião os rebeldes, se vencessem, que lançar em rosto aos leaes, se estes fossem vencidos! Os leaes Fidalgos Portuguezes não vendem por tão

vil preço, ou por tão pequena consideração, como he a do parentesco, a sua honra, a sua fidelidade, o seu pundonor! *Nequitia odit, pudorique est*, diz Seneca, *nec quisquam tantum... hominem exuit, ut gratis velit esse malus*. Altamente o digo, e assim o sinto: Não ha hum só Fidalgo em Portugal, que, por estar aparentado com hum trahidor, tambem elle queira ser trahidor, e transmittir á sua posteridade o labéo de indeciso, de cobarde, de fraco, de egoista, de homem de duas caras, e de duas linguas! Existe huma perfeita união em os Tres Braços do Estado! Só no Terceiro Braço existem Caixeiros dementados, Clerigos, e Frades descatholisados, Bachareis depravados, Militares estouvados, Paisanos abjectos, e Mulheres infames! O número todavia he pequeno! A sua acção consiste sómente em trovejar a calumnia entre os Portuguezes, para introduzir a desunião, a discordia, a desintelligencia, a intriga, a desconfiança, a desordem, e depois de tudo isto a guerra civil!

Dom Pedro poderá interessar os Fidalgos, accrescenta hum Realista, *e elles se passarão*. Em verdade que estive para não responder a este pateta. 1.° os Fidalgos não vendem a sua honra: 2.° com que poderá interessá-los Dom Pedro? Tudo quanto ha em Portugal não chega para contentar os rebeldes, que o acompanhão. Com que pode elle saciar a fome canina desses, que tantos serviços lhe prestárão? Como recompensará esses estrangeiros, que o seguem? Como pagar a immensa divida contrahida por esses prodigos? Se elle não soube premiar seus amigos lá no Brasil, ainda no seu tempo opulento, como poderá agora satisfazê-los em Portugal, ha muitos tempos atenuado? Pobre Dom Pedro no Brasil, mais pobre seria em Portugal: *rapiunt non sua, et semper in egestate sunt*, diz a Sagrada Escriptura no Livro dos Proverbios, Cap. 11. ℣. 24.: roubando o que lhe não pertence, Pedro he sempre hum pobretão: rugindo de fome como o Leão, esfaimado como o Urso, dominando a huma Nação pobre, Pedro nem mesmo poderia pagar a huma pequena Divisão, que o defendesse.

Porem os que o seguem estão pagos, diz outro Realista, *e elle conta engrossar as suas Tropas com as Tropas, que defendem o Senhor Dom MIGUEL, o que não conseguirá senão pelo interesse!* Poderá assim succeder; de cá haverá desertores, que não serão outros que os que tomárão parte na infame rebellião do Porto de 16 de Maio de 1828;

de lá virão arrependidos muitos, que fôrão arrastados por promessas, e enganados no seu desempenho: lá a fidelidade, a convicção, a experiencia, e o desengano debilitarão as suas columnas: cá a maldade, a loucura, e o dinheiro, que os Estrangeiros tem extorquido a Portugal, o mesmo dinheiro Portuguez endoudecerá a huns poucos de centenares de Soldados, e de Officiaes de máo caracter; seja assim; quero conceder esta supposição, ainda que não tem muito fundamento: *Si infidelis discedit, discedat*, dizia S. Paulo: embora desertem os traidores; ficará o Exercito Realista apurado por huma vez; a final vêr-se-hão os Realistas sem mistura. Para que precisão elles desses bandidos? A Nação Portugueza tem hum Exercito capaz de se arrostar com duzentos mil inimigos. Onde estão essas agigantadas forças? Na massa do Povo! O Governo tem tomado todas as providencias, como se a Campanha fosse com o mesmo Napoleão! Todos os que são capazes de pegar em armas, estão dispostos! Todas as medidas tem sido tomadas mui opportunamente, para repellir o inimigo no exterior, e para reprimir os Revolucionarios no interior. Descancem os Realistas, e sejão certos de que o Governo está compromettido como elles mesmos.

Dizem por ahi, ainda replica hum Realista, *que os Milicianos se retirão para suas casas, logo que appareça o Principe enganador, que por esta deserção lhes promettêo as suas Baixas.* — Desgraçados Milicianos, se o tyranno Pedro vencesse! Elles não recolherião a suas casas no espaço de dez annos, porque a muitos mais se prolongaria a lucta civil, e a guerra Peninsular! As Baixas serão indefectivelmente dadas a todos os que tiverem seus annos completos de serviço, logo que a lucta acabe! Esta lucta não pode espaçar-se mais que pelo presente anno, se todo o Exercito permanecer firme na Defeza do Senhor Dom Miguel, Seu Rei, Seu General, e Seu Amigo! Se os infelizes Milicianos abandonassem esta Sancta Causa, que tão espontaneamente abraçárão, e jurárão, elles verião roubar as suas casas, e gados, e ceifar em verde os seus campos por esses Soldados foragidos, e depravados, que vem na companhia de Dom Pedro! Os Milicianos serião obrigados a allumiar com a candeia em suas mãos aos barbaros sequazes de Dom Pedro, para os vêr deshonrar brutalmente as suas mulheres, filhas, e familias!... Elles serião compellidos a voltar ás armas, para com ellas

servir ao furioso Pedro no seu louco projecto de se vingar dos Realistas de Portugal, e da Hespanha! Elles verião matar seus Parochos, seus Sacerdotes, seus parentes, e seus amigos! Elles verião roubar as Igrejas, e as Capellas, e ao depois entregá-las ás chammas! Mas que trahidor imputou este labeo aos honrados, e valentes Milicianos Portuguezes? Pedreiros! Cessai de intrigar, se quereis existir! Os Milicianos de Portugal conhecem seu dever, e seus interesses! Elles sabem que, affrontando essa matilha de estúpidos defensores de Dom Pedro, defendem a Religião Sancta de Jesus Christo, o Seu Rei Dom MIGUEL, as suas casas, as suas terras, as suas esposas, as suas filhas, e filhos! Os Milicianos sabem que, fazendo guerra a Dom Pedro, a fazem a hum Pedreiro, que elle he, e aos mais Pedreiros, que vem em sua ajuda! Milicianos! Antes guerra por hum anno, e paz para sempre, que paz por hum mez, e guerra por dez annos! Da victoria do Senhor Dom MIGUEL pendem as vossas Baixas, e o vosso descanço! Se Dom Pedro prevalecesse, estarieis sempre debaixo d'armas; vós não terieis mais descanço! Eia pois, a elle, e a elles, que são poucos! Acabai com elles por huma vez! Volta, Pedro, voltai, Pedreiros, voltai as costas; mas melhor entendereis este Voltarete Pedrista Pedreiro no seguinte

SONETO.

Pedro, deixa o joguinho: a perda he certa...
Não passas d'Aprendiz entre os Pedreiros,
Gatunos jubilados, e matreiros,
Que te embação por tôlo, e bôcca aberta.

Não viste sua manha descoberta,
Codilhando-te o Imperio os Brasileiros?
Pois olha que os *di cá* são seus parceiros,
Para empolgar o mando sempre á lerta.

Vê lá bem o Palmella em que te mette
Com sua corja vil d'atroz Pandilha
Contra Sceptros munida de malhete!

Se vieres com a Sota, e com Manilha,
Mamas novo codilho em Voltarete;
Nós temos Rei com Basto, e com Espadilha.

Parece que só com o favor deste Soneto, composição de C. R. de B. poderiamos descançar, meus leitores, e eu de tantas intrigas, como os revolucionarios Pedristas procurão semear entre os Realistas Portuguezes por meio de vozes sediciosas, e de persuasões alterradoras, a que tenho dado a denominação de Tempestade, ou de Trovoada. Mas as que deixo referidas não são as unicas, ainda que são as principaes no interior; digo no interior, porque as do exterior são muitas mais em número, e na força da impostura: ha tempos quero esconjurá-las; mas procuro-lhe o geito, e a occasião, e esta fugio-me das mãos, quando vinha de retirada para Lisboa; eu a espero com ancia, e Deos fortalecerá minha esperança na confusão dessas manobras estrangeiras, que tanto tem embrulhado a luminosa Questão Portugueza!

Ora seja assim, Senhor Padre, me diz hum Realista; *eu acredito de boa mente que os Tres Braços do Estado estão unidos nos seus sentimentos, e no seu juramento de fidelidade ao Senhor Dom MIGUEL, Rei Absoluto. Creio que todo o Exercito esteja firme na Defeza d'huma Causa justa, que abraçou, porque todo elle quiz, ainda que não podia deixar de assim o querer, porque este era o seu dever. Supponho até que nem hum só Soldado, ou Official desses mesmos indecisos, e suspeitos vá engrossar a esfarrapada Tropa dos Rebeldes; bem que, ainda que alguma deserção houvesse:* Quid sunt hi inter tantos? *Que podem esses poucos infames contra infinitos milhares de honrados? Dou-lhe, meu Padre, a minha palavra de honra que já estou mais alentado, e nova alma ganhou o meu coração: já não me intimidarão mais esses zumzuns, com que tem atroado os meus ouvidos, de falsidade na Fidalguia, de fraqueza nas Milicias, e de outras cousas mil, que na verdade me espantavão, porque eu sou naturalmente desconfiado de tudo, e tenho visto, e vou vendo tantas cousas, que como lhes não pescava a razão, suspeitava sempre trahição. Asseguro-lhe que se tornar a ouvir fallar em semelhantes cousas, hei de escarmentar, ou fazer que o Governo escarmente a esses intrigantes, e revolucionarios, que não cessão de promover o terror, a desconfiança, e a desordem entre os Povos. Mas diga-me, Senhor Padre, se o sabe: como Dom Pedro, segundo a persuasão commum, não triumfa da valorosa, e leal Nação Portugueza, tendo elle sido expulso do Brasil, qual será o seu acabamento?*

Ora estes ardentissimos Realistas não me deixão hum só instante! Eu já tenho dito qual deve ser politicamente o fim do Principe, que depois que levantou as cristas não tem cessado de offender a Nação Portugueza. Mas como elle de mais a mais tem premeditado (Que horror!) huma espantosa trahição, e esta seja da mesma natureza, que a que praticou o perverso Jorão, de que falla a Sancta Escriptura no Capitulo 21 do Livro 2.° do Paralipomenon; collijo da immensuravel Justiça Divina, que terá o mesmo exito que aquelle: já o annunciei no N.° anterior; mas os Realistas Portuguezes amão a Poesia, que lhes inspira hum nobre ardor para combater o Tyranno: como pois das producções de C. R. de B. existem nos Realistas estas sublimes impressões, e belligerantes estimulos; em quanto o citado Auctor mimosear o Publico com estas dadivas do seu engenho, eu não cessarei de offerecer-lhas; buscando somente o interesse da Nação na gloria do seus inclitos Filhos. Vá o fim desgraçado, que sem dúvida terá o Principe Maçon, se Deos pela sua infinita Misericordia o não excitar ao arrependimento dos seus crimes, e por este arrependimento quizer affastar delle o rigoroso peso da sua terrivel vingança, Qual ella seja o explica com muita enfase o seguinte

SONETO.

Jorão, por ser perverso, e fratricida,
Por deixar a Deos Vivo, e Verdadeiro,
(Bem como agora faz bando Pedreiro)
Finou com fêa morte horrenda vida.

Com elle sua casa perseguida
Foi do proprio Vassallo, e do estrangeiro:
Infeliz! dêo-lhe o golpe derradeiro
Biennal doença, infanda, raro ouvida.

Ah! Por baixo expellio podres entranhas
Co' a feroz alma envolta em pus nojento!...
Bem justa punição d'impias façanhas.

Vê, Pedro!... O espelho he claro a olho attento:
Sendo Jorão na vida em crúas manhas,
Serás tambem Jorão no acabamento.

Eu sei que muitos hão censurado, e continuão á censurar a vehemencia, com que me arrebato contra Dom Pedro; mas se elles tivessem lido todas as virulencias, que os Liberaes todos da Europa, especialmente os nascidos em Portugal, tem arrojado, e continuão a arrojar contra o Nosso Augusto Rei, e Senhor Dom Miguel, acharião que eu ainda me tenho contido nos limites da moderação, e da decencia. Os revolucionarios tem querido desconceituar o virtuoso Senhor Dom Miguel com atrocissimas calumnias; eu pertendo tirar o prestigio a alguns Portuguezes, e repellir a Dom Pedro com evidentissimas verdades, O entranhadissimo amor, que hum Realista consagra ao seu Rei, faz que elle se penetre d'hum vivissimo odio contra qualquer, ainda que seja Principe, que o persiga. Eu não conheço o odio; mas desejo excitar nos Portuguezes a mais justa indignação contra o Principe Dom Pedro, que lhe faz a guerra; ou Dom Pedro, ou Dom Miguel Rei! Dom Miguel he o meu Rei! Logo Dom Pedro he hum tyranno, pois que o persegue; pois que lhe forja trahições; pois que desde o principio da lucta tem ensinado a todos os Pedreiros a promoverem com as mais negras injurias o descredito do Senhor Dom Miguel! Tenho satisfeito aos que me censurão de boa fé: aos que defendem a Dom Pedro receito a seguinte Quadra, que na quadra, onde estão as bestas, devião estar elles, desde que perdêrão o uso da razão, ou desde que se alistárão no Maçonismo. Leião lá os Pedristas:

> Devem sahir pelo anus
> Essas almas turbulentas
> Em porcas acções tão çujas,
> Em fama tão fedorentas.

Lisboa 5 de Junho de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: Na Impressão Regia. Anno 1832.

Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 45.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Continúa a Tempestade em Portugal.

Da má colligação dos elementos, ou da desordenada união de materias de oppostas qualidades, resultão os tremores na terra, e as tempestades no ar: as trovoadas despenhão sobre a terra materias oppostas; estas na terra fermentão, seus halitos sobem outra vez ao ar, alli de novo se revolvem, e eis outra vez a tempestade. Eu me inclino, a que, assim como o fluxo, e o refluxo do mar he successivo, e tem huma marcha certa, assim tambem são periodicas, e regulares, ou methodicas as erupções do *Vesuvio*, e do *Etna;* assim tambem são na terra successivos, e regulados os seus tremores; assim no ar são periodicas, e contínuas as tempestades. Newton ideou a attracção em todo o orbe; Cartesio imaginou o vortice em toda a terra; Epicuro forjára o cahos em tudo o que existe; Pithagoras imaginava a transmigração das almas nas substancias animaes; outros que a composição dos corpos procede da resolução dos outros corpos. Cada Seculo teve o seu homem, que o divertisse, como toda a Comedia tem o seu bobo: porque me não será tambem permittido, como a elles, divertir a geração presente? Não sou eu menos fantasiador, e menos bobo que qualquer d'esses Filosofos! Atrevo-me pois a dar a este Seculo huma nova Farça, com que se entretenha: ahi vai. O tremor da terra he perpetuo; a tempestade no ar he contínua: a terra sempre treme; o ar sempre troveja: mas aquel-

les tremores, e estas explosões vagueão por huma especie de rotação de huma para outra parte, como procurando diver- tir os mortaes com a dança, e com o toque de caixa: mas este espectaculo, que nada tem de alegre para quem o pre- sencêa, não he universal; pois se universal fosse, *ou o Crea- dor do Universo padecia*, como acontecêo na morte de Je- sus Christo Deos, e Homem Verdadeiro, que foi a primeira vez, que toda a terra tremêo, e todo o ar trovejou; *ou o Universo se desfazia*, como ha de acontecer na segunda vez; que he a ultima, em que ha de ser geral o terremoto, e a tempestade. Mas em quanto essa generalidade não succede, para acabar com o Mundo, e com os Homens, que já a tem desafiado sobejamente, tão mal vai aos que sentem nas suas terras o tremor, e nos seus ares a tempestade, como vai bem aos Gazeteiros, ou Noticieiros, que mettem bons vintens na algibeira, contando, como lá em tal parte tremêo a terra, e ficárão debaixo d'ella tantas Cidades, tantas Villas, tan- tas Aldêas, e tantas gentes; e como acolá em tal terra hou- ve huma tempestade tão furiosa, que levou todos os pães, arrazou todos os campos, e matou tantas pessoas, e tantas rezes. Assim muita gente ganha pão, contando as desgra- ças, que succedem aos outros: de resto a terra treme sem- pre, cada porção d'ella á sua roda; e o ar he sempre tem- pestuoso, em cada região á sua vez. O Mundo não está hum só instante, todo elle em calmaria; lá treme, e dá hu- ma cambalhota de pernas para o ar; acolá troveja, e absor- ve o ar, que anima os viventes... *Caspité!* Que nova inven- ção Filosofica! *A perpetua rotação dos terremotos, e das tempestades!* Nova Farça para divertimento d'este Seculo trémulo, e tempestuoso! Eu cedo esta aterradôra Peça a be- neficio de *Monsieur Tonant*, e de *Madame Delirant!* ...

Em as terras, em que esses tremores as abalão, e as tempestades as amedrontão, em tremuras está o pobre, em sustos geme o rico, não o aliviando d'elles suas riquezas, suas propriedades, suas pratas, seu ouro. *Non domus, et fundus, non æris acervus, et auri.... deduxit...... animo curas.* Quando esses tremores, e aquellas tempestades acon- tecem perto de algum Paiz, então lembra Sancta Barbara, e São Jeronymo aos seus assustados habitantes; e elles tem razão de temer; porque — *Quando vires arder as barbas de teu visinho, deita as tuas de remolho.* Assim os Povos bem educados temem que as desgraças alheias venhão bater ás

suas portas, e mesmo vivendo ditosos não vivem sem sustos, como estando em desgraça se consolão na esperança. Este he o jogo da Fortuna, da boa, e da má: anda a roda, desanda a roda; quando para hum desanda, para o outro anda: depois que a terra tremêo, pára; depois da tempestade vem dias serenos; he porque o tremor, e a tempestade forão para outra parte; mas á roda hão de voltar: assim a esperança, e o medo, como na terra a quietude, e o movimento, e no ar a calma, e a tempestade, são os dous eixos, sobre que se movem os homens bem ensinados: *Sperat in faustis, metuit secundis — alteram sortem bene præparatum pectus.* Apostarei eu, que alguns dos meus leitores não gostaráõ d'estes *latinorios*, ou porque lhes parecerá, que não vem ao caso, *a proposito frizeiro*, ou porque diráõ, que lhes não dou a explicação! Esta vai sempre, ou antes, ou depois dos textos: ao caso vem elles agora, e hão de vir mais adiante, porque n'elles vou eu lançando muitas, e fecundas sementes, que hão de crescer, e fructificar prodigiosamente na Defeza de Portugal: não peção pois a Deos esses leitores, que os guarde d'estes *latinorios;* peção antes a Deos, que os guarde de *parrafo de Legista; e de infra de Canonista; e de et cætera de Escrivão; de recipe de Matarão; de Mula, que faz — Im —; de Mulher, que falla Latim; de Ministro, que a tudo, e a todos diz — Sim —; e de Inglez, que diz — Só a mim — Só para mim —; de Nacionaes, e de Estrangeiros, que não querem senão, que Deos desavenha, quem os mantenha.* Em verdade, que estou feito hum *Sancho Pansa na* soltura de adagios! Metto a viola no sacco, porque ahi vem a tempestade, ou a trovoada!

A Tempestade Politica tambem anda á roda; mas ella he perpetua na sua rotação, ainda que he parcial; aqui troveja, aqui se grita; mais além nada se diz, nada se ouve; calmaria cá, tempestade lá: o meu Telegrafo assim o diz; em huma parte vai bem, tudo está em ordem; ha pois profundo silencio: em outra parte vai mal, e muito mal; tudo está em desordem; resoão pois altos, e estrepitosos gritos de queixa, de desgosto, de descontentamento: he a tempestade, he a trovoada; mas he parcial: se ella pegar em toda a parte, se todo o Universo gritar, ah! ai do Universo! elle acaba, a Sociedade se dissolve, o raio cahe sobre todos; he a anarchia Universal, que o malvado *Canning*, o Anti-Rei, o Anti-Povo, desafiára, provocára, e chamára no anno de

1826! São as vesperas do terremoto, e da tempestade universal, com que, na ordem da Natureza, quer Deos acabar com tudo o que elle creou cá no Mundo visivel. As Tempestades Politicas rodão do mesmo passo, que as Tempestades Fysicas, mas não girão sempre simultaneamente nos mesmos pontos. Ai de nós! se ellas chegarem a todos ao mesmo tempo! Onde escaparáõ os mortaes? No escondrijo da morte! Se o Universo se desordena todo ao mesmo tempo, não resta alguma dúvida de que elle todo acaba! Seu acabamento principia pela Tempestade Politica Universal — *Populus contra Populum, Gens contra Gentem:* no fim de tudo, o Mundo treme fysicamente, e nestas tremuras acaba: *erunt terræmotus.* Eu não posso predizer a destruição Universal na ordem da Natureza, porque ignoro se a Tempestade Politica he Universal na ordem da Sociedade; não sei se a trovoada já fez a sua explosão entre os Inglezes, que por estarem separados de toda a terra firme — *Britannos penitus toto orbe divisos* —, ouvião sem susto a trovoada, que atroava o Continente. Tambem não sei, se a trovoada, apparecendo na Inglaterra, calmará no Continente, mudando a rotação moral das Tempestades Politicas os males de huma para outra Sociedade! Acaso a Tempestade aliviará n'esta parte do Continente, descarregando sobre esse Paiz, que se julgava seguro! O Norte dissipa os trovões, e os leva para onde elles não erão esperados, nem temidos! Deixo aclarar mais, e direi!... Liberaes, Malhados, Pedreiros! Chegou a nossa hora, ou a vossa, ou a de todos?!!!! Pereceremos nós, ou vós, ou nós, e vós?!!!! Nós pelejamos por Deos, por ElRei, e pela Lei! Vós pelejais pelo Diabo, pela Republica, e pela Revolução! Onde estará a Victoria? Em a Justiça, senão he chegado o fim do Mundo! Politicarrões do Liberalismo! Resolvei o Problema: mas o que vós sois, melhor o diz o Poeta C. R. de B. no seguinte

SONETO.

Até quando Satyrico Poeta
Malharás com audacia nos Malhados!
São habeis, são Politicos chapados,
Penetrão os Gabinetes via recta.

De suas obras collecção selecta
Vai desasnando o Mundo, e seus Estados;
Ha hoje Publicistas afamados
Em qualquer Loja, além das da Secreta.

Sim Senhores... Em Publicos Negocios
Ninguem cursa, e discursa com tal sizo!
São Mestraços ahi quaesquer Ambrosios.

Mas eu que sou Carcunda, só diviso
Em tantos Machiavellos, em tantos Grocios,
Cães na vergonha, burros no juizo!

E ainda os Liberaes querem campar de Politicos?!!! Embora chamem Politica á perfida astucia de metter a guerra, e a revolução em Paizes alheios, ou para lucrar com as suas desavenças, ou para enfraquecer as suas forças, ou mesmo para evitar as proprias desgraças com as desgraças dos outros. Mas he Politica introduzir a guerra no seu mesmo Paiz, metter a revolução nos seus proprios Estados, atear o facho da discordia civil nos seus Povos, pôr o fogo á sua mesma casa? Pois isso he o que tem feito a Diplomacia Revolucionaria: depois de ter introduzido a discordia civil em Portugal, na Italia, na Polonia; depois de a ter fomentado na Hespanha, nos Estados Pontificios, e na Belgica, ei-la-ahi em sua propria casa; ahi tem, Senhores Auctores de todas as revoluções civís da Europa, ahi tem esse bico d'obra; comão d'esse pratinho, com que havião brindado o Meio dia da Europa; lambão-lhe os dedos: chegou-lhes na verdade o seu São Martinho; a sarrabulhada he geral; a mesa, ainda que não he redonda, pois triangulares são todas as mesas Maçonicas, para todos chega; cortem, retalhem, trinchem, e em lugar do vinho do Porto bebão seu proprio sangue! Esfollem-se lá como poderem, que nós já

estamos esfollados; em quanto vossas mercês esfollão o rabo, que he o peior de esfollar, nós cá iremos curando a nossa pelle!

O que, Senhor Padre? Vossa mercê está doudo! assim me interrompe hum Realista; *tracte da Defeza de Portugal, e deixe-se de atacar os Politicos do Liberalismo! elles tractão de metter a Dom Pedro em Portugal.* E agora? — Agora! C. R. de B., e eu pômo-nos a jogar o Voltarete! Lá vai...

SONETO.

Vens mal, Pedro, vens mal; em jogo he Lei...
Attende; o Palmellão he teu Manilha,
Sota lá tens de casa, e he de pilha,
E hum certo Az: — no mais que te direi!

Que te cortamos Sota com o Rei;
O outro matador com Espadilha;
Basto he de cá; ó Pedro! Quem codilha?
Ou nós; ou do joguinho nada sei.

Instas com ufania — Então este Az? —
— No em tanto, d'esse Az — no tal joguete
Que medo? Cáe-lhe Basto em cima, Zas...!

A que sebo te cheira o Voltarete?...
Deixa-te d'isso, ou levas para traz
Como teus Politicões com o Cacête.

Vossa mercê, me diz o Realista, *em prosa, e C. R. de B. em poesia são os enxóta-Pedreiros-Pedristas de Portugal! Mas com Dom Pedro não vem sómente Portuguezes rebeldes; vem rebeldes Polacos, rebeldes Italianos, rebeldes Hespanhoes; vem Voluntarios da França, e Voluntarios da Inglaterra! Verdade he que os Ministerios d'estas duas Nações não intervem, em que seus Subditos venhão, mas tambem não intervem, em que elles não venhão; não os obrigão a pegar em armas por Dom Pedro; mas não os impedem de que fação a guerra á Nação Portugueza! Esta, dizem os Politicarrões, ou Velhacarrões do Liberalismo, he huma rigorosa não intervenção de Direito; mas he huma escandalosa intervenção de Facto!!* — Estou por isso:

respeito os Ministerios não intervenientes; mas á Facção consensiente, ou aos Pedreiros da França, e da Inglaterra, que de facto promovem, não os Direitos de Dom Pedro, mas na pessoa de Dom Pedro a revivencia da infame Carta Constitucional, a todos esses, que affoutárão a tantos esfarrapados estrangeiros a alistarem-se na rebelde Esquadra de Dom Pedro, a todos, sem exceptuar hum só, atiro com esse terrivel dardo, que poz á minha disposição o citado C. R. de B. no seguinte

SONETO.

Do impúro bojo d'infernal Cloáca
Busca emergir o réprobo Systema:
A mão lhe prestão Pedreirões da gema
D'Albion, e Gallia, gente velhaca.

De bacamartes, de pistola, e faca
A grei armada contra Lysia rema:
A' frente o Pedro traz-nos dura algema,
E doudo berra — *Avante! pilha! atraca!...*

Vem com elle o *Pasteiro!* ah! ve-lo-hemos,
Mil pastas engenhar de nossas pelles!
Resistir...... Isso he graça! E nós poderemos?

Vem lá de toda 'Europa estes, e aquelles!!
Oh!... A tantos Diabos que faremos?...
Agora he que me occorre..... *Malhar* nelles.

Mas o peior he, insta hum Realista, *se a Inglaterra, e a França quizerem intervir de Direito, e com força Ministerial expressa, e declarada, na Questão entre os dous Filhos do Senhor Dom João VI; porque, sendo nós muitos de sobejo para acabarmos com toda a matalotagem de Dom Pedro, não obstante a intervenção poderosa de Facto, no caso de intervenção de Direito.....* No caso de que? Realista fraco, e ignorante! Vossa Mercê não sabe daquella Sentença de Napoleão: *Que he livre, independente, e invencivel toda aquella Nação, que o quer ser?* Sejão Portuguezes os Portuguezes, e tanto basta para não serem vencidos. Mas

eu respondo a Vossa Mercê, e a todos os que assim delirão, e respondo minuciosamente: tornem sentido, e aprendão.

1.° Está quasi vencido aquelle, que se persuade de que não pode vencer! Por esta fraca persuasão, e não por outra razão fôrão perdidos os Realistas Portuguezes de 1826, e 1827! Porem os Pedreiros forcejão por introduzir esta persuasão terrorista entre os bons Portuguezes; e a elles respondo.

2.° Tem dado hum grande passo para vencer aquelles, que se persuadem de que vencem. Esta animosa persuasão dêo a victoria aos Hespanhoes e aos Portuguezes na horrorosa, e summamente espantosa lucta com o astuto Napoleão; a mesma persuasão dêo o triumfo na mesma crise aos valentes e esforçados habitantes do Tirol, da Carintia e de....

3.° A França deixará sempre só na lucta a Inglaterra; a alliança que existe hoje entre Francezes e Inglezes he huma alliança do momento: não ha hum Francez que veja com bons olhos a hum Inglez; nem Inglez que possa encarar a hum Francez: as duas Nações se tem feito reciprocamente males e injurias que ferirão reciprocamente o seu coração; males e injurias que não podem esquecer á vivacidade Franceza; males e injurias que não podem esquecer á tenacidade Ingleza. A' Politica Ingleza, qualquer que seja o systema do seu Ministerio, não convem que a França se engrandeça, ou como Republica, ou como Monarchia Constitucional, ou como Monarchia moderada: d'essa Politica tem vindo todos os males á França: os Francezes pois são Francezes, e os Inglezes Inglezes. Finalmente tem de olhar por si os Francezes, porque astutos rivaes os cercão, e espezinhão: elles pois attendem somente á sua conservação, contentando-se apenas de permittir á Inglaterra que exercite a sua antiga influencia sobre as Questões de Portugal. Oh! Assim os Portuguezes fossem Portuguezes! Mas aqui divido a série dos meus pensamentos.

4.° Vossas Mercês (fallo a huma boa porção de Realistas) comprão batatas aos Estrangeiros; e cultivando-as nas suas terras, podião vender batatas aos Estrangeiros: serão Vossas Mercês Realistas; mas de certo não são Portuguezes!

5.° Vossas Mercês comem bacalháo e dão bacalháo ás suas familias, aos seus moços e aos seus jornaleiros, podendo sustentar-se e sustentá-los de peixe, ou fresco, ou salga-

do, ou curado, que se dá com abundancia nas Costas de Portugal: serão Vossas Mercês Realistas; mas de certo não são Portuguezes!

6.° Vossas Mercês vestem-se assim no interior, como no exterior, de pannos estrangeiros, tendo nas Fabricas e Teares de Portugal pannos de toda a qualidade, ou para camisas, ou para saias, ou para casacas e calças, ou para outra qualquer especie de vestido dos dous sexos, não só para se sortirem, como para venderem: serão Vossas Mercês Realistas; mas Portuguezes de certo não!

7.° Vossas Mercês cobrem as suas cabeças com chapéos de fóra do Reino, e até calção seus pés com çapatos estrangeiros: serão Vossas Mercês Realistas; mas Portuguezes de certo não!

8.° Vossas Mercês comprão sabão, papel, louça e até rolhas, e outras mil quinquilharias mais das Fabricas estrangeiras, podendo ter nas Fabricas de Portugal quanto precisão, e até para ensaboar, empapelar, arrolhar e escavacar a todos os Estrangeiros: serão Vossas Mercês Realistas; mas Portuguezes de certo não!

9.° Vossas Mercês comprão aos Estrangeiros o ferro, o chumbo, o estanho, o azougue, as armas e outras cousas mil que podem ter do Reino para o seu sortimento, e até para exportar: serão Vossas Mercês Realistas; mas Portuguezes de certo não!

10.° Vossas Mercês comprão aos Estrangeiros a Biblia, os Missaes, os Breviarios e outros mil, e mil Livros, (e oxalá fossem Christãos todos elles!.....) podendo toda essa alluvião de producções da Literatura, ou tambem da ignorancia estrangeira imprimir-se na Impressão Regia: Vossas Mercês serão Realistas; mas Portuguezes de certo não!

11.° Vossas Mercês comprão aos Estrangeiros as cómodas, as mesas, as cadeiras, as barras, os leitos, os tremós, e quantos páos, ou cavacos elles tem: (só os Cacetes lhes não comprão) serão Vossas Mercês Realistas; mas Portuguezes de certo não!

12.° Vossas Mercês até as Cartas de Jogar e Cartas vergonhosas comprão aos Estrangeiros; até pagão ás Modistas estrangeiras, Modistas não só do fato, como da torpeza; até comprão vinhos, liquôres e aguas-ardentes de fóra do Reino, havendo dentro nelle de sobejo para embebedar e aguardentar a todos os Estrangeiros: Vossas Mercês serão Realistas; mas Portuguezes de certo não!

13.° Em fim Vossas Mercês adoptárão as idéas, a linguagem e os costumes dos Estrangeiros: serão Vossas Mercês Realistas; mas Portuguezes de certo não!

Por tanto, e pelo mais dos Autos, estão Vossas Mercês capitulados de Estrangeiros, por muito que arrotem de Realistas, sempre falhos ao naipe pelo seu *estrangeirismo*, fallidos sempre nas suas vistas, por não seguirem as dos bons Portuguezes, e por isso os falho de perdidos e desgraçados; não porque eu tema dos Estrangeiros, mas porque me receio de que os Portuguezes não são Portuguezes! Oh! Se o fossem, poderião os Portuguezes ser jámais vencidos? Não, Não, Não. Não em valôr, porque os Portuguezes em feitos de armas excedem a todos os Povos do Mundo! Não em riquezas, porque Portugal já emprestou, já dêo, já vendêo! Não em Rei, porque os Portuguezes tem na Augusta Pessoa do Senhor Dom Miguel hum Monarcha, com Quem não podem competir em virtudes, em grandeza d'alma, em firmeza de caracter, em constancia, e intrepidez nas suas deliberações, e em amôr, e cuidado pelos seus Povos, nenhum outro Monarcha do Mundo. Perdoai-me, Soberanos: eu vos respeito, eu vos venero; eu não diminuo hum apice ás vossas Augustas Virtudes; eu ignoro as contas de diminuir aos Reis, de multiplicar aos Povos, de repartir aos Revolucionarios: somente sei sommar unidades; e, sommando as Virtudes ao Senhor Dom Miguel, acho a somma tão avultada, que por mais cifras, que accrescente aos outros Soberanos, o mais que posso fazer he igualar a somma, excedê-la não posso. Amo o meu Rei; mas a verdade está parallela ao meu amôr.

Pois que falta aos Portuguezes? (Perdôe-me huma boa parte desta sensata Nação.) Falta-lhes juizo: falta-lhes armarem-se a si mesmos: falta-lhes o sacudirem o servilismo estrangeiro: em huma palavra, a alguns Portuguezes faltalhes somente o serem Portuguezes. Ah! Se eu conseguisse com estes estimulos do brio, do pundonor, e do caracter Portuguez, que os Portuguezes acordassem hum dia Portuguezes; que elles deitassem fóra a carga do *estrangeirismo*, que faz ronceiro o andamento da Náo do Estado Portuguez; os Portuguezes, sempre vencedores, nunca serião vencidos; elles serião poderosos, ricos, respeitados, e temidos, como d'antes, em toda a redondeza da terra. Os Portuguezes tem genio para as Armas, para a Marinha, para as Letras,

para a Agricultura, para a Industria e para o Commercio. Sejão pois Portuguezes, e tudo está vencido!

Diz optimamente, Senhor Defensor de Portugal, accrescenta hum Realista; *porem eu temo de que a Inglaterra intervenha directamente contra a Nação Portugueza, e que para isso ache, ou procure pretextos, sem embargo da sua protestada neutralidade, ou da sua pretextada, rebuçada, ou disfarçada não ingerencia nos negocios de Portugal.* = Repito: sejão Portuguezes os Portuguezes, e tudo está vencido. = *Porem*, replica o replicão Realista, *como nem todos os Portuguezes são Portuguezes, se ao menos mudasse o Ministerio Inglez, estavamos livres dos cuidados, em que nos tem posto a presente collisão: eu sei que assim pensão alguns Realistas, pois que alguma outra terra do Reino festejou com luminarias, e foguetes a noticiada elevação de Lord Wellington a Primeiro Ministro de Sua Magestade Britannica, e em esta occasião ouvi dizer a hum Cirurgião, que se diz Realista que* «a mudança do Ministerio Inglez «assegurava o Throno do Senhor Dom Miguel; pois que o «Exercito Realista, acaso por falta de meios, abandonaria «por si mesmo a Causa, que por si mesmo abraçára, e se «passaria para Dom Pedro!!!» = De vagar, meu Camarada; essa proposição do *Chirurgo* he a mais desaforada de todas quantas podem dizer-se; mas como a réplica de Vossa Mercê tem varias partes, eu respondo por artigos a todas ellas.

1.° O Cirurgião, a quem conheço *intus, et foris*, sabe tosquiar, fazer a barba, sangrar, tirar dentes, cortar e matar! Olha que Estadista! Come *rosbiffe*, e bebe no costume dos *rosbiffeiros!* Olha que Portuguez! Falla Realista com os Realistas, e Constitucional com os Constitucionaes! Olha que Realista! O que elle quer são cabellos, barbas, ainda que sejão honradas, dentes, ainda que sejão de velhos, sangue, e carne, ainda que seja de bode, com tanto que lhe paguem! Cirurgião de corpo, se antes não he matador! Mas de espirito Portuguez, do espirito do Soldado, do espirito do Exercito, do espirito do Clero, da Nobreza, e dos Povos não pesca! He hum pedante! Verdade he que os Estrangeiros tem pertendido provocar o Exercito e a Nação Portugueza ao desespero, e conseguintemente á defeição! Barbaros Estadistas! Miseraveis Diplomatas do Liberalismo! Conseguirão o contrario do que intentavão! O Exercito, e

a Nação Portugueza não quer largar as Armas, nem separar-se das Costas, sem vêr a Esquadra Colossal da Pirataria, ou da *Pedreiria!* Querem obsequiar o Rei da Fabula, e os seus fabulosos Vassallos! Balas, Espadas, Baionetas, Fouces, Chuços, Cacetes.... Oh! Que recepção triumfal! Que divertido Entremez! Venhão; não se retirem! Os Portuguezes querem guerra contra os Revolucionarios, porque estão persuadidos que somente a guerra lhes pode dar huma paz estavel! Mas deixemos o pobre Cirurgião com os cabellos, com as barbas, com os dentes, com o sangue, e com a carne dos que delle queirão fiar o seu corpo! Deos nos guarde d'hum Cirurgião Diplomata! Se tão mal calcula no corpo, como não calculará peior na alma, ou no espirito? Vamos ás foguetadas!...

2.° Esses festejos, que em alguma outra terra do Reino fôrão feitos á elevação de Lord Wellington, não procederão de servilismo, ou de medo pela intervenção directa da Inglaterra contra a Nação Portugueza. Os Pensadores Portuguezes sabem que a Inglaterra forceja por evitar a guerra Continental; elles sabem que a Inglaterra tem muito com que se divertir em sua casa, sem que ella possa agora divertir-se com a Nação Portugueza, que de certo não he roupa de Francezes, para que cada qual leve o seu pedaço! A foguetada pois foi para acabrunhar esses Revolucionarios Portuguezes, esses toleirões Caixeiros, que a toda a hora ameaçavão aos Realistas com *Lord Grei*, *Lord Grei*, *Lord Grei!* Loucos! A esses vergonhosos dichotes, que muito injurião a hum Primeiro Ministro da Inglaterra, que zomba de todos os Caixeiros de Portugal, respondem de voz firme, e vigorosa os Realistas Portuguezes = *MIGUEL Rei — MIGUEL Rei — MIGUEL Rei. — E Deos com os Portuguezes.* =

Continúa a Tempestade, porque a gritaria dos rebeldes não cessa, e porque alguns Realistas a ouvem, e acreditão! Portuguezes, fechai os ouvidos a esses berros da intriga, e do terror! Fazei cessar a trovoada, desprezando-a! Confiai no Governo, e em ElRei! He chegada a vossa salvação! Aproveitai o momento!

Lisboa 7 de Junho de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: Na Impressão Regia. 1832. *Com Licença.*

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 46.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nòs aliquando erimus.

Continúa a Tempestade em Portugal.

Apenas a trémula mão havia acabado de formar a ultima letra da Epigrafe, rompe aos meus ouvidos a alarmante voz de hum Realista com estas palavras — *Circulão, Senhor Padre, por Leiria, Miranda do Douro, Alfandega da Fé, e por outras Povoações do Reino, especialmente nas Fronteiras limítrofes á Hespanha, Impressos incendiarios, que pertendem renovar nos Peitos Portuguezes aquelle odio, que outr'ora tivemos aos Hespanhoes; inculcando aos Realistas de Portugal que devem desconfiar sempre da Hespanha sua natural inimiga! Que me diz, Senhor Padre? Devemos acreditar semelhantes Papeis? Não lhe parece que os Inglezes são nossos amigos de melhor fé? Eu ouvi dizer a meus Avós, que da Hespanha nem bom vento, nem bom casamento. Ora responda-me, e seja de vagar, para eu ficar instruido, e poder instruir os outros.* — Parece-me que Vossa Mercê quer fazer de mim hum Auditor Geral de todos os Realistas, e que tenho obrigação de satisfazer a todas as suas perguntas; ou que o posso fazer, como se eu fosse o *totum continens* das Sciencias. Se Vossa Mercê me perguntasse ácerca da Lei de Deos, e das Leis da Igreja, sería obrigado a responder-lhe em tudo, porque o Sacerdote deve saber todas aquellas Leis, para as ensinar, e explicar aos Povos — *Labia sacerdotis custodient scientiam, et legem requirent ex ore ejus* — advertindo-lhe porém que esta mesma *Omnisciencia Legal Divina, e Ecclesiastica* teria hoje em mim muitas excepções, porque, tendo-se estabelecido por muitos Theologos, e Canonistas o errado principio, de que as Leis não obrigão, se os Povos as

não acceitarem, ou se elles tiverem introduzido costume contrario depois da sua acceitação, não poderia eu dizer-lhe, qual seja a força das Leis, ou como, quando, e em que lugar ellas obriguem, nem mesmo se ellas obrigão a todas as pessoas. Ora, já que isto cahio a talho de fouce, tenha paciencia, que me ha de ouvir agora, o que talvez não quer, e ouvirá depois, o que quer; porque assim como Vossa Mercê me pergunta sobre materias, a que eu não desejava responder; tambem eu lhe respondo agora sobre cousas, que me não queria perguntar, e por esta fórma ficamos desforrados das nossas impertinencias. Ora ouça-me.

Dez Preceitos tem a Lei Divina; mas os Pedreiros não acceitárão nenhum d'elles; antes contra todos protestárão, e por isso, segundo os seus principios, não estão obrigados á sua observancia; pelo contrario he da sua obrigação aborrecer a Deos, e a todas as cousas Sanctas; abusar da Religião, e dos Templos; desprezar os Reis, as Authoridades, e toda a Dominação, até mesmo a Paternal; perseguir de morte a todos, os que seguem a Lei de Deos, ou mesmo qualquer Preceito da Lei; amar a carnalidade, e todas as suas invenções naturaes, e contra naturaes; enriquecer-se á custa dos outros; ralhar de tudo, o que he bom; e anniquilar no Mundo o Christianismo, a Igreja, e o Throno! E elles tanto assim o cumprem á risca, que não podem ser arguidos da mais leve omissão, ou negligencia na prática d'este seu systema de impiedade, e de abominação. Eu lhes farei algum dia a Apologia da sua actividade em todos os caminhos da irreligião!

Ora, contra o primeiro Preceito da Lei Divina protestárão, pelo que respeita á Simonia, muitos Ecclesiasticos, que se impozerão o dever de empolgar toda a qualidade de Beneficios, promettendo, dando, e adulando, bem que alguns promettem, e não dão, julgando que a Simonia não está no prometter, mas no dar; e por esta fórma tem elles protestado tambem contra as Leis Ecclesiasticas, que não acceitárão sobre esta materia, sem embargo de que alguns, reconhecendo parcialmente a Lei, depois de a terem violado, pedem hum Breve Apostolico de Sanação, e entrando nos Beneficios com Simonia, se conservão n'elles com Bullas, e sendo estas falsas, como ordinariamente succede pela allegação de falsidade, vão pagar na Eternidade o ingresso no Beneficio, e a sua conservação no mesmo, pelo dobrado crime de Simonia perpetrada, e de falsidade allegada. O mesmo protesto contra a Prohibição Divina, e Ecclesiastica da Simonia tem feito outros Ecclesiasticos, mas por huma maneira muito diversa, não dando, porque já estão beneficia-

dos, mas acceitando, para que outros o sejão, recebendo d'elles dinheiro, pannos de linho, e ainda comestiveis, pelo trabalho de os recommendar ao Padroeiro do Beneficio. Estes dous protestos feitos por alguns Ecclesiasticos assim *dantes* como *recipientes* tem por fundamento outro protesto ainda mais geral, que aquelle, de que vou fallando, e vem a ser o = *estudar pouco; ignorar o Latim; e não saber a Moral* = nascendo d'aqui a vulgar calumnia feita a todo o Clero pela ignorancia de huma parte — *Serás Conego, se fores asno* — conselho tão depravado, como o que em outro tempo se dava aos Clerigos pobres do Minho — *Se queres ser rico, embarca para o Brasil, e negocêa* —; como se não houvesse o Canon — *De Clerico mercatore* — Canon sobejamente desusado. Ora, eu aqui mostro sómente a unha; o gigante apparecerá!

Contra o 2.°, 5.°, 6.°, e 7.° Preceito da Lei Divina protestou huma grande parte do Minho, acostumados ao perjurio, á embriaguez, ao homicidio, á devassidão, e ao roubo!

Contra o 4.° Preceito tambem houve hum protesto em algumas partes da dita Provincia do Minho, dando-se a morte huns irmãos a outros; os filhos ameaçando, e espancando a seus Pais; os freguezes a seus Parochos, e Sacerdotes; os Povos ás Authoridades! Se alguem duvidar deste protesto, eu lhe apresentarei os factos, que o comprovão!

Contra o 5.° Preceito houve hum quasi geral protesto no Douro!

Contra o 5.° e 7.° tambem se protestou altamente no Além-Téjo!

Contra o 8.° protestárão mui formalmente os Algarvios, jurando que havião de fallar, ainda que o Rei lhes mandasse o silencio, e ainda mesmo que lhes pagasse, para que se callassem!

Finalmente eu não quero cançar a Vossa Mercê, contando-lhe todos os protestos, que fizerão varios Povos, e Provincias de Portugal ao tempo, que se lhes promulgárão os Preceitos da Lei de Deos, e os da Sancta Igreja; hei de moe-lo com este recito, todas as vezes, que Vossa Mercê pertender moer-me com as suas perguntas. Digo-lhe sómente, que os Cambistas, e os Caixeiros protestárão de mão commum contra o Preceito, que prohibe a usura, e contra o Preceito da humildade, porque raro Cambista, e Caixeiro ha, que não seja usurario, traficante, soberbo, altivo, e insubordinado. Ora, á vista d'estes protestos, como posso eu inculcar, ensinar, e explicar as Leis de Deos, e da Sancta Igreja, se valer o principio, de que não tem força as Leis,

que se não acceitão, ou que se protestão; o que val o mesmo que dizer que as Leis obrigão sómente, aos que querem observa-las? Pois he isto o que se nota communmmente; bem que nos principios da Monarchia os Portuguezes não erão assim. Se pois não posso explicar a Lei Divina, e a Ecclesiastica, que he o meu Officio, como quer Vossa Mercê que eu lhe diga huma palavra, que acerte sobre a alliança, e amizade entre Portuguezes, e Hespanhoes? Que entendo eu de Politica? Mas em fim, como Vossa Mercê quer ouvir-me, direi alguma cousa; porém antes responda-me a esta pergunta: Vossa Mercê he Inglez, ou Francez, ou...? — *Sou Portuguez em toda a extensão da palavra* — Ora bem: agora ouça-me, e tome sentido.

1.° Bom era que não apparecessem taes Impressos incendiarios, porque elles mostrão, ao menos, que existe huma Conjuração contra o Senhor Dom Miguel, e esta Conjuração existe no Reino, e fóra d'elle, da parte dos Nacionaes, e da parte dos Estrangeiros: na mesma Côrte estão, ao menos, os agentes, os instrumentos, e os canaes d'esta Conjuração, vendidos á rebellião, e assalariados, tanto pelos Nacionaes, como pelos Estrangeiros, para a promoverem: tudo o que se tem impresso na Inglaterra contra o Senhor Dom Miguel, he redigido primeiramente em Lisboa; estes Redactores estão comprados; e, se o Governo de Portugal lhes dobrasse o seu salario, elles escreverião em sentido opposto, e poucos artigos apparecerião d'ahi em diante impressos em Inglaterra contra o Senhor Dom Miguel; não correrião entre os Povos tantos Impressos incendiarios; faltarião os agentes, os instrumentos, e os canaes da Conjuração, se a Legitimidade lhes tapasse a bôcca, como aos cães, com algum sustento, que os contentasse. Em fim, esses Impressos são huma *estrangeirinha*, que se move por dinheiro para tirar dinheiro: este he o principal fim, que se intenta da parte dos Estrangeiros contra Portugal, sem que elles se importem com Dom Miguel, ou com Dom Pedro, *(me disse hum dos taes)* sejão os Portuguezes escravos, e colonos d'esses Estrangeiros; comprem-lhes os Portuguezes até a propria agua com o dinheiro Portuguez, e todas as questões estão acabadas com esses Estrangeiros, que não tem outra base na sua Politica, e nas suas allianças que o interesse da sua Nação. Direitos, Leis, Honra, tudo se entorta com o ouro, ou prata!

2.° Mas já que o brio do Governo Portuguez não quer, nem deve sacrificar os seus governados, comprando-lhes a Justiça, e a Paz, cumprão ao menos os Funccionarios Publicos, os Sacerdotes, os Magistrados, e as Ordenan-

ças os seus deveres, instruindo assiduamente os seus respectivos Subditos sobre os Direitos da Nação Portugueza; não levantem mão d'este importantissimo trabalho, já que os inimigos trabalhão em sentido contrario; todos os dias, a toda a hora inculquem aos Povos os Direitos do Senhor Dom MIGUEL; não cessem; sejão os bons Portuguezes tão activos, e tão assiduos nos seus esforços pelo Seu Rei, e pela Sua Patria, como os inimigos, assim Nacionaes, como Estrangeiros, o são na ruina do Throno, e da Nação. União no trabalho, unanimidade nos esforços, retumbe em todos os angulos de Portugal, e retumbe todos os dias, e a toda a hora a voz de — *O Senhor Dom MIGUEL he o Nosso Rei — Nossos inimigos são todos, os que accometterem a Sua Augusta Pessoa, e o Seu Throno — Ou o Senhor Dom MIGUEL Rei, ou estamos perdidos.* — Suffoquem os Parochos nas suas Freguezias, as Ordenanças nas suas Esquadras, e Companhias, os Magistrados nos seus Termos, e Comarcas, suffoquem, repito, o brado contrario, e esses Impressos incendiarios não perverteráõ a Opinião Nacional decidida pelos Direitos do Senhor Dom MIGUEL. Mil Manifestos de diversa natureza, que appareção em nome de Dom Pedro, mil, e mil Proclamações suas, em que prometta aos Povos a paz, e o perdão, sendo que elle sómente quer guerra, e vingança, todos esses Impressos subversivos não farão móssa no Povo Portuguez, se os bons Portuguezes souberem manter, como são obrigados, a Opinião Publica por hum trabalho assiduo, e unanime. Para desempenhar qualquer Funccionario, ou Ecclesiastico, ou Militar, ou Civil este dever do seu Cargo, não carece elle de grandes luzes, ou de grandes estudos: basta querer, e amar o trabalho: ahi tem cada hum d'elles o *Cathecismo Civil para uso da Mocidade por Faustino José da Madre de Deos:* já veio á Plateia este Portuguez honrado, e sensato; o apuro da sua Logica, e concisão nervosa do seu estilo mette pelos olhos aos Povos mais rudes as importantissimas verdades, em que elles precisão ser instruidos, e confirmados. Mas se alguem se julga desobrigado de adoptar alheios trabalhos, quando Ordem Superior lhos não determina, ahi tem o *Manifesto* do Senhor Dom MIGUEL, que o Governo recommendou aos Parochos, para que o lessem, e explicassem huma, e mais vezes aos seus Parochianos: não se contentem os Parochos de o lerem, e explicarem huma só vez; o Governo manda que isso fação mais vezes: cumprão pois o seu dever; o inimigo vocifera todos os dias; todos os dias por tanto levantem os Sacerdotes a sua voz pelo Senhor Dom MIGUEL; os Sacerdotes são obrigados a fallar, e os Povos são obrigados a ou-

vir; se algum Freguez se retirar culpavelmente da Igreja ao tempo, em que o Parocho lhe falla n'estas cousas, participe-o ás Authoridades, e se não fôr attendido no Porto, será apoiado em Lisboa; se algum *casaquinha* pertender incutir terror ao Parocho, para que não continue na leitura, e na explicação do Manifesto, (como tem succedido nas immediações do Porto, e o posso fazer vêr) em Lisboa tem esses Parochos duas Authoridades Superiores, e Competentes, que os desaffrontarão d'esses terrores dos malvados. Em fim as Lojas Maçonicas, e o seu Povo, e tambem os seus assalariados, não cessão de bradar contra o Senhor Dom Miguel; ao Clero Secular, e Regular, ás Ordenanças, e aos Magistrados pertence em desempenho dos seus Cargos, e por honra sua suffocar os brados da rebellião com as vozes da Religião, e da Lei: aquelles brados são contínuos; sejão pois contínuas estas vozes, que a Patria demanda para a sua salvação. O *Manifesto* do Senhor Dom Miguel he hum Chefe d'obra em erudição, em dignidade, em Magestade, e em evidencia: Nelle falla a Lei, falla a Razão, falla a Religião, falla a Historia, falla a Verdade; tudo alli he sublime, ou na ordem, ou na deducção, ou na demonstração, ou na persuasão, ou na força, ou em tudo, o que faz perceptivel a evidencia: não ha alli azedume, indignidade, baixeza, virulencia, sofisma, preoccupação, ou sombra alguma de erro; tudo alli he luminoso, claro, visivel, e Magestoso; tocou finalmente todas as métas da perfeição. Monumento que fará eterna honra ao Reinado do Senhor Dom Miguel, e á Nação Portugueza! Elle humilha todo o saber dos ímpios, confunde a Sciencia dos Pedreiros, e anniquila todo o orgulho da Diplomacia Liberal! Eis como hum Rei Sabio dissipou em hum só momento todos os argumentos, que desde o anno de 1826 até o corrente de 1832 havião inventado, reforçado, e dourado os Defensores da Legitimidade de Dom Pedro! Mirrem-se nas Lojas Maçonicas esses rebeldes, que se prezavão de Literatura! Em trevas ficou para sempre a sua orgulhosa, e tumescente Sciencia! A abobada d'huma Sabedoria Real se inclinou sobre os Literatos Campeões do Liberalismo; e se a ignorancia, e a soberba sabe correr-se de pejo, e confessar seus delirios, reconheção os Liberaes dos dous Mundos, que o *Manifesto* do Senhor Dom Miguel reduzio a pó os argumentos mais pomposos dos teimosos defensores das pertenções de Dom Pedro — *Dissipat impios rex sapiens, et incurvat super eos fornicem*, diz o Divino Espirito Sancto no Capitulo 20.° dos Proverbios, Verso 26 — o qual Proverbio parece haver sido inspirado pelo Ceo para elogiar o Sapientissimo *Manifesto*

de Sua Magestade Fidelissima o Augusto Senhor Dom Miguel Primeiro, que veio a ser o Gloriosissimo Desbarato de tòda a Sciencia Maçônica: este he o meu parecer, e o do meu Collega C. R. de B. no seguinte

SONETO.

Tu no Orco gerada, infame Seita,
Filha das trevas, e Satan maldito,
Pai da mentira, Mestre do delito,
Que só no mal, no estrago se deleita;

Tu já tocas no tempo da colheita!
Irás de chofre ás chammas do Cocito;
Raivosa morderás no eterno grito
Rebelde lingua a maldições affeita!

O Rei, a quem Jehová' dêo sapiencia,
Impia! já te dissipa, e te fulmina:
Não lhe cançaste em vão a paciencia!

Seu braço sobre ti a *abobada* inclina;
De tua audacia, embustes, e insoleneia,
Forma o Grande Miguel tua ruina.

Allude o Compositor á bem conhecida *abobada* de ferro, que os Maçons formão co'as espadas núas em seus antros infernaes: mas eu tomei na prosa a abobada, que se inclina sobre os ímpios, perdendo-lhes o seu saber, péla sabedoria, que cerca o Throno do Senhor Dom Miguel, e que O defende de todas as cabalas, e intrigas argucíosas da Diplomacia Liberal. Assim hum Rei defendido pela Sabedoria, e pelas Armas, conservará seu Throno, e seus Povos triumfantes na Guerra, venturosos na Paz, mordendo-se de raiva as Armas inimigas, e de inveja os literatos do seu partido: póde appropriar-se bem a esta primeira época do Reinado do Senhor Dom Miguel, o que escrevia o Corr. no *Prol. da Polit. Mil.* em circumstancias bem parecidas, ás em que se acha actualmente a Nação Portugueza.

De Armas, e Letras doctamente unida
A Força, e Arte nos promette agora
Pelas Letras a espada vencedora,
Pelas Armas a penna engrandecida.
Esta gloriosa, e aquella não vencida
Será de eternos louros acredora;
A espada á mesma fama devedora
Da mesma inveja a penna engrandecida.

Affoutamente o digo, que nunca Monarcha algum de Portugal desenvolvêo tanta Força para defender seu Throno, e seus Vassallos, nem explicou tanta Sabedoria para desfazer todos os argumentos da Cabala Diplomatica. Se a Força seguir constantemente o impulso que se lhe dêo, e se os Funccionarios Publicos souberem suffocar os brados da Maçonaria, propagando de commum acordo a voz do seu Rei declarada no Seu Sapientissimo *Manifesto*, de certo nada pode recear-se das armas inimigas, nem dos astuciosos ardís do Liberalismo reduplicados, ou d'essa alluvião de Impressos incendiarios que sahem das Officinas Estrangeiras.

3.° Essa desunião e desintelligencia que se pertende renovar entre Hespanhoes e Portuguezes, esse odio que de novo se quer fomentar entre huns e outros, como se mútua, e reciprocamente fossem inimigos naturaes, he outro invento Estrangeiro e Maçonico, para que os Portuguezes, deixados a si sós, possão ser desbaratados por essa Facção Nacional e Estrangeira, que procura introduzir a Dom Pedro em Portugal com as dobradas vistas de inquietar a Hespanha e de reduzir outra vez os Portuguezes ao estado de Colonos, Pupillos, ou antes Escravos d'huma Nação Estrangeira. *Empobrecer a Hespanha; enriquecer-se á custa de Portugal;* eis toda a Politica dessa Nação, que solapadamente, mas com a maior perfidia, protege as pertensões de Dom Pedro. A opulencia da Hespanha, o seu engrandecimento, a magestosa estabilidade do seu Governo promette as mais bem fundadas esperanças da reconquista de todas as suas Possessões na America; n'esse caso o Continente Europeo ganharia o seu suspirado equilibrio: a Hespanha não reconheceria a divida dos Revolucionarios: os Capitalistas Estrangeiros não serião embolçados dos immensos créditos que tem sobre a America Hespanhola, pois que elles contractárão com hum Governo de Facto com lesão enormissima do Governo de Direito: o Brasil viria successivamente a procurar na sua união com Portugal o remedio aos estragos que lhe causou a sua revolução. Estas cousas são as que não fazem conta aos interesses d'hum Gabinete que animou a revolução da America Hespanhola e que assoprou a insurreição do Brasil; planos que fôrão concebidos passa de hum seculo. Inquiete-se pois a Hespanha e colonise-se a Portugal! Não tem outra origem a protecção que se dá a Dom Pedro, prescindindo, por ora, das particulares e eternas vistas do Liberalismo, em arraigar em todos os Povos a omnimoda tolerancia Civil e Religiosa, e d'ahi o exterminio da Igreja e dos Thronos!

Eis o porque pertendem os Revolucionarios semear en-

tre os Realistas Portuguezes a desconfiança dos Hespanhoes como seus naturaes inimigos! Mas eu tomo as cousas de mais alto, pois que as Leis da Censura me defendem somente escrever contra hum Governo, com o qual o Governo Portuguez tenha relações de amisade! Todavia eu não previno as operações, nem tolho as esperanças ao Governo da Nação, que defendo, nem mesmo provoco a acção dos outros Governos contra Portugal! Conheço que Portugal está em huma posição crítica; mas em muito maiores perigos se achão abysmadas outras Nações; eu não sou tão prudente, que mostre cobardia em os Portuguezes, Nação forte, e briosa, que por si mesma tem sabido victoriosa de maiores apuros; nem sou tão audaz, que me constitua aggressor, e que chame sobre Portugal maiores difficuldades; respeito os Governos, que diametralmente não aggredirem o Governo do meu Rei, e Senhor Dom Miguel: direi todavia o que passou, e que está ahi por esses Livros, e isto mesmo direi com sobriedade. Em quanto o Imperio da Austria, e o Reino das Hespanhas estiverão reunidos, a França não cessou de fazer guerra á Hespanha; e a Inglaterra dêo as mãos áquella Nação, para ter sempre inquietos os Hespanhoes, e os Austriacos! Quando a Augusta Familia dos Bourbons occupou o Throno das Hespanhas contra as pertensões da Austria, a Inglaterra se declarou contra a França, e Hespanha; e em quanto a Alliança mais estreita existio entre Hespanhoes, e Francezes, a França, e a Hespanha fôrão mais, ou menos inquietadas pela Politica da Inglaterra. Logo não convem a essa Nação o engrandecimento da França, nem da Hespanha, nem que entre as duas exista huma grande alliança!

Veja-se tambem a Politica de Inglaterra a respeito de Portugal com a Hespanha, e França. Se os Filippes occupão *indevidamente* o Throno de Portugal, a Inglaterra se lhe oppõe; e bem que então as Armadas Hespanholas triumfassem, os Inglezes não cessárão de inquietá-las. Se o Senhor Dom João IV sobe ao Throno de Portugal *com Direitos evidentissimos, porem interrompida a sua posse por espaço de sessenta annos*, a Inglaterra o reconhece, e auxilia contra as pertensões de facto da Hespanha. Em a guerra, que os Hespanhoes chamão de Successão, os Portuguezes tomárão o partido da Austria, seguindo os conselhos da Inglaterra, sem que a Portugal importasse que o Throno Hespanhol fosse occupado, quer pela Familia Imperial da Austria, quer pela Familia Real da França. Se a França sollicita ligar Portugal ás suas vistas, e que fizesse causa commum com ella, a Inglaterra cheia de ciumes o impede. Se Napoleão finalmente quer encetar o Systema Continental; a

Inglaterra se assusta de que Portugal lhe feche seus Portos, e a prive do seu Commercio. De todos estes factos politicos e públicos se deduz com a maior evidencia que os Inglezes são inimigos naturaes e rivaes do engrandecimento da Hespanha e da França, e continuamente ciosos de que Portugal faça causa commum com estas duas Nações, ou com qualquer dellas, e muito especialmente com a Nação Hespanhola. Sei que a isto respondem os Politicos e Estadissas deste Seculo e do ultimo: *que por estes meios a Inglaterra se tem feito a mantenadora do equilibrio da Europa e a reguladora dos destinos das grandes Nações do Continente!* Sinto que o meu Larraga não tenha hum Tractado de Politica para satisfazer a esses Senhores: acaso apparecerá elle em outra Edição; mas em quanto esse momento não chega, avanço no meu juizo que a Europa não pode actualmente ganhar o seu Equilibrio Continental, sem que as Americas Hespanhola e Portugueza tornem a entrar, como dantes, na sua Balança!

Examinando agora a alliança de Portugal com a Inglaterra, e de Portugal com a Hespanha, he preciso distinguir a alliança da amisade pelos diversos fundamentos de huma e outra: o natural e primeiro fundamento da alliança he o interesse reciproco, he a mutua conveniencia dos alliados: o fundamento natural e originario da amisade he a mutua e reciproca identidade de sentimentos, de affeição e de costumes: ha pois huma real distincção entre alliança e amisade, ainda que nem sempre ha huma verdadeira separação. Podem dous Povos ser alliados e não ser amigos: o exemplo he visivel entre a Nação Franceza e a Ingleza; outro exemplo houve em quasi todo o seculo passado entre os Francezes e os Hespanhoes: os dous exemplos são de alliança, e não de amisade; de interesse, de conveniencia, ou de causa commum, não de identidade de sentimentos, de affeições e de costumes. Os Francezes e os Inglezes estão actualmente alliados, mas não são naturalmente amigos: o espirito de Facção assoprou essa alliança; a França julga não poder conservar-se no seu estado actual, sem que a Inglaterra o affiance: a Inglaterra julga dever affiançar esse estado de cousas, para que a França se não engrandeça, para que a Hespanha se attenue, para que o Norte não possa continuar seu andamento: de resto, os Francezes são Francezes, e os Inglezes Inglezes. Se fosse necessario ao meu assumpto explicar o segundo exemplo entre Francezes, e Hespanhoes, eu faria vêr que em esse tempo, a que alludo, erão elles alliados por necessidade, mas não amigos, se bem he verdade que a inimisade entre estas duas Familias se ha-

via introduzido na Castella com a incorporação do Reino de Aragão, como já notou outro Benedictino Gallego, como eu, e como eu professo no Real Mosteiro de *Samos*, o portento das Sciencias no Seculo XVIII, o nunca assaz louvado *Feijó*. Reconheço todavia na distincção entre alliança, e amisade, que he muitas vezes facil a transição de huma para outra reciproca, e alternadamente. Ora, como dous Povos podem ser alliados, sem que sejão amigos, assim tambem podem elles ser amigos, e não ser alliados: podem elles ter os mesmos sentimentos, as mesmas affeições e os mesmos costumes; mas seus interesses, suas conveniencias, sua causa podem estar em opposição. Huma e outra cousa está patente nas relações de Portugal com a Inglaterra, e com a Hespanha: he isto o que me cumpre examinar com séria attenção, e com delicada circumspecção.

Portugal foi hum alliado natural da Inglaterra, como foi hum natural *desalliado* da Hespanha: eis os fundamentos daquella alliança e desta *desalliança*. Portugal foi huma Nação commerciante e maritima; precisava pois que outra Nação igualmente commerciante e maritima lhe désse as mãos, para se coadjuvarem reciprocamente no seu Commercio e na sua Marinha. Eis a base da alliança! Mas Portugal coadjuvado, e coadjuvador, está hoje sem Commercio, ao menos activo, e sem Marinha; não pode pois coadjuvar, nem elle será coadjuvado, porque a base faltou: provavel era portanto que a Inglaterra lhe faltasse com a sua alliança! E existio amisade entre estes dous Povos! Ella parecia quasi natural na continuação de huma tão antiga, e tão estreita alliança; todavia estes dous Povos não se amavão, ainda que tambem se não aborrecião: os Portuguezes tem outros sentimentos, outras affeições, outros costumes: isto observei, ou esta falta de amisade notei no Paiz, que dos de Portugal parecia ser o mais Inglez, no Douro! Digo que entre os Portuguezes e Inglezes não havia amisade, nem odio, pois que entre estas duas paixões admitto huma neutra: a identidade de sentimentos, de affeições, e de costumes produz a amisade; as injurias, as offensas e a ingratidão produzem o odio: a indifferença não pertence a estas duas paixões activas. Qual destas domina hoje nos Portuguezes? Os Inglezes achão a resposta nos seus remorsos!!! Mas este exame será para outro dia.

Portugal foi hum natural *desalliado* da Hespanha! Os Portuguezes são ciosos da sua Independencia e vivem sempre em receio de que a Hespanha pertenda subjugá-los. Encontradas pertensões, contrarios interesses, fins oppostos; eis a base da sua *desalliança*, ou antes a falta da base, e

conseguintemente da alliança! Aquelles ciumes e receios datão principalmente da época em que os Filippes occupárão indevidamente o Throno Portuguez! Desse mesmo tempo tomou origem a inimisade entre Hespanhoes e Portuguezes; inimisade que parece natural, não sendo mais que hum accidental effeito da errada Politica do Governo Hespanhol em aquelles tempos; da guerra prolongada que se seguio á *Legalissima* Acclamação do Senhor Dom João IV, e da sagacidade Ingleza em atear o resentimento nos Portuguezes! De resto os Hespanhoes e os Portuguezes sempre quizerão ser amigos, ou naturalmente fôrão sempre amigos, como expenderei no progresso da dissipação dessa Tempestade occasionada pelos Impressos incendiarios, que os malvados acabão de fazer correr em Portugal.

A posição de Portugal no presente seculo não he a mesma que no seculo passado! Portugal já não he huma Nação Commerciante e Maritima! Está reduzido a pouco mais que ao Continente! Ao Continene pois deve Portugal ligarse! Os Inglezes abandonárão a Nação Portugueza! A base da alliança entre Portugal e Inglaterra não existe! Entre a Hespanha e Portugal existe reciprocidade e mutuidade de interesses, de couveniencia e de causa! Por tanto a alliança de Portugal com a Hespanha he de necessidade commum, de commum interesse e conveniencia, finalmente, de causa commum! Esta alliança necessaria tambem está ligada a huma natural amisade!

Creio que outro qualquer Escriptor pode tractar este assumpto com maior sabedoria, força e dexteridade; com maior delicadeza, e sobriedade não. Se tenho mostrado que não sou Inglez, tambem mostro do mesmo passo que não sou Hespanhol senão por nascimento. Sou Portuguez; como Portuguez defendo esta Nação das insidias estrangeiras; e a maior, que hoje se lhe arma, he querer *desalliá-la* da Nação Hespanhola, onde actualmente prende a sua conservação, a sua felicidade e a sua independencia; pois que os Hespanhoes são naturaes amigos dos Portuguezes, o que demonstrarei por factos, verificando-se aquelle Adagio — *Obras são amôres, e não palavras dôces.*

Lisboa 12 de Junho de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: Na Impressão Regia. 1832. *Com Licença.*

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.° 47.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Continúa a Tempestade em Portugal.

Mas os Inglezes, Senhor Padre? diz hum Realista. — Eis-aqui, o que são os homens tempestuosos, ou trovejadores: açoutão o ar com as suas palavras, ou palavradas; não dizem o que pensão, ou não pensão, o que dizem; amontoão vozes, e não combinão duas idéas; tudo atrapálhão e confundem, enfadonhos aos outros, e gravosos a si mesmos. Eu havia promettido deslindar essa inimizade natural, que as más linguas ou os tolos dizem haver entre Hespanhoes e Portuguezes, e eis a tempestade me leva para os Inglezes, não sendo eu Inglez, nem por sonho! Assim he como os indiscretos obrigão algumas vezes, a que o sejão aquelles, que desejão ordem, e concerto nas acções, e nos discursos! Não terei hum dia de calma, ou de bonança para dirigir a penna á vontade? Tenho sempre de navegar á discrição dos ventos? Não poderei estender todo o panno? Mas eu tenho de ir com todo o mar: o *Boreas* sopra fortemente; o *Euro*, e o *Noto* se precipitárão sobre a terra; o *Aquilão* se esbravejou; tal tempestade fôra annunciada pelos *Grous;* batêrão estes as suas alcoviteiras azas; eu sou obrigado a seguir seu vôo; porém não temo o precipicio. Vou pois aos Inglezes! Mas como? Tenho eu a Politica de Mazzarino, ou a de Richelieu, ou a de Ximénez, ou a de ...? Não cito a de Platão, a de Tacito, a de Bodino, nem a de Muratori *de la Publica Felicitá;* nem mesmo a do incomparavel Saavedra, a de Freney, a de Condorcet, a de Jaques, a de Mably, a de..., poderião ser citadas ao presente caso; mas para fallar de Inglezes quererião alguns que eu tivesse a Politica do Marquez de Pombal, a

eu preferiria por minha eleição a de Cornelio Nepote. ¡Ah! Cornelio de certo servia para este assumpto; porém não sei que tem este nome, que sendo elle muito proprio para explicar a Politica actual, não querem todavia, que elle seja citado... Todos fallão hoje em Politica, e, a dar-se-lhes credito, parece terem o espirito dos mesmos Pitts, ou dos Cannings, ou dos Villelles, ou dos Metternichs, em quanto eu, depois que todos se mettêrão a Politicos, não tenho visto senão Guelfos, e Gibelinos, Jacobinos, e Septembrisadores, Tripeiros, e Regateiras, nas atrocidades, nas insolencias, nas crueldades, nas descomposturas, e nas baixezas.

A Politica he huma Sciencia, ou Arte peculiar, que só he propria de espiritos elevados acima do commum: ella requer hum grande conjuncto de virtudes, e de conhecimentos; rectidão de juizo, firmeza de caracter, muita experiencia, e observação, agudeza, sagacidade, intelligencia, escolha, circumspecção, cautéla, conhecimento comparativo, e reflexo dos costumes, das inclinações, dos habitos, e do caracter dos homens, e das diversas classes, finalmente huma boa Logica. Quem ha, que se sinta ornado de todas estas qualidades? Pois esse he o verdadeiro Politico; sem ellas o não póde ser: será hum charlatão, hum fallador, huma peste mais perniciosa á Sociedade, que essa decantada *Chólera-Morbo*, que nos pintão como huma molestia nova, sendo tão velha como o he a mesma chólera no homem, a qual em todos os tempos tem soffrido mais ou menos ataques, com a differença de serem, ou não epidemicos, ou contagiosos, o que succede a todas as enfermidades denominadas *Medicas;* mas sobre a *Chólera-Morbo* tambem direi alguma cousa a seu tempo com o testemunho dos mais antigos Medicos.

A Sciencia, ou Arte Politica estende-se por todas as Sciencias, e Artes, ou Profissões, que estão em uso entre os homens, e conseguintemente se estende a todas as Classes da Sociedade Humana, menos á Classe Caixeiral de todas as Classes, (que não ha regra, que não tenha a sua excepção) porque essa Classe está despida de toda a virtude, de toda a intelligencia, e de tudo o que he bom; não tendo outra cousa, que velhacaria, fraudulencia, ignorancia, tolice, e trapaçaria. Ha Politica na Grammatica, a que eu chamo Politica Latina, bem ignorada da maior parte dos ladinos Professores de Latim, que não sabem mais que inchar as bochechas com huma duzia de Versos sesquipedaes d'alguns Poetas do Lacio, e com seis arengas Patavinas, e impôr desta fórma aos *boqui-abertos* dos seus imberbes discipulos: ha Politica na Filosofia, na Legislação Civil, e

Canonica, na Theologia Dogmatica, Polemica, e Ascetica, na Medicina, na Mathematica, na Botanica, na Historia, em fim, na Oratoria Sagrada, e Profana, e na Poesia, como em tudo o que tem nome de Sciencia, ou de Arte Nobre: ha Politica na administração de huma Familia particular, no governo de huma Corporação Religiosa, de huma Freguezia, de hum Concelho, de hum Termo, de huma Comarca, de huma Villa, de huma Cidade, de huma Provincia, de hum Bispado, de hum Exercito, e de outra qualquer associação de homens, exceptuando, com pequenas excepções d'esta excepção, as associações das mulheres, que actualmente não tem outras qualidades que as de *bacharelar*, galrar, murmurar, ralhar, namorar, cobiçar, regatear, e quasi tudo o que termina em ar: ha Politica na Marinha, no Commercio, na Industria, e até na infelizmente desprezada Agricultura: ha Politica de Cidade, e de Côrte; (he preciso distinguir em Lisboa estas duas cousas) de Finanças, e de Justiça; do Interior, e do Exterior; de Igreja, e de Throno, ou do Sacerdocio, e do Imperio. Da boa, ou má Politica das Sciencias, Artes, e Profissões; da boa, ou má Politica Domestica, ou das Familias particulares; da boa, ou má Politica Economica das Classes Seculares de qualquer nome; da boa, ou má Politica Religiosa das Corporações Ecclesiasticas tambem de qualquer nome; de todo este aggregado de Politicas peculiares pende à boa, ou má Politica Universal: he preciso, que se dê as mãos a Politica dos subalternos, para que resulte uniforme a Politica Superior; he tambem absolutamente preciso, que se liguem a Politica do Sacerdocio, e a do Imperio, para que entre ambos haja aquella concordia, sem a qual nem este, nem aquelle estão seguros. Infeliz d'aquelle Governo, que longe de influir na Politica dos seus governados, he pelo contrario arrastado por elles na sua Politica! Qualquer Governo assim forçado será infeliz no Interior, e no Exterior! Infeliz tambem aquelle Imperio, que he arrastado pelo Sacerdocio, como tambem infeliz este, se he violentado por aquelle! A Religião deve ser o laço, que una os dous Poderes Supremos, o Pontificio, e o Real; mas as Jerarchias Ecclesiasticas, e Seculares não devem pertender a dominação humas sobre as outras: cada hum dos Poderes tem os seus Limites! Contra a Religião não tem poder de Direito o Imperio! Além da Religião não tem poder de Direito o Sacerdocio! Eis as balizas da Politica, e da Paz! Tambem as Classes subalternas, tanto no Secular, como no Ecclesiastico, de qualquer nome que ellas sejão, tem os seus limites! Se a Politica de humas se intrometter com a Poli-

n'elle ser precipitado no Oceano como o Fabuloso Icaro: passo em branco as outras muitas Classes do Estado, e do Sacerdocio, que se mettem em Politica por malhas, e tres-malhas maiores que aquellas, por onde os peixes pequenos escapão da morte em huma rede, que foi feita sómente para caçar pescados do alto!

Passeio essas Praças, e Ruas de Lisboa: (o Porto ficará para outra vez; eu vivo em grandes obrigações aos seus Caixeiros espalhados aqui, e alli, e quero que me passem huma Carta de quitação raza para todo o sempre jámais pelos Serviços, que lhes tenho feito, e prometto fazer-lhes com esta esgalhada penna, até dar-lhes com ella na cara...) Espreito pois em Lisboa; vou á Loja de hum Livreiro; alli acho hum Frade escarrapachado sobre o pequeno escabello, que fôra feito para as mulheres, que tambem procurão lá o *Abeilardo, e Heloisa; a Paulo, e Virginia; a Joanninha; a Helvina; a Amelia; e a Cadella Merina!* (Coitadinha da Cadella! dêo nas mãos das mulheres; nunca mais torna a ladrar! he officio, que hoje passou privativamente para as mulheres em propriedade, e juro herdado, sem nunca deixarem de si a sua servantia). Vejo pois o dito Frade, movendo em todas as direcções o seu bordado Cordão — *cingulum inter digitos volvendo rotare, honestati non consonat; imó lasciviæ signum quodammodo prætendit.* D. Boavent. Specul. Discipl. Part. I. Cap. 21 — ; ora o levanta para o alto, sustentando-o perpendicularmente, e então me parece huma roca á cinta de huma fiadeira noviça no geito da roca, e no movimento do fuso; ora o abaixa, e então me parece rabo de cão, que o mette entre as pernas, apenas o apanhão em alguma aleivosia torpe; ora o move á direita, e á esquerda formando curvas, e obliquas; e então se me figura o enxota-moscas nas mãos d'hum ocioso, ou hum leque na mão d'huma Malhada, que se recrêa no azul, que tem diante de seus olhos, deixando o branco á vista de todos. Que faz ahi este Frade do Cordão? Onde deixou elle o Côro, a Livraria, o Convento? O Frade terá privilegios para não ser Frade senão no Habito, e no Cordão com obrigação de explicar Politica a todos, os que pertenderem saber, o que vai no Reino, e fóra d'elle; o que ha feito, e o que ha de vir a ser do grande Mundo? Tem noticias universaes! De Inglaterra recebe elle pelo Paquete a Correspondencia dos dous Partidos em opposição, *Lord Grey*, e *Lord Wellington!* Pela mesma via sabe elle, o que vai na França! La Faiette lhe dá parte dos movimentos, e progressos Republicanos! O Governo de Luiz Filippe lhe participa os eternos, e portentosos triunfos da Carta, e

a estabilidade da Dynastia de Julho! A mesma Contendôra Duqueza de Berry lhe envia por extraordinario hum fiel relatorio das suas Batalhas! Pelo Telegrafo, ou Observatorio postado em casa d'huma Velha de Cascaes o Grande Marquez do Além-dia lhe communica tudo, o que se projecta no Gabinete da Hespanha! Isto he pouco: da Belgica, da Hollanda, da Austria, dos Estados Pontificios, da mesma Prussia, e Russia sabe em dia este Frade de tudo, o que passa em aquellas Potencias! Quem tanto sabe do Exterior, nada ignora do Interior! Elle sabe, o que passa em todas as Secretarias do Reino, e mette o seu dente nas operações do Gabinete! Infeliz d'aquelle Ministro, que lhe escorregar o pé! Lá lhe salta o Frade no cachaço, e com o Cordão lhe dá huma çurriada, que fica hum S. Francisco açoutado! Nem he de admirar que este Frade saiba tanto de Politica, e de Gabinetes, tendo elle conhecimentos abastados em todas as Sciencias, e em todas as Linguas, mortas, e vivas, e resuscitadas! Lá dêo elle ao Publico (pobre Livreiro, que pagou a Impressão, pois o Papel fica-lhe para embrulhos!) huma Versão sobre outra Versão; e com esta mostrou elle ser hum Campeão na Lingua Hespanhola; conhece os seus idiotismos, as suas emphazes, a sua energia, as suas graças, e a sua força! Pobre Frade! Até a Syntaxe ignora! Mas pode o Publico relevar-lhe este ridiculo defeito de arrogante, e nescio Traductor pela *coça*, que dêo com tanta intelligencia, e dexteridade ao Ministro da Fazenda! Engrandeça a minha penna a Sciencia Financeira deste Frade, que sabe attrahir com a Politica do seu cordão quanto cascalho recebem no anno todas as Peixeiras da Ribeira Nova! A este Frade estive eu para enviar todos os que me fallão em Inglezes, porque supposto não tive ainda com elle a *entrevista*, que elle tem sollicitado por differentes vias, todavia sei que elle he hum Politicarrão do alto, ainda mais do que o acabo de pintar, bem que a pintura não acaba aqui.... He huma ligeira pincelada em recompensa dos *elogios funebres*, que elle tem feito á *Defeza de Portugal*, mancommunando-se com outros da mesma laia, com barbas, e sem ellas, porque toda a bicharia, mais vasta que a dos mosquitos neste mez, tem aguçado seus dentes, dos quaes temo tanto, como do *grillador grillo*.

Mas vamos aos Inglezes, Senhor Padre, me diz o Realista. — O homem mettêo-me em boas! Estas *Ingrezias*, para se explicarem bem, precisão de longos episodios, de aturadas reflexões e de tempo. Se eu tivesse o poder de dous Clerigos, que querem ter a seu arbitrio os destinos da Nação Portugueza, sonhando que podem mudar o Intendente da

Policia; e os Ministros d'Estado, quando lhes dér na vontade; se eu tivesse, repito, o poder e o saber desses dous Clerigos, já que por mingoa minha não tenho a Sciencia Politica Universal do Frade Traductor de Vozes, e não de Pensamentos; mais claro: se eu visse a Intendencia da Policia nas mãos de hum perfeito Liberalão, e as mais Pastas do Governo a cargo de Ministros que não fossem tão sagazes, tão circumspectos, tão delicados, tão cautelosos, tão prudentes como os que actualmente presidem aos destinos de Portugal, eu de hum piparote, ou d'hum jacto de voz, com huma fanfarronada, ainda que atirasse com Portugal de pernas para o ar, como succederia a esta briosa Nação, se ella andasse á vontade desses Politicarrões das *Ruas*, e das *Lojas*, responderia a isso de *Inglezes*. Como pois não tenho esse poder e saber, ou, em mais claros termos, como não tenho pela Misericordia Divina essa petulancia, e desenfreio desses ignorantes que pertendem governar o Mundo em sêcco, vou consultar a opinião de hum Mestre Frade, de hum Bacharel, que pertende ser Juiz, e de hum ex-Caixeiro, ex-Almocreve, (e este he o principio da sua carreira Politica) ex-Rendeiro, ex-Negociante, hoje Procurador de Causas perdidas: com esta alliança triplice, ou com esta honradissima tripeça composta de hum Frade, hum Letrado aspirante e hum Procurador pertendente, poderei eu responder ao meu *Realista perguntão* sobre o Artigo *Inglezes!*

Appareça em primeiro lugar o titulado Padre Mestre, e appareça no Pulpito, que dizem ser a Cadeira da Verdade, pois que a Cadeira de Loja he muitas vezes a da loucura, da maledicencia, da impostura, da calumnia, e de todo o genero de sandices: falle pois no Pulpito — *Tenho a ventura de fallar a hum Auditorio todo Christão; pois que se esses honrados Estrangeiros*, (erão Inglezes da Esquadra, e talvez de Esquadria) *que me escutão, se affastárão do Evangelho, seguem todavia o essencial da Religião.* — Ora ahi está a opinião do Mestre Frade sobre Inglezes, e ainda sobre Religião!!! Se elle fallasse a *Catholicos Irlandezes*, ou ainda a *Britannos*, ou *Bretões*, que seguem toda a Doutrina da Igreja de Roma, não diria certamente que elles *se affastárão do Evangelho.* Logo fallava elle a esses *Britannos à tota Roma penitus divisos.* Pois eis ahi a distincção entre Artigos *Fundamentaes*, e Artigos *Secundarios* da Religião!! Distincção blasfema impia, scismatica, e *sapiens hæresim*, distincção em fim, que cheira a heresia, ou a *Ingresia!!!* Julgão alguns que essa distincção de Artigos *Fundamentaes*, e Artigos *Secundarios* da Religião he huma distincção simplesmente Jansenistica, como he a de Facto, e Di-

reito, no que torpemente se enganão: essa he a distincção de todos os Hereges, Scismaticos, e Protestantes: todos elles se imaginão Catholicos, porque, ainda que neguem alguns Artigos da Religião, não negão os *essenciaes!!! A processão do Divino Espirito*, dizem elles, a *União Hypostatica do Verbo Sagrado*, a *Transubstanciação do Pão Eucharistico*, a *Permanencia do Sacramento debaixo das Especies Sagradas*, a *Sanctidade Celestial da Confissão auricular*, *etc.*, *etc.*, *etc.*, *não são Artigos essenciaes da Religião!!!* Eis-aqui a distincção, o pretexto, o escudo de todos os que se affastárão da Sancta Igreja de Roma, fóra da qual não ha Catholicismo, não ha Religião verdadeira, não ha Salvação Eterna! Eis-aqui a minha Profissão da Fé: *todo o Symbolo dos Apostolos*, *toda a Doutrina da Sancta Igreja Romana*, *tudo o que se contém na Sagrada Escriptura*, *e na Tradição*, *igualmente Divinas*, *pela forma*, *que a explicão os Sagrados Concilios Ecumenicos*, *e todos os Sanctos Padres.* Se não ha vida eterna, o Pai Eterno, que he o Principio de toda a Creação, não existe! Se não ha remissão dos peccados, nem resurreição da carne, Jesus Christo não remio o homem pelo seu sangue, nem resurgio pela sua propria Virtude! Mas eu perco o tempo, e o trabalho com o meu Reverendo! Que bello Mestre de Escriptura perde nelle a sua Congregação! Sancto Nome de Deos, em que eu creio! Quem diabo lhe assoprou esta distincção de Artigos *Fundamentaes*, e Artigos *Secundarios* da Religião? Estará elle atacado do mal Francez? Talvez que sim, que esse facilmente se pilha. Será elle Protestante, Scismatico, e Herege, como o são huma boa parte dos Anglicanos? Ou hum pedante, hum tôlo, hum sacador de vintens; e vindo vintens, tudo se diz, tudo se préga á medida das circumstancias!... Se esta casta de Prégadores, e de Theologos *das duzias*, se estes Frades Mestres *das Ruas* fossem condemnados a não sahirem jámais dos seus Conventos, a irem sempre ao seu Côro, e a serem instruidos, e examinados nas Doutrinas Predicaveis, e mesmo em essas estereis regras de Rhetorica, que jámais por si só formárão hum Orador, a Nação Portugueza estaria mais arraigada na Fé Catholica, os Portuguezes finalmente não terião sido tão faceis para o Maçonismo, para o Liberalismo, e para *as Ingrezias!* Graças a Deos! Temos hum Rei, e deste Rei ha de vir a Reforma dos Claustros, como na Hespanha veio da Grande Isabel, a Catholica por antonomasia! Mas que ha de ser? Frades com dous bocados de Latim, cinco annos de Convento, e não successivos, porque delles ha a descontar muitos dias de rua, e algumas noites de estalagem; e em todo esse espaço, hum an-

ño de Noviciado, tres de Filosofia, e hum de Theologia *Secular* por Lugdunense, sobem ao Pulpito, e vão dizer aos Fieis o que não sabem, o que não meditárão, o que não estudárão! Mas não he tudo para huma Asentada!

Assim pouco mais ou menos queria argumentar comigo hum Grammaticão *Fortis, et in seipso totus teres, atque rotundus*; e do qual bem se pode dizer aquillo de *Varro — Nihil miserius grammatico*. Todo elle empavonado com o seu Latim, presando até de Rhetorico, por haver laudado *in limine* a Arte Poetica do regatão Horacio, e arrotando de Theologão, por haver ouvido a traducção do primeiro Tomo do Lugdunense em hum Seminario, do qual ainda não sahio hum bom *Larraguista* desde o Seculo XVII, dizia elle: o Summo Pontifice Romano he tão fallivel no Magisterio da Fé, como eu o sou no ensino do Latim! Audaz parallelo! Somente o chicote formando noventa e nove vezes hum semi-circulo sobre as homoplatas do Grammatico Pedante podia castigar seu blasfemo arrojo. — Se o Papa he fallivel no Magisterio da Fé, não se congregando os Concilios senão de Seculos a Seculos, a Igreja de Deos poderá ser entregue ao erro centenares de annos; o Espirito Sancto não assistiria á sua Igreja, porque não está congregada; a cada hum dos Fieis não assiste d'huma maneira infallivel, e conspicua; o erro pois seria o patrimonio, que Jesus Christo comprou para a sua Igreja com o seu proprio sangue? Que mais pertendem os Hereges, os Scismaticos, e os Protestantes?.... Cahio em si o Grammatico, porque alfim he Christão, he Realista antigo, e he meu amigo; e a amisade sabe persuadir! Mas aposto eu que o meu Frade se não desencabeça da sua distincção de Religião *Essencial*, e Religião *Accidental*? Christão he elle, ainda que não frequenta os Actos de Religião, a que se obrigou por sua livre vontade! Realista igualmente o he, ainda que nem sempre igual, nem de todos os lugares! Mas ser meu amigo?..... Isso não, porque eu escrevo! Oh! João, vai lá, dize a esse homem que estou prompto para a entrevista, e para travar com elle intima amisade, porem com a condição de elle não subir mais ao Pulpito, de não sahir mais á rua, e de estar no Convento a toda a hora do dia, e da noite, porque lá he que o quero visitar, e fallaremos em essas cousas! João, dize-lhe que eu quero tomar delle humas lições de Politica, e de *Intrigresias*, que eu lhas pagarei com outras de Religião, e de Lingua Hespanhola, e Portugueza, para corrigir aquella traducção, que elle sabe, e que todo o Mundo ignora, menos o pobre Livreiro, que lá ficou com toda ella!

S. João, prégava n'outro dia hum Frade de Coroa,

annunciava a Lei de Deos, sem destruir as Leis da Republica Civil!!! A Religião era annunciada, sem confundir a ordem da Sociedade!!! Ora, querem-no vêr mais claro? Onde estava essa Republica na Judéa, (o Sermão foi acerca do Baptista) se alli só existia huma Monarchia, e tão despotica, como a que exercêo Herodes, e os outros seus bons Successores! Essa palavra — *Republica* — não he offensiva ao ouvido Realista no Reinado do Senhor Dom MIGUEL? Isto seria de proposito?

Pode a Sociedade estabelecer-se, e firmar-se sobre outra base, que não seja a Religião? São alguma cousa as Leis dos Imperios, das Monarchias, e das Nações, se ellas não derivarem a sua justiça, e a sua força da Lei Divina? Não he o Evangelho, o que melhor persuade a obediencia ao Poder Real, a submissão ás Leis do Estado, o respeito á Ordem Civil? Como vem pois ao caso dizer-se que S. João *annunciava a Lei de Deos, sem destruir as Leis da Republica Civil, e sem confundir a Ordem da Sociedade?* Se as Leis da Republica fossem contrarias á Moral, se a Ordem Social se firmasse sobre a devassidão, não seria do dever do Orador Religioso (e a este dever não soube faltar S. João Baptista; antes pelo seu desempenho lhe foi cortada a cabeça.) aconselhar a moralidade, reprehender os vicios? Que outra cousa he hum Pregador Christão senão hum Instructor na Fé, e na Lei, hum Reprehensor da irreligião, e da immoralidade, hum Despertador da virtude, e da honra? Eu não entendo estes Prégadores do tempo!

Já no anno de 1822 ouvi a dous Religiosos tambem de Cordão, hum prégando do Sanctissimo Sacramento, que *Jesus Christo Senhor Nosso havia sido o primeiro Constitucional do Mundo;* outro prégando de S. Pedro, no mesmo dia, mas de tarde, que este *fôra o primeiro Constitucional!* A contenda, ou preferencia, disse eu em aquella occasião para o meu honrado Vigario Geral, he entre Mestre, e Discipulo; e como ambos vivêrão no mesmo tempo, não he facil a estes Prégadores conhecer qual dos dous excedêo em Liberalismo!... O Divino Mestre foi crucificado, cabeça para cima, pelo ensino da obediencia a Deos, e ao Rei, ainda que foi accusado de rebelde a Deos, e aos Reis; o Sancto Discipulo foi crucificado, cabeça para baixo, pelo ensino da mesma Celestial Doutrina! Mas he até onde pôde chegar o desaforo, e a impiedade da Oratoria Constitucional! E ainda haverá quem diga que os Constitucionaes não são huns sacrílegos aggressores da Divindade? E que foi feito d'estes, e d'outros que taes Frades, ou Clerigos? Fôrão enviados para outros Conventos; e agora dizem que prégão á Realista! Fortes Realistas!

Desannexar a Politica da Moral; separar a Religião do Estado; emparelhar os Catholicos e os Impios; intimar aos Povos que a Religião tanto se conserva em Portugal, havendo Carta, como Monarchia; reinando o Senhor Dom Miguel, como Dom Pedro; persuadir aos Portuguezes que a sua intimidade com os Hereges e com os Pedreiros não he perniciosa á Religião e aos Costumes; he fazer a mais espantosa revolução no Sacerdocio e no Imperio! He propagar desde a Cadeira da Verdade a Carta da impiedade, a submissão aos Estrangeiros, a adhesão aos rebeldes!

Em quanto os Prégadores todos não souberem o que prégão, e não prégarem somente, o que são obrigados a saber, Portugal não está defendido, nem seguro dos seus inimigos, assim Nacionaes, como Estrangeiros! *Unidade de Doutrina!* E esta só se aprende na Escriptura, na Tradição, nos Concilios, e nos Sanctos Padres! Mas eu deixo o pobre Frade, que já tem o seu coração *téfe*, *téfe!* Até outra vez, meu Reverendo Politicarrão, que não tardará! Agora vou ao Letrado, e ao Caixeiro, e verão os meus Leitores como os tôlos se matão com os Inglezes; e os Inglezes só cuidão no seu Bill, Bill, e mais Bill!

Lisboa 25 de Junho de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1832.

Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 48.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Continúa a Tempestade em Portugal.

Entre dous Governos da mesma natureza, e entre os seus governados existem elementos de attracção, e de concordia, que bem podêra qualquer Filosofo denominar elementos de *homogeneidade:* pelo contrario, entre dous Governos de diversa, e opposta natureza, e entre os seus governados existem elementos de repulsão, e de discordia, que tambem os Filosofos poderião denominar elementos de *heterogeneidade:* em aquelles arde o desejo de se assemelharem, de se aproximarem, e, deixem-me assim dizer, de se concentrarem, e unificarem; o amor faz de dous hum: em estes esbraveja o furor de se *desparecerem*, de se evitarem, de se dividirem, e destroçarem; o odio espedaça as mesmas unidades moraes. Dous Governos Absolutos, ou Monarchicos, temperados pela mesma Religião, pelas mesmas Leis, e pelos mesmos Costumes, ainda que a lingua seja diversa, parecem hum só Governo; seus governados apresentão a semelhança de duas moedas do mesmo metal, peso, valor, e feitio, que facilmente se confundem, e huma parece ser a outra, não ha-

vendo outra diversidade, que a de serem duas, e não huma: assim forão no seu principio todos os Povos do Universo, assemelhados entre si, não obstante a pluralidade dos seus Chefes, pela mesma Religião, pelas mesmas Leis, pelos mesmos Costumes, finalmente pela mesma natureza, ou fórma de Governo: assim ainda houverão E'pocas na Europa em seculos ditosos, em que os Francezes, os Hespanhoes, os Portuguezes, e os Inglezes não se differençavão entre si, senão porque a lingua não era commum, e porque cada hum tinha o seu Soberano. Dous Governos Constitucionaes, ou de qualquer maneira Representativos, temperados, (melhor direi, *destemperados*) pela mesma liberdade de Leis, e de Costumes, não se assemelhão entre si, senão em que cada hum he livre, pensa, e obra como quer: assim estão hoje as Nações na Europa, e ainda em quasi todo o Mundo, depois que a Religião, as Leis, os Costumes, e o Governo forão entregues á discrição, ou á liberdade dos Póvos! Elles amão-se entre si, mas amão-se livremente, e livremente se aborrecem, porque os seus affectos não são governados pela Razão, que he sempre a mesma, mas são impellidos pela Paixão, que he sempre diversa, segundo os diversos interesses, ou mólas, que a agitão. Todavia, o principio de paz, de concordia, ou de *homogeneidade* existe sómente entre os Governos Monarchicos temperados pela mesma Religião, pelas mesmas Leis, e pelos mesmos Costumes; porque entre elles a Razão he huma só; em vez de que entre os Governos Constitucionaes, ou de qualquer maneira Representativos (eu tomo esta palavra na accepção vulgar destes dias) existe hum moto contínuo de discordia, de perturbação, ou de *heterogeneidade*, porque entre elles a Razão não he huma só, mas tão vária, e multiplicada como o he a Paixão; e esta como os homens, como os tempos, como os dias, e ainda como as horas — *Quot homines, tot sententiæ — Nemo mortalium omnibus horis sapit — Nulli similitudo cum altero convenit.*

Como em os Governos Monarchicos a Razão guiada pela Religião, e pelas Leis he o principio da sua vitalidade, assim em os Governos Constitucionaes a Liberdade, movida pelas paixões, he o principio da sua mortalidade; eu fallo da vitalidade, e da mortalidade, tanto em referencia ao in-

terior dos mesmos Governos, e dos seus governados, como em referencia ao exterior das mesmas Nações, de qualquer fórma constituidas; mas notem aqui os meus leitores a distincção; que tenho feito entre as duas palavras — *Alliança*, e *Amizade.* — Hum Governo Monarchico qualquer, em quanto a Razão das suas operações, e das dos seus governados for guiada pela Religião, e pelas Leis, caminha sempre á sua conservação, e consistencia, ou, digâmos assim, á sua *Perpetuidade*, e se affasta della mais ou menos á proporção, que a sua Razão perde a guia da Religião, e das Leis; hum Governo Constitucional, como as paixões são o movel das suas operações, avança sempre á sua ruina, ou á sua morte, e se desvia d'ella mais, ou menos á proporção, que a Razão applica á liberdade o poderoso, e vivificador calmante da Religião. Hum Governo Monarchico promove a educação, e civilisação dos seus governados, segundo o principio vital da Razão guiada pela Religião, e pelas Leis. Hum Governo Constitucional permitte aos seus governados que se eduquem, e civilisem á sua liberdade, e segundo as suas paixões. Aquelle ministra sementes de vida, e de conservação, aos que governa; este offerece, aos que quizerem escolher, tudo o que fomenta as suas paixões; aquelle retira dos seus governados tudo, o que póde perverter a sua Razão Religiosa, e Legal; este permitte aos seus tudo, o que póde exaltar a sua liberdade sobre a Religião, e sobre a Lei. Podem os meus leitores perceber, que estou de volta sobre os Livros, ou em Prósa, ou em Verso, e tambem sobre a Pintura, e sobre a Musica; aqui o Governo Monarchico escólhe, permitte, e probibe; o Governo Constitucional he indifferente a estes objectos, deixa-os á vontade, e ao gosto dos Póvos; e quando se mostra intolerante he sómente sobre Livros, Pinturas, e Musicas, que levem os Póvos a pensamentos sérios, e Religiosos.

Vá este exame tambem de corrida, ou em tempestade, porque ainda não chegárão os dias de calma, para tomar as cousas na sua ordem natural. O Hymno Constitucional; a marcha de Luiz XVI ao cadafalso; a de Henrique IV; a mesma celebrada, e repetida de Semiramis; as suas cadencias, o seu andante, as pausas de silencio, os seus finaes, as suas arrebatadas subidas, e descidas, os.... tudo inspira

aos ouvintes a debilidade, a mollesa, a effeminação, e as diversas paixões, que arrebatão o coração humano, ora ao despreso, e esquecimento de Deos, ora ao odio, e aborrecimento das Leis, ora ao seguimento dos mais alarmantes prazeres. E como póde isto assim não ser? O Hymno Constitucional, já s'entende, aquelle — *Viva a Sancta Religião* — mettido no mais baixo signo da Musica, que tocado ou cantado, parece sôa debaixo dos çapatos! Aquelle — *Divinal Constituição* — levado muito acima da corda coral, ou elevado até aos ares á maneira de affectos extaticos! Da Tocata na marcha de Luiz XVI ao cadafalso não ha que dizer! Ella foi inventada pela fantasia Franceza, não só para adormentar cem mil homens na indifferença para com o seu Rei, como para os insensibilisar a ponto de verem sem huma lagrima o horroroso supplicio do Soberano mais amigo do seu Povo! Henrique IV foi hum tolerante, mais favoravel aos Hereges, que aos Catholicos! Os Compositores da Musica, para celebrar a sua triumfal entrada em París, não perderão de vista os sentimentos do seu Heróe! Semiramis foi huma adultera escandalosa! Os Musicos quizerão promover os seus torpes costumes, e a esse fim compozerão essa Peça, que hoje se pede com enthusiasmo em todos os Theatros da mal morigerada Europa! Eu não quero formar hum Numero de Musica: a analyse das Tocatas, e Cantatas mais usuaes deste seculo demonstraria, que ellas forão de proposito compostas para alliciar as paixões, adormecer os estimulos da consciencia, suffocar o germen da virtude, e excitar no coração movimentos, e sensações criminaes, bem como a Serêa, que pela suavidade, e effeminação dos seus canticos arrasta seus espectadores a huma aspera morte! Onde está a decencia, a seriedade, a gravidade, aquella ternura jucunda, suave, deliciosa, persuasiva, mas virtuosa; aquella harmonia Magestosa, e Soberana, que em seculos mais Religiosos, qual outra Cithara de David, excitava nos ouvintes o respeito, o silencio, a compunção, a piedade, a honra, finalmente a virtude? Estará nos Templos? Não, ou em muito poucos, e muito raras vezes! Ouço ahi tocar, e logo vejo as mulheres pular, os moços fazer o compasso, olhos affogueados, rosto incendiado, corpo inquieto, tudo se move, parece que a dança vai romper!!! Qual he o Governo Mo-

narchico Catholico, que tenha reflectido sobre esta desordem, e enviado esses Musicos, e Cantores a tocar, e cantar nos Paços de Plutão? Que os Governos Constitucionaes os consintão, he conforme á sua instituição: são os recrutadores das paixões, e da chamada liberdade! Mas os Governos Monarchicos!... Hum Governo Christão!... Vejo, ouço, e não entendo! O espirito Religioso deve ser introduzido em todas as Artes Liberaes, ou estas continuarão a fazer huma revolução no gosto Christão, nos costumes, e na honestidade!

A Pintura — Ahi está Venus núa, e crua, como os Maçons a querem! Ahi está Cupido tal, e qual os Libertinos obrão! Os Deoses, e Deosas, os Heroes, e as Heroinas, apparecem sem calções, e sem camisa; de saias, ou vestidos talares não ha que fallar; não se usávão em aquelles tempos; todos andavão, que era huma pouca vergonha, e por isso agora os talhão, e retratão com todas as suas poucas vergonhas! Salas das Pinturas, dos Retratos, e dos Desenhos; ellas não me desmentem: a mocidade estudiosa, ou curiosa vê ahi, o que não devia ver; porque o não ha de cobiçar? Os Palacios dos Fidalgos não estão isentos d'estes vergonhosos objectos, que ao menos por decencia deverião retirar das vistas d'hum Sexo, que perde o pudor, apenas vê com liberdade! Essas Pinturas, ou Gravuras das mil formas, por que os Impios ensinão que se pode prostituir a Especie Humana, ellas por ahi andão livremente em Cartas Francezas de jogar, e em livros tambem Francezes! Vierão no Paquete de Plimout, ou na Escuna vinda de Toulon! A Policia não pode vedar a importação d'estas Artes da Natureza com liberdade!.. Seria isso infringir os Tractados de Commercio!.. Lá viria huma Esquadra a fazer introduzir estas mercancias de Venus a Maçonna!.. Não ha Pedreiro, não ha Malhada, não ha Cabra, que não tenha hum grande sortimento d'este genero, até para distribuir gratuitamente mesmo por huns certos Realistas, porém Libertinos! Assim se vai introduzindo o Materialismo com o *Brutalismo* da Natureza corrompida em todas as variações, a que ella pode ser levada! E a Inquisição? Lá vai; e, se resurgir, já não poderá emendar huma geração *embrutecida* pelos excessos dos prazeres! Mas estas cousas não se vêm em

todas as Casas! Lá estão somente os paineis dos quatro Elementos, e, se ha alguma cousa mais, he Neptuno com o seu tridente, he a Senhora Dona Astrea com as balanças vasias, ou a Generosissima Amalthea com a sua Cornucopia, da qual nada sabe: e na verdade; que ha de sahir de hum C..? Só se for outro. Temos pois *Sansculottes*, e *Sansculottas* retratadas em pelo; os homens, e as mulheres em horrendo desaforo; e, o menos indecente, os quatro Elementos, que se não sabe, o que são, nem o que hão de vir a ser; o tridente, ou triangulo de Neptuno, que anda sobre agua, e na terra; as balanças de Astrea, que forão para as Lojas de peso, e para outras, onde não ha justiça de peso, nem de medida; e o tal palmito de Amalthea, o qual, depois de desmamado Jupiter, ficou duro e esteril como todos sabem. Eis como a Pintura faz tambem huma espantosa revolução nas idéas, nos sentimentos, nos costumes, na piedade, finalmente na Religião, e na Sociedade! Parece estar adoptado o plano dos *Adamitas*, hereges tão loucos, como impudentes! Os Pedreiros tomárão de todas as Seitas o peor, e não sei, como se ha de sahir este seculo com tantas monstruosidades. E a Sacratissima Imagem de Jesus Christo Senhor Nosso crucificado pela Salvação do Mundo? As Imagens de Sua Mãi Sanctissima? E as dos Sanctos, e Sanctas do Novo Testamento? *Essas*, respondem os homens chamados livres, *para as Igrejas, em quanto nós não as espoliarmos; para os cubiculos dos Frades, e das Freiras* (e não de todos, nem de todas) *em quanto nós os não desalojarmos; para as casas de alguns Parochos, e de alguns Clerigos, em quanto não forem todos elles educados segundo o Cathecismo de Medrões; e para as choupanas d'alguns Lavradores, e Artistas, em quanto não forem por lá os nossos Voluntarios de Dom Pedro, e de Dona Maria!* Mas fiquem-se as pinturas, as gravuras, os retratos, e toda a mais cambada *visual* até hum dia, em que eu lhes possa formar aquelle *Espelho Ustorio de Archimedes*, que, se não apparecer a tempo de queimar quantas embarcações inimigas assomarem ás Costas do Religioso Portugal, virá a boas horas de acabar com quantas obscenidades talhadas, pintadas, gravadas, e desenhadas introduzio em Portugal o Maçonismo Estrangeiro, e adoptou a Libertinagem Nacional!

Livros — Esta não he a minha seára: eu não sei, senão do meu *Larraga*, e do meu *Breviario*; fora d'aqui não ha, que tirar-me a terreiro: todavia, como vi em huma Loja de Livros hum *Index* de muitos, ou de infinitos, encasquetei na cabeça os nomes de alguns; è huma das vezes, que passei por Coimbra, como ahi se sabe (*disem*) de tudo, o que se escreveo no Orbe Literario, perguntei ás Classes por alguns Livros, de que aprendi os nomes, e ahi vão as respostas — *Grammatica* — Vossa Senhoria, (este tractamento dou eu a todo o animal deambulante em Coimbra, seja da especie, e classe que for, porque não quero ser havido por incivil no Emporio, ou *Espalhafatorio* das Sciencias) Vossa Senhoria vio a Arte do Padre Alvarez? — Oh! Deos! Em quem fallei! Cuidei, que me comprimentávão do modo, que os Judeos comprimentárão a Sancto Estevão. — *Vossé* (este tractamento dão os Escholasticos Coimbrãos, ou Coimbrões (escolhão lá) a todos; a Senhoria he para elles) *falla-nos no rançoso Alvarez? em ex-Jesuitas? Cá não ha outro Livro que o do Padre Antonio Pereira! Sim, Senhor, fez huma revolução na Grammatica e na Igreja! Cá não se querem outros!* — Vossa Senhoria tem a Prosodia do Padre Bento Pereira? — *O homem he hum asno! cá anda o Fonseca, que não traz nenhum d'esses Latinorios exoticos, que se achão na Biblia, no Missal, no Breviario, nos Concilios, nos Sanctos Padres, e nos Theologos Escholasticos! Cá! Livros ex-Jesuitas? não queremos saber o Latim dos Ecclesiasticos* — A estas respostas dadas, e recebidas á porta da Minerva Coimbrã, ou Coimbroa, (escolhão a *broa* se quizerem) eu descobri que a Literatura Portugueza era toda *ex-Jesuitica*, e então disse aos Universitarios de Coimbra = Sou Hespanhol; lá forão expulsos os Jesuitas, mas não forão aborrecidos, nem elles, nem seus judiciosos Escriptos: o gosto de Coimbra he todo Francez; pois como do Maçonismo Francez teve origem a mal merecida expulsão dos Jesuitas, tomem os Francezes, e os Portuguezes afrancesados a resposta, que em *Genova* dêo hum Hespanhol no anno de 1794 a hum Francez, que lhe perguntou, se èra Ex-Jesuita: a resposta he em Hespanhol, e he de

SONETO.

Nó me llames el ex por caridad
Despues que lo adoptô la Convencion ;
Deve la Europa a Francia la invencion
Y fue su primer fruto la ex-Piedad!

Ex-Rei, ex-Reina, ex-Christiandad!
Ex-Cura, ex-Fraile, ex-Monge, ex-Devocion!
Ex-Papa Ex-Cardenal, ex-Religion!
Ex-Culto, Ex-Templo, ex-Fé, ex-Humanidad!

Mira si el-ex-que tu me nombras hoi
Un-ex-fatal para la Francia fue ;
Otro menos fatal buscando voi ;

Y de encontrar-le tengo viva fé.
Pues me parece que escuchando estoi
Ex-Nacion, ex-Paris, ex-Liberté.

Assim veio a succeder a toda a Europa Catholica: expulsos os Jesuitas, e banidos todos os seus Livros, pouco faltou que não acabasse o Altar, e o Throno, se Deos tivera decretado acabar já com o Mundo: mas eu continúo — *Filosofia* — Vossa Senhoria tem o *Altieri*, ou o *Roselli*, ou o *Florez* em Filosofia? — *Cá só temos o esqueleto do Genuense, e o Heineccio em osso: isto devoramos em seis mezes, e em hum Curso discursamos em Filosofia como huns homens; quem quer saber essas arengas mais pelo fundo, lê, ou a Lokio, ou o Diccionario Filosofico de Voltaire!* — Logo Vossas Senhorias, ou estão em jejum de Filosofia, ou filosofão á *Ingleza*, e á *Franceza!* E de Rhetorica? — *Quinctiliano por Soares Barbosa, e basta para outros o Horacio na sua Arte Poetica, que foi eloquentissimo em materia de almoços, e céas: Baccho, e Venus, para adornarem seus pensamentos, e persuadirem as suas idéas, não precisão de Regras Oratorias! O ouro he eloquente no Foro; e no Sagrado qualquer cousa!* — Logo o *Blair*, o *Gaichies*, ou o

Granada são inuteis? E assim he como os Escholasticos se abrem as portas para as Faculdades Maiores? Que podem elles discorrer, e dizer, ou no *Foro*, ou no *Pulpito*, em *Jurisprudencia*, ou em *Theologia?* E em Theologia que tem Vossas Senhorias? *Gazaniga, ou Lugdunense; não sabemos outros nomes, nem podemos entender esses Theologos, que escrevêrão (segundo dizem) no seculo* 16.°; *parecem-nos huma algaravia: temos para nós, que pouco de Theologia, e muito de Razão natural!* — Com que não lhes serve *Cano*, ou *Annato*, *Bailli*, *Natal Alexandre*, *Gonet*, *Billuart*, *Araujo*, *Juenin...?* Foi chão, que dêo vinho! — E em Escriptura, e em Escriptores Sagrados? — *Basta a Biblia da Versão do Padre Antonio Pereira; porque esse Latim Sagrado, como não he classico, não o entendemos.* — Jesus!! Pois ao menos nem o *Tirino*, ou o *Duhamel*, ou o *Calmet*, *o Villa Roel*, *o Cathecismo Tridentino*, *S. Jeronymo* ao menos? Andão nas mãos dos confeiteiros! Mas em Direito Canonico? — *Temos Riegger, e o Gmeiner, e quando mais o Van-Espen* — Sim: eu já sei que do purissimo *Devoti* até o nome se não acha nas *Livrarias Publicas!* Pois *Kolb*, *Wallens*, *Reiffenstuel*, *Barbosa*, *Cardeal de Luca*, esses, e outros são enjoativos! Mas em *Direito Civil* brilharão Vossas Senhorias — *Sim: o Martine commentado por Fortuna, Pascoal José de Mello, Repertorio de Fernandes Thomaz, e....: aqui somos nós Mestres* — Que o digão os Povos, contra quem não esquece o *Codigo de Napoleão!* mas *Diccionario Forense*, *Praxe Civil*, *e Criminal*, *Livraria de Juizes*, esses ainda por cá não apparecerão! Quiz perguntar ás minhas Senhorias Coimbrãs, ou Coimbroas por *Natal Alexandre*, *Amat de Graveson*, *Orsi*, *Florez*, *e...* em Historia Ecclesiastica; mas percebi que esses meus Senhores não querião saber da Igreja! Quiz fallar-lhes na *Bibliotheca Literaria da Peninsula*, na Historia Universal, na de...; mas acommodei-me, porque vi nas suas mãos a Historia de todo o Mundo em huma *Brochura em* 8.°, e por ella desabrochão os seculos preteritos, os presentes, e os futuros de todos os Povos da terra! Começava eu a tactear em Medicina, e em Cirurgia, e apenas encetava os nomes de *Boerhaave*, *de Martins*, e de... fiquei abysmado com huma lista de *Francezes*, *e Inglezes*, que ainda

agora tenho os ouvidos a chiar! Lembro-me sómente de *Tissot*, e de *Bourrú, rú, rú!*...

De tudo isto colhi que os Portuguezes de hum seculo a esta parte, ou pouco menos, não lêm, nem estudão pelos Livros por que lião, por que estudavão seus Avós; Livros por onde os Portuguezes adquirírão a palma no Estadio das Sciencias, em Eloquencia, em Filosofia, em Jurisprudencia, em Theologia, em Escriptura, em todos os conhecimentos uteis á Igreja, ao Estado e á Sociedade. Esta revista foi feita com huma incrivel rapidez por certos motivos de delicadeza, de sobriedade, ou de etiqueta do tempo, como fallão os mais alambicados em civilidade! Mas este methodo, este gosto, este *prurito* de estudar e de saber á *Franceza* e á *Ingleza*, estas *cascas de alhos* em todas as Faculdades não só estão adoptadas em Coimbra, tambem a tinha pegou nos *Seminarios Ecclesiasticos*, Seculares e Regulares! Fallar de tudo, estudar pouco, saber menos. Ha pois mais ignorancia, ou menos sciencia, na geração presente que na antecedente, ainda que ha mais petulancia e presumpção! O gosto não he Portuguez! As idéas não são Portuguezas! Quaes pois serão os costumes? Onde não ha unidade de doutrina, unidade de estudo, unidade de sentimentos, preciso he que as inclinações sejão disparadas, disparados os habitos, despropositadas as operações! Em huma palavra: não havendo *Nacionalismo* nas idéas e nos costumes, o *Estrangeirismo* se introduz, e se perde o amor á *Religião Patria*, ao Estado, ao Throno, á Sociedade! Dahi vem em huma boa parte dos Portuguezes e das Portuguezas de todas as classes e condições esse gosto por tudo o que he estrangeiro; essa indifferença pela Religião, pela Patria e pelo Soberano; esse egoismo e insensibilidade que ha hum seculo não era o caracter do Portuguez; todos elles enthusiastas pelos seus Monarchas, pela sua Nação, e pelas doutrinas da Sancta Igreja de Roma! Dahi vem ouvir-se aos mesmos Ecclesiasticos, no Pulpito, e fóra delle, proposições pouco Portuguezas, pouco Nacionaes, pouco Politicas, pouco Monarchicas, em fim pouco Religiosas! Estudão pouco, mal, e isso mesmo por Livros Estrangeiros! E estranhará alguem que eu deseje que se torne a ler e a estudar pelos Livros, por que se lia e estudava ha quasi hum seculo, com exce-

pção de alguns poucos Livros Juridicos? Que o Clero Secular seja instruido, e sem isso não seja promovido, segundo o Plano do Sancto Concilio Tridentino? Que os Regulares não saião da Clausura, senão em casos gravemente necessarios á Igreja, ou á sua Communidade; que elles não andem por toda a parte como os pardaes; que não vão aos Theatros, nem *ainda mesmo disfarçados?* Que o Ministerio da Palavra Divina não se entregue senão aos que tenhão idade, gravidade, prudencia, costumes e *sabedoria sobria?* Que?.... que?.. que?.. que na noite deste dia vespera da celebração do martyrio do Gloriosissimo Principe dos Apostolos se fizessem as fogueiras em todo o Reino com quantos Impressos, e Manuscriptos vierão de *França*, e de *Inglaterra* depois do anno de 1780, e com quantas producções literarias (tudo isto com muito poucas excepções) sahírão dos Prelos *Hespanhoes*, e *Portuguezes* depois do anno de 1800! Será isto desejar muito, que os Portuguezes sejão educados á antiga Portugueza, segundo a Religião, Leis, Costumes, e Methodo, em que foi educada a geração preterita? Então não haveria *Portuguez* que não fosse *Portuguez*; que não fosse Catholico; que não fosse amantissimo do Senhor D. Miguel I, unico fiador da existencia da Nação *Portugueza:* então não haveria hum *Portuguez* que fosse *Inglez*, que fosse *Francez*, que tremesse de *Inglezes*, que tremesse de *Francezes*: então até os mesmos *Pedreiros Livres*, se os houvesse, (o que não era de presumir, se a Nação fosse educada, como o foi ha hum seculo) até os mesmos *Pedreiros Livres* serião amigos da sua Nação, e defende-la-hião de quantas aggressões se lhe fizessem, ou ellas fossem *Francezas*, ou *Inglezas:* serião *Portuguezes* os Fidalgos e os Plebeos; os Frades e os Clerigos; os Militares e os Paisanos; os Lavradores e os Artistas; os Negociantes e até os mesmos Caixeiros, Bacalhoeiros, Fanqueiros e Retrozeiros, que he a classe menos susceptivel de *Nacionalidade*, ou de Espirito Patrio. Mas hoje?

Hoje hum Fidalgo he *Francez*, outro he *Inglez;* só a estes ama, só delles teme: não passo revista a todas as classes; deixo as Mulheres para o Artigo — *Malhadas* — tambem as ha *Francezas*, e outras *Inglezas!* Mas hoje? Ha *Maçães Francezes*, e ha *Maçães Inglezes!* Elles se aborre-

cem, e perseguem figadalmente! *Maçon Francez* não pode olhar alegre, e risonho para hum *Maçon Inglez;* apenas se derão as mãos no anno de 1826! No anno de 1820 a Maçonaria *Franceza* a fez, e em 1823 a desfez: estão sempre como o cão com o gato; mas a superioridade em Portugal ainda hoje he *Franceza*, e por isso os Maçōes *Inglezes* não levão a melhor, não obstante a sua intervenção a favor dos *Carteiros*. Mas hoje? Até ha Frades *Inglezes;* já o disse! Até ha Clerigos, Parochos *Inglezes!* Oh! que Apostolicos são estes Abbades! Que temão dos Inglezes, soffre huma licença, porque ha Clerigos covardes! Mas que hum Clerigo, e hum Abbade *Portuguez* ame naturalmente os Inglezes! Forte lambareiro! fóra gato; *gache gatim*, dizia huma moça para hum gato macho, ou fêmea, que lhe comia hum rosbiff. Eu gosto de provas: venhão ellas.

Era este Abbade no anno de 1823 tido, e havido no Publico por hum Realista chapado, ou *esturrado:* (que este qualificativo accrescentárão aos Realistas, não podendo em justiça sobrepôr-se á denominação de Realista outra qualidade, que a de *discreto*, ou *indiscreto*, ainda que alguns lhe sobrecarregão a distincção de Realista *de antehontem, de hontem, e de hoje*, sobre o que direi tres palavras a seu tempo) pois, como ia dizendo em frase de historia ainda que esta he verdadeira, o dito Abbade Realista em 1823, e *grimpa* em todo tempo, apparecêo em 1826 hum *Carteiro* famoso, o que elle d'antes era, e ainda hoje, sem que fosse sellar, ou marcar a Carta na Cadêa de Braga, ou do Porto, porque o homem tem huma grande *Bulla de Composição*. Este Abbade, logo que apparecêo a *celebrada*, escreve huma *Encyclica* aos seus Collegas conhecidos, rogando-lhes a inculquem aos Póvos, e persuadindo-os a isso por muitas razões, e ahi vai a principal, a final, a concludente. — *Eu gósto da Carta Constitucional, porque he obra Ingleza, e eu amo naturalmente tudo, o que he Inglez!!... Chia!* Meu Padre, chia-lhe no papo! Ora vejão os meus Leitores, e admirem este Apostolo da Carta, ou de Lucifer! E chamão Apostolicos aos Realistas! Tambem ha Carteiros Apostolicos, e que Apostolicos! Vi esta *Encyclica* no anno de 1826, estando na Hespanha, nas mãos de Officiaes Realistas! Ah! Então muita cousa vi, que ainda ninguem ouvio!

Mas huma parte d'essas cousas ainda hoje se repete! O genio da intriga anda ao redor de nós! Eu dei em todos com a faramalha da Musica, das Pinturas, ou Gravuras, e sobre tudo dos Livros, ou da educação *á Franceza*, *e á Ingleza!* Devia cahir agora sobre aquelle Letrado, e sobre aquelle outro Caixeiro, para depois das premissas vir á consequencia dos *Inglezes*, consequencia, que hei de tirar á Hespanhola: verdade, e prudencia; pòrém de boa escapárão hoje o Letrado, e o Caixeiro; dem graças ao *gancho*, que a minha vontade estava bem conhecida; mas para o Número seguinte hei de lhes ir ao pelo. O diabo do *gancho!..*

Qual gancho? Huma Proclamação, que por ahi anda, e que affecta haver sido impressa em Officina Hespanhola; porém o typo he visivelmente Portuguez, frase Portugueza, Syntaxe Portugueza! *E o conselho?* Estrangeirinho! Mas não péga a labia! *Ora! Que he isso?* Que ha de ser? Huma exhortação aos Realistas Portuguezes, a que se desfação do seu Rei, do Grande Rei, e Senhor Dom Miguel Primeiro, do seu General, do seu Amigo, do seu Protector, do seu Amado, Suspirado, Desejado, Idolatrado!!!.... *Então! Quem he o Rei, que os Realistas devem substituir ao Augusto, muito Alto, muito Magnifico, muito Poderoso, muito, muito, e sempre muito Excellente Senhor* Dom Miguel? Hum Infante Hespanhol!.... Dom Sebastião!.... Filho de huma Augusta, e Virtuosa Princeza de Portugal, e de hum Infante Hespanhol!.... Com Domicilio, e Naturalidade em Hespanha!.... Com Casa, e Patrimonio em Hespanha!... Casado com huma Augusta Trans-Alpina!.... Não he Portuguez de origem!.... Não he Portuguez de Naturalidade!.... Não he Portuguez de Domicilio!.... Não he Portuguez de Educação!.... Não he Portuguez de Estabelecimento!.... Não he Portuguez de Lei!.... Não he Portuguez por Matrimonio!.... Não tem Direitos alguns a Portugal, nem aos Portuguezes!.... Nunca os teve, nunca os pode vir a ter, nunca os pode adquirir!.... Está fóra da Linha Collateral, e Transversal!.... Está fóra da Ascendencia, e da Descendencia!.... Não pode já mais entrar na Linha!.... Até a esperança caducou!.... E quaes são as razões, em que se funda o escandalosissimo exhorto? = *Em que os Realistas não forão*

premiados!.... Em que os Liberaes não forão punidos!....
Em que Portugal está exhausto de metalico! = Outro Monarcha, que não fosse o Augusto Senhor Dom Miguel, Pai dos seus Póvos, Amigo da sua Nação, houvera contrahido nos quatro annos, que decorrêrão desde 1828, quatro Emprestimos de quarenta milhões cada hum, pagando vinte por cento em cada hum anno, com o que não só não haveria em Portugal algum dinheiro, mas até nem propriedade, casa, edificio, terras, montes, pedra, nem trapo, ou farrapo, que não estivesse hypothecado aos Estrangeiros; em quanto a Nação Portugueza actualmente goza das suas propriedades, e não deve senão a si mesma, divida suave, e que se extingue, logo que os inimigos deixem de perseguir o Governo Paternal do Senhor Dom Miguel!.... Os Realistas estão satisfeitos, e contentes da sua sorte: elles occupão os Empregos Publicos, e vão tomando os Lugares vagos: elles querião que o seu Rei lhes administrasse justiça, e ella se administrou, e administra com inteireza, e imparcialidade: Graças, e Mercês não as ambicionavão os Realistas, e o Governo tem feito vêr a todas as Nações com a sua Economia Politica, que ElRei não comprou, nem peita os seus Vassallos para a sua Exaltação ao Throno, para a sua Conservação, e Defeza n'elle: os Realistas Portuguezes defendem-se a si mesmos na Defeza do seu Rei; defendem suas Leis, sua Religião, sua liberdade, seus costumes, suas propriedades, sua honra, suas familias: o premio d'esta sua Defeza he o Triumfo, he a sua mesma Defeza. — Os Liberaes não estão punidos? Digão-no elles mesmos: mas elles se queixão, ainda que sem razão, porque, se não continuassem nas suas tentativas, respirarião livres, e não serião incommodados: elles forcejão por derrubar do Throno o Senhor Dom Miguel: essa Proclamação he o seu ultimo esforço; he obra de *Pedreiro Matreiro*, e *Velho*: estão já certos, que *Dom Pedro* perdêo a demanda; conhecem que os *Inglezes* não tem hum pretexto para intervirem com força armada contra o Senhor Dom Miguel: buscão pois o pretexto: Qual? *Que hum Revolucionario assalariado por elles désse hum só Viva a ElRei Dom Sebastião!!!* Estupidos! Já não ha hum tôlo para huma mezinha! Este he o primeiro objecto d'essa Proclamação. — *Introduzir os Inglezes em*

Portugal. — Com esse pretexto se mettêrão elles em Portugal no anno de 1826, pelas inepcias, e loucuras d'hum *Pedreiro Francez dos mais antigos de Portugal.* Miseraveis! Não pegão as bixas! O outro objecto da Proclamação he introduzir a discordia entre as Fileiras do Exercito, fazer remover do Commando os Officiaes mais valentes, e mais honrados, persuadir ao Governo que tem inimigos entre os Realistas, metter finalmente a desconfiança entre ElRei, e entre os seus Vassallos! Loucos! ElRei, e Senhor Dom Miguel Primeiro tem no seu Magnanimo Coração *a todos os Realistas;* e todos os Realistas tem no seu leal coração ao seu Rei, ao seu General, ao seu Grande Amigo, *o muito amado Senhor* Dom Miguel Primeiro!

Essa Proclamação finalmente estabelece o abjurado, o detestado, o horroroso principio da *Soberania Popular, e da Soberania Electiva!* Porém, Portuguezes, álerta! Essa Proclamação, obra de Pedreiros, he huma carga cerrada *sobre todos os que estivemos emigrados em Hespanha, e sobre todos os Batalhões de Voluntarios Realistas!* Ella tende a fomentar a anarchia, e a guerra civil! *Liberaes! Essa Proclamação tambem dá em vós!* Unir Fileiras, sentido, firmes á vóz do Governo! Morrão todos os Conspiradores contra a Augusta Pessoa, e contra o Legitimo Throno do Senhor Dom Miguel Primeiro! *Que Sua Magestade Fidelissima o Senhor* Dom Miguel Primeiro *Reine em Portugal em Paz, e Justiça sobre os actuaes Portuguezes, e sobre os que d'elles descenderem até á quarta geração!* Assim Deos nos ajude, como assim o desejâmos; *e se não, Não.*

Lisboa 28 de Junho de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: Na Impressão Regia. 1832. *Com Licença.*

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.° 49.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Continúa a Tempestade em Portugal.

Hoje, quando, Missa ouvida, devêra recolher-me a casa, ou para continuar em estas tempestuosas tarefas, ou para me dar somisso em alguma Loja subterranea, ou em alguma Agua-furtada de temôr do *coco*, que he o *Papa-tôlos*, ou o *Papão* das creanças, hoje he dia de grande Gala em quasi toda a Cidade do Porto, e em quasi toda a de Aveiro, e em Lisboa nas Ruas dos Fanqueiros, Capellistas, Retrozeiros, e Bacalhoeiros, em parte do Cáes do Sodré, lá para Belem, e em parte de todas as partes de cabo a rabo! Muito fogo surdo, peças por baixo, e por cima! Era arregalar os olhos, abrir a bôcca, e as trombas; nada se ouvia, mas tudo isto se conhecia pelo cheiro da polvora, que não era lá essas cousas! Pena tenho de não estar este dia no Porto, para observar os meus *Tripeiros!* Que pomposa festa de tripas! Mas ella cá chegará aos seus companheiros pelas partes Telegraficas; então direi da festa, como se estivesse nella. Que festa? Qual festança? He o dia de S. Pedro! Será a funcção dos Pescadores? Não, que esses pobres homens não estão para graças; tem lançado muitas vezes as suas redes ao mar, e dizem que

nada apanhárão nellas — *Nihil cepimus in rete.* — Attribuem elles essa esterilidade ás postas podres de bacalháo deitadas ao mar, as quaes, mil vezes mais pestilenciaes que a *Chólera-Morbo*, desinçárão essa bicharia de peixe quc povoava os mares de Portugal. Maldito bacalháo, salgado com o corrosivo salitre! Elle não só he o *Mata-Frades*, como o *Mata-Peixes*, o *Mata-Portuguezes*, o *Mata-dinheiro!* Se continuar em Portugal o uso dessa peste das pestes, nem quantos preservativos anti-contagiosos tem inventado os Professores de Medicina poderão evitar a introducção da *Chólera-Morbo*, ao menos em quanto o bacalháo vier da Terra Nova. Eu não brinco: sería desnecessario dizer que o salitre contém muito ácido vitriolico; e que a introducção de muitas substancias vitriolicas no estomago, as quaes são verdadeiramente venenosas, he muitas vezes a causa unica da *Chólera-Morbo*; mas hoje não he dia d'estas cousas; todavia desterre-se de Portugal esse bacalháo, que até estes ultimos dias vinha d'essas, e d'aquellas partes, e terão os Portuguezes mais saude no corpo e na bolsa! Não he pois hoje a festa dos pobres Pescadores, a não ser que a festa seja de lagrimas, e que o fogo seja de lagrimas, ainda que este he mais usual entre os Malhados, pois se servem delle como signal, ou annuncio de alguma desgraça, que lhes vai acontecer: assim eu o vi lançar pelos Malhados da Villa da Mesquita na Galliza em Novembro de 1826, que por esta forma annunciárão a José Corrêa de Mello em Chaves, e a Claudino em Vinhaes, como o Marquez de Chaves ía em corpo, e alma por aquellas immediações a fazer público a toda a Europa que o Senhor Dom Miguel era o Verdadeiro Successor do Senhor Dom João VI. — Digo que os pobres Pescadores Portuguezes não podem celebrar em este dia outra festa, que não seja de lagrimas, não só pelas miserias que os cercão, como porque devem elles imitar a S. Pedro nas suas lagrimas, como o imitão nos seus frequentissimos perjurios, se bem que os Pescadores Portuguezes não jurão que desconhecem a Déos, antes o conhecem, o respeitão, o adorão, o invocão, ao menos nas suas afflicções. Dirunhão estes pobres homens que ainda o Gallo lhes não cantou! Tomára eu que lhes cantasse, e que fosse já, porque então cantava para Portugal, e todos os Portuguezes chorarião, não de tristeza, mas de alegria! Se o Gallo pu-

tasse para os Pescadores, cantaria successivamente para os Negociantes, ou Mercadores; cantando para estes, cantaria para Portugal, e Portugal zombaria dos mares e dos seus dominadores! Eu o digo em Portuguez: a Marinha Militar forma-se da Marinha *Mercante* e da Marinha *Pescante*; não de outro modo formou a França a sua Marinha Militar depois do Reinado de Henrique IV; assim se formou a Marinha Militar da Inglaterra, que tanta bulha tem feito ha dous Seculos a esta parte; assim se fez poderosa a Marinha Militar dos Estados Unidos, que já hoje pode dizer duas chufas a todos os seus inimigos: Portugal, e a Hespanha já dérão o exemplo e as Leis a este respeito; antes d'elles os Fenicios e os Carthaginezes; querer sahir do antigo trilho, formar huma Marinha Militar que não tenha a sua origem da Marinha *Mercante* e da Marinha *Pescante* he o mesmo que fazer hum Neptuno, metter-lhe na mão o Tridente, ou o Triangulo, embarcá-lo, e esperar-lhe pela volta, que ha de ser a mesma, que a de ElRei Dom Sebastião, unico deste nome em Portugal, e que julgo não ha de ter segundo, salvo se do Senhor Dom Miguel Primeiro sahir algum Filho, Neto, Bisneto, Terceiro, ou Quarto Neto, que tenha o nome d'hum Principe que, por desobedecer á que lhe servia de Mãi, perdêo a Portugal antes de morrer, e morrendo; e depois de morto perdêo a cabeça a muitos Portuguezes de barba comprida, e de juizo curto, que ainda hoje, depois de duzentos e cincoenta e quatro annos menos trinta e cinco dias da sua morte, esperão pela sua entrada em qualquer dos Portos, a qual precisamente ha de ser em dia de cerração, no que verdadeiramente são tão cordatos, e tão atilados, como aquelles, que esperão formar huma Marinha Militar, que não comece da Marinha *Mercante* e da Marinha *Pescante!* Ora eu sahi com toda esta salgalhada ao campo, por ser dia de S Pedro, Padroeiro, ou Patrono dos Pescadores Christãos; Sancto mui conhecido pelas suas Celestiaes Virtudes, e pelos seus Apostolicos prodigios, e célebre pela sua penitencia, na qual todavia não entrou a mortificação do bacalhão, que então não havia, e, se o houvesse, mui provavelmente não comeria d'esse bacalhão salitroso, e pestilencial, porque elle não desejava morrer cholerico, mas crucificado. Para tractar destas cousas de *Chólera-Morbo*, de Marinha Militar, e de lagrimas alegres, que nenhuma

dellas se acha no meu Larraga, senão por Appenso á longa faramalha dos seus Autos, contei com a bondade dos meus leitores, e com a tolerancia scientifica d'esses *Sabicharrões*, ou *Sabichões* (como quem diz Salchichões) universaes: de resto eu bem conheço que a minha orbita he a Igreja, ainda que não he a Gallicana, que com as suas quatro Proposições levantadas sobre a inferioridade do Papa entregou o deposito da Fé á multidão, fazendo a Fé collectiva, ou representativa; e tirando-a da unidade. — *Tibi dico, Petre* — disse o Divino Salvador; e não disse — *Vobis.* — Mas estas são cousas, que, dizem, podem controverter-se sem erro de Fé, ainda que para mim tenho, como Carcunda *Cis-Pirenaico*, e como Benedictino Hespanhol, e Dominico *in tota passione*, que — *Summus Pontifex Romanus, cum Ecclesiam docet, aut oves in fide firmat, errare non potest — O Papa he infallivel na Fé, quando a ensina á Igreja;* como defende o nervosissimo, e inexpugnavel Melchior Cano, o qual diz — *Contra docentes hæreseos nomine esse condemnandos credo — Entendo que os que disputão ao Papa a infallibilidade no ensino da Fé, devem soffrer o nome de Hereges.* O certo he que as quatro célebres Proposições do Clero Francez custárão muitas, e amargosas lagrimas ao Successor de Jesus Christo: *Gallus cantavit, et Petrus flevit amarè.* Este Sagrado Texto o appropriou ao Clero Francez o meu Eminentissimo, e Sapientissimo *Aguirre*, combatendo as doutrinas dos Theologos de França; porem muitos Francezes então, e ainda hoje estão acordes com os Theologos da Hespanha, e da Italia. Mas como ao caso vem estas cousas! Ora deixem-me dar huma prova de que estudei o meu Larraga; Larraga especialissimo, que nos seus Autos, e por Appenso tracta de todas as cousas, menos de Inglezes, porque a Bibliotheca do meu nunca esquecido, sempre saudoso Mosteiro de Samos, sendo huma das mais copiosas, e classicas da Hespanha, tendo o meu Mosteiro de Samos nome, e celebridade na ametade do Seculo VII, pois o seu principio (tanto elle he antigo!) ninguem o sabe, não tem huma Grammatica Ingleza, hum Diccionario Inglez, nem hum Livro Inglez; não sei pelo que; mas o certo he que por esta falta sou tão pêco em conhecimentos Inglezes, que não pesco huma só palavra, á excepção de *Go-démes.* A fallibilidade do Papa *circa fidem, doctrinam, et beatificatio-*

nem Sanctorum ; a sua inferioridade aos Concilios, sendo que elles pronunciárão — *Prima Sedes a nemine judicatur — Ninguem pode julgar o Summo Pontifice Romano* —, he o baluarte dos Lutheranos, e Companhia, que fôrão os inventores desta Contra-Mina da Igreja Romana; dos Jansenistas, dos Pedreiros Livres, e de todos os *farfantes* do Liberalismo Religioso, e Civil! D'essa trincheira defendêo a Maçonaria o asneirão *Medrões!* D'ahi tomárão armas os Liberaes todos para impugnar as Bullas Pontificias! Quantos são os Bachareis Coimbrãos, que acreditem que o Papa he infallivel? Pois he fallivel? Çurra no Papa! Ahi está Pedro, que assim o crê! Pedro Brasileiro contra S. Pedro de Roma! Pedro Pedreiro contra Pedro o Sancto! Vamos á festa!

A festa he de Pedreiros, ou de *Pedristas!* He hoje o dia de S. Pedro, nome de Pedro o Brasileiro, o Heroe, o invocado de todos os Pedreiros, e *Pedristas ;* e bem que elles tenhão tanta fé, e affeição a este Pedro, que chamão *Os seus amôres*, como a fé, e affeição, que tem a S. Pedro de Roma, Successor de Jesus Christo, e a todos os seus Successores, que he hum odio entranhado, e dado á luz nas Lojas Maçonicas, e em todas as suas producções, assim literarias como *boccaes*, ou *boçaes*, todavia, como não podem entreter d'outra forma o illusorio sonho do seu salvamento, apegão-se a Pedro do Brasil, como a ferro em braza, ou como aquelle bebado, que não podendo terse a cavallo, desmonta pelas orelhas do burro; ou como aquella lavradora, que desejosa de descançar do trabalho de andar diante dos bois, encosta-se a huma das pontas, em quanto o seu laborioso *Manoel* não a escaramuça com a *rectilinea* aguilhada. A festa este anno he summamente pomposa! Chega hoje o Pedro dos Açôres, e vem dar *Beija-mão* no Cáes do Sodré! Elle não será assim, porque os homens tem-se enganado muitas vezes! Mas hoje não he dia dos enganos, he dia dos Pedros! Elles nem sempre enganão, ainda que *com as verdades muitas vezes se engana aos Compadres! Huma hora cahe a casa, e não cada dia!* São homens grandes os *Pedristas,* ainda que se lhes diga — *Bestas de páo!* — Pelo que der, e vier, eu os acredito! Até aqui era hum dia, hoje he outro! *Não quero, não quero; mettei-mo neste capello!* Pedro vem? Pois eu vou-me como cesto roto! Não quero pagar o pato! Tenho varinha de

condão! Vou, offereço-lhe a minha Igreja para pagamento da sua divida, e tudo está composto; assim faremos as pazes! Vinde em boa hora, Principe encantado nos Açôres pela Madre Celestina! Vinde, e dai *soltura* aos vossos captivos, *cursos* aos vossos presos, e amnestia aos que vos offendêrão! *O passado, passado:* vamos ao presente; pois *com aguas passadas não moem os moinhos! O boi pela ponta, o homem pela palavra! A quem he de vida, a agua he medicina!* Assim estava eu conversando comigo, alliviando com esta explosão de aereos rifões o susto, que me deve dar a arribada de Dom Pedro, pelo que tenho dito, escripto, e feito, (porque de *esperanzas vive el hombre, hasta que se muere.*) em quanto me punha as minhas bucolicas, ataviava as minhas costas, e apparelhava a minha Carcunda, como de Camelo, para receber meu amo, e Senhor Pedro! Ahi vai o rol da roupa çuja, com que sahi de minha casa, ou da casa de quem he, para o Cáes do Sodré, onde se esperava o Quichote d'aquem, e d'alem mar, que faltava aos Portuguezes Ante, e Trans-Atlanticos terem o seu Quichote, tendo o seu precursor Sancho Pansa nos Sanchos Tripas do anno de 1820 — Barrete, e não era quadrangulo, porque lhe abaixei, ou curvei o angulo detrás, para ir na forma triangular, que he da etiqueta, quando se vai fazer Côrte a algum Pedreiro Livre; cabeção, ou golla á maneira de alça-prema; batina, e capa de S. Pedro, porque o dia não era para casaca; mas sem as Medalhas, porque essa moda vai-se perdendo entre os que présão de homens moderados; meias com os seus grandes pontos, não em branco, porque ellas erão pretas, a modo de malhas, para transluzir a côr das *tibias;* e çapatos com as suas fivélas de casquinha; pois este era dia, em que todos os Pedristas devião ir á casca com o seu Pedro. Vou por essas ruas, e vou como gato por brasas, por me não encontrar com essas infinitas legiões de homens de páo furado, que por toda a parte patrulhavão! Chego em hum abrir, e fechar de olhos ao Venerando Cáes do Sodré, Venerando depois que o tornou respeitavel com o seu honradissimo sangue o Veneravel *Moreira*, e mais Heroes de 1829! Mas qual foi meu pasmo, ao vêr ahi tão pouca gente á espera do chorado, e lagrimejado Pedro? Algumas duzias de homens dos das duzias, que não passarião de cem: os outros ou estavão alapardados, ou estes, que se apresen-

tavão, erão Procuradores d'aquelles, e vinhão a offerecer ao seu Pedro a Regencia de Portugal em nome da Senhora Dona Maria, em quanto esta não chegasse á idade de poder dizer-lhe — *Paisinho, ponha-se lá fóra, que isto não he seu.* Naquelle adjuncto não vi Titular algum, nem homem, que parecesse de monta! Vi huns Clerigos com chapéo redondo em traje de Sollicitadores de Causas; alguns Frades de differentes Ordens com calças largas, e camisa com collarinho empinado, mas entre elles não conheci Jesuita algum, nem do Carmo, nem dos Congregados, nem da Cartuxa; alguns Caixeiros de Mercador, de Fanqueiro, de Bacalhoeiro, e de Capellista; dos outros da mesma libré vinhão os mesmos Patrões; alguns Boticarios, Cirurgiões, e Medicos; todos, ou quasi todos os Cambistas gordos, que me parecêrão huns Donatos de S. Francisco; bastantes Letrados, e outros de varias Classes, que parecião os Varredores das ruas; procurei vêr se nesta *Malhada* turba estavão alguns Militares, e não os pude conhecer, porque não estavão em serviço; mas notei que havia alguns homens com tanta barba, que se lhes não conhecia a cara; outros sem nenhuma, que parecião humas creanças em coeiros; outros com meia barba, que parecião gatos com as barbas queimadas. Eu não pude discernir todas estas gentes, mas, ao que pude perceber, havia entre nós alguns dos que tem nome de Realistas! Começárão todos a resmungar huns para outros, que os *Pedristas* nunca souberão estar callados! Ahi vem, dizião huns, porque as aguas do Téjo estão turvas; mas não, replicavão outros; a turvação do Téjo vem das fanfarronas trovoadas da Hespanha, que não cessárão de incommodar-nos, depois que se dêo na descoberta de poder o Téjo ser navegado desde Toledo até Lisboa! Agora sim, agora he certo que vem, pois sinto o barulho das aguas na barra, que parece hum trovão; mas, o caso bem pensado, foi huma explosão da nossa retaguarda, que parecia ser o brado dos mortos, que havião sido empoleirados no Cáes, e como que nos dizia: *não sejão asnos, que por essas, e outras loucuras, em que tambem nós esperavamos, subimos aqui a hum Observatorio d'antes não conhecido pelos homens de casaca; e pernеámos in sæcula sæculorum!* Horas íão, horas vinhão, mas Pedro não vinha; quando mal serião quatro horas da tarde, e diz hum energumeno, e excommungado nariganga: lá vejo a sombra da

Fragata *Congresso* na Torre do Bogio; agora he elle, agora he ella; o Gigante Adamastor, a Náo, em que embarcou a Cidade de Troia! Então cada hum de nós tira da sua luneta, pendurada do pescoço por huma fita azul, verde, e amarella, *tricolôr*; via-se, e se tornava a vêr; mas o nosso alcance era hum só palmo adiante das ventas; puchão então outros dos oculos longos, e grossos, como varaes de Sege; desenroscão-se estes lagartos dos seus anneis, estendem-se em ar de lança de Dom Julião Sanches; vê-se, e revê-se; nem he elle, nem he ella! Que havia de ser? Era o nariz do nariganga, que reflectia a sua sombra mais alem da dicta Torre; e não cuidem meus leitores que isto seja huma fabula, porque aquelle nariz he elastico, cresce, e mingúa como a maré; engrossa, e se estreita como tromba de Elefante; elle atravessa huma rua de parte a parte, de maneira que até as bestas, passando por onde está o dicto nariganga, o não fazem, sem se abaixarem ao seu nariz! Toca ás Ave Marias, e o homem das botas não era chegado! Então diz hum dos mais Veneraveis da espectadora turba: Pedro não entra senão de noite; vem com elle muitos milhares de Estrangeiros, e muitos delles são conhecidos entre nós, porque já cá estiverão; não convem ás Nações intervenientes de facto que elles sejão vistos abordar, porque estão ahi Hespanhoes á mira, e poderemos ter as de Pavia, ou as de S. Quintino: e *quem tem costas, tem médo; e quem dá, tambem apanha; e a velhaco velhaco, e meio*: será bom que nos recolhamos, e fiquemos á espreita em Sessão permanente, mas em pelotões separados, porque essa Policia *Carcundatica* se dá comnosco junctos, vai-nos ao forro da casaca; ao menos, se apanhar a alguns, não apanhem todos; os apanhados darão aviso aos outros, e com isso sempre a maior parte ficaremos de fóra: hum baralho sobre a banca, ou hum pouco de vinho, e pão sobre a mesa com alguns cachuchos, para que não peguem em nós pela carne; e o caso fica disfarçado; assim temos enganado os *Miguelistas* muitas vezes, e ainda não dérão no vinte: Pedro traz bastantes Continuos; elle nos enviará parte da sua chegada, que certamente não passará desta noite; e se passar, de certo ha de chegar no dia, em que as rãs tiverem barba — *ad calendas Græcas* —, o que não tarda, pois ainda que ellas não conseguirão hum só cabello no andamento de tantos Seculos, já hoje ha fenomenos maiores — Cal-

vos até ao cachaço com cabello até ao fim da espinha dorsal — Mulheres com bigodes de Granadeiro — Creanças de doze annos com barbas tão compridas como as do Cid o Campeador. — He puchar pela Natureza, que a Natureza puchada dará ás rãs nas lagoas os cabellos, e as barbas, que os homens perdem áquem, e além, por ahi, e por alli: elles, e ellas o sabem. Recolhemos pois, cada môcho para o seu souto, ou cada porco para a sua loja, ou córte. Não pensem, meus Leitores, que isto vai de galhofa, ainda que o dia he para ella: vai de festa, e festa de *Pedristas;* e a festa não acaba no Cáes de Sodré; ha de ser repetida mais vezes, para a cousa sahir bem; mas se algum Realista se persuadir, de que isto he fabula, pois que ao menos eu não cahia na peta de ir a esperar o Pedro, saiba que na realidade muitos *Pedristas* engulírão a pilula, e esperárão beijar a mão n'este dia ao espantalho dos pássaros. Eu fui pois em espirito, e *in visione* presenceei estas, e outras cousas, que não he possivel descrever; em espirito pois tomei pela mão o meu Letrado, e o meu Caixeiro de *marras*, e no meio d'esta boa parelha me recolhi a minha casa, e eis estou de volta com elles ao amanhecer do Grande Dia 30 de Junho de 1832 — Patifes! *Hão de roelo a Elle, e a Seus Filhos, e aos Filhos dos seus Filhos!* — Porém eis a cousa como passou com o meu Letrado, que tambem lá estava; em quanto converso com elle, o Caixeiro pega na cauda; do que passou nas Lojas na antecedente noite nada sei, porque, conhecendo tanto Pedreiro, e sendo tão amigo d'elles, como elles bem sabem, os *ingratalões* não me communicão cousa alguma, estando elles bem certos, de que eu não sou capaz de descobrir seus segredos senão a todos, e na rua, para que ninguem mais o saiba! Mas paciencia, e tenhão-na comigo os meus leitores, ainda que não sejão casados, porque esta virtude he necessaria a todos n'estes dias, em que o Sol, tendo chegado ao Tropico de Cancro, vai caminhando para o de Capricornio, que he o dia verdadeiramente fixo para a entrada da Esquadra de Pedro, ou quando mais até o dia do Tauro!...

Então Vossa Senhoria, Senhor Doutor, (com licença dos que o são, pois Vossa Senhoria he sómente Bacharel, e com bem fracas Informaçoes) tambem cahio na peta de ir esperar Dom Pedro? — *Eu sou formado* in utro-

que; *estou á bica; jógo a huma das duas, e aquelle, que me fizer homem, he o meu Rei.* — E então o seu caracter? Que diráõ os Povos dos homens de bem? — *Eu quero pão, e mais pão, dinheiro, e mais dinheiro: hoje sou de quem me dá vinte, á manhã serei de quem me der quarenta: esta he huma especie de arrematação a quem mais der: se hoje o Governo Absoluto me fizer Juiz de Fóra, e á manhã o Governo Constitucional me fizer Corregedor, outra vez o Governo Real me fizer Desembargador do Porto, ao depois o Governo da Carta me fizer Desembargador da Supplicação, logo o Governo do Senhor Dom MIGUEL me der o Desembargo do Paço, e agora Dom Pedro me fizer seu Ministro de Estado: Que lhe parece? Faço mal? Pois se faço mal, sigo o exemplo de muitos; eu não quero ser homem para hum só dia; busco ser ditoso em todas as épocas, e com todos os Governos! Que lhe parece, que tem feito muitos Militares? Venhão os Postos, venhão os Soldos, e quem dá he Tio, quem só promette he assobio! A primeira obrigação do Filosofo he* bene esse! — Mas isso não he de Christão, não he de Portuguez. — *Deixe-se d'esse fanatismo Religioso, e Platonico: hum Frade me disse o outro dia, que elle não queria saber do Senhor Dom MIGUEL; o que elle queria, era prégar muitos Sermões, e ganhar muitos cruzados novos; que elle havia de prégar, ainda que reinasse Dom Pedro, e que não havia de ser incommodado! Esta he a Politica da maior parte dos Funccionarios Publicos da Europa; andar com todos os ventos! Dou-lhe hum conselho, meu Padre: escreva a favor do Partido de Dom Pedro, encaminhe os Povos ao Liberalismo, e conte desde já com a Mitra de Lamego, e não vai mal, que lá ha bom vinho do Douro!* — Desgraçado Portugal, se todos os Portuguezes pensassem como Vossa Senhoria! (Este tractamento não he de Lei; mas gostão d'elle os que estudárão a Lei!) Mas felizmente quasi todos os Portuguezes estão de outro acôrdo: Porém, se assim pensa, porque leva as Medalhas de Fidelidade, quando se apresenta na Secretaria dos Negocios da Justiça? — *Porque aquelle Ministro folga de vêr esses distinctivos da fidelidade, e do amor ao Senhor Dom MIGUEL.*

E então porque se não apresenta com as Medalhas em toda a parte? Porque deve saber, que o Ministro, de quem

pertende ser despachado, tudo escabicha; não deixa pedra sobre pedra; e, achando que o aspirante he desigual na sua conducta, está de trombas com elle, e não ha forças humanas, que lhe fação assignar hum Despacho. — *Meu Padre: eu não vejo hoje a alguem com Medalhas, tendo-a requerido milhares, e milhares de Portuguezes: os Ecclesiasticos, Seculares, e Regulares, sumírão-nas debaixo dos habitos, porque ouvírão dizer que sobre elles era indecente qualquer distincção de Fidelidade ao Rei, e á Patria, e que, os que trazião essas Medalhas, erão revolucionarios! Os Militares só as trazem sobre a farda, porque dizem que, trazendo-as sobre a casaca, ou sobre-casaca, não as tractavão com dignidade! Os individuos das outras Classes não as trazem, porque dizem que n'esse caso serião havidos por esturrados, e porque estão persuadidos, que esses distinctivos são hum obstaculo para o bom, e breve despacho dos seus Requerimentos, o que, sendo na verdade huma calumnia para os Ministros de Estado, e para os Tribunaes Supremos, com que os revolucionarios pertendem fazer perder aos Portuguezes a Confiança, que justamente devem ter no Seu Governo, sahe todavia de alguns Officiaes d'essas Secretarias, e d'esses Tribunaes, que por lá se conservão ainda, como se fossem amigos do Senhor Dom MIGUEL, e do Seu Governo, sendo que elles tem feito todo o estudo por desacreditarem o Rei, e o Governo!!!* Assim, meu Padre, *eu uso das Medalhas, quando vou fallar a algum Realista, que as usa; e quando vou fallar aos que as não usão, sumo-as; por esta fórma vivo com todos: entre os Realistas sou havido como hum d'elles; e entre os revolucionarios sou tido, ao menos, por moderado, e espero que me não vá mal, pois até aqui tenho sido bem succedido com estas variações das circumstancias!* — Pois eu, meu Doutor, ou Bacharel, ou *Lusbel*, não largo as Medalhas; com ellas fui despachado, com ellas espero ser conservado; com ellas me tractárão bem todos os Ministros de Estado, todos os Tribunaes, todos os meus Prelados, e todos os homens de bem; porque o Governo, a Côrte, e os Funccionarios Publicos prézão muito os homens de hum só caracter, com tanto que este caracter seja de fidelidade: verdade he que, se alguma vez passeio por essas Ruas, algumas gentes olhão para mim, como se fosse hum cão damnado; mas he gentalha; he a-

raiva; he o furor da revolução, que os domina! Os indifferentes, ou indifferentistas, os egoistas, ou neutros são inimigos, de que o Governo deve acautelar-se mais, que dos inimigos públicos! Eu espero que o Governo hum dia mande tirar com infamia esses brilhantes distinctivos de Fidelidade ao Senhor Dom MIGUEL, e á Patria a esses homens, que com tanta anciedade os requerêrão, e a quem ElRéi com tanta bondade os concedêo, e que agora no tempo da adversidade affectada, ou do louco médo as somem, e escondem, desacreditando-se a si mesmos, e a Causa da Realeza, mostrando que são Realistas de circumstancias, e que não tem outro caracter, que serem fracos, pusillanimes, indecisos, e hypocritas! — *Faz bem, Senhor Padre; por isso será tido sempre como hum revolucionario, e com razão, pois seus Escriptos o manifestão: saiba que he aborrecido pelos homens de bem, e que lhe está urdida huma intriga, da qual não escapa: veja se muda de linguagem; e tome sentido na sua vida, se talvez não fôr atacado da Chólera-Morbo, ao que está mui proximo, como ouvi dizer a hum Medico; pois como leva toda a sua vida a escrever, o estomago precisamente se ha de affectar por falta de nutrição, e digestão, que he huma das causas dispositivas para o contagio da dita Chólera-Morbo!!!* — Já me disse isso mesmo da *Chólera-Morbo* hum Medico, que talvez seja o mesmo, ou, quando menos, *ejusdem furfuris, ac farinæ!* Medicos ignorantes, ou maliciosos! A principal causa dispositiva para a *Chólera-Morbo*, além da nimia nutrição, he o medo *sublimado*; e d'essa causa estão atacados todos os *Pedristas* com estes meus Escriptos, que os tem feito tremer, e já produzírão em alguns violentas excreções posteriores, que he hum dos symptomas da *Chólera-Morbo-humida!* Eu com todos os Realistas estamos livres d'esse *cholerisador* medo! Tambem, meu Doutor, ou Stupor, hum Realista bem conhecido no Rio de Janeiro, e em Lisboa por seu inabalavel caracter de honra, e de fidelidade, célebre em todas as Provincias pelo muito, que as impellio a desenvolverem os seus sentimentos, assim no anno de 1823, como no de 1826, tambem esse (não me atrevo a dizer seu nome pelo não fazer mais desgraçado, bastaráõ as iniciaes J. A. de L. S. C. B.) passa por hum revolucionario, e não he por andar emedalhado como eu, creio que por não estar despachado, ou

por não ter de comer; e este juizo não he muito mal formado, pois o Realista, ou por tal havido, que desde 1820 pede pão, e o não acha, deve ter, ao que parece, culpas nos Cartorios das Revoluções!!! Porém, meu *bem me queres*, ou *mal me queres*, eu estou despachado, e mais do que eu merecia, ainda que alguma cousa acaso mereceria: Se pois me chamão revolucionario, he porque na Defeza de Portugal defendo o meu Rei, o meu amabilissimo Rei, e Senhor Dom MIGUEL PRIMEIRO; he porque defendo o seu Governo; he porque defendo a Fidalguia; he porque conheço os Pedreiros, e as suas intrigas, e elles sabem que em todos os tempos a minha divisa foi respeitar o Rei, qualquer que seja, não sendo intruso, o seu Governo, e a sua Côrte; he porque tenho forcejado sempre por desencaminhar os Povos da revolução, e do Liberalismo, e guia-los ao amor, e á obediencia da Igreja, do Throno, e das Classes mais distinctas; he porque sabem os revolucionarios que eu os tenho estudado *intus*, *et foris*, e temem que lhes vá, não ao pêlo, não ao cachaço, mas ao folle, e que faça apparecer, o que está no cavallo Troiano! Mas deixemo-nos d'isto, meu *não sei que*: em quanto o Senhor Dom MIGUEL Rei Absoluto, o Seu Governo, a Sua Côrte, e os Seus Vassallos tiverem d'estes revolucionarios, como eu, Portugal estará defendido, e a educação Portugueza virá retrogradar aos Seculos da sua ingenita Religião, e Moral: basta de satisfações, que eu sou mais para obras, que para razões. Ora diga-me: Tem algum geito aquillo, que me disse na Arcada da Secretaria dos Negocios de Justiça, de que os Realistas da França havião esfriado, porque os Republicanos se lhes não tinhão unido? — *Tem: porque os Realistas precisão de auxilio, e não o podião achar, senão em os Republicanos, pois que estes por si sós nada podem conseguir, porque ainda não era tempo! Os Francezes nunca podem ser perfeitamente Republicanos, sem que os Inglezes o sejão antes!!!* — Faça alto, sô tolo, e vá...

Eis-aqui o que são os homens Politicos dos nossos dias: União entre Republicanos, e Realistas, que distão entre si *toto cœlo*, quanto dista o Oriente do Occidente, *quantùm distat ortus ab occasu?* Mais facil será unir os ceos com a terra, o branco com o preto, o dôce com o azedo! Unir os Republicanos com os Carteiros, isso sim;

porque os Carteiros são Republicanos disfarçados; mas com os Realistas, que são avérsos áquelles, e pouco bem quistos com estes?!!! Verdade he que os Republicanos da França a começárão mui cêdo, ainda que La Faiette he homem de caracter! Mas que os Inglezes tenhão de ser Republicanos? Nunca, porque nunca o forão! Cromwel não o foi! Anna, a sua rica Anna foi Publicana, mas não Republicana! Ambos aspiravão á Magestade! Padilha na Hespanha quiz ser Rei, e a sua Padilha Rainha! E os Escriptòres são tão tolos, que não duvidão affirmar que estes fanfarrões Hespanhoes forão Republicanos! Quanto são pouco ajustadas as idéas, que os homens de letras, ou de tretas tem querido espalhar entre os Povos sobre as Sociedades Republicanas! Roma foi Republica *in nomine;* na realidade foi huma Monarchia Consular á discrição de hum, ou dous prepotentes! Hum grande Estado nunca póde ser Republicano! A França, quando teve o nome de Republica, foi na realidade hum Estado de *Poliarchia*, ou, em fraze mais propria, huma Casa de Orates! A Hespanha foi hum aggregado de diversas Corôas, Magestades, Sceptros, Estados, e Senhorios: isto não he impossivel, porque já foi; os Directores do Maçonismo aspirão a renovar esta Divisão! Elles querém ser Monarchas, e os Maçons dirigidos, os de baixo gráo, ou povo, são tão estupidos, que illudidos com a especiosa promessa de igualdade lavrão pelas suas proprias mãos as grossas cadêas de hum Despotismo, e Absolutismo Livre, de que só no *Governo de Lucifer* ha semelhante!

A Inglaterra nunca será Republica, ainda que deseje que todas as Nações se republicanisem: *divide, et imperabis;* mas não desejão que se republicanisem á Aristocratica, nem á Monarchica, como os Estados-Unidos, porque a Inglaterra não quer inimigos poderosos, teme os rivaes concentrados; que se republicanisem em Estados pequenos, que as Monarchias se desmembrem em pequenas fracções, isso póde convir-lhe, porque assim teria hum penhor de conservar perpetuamente a sua ascendencia Directora, Politica, Militar, Maritima e Commercial em todos os Estados da Europa! Poderá a Inglaterra mudar de Dynastia, porque já o fez! Não ser Monarchica? Não póde ser, porque nunca deixou de o ser! *Quid est quod futurum est? Ipsum quod factum fuit.*

Eis hum Campo immenso, que não poderei correr em muitos mezes! Mas os toques dos revolucionarios, seus rebates a todos os momentos, me chamão para diversas partes! Eu não posso seguir sempre a mesma direcção! He preciso tirar os Povos da revolução, em que os inimigos, e inimigos de letras, pertendem abysma-los! A Defeza de Portugal avança sempre ao ponto, em que o inimigo se faz forte! He preciso desaloja-lo! Serei por isso tão eterno em a Defesa, como elles em o ataque! Seráõ mais os Numeros, que escreva, que os annos da existencia da Monarchia! A materia não acaba, porque os inimigos a subministrão todos os dias! *Zoilos! Callai-vos!* Ainda não presentei no Publico todo o meu Larraga em ordem! Vereis, e pasmareis! Então confessareis, mal que vos peze, que eu não lancei mão da penna, senão para defender as Instituições da Sancta Igreja de Roma, e as da Monarchia Portugueza! A Legitimidade do Throno do Senhor Dom Miguel Primeiro! A Sua Sabedoria, e Força, e a Força, e Sabedoria do Seu Governo! Sobre estes objectos tem a Defeza tantos Numeros na minha Cabeça, como peças de Artilheria, como Espingardas, e como recursos tem os Portuguezes contra todos os seus inimigos.

E o meu Caixeiro? Fica pegando na Cauda d'este Numero, até que directamente lhe falle em Inglezes! Espere lá, e a carga sobre elle começa.

Lisboa 30 de Junho de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1832.

Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.° 50.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Continúa a Tempestade em Portugal.

E a Tempestade hoje he Caixeiral, que he a mais tumultuosa, ainda que não assusta; porque, para esconjurar Caixeiros, ha Exorcismos poderosos, a que hum Medico, que fosse avisado, daria o nome de — *Receitas contra o mal da Caixeirada, ou da Canzoada* —. Quaes seráõ essas Receitas? Seráõ as vulnerarias, e consolidantes ortigas, que atalhem as hemorrhagias da lingua Caixeiral? Muito boas, applicadas de hora a hora por todas as partes do Corpo Caixeiral; mas não são sufficientes. Seráõ as continuadas *escarificações* sobre a pelle com instrumento de ferro bem afiado para impedir o natural stupôr Caixeiral? He bom remedio para curar esses stuporantes, que não tem outra acção, que a da lingua; mas não he sufficiente. Será huma surra disciplinar, ou huma vara, e quarta do flexivel, e domavel nervo de boi, applicada pelas mãos de hum Leigo de São Francisco, a que possa curar esses alporquentos, e flatulentos Caixeiros? Não he ainda remedio especifico, posto que, dado doze vezes ao dia em dóses de duzias fradescas, iria encaminhando os Caixeiros áquella

sanidade moral, que todos lhes desejão. Qual será pois o remedio especifico, e essencial das ingenitas, e como naturaes molestias dos Caixeiros dos nossos dias, que tanto desacreditão com as suas palavras, e com todas as suas acções o valor, a honra, a fidelidade, e o caracter da Nação Portugueza? He o seguinte — *Recipe: Toza de Cacete sobre as Costelletas Caixeiraes ao almoço, ao jantar, á merenda, e á cêa:* Se a Toza fôr dada por braço Transmontano, será sufficiente *huma cada dia:* he remedio approvado, e experimentado por infallivel: com elle forão curados dous Caixeiros do Porto no mez de Junho do anno de 1827, recolhendo da Feira de Villa Real! Este remedio he proprio para curar a todo, e qualquer Villão-ruim, e para livrar a qualquer Nação do terrivel mal do Liberalismo, ou por outros termos, do *Selvagismo*, que são synonymos perfeitos: elle era remedio conhecido, e usado em tempos antigos; mas os modernos Curandeiros dos males da Sociedade o havião *antiquado*, até que os Portuguezes Emigrados na Hespanha vierão a desenterra-lo do fatal esquecimento, esquecimento, que tantos males tem causado a todas as Nações, e especialmente á Nação Portugueza! Logo que qualquer homem seja atacado do contagioso flato de fallar mal da Augusta Pessoa do Rei; de desacreditar o Seu Governo, e a sua Côrte; de invectivar as Classes do Clero, e da Nobreza; de desattender o segundo Sexo, e n'elle a sua honra, e a sua virtude; de maldizer a torto, e a direito; de ralhar de todos, e de tudo; de se metter em negocios, que lhe não pertencem; de sahir da sua esfera, e da sua classe; de arrotar Politicas, e Estadisticas, seja o homem que fôr, ainda que esta flatulencia he *Constitucional*, ou quasi privativa dos *rachiticos* Caixeiros, immediatamente se lhe deve applicar a Toza de Cacete, ou, em termos mais Nacionaes, a carga de arrocho, ou de páo. Digo que a dita molestia da flatulencia, ou da *linguosidade* he constitucional dos Caixeiros, ao menos dos d'este Seculo, porque raro Caixeiro ha, que não seja audaz, grosseiro, incivil, fallador, maldizente, ralhador, doloso, velhaco, desaforado, em fim, Villão-ruim. Ora, para que se veja, que eu não improviso em Medicina; que tenho profundado as causas da molestia, e o remedio especifico da mesma, exporei o modo, com que os Curandeiros, e Curandeiras

sciscentistas tractavão esta contagiosa molestia do flato da maledicencia, ou da villania falladôra. Era em esses tempos huma Dama do Paço na Côrte, em Lisboa, a qual pela sua formosura, e galhardia arrastava as respeitosas adorações de todos os homens de bem, que respeitão, e amão a formosura reunida á virtude — *Gratior fit in corpore pulchro virtus.* Pois a esta virtuosa, e formosa Dama commettêo huma desattenção hum Villão-ruim, que certamente em aquelles tempos não podia ser outro, que hum Caixeiro, pois que a molestia das desattenções, das grossarias, dos atrevimentos, e das incivilidades ainda então não tinha sahido da esfera Caixeiral, como tem sahido em os nossos dias, em que até Clerigos, e Frades, não tendo de que se occupem, e importando-se das vidas alheias, não deixão pedra por mover, de tudo fallão, a tudo se atrevem, descobrem defeitos alheios, e os exaggerão fazendo de huma mosca huma montanha, assacão aleives á virtude, e revoltão a opinião, a paz, e a tranquillidade pública. Como se curaria em aquelles venturosos tempos aquelle flato villão, aquella contagiosa molestia da maledicencia? A honra de huma Dama do Paço sería vingada pela *faramalha* dos Escrivães, pela *algaravia* dos Letrados, e pela *gerigonça* dos Tribunaes? Perdida ía ella por essas Ruas, por esses Cartorios, por essas Escadas, e por essas Mesas! A desattendida Dama tomou outro expediente melhor, mais seguro, mais summario! Mandou dar huma Toza de páo no Villão-ruim, e com esta receita ficou o Villão são, e salvo, livre, e escorreito do pestilencial flato! Se assim obrasse a Dama Portugueza, *a Nação*, estaria ha muito livre dos que a desattendem, dos que a descreditão, dos que a revoltão! A Receita foi muito solemnisada em Lisboa, e Dom Francisco Botelho applaudio-a em linguagem Hespanhola no seguinte

SONETO.

Baston medicinal, en que señalo
Remedio a frenesies contra el rito
Palo Santo serás. Muestras bendito
Que hai milagros en *recipes de palo.*

Oh! Si a todo lo barbaro y lo malo
Se aplicase tu antidoto exquisito!
Seria un Avicena más perito
Cada sano vaiven de tu resbalo.

Si ElRey, que, á emendar todo, reina, y vive
Supiere d'este *leño*, en mil parages
No querrá q' algun Clima d'el se prive:

Llenará las Provincias de Boscages
Siendo util, que en sus Reinos se cultive
Una planta, que cura de salvages.

Esta Receita porém mandada applicar por huma Dama do Paço, não convem, que todos a ponhão em prática. O Cacete deve andar sómente nas mãos dos homens de bem, ou nas dos seus criados, com licença das Authoridades; e os que o trouxessem sem licença *deverião ser punidos*, como devem ser todos, os que trazem armas curtas, ou compridas sem licença, com infracção notoria das Leis, e Ordenações do Reino! A mesma faca, ou punhal poderia ser usado impunemente pelos homens de bem, se a Lei, ou as Authoridades lho consentissem; ainda que eu vejo em Lisboa, e no Porto aos Cuteleiros terem á venda publicamente facas, e punhaes, do que alguns deduzem, que se elles tem licença para vender, ou vendem impunemente, tambem haverá licença para comprar, ou que se póde comprar impunemente; pois que não póde haver licença para vender ao público, sem que o público tenha licença para comprar. Assim ouço discorrer; mas eu não sou Apologista das armas da trahição, ainda que os homens de bem devem ter, com que respondão a hum trahidor, armas iguaes, ou superiores. Eu sou sómente Apologista do

Cacete, mas he do Cacete de Lei, não do Cacete da revolução: O Cacete dirigido pelas Authoridades, ou Civís, ou Militares, (pois ás Ecclesiasticas só o Cajado he permittido) que são os Medicos da Sociedade, he hum remedio necessario, utilissimo, honradissimo, summarissimo, e especifico para curar o mal do flato revolucionario! Huma Cacetada dirigida por hum Coronel de Realeza não duvidosa; huma Cacetada dirigida pela Intendencia Geral da Policia da Côrte, e do Reino, e pelos Magistrados para isso authorisados, ah! he huma Cacetada de Lei; não he revolucionaria, não he desairosa, não he matadôra: São Cacetes pacificadores, Cacetes balsamicos, Cacetes medicinaes, Cacetes anti-pestilenciaes, Cacetes conservadores da paz, e da tranquillidade; á face da Lei eu os amo, eu os venero, eu os canonizo. Huma Dama do Paço, que préza a sua honra, a qual he a vida, o elemento, a alma da alma de todas as mulheres de bem, curou o flato da maledicencia de hum Villão-ruim (hoje ha Villões entre os Clerigos, e Frades, atrevendo-se alguns desaforados a calumniar as mesmas Senhoras Religiosas, as mais virtuosas, as mais exemplares, as mais edificantes!!! E isto consente-se?...) com huma boa Toza de páo; e a Nação Portugueza não saberá aproveitar legalmente a bem dirigida Cacetada para curar o flato revolucionario? Chegou o Paquete, e eis-aqui dizem os revolucionarios: — *Lá se prepara huma Esquadra de trezentos Vasos de guerra! — Dom Pedro já sahio da Ilha de S. Miguel, e vem com quarenta mil homens! — Vencêrão os Republicanos em París! — A Hespanha revolucionou-se, e Fernando VII fugio para a Galliza! — O Senhor Dom MIGUEL embarcou em huma Fragata dos Estados Unidos, e já lá vai!* — Ora como se poderá curar este flato da demencia, da loucura, da ignorancia, da revolução, e da Maçonaria? Formar culpa? Os Directores d'esta inexhaurivel mina estão somidos nas Lojas! Apparecem sómente seus Correios, e Contínuos, que ordinariamente são os Caixeiros! Forme-se pois o Corpo de Delicto sobre os seus Corpos: trabalhe o Cacete dirigido pela Lei, e pelas Authoridades: leve tambem a sua Toza o Frade, e o Clerigo, que seja apanhado em essa occasião na Sucia Caixeiral: e verão os bons Portuguezes como o flato de espalhar noticias loucas, e revolucionarias

retrograda para as Lojas Maçonicas, sem medo de que elle nunca mais torne a infestar a Paz Publica!

Tem-se por ahi andado á *adivinha* de quem será esse *Frade*, de quem será esse *Clerigo*, de quem seráõ esses, e aquelles, sobre quem tenho tocado a matraca, e ninguem dá n'ella, como não tem dado, nem daráõ em outras *adivinhas*, que forão lançadas em muitas paginas d'esta Defeza. Ora ahi lhes entrego os novellos de Ariadna, para descobrirem o Minotauro! *Todos os que se queixarem da Defeza, elles a si mesmos se accusão; d'esses he que eu fallo,* e sobre os quaes teimo, seguindo aquelle — *Gutta cavat lapidem* — que hum Frade tomou por estribilho para instar na perseguição, na intriga, e na calumnia, o que eu tomo pelo contrario, para continuar na Defeza de Portugal, do Rei, do Governo, da Côrte, do Clero, da Nobreza, das Corporações Religiosas dos dous Sexos, e de todas as Classes distinctas da Nação. Não andem pois na *adivinha*, de quem seráõ esses, e aquelles, pois que elles mesmos se descobrem, dóem-se, queixão-se; e he porque tem a ferida aberta! Escusão de dizer *em Traz-os-Montes, no Minho, no Porto, e na Côrte; he este, he aquelle, he aquelle outro:* são muitos, aos que serve a carapuça, e elles mesmos são, os que a põe. Todavia não torno mais a fallar em Frades, nem em Clerigos, nem em Militares, nem em estes, nem em aquelles; lá se avenhão; ficão bem sirzidos, e não precisão de mais pontos; mas se precisarem, avisem; estou prompto, tenho a agulha do Norte; ella o procurará sempre, e indicará todos os que se affastarem dos seus deveres. Sómente explicarei aos adivinhadores, quem he aquelle *Judas*, a quem tanta *coça* tenho dado; não he o que elles imaginão: eu não sou capaz de maldizer as Altas Jerarchias, senão quando a Lei, e a Sentença as humilhou, proscrevêo, e banio: *Judas* ha em todas as Corporações, *Judas* nos Conventos, *Judas* nas Secretarias, *Judas* nos Tribunaes, *Judas* na Companhia, *Judas* em muita parte, *Judas* até *no*... de *Judas!* Elles appareceráõ, e então me desaffrontarei de imputações, e de temerarias, e aleivosas *adivinhas!* Mas hoje estou de volta com o meu Caixeiro, que tambem dará, em que fallar; e o caso está, que só elle sabe, quem he; e elle mesmo o dirá a todos, porque he tôlo, ainda que com arrufos de esperto, ou com latidos de Cão.

Nasceria este Càixeiro, de que vou fallando, junto de huma Cidade, da qual diz hum máo rifão — *Livre-nos Deos do... que he peior que todos tres* — Veio naturalmente a seu tempo a morar n'essa famosa Cidade, da qual diz hum bom rifão — *Antes torto, que do Porto* — rifão antigo, e que se repetia com muita verdade antes de se introduzirem alli as Corporações Religiosas dos dous Sexos, os Fidalgos, e os diversos Tribunaes, e Magistrados, que muito abrilhantão essa Cidade de máo nome; pois este meu heróe teria aqui os seus annos de cursos caixeiraticos, depois foi vendilhão, ou almocreve de quatro farrapos, que houve dos seus Patrões por diversas maneiras; provavelmente augmentou ao depois os seus fundos, vendeo os burricos, e passou a Rendeiro; officio, e nome de máo agouro, ao menos em tempos antigos; hoje não sei o que he; por ahi o diráõ os Proprietarios, e os Povos: augmentou o homem mais os seus cabedaes, e se constitue Negociante; mas como o mal adquirido nunca chega a terceiro possuidor, e muitas vezes nem para o mesmo adquiridor, o homem quebrou, e não foi pelas virilhas, mas sempre ficou com alguma cousa no sacco, na fórma do louvavel costume de todos os quebrados, em que os *meios* são para elles, e os *inteiros* para quem os perde. — Passou depois a ser Procurador de Causa, ou Demanda, que versava sobre hum Contrato, a que o meu Larraga dá o nome de — *Mohatra* — palavra que alguns lêm — *Moafa* —; e já vi a algumas Mulheres (que tambem entre ellas ha as suas Larraguistas) lerem — *Marrafa* —. Em este Contrato de *Mohatra*, ou de *Moafa*, ou de *Marrafa*, havião entrado Portuguezes, e Inglezes, e a demanda por huma, e outra parte seguio os termos ordinarios; dérão-se as provas, em que as testemunhas jurárão por fé hum Contrato de arrematação a favor de quem mais dêo, e a final dêo-se a Sentença, que foi tão justa como o Contrato, e como as provas, se bem os Inglezes não estão em tudo pelos Autos, sendo elles tão experientes no dito Contrato — *Mohatra*, *Moafa*, *Marrafa* —. Este meu Procurador he homem, já se sabe, de boa vida, e costumes: he hum Celibatario de *tomo o lombo;* não tem mulher, nem moça, que o sirvão, e em seu lugar dous *Ganimédes*, que o acreditão de desaffeiçoado ao segundo Sexo: (todo o Celibato, que não tem por seu prin-

ciplo a Religião, e as Leis da Igreja, he funestissimo á Religião, á Igreja, e ao Estado, como dizem todos os Politicos, sobre o que póde vêr-se ao meu *Castro. (Discurso sobre as Leis.)* Ouve Missa, e cumpre os mais Preceitos da Igreja, quando tem devoção, ainda que esta lhe não venha senão de quatro em quatro annos: o homem como tem conhecimento de muitas gentes, e de todas as Classes em razão dos diversos Cargos, que servio, de todas falla, e de todas ralha, porque não tem lingua para fallar bem, nem olhos senão para vêr o mal: tem os seus barruntos de Sabio, he hum fino *Zangaralheiro* de versos, com os quaes engana os tôlos, e vai fazendo gancho; mas sobre tudo he o mais avisado Politico, e Estadista de Portugal. Ora quem he esse homem? A Censura defende personalisar o crime, e os defeitos; mas nem eu mesmo saberia personalisa-lo, porque d'este jaez ha muitos, e muitos, e todos elles podem dizer á vista d'esta descripção generica, ou especifica: « *Ego sum* » sou eu esse homem de quem falla o Padre. Será, sim, Senhor: *tu dicis:* Vossa Mercê mesmo o diz. Eu não toco os individuos; toco os defeitos, para que elles cessem, ou para que todos os Portuguezes sejão o que devem ser; isto he, para que não sejão Caixeiros. Caixeiros? Mas que entendo eu por esta palavra «Caixeiros»? Eis me explico: ha Caixeiros de Negociantes de qualquer genero, ou mercancia; ha Caixeiros de Missas, de Sermões, e de Confissões: ha Caixeiros de Farmacia, de Cirurgia, e de Medicina: ha Caixeiros de Jurisprudencia *Civil, e Canonica*, de Theologia, de Filosofia, de Latim, e de Primeiras Letras: ha Caixeiros de Marinha, e de Tropa: ha Caixeiros de Fidalguia, de Côrte, e de Diplomacia: são Caixeiros n'esta accepção todos, os que se *encaixão* aos outros por aquillo, que não são: todos os que mettem os pés pelas mãos; todos os que vendem gato por lebre; todos os que mettem palha na albarda; finalmente todos os que se mettem onde ninguem os chama, que fallão do que não entendem; aquelles a quem se falla em alhos, e respondem em bugalhos; aquelles que fallão sobre a cabeça de hum tinhoso; sería cousa de nunca acabar esta descripção, que a ninguem personalisa, e a todos fiscalisa. Vejão lá que grande Exercito de Caixeiros! He maior que todos os da Russia.

Agora vejão como discorre o dito Caixeiro sobre o Artigo = Inglezes = *Aos Inglezes tomarem o partido contra o Senhor Dom MIGUEL, melhor he que nos deixemos d'isto; pouparemos despezas, com que não podemos; e não augmentaremos o número das victimas, e victimas inuteis.* = Letra escripta para essas visinhanças de Pennafiel, e em Pennafiel, vista, analysada, e reconhecida por muitos conhecedores da letra, e do bestunto do Escriptor!!!

Ora qual he o Portuguez, que preze seu nome, sua honra, sua gloria, sua Religião, sua Patria, e seu Rei, que possa accomodar-se com essa Politica do rabujento *Frade*, do nojento *Letrado*, e do fedorento *Caixeiro?* Ah! eu ainda vejo Portugal habitado de Portuguezes, que perderão as vidas antes que perderem o nome, a honra, e a gloria da sua Religião, da sua Patria, e do seu Rei, e Senhor Dom Miguel Primeiro; e d'estas virtudes, sentimentos, e votos estão possuidos quasi todos os Portuguezes! O amôr a estes tres sagrados objectos = *Religião, Patria, e Rei* = faz sacrificios pelos conservar, segurar, sustentar, e salvar; acha resurças, augmenta os meios, e tudo aprompta, e facilita; não ha difficuldades, não ha impossiveis para quem ama, e ama com hum amôr inspirado pela Religião, pela Patria, e pelo Rei. *He somente escravo quem não quer ser livre.* Huma Nação, que ama seu nome, sua honra, e sua gloria, consegue a sua liberdade, e independencia a travéz de mil, e mil sacrificios. O odio aos seus inimigos, quaesquer que elles sejão, o resentimento das suas offensas, e ultrajes, a vingança das injurias recebidas, empresta as armas, e o valôr aos que desejão salvar-se a si mesmos, e desaffrontar-se; salvar, e desaffrontar a sua Religião, a sua Patria, e o seu Rei; o ferro do arado, da fouce, do machado, e da enxada, os páos, e as pedras, o fogo, e a agua são armas, de que naturalmente lança mão o homem, que arde em desejos de vingar a sua Patria; a mesma desesperação he muitas vezes o mais certo penhor do triumfo! A huma Padeira deve Portugal a sua salvação, e a sua gloria na sempre célebre batalha de Aljubarrota; a outra deve Galliza huma célebre victoria sobre os Inglezes! Tanto pode, tanto vence, tanto triumfa o amôr da Religião, da Patria, e do Rei, e o odio aos seus inimigos! Nenhum Exercito inimigo levou a melhor de hum Povo

desesperado! Esse Povo irritado, perseguido, e offendido nos seus mais caros interesses, he naturalmente militar: o desejo de defender-se, e de vingar-se lhe subministra as armas: elle he constante, elle he intrepido, elle he corajoso! Elle sabe avançar, esperar, e retirar! Força na defeza, celeridade nos movimentos, audacia no ataque, animosidade no conflicto, he o que tem feito a admiração em as Nações Estrangeiras; he o que tem feito pasmar a todos os Seculos! Assim tem triumfado pelo valôr, pela constancia, e pela animosidade dos Portuguezes a sua Religião, a sua Patria, e os seus Soberanos! *Nil mortalibus arduum est:* Tudo he possível aos Portuguezes, quando elles querem! Repitão os d'este Seculo, o que sempre podem cantar com maior razão, e com maior gloria, que os antigos Sparciatas = *Nos fuimus fortes* = Nós salvámos a Religião, a Patria, e o Rei, todas as vezes, que nos pozemos a isso devéras. = *Et nos modò sumus* = Em este Seculo pois salvaremos tambem a Religião, a Patria, e o Nosso Rei, e Senhor Dom Miguel Primeiro; porque assim o queremos devéras, de todo o nosso coração. = *Et nos aliquando erimus.* = Em todos os Seculos serão salvos em Portugal a Relígião, a Patria, e o Soberano, porque os Portuguezes descendem de Heroes, são Heroes, e hão de ser sempre Heroes na Defeza do nome, da honra, e da gloria da sua Religião, da sua Patria, e do seu Rei! *Portugal pelejou sempre por si só todas as suas pelejas, e sempre as vencêo.* Fortes na fome, e na sêde; fortes no trabalho, *e em todas* as durezas; déstros em descobrir os estratagemas dos inimigos; bravos em repellir seus ataques; animosos no assedio; corajosos no assalto; elles ensinárão, e hão de ensinar a todos os Povos, e Exercitos do Mundo a *morrer vencendo*, ou a *vencer morrendo.* Esta he a Politica dos Portuguezes com quaesquer inimigos da sua Religião, da sua Patria, e do seu Rei! Para salvar estes objectos do seu coração tem Portugal muitos *Codros*, que se arrojem ao meio das fileiras inimigas, e vinguem com o seu sangue as injurias feitas á sua Religião, á sua Patria, e ao seu Rei! Tem ainda muitos *Curcios*, que se precipitem no meio das emboscadas inimigas para livrar a sua Patria, e o seu Rei dos maiores apuros da sua perda! Tem ainda muitos *Decios*, que se votem á morte pela vida, e pela liberdade

do seu Rei! Tem ainda muitos Fidalgos, que, excedendo as virtudes do célebre Romano *Bruto*, célebre pelo seu heroismo, e aborrecido somente pelo nome, vão ás fileiras de Dom Pedro, e d'ellas arrancando seus rebeldes, e infames parentes, por suas proprias mãos os degolem, presando mais que o parentesco a honra, e a gloria do seu nome na Salvação, e Defeza da sua Religião, da sua Patria, e do seu Rei o Senhor Dom Miguel Primeiro. Eu não descrevo a Nação Portugueza na razão do que ella deve ser, e do que já foi; descrevo os Portuguezes como elles estão actualmente animados, e como o hão d'estar todas as vezes, que os inimigos, quaesquer que elles sejão, invadirem a Religião dos seus Maiores, a Patria de muitos Seculos, e hum Rei, como o Senhor Dom Miguel Primeiro, que he o Soberano de Portugal por todas as Leis, e o amôr dos Portuguezes por todas as Suas Excellentissimas, e Amabilissimas Qualidades.

Portugal pelejou sempre por si só todas as suas pelejas, e por si só as vencéo. Contra os Mouros, *só!* Contra os Hespanhoes, *só!* A's conquistas da Africa, e da Asia, *só!* A' conquista, e re-conquista do Brasil, *só!* A fundar a Monarchia, *só!* A conservar a sua independencia, *só!* A restaurar o Throno, *só!* A manter a restauração, *só!* *Só* por si se defendêo Portugal dos ataques, que lhe fazião os Sarracenos! *Só* por si se defendêo Portugal das multiplicadas aggressões dos Castelhanos! *Só* por si debellou Portugal os Mouros em Africa! *Só* por si subjugou Portugal os Gentios na Asia! *Só* por si conquistou Portugal, e fundou hum novo Mundo no Brasil! Estas são as pelejas proprias dos Portuguezes! Estas fôrão as sua victorias! Quando Portugal pelejou pelejas, que não erão somente suas, pelejas, que tambem erão de outros, e em que outros *compelejárão*, Portugal nem sempre foi vencedor, salvos somente dous casos unicos, e originaes, que todavia poderão repetir-se em o presente Seculo, e são os seguintes: 1.° Quando os Portuguezes *compelejárão* com os Hespanhoes seus visinhos contra os Mouros. 2.° Quando os Portuguezes *compelejárão* com os Hespanhoes, e com os Inglezes contra os Francezes. D'estes casos exemplarissimos, e que não devem jámais perder-se de vista, se deduz huma importantissima consequencia, *que todas as vezes que Portugal faz*

causa commum com os Hespanhoes contra os seus inimigos communs, Portugal vence, Portugal triumfa. Fóra d'estes casos eu vejo que Portugal pelejando huma Causa, que não he somente sua, que he tambem de outros, e em que outros pelejão, não vence, não triumfa, ainda que sempre adquire nome, sempre gloria. Pelejou Portugal na guerra da Successão Hespanhola contra as Armas Francezas, e Hespanholas, e pelejou em soccorro das Armas de Austria, de Hollanda, e de Inglaterra; Portugal não vencêo, não triumfou, ainda que, sendo a Nação menos poderosa das quatro colligadas, foi a ultima, que desistio da lucta, e desistio com honra, com gloria. Se pode considerar-se que Portugal pelejou alguma vez ajudado ou de Francezes, ou de Inglezes, Portugal não vencêo, não triumfou: huma Armada Franceza, ao commando do General Filippe Stroz, veio em soccorro de Dom Antonio, e os Portuguezes, e Francezes fôrão vencidos pelos Hespanhoes, e tambem por outros Portuguezes; de dezoito Navios, e de seis mil Soldados fôrão poucos os que não fossem tomados! Em favôr do mesmo Rei enviou a Inglaterra huma Armada de sessenta Navios, em que vinhão vinte e dous mil Soldados, sendo General do Mar, Francisco Draque, e da Terra, João Noris; os Portuguezes, que pelejavão pela parte de Dom Antonio, fôrão vencidos, e os Inglezes, deixando dous mil mortos no campo, se retirárão, ou antes fugírão, sem fazerem outra cousa de substancia, que deixarem saqueadas todas as terras de Portugal, em que *pozerão* pé. He de notar em estes casos, que sendo huma boa parte de Portugal da devoção do Senhor Dom Antonio, nem huma Esquadra Franceza de 18 Navios, em que vinhão 6$ Soldados com hum bom General, nem huma grande Esquadra Ingleza de 60 Navios, em que vinhão vinte e dous mil Soldados, e os dous melhores Generaes de Mar, e de Terra, que a esse tempo a Inglaterra tinha, fôrão capazes de metter o Senhor Dom Antonio de posse de Portugal! Nem dezoito Navios, e seis mil Soldados Francezes de huma vez, nem sessenta Navios, e vinte e dous mil Soldados Inglezes da outra! E sendo essas Esquadras, e esses Exercitos Estrangeiros ajudados, e muito ajudados de huma parte dos Portuguezes, elles não podérão prevalecer sobre os outros Portuguezes, que então (ainda que indevidamente) fazião causa commum

com os Hespanhoes! Nem trahições, nem maquinações, nem dolos, nem enganos, nem persuasões, nem imposturas Inglezas, secundadas, adoptadas, seguidas, e acreditadas pelos Portuguezes do partido do Senhor Dom Antonio, fizerão outra cousa, que fazer passar, e morrer por trahidores os Portuguezes, que se deixárão cahir no laço! Assim fôrão então as cousas em aquelles tempos com os Francezes, e com os Inglezes, e de mistura com os Portuguezes, que defendião o Senhor Dom Antonio! Não erão então os Portuguezes do partido dos Filippes muito inimigos dos Francezes, e dos Inglezes, nem tambem muito amigos dos Hespanhoes! Nem faltava justiça ao Senhor Dom Antonio, nem aos Portuguezes, que o seguião! Todavia aquelles Portuguezes fizerão causa commum com os Hespanhoes; e os Portuguezes da opposição, Francezes, e Inglezes fôrão por esses ares! O Senhor Dom Antonio acabou seus dias em París, vivendo, e morrendo ahi como hum Particular, sem pompa, sem fausto, sem Estado Real! Assim são todas as cousas em Portugal, quando esta Nação faz causa commum com os Hespanhoes! Deduzão agora os meus leitores, deduzão os Portuguezes defensores de Dom Pedro, deduzão os Estrangeiros a consequencia para o Seculo, em que estamos! *Ex regulariter contingentibus fit judicium.*

= *Ajo te, Aeacida, Britannos vincere posse.* = He para mim hum Oraculo, e deve-o ser para todos os que se présão de Portuguezes: e se elle parece ambiguo, equivoco, ou amphibologico, como foi aquelle proferido, quando a contenda era entre Gregos, e Romanos, eu o torno mais claro, e ainda mais grandioso, tirando-lhe a palavra = *Britannos* = e substituindo-lhe outra mais universal com a mesma verdade = *Ajo te, Lysia, omnes gentes vincere posse.* = Sim, briosos Portuguezes, vós podeis ser sempre livres, independentes, e vencedores de todos os vossos inimigos! Ainda mesmo qne a relé da vossa Patria siga diversos partidos, como a facção entre si mesma está dividida, — *Scinditur incertum studia in contraria vulgus* — não temais, porque o valôr, e o triumfo são huma só, e a mesma cousa — *Fors, et virtus miscentur in unum* —! Ainda mesmo que os vossos inimigos, assim Nacionaes, como Estrangeiros, vos accommettão, e acabrunhem com todo o peso da Guerra, *ou indirecta, ou directamente, ou*

com armas, ou com caballas — *Dolus, aut virtus, quis in hoste requirat?* Não desistaes da vossa empreza, antes sêde mais animosos na Defeza da vossa Religião, da vossa Patria e do vosso Rei o Senhor Dom MIGUEL PRIMEIRO! — *Tu ne cede malis, sed contra audentior ito.* — Ainda mesmo finalmente que pareça que sois vencidos pelas intrigas da Diplomacia, ou pelas eternas maquinações da Maçonaria, ou pela terrivel e assustadora escassez do Erario, para sustentar huma lucta que já se vai espaçando per mais de quatro annos, contados desde o dia 16 de Maio de 1828, ou pela intervenção das Nações Estrangeiras com Força armada, no maior extremo do desespero, pelejai com firmeza, combatei com valôr, vós vencereis, vós triumfareis com gloria, — *Una salus victis nullam sperare salutem.* — *Quondam etiam victis redit in præcordia virtus.* —

Tenho respondido ao meu *perguntão Realista:* mas se elle quizesse fazer hum parallelo entre a conducta, e entre os successos dos Hespanhoes e dos Inglezes com Portugal, acharia nas historias do passado e nos factos de presente verdades importantissimas. 1.ª Que Portugal se estabelecêo em Monarchia, ou em Nação Livre e Independente sem auxilio de Hespanhoes, nem coadjuvação de Inglezes! 2.ª Que Portugal fez grandes e interessantes conquistas na Africa, na Asia e na America sem cooperação alguma da Hespanha, nem da Inglaterra! 3.ª Que Portugal restaurou o seu Throno, a sua Liberdade e Independencia, e reconquistou todas as suas Conquistas, e Possessões Ultramarinas contra o grande poder da Hespanha sem algum soccorro da Inglaterra! 4.ª Que os Hespanhoes auxiliárão aos Portuguezes em muitas occasiões, bem como os Portuguezes aos Hespanhoes em outras muitas, e que em todas ellas huns, e outros ficárão vencedores, e triumfantes dos seus inimigos! 5.ª Que as Guerras de Hespanha com Portugal tiverão por origem a Successão no Throno e nunca a Opinião Nacional, não querendo reconhecer a Hespanha as Leis Portuguezas que excluem da Successão as Princezas casadas com Principes Estrangeiros! 6.ª Que fóra d'estas questões nascidas da diversidade das Leis dos dous Reinos, nunca houve verdadeira desavença entre Hespanhoes e Portuguezes, antes pelo contrario sempre tem

reinado a maior intelligencia e alliança, e huma natural amisade! 7.ª Que todas as vezes que Portugal foi soccorrido somente por Armas Inglezas, elle não vencêo, elle não triumfou! 8.ª Que da parte que o Ministerio Inglez no Reinado de Carlos II pelos annos de 1660 tomou, em que a Serenissima Casa de Bragança fosse sustentada no Throno de Portugal na Pessoa do Senhor Dom Affonso VI, vinte annos depois da Restauração completa da Monarchia nas quatro partes do Mundo, e da parte que tomou na Guerra Peninsular do anno de 1800 e seguintes, se deduz com a maior evidencia que a Inglaterra defendêo sempre seus interesses Nacionaes, e os promovêo em Portugal, defendendo por esta guisa mais a sua prosperidade que a de Portugal! 9.ª Que todas as vezes que a Inglaterra enviou soccorros Militares a Portugal para sustentar a Opinião, ou justa ou injusta, de huma parcialidade ou fracção de Portuguezes, outras tantas vezes fez a desgraça d'essa parcialidade, sem nunca lhe conseguir a victoria! 10.ª Que esta importantissima verdade está demonstrada nos successos do Senhor Dom Antonio pelos annos de 1580, e nas desgraças do Brasil, de Dom Pedro, e dos Partidos Portuguezes e Brasileiros, desgraças que não terminárão desde o anno de 1822 até o presente de 1832! 11.ª Que a Inglaterra tem sido sempre impotente a fazer a opinião em Portugal, todas as vezes que se tem suscitado questão sobre os Direitos de Successão ao Throno, ou sobre *Deveres Religiosos e Monarchicos!* 12.ª Que a Inglaterra forcejando sempre em evitar o engrandecimento da Hespanha e da França, ou pela alliança de huma com outra, ou pela alliança de qualquer das duas em Portugal, e insistindo sobre que as Conquistas de Hespanha e de Portugal na America continuem a ser livres e independentes dos respectivos Governos das suas Metropoles, se até aqui tem acertado, e promovido os seus interesses Commerciaes, poderá no mesmo seguimento das suas especulações cavar-se a ruina do seu Commercio, da sua grandeza e da sua influencia nas quatro partes do Mundo! 13.ª Que toda a Nação Portugueza, sem exceptuar mesmo a sua dissidencia e parcialidade Liberal, está mui *desobrigada* á Inglaterra por toda a sua conducta nos negocios do Brasil e de Portugal, nos negocios dos dous Augustos Filhos do Senhor Dom João

VI, nos negocios dos Realistas, e dos Constitucionáes!!! Esta desobrigação, e desaffeição estão profundamente gravadas nos peitos Portuguezes! *Manet alte repostum!* Não he Ingleza a opinião de algum dos Partidos dissidentes em Portugal! Todos os Portuguezes repetem hoje com desespero — *Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando (aliquando, aliquando) erimus!!!....*

Lisboa 3 de Julho de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1832.

Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.° 51.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Continúa a Tempestade em Portugal.

E os Hespanhoes? Onde está, o que promettéo? De Inglezes estou mais que farto. — O homem pela palavra, e o boi pela corda. Isto era assim em outros tempos, em que os homens caprichavão de ser fieis, e exactos no desempenho de tudo, o que promettião; mas erão homens, que fallavão pouco, e promettião menos, e isso mesmo, que fallavão, e promettião, o fazião depois de muito bem considerado, e com muita sisudeza; então o penhor das suas promessas, e dos seus contractos era a sua mesma palavra, e sobre esta corria o executivo; não se davão outros bens á penhora, nem outros bens ião á praça, senão a mesma palavra; e isto era assim entre homens, e mulheres. Tanta foi a probidade, e a honra em os dourados Seculos da Monarchia Portugueza, assim de Portuguezes para Portuguezes, como de Portuguezes para os Estrangeiros! E se estes affeitos á infidelidade duvidavão alguma vez, de que os Portuguezes cumprissem a sua pálavra, principalmente porque lhes perecia impossivel o seu desempenho, então hypothecavão-se as barbas de algum Portuguez, e os Estrangeiros ficavão com ellas tão satisfeitos, como se recebessem em hypotheca alguma Provincia de Portugal, ou todos os thesouros do Potosi! Essa idade dos bons costumes, de fidelidade nas palavras, de desempenho das promessas, de confiança mutua, e pública, essa idade escoou-se; lá vai; e acaso não torna a visitar os homens! Agora dão-se palavras nas Casas, nas Ruas, e nas Praças; mas ninguem faz caso de palavras, nem o que as dá, nem o que as toma! Sobre palavras já os homens não contractão; porque o troco de huma palavra he outra palavra; he como huma Apolice falsa, que se troca por outra falsa: he cambio o da pa-

lavra, como o do vento; elle não tem credito em parte alguma do Mundo; nos mesmos Claustros Religiosos, onde a palavra ainda ha pouco tinha alguma valia, hoje está a razão de noventa e nove por cento! Nos Desembargos, e correndo por elles para baixo a palavra está hoje sem credito algum! Velhacaria em quem falla, e em quem ouve; em quem promette, e em quem repromette; em quem compra, e em quem vende; em quem dá, e em quem acceita; em quem julga, e em quem requer! *Palavras leva-as o vento; dinheiro á frente, e na mão;* este he o unico penhor, o fiador mais certo, a hypotheca da Lei! Isto he assim entre homens, e mulheres de todas as classes, estados, e condições: por isso eu vejo na Praça as marrafas, os caracóes, os pentes, os chales, os lenços, as saias, as camisas, as meias, os çapatos; barretes, e habitos de Clerigos, e até os Breviarios; Livros de todas as Faculdades; casacas, vestes, e calças de todas as Classes; cacos, e cavacos de toda a serventia; animaes de toda a especie; casas, terras, e propriedades de toda a natureza; são os penhores de palavras dadas, e não cumpridas; são os fiadores das promessas; são as hypothecas dos Contractos; essas cousas, e o dinheiro são as que tem voga entre homens, e mulheres: palavras não prestão; porque a honra não voga. Parece pois que aquella Sentença Portugueza, que era tão justa nos Seculos mais virtuosos, e verdadeiros, deverá agora ser reformada da maneira seguinte — *O homem, e o boi pela corda* — e a razão da reforma da Sentença, sem embargo de haver já passado em caso julgado, e da sua diuturna prescripção, consiste, em que a materia he nova; outras idéas, outros costumes, outras propensões, outros habitos; e não só aquella antiga Sentença, como a maior parte dos adagios moraes devem ser reformados em cada Seculo, ou sujeitar-se, ao menos, a huma revista para o seu *approve*, ou *reprove*, muito mais se alguma Nação adulterou suas idéas, e seus costumes com idéas, e costumes de outras Nações. *A alma de todo o negocio* (por exemplo) dizião os Portuguezes velhos, *he a verdade, a justiça, e a honra.* Esta Sentença está hoje reformada por outra: *a alma de todo o negocio he o interesse, he o dinheiro.* Almas de ferro! Esta Sentença, que tanto desdoura a huma Nação Christã, e briosa como a Portugueza, veio embarcada para Portugal, e desde que entrou em giro, a verdade, a justiça, e a honra tiverão tal sumiço, que nunca mais alguem as vio! Pelo interesse, pelo dinheiro vendem os Juizes a justiça; os requerentes, ou actores a verdade; os ho-

mens, e as mulheres a honra: porém largos dias tem cem annos, para examinar os effeitos, que em Portugal tem produzido, e vai produzindo esta Sentença Estrangeira!... *Faze bem, e não cates a quem*, era outra Sentença, que se inculcava, e praticava em Portugal; porque *fazer bem, nunca se perde*, dizião os Portuguezes, e tinhão muita razão n'esses tempos, em que a amizade, a benevolencia, e a gratidão era o premio, que o beneficiado retribuia áquelle, que lhe havia feito bem; hoje porém esta Sentença deve ser reformada por aquella outra, que he conforme, á que profere a Sagrada Escriptura — *Faze bem, mas cata a quem*, porque em estes tempos a inimizade, a má querença, a ingratidão he a retribuição do bem, que se faz; e já d'esta praga se queixava Seneca em o seu Seculo, gritando, que se estava em hum tempo, em que se não podia fazer favor a alguem, porque o favorecido tornava-se inimigo do seu favorecedor! Ora faça-se lá hum favor a algum Malhado; que elle o paga, *fazendo dos Realistas gato çapato*, ou *mangas ao démo;* livrem os Realistas de huma a algum Constitucional, *que elle roga a Deos por outra; fação lá do ladrão fiel, que elle fará das tripas coração*, para ir outra vez ao pêlo. Portuguezes! *Vós fazeis muito por valer muito pouco; fazei-vos mel, e comem-vos as moscas; quem seu inimigo poupa, nas mãos lhe morre; não façais a conta sem a hospeda.* Por esta fórma entendo eu, que se podia dar huma reforma a huma boa parte dos adagios moraes, deixando-os sem soldo, e sem serviço, e sómente com as honras de terem servido bem em outros tempos, em que a Filosofia dos Portuguezes era huma Filosofia Nacional, toda de honra nas suas acções, de verdade nas suas palavras, de sinceridade nas suas promessas, de fidelidade nos seus contractos, de boa fé, e de probidade em todos os seus ajustes, convenções, e tractados: em estes dias porém, depois que os Estrangeiros introduzírão em Portugal a Filosofia do interesse, das paixões, das mentiras, e trapaças, das fofices, e imposturas, das velhacarias, e trahições, he preciso cambiar a frente, ao menos aos que fazem todas as suas negociações sobre o dólo, e sobre o engano: he preciso aprender a ser *velhaco com os velhacos, e tôlo com os tôlos*, seguindo n'esta parte, ou tendo em vista, ao menos com aquelles Estrangeiros, que negocêão com falsidade, aquella Sentença do Divino Espirito Sancto — *responde stulto juxta stultitiam suam.* Se a Nação Portugueza houvera com tempo aproveitado esta maxima da Politica do dia, outro Gallo

lhe cantára: os Estrangeiros não haverião abusado da boa fé, da honra, da sinceridade, e da alliança dos Portuguezes. *Mas os Hespanhoes?* insiste o meu Realista! = *Os Hespanhoes são nossos visinhos, nossos amigos, nossos alliados: somos com elles como unha, e carne: nem nos fogem, nem lhes fugimos; nem nos desamparão, nem os desamparamos; temos muito tempo para nos vermos, para nos fallarmos, para nos ouvirmos: fallarei pois n'elles, e d'elles; mas ha de ser a seu tempo; eu não sei faltar á palavra; não venha pois o Realista levar-me pela corda, porque prézo de homem, e de homem cordato!....*

O Realista deve lançar mão da corda, e eu lhe direi como, quando, e para que ha de usar d'ella; mas como na corda se podem dar muitos nós, sobre a materia da corda darei eu ao meu Realista muitos pontos, e vá o

1.º Com cordas feitas das tripas do ultimo Constitucional deve o Realista enforcar o ultimo Pedreiro Livre; e com as tripas do mais moderado d'entre elles enforcar o mais exaltado dos mesmos; porque entre huns, e outros *venha o diabo, e escolha.* He certo, que não haveria Pedreiros, se não houvesse alcoviteiros; e seus alcoviteiros são esses, que inculcando a moderação, a contemplação, a beneficencia, e a tolerancia com os inimigos do Altar, e do Throno, promovem a existencia, e conservação de monstros, que não perdoão aos Sacerdotes, e aos Reis: o Realista pois deve seguir com os Constitucionaes, e Pedreiros exaltados aquella Sentença — *Como fai, fai* — e com os modernos lembrar-se d'aquella outra — *Contas na mão, e demo no coração* —. Mas em tudo, o que eu aqui disser dos deveres do Realista, deve sempre entender-se, que estes deveres não póde exercer o Realista, sem que ElRei lhe conceda estes Direitos sobre a vida dos seus inimigos; porque *lá vão Leis, onde querem os Reis. Rou, rou, façase, o que o Rei mandou.* Eu fallo aqui sómente, do que era justo se fizesse, a saber; que nem hum só Pedreiro, nem hum só Constitucional, ou elles sejão exaltados, ou moderados, deve escapar vivo, se querem que a Igreja, o Throno, e a Nação se conservem sem perigo, em segurança, e tranquillidade; pois não póde haver paz, nem prosperidade, em quanto existir hum só Pedreiro, hum só Constitucional, e este principio está sanccionado pela experiencia de tantas calamidades como o Mundo tem padecido, depois que apparecêrão os Pedreiros, e os Constitucionaes. Ora he certo que os Pedreiros, e os Constitucionaes existiráõ sempre em quanto houver quem os proteja, que

he o mesmo que dizer, em quanto houver moderados, amalgamadores, ou tolerantes: acabem pois huns, e outros na corda, porque em quanto existirem os moderados, tolerantes, ou amalgamadores, existiráõ Pedreiros, e Constitucionaes; e em quanto existir hum Pedreiro, e hum Constitucional, nenhum Throno estará seguro, nenhuma Nação estará tranquilla: mas como, *multa licent*, *quæ non expediunt*, muitas cousas são justas, que não convem se fação senão em certos tempos, e com certa ordem, por isso digo, que os Realistas devem ter preparada a corda, para usar d'ella, e com ella enforcar, quando o Governo os authorise, a todos os Pedreiros, e Constitucionaes, ou elles sejão exaltados, ou moderados, e a todos os seus protectores, ou amalgamadores, porque todos elles são grandes camaradas nas conspirações contra o Sacerdocio, e contra o Throno. Com este salvo conducto de submissão ao Governo continúo a dizer como, e quando, e sobre quem devem os Realistas usar da corda, que he a materia, que me subministrou a Sentença em reforma — *O homem, e o boi pela corda.*

2.° Com cordas devem ser amarrados os doentes Politicos, que não cessão de promover a desordem no Estado, maldizendo do Rei, e do Governo; do Clero, e da Nobreza; das Authoridades, e dos Povos; semeando entre huns, e outros a intriga, a desintelligencia, e a desconfiança; provocando as paixões, e a anarchia; incutindo o terror, e o descontentamento; pondo em furor, e desespero aos Vassallos mais submissos, e mais tranquillos: a esta especie, ou classe de doudos pertencem muitos individuos, assim Nacionaes como Estrangeiros, que inventão, espalhão, e exaggerão noticias seductoras, e alarmantes; que humas vezes ameação a Nação Portugueza com Exercitos, e Esquadras de cá, e de lá de toda a Europa; e outras offerecem premios, e recompensas aos Militares, que passarem para o bando dos inimigos Nacionaes; conhecendo-se bem por estas, e outras contradicções, que todos elles adoecem do terrivel mal da doudice Politica, ou da Politico-mania, da qual se não podem curar, sem que primeiramente sejão amarrados com grossas cordas, para depois se lhes administrarem aquelles medicamentos, com que os doudos são tractados nos Hospitaes, e os mais, que a observação, e a experiencia aconselharem; não os julgando porém curados, e promptos, ainda mesmo, que pareção em seu juizo, sem que preceda, ao menos, meia duzia de annos de convalescença.

3.° Com cordas devem ser amarrados os agentes, e os correios da Maçonaria, assim Nacionaes como Estrangeiros, para que descubrão os seus auctores, os seus conselhos, os seus projectos, e as suas maquinações; pois que sem elles mesmos os manifestarem, não he possivel vir no conhecimento de tantas perfidias, tentativas, e traições, como todos os dias apparecem, sem que até aqui se tenha conhecido a origem, o principio, e a causa d'esse moto contínuo de calamidades, e de males, que nenhum Governo póde curar, em quanto não conhecer a causa; porque — *Medicina non curat, quod ignorat* — axioma tão certo no curativo das doenças Fysicas, como das doenças Moraes. Mas como os agentes, e os correios da Maçonaria tem sempre illudido a todos os Governos com as suas respostas estudadas, e equivocas, ou com as suas teimosas negativas, o que tem sido a causa, de que a verdade não seja em tempo algum conhecida, he necessario tomar com elles *o expediente*, que tomárão com o velho *Sileno* aquelles dous rapazes *Chromis*, e *Menasylo*, e aquella bonita rapariga *Egle*, que assim os nomeia *Virgilio:* pois aquelles rapazes, e esta rapariga, vendo a *Sileno* bebado na fórma do seu costume, e do costume de todos os agentes, e correios da Maçonaria, deixárão-no dormir, e dormido o amarrárão; e assim que elle acordou, entre as fumaças do vinho, e os esplendores da razão, obrigárão-no a descobrir os mysterios diabolicos da Filosofia de Epicuro, que elle lhes tinha occultado sempre. Ora pois, vinho em abundancia, moça, e corda são os meios, por onde o Governo póde fazer, que os agentes, e os correios da Maçonaria lhe revelem, não os Segredos da *Filosofia de Epicuro*, mas os emblemas, os estratagemas, e todo o systema do Maçonismo, descoberta mais interessante a qualquer Governo, que a dos habitantes da *Zona Torrida*, e *da Zona Frigida*.

4.° Com cordas devem ser amarrados todos os doudos benemeritos da revolução do anno de 1820, não só para que não fação outra, mas principalmente, para que não tenhão, quem os imite; pois que está averiguado, que a mania he muitas vezes contagiosa, e até hereditaria, tanto na Fysica, como na Moral.

5.° Com cordas devem ser amarrados todos os *Protestantes* do anno de 1823, ainda que ao parecer tenhão renunciado ao seu protesto, ou na escala da Magistratura, ou na da Milicia; porque para curar das molestias dos protestos, nem o Desembargo, nem o Exercito são mais que remedios palliativos, sendo a corda o seu verdadeiro espe-

cifico conhecido até aqui, e experimentado com bom effeito em todos os Protestos Constitucionaes, e Maçonicos, ou na molestia denominada — *Protesto-mania-Maçonica*, tão incómmoda á Religião, e ao Estado, como se tem constantemente observado em todos os Protestos Lutheranos, Calvinistas, e Zuinglianos, que forão os primeiros acommettidos d'esta molestia nova na Igreja Catholica, e na Europa; molestia, que passou a ser epidemica, contagiosa, pestilencial, e matadôra.

6.° Com cordas devem ser amarrados todos aquelles Funccionarios de qualquer classe, estado, e condição, que elles sejão, que adoecem do *flato hysterico* de se fingirem amigos da Religião, da Patria, e do Rei, estando possuidos de hum espirito diabolico de odio á Religião, á Patria, e ao Rei; pois que esta molestia dos fingimentos, ou dos *hysterismo Religioso, e Politico* só com o uso continuo de corda pode ser dissipada, por ser huma das virtudes qualificativas da corda a de ser *caustica, vulneraria, irritante, anti-spasmodica, e adstringente*, como confessão, e reconhecem todos, assim homens, e mulheres, que usárão da corda sem intermissão.

7.° Com cordas devem ser amarrados todos, os que não cumprem, como devem, os Cargos, e Postos, que livremente acceitárão; quando essa falta de desempenho vem de negligencia, inacção, ou pirguiça; pois d'aquelles, que não cumprem por hum espirito de infidelidade positiva, já fallei; assim pois serve a corda para aquelles, que em vez de polvora boa, tanto para a Artilheria, como para a Fuzilaria, envião cartuxos de carvão, o que, dizem, se observou ha tempos na Praça de Peniche; para aquelles Chefes, e Officiaes Commandantes de Corpos, ou de Companhias, que, vestidos á paisana em ar de Commissarios, ou de Fornecedores, passão revista ás Tropas do seu Commando; o que, dizem, tem succedido por ahi em algures; para aquelles Officiaes de Marinha, que não examinão o comportamento dos seus Soldados, ou que não sondão de perto as suas conversações, e os motivos das suas queixas, ou que não examinão a limpeza, e aceio das suas Embarcações, nem os seus sortimentos de bócca, e de guerra, nem outra alguma cousa das precisas, tanto para que a Maruja, e Brigada, como para que os mesmos Vasos fação todo aquelle serviço, que se lhes demandar; para todos aquelles Officiaes do Exercito das tres Linhas, e de todas as Armas, que não desejão os Postos mais que para trazer banda, e dragonas, ou galões, com que se enfeitão nos lugares pú-

blicos, totalmente descuidados do estudo, e do desempenho das suas obrigações, ignorantes do que devem saber, para elles mesmos o exercitarem, como para o ensinarem aos seus Soldados, e Officiaes; mais para afformosear huma Parada, que para servir o Exercito; o que, dizem, succede aqui, alli, e acolá a cada passo; para aquelles Commandantes de Corpos, ou de Companhias, que licencêão os seus Soldados em tempos de paz, e de guerra a titulo de disfarce, ou de serviço, ou de diligencia, dando-os nos Mappas por effectivos, e comendo-lhes o seu pret, e mais pertences, não só com lesão escandalosa dos mesmos agraciados, como com manifesto roubo da Real Fazenda, e ainda com vexame dos outros Soldados não licenceados, sobre os quaes por esse motivo carrega mais o peso do trabalho, e do serviço; o que, dizem, succede por ahi mais ou menos a qualquer canto; para aquelles Commandantes, ou Officiaes, que tem mais Camaradas, ou impedidos, que os que lhes pertencem, empregando-os em cuidar de cavalgaduras, que as Ordens do Exercito lhes não permittem, ou de acompanhar mulheres suas, e não suas, e mais familia, para o serviço das quaes não estão destinados alguns Camaradas; e, o que he o peior de tudo, escolhendo os Soldados mais robustos, mais valentes, mais disciplinados, e mais necessarios nas Fileiras; para aquelles Chefes, e Commandantes, que se intromettem na administração da Justiça Civil, roubando a jurisdicção, e a competente, e privativa alçada aos Magistrados; para aquelles Commandantes de Corpos, e de Companhias, que requisitão mais Cavalgaduras, e Transportes, que os precisos, e os quaes as Leis do Exercito lhes defendem; ou pedem mais rações, que o número das Praças, que vão debaixo das suas Ordens; ou sollicitão mais boletos para o aquartelamento de Soldados, ou de Officiaes, que não existem; e tudo isto, ou para escolher a seu arbitrio para si, e para os seus amigos, ou para accommodar algum paisano, que vai na sua comitiva; para aquelles Chefes, e Commandantes, que dão as mãos aos Commissarios, Fornecedores, Assentistas, Intendentes de Transportes, e mais Empregados Civís do Exercito, authorisando-os nos seus roubos, e extorsões, e violencias, e sobrecarregando os Povos com subsidios desnecessarios, verificando por este modo aquelle rifão escandaloso — *Do pão do meu Compadre grande fatia a meu afilhado* — o que move os Povos a encarar huma boa parte do Exercito como a hum bando de ladrões com titulo; do que se não podem offender muito aquelles Chefes, e Commandantes

tes, que authorizão o roubo, não o impedindo, e castigando; pois os Povos tem presente aquelle Adagio que — *Tal he o ladrão como o consentidor* —; para aquelles Commandantes de Corpos, e de Companhias, que não só pelo seu descuido na contabilidade, como pelo interesse, que elles tem em fazer a confusão, e a desordem nella, tem deixado evaporar os fundos dos mesmos Corpos, o que, dizem, tem succedido huma, e mais vezes em todos os tempos. Mas sobre a contabilidade, ou no Erario, ou no Exercito, ou no Commissariado, ou na Companhia do Alto Douro, ou no Banco, ou nos Hospitaes, ou nas Irmandades Seculares, ou nas Corporações Ecclesiastitas, Seculares, e Regulares, ou em todas as Repartições do Estado de qualquer natureza, eu teria de encher muitas, e muitas, infinitas paginas; porem a corda não chega para amarrar a todos os dilapidadores, embrulhadores, e *surripiadores* dos dinheiros públicos, e particulares: ahi na contabilidade, ahi estão os muitos Judas, de que tenho fallado por differentes vezes: o bem público parece que em estes Seculos de cobre he em huma grande parte dos homens o egoismo, o seu interesse particular, o augmento da sua fortuna, e da fortuna da sua familia! Como pois a corda não chega para todos, nem dá com o fundo d'este pélago de ladroeiras, vou puchando por ella, e a estendo até onde chegar: por tanto

8.° Com cordas devem ser amarrados todos os Funccionarios do Estado de qualquer Classe, que elles sejão, que não cumprem os deveres proprios dos seus Cargos; os Frades não frequentando os Actos de Communidade, a que são obrigados, procurando pretextos de privilegios, e escusas, que as Leis primitivas das Instituições Religiosas não reconhecem, não consentem, não approvão; os Ecclesiasticos despresando o uso das insignias do Clericato, trajando como Seculares, mais ociosos, mais vadios, mais traficantes, mais avarentos, que os Seculares, e por isso tanto mais reprehensiveis, e escandalosos que elles, quanto são obrigados a dar-lhes exemplo de sobriedade, de desinteresse, de humildade, de soffrimento, e de amôr ao estudo, ao trabalho, e ao desempenho das suas obrigações; os Nobres, que pratição grossarias, baixezas, e *bastardias* indignas do seu nascimento, da sua elevação, e da sua Jerarchia, tanto mais dignos de reprehensão, que os plebêos, quanto estes são escusaveis pela sordidez do seu nascimento, da sua educação, e dos seus officios, e empregos; os Magistrados, e todos os homens de Letras, que se descuidão de fazer brilhar o Estado, e a Patria pelas suas virtudes,

pela administração da Justiça, e pela direcção, e acêrto dos Conselhos, tanto mais dignos de vituperio que os ignorantes, quanto estes nos seus vicios, nas suas injustiças, e nos seus desacertos tem hum *passe* pela rudeza, e impericia da sua esfera.

9.° Com cordas devem ser amarrados todos aquelles, que nos dias de amargura, e de afflicção da sua Patria, em vez de a consolar, e aliviar, procurando-lhe o remedio, ou pelo seu trabalho, e desvélo, ou pelo desprendimento, e desapêgo dos seus bens, e interesses, ou pelo soffrimento dos mesmos males públicos, ou mesmo pelas suas lagrimas, súpplicas, e orações ao Supremo Consolador de todos os mortaes, insultão a sua Patria, galhofando nas suas desgraças, rindo-se, e folgando, quando outros chorão; vivendo no regalo, e na abundancia, quando o commum pena, e padece; não se compadecendo de quem soffre; mais insensiveis que os brutos, que a nada se movem; mais crueis que as feras, que se nutrem do sangue dos animaes da sua mesma especie; peiores que o horrendo Nero, que estava tocando a harpa, quando Roma, a sua Cidade, a sua Côrte, tocava entre as ardentes chammas a méta das suas desgraças.

10.° Com cordas devem ser amarrados todos aquelles, que vendo a sua Patria, a sua Nação, e o seu Rei atraiçoados, não se arrostão a fazer o menor sacrificio, para livrar da trahição a sua Patria, a sua Nação, e o seu Rei, ou matando o trahidor, ou descobrindo-o, para que o Rei, a Patria, e a Nação o castigue, e se salve!!!.....

A corda não alcança a mais; e se ella abranger a todos os que vão classificados, será huma corda immensa: esta corda he a que deve procurar o Realista, para, ás Ordens do seu Governo, amarrar a todos os inimigos do mesmo Governo: esta he a Corda Coral, que estabelecerá a harmonia nas vozes da Igreja, e do Estado; esta he a corda da Justiça, em que se dá louvor a Deos, e aos representantes de Deos na terra: d'esta corda dividida nas dez Classes, que ficão insinuadas, e que pela sua comprehensão a todas as Classes do Estado, e do Sacerdocio amarra, parece-me poder dizer-se com o Sancto Rei David — *Cantai a Deos (e ao Rei) no Psalterio de dez cordas = In Psalterio decem chordarum psallite illi* —; e em outra parte — *Louvai a Deos nas cordas = Laudate cum in chordis*.

Estas cordas, de que falla, e canta o Sancto Rei, não são as cordas de esparto, ou de cannamo, ou de linho Portuguez, de que a Justiça do Rei usa com os inimigos do

Rei, da Igreja, e do Estado; são cordas de tripas de carneiro, ou de animal, que se lhe pareça que servem para alguns Instrumentos Musicos, como são a Viola, a Rabeca, o Rabecão, e....; estas cordas musicaes são as de que lanção mão os Pedreiros Livres, para enforcarem o ultimo Rei do Mundo com as tripas do ultimo Sacerdote da Terra, de qualquer Culto, que este seja; todavia, ainda que estas náo sejão as cordas da Justiça Portugueza, entendî que os Realistas poderião usar d'ellas, se o Governo os authorisasse, para com os inimigos do mesmo Governo, applicando em estas circumstancias a Lei de *Talião*, tão célebre, e usual entre os Judeos!!! Do uso d'estas cordas poderião resultar incalculaveis beneficios a Deos, á Igreja, aos Reis, e aos Povos, pois que por esta forma poderião acabar por huma vez os inimigos de Deos, da Igreja, dos Reis, e dos Povos, e os que debaixo do apparatoso titulo de — *Moderados* — são os protectores, os apadrinhadores, os alcoviteiros d'esses inimigos.

Como porem estas cordas tripeiraes não estão em uso entre os Portuguezes, sem embargo de tanto as terem promovido os tripeiros, os execraveis, e nojentos tripeiros, eu não peço aos Realistas, quero dizer, ao Governo do Senhor Dom Miguel, e aos Realistas, que defendem o Governo, o Throno, e a Pessoa do mais amavel dos Reis, e dos homens, o Senhor Dom Miguel, eu não lhes peço senão que usem da corda Portugueza. Mas como se ha de fazer este uso, quando, e em que casta de gentes?

Corda no cachaço, e em todas as partes do corpo, segundo o diverso crime dos que merecerem a corda; e isto sem contemplações, sem distincções, sem privilegios, sem excepções, sem amnistias, sem perdões; a cada hum como a merecer!!!....

Corda, quando a Patria está nos maiores perigos, porque he então que o Governo, usando da corda, se faz temer dos seus inimigos; mostra que os não teme; inspira valôr, e confiança aos que pelejão pelo Governo; e comprime a todos os que meditão conspirar-se contra elle! Assim o Governo Justiceiro, e Animoso do Senhor Dom Miguel fez atterrar seus inimigos no anno de 1828; comprimio os trahidores; alentou aos Realistas; e inspirou confiança aos Povos, mandando pôr a corda ao cachaço dos aleivosos, dos infames, dos execraveis, dos horrorosissimos *Patri, ou Magistricidas* de Condeixa!!!

Corda no cachaço do primeiro trahidor, que no corrente anno de 1832 ousasse conspirar contra o Governo,

contra o Throno, e contra a Pessoa do Senhor Dom Miguel!!! Corda no cachaço dos trahidores; aos suspeitos bastará mostrar-lhes a corda; aos Caixeiros he, ou parece, preciso applicar-lhes a corda por toda a parte do corpo, ainda que não seja senão por fallar, porque a corda he para elles o melhor freio, no caso de que o Cacete estivesse em descanço! Corda aos trahidores! Se elle fosse Clerigo, corda, e grossa! Se elle fosse Desembargador, corda dobrada! Se fosse General, Brigadeiro, Coronel, ou qualquer Official do Exercito, corda tresdobrada; por tres vezes trahidor! Se elle fosse Fidalgo, corda quatri-dobrada, por ser quatro vezes tôlo! Corda no cachaço dos trahidores! Use da corda o Governo, e os inimigos do Governo acabarão de huma vez!!! Firmeza, coragem, impavidez, justiça, corda, e mais corda! Mas haverá trahidores contra o Governo, contra o Throno, e contra a Pessoa do Senhor Dom Miguel?!!! Não o creio: de Fidalgos, dos Sacerdotes, dos Povos, não suspeito: mas se meus falhos me enganarem, e enganarem o Governo, então corda, e mais corda!!!

Haverá trahidores no Exercito? Adeos Tempestade, Ordem Caixeiral, Malhadas, e mais promessas da Defeza! Não sei que sinto! Vós, ó todas as promessas, ó todos os meus planos, ó todas as minhas idéas, vós não me esqueceis! Nem vós, corda justiceira, corda legal, corda politica, nem vós me esqueceis! Mas não sei o que sinto! O coração me palpita que os Rebeldes Pedreiros Defensores *do* Pedreiro Pedro, estão batendo ás portas *do perseguido*, mas nunca vencido Portugal! Lanço mão do Clarim Portuguez! Vou passar revista ao Exercito! Os Pedreiros, Pedristas, e Pedros hão de ser degollados na Defeza de Portugal, tocando nella o Clarim promettido! Toca pois, meu saudoso Clarim, toca em Defeza da Igreja, do Rei Dom Miguel, e de Portugal

São hoje 9 de Julho de 1832.
Em Lisboa....

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1832. *Com Licença.*